EDITADO POR

Gardner Dozois

Crônicas de Espada e Feitiçaria

Inclui novela inédita de George R.R. Martin sobre o universo de "As Crónicas de Gelo e Fogo"

e outros grandes autores:

Robin Hobb

Scott Lynch

Elizabeth Bear

Walter Jon Williams

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Crônicas de espada e feitiçaria

Crônicas de espada e feitiçaria
K. J. Parker
Robin Hobb
Ken Liu
Matthew Hughes
Kate Elliott
Walter Jon Williams
Daniel Abraham
C. J. Cherryh
Garth Nix
Ellin Kushner
Scott Lynch
Rich Larson
Elizabeth Bear
Lavie Tidhar
Cecelia Holland
George R.R. Martin
EDITADO POR
Gardner Dozois
Tradução
Alexandre Martins
Marise Valeria Rovesani
Paulo Afonso
leYa

Título original: The Book of Swords
Copyright © 2017, Gardner Dozois
Copyright da introdução © 2017, by Gardner Dozois
Copyright de cada conto: ver páginas 505-506
Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Bantam Books, um selo da Random House, uma divisão da Penguim Random House LLC.
Copyright desta edição © 2018 Casa da Palavra/LeYa

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Editora responsável: Fernanda Cardoso
Gerente editorial: Maria Cristina Antonio Jeronimo
Produção editorial: Guilherme Vieira
Revisão de tradução: Elisa Nogueira e Rayssa Galvão
Revisão: Eduardo Carneiro, Mariana Elia e Rayana Faria
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Capa: Leandro Liporage
Diagramação: Futura
Tradução: Alexandre Martins (pp. 11-46, 76-239), Paulo Afonso (pp. 48-74, 240-458), Maria Helena Rouanet (pp. 460-505)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB—8/7057

Crônicas de espada e feitiçaria / Gardner Dozois (ed.) ; George R.R. Martin…[et al] ; tradução de Alexandre Martins, Maria Helena Rouanet, Paulo Afonso. – Rio de Janeiro : LeYa, 2018.
512 p.

ISBN 978-85-441-0723-2
Título original: The Book of Swords

1. Ficção fantástica americana – Contos. I. Dozois, Gardner. II. Martin, George R.R. III. Martins, Alexandre. IV. Rouanet, Maria Helena. V. Afonso, Paulo.

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana - Contos

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para George R.R. Martin, Fritz Leiber, Jack Vance, Robert E. Howard, C.L. Moore, Leigh Brackett, L. Sprague de Camp, Roger Zelazny e todos os outros autores que já brandiram uma espada imaginária, e para Kay McCauley, Anne Groell e Sean Swanwick, por me ajudarem a levar isto a vocês.

SUMÁRIO

Introdução, de Gardner Dozois

O melhor homem vence, de K.J. Parker

A espada do pai, de Robin Hobb

A Garota Oculta, de Ken Liu

A Espada do Destino, de Matthew Hughes

“Sou um homem bonito”, disse Apollo Crow, de Kate Elliott

O triunfo da Virtude, de Walter Jon Williams

A Torre Ilusória, de Daniel Abraham

Hrunting, de C.J. Cherryh

Uma trilha longa e fria, de Garth Nix

Quando fui salteador de beira de estrada, de Ellen Kushner

A fumaça do ouro é glória, de Scott Lynch

O enigma de Colgrid, de Rich Larson

A maldade do rei, de Elizabeth Bear

Cachoeira, de Lavie Tidhar

A espada Tyraste, de Cecelia Holland

Os filhos do Dragão, de George R.R. Martin

INTRODUÇÃO

Gardner Dozois

Certo dia, em 1963, parei numa farmácia no caminho da escola para casa (naquele tempo, as prateleiras giratórias cheias de brochuras populares em farmácias eram um dos poucos lugares onde podíamos encontrar livros na nossa cidade; não havia uma livraria de verdade) e vi uma coletânea chamada *The Unknown*, editada por D.R. Bensen. Eu a peguei, comprei e fiquei imediatamente fascinado; era a primeira coletânea que eu comprava, e era uma compra que teria um efeito duradouro em minha futura carreira, embora eu não soubesse disso à época. Aquela era uma coletânea de contos que Bensen retirara da lendária (ainda que de vida breve) revista de literatura fantástica *Unknown*, editada pelo igualmente lendário John W. Campbell Jr. Mais ou menos na mesma época em que revolucionava a ficção científica como editor da *Astounding*, Campbell revolucionava a literatura fantástica nas páginas da *Unknown*, revista irmã da *Astounding*, editada de 1939 a 1943, quando a revista foi extinta pela falta de papel no tempo da guerra. No começo dos anos 1960, uma época em que o mercado editorial norte-americano ainda saía da sombra do soturno realismo social do pós-guerra, havia pouca literatura fantástica sendo publicada num formato que pudesse ser comprado por um estudante de ensino médio sem recursos (a não ser pelos contos em revistas dedicadas ao gênero, como *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, da qual eu não tinha conhecimento), e a rica colheita de diferentes tipos de contos fantásticos disponível em *Unknown* foi uma revelação para mim.

A história que teve o maior efeito em mim foi um conto bizarro com um clima fascinante chamado “The Bleak Shore”, de Fritz Leiber, no qual dois aventureiros aparentemente incompatíveis — um espadachim gigantesco do Norte gelado chamado Fafhrd e um homem malicioso, esperto e ágil dos climas do Sul chamado Gray Mouser — são compelidos a partir numa missão fadada ao fracasso e que parece destinada a levá-los à morte (destino que eles, contudo, evitam de forma brilhante). Era um conto diferente de tudo que eu tinha lido antes, e logo quis ler mais histórias como aquelas.

Felizmente não demorou muito para que eu encontrasse outra coletânea nas prateleiras giratórias da farmácia. Era *Swords & Sorcery*, editada por L. Sprague

de Camp, esta contendo não apenas outra aventura de Fafhrd e Gray Mouser, mas dedicada inteiramente ao mesmo tipo de conto fantástico, algo que descobri se chamar “espada e feitiçaria”, um nome para o subgênero criado pelo próprio Leiber. Nas páginas dessa coletânea, li pela primeira vez uma das aventuras de Conan, o Bárbaro, de Robert E. Howard, e Jirel of Joiry, de C.L. Moore, bem como contos de Poul Anderson, Lord Dunsany, Clark Ashton Smith e outros. E fui fisgado, tornando-me para toda a vida um fã de espada e feitiçaria, em pouco tempo revirando sebos no que era então a Scollay Square em Boston (hoje enterrada sob a massa triste do centro governamental da cidade), manuseando pilhas de velhas revistas populares mofadas em busca de antigos exemplares de *Unknown* e *Weird Tales* que tivessem contos de Conan, o Bárbaro, Fafhrd e Gray Mouser e outros heróis aventureiros.

Eu me deparava com o primeiro grande renascimento do interesse por magia e feitiçaria, um subgênero da literatura fantástica que, àquela altura, passara décadas abandonado. Quase todo o material naquelas coletâneas e nas antigas revistas populares tinha sido publicado nos anos 1930 ou 1940, ou mesmo antes, na época em que histórias que se passavam em mundos fantásticos distintos, em vez de na França do século XVII ou em países imaginários da Europa central, começaram a brotar da obra maior e mais antiga sobre aventureiros ousados brandindo espadas, escrita por autores como Alexandre Dumas, Rafael Sabatini, Talbot Mundy e Harold Lamb. Depois que Edgar Rice Burroughs, em *Uma princesa de Marte* e suas muitas continuações, enviou o aventureiro John Carter à sua própria versão de Marte, chamada Barsoom, para resgatar princesas e travar lutas de espadas com gigantescos Tharks de quatro braços, desenvolveu-se uma forma paralela e muito próxima de espada e feitiçaria, às vezes chamada de “romance planetário” ou “espada e planeta”. Ela se destacou nas páginas da revista popular *Planet Stories*, entre 1939 e 1955, com os dois subgêneros trocando influências e mesmo muitos autores, entre eles C.L. Moore e Leigh Brackett, que foram altamente prestigiosos nos dois campos. Os contos fascinantes que compunham o clássico *The Dying Earth*, de Jack Vance, publicado na mesma época, eram tecnicamente ficção científica, mas, com suas intrusões interdimensionais e estranhas criaturas e magos que empregavam o que podia ser visto como magia ou como a mais alta tecnologia, também podiam funcionar como literatura fantástica.

Provavelmente não por coincidência, o interesse por espada e feitiçaria, que murchara durante os anos de guerra e ao longo dos anos 1950, começou a reviver nos anos 1960, depois que a Mariner, a Venera e outras sondas espaciais começaram a deixar cada vez mais evidente que o resto do sistema solar era

incapaz de sustentar a vida como a conhecíamos: nada de guerreiros ferozes com os quais travar lutas de espada ou belas princesas em túnicas diáfanas com as quais ter romances. Nada além de esferas de pedra estéreis e sem ar.

A partir de então, se você quisesse contar aquele tipo de história, teria de fazer isso na literatura fantástica.

O subgênero espada e feitiçaria explodiu na primeira metade dos anos 1960, com D.R. Bensen, L. Sprague de Camp e Leo Margulies garimpando as ricas jazidas das revistas *Unknown* e *Weird Tales* para produzir outras coletâneas. Bensen, uma figura importante no desenvolvimento da literatura fantástica moderna e hoje, infelizmente, quase esquecido, foi o editor da Pyramid Books e também garimpou as páginas de *Unknown* em busca de romances fantásticos clássicos como *The Incomplete Enchanter* e *The Castle of Iron*, de De Camp e Fletcher Pratt, para relançamento. Antologias dos contos originais de Conan foram relançadas, e novos contos e romances com o personagem foram produzidos por outras mãos. Michael Moorcock produziu seus contos e romances imensamente populares sobre Elric de Melniboné (populares até hoje) e evidentes imitações de Conan, como Brak, o Bárbaro, de John Jakes, foram criadas. Nessa época, Cele Goldsmith, editora das revistas *Amazing* e *Fantastic*, começou a tentar arrancar Fritz Leiber da semiaposentadoria e o convenceu a escrever novos contos de Fafhrd e Gray Mouser para a *Fantastic*. Isso me levou a começar a escolher regularmente uma revista do mesmo gênero nas bancas de jornal, o que, por sua vez, levou-me a começar a comprar revistas de ficção científica como *Amazing*, *Galaxy* e *Worlds of If* — significando que, ironicamente, embora eu fosse me associar à ficção científica e editar uma revista sobre o assunto, cheguei a ela porque estava procurando mais contos de Fafhrd e Gray Mouser nas páginas de uma revista fantástica. Embora, para ser justo, eu estivesse ao mesmo tempo lendo ficção científica com as histórias "juvenis" de Robert A. Heinlein e Andre Norton e títulos como *Cycle of Fire* e, também publicado pela Pyramid Books, *Mission of Gravity*, de Hal Clement.

Então veio J.R.R. Tolkien.

A trilogia "O Senhor dos Anéis", de J.R.R. Tolkien, costuma ser citada como a única criadora do gênero fantástico moderno, mas, embora seja difícil superestimar a influência de Tolkien — quase todos os escritores de fantasia posteriores foram muito influenciados por ele, mesmo, infelizmente, aqueles que não gostavam e reagiam a ele —, costuma ser esquecido que Don Wollheim publicou a famosa edição "pirata" de *A Sociedade do Anel* (primeiro livro da trilogia) num formato de baixo custo da Ace porque estava procurando desesperadamente alguma coisa — qualquer coisa! — com que matar a fome do

público crescente por espada e feitiçaria. A capa da edição da Ace (de autoria de Jack Gaughn, mostrando um mago empertigado no alto de uma montanha, brandindo uma espada e um cajado) deixa claro que Wollheim achava que aquele era um livro de espada e feitiçaria, e sua apresentação assinada explicita isso ao promover o volume de Tolkien como "um livro de espada e feitiçaria que qualquer um pode ler com encanto e prazer". Em outras palavras, pelo menos nos Estados Unidos, o público segmentado de literatura fantástica decididamente antecede Tolkien, em vez de ter sido criado por ele, como afirma o mito moderno. Don Wollheim sabia muito bem que já havia um público pronto para o gênero fantástico, um público faminto esperando para ser alimentado, embora eu duvide que mesmo ele tivesse a mais remota ideia de quão grandiosa seria a resposta ao aperitivo de "espada e feitiçaria" que estava prestes a servir. Os romances de Tolkien já tinham sido lançados em caras edições de capa dura na Grã-Bretanha, mas as edições em brochura da Ace — e as "autorizadas" que se seguiram, da Ballantine Books — tornaram os livros acessíveis em edições que garotos como eu e milhões de outros podiam comprar.

Depois de Tolkien tudo mudou. O público do gênero fantástico podia já existir, mas não pode haver dúvida de que Tolkien o ampliou tremendamente. O imenso sucesso comercial da sua obra também abriu os olhos dos editores para o fato de que havia um enorme desejo por literatura fantástica no público leitor, e também eles começaram a procurar algo com que matar essa fome. Na esteira do sucesso de Tolkien, Lin Carter conseguiu criar a primeira coleção fantástica em formato brochura, intitulada Ballantine Adult Fantasy, que recolocou em catálogo obras havia muito esquecidas e indisponíveis de escritores como Clark Ashton Smith, E.R. Eddison, James Branch Cabell, Mervyn Peake e Lord Dunsany. Alguns anos depois, Lester del Rey assumiu o lugar de Lin Carter e começou a procurar materiais mais comerciais e menos intelectualizados que atraíssem mais diretamente um público ainda faminto por algo o mais parecido possível com Tolkien. Em 1974, ele lançou *A Espada de Shannara*, de Terry Brooks, que, embora tenha sido descartado por muitos críticos como uma releitura desajeitada de Tolkien, tornou-se um enorme sucesso comercial, assim como suas muitas continuações. Em 1977, Del Rey também marcou um gol com *Lord Foul's Bane*, livro inicial de uma trilogia um tanto mais peculiar e menos copiada, "The Chronicles of Thomas Covenant, the Unbeliever", de Stephen R. Donaldson, e suas muitas continuações.

Estranhamente, à medida que os livros do gênero fantástico começavam a vender muito mais que antes, o interesse por espada e feitiçaria começou a murchar. Esse sempre fora um subgênero alimentado basicamente por contos,

mas, inspirados por Tolkien, os novos romances de fantasia começavam a ficar cada vez mais longos e desdobrar-se em cada vez mais continuações, passando a ser vistos, em grande medida, como um subgênero próprio, “fantasia épica”. Para mim, às vezes é difícil fazer a distinção entre fantasia épica e espada e feitiçaria — ambos são ambientados em mundos fantásticos inventados, ambos têm ladrões e aventureiros brandindo espadas, ambos se passam em mundos nos quais existem magia e feiticeiros de maior ou menor poder, ambos apresentam criaturas fantásticas como dragões, gigantes e monstros — embora alguns críticos digam que conseguem distinguir um do outro por critérios que não a duração. Seja como for, à medida que livros considerados de fantasia épica começavam a ganhar mais destaque, as pessoas passavam a falar menos sobre espada e feitiçaria. Este subgênero nunca desapareceu inteiramente: Lin Carter editou cinco volumes da série de coletâneas “Flashing Swords!” entre 1971 e 1981; Andrew J. Offutt Jr. editou cinco volumes da série de coletâneas “Swords Against Darkness” entre 1977 e 1979; Robert Lynn Asprin iniciou a extensa série das antologias multiautorais de “Thieves’ World” em 1978; Robert Jordan produziu uma longa sequência de romances de Conan ao longo dos anos 1980 antes de se voltar para sua série de fantasia épica em vários volumes, “A Roda do Tempo”; Glen Cook produziu obras marcantes de espada e feitiçaria, especialmente suas histórias sobre a Companhia Negra, no mesmo período, assim como fizeram C.J. Cherryh, Robin Hobb, Fred Saberhagen, Tanith Lee, Karl Edward Wagner e outros. Marion Zimmer Bradley editou uma longa sequência das antologias *Sword and Sorceress*, com ênfase em aventureiras, ao longo dos anos 1970, e Jessica Amanda Salmonson produziu um conjunto de antologias similarmente voltadas para mulheres, *Amazons* e *Amazons II*, em 1979 e 1982, respectivamente.

Ainda assim, conforme os anos 1980 se transformavam em 1990, espada e feitiçaria continuava a se apagar como subgênero, até ser mencionado raramente e correr o risco de ser esquecido.

E então, no final dos anos 1990, as coisas começaram a mudar.

É difícil identificar com precisão por que isso aconteceu. Talvez tenha sido o enorme sucesso comercial de *A guerra dos tronos*, de George R.R. Martin, publicado em 1996, e suas sequências que influenciaram novos escritores mostrando a eles um tipo de fantasia épica mais áspero, realista e duro, um com personagens que com frequência eram tão moralmente dúbios que era impossível diferenciar os caras bons dos caras maus. Talvez simplesmente fosse a hora de uma nova geração de escritores, influenciada pela obra clássica de autores como Leiber, Howard e Moorcock, subir ao palco e produzir suas próprias variações

do tema.

Qualquer que tenha sido a razão, o gelo começou a derreter. Logo as pessoas começaram a falar sobre "a nova espada e feitiçaria", e nos últimos anos do século XX e nos primeiros do século XXI surgiram escritores como Joe Abercrombie, K.J. Parker, Scott Lynch, Elizabeth Bear, Steven Erikson, Garth Nix, Patrick Rothfuss, Kate Elliott, Daniel Abraham, Brandon Sanderson e James Enge. Havia novos mercados para espada e feitiçaria, além dos consagrados como a *F&SF*, a revista on-line *Beneath Ceaseless Skies* e a revista impressa *Black Gate*. Novas coletâneas começaram a aparecer, como a minha *Modern Classics of Fantasy*, em 1997, com contos clássicos de espada e feitiçaria escritos por Fritz Leiber e Jack Vance; *The Sword & Sorcery Anthology*, editada por David G. Hartwell e Jacob Weisman, trazendo uma retrospectiva dos melhores contos antigos do gênero; e *Epic: Legends of Fantasy*, editado por John Joseph Adams, uma coletânea republicando trabalhos de autores mais novos. Mais importante: começaram a surgir contos *novos*, reunidos em trabalhos como *Legends* e *Legends II*, editados por Robert Silverberg, e depois em *Fast Ships, Black Sails*, editado por Ann VanderMeer e Jeff VanderMeer e *Swords & Dark Magic: The New Sword and Sorcery*, editado por Jonathan Strahan e Lou Anders, a primeira antologia dedicada à nova espada e feitiçaria.

De repente, estávamos no meio de outro grande renascimento do interesse por espada e feitiçaria, interesse este que não murchou à medida que avançamos para a segunda década do século XXI. Já há outra geração de novos escritores, como Ken Liu, Rich Larson, Carrie Vaughn, Aliette de Bodard, Lavie Tidhar e outros, assumindo os desafios do gênero e às vezes evoluindo em direções inesperadas — e atrás *deles* há ainda outras novas gerações.

Então, chame-se espada e feitiçaria ou fantasia épica, parece que esse tipo de conto vai continuar conosco por algum tempo para que o aproveitemos.

Também editei outras coletâneas com novos contos de espada e feitiçaria, como a antologia *Songs of the Dying Earth*, em homenagem a Jack Vance, e *Warriors*, *Mulheres perigosas* e *O príncipe de Westeros e outras histórias*, todas editadas junto com aquele outro grande fã de espada e feitiçaria, George R.R. Martin. Ainda assim, sempre quis editar uma coletânea que incluísse exclusivamente esses contos, que foi o que fiz aqui, em *Crônicas de espada e feitiçaria*, levando para vocês o melhor trabalho de alguns dos grandes escritores que trabalham hoje nesse campo, de diversas gerações literárias.

Espero que gostem. E minha esperança é que ela se revele tão fascinante e inspiradora para algum garoto por aí quanto *Unknown* e *Swords & Sorcery*

foram para mim em 1963, e que assim um novo fã de espada e feitiçaria nasça para carregar para o futuro distante o amor por esse tipo empolgante de história fantástica.

K.J. PARKER

Um dos mais inventivos e imaginativos escritores de literatura fantástica atual, K.J. Parker é o autor da trilogia best-seller “Engineer” (*Devices and Desires*, *Evil for Evil* e *The Escapement*), bem como das trilogias anteriores “Fencer” (*The Colours in the Steel*, *The Belly of the Bow* e *The Proof House*) e “Scavenger” (*Shadow*, *Pattern* e *Memory*). Seus contos foram reunidos em *Academic Exercises*, e ele ganhou duas vezes o prêmio World Fantasy de melhor novela com “Let Maps to Others” e “A Small Price to Pay for Birdsong”. Entre seus outros romances estão *Sharps*, *The Company*, *The Folding Knife* e *The Hammer*. Os mais recentes são *Savages* e *The Two of Swords*. K.J. Parker também escreve usando seu nome real, Tom Holt, com o qual publicou *Expecting Someone Taller*, *Who’s Afraid of Beowulf*, *Ye Gods!* e muitos outros.

Aqui, ele nos dá uma visão fascinante de um pupilo determinado em busca de um mestre que o instrua — com resultados surpreendentes.

O MELHOR HOMEM VENCE

K.J. Parker

Ele estava cobrindo minha luz. Não olhei para cima.

— O que você quer? — perguntei.

— Desculpe-me, mas você é o ferreiro de espadas?

Há certos momentos em que você precisa se concentrar. Esse era um deles.

— Sim. Vá embora e volte mais tarde.

— Eu não lhe disse o que…

— Vá embora e volte mais tarde.

Ele foi embora. Eu terminei o que estava fazendo. Ele voltou mais tarde. Nesse ínterim, eu fiz a terceira dobra.

Forjar é um procedimento horrível, e eu o detesto. Na verdade, detesto passar por todos os muitos estágios que levam ao objeto terminado; alguns deles são terrivelmente difíceis, alguns são exaustivos, alguns são muito, muito tediosos; muitos deles são todos os três, é o perfeito microcosmo do esforço humano. O que eu adoro é a sensação que você tem quando conclui e dá certo. Nada no mundo inteiro supera isso.

A terceira dobra é, bem, é o estágio na criação da lâmina da espada em que você dobra o material pela terceira vez. A primeira dobra é apenas um monte de varas finas, algumas de ferro, algumas de aço que são retorcidas juntas, superaquecidas e forjadas numa única fita grossa. Depois, você torce, dobra e faz novamente. Depois, torce, dobra e faz novamente. A terceira vez normalmente é a mais fácil; boa parte dos resíduos já foi eliminada, o fundente fica no lugar e o trabalho parece fluir um pouco mais facilmente sob o martelo. Ainda é um trabalho horrível. Parece não terminar nunca, e você pode estragar tudo que fez até o momento numa fração de segundo de descuido, se queimar ou deixar esfriar demais ou se um pedaço de escama ou escória for martelado. Você precisa escutar além de olhar, buscando aquele chiado único que lhe diz que o material está começando a estragar, mas ainda não está arruinado; esse é o momento único em que uma tira de aço flui para dentro de outra e forma uma peça, então você não pode bater papo enquanto está fazendo isso. Como eu

passo a maior parte do meu dia de trabalho forjando, tenho essa reputação de antissociabilidade. Não que eu ligue. Eu seria antissocial se fosse um lavrador.

Ele voltou quando eu estava jogando carvão com a pá. Eu posso usar a pá e conversar ao mesmo tempo, então, tudo bem.

Era jovem, eu diria uns vinte e três ou vinte e quatro; um desgraçado alto (todas as pessoas altas são desgraçadas; eu tenho um metro e cinquenta e cinco), com cabelos louros cacheados como velo molhado, rosto achatado, olhos azuis aguados e boca bastante feminina. Desgostei dele à primeira vista porque não gosto de homens altos e bonitos. Eu levo muito a sério as primeiras impressões. Minhas primeiras impressões quase sempre estão erradas.

— O que você quer? — perguntei.

— Eu gostaria de comprar uma espada, por favor.

Também não gostei muito da voz dele. Nesses cruciais cinco segundos, mais ou menos, as vozes são ainda mais importantes para mim que as aparências. Isso é totalmente razoável, se quer minha opinião. Alguns príncipes parecem caçadores de ratos, alguns caçadores de ratos parecem príncipes, embora os dentes normalmente denunciem as pessoas. Mas você pode dizer com precisão de onde um homem vem e quão bem de vida eram seus pais após duas palavras; informações puras, fatos legítimos. O garoto tinha qualidade, era da pequena nobreza, o que abrange tudo desde fazendeiros ambiciosos demais até irmãos mais jovens de duques. Você sabe imediatamente pelo som das vogais. Elas irritam meus dentes como grãos de areia no pão. Não gosto muito da nobreza. A maioria dos meus clientes é da nobreza, e a maioria das pessoas que eu encontro são clientes.

— Claro que sim — falei, esticando as costas e pousando a pá na beirada da forja. — Para que você a quer?

Ele me encarou como se eu tivesse acabado de olhar lascivamente para sua irmã.

— Bem, para lutar.

Eu anuí.

— Você está indo para as guerras?

— Em algum momento, provavelmente, sim.

— Eu não iria se fosse você — falei. Fiz questão de encará-lo de cima a baixo, total e deliberadamente. — É uma vida horrível, e é perigosa. Eu ficaria em casa, se fosse você. Torne-se útil.

Eu gosto de ver como eles reagem a isso. Chame de meu instinto de artesão.

Para dar um exemplo, uma das coisas que você faz para testar uma espada realmente boa é criar uma circunferência com ela. Você fixa a espiga num torno e a força para trás num círculo até que a ponta toque os ombros, solta, e ela deve pular de volta absolutamente reta. A maioria das espadas boas não suporta esse tipo de violência; é uma provação que você reserva apenas para as melhores. É uma coisa horrível e cruel para se fazer com um artefato adorável, e a única forma infalível de testar sua têmpera.

Por falar de têmpera, ele me encarou e, depois, deu de ombros.

— Desculpe-me. Você está ocupado. Vou tentar em outro lugar.

Eu ri.

— Vou cuidar desse fogo e já falo com você.

O fogo comanda minha vida como uma mãe a do seu bebê. Ele tem de ser alimentado ou se apaga. Precisa ser regado ao redor do leito da fornalha com uma concha, ou o leito acabará queimado. Precisa ser bombeado depois de cada aquecimento, então eu faço todo o trabalho de respiração por ele, e você não pode se descuidar dele nem por um instante. Desde o momento em que o acendo pela manhã, uma hora antes do nascer do sol, até o ponto em que o deixo para que morra de fome ao longo da noite, ele está constantemente em minha mente, como algo no limite da visão ou um crime em sua consciência; você não está sempre olhando para aquilo, mas está sempre vigiando. Tendo uma mínima chance, ele o trairá. Às vezes acho que sou casado com a maldita coisa.

De fato. Eu nunca tive tempo para uma esposa. Tive ofertas; não de mulheres, mas de seus pais e irmãos — ele deve valer alguma coisa, dizem a si mesmos, e nossa Doria já não é mais jovem. Mas um homem com um fogo na forja não consegue encaixar uma esposa em sua rotina diária. Eu asso meu pão em suas brasas, tosto meu queijo acima dele, aqueço uma chaleira com água duas vezes por dia para me lavar, seco minhas camisas perto dele. Certas noites, quando estou esgotado demais para me arrastar pelos nove metros até minha cama, eu me sento no chão, de costas para ele, e durmo, e acordo de manhã com torcicolo e dor de cabeça. O motivo pelo qual não batemos boca durante todo o tempo é que ele não sabe falar. Não precisa.

O fogo e eu vivemos juntos civilizadamente há vinte anos, desde que voltei das guerras. Vinte anos. Em alguns lugares, a pena por assassinato é menor.

— A palavra espada pode significar muitas coisas diferentes — comentei, limpando a poeira e as cinzas da mesa com a manga. — Preciso que você seja mais específico. Sente-se.

Ele se acomodou cuidadosamente no banco. Servi sidra em duas tigelas de madeira e coloquei uma diante dele. Tinha poeira flutuando na bebida; sempre tem. Tudo na minha vida vem com uma cobertura de poeira cinza escura e grossa, cortesia do fogo. Abençoado seja, ele se esforçou para fingir que aquilo não estava lá e tomou um pequeno gole, como uma garota.

— Você tem a espada curta de montaria, a espada de armas de setenta e cinco centímetros, a espada com escudo, que ou tem um corte diamante achatado e constante, que o Exército chama de tipo quinze, ou é sulcada pela metade, a tipo catorze; tem a rapieira, a cimitarra, a *Messer*, a espada lateral ou sabre; a espada longa, a espada grande, a de uma mão e meia, tipo dezoito, a verdadeira bastarda, a espada de guerra grande e a espada de duas mãos, embora essa seja uma ferramenta altamente especializada, não é o que você quer. E essas são apenas as categorias principais. Motivo pelo qual eu fiz a pergunta: para que a quer?

Ele olhou para mim e deliberadamente tomou um gole de minha horrível sidra empoeirada.

— Para lutar — disse. — Desculpe, não sei muito sobre isso.

— Você tem dinheiro?

Ele anuiu, enfiou a mão dentro da camisa e tirou uma pequena bolsa de linho. Estava suja de suor. Ele a abriu, e cinco moedas de ouro caíram na mesa.

Há quase tantos tipos de moeda quanto há tipos de espada. Aquelas eram besantes; noventa e duas partes puras, garantidas pelo imperador. Peguei uma. A arte de um besante é horrível, grosseira e feia. Isso porque o desenho permaneceu o mesmo por seiscentos anos, copiado repetidamente por cortadores ignorantes e analfabetos, e assim continua por ser confiável. Eles copiam a escrita, mas não conhecem as letras, então restam apenas as formas. De fato, é uma regra geral que, quanto mais bonita é a moeda, menos ouro ela contém; inversamente, quanto mais feias, mais valiosas. Uma vez, conheci um falsificador. Eles o apanharam e o enforcaram porque seu trabalho era bom demais.

Coloquei meu copo sobre uma moeda e empurrei as outras quatro de volta para ele.

— Tudo bem?

Ele deu de ombros.

— Eu quero o melhor.

— Será um desperdício com você.

— Mesmo assim.

— Certo. O melhor é o que você terá. Afinal, assim que estiver morto, ela

seguirá em frente e, mais cedo ou mais tarde, acabará com alguém capaz de usá-la. — Sorri para ele. — Mais provavelmente seu inimigo.

Ele sorriu.

— Você quer dizer que eu recompensarei meu inimigo por me matar.

— O trabalhador vale o trabalho que faz — retruquei. — Certo, já que você não tem ideia do que quer, terei de decidir por você. Pelo seu besante de ouro, você terá uma espada longa. Sabe o que…?

— Não. Lamento.

Cocei a orelha.

— Lâmina de noventa centímetros, seis centímetros de largura na empunhadura, diminuindo até uma ponta de agulha. A empunhadura tem o comprimento do seu antebraço, da parte de dentro do cotovelo até a ponta do dedo médio. Pesa absolutamente nada além de mil e trezentos gramas e parecerá muito mais leve porque o equilíbrio é perfeito. Será muito mais para estocar que para cortar, porque é a ponta que vence lutas, não o gume. Eu recomendo uma espada sulcada. Você não sabe o que é o sulco, sabe?

— Não.

— Bem, você vai ter um mesmo assim. Isso será o bastante?

Ele meio que olhou para mim como se eu fosse a lua.

— Eu quero a melhor espada já feita — disse. — Posso pagar mais, se necessário.

A melhor espada já feita. A coisa boba era que eu podia fazer essa espada. Se me interessasse. Ou poderia fazer para ele uma espada comum e dizer que era a melhor já feita, e como ele poderia saber? Há, no mundo, talvez dez homens habilitados a julgar. Eu e nove outros.

Por outro lado, eu adoro a minha arte. Eis aqui um jovem tolo dizendo “aproveite à minha custa”. E o trabalho, claro, a espada propriamente dita, ainda estaria viva mil anos depois, venerada e reverenciada, com meu nome na empunhadura. A melhor já feita; e, se eu não a fizesse, alguma outra pessoa faria, e o meu nome não estaria nela.

Pensei por um momento; depois me inclinei para a frente, coloquei as pontas dos dedos em mais duas das moedas dele e puxei-as para mim como um ancinho arando a terra.

— Tudo bem?

Ele deu de ombros.

— Você entende dessas coisas.

Eu anuí.

— Na verdade… — Peguei uma quarta moeda. Ele não se moveu. Era como se não estivesse interessado. — Isto é apenas pela espada simples. Eu não faço polimento, gravação, desenhos, cinzelamento ou incrustação. Não coloco joias em empunhaduras porque elas rasgam as suas mãos e caem. Eu não faço sequer bainhas. Você pode mandar decorá-la depois, se quiser, mas é por sua conta.

— Só a espada simples já me servirá — disse ele.

Isso me confundiu.

Eu tenho muita experiência com a nobreza. Aquele… A voz era perfeita, então eu podia garantir, como se o tivesse conhecido a vida inteira. As roupas eram simples, de boa qualidade, velhas, mas bem-cuidadas; um belo par de botas, embora eu diria que eram um número maior, de modo que talvez tivessem sido herdadas. Cinco besantes são uma quantidade enorme de dinheiro, chocante, mas fiquei com a impressão de que eram tudo o que ele tinha.

— Vou tentar adivinhar — comecei. — Seu pai morreu, e seu irmão mais velho ficou com a casa e a terra. Sua parte foi cinco moedas. Você aceita que é como tem de ser, mas está amargurado. Você está pensando em torrar tudo na melhor espada já feita, sair e ganhar uma fortuna, como Roberto Guiscardo ou Boemundo. Algo assim?

Ele anuiu levemente.

— Algo assim.

— Certo — digo. — Determinado tipo de pessoa e seu dinheiro se separam facilmente. Se viver por tempo suficiente para que enfiem algum bom senso em você, conseguirá bem mais que quatro moedas de ouro pela espada, e então poderá comprar uma bela fazenda.

Ele sorriu.

— Então está certo.

Gosto de pessoas que não percebem quando sou rude com elas.

— Posso observar? — perguntou ele.

Essa é uma pergunta que realmente pode colocá-lo em apuros, dependendo do contexto. Como no caso do homem e da mulher em quem você acabou de pensar, minha resposta normalmente é não.

— Se você quiser — respondi. — Sim, por que não? Você pode testemunhar.

Ele franziu a testa.

— Essa é uma estranha escolha de palavras.

— Como um profeta na escritura — falei. — Quando Ele transforma água em

vinho, ergue os mortos ou recita a lei de uma sarça ardente, precisa haver alguém por perto para ver, senão de que valeria isso?

(Eu me lembrei de ter dito isso depois.)

Ele anuiu.

— Um milagre.

— Mais ou menos por aí. Mas um milagre é algo que você não esperava que acontecesse.

Para as guerras. Nós conversamos sobre “as guerras” como se fossem um lugar; deixe Perimadeia pela estrada do norte até chegar a uma encruzilhada, vire à esquerda, pegue a próxima à direita, logo depois do velho moinho arruinado, não tem como deixar de ver. No mínimo, um país, com sua própria língua, seus costumes, trajes nacionais característicos e comidas regionais, mas teoricamente toda guerra é diferente, tão individual e única quanto um ser humano; cada guerra tem pais que a influenciam, mas ela cresce e segue sua natureza e gera seus filhos. Mas nós falamos sobre povos em geral — os aelianos, os mezentinos, os rosinholet — como se um milhão de entidades distintas pudessem ser combinadas em uma, do mesmo modo como torço e martelo um feixe de varas de ferro para criar apenas uma fita. E, quando você olha para elas, as guerras são assim, como uma multidão de pessoas. Quando você está de pé em meio a elas, são todas diferentes. Recue trezentos metros e tudo o que você verá será uma forma: um exército, digamos, avançando na sua direção. Chamamos a essa forma de “o inimigo”, é o dragão que temos de matar de modo a vencer e sermos heróis. Quando chega para nós, ele é desmontado em indivíduos, em um homem de cada vez, correndo até nós brandindo uma lança, para nos causar mal, absolutamente aterrorizados, exatamente como estamos.

Nós dizemos “as guerras”, mas há um segredo. Só há uma guerra. Ela nunca termina. Ela flui, assim como o metal branco e quente sob o martelo, e junta-se com a última guerra e a guerra seguinte para formar uma fita contínua. Meu pai foi para as guerras, eu fui para as guerras, meu filho irá para as guerras, e o filho dele depois, e será o mesmo lugar. Como ir a Boc Bohec. Meu pai foi lá antes que eles derrubassem o Templo Branco e quando Foregate ainda era um campo aberto. Eu fui lá, e Foregate era um mercado. Quando meu filho for lá, eles terão construído casas em Foregate, mas o lugar ainda será Boc Bohec, e a guerra ainda será a guerra. Mesmo lugar, mesmos idioma e costumes locais, ligeiramente modificados pelas modas em valor e infelicidade, que vêm e vão. Em meu tempo nas guerras, as empunhaduras eram curvadas e seus pomos eram redondos ou em gota. Agora, eu faço principalmente empunhaduras em formato

de cruz e pomos em formato de frasco de perfume, que eram o máximo há cem anos. Há modas em tudo. As marés vão e vêm, mas o mar é sempre o mar.

Minhas guerras foram em *Ultramar*, que não é o nome de um lugar, é apenas a palavra aeliana para "do outro lado do mar". *Ultramar*, pela qual nós estávamos lutando, não era um pedaço de terra, uma entidade geográfica. Era uma ideia, o reino de Deus na terra. Você não pode encontrá-lo num mapa, não agora, sem dúvida; nós perdemos, e todos os lugares que costumávamos conhecer são chamados de outra coisa agora, em outro idioma, que nós nunca nos preocupamos em aprender. Nós não estávamos lá por causa da ideia, claro, embora provavelmente fosse uma boa ideia na época. Estávamos lá para roubar uma fortuna e voltar para casa como príncipes.

Alguns lugares não estão marcados em mapas, mas todos sabem como encontrá-los. Basta seguir os outros e você chegará lá.

— Não há muito para ver neste estágio — falei. — Se quiser, você pode ir dar uma volta.

— Não tem problema — retrucou ele. Sentou-se na bigorna extra e mordeu uma de minhas maçãs, que eu não tinha lhe dado. — O que você vai fazer com todo esse lixo? Achei que ia começar a fazer a espada.

Eu disse a mim mesmo: "Ele está pagando muito dinheiro, provavelmente tudo o que tem no mundo. Tem o direito de ser idiota, caso queira."

— Isto não é lixo — disse a ele. — É sua espada.

Ele espiou por sobre o meu ombro.

— Não é, não. É um monte de ferraduras velhas e grosas gastas.

— Neste momento, sim. Só observe.

Não sei o que há com as ferraduras velhas, ninguém sabe, mas dão as melhores espadas. A maioria das pessoas acredita que é por serem constantemente batidas no solo pedregoso, mas isso simplesmente não é verdade. Eu as esquentei até ficarem vermelho-cereja, passei para a bigorna e as golpeei com o martelo grande, achatando e esmagando. Restos de ferrugem e crostas voaram pela oficina; é um trabalho sujo e tem de ser feito rapidamente, antes que o ferro esfrie e fique cinza. Quando terminei, eram compridas varas retangulares, com menos de um centímetro de largura. Eu as deixei de lado e fiz a mesma coisa com as grosas. Elas são de aço, algo que você pode endurecer; as ferraduras são de ferro, que permanece macio. É a mistura, a trama de duro e macio, que faz uma boa lâmina.

— E então, o que elas vão ser? Espetos?

Eu tinha esquecido que ele estava por ali. É paciente, tenho de admitir.

— Ainda passarei horas nisto — disse a ele. — Por que você não vai embora e volta de manhã? Não haverá nada interessante para ver até então.

Ele bocejou.

— Não tenho nenhum lugar em particular para ir. Não estou incomodando você, estou?

— Não — menti.

— Ainda não entendo o que esses pedaços de varas têm a ver com a minha espada.

Que inferno. Eu poderia dar uma descansada. É má ideia trabalhar quando se está cansado, você comete erros. Virei um balde de carvão no fogo, abafei-o, depois sentei no bloco de moldagem.

— De onde você acha que vem o aço?

Ele coçou a cabeça.

— Permia?

Não era uma resposta tão ignorante. Há depósitos de aço natural em Permia. Você esmaga o minério de ferro, derrete-o, e um legítimo aço capaz de endurecer escorre, pronto para ser usado. Mas literalmente vale seu peso em ouro, e, como estamos em guerra com Permia, é difícil conseguir. Ademais, eu o acho frágil demais, a não ser que você o tempere com precisão.

— Aço é ferro forjado repetidamente num fogo alimentado a carvão. Ninguém tem a menor ideia de como funciona, mas funciona. São necessários dois homens fortes trabalhando um dia inteiro para produzir aço suficiente para uma pequena grosa.

Ele deu de ombros.

— É caro. E daí?

— E é duro demais — falei. — Deixe cair no chão e ele estilhaçará como vidro. Então você o tempera, para que curve e depois volte à posição sem danos. Mas é uma coisa sem graça, boa para cinzéis e grosas, não tão boa para espadas e lâminas de foice, que precisam de um pouco de energia. Então nós o trançamos com ferro, que é macio e maleável. Ferro e aço anulam os defeitos um do outro, e você consegue o que quer.

Ele olhou para mim.

— Trançamos com ferro.

Eu anuí.

— Observe.

Você pega as cinco varas e coloca-as lado a lado, tocando-se: aço, ferro, aço, ferro, aço. Prende-as bem apertadas, como se estivesse construindo uma jangada.

Coloca-as no fogo, com a beirada para baixo, não deitadas; quando estiverem brancas e começando a sibilar como uma cobra, você as retira e martela. Se tiver feito direito, consegue uma chuva de centelhas brancas e pode realmente ver o metal se fundindo; é uma espécie de sombra preta sob a superfície branca brilhante, fluindo como um líquido. O que *isso* é, eu não sei, e não sendo inclinado ao misticismo, prefiro não especular.

Então, você esquenta a placa chata que acabou de fazer até que fique amarela, prende uma extremidade no torno e torce a placa até conseguir uma corda, que então achata na forja. Esquentar, torcer e achatar, cinco vezes não é demais. Se tiver feito direito, terá uma barra reta e chata, com dois centímetros e meio de largura, seis milímetros de espessura, sem qualquer sinal de mistura ou laminação, uma coisa sólida a partir de cinco coisas. Então você esquenta, tira, dobra e funde novamente. Agora entende por que falo em trançar? Não há mais ferro ou aço, nenhum poder na Terra será capaz de separá-los novamente. Mas o aço ainda é duro, e o ferro ainda é maleável, e é isso o que permite que a lâmina se dobre no torno, caso você esteja preparado para correr o risco.

Eu perco a noção do tempo quando estou forjando. Paro quando está feito, e não antes, e me dou conta de como estou cansado, molhado de suor e sedento, e de quantas brasas e cinzas queimaram minhas roupas e chegaram à minha pele. O prazer não está em fazer, mas em ter feito.

Você forja quase no escuro, para poder ver o que está acontecendo na fornalha e no metal quente. Olhei para onde sei que fica a abertura da porta, mas tudo estava negro como breu fora do círculo laranja da fornalha. É bom que eu não tenha vizinhos, ou eles não conseguiriam dormir.

Mas ele estava adormecido, a despeito de todo o barulho. Empurrei seu pé, e ele se sentou, empertigado.

— Eu perdi algo?

— Sim.

— Ah.

— Mas não tem problema — falei. — Nós ainda mal começamos.

Parece lógico dizer que eu tinha uma vida antes de ir para *Ultramar*. Preciso ter tido; eu tinha dezenove anos quando fui para lá, vinte e seis quando voltei. Antes de ir para lá, acho que me lembro de um casarão confortável num vale, cachorros, águias, cavalos e um pai e dois irmãos mais velhos. Pelo que sei, eles ainda podem estar lá. Eu nunca voltei.

Sete anos em *Ultramar*. A maioria de nós não passa de seis meses. Muito poucos, os realmente duros, do tipo impossível de matar, sobreviveram até três

anos; a essa altura, você quase podia ver as marcas de onde o vento e a chuva os tinham desgastado até o limite ou os leitos de rios e estalactites de sal em suas bochechas; eram homens muito velhos, os garotos de três anos dali, e nenhum deles tinha mais de vinte e cinco.

Eu servi por três anos e imediatamente depois me inscrevi para outros três e então para três depois desses, dos quais servi um. Então fui mandado para casa, em desgraça. Ninguém é mandado para casa de *Ultramar*, que é para onde o juiz o manda caso você tenha assassinado alguém ou a forca não seja algo bom o bastante para você. Eles precisam de todos os homens que possam conseguir, e os consomem a um ritmo idiota, como um fazendeiro com seus víveres de inverno num ano muito ruim. Dizem que o inimigo junta nossos ossos nos campos de batalha e os mói para fazer farinha, que é como eles conseguem suas excelentes safras de trigo. A punição habitual para crimes imperdoáveis em *Ultramar* é um período de serviço na frente de batalha; você tem de passar por circunstâncias verdadeiramente extenuantes e demonstrar profundo remorso para, em vez disso, conseguir a forca. A mim, porém, eles mandaram para casa, em desgraça, porque ninguém conseguia suportar me ver por mais um instante. E, para ser justo, não posso dizer que os culpo.

Eu não durmo muito. As pessoas na aldeia dizem que é porque tenho pesadelos, mas, na verdade, simplesmente não encontro tempo. Assim que você começa a forjar, não para. Assim que forjou o núcleo, quer seguir em frente e fazer as bordas, depois quer fundir as bordas ao núcleo, então o trabalho está encerrado e aparece um novo chato o atormentando para começar o seguinte. Tendo a dormir quando estou cansado, o que acontece aproximadamente a cada quatro dias.

Caso seu coração esteja sangrando por mim, quando termino o trabalho e sou pago, jogo o dinheiro no velho barril que trouxe comigo das guerras. Acho que originalmente continha pontas de flechas. Seja como for, não tenho ideia de quanto tenho lá dentro, mas está mais ou menos pela metade. Eu ganho bem.

Como lhe disse, eu perco a noção do tempo quando estou trabalhando. E também esqueço coisas, como pessoas. Eu me esqueci totalmente do garoto por um dia inteiro, mas, quando lembrei, ele ainda estava lá, instalado na bigorna reserva, o rosto coberto de poeira e fuligem. Amarrara um pedaço de trapo sobre o nariz e a boca, o que achei bom, já que o impedia de falar.

— Você não tem nada melhor a fazer? — perguntei.

— Na verdade, não — respondeu, bocejando e espreguiçando-se. — Acho que estou começando a entender a coisa. Basicamente, a ideia é que muitas tiras entrelaçadas são mais fortes que uma só. Assim como o corpo político.

— Você já comeu alguma coisa? Desde que roubou minha maçã?

Ele balançou a cabeça.

— Não tenho fome.

— Tem algum dinheiro para comida?

Ele sorriu.

— Eu tenho um besante inteiro. Poderia comprar uma fazenda.

— Não por aqui.

— Sim, bem, é terra de primeira. De onde venho, você poderia comprar um vale inteiro.

Eu suspirei.

— Há pão e queijo lá dentro, e um pouco de bacon.

Finalmente me livrei dele por algum tempo. Então, fechei a tampa e decidi que precisava de descanso. Eu passara tempo demais olhando para o metal branco de tão quente e mal conseguia ver além das cores muito brilhantes.

Ele voltou com metade do pão e todo o meu queijo.

— Coma um pouco — falou, como se fosse o dono do lugar.

Eu não falo de boca cheia, isso é grosseiro, então esperei até ter terminado.

— Então, de onde você é?

— Fin Mohec. Já ouviu falar?

— É uma cidade de bom tamanho.

— Dezesseis quilômetros ao norte de Fin, para ser exato.

— Uma vez, conheci um homem de Fin.

— Em *Ultramar*?

Eu franzi a testa.

— Quem lhe disse isso?

— Alguém na aldeia.

Eu anuí.

— Uma bela parte do mundo, o vale de Mohec.

— Talvez se você for uma ovelha. E não vivíamos no vale, vivíamos na charneca. São apenas urzes e granito.

Eu tinha estado lá.

— Então você saiu de casa em busca de fortuna.

— Imagina — disse ele, e cuspiu algo, provavelmente um pedaço duro de pele de bacon. Dá para quebrar um dente com essa coisa. — Eu voltaria para lá correndo se houvesse algo para mim. Onde exatamente você esteve em *Ultramar*?

— Ah, por toda parte. Então, se você gosta tanto de Mohec, por que saiu?

— Para vir aqui. Ver você. Comprar uma espada — disse, com um sorriso sem dúvida forçado. — Por que mais seria?

— Para que você precisa de uma espada nas colinas de Mohec?

— Não vou usá-la por lá.

As palavras saíram apressadas, como cerveja derramada quando um idiota esbarra em seu braço num bar. Ele respirou fundo; depois, continuou.

— Pelo menos não imagino que irei.

— De fato.

Ele anuiu.

— Vou usá-la para matar o homem que assassinou meu pai, e não acho que ele viva por aqui.

Entrei nesse negócio por acaso. Quero dizer, saltei do barco vindo de *Ultramar*, e a menos de cinquenta metros do cais havia uma forja. Eu tinha um táler e cinco stuiver de cobre no bolso, as roupas usara sob a armadura nos dois anos anteriores e uma espada valendo vinte anjos de ouro, que eu nunca venderia, em nenhuma circunstância. Entrei na forja e ofereci ao ferreiro meu táler se ele me ensinasse seu ofício.

— Suma daqui — disse ele.

As pessoas não falam assim comigo. Então gastei o táler numa bigorna de terceira mão, um conjunto de martelos inadequados, uma lima, um torno lateral e um balde, e arrastei aquela maldita bigorna comigo — três quintais — até encontrar um barracão decrépito nos fundos de um curtume. Ofereci ao curtidor três stuiver pelo aluguel, gastei um stuiver em grosas enferrujadas e dois pães de cevada e aprendi o ofício sozinho, com a intenção de tirar o outro ferreiro do negócio em um ano.

Isso acabou demorando seis meses. Reconheço que sabia um pouco mais sobre o ofício do que o prelúdio dá a entender; eu me sentava na oficina do ferreiro em casa, nas manhãs frias, e observava o nosso homem lá, e aprendo as coisas rapidamente; e também se aprende a fazer todo tipo de coisa em *Ultramar*, particularmente as habilidades que diziam respeito a consertar ou improvisar equipamentos, a maior parte do qual nós conseguíamos com o inimigo, cheio de buracos. Quando decidi me especializar, tirei à sorte para decidir se faria espadas ou armaduras. Literalmente, eu joguei uma moeda. Perdi a aposta, e aqui estou.

Eu mencionei que tenho minha roda-d'água própria? Eu mesmo a construí, e tenho um orgulho ridiculamente grande dela. É baseada numa que vi (vi, inspecionei e depois incendiei) em *Ultramar*. É movida por água que vem de cima, com uma queda de três metros e meio. A água vem de um riacho que desce a colina e termina num penhasco onde a encosta descai. Ela movimenta meu moinho e meu martinete, o único martinete ao norte de Vossin, também construído por mim. Sou um sujeito esperto.

Você não pode forjar com um martinete; precisa conseguir ver o que está fazendo e sentir o metal fluindo para dentro dele mesmo. Pelo menos eu não consigo, não sou perfeito. Mas o martinete é ideal para dar forma ao material terminado, elimina todo o esforço, embora, por Deus, você precise se concentrar. Você só precisa dar um leve toque. A cabeça do martelo pesa meia tonelada. Eu tenho tanta prática que consigo usá-lo para quebrar a casca de um ovo cozido.

Também fiz adaptações para usar assentadores e criar as beiradas da lâmina. Você pode chamar isso de trapaça, se quiser; eu prefiro chamar de precisão e perfeição. Graças ao martinete e aos assentadores, consigo lâminas de espada retas, uniformes e lisas que afinam paulatinamente e não se curvam como um saca-rolhas quando você as endurece e resfria; isso porque cada golpe do martelo carrega exatamente a mesma força do anterior, e porque os assentadores não dão brecha para erros humanos, como você inevitavelmente obtém tentando avaliar tudo a olho nu.

Se eu tendesse a acreditar em deuses, acho que provavelmente veneraria o martinete, embora eu mesmo o tenha construído. Razões: primeiro, ele é muito mais forte que eu, ou qualquer homem, e incansável, e essas são qualidades essenciais para um deus. Ele soa como um deus, abafa tudo, e você não consegue ouvir seus próprios pensamentos. Em segundo lugar, é um criador. Ele molda coisas, transforma tiras e barras de material bruto em objetos reconhecíveis com uma utilidade e uma vida próprias. Em terceiro, e mais importante, ele desfere golpes sem parar, incansavelmente, esmagadoramente, golpeia duas vezes no tempo que meu coração leva para bater uma vez. É um destruidor, e é isso o que deuses fazem, não é mesmo? Eles martelam, martelam e continuam a martelar, até você entrar em forma ou tornar-se uma massa ensanguentada.

— É isso? — perguntou. Dava para ver que não estava impressionado.

— Não está terminado. Precisa ser amolado.

Meu rebolo é tão alto quanto eu, uma peça redonda e lisa de arenito. O rio o gira, o que é bom, pois eu não conseguiria. Você precisa ser muito cuidadoso, ter

o toque mais delicado. Ele come o metal, e também o aquece, então, se sua concentração se perder por uma fração de segundo, você perde a têmpera, e a espada se curvará como uma barra de chumbo. Mas sou um verdadeiro artista com o rebolo. Eu enrolo um cachecol três vezes ao redor do nariz e da boca para não engasgar com a poeira e uso luvas grossas, porque, se você tocar na pedra quando está girando à máxima velocidade, ela arrancará sua pele até o osso antes que consiga se afastar. Quando está amolando, você se vê no olho de uma tempestade de faíscas brancas e douradas. Elas queimam sua pele e incendeiam sua camisa, mas você não pode deixar que pequenas coisas como essas o distraiam.

Tudo o que eu faço demanda total concentração. Provavelmente é por isso que faço este trabalho.

Não faço acabamentos elegantes. Eu digo: “Se você quer um espelho, compre um espelho.” Mas minhas lâminas recebem e mantêm um fio com o qual você pode se barbear e formam um círculo.

— Isso é mesmo necessário? — perguntou ele enquanto eu travava o espigão no torno.

— Não — respondi, e estendi a mão na direção da alavanca.

— É que, se você a quebrar, terá de começar do zero, e eu quero avançar.

— A melhor já feita — lembrei a ele, que anuiu de má vontade.

Para esse trabalho, eu uso uma alavanca de volutas. É uma espécie de garfo gigantesco usado para curvar metal, se essa é a sua ideia de uma vida útil e produtiva. Eu preciso de toda a minha força (e não sou fraco) apenas para fazer um teste que pode muito bem destruir a coisa que tem sido minha vida e minha alma pelos últimos dez dias e noites, algo que o cliente pouco valoriza e que me deixa nauseado. Mas tem de ser feito. Você curva a lâmina até a ponta tocar o torno e a solta com cuidado. Você a tira do torno, coloca na base perfeitamente reta e lisa da bigorna. Fica de joelhos, procurando por um fiapo de luz entre a beirada da lâmina e a bigorna. Caso veja, a lâmina vai para o lixo.

— Venha e olhe você mesmo — chamei.

Ele se abaixou ao meu lado.

— O que exatamente estou procurando?

— Nada. Não há nada. Essa é a ideia.

— Eu posso me levantar, por favor?

Perfeitamente reta, tão reta que nem mesmo a luz consegue se enfiar por um espaço. Eu odeio todos os passos até a perfeição, o esforço, o barulho, o calor e a

poeira, mas quando você chega lá, fica feliz por estar vivo.

Deslizei cabo, punho e botão sobre o espigão, fixei a lâmina na morsa e trabalhei a extremidade do espigão, transformando-a num elegante botãozinho. Depois tirei a espada do torno e a ofereci a ele pelo punho.

— Feito — disse.

— Pronta?

— Pronta. Toda sua.

Eu me lembro de um garoto para quem fiz uma espada, o filho de um barão, dois metros e dez e forte como um touro. Dei a ele a espada concluída; ele a empunhou com firmeza, depois a girou acima da cabeça e baixou com toda a força na ponta da bigorna. Ela arrancou um pedaço e ricocheteou trinta centímetros no ar, mas manteve a beirada incólume. Então eu o soquei, lançando-o para o outro lado da sala. "Seu palhaço", eu disse, "olhe o que você fez com a minha bigorna". Quando ele se levantou, estava em lágrimas. Mas eu o perdoei, anos depois. Há uma empolgação quando você segura uma boa espada pela primeira vez; ela meio que puxa suas mãos, como um cachorro querendo passear. Você quer fazê-la assoviar e acertar coisas. No mínimo, quer fazer alguns movimentos de ataque e defesa, a pretexto de verificar o equilíbrio e a empunhadura.

Ele a pegou como se eu tivesse lhe entregado uma lista de compras.

— Obrigado — disse ele.

— O prazer foi meu — retruquei. — Bem, adeus. Você pode ir agora — acrescentei quando ele não se moveu. — Estou ocupado.

— Tem mais uma coisa.

Eu já dera as costas a ele.

— O quê?

— Eu não sei usá-la.

Ele me contou que nasceu num celeiro na charneca com vista para a casa do pai, ao meio-dia de um dia no auge do verão. Sua mãe, que deveria ter mais bom senso, insistira em sair com a ama no carrinho de cães para levar o almoço para o grupo de falcoeiros. Começou a sentir as dores, e não havia tempo de voltar para casa, mas o celeiro estava ali, cheio de feno limpo, com um riacho próximo. O pai, voltando para casa com o falcão no pulso, a viu desde a trilha, deitada no feno com o bebê no colo. Disse que tivera um bom dia. Haviam conseguido quatro pombos e uma garça.

Seu pai não queria ir para *Ultramar*, mas ele acompanhava o duque, e o

duque estava indo, então realmente não teve escolha. O duque acabou morrendo de febre do campo uma semana após terem desembarcado. O pai do garoto durou nove meses, e então foi morto, pelo melhor amigo, numa briga sem sentido numa taberna. Tinha vinte e dois anos quando morreu.

— A mesma idade que eu tenho agora — disse o garoto.

— Essa é uma história triste — disse a ele. — E muito idiota. Veja bem, todas as histórias de *Ultramar* são idiotas, se quer minha opinião.

Ele olhou feio para mim.

— Talvez haja idiotice demais no mundo — falou. — Talvez eu queira fazer algo quanto a isso.

Eu anuí.

— Você poderia reduzir a quantidade consideravelmente se morresse, concordo, mas talvez seja um preço alto demais a pagar.

Os olhos dele eram frios e brilhavam.

— O homem que matou meu pai ainda está vivo. Está assentado e é próspero, feliz, tem tudo que poderia querer. Ele sobreviveu ao pesadelo de *Ultramar*, e agora o mundo novamente faz sentido para ele, que é um membro útil e produtivo da sociedade, admirado e respeitado por seus pares e aqueles acima dele.

— Então você vai cortar a garganta dele.

Ele balançou a cabeça.

— Improvável. Isso seria assassinato. Não, eu vou lutar com ele espada contra espada. Vou derrotá-lo e provar que sou melhor. Depois o matarei.

Fiquei diplomaticamente calado por um momento. Depois, falei:

— E você não sabe absolutamente nada sobre luta com espada?

— Não. Meu pai teria me ensinado, é o que os pais fazem. Mas ele morreu quando eu tinha dois anos de idade. Nem sei como começar.

— E vai desafiar um antigo soldado e provar ser o melhor? Entendo.

Ele estava me olhando nos olhos. Eu sempre fico desconfortável quando as pessoas fazem isso, embora passe minha vida encarando o metal branco de tão quente.

— Eu perguntei sobre você — disse. — Dizem que você era um grande espadachim.

Eu suspirei.

— Quem lhe disse isso?

— Você era?

— “Era” implica uma situação que já não se aplica — retruquei. — Quem lhe

falou sobre mim?

Ele deu de ombros.

— Amigos de meu pai. Aparentemente, você era uma lenda em *Ultramar*. Todos ouviram falar de você.

— A característica que define uma lenda é não ser verdadeira — retruquei. — Eu consigo lutar, um pouco. O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Você vai me ensinar.

Lembro-me de uma vez, em *Ultramar*, em que estávamos arrasando uma aldeia. Nós fazíamos muito isso. Eles chamavam de *chevauchee*, mas essa não passa de uma expressão cavalheiresca para queimar celeiros e pisotear galinhas. Isso deveria quebrar a disposição de luta do inimigo. Curiosamente, tem o efeito oposto. Seja como for, eu estava nessa fazenda. Tinha um archote na mão e ia incendiar o fardo de feno, como se faz. E havia um cachorro. Era uma coisinha idiota, do tipo que você mantém para pegar ratos, pouco mais que um rato ele mesmo, e pulou sobre mim, latindo loucamente, enfiou os dentes na minha perna e simplesmente não largava, e eu não conseguiria acertá-lo com minha faca, não sem me esfaquear no processo. Larguei o archote e saí dançando pela fazenda, tentando esmagá-lo nas paredes, mas ele parecia não ligar. Era uma coisinha ridícula e, no final, me derrotou. Entrei na passagem cambaleando, e ele soltou, saiu e voltou correndo para o pátio. Meu sargento teve de acender o fardo com uma flecha incendiária, e eu nunca me recuperei do vexame.

Olhei para ele. Reconheci a expressão em seu rosto rosado e bobo.

— É mesmo? — perguntei.

— Sim. Eu preciso da melhor espada e do melhor professor. Eu pagarei. Você pode ficar com a quinta moeda.

Um besante de ouro. Na verdade, o nome correto é *hyperpyron*, que significa “extra bom”. O inimigo tomou tantos de nós em *Ultramar* que o adotou no lugar de sua própria moeda. Isso é a guerra: o inimigo se transforma em você, e você se transforma no inimigo, como as varas de ferro e aço sob o martelo. Os únicos besantes que existem aqui são aqueles que foram trazidos de volta, mas eles valem em qualquer lugar.

— Não estou interessado em dinheiro — falei.

— Eu sei. Nem eu. Mas se você paga a um homem, e ele pega seu dinheiro, fica obrigado a fazer o trabalho.

— Sou um péssimo professor — insisti.

— Tudo bem, eu sou um estudante lamentável. Vamos nos dar bem como fogo num celeiro.

Se, um dia, eu tiver um cachorro, será um daqueles *terriers* parecidos com ratos. Talvez eu apenas goste de criaturas agressivas, não sei.

— Pode pegar sua moeda e enfiá-la onde o sol não brilha — disse a ele. — Você me pagou demais pela espada. Vamos chamar isso de troco.

A espada não é uma arma muito boa. A maioria dos tipos de armadura resiste a ela — incluindo um colete devidamente estofado — é comprida demais para ser prática num tumulto e leve e fina demais para agredir seriamente. Numa batalha encarniçada, sempre me dê uma lança ou um machado; de fato, nove em dez vezes você estará mais bem armado com ferramentas de fazenda comuns, foices, ganchos, ancinhos, desde que sejam feitos de materiais bons e devidamente temperados. Melhor ainda, me dê um arco e alguém numa armadura atrás de quem me esconder. A melhor visão que um homem pode ter de um campo de batalha é ao longo de uma flecha, sob a axila do lanceiro. Para defesa pessoal na estrada, eu prefiro o bastão de luta; na rua ou num ambiente fechado, onde há pouco espaço para se mover, a faca com a qual você corta seu pão e descasca suas maçãs é tão boa quanto qualquer outra coisa. Para começar, você está acostumado com ela e sabe onde pegá-la no seu cinto sem precisar olhar.

As únicas coisas em que uma espada é realmente boa são lutas com espadas — o que, na prática, significa duelar, que é uma idiotice e contra a lei, ou esgrima, que é brincar de luta, uma boa diversão da qual ninguém sai ferido, mas que não é realmente minha ideia de entretenimento — e tentativas de se exibir. Desnecessário dizer que esse é o motivo pelo qual todos fomos para *Ultramar* com espadas nos quadris. Alguns de nós tínhamos belas espadas novas, os mais sortudos tinham espadas bem velhas, heranças de família, valendo quatrocentos hectares de boa terra, com construções, gado e trabalhadores. A questão é — não diga que eu contei — que as velhas espadas não são necessariamente as melhores. Havia ainda menos aço de qualidade há duzentos anos, e os homens eram mais fortes, de modo que as espadas antigas são mais pesadas, difíceis de usar, mais largas e com pontas arredondadas para cortar, não perfurar. Não que importasse. A maioria daqueles jovens aventureiros morreu com essas merdas todas antes que o sol do deserto tivesse a oportunidade de desbotar as roupas com as quais chegaram, e suas espadas foram vendidas para pagar as refeições que haviam feito. Era possível fazer algumas belas barganhas na época em *Ultramar*.

— Eu não sei ensinar — disse. — Nunca fiz isso. Então vou ensinar do modo como meu pai me ensinou, porque é o único que conheço. Tudo bem?

Ele não reparou em mim pegando o ancinho.

— Tudo bem — disse.

Então, tirei a cabeça do ancinho, estava sempre solta, e o atingi com o cabo.

Eu me lembro muito bem da minha primeira aula. A principal diferença é que meu pai usou um esfregão. Primeiro me acertou na barriga, com força, com uma extremidade. Quando me curvei, tentando respirar, ele bateu na minha patela, e então eu caí. Depois colocou a ponta do cabo do esfregão na minha garganta e aplicou uma pressão controlada.

Eu mal conseguia respirar.

"Você não saiu do caminho", explicou ele.

Eu tinha cinco anos quando recebi minha primeira lição, e podia ser jogado no chão mais facilmente que um homem crescido. Tive de bater no lado de dentro do joelho para conseguir derrubá-lo. Quando o garoto finalmente recuperou o fôlego, vi que estava chorando, com lágrimas grossas.

— Você não saiu do caminho — expliquei.

Ele olhou para mim e limpou o nariz com as costas da mão.

— Entendo.

— Você não cometerá esse erro novamente. A partir de agora, sempre que outro ser humano estiver perto o bastante para acertá-lo, você irá supor que ele fará isso. Você manterá distância ou estará pronto para evitá-lo numa fração de segundo. Entendeu?

— Acho que sim.

— Sem exceções. Nenhuma, nunca. Seu irmão, seu melhor amigo, sua esposa, sua filha de seis anos de idade, não faz diferença. Do contrário, você nunca será um combatente.

Ele me encarou por um momento e achei que tinha entendido. Foi como aquele momento na antiga peça em que o diabo oferece o contrato ao acadêmico, e o acadêmico o assina.

— Levante-se.

Eu o acertei novamente enquanto ele estava levantando. Foi uma batida leve na clavícula, apenas o suficiente para causar uma dor infernal sem quebrar nada.

— Isso tudo é para meu próprio bem, entendo.

— Ah, sim. Esta é a lição mais importante que você irá aprender.

Nós passamos as quatro horas seguintes trabalhando os pés; as paralelas, que são para trás e para a frente, e as transversas, de um lado para o outro. Cada vez que eu o acertava, usava um pouco mais de força. Ele acabou conseguindo.

Meu pai não era um homem mau. Ele amava muito a sua família, de todo o coração; nada era mais importante para ele. Mas ele tinha uma natureza levemente, digamos, bizarra — como o ponto frio ou a contaminação que às vezes se tem numa forja, quando o metal não estava quente o bastante ou quando um pouco de fuligem, ou sujeira, é martelado na mistura. Ele gostava de machucar pessoas; isso lhe dava prazer. Apenas pessoas, não animais. Ele era um bom criador e um caçador humano e consciente, mas gostava muito de bater nas pessoas e fazê-las berrar.

Eu consigo entender isso, em parte porque sou igual, embora em menor grau e com melhor controle. Talvez sempre tenha estado no sangue, ou talvez seja um suvenir de *Ultramar* — ambos, provavelmente. Eu explico isso em termos de fundição. Você pode esquentar o metal até ficar branco, mas não pode simplesmente colocar um pedaço em cima do outro e esperar que eles se fundam. Você tem de bater neles para fazer a fusão. Cuidadosa e criteriosamente, não com força demais, nem suave demais. Apenas o bastante para fazer o metal chorar, derramar centelhas. Mas eu odeio quando eles caem em lágrimas. Isso me faz desprezá-los, e tenho dificuldade em controlar meu temperamento. Seja como for, você pode entender por que gosto de ficar longe do caminho das pessoas. Sei o que há de errado comigo, e conhecer as próprias falhas é o ponto de partida da sabedoria. Sou meio que um espadachim às avessas. Eu fico bastante fora de alcance, em parte para que as pessoas não me acertem, mas sobretudo para que eu não possa acertá-las.

Assim que você aprende o trabalho de pés, o resto é relativamente fácil. Ensinei a ele os oito cortes e as sete defesas (eu me limito a sete; as outras quatro são apenas variações). Ele aprendeu depressa, tendo entendido a essência: “não deixe que ele o machuque”, seguido por “elimine os riscos”.

— A melhor forma de eliminar os riscos é machucar o outro — disse a ele. — A dor irá paralisá-lo. Nem sempre a morte consegue isso. Você pode furar um homem além de qualquer esperança de vida, mas ele ainda pode machucá-lo muito antes de cair no chão, mas, se o paralisar com dor, não será mais uma ameaça. Você então pode acabar com ele ou deixá-lo partir, como preferir.

Eu demonstrei. Superei a guarda dele e o acertei na barriga com meu cabo de ancinho; um golpe letal, mas ele permaneceu de pé. Então eu o golpeei no joelho, e ele caiu.

— Matar é irrelevante — disse a ele. — A dor vence lutas. A não ser que você queira de todo o coração cortá-lo até o umbigo, e isso não passa de melodrama, o que fará com que seja morto. Numa batalha, machuque-o e passe

para a ameaça seguinte. Num duelo, vença e seja misericordioso. Há menos problemas legais agindo desse modo.

Eu estava gostando bastante de ser um professor, como você provavelmente percebeu. Estava transmitindo conhecimento e habilidades valiosas, o que é, em si, recompensador. Estava me exibindo e golpeando um irritante fruto da nobreza para seu próprio bem. Como não gostar?

Você aprende melhor quando está exausto, desesperado e sentindo dor. *Ultramar* me ensinou isso. Eu o mantinha em ação do nascer ao pôr do sol, e então acendíamos a lamparina e estudávamos teoria. Ensinei a ele a linha e o círculo. Instintivamente, luta-se subindo e descendo uma linha. Avançando para atacar, recuando para se defender; evasão, depois investida, depois evasão. Tudo errado. Idiota. Em vez disso, você deve lutar num círculo, deslocando-se de lado, para evitar o oponente e poder atingi-lo ao mesmo tempo. Nunca apenas se defenda; sempre contra-ataque. Cada golpe de mão seu deve ser um golpe mortal ou um golpe de contenção. E para cada movimento da mão, um movimento de pé: aí está, acabei de lhe ensinar todo o segredo e o mistério da esgrima, e não precisei acertá-lo uma só vez.

— A maioria das lutas em que pelo menos uma das partes é competente dura de um a quatro segundos — disse a ele, dando-lhe a chance de limpar o sangue dos olhos antes de avançarmos. — Qualquer coisa a mais é tema para poemas épicos.

Julgando que ele ainda não estava pronto, disparei um rápido *mandiritto* na lateral da cabeça. Ele recuou e saiu do alcance sem pensar, e meu coração se empolgou enquanto eu dava um passo lateral em resposta no tempo exato e fechava a porta com a terceira defesa. Até então, ele não me acertara uma só vez, o que era um pouco decepcionante, mas chegara perto quatro vezes, em seis horas. De fato, muito promissor. Ele só carecia do instinto assassino.

— A quinta defesa — continuei, e ele arremeteu. Eu quase não a identifiquei, porque ele disfarçara o Dente do Javali como o Portão de Ferro; só pude desviar muito rapidamente e arrancar o bastão das mãos dele. Então o golpeei, por me interromper enquanto eu falava. Por muito pouco ele não saiu do alcance, mas eu queria acertá-lo, por isso ele não conseguiu.

Ele teve de se levantar do chão depois disso. Dei um longo passo para trás para indicar uma trégua.

— Acho que é hora de um relatório de evolução — falei. — No momento, você de fato é bastante bom. Não o melhor do mundo, porém mais do que capaz de derrotar noventa e nove de cem homens. Gostaria de parar agora e evitar mais dor e humilhação?

Ele se levantou lentamente e limpou o olho cortado.

— Eu quero ser o melhor. Se não for um problema — respondeu ele.

Eu dei de ombros.

— Não acho que você possa ser — disse a ele. — Para ser o melhor, você tem de perder muito. Simplesmente não vale a pena. Ser o melhor o transformará num monstro. Limite-se a ser apenas bom e você será muito mais feliz.

Ele era uma visão lamentável, cheio de cortes e hematomas. Ainda assim, sob todo o sangue e o tecido descorado, havia um garoto bonito e esperançoso.

— Acho que gostaria de continuar mais um pouco, caso não se importe.

— Fique à vontade — falei, e deixei que ele pegasse seu bastão.

Na verdade, ele me lembrou muito eu mesmo quando tinha aquela idade.

Eu era um garoto presunçoso e irritante quando fui para *Ultramar*. Sempre soube que não ficaria com a terra, tendo irmãos mais velhos com boa saúde. Provavelmente sempre me ressenti disso. Acho que teria dado um bom fazendeiro. Sempre fui aquele que não tinha medo de trabalho duro, que via a necessidade de fazer as coisas — não amanhã, quando tivéssemos cinco minutos ou quando parasse de chover, mas agora, agora mesmo, antes que a cumeeira quebre e o celeiro desabe, antes que os mourões da cerca se partam e as ovelhas saiam para a charneca, antes que a aveia estrague no pé, antes que a carne apodreça no calor, agora, enquanto ainda há tempo, antes que seja tarde demais. Em vez disso, eu vi o lugar gradualmente cair aos pedaços, e o declínio e a decadência são tão pacificamente graduais; o mato leva tanto tempo para crescer em meio às pedras que é imperceptível, portanto não ameaçador. Mas meu pai e meus irmãos não partilhavam minha visão. Eu estava ansioso para me afastar deles. Queria pegar uma espada e cortar uma fatia grossa do mundo para mim. Há terra boa em *Ultramar*, me disseram, só era preciso um pouco de trabalho duro e poderia ser a melhor do mundo.

A melhor; esse é um conceito que se exibiu na minha frente, imediatamente fora do alcance, durante minha vida inteira. Agora, claro, eu sou o melhor, num canto pequeno de uma habilidade específica. Estou preso, fincado em meu próprio destaque, como uma viga caída sobre sua perna numa casa em chamas.

Mas deixe para lá. Eu fui para *Ultramar* pretendendo ser fazendeiro. Quando cheguei lá, encontrei o que restava após setenta anos de constantes *chevauchees* recíprocos. Reconheci imediatamente. Era o que iria acontecer à terra do meu pai, mas num macrocosmo. Todos os celeiros caídos, todas as cercas derrubadas, todas as colheitas estragadas, urzes e urtigas até a altura do pescoço em todos os bons pastos; os efeitos de paz e da preguiça acelerados e forçados (como você

força colheitas precoces sob palha) pela ação puramente instrumental das guerras. Cortar para mim um pedaço *daquilo*?, disse a mim mesmo. Por que eu iria querer aquilo, inferno? Então, em vez disso, comecei a machucar pessoas.

E a questão é que, se você faz isso na guerra, eles o elogiam. Estranho, mas verdade.

Na guerra, as possibilidades são tantas que você pode se permitir ser seletivo. Pode se permitir se limitar a machucar os inimigos, dos quais há muitos, e mais o dobro assim que você tiver terminado o que tem no prato. Eu sobrevivi em *Ultramar* porque estava vivendo o melhor momento da minha vida, durante algum tempo.

A coisa estranha com os fazendeiros é que eles adoram sua terra, seu gado e suas construções, cercas, árvores, mas dê a eles a oportunidade de arrasar a terra de outro, matar seu gado, queimar suas construções, derrubar suas cercas, agredir suas árvores e, depois de um breve momento de relutância, eles farão isso com vontade. Acho que é apenas uma vingança básica; tome essa, agricultura, agora você vai aprender. Voluntários para um *chevauchee*? Minha mão se erguia antes que eu tivesse tempo de pensar.

E então fiz algo ruim e tive de vir para casa. Chorei quando eles anunciaram a sentença. Desprezo homens que choram. Eles me disseram que eu seria poupado da forca em reconhecimento pelos meus anos de serviço corajoso e honrado. Eu não penso assim. Acho que eles estavam apenas sendo muito, muito perversos.

Chegou um momento, muito repentino e inesperado, quando acabou e eu tive sucesso. Eu fui acertá-lo com uma finta alta seguida por um ataque baixo, e ele não estava lá para ser atingido, então minha orelha ardeu terrivelmente, e enquanto eu estava confuso e distraído pela dor ele me acertou na boca do estômago com o cabo do esfregão.

Ele não era como eu. Deu um longo passo para trás e deixou que eu me recuperasse.

— Lamento — disse ele.

Passou um bom tempo até que eu recuperasse o fôlego e dissesse:

— Não, não se desculpe, seja lá o que fizer.

Depois, assumi a posição da primeira defesa.

— Novamente.

— Mesmo?

— Não seja um maldito idiota. Novamente.

Deixei que ele fosse para cima de mim, porque atacar é muito mais difícil. Eu

o li como a um livro, girei facilmente para dar um golpe transverso e a devastadora *volte*, minha especialidade, e ele me acertou no cotovelo quando passei por ele, desajeitado, e me atingiu na base da coluna pouco antes de eu me desequilibrar e cair.

Ele me ajudou a levantar.

— Acho que estou começando a pegar o jeito — disse.

Eu fui para cima. Queria bater nele, mais do que já quis qualquer coisa. Não consegui chegar perto dele, que continuava a me acertar, suavemente, só para demonstrar. Após umas doze tentativas, eu caí de joelhos. Toda a minha força escorrera de mim, como se uma de suas cutucadas suaves tivesse perfurado meu coração.

— Eu desisto — disse. — Você venceu.

Ele estava olhando para mim com a testa estranhamente franzida.

— Não estou entendendo.

— Você me derrotou — falei. — Você agora é o melhor homem.

— Mesmo?

— O que você quer, um maldito certificado? Sim.

Ele anuiu devagar.

— O que faz de você o melhor professor de todos os tempos — disse ele. — Obrigado.

Joguei fora o cabo do ancinho.

— Por nada — falei. — Agora vá embora. Já acabamos um com o outro.

Ele continuava olhando para mim.

— Então eu sou mesmo o melhor espadachim do mundo?

Eu ri.

— Isso eu não sei, mas você é melhor que eu. Isso faz de você um espadachim realmente muito bom. Espero que esteja satisfeito, porque, no que me diz respeito, este foi um exercício muito sem sentido.

— Não — retrucou. Seu tom de voz me fez olhar para ele. — Tudo isso tinha um propósito, não esqueça.

Eu de fato havia me esquecido, brevemente.

— Ah, sim, é para que você possa matar o homem que assassinou seu pai — disse. Balancei a cabeça. — Você ainda quer fazer isso.

— Ah, sim.

Suspirei.

— Eu esperava ter conseguido enfiar algum bom senso na sua cabeça. Vamos lá, você deve ter aprendido alguma coisa. Pense. O que isso pode lhe render?

— Fará com que me sinta melhor — respondeu.

— Certo. Eu não acho que fará. Matei Deus sabe quantas pessoas, todas elas inimigas, e, acredite em mim, isso nunca faz com que você se sinta melhor. Apenas o endurece, assim como forjar as beiradas.

Ele sorriu.

— E o duro é frágil, sim, eu sei. Posso lhe garantir que não deixei passar essa metáfora ampliada.

Já não doía tanto, e eu estava respirando quase normalmente.

— Bem, acho que é algo que você precisa eliminar do seu sistema para seguir em frente com a vida. Vá em frente, e boa sorte.

Ele sorriu para mim, desajeitado.

— Então tenho a sua bênção?

— É uma forma muito idiota de colocar as coisas, mas, se é o que você quer, então sim. Eu lhe dou minha bênção, meu filho. Aí está, é o que você queria?

Ele riu.

— Como um pai você foi para mim por um breve tempo — disse ele, numa citação de alguma coisa, embora eu não conseguisse identificar. — Você acha que posso derrotá-lo?

— Não vejo por que não.

— Nem eu — devolveu ele. — É sempre mais fácil da segunda vez.

Não sou particularmente lento para compreender algo, não em geral. Mas admito que demorei um momento. E nesse momento ele falou.

— Você nunca perguntou meu nome.

— E qual é?

— Meu nome é Aimeric de Peguilhan. Meu pai era Bernhart de Peguilhan. Você o assassinou numa briga em *Ultramar*. Esmagou o crânio dele com uma garrafa de pedra quando estava de costas — disse. Largou o cabo do esfregão. — Espere aqui. Vou pegar as espadas e volto logo.

Eu estou contando esta história, então você sabe o que aconteceu.

Ele tinha a melhor espada já feita, eu lhe ensinara tudo o que sabia, e ele, no fim, era melhor do que eu; ele sempre fora melhor do que eu, exatamente como o pai. Quase todos são melhores que eu, na maioria dos aspectos. Uma coisa na qual ele me superava era sua falta de instinto assassino.

Mas ele sustentou uma bela luta, tenho de admitir. Eu gostaria de ter podido ver aquela luta em vez de participar dela; nunca houve melhor entretenimento, e tudo desperdiçado, porque não havia ninguém para ver. Você perde a noção do

tempo, mas meu palpite é que nós lutamos por pelo menos cinco minutos, o que é uma eternidade, e nunca houve nenhuma diferença entre nós. Era como lutar contra a própria sombra ou seu reflexo no espelho. Eu lia a mente dele, ele lia a minha. Para continuar com a cansativa metáfora estendida, era a fundição no seu auge. Bem, eu relembro isso nesses termos do mesmo modo como me lembro de meu melhor trabalho concluído, com prazer assim que termina, mas odiando cada minuto daquilo enquanto o estou fazendo.

Quando acordo no meio da noite coberto de suor, digo a mim mesmo que venci porque ele pisou numa pedra e torceu o tornozelo, e o minúsculo átomo de vantagem foi suficiente. Mas isso não é verdade. Sinto vergonha de dizer que o derrotei honestamente, por minha disposição e pelo simples desejo de vencer, o instinto assassino. Criei uma pequena oportunidade simulando um erro. Ele acreditou em mim e foi enganado. Foi apenas uma minúscula oportunidade, sem margem de escolha, uma fração de segundo em que a garganta dele ficou exposta e pude chegar a ela para fazer um corte fino com a ponta, o que chamamos de *stramazone*. Cortei a garganta dele e saltei para trás para não me sujar. Então o enterrei no vazadouro, junto com os ossos de porco e a merda da casa.

Ele devia ter vencido. Claro que devia. Era basicamente um bom garoto, e, se tivesse vivido, provavelmente teria ficado bem, mais ou menos, não pior que meu pai, pelo menos, e sem dúvida bem melhor que eu. Gosto de dizer a mim mesmo que ele morreu tão rápido que nunca soube que perdeu.

Mas, no fim das contas, provei ser o melhor, que é o que interessa na luta de espadas. É um teste simples e infalível, e ele falhou, e eu passei. O melhor homem sempre vence, porque a definição de “melhor” é “ainda vivo no final”. Sinta-se à vontade para discordar, mas você estará errado. Eu odeio isso, mas é a única definição que faz algum sentido.

Todas as manhãs, tusso fuligem negra e lama cinza, presentes do fogo e do rebolo. Ferreiros não vivem muito. Quanto mais duro você trabalha, quanto melhor se torna, mais pó venenoso você respira. Meu destaque será a minha morte algum dia.

Vendi a espada dele para o duque de Scona, já esqueci por quanto. Foi um enorme volume de dinheiro, de qualquer forma, mas o duque disse que queria a melhor, e recebeu aquilo pelo que pagou. Meu barril de ouro agora está quase cheio. Não sei o que farei quando o nível chegar ao topo. Algo idiota, provavelmente.

Eu posso ter todas as outras falhas do mundo, mas pelo menos sou honesto. Você tem de reconhecer isso.

ROBIN HOBB

A autora é uma das escritoras de fantasia mais populares da atualidade, com muitos títulos na lista de mais vendidos do *New York Times*. Seu trabalho mais conhecido é a "Saga do Assassino", uma trilogia de fantasia épica já publicada pela editora LeYa, mas Robin também escreveu duas outras séries pertencentes ao mesmo universo: "Os Mercadores de Navios-Vivos", cujo segundo volume, *O navio insano*, será lançado em 2018, e "The Rain Wild Chronicles", ainda sem tradução no Brasil. Além disso, Robin já lançou as séries "Soldier Son" e "Tawny Man" e deu início à publicação da trilogia "Fitz and the Fool".

Robin Hobb é um pseudônimo, mas a autora também publica sob seu nome verdadeiro, Megan Lindholm, tendo lançado títulos como *Wizard of the Pigeons*, *Harpy's Flight*, *The Windsingers*, *The Limbreth Gate*, *Luck of the Wolves*, *The Reindeer People*, *Wolf's Brother*, *Cloven Hooves*, *Alien Earth* e *The Gypsy*, em colaboração com Steven Brust. Seu livro mais recente, *The Inheritance and Other Stories*, é uma "parceria" com o próprio pseudônimo, Robin Hobb.

No conto a seguir, FitzCavalaria Visionário visita uma aldeia invadida durante as Guerras dos Navios Vermelhos. Lá, os aldeões se deparam com escolhas muito difíceis, nenhuma delas boa — e algumas piores que as outras.

A ESPADA DO PAI

Robin Hobb

Sentindo os músculos enrijecidos pelo frio, Taura mudou de posição para se acomodar melhor na plataforma de observação — chamar aquelas duas toras estreitas presas a uma árvore por alguns galhos de “torre de observação” era elogio, e suas costas e nádegas ficariam mais felizes numa superfície plana. Acocorando-se, ela verificou outra vez o céu: quando a lua estivesse acima do morro do Ponto da Última Chance, seu turno teria acabado, e Kerry viria substituí-la. Pelo menos na teoria.

Tinha recebido a tarefa de vigiar o ponto de entrada com menor chance de ser atacado. A árvore em que a plataforma se apoiava dava para uma estradinha que levava até o mercado da aldeia de Elevado, onde os aldeões vendiam seus peixes, e dificilmente um assalto viria daquela direção — os Forjados tinham arrancado muitas pessoas de suas casas e levado todas até a praia, num ponto além de onde jaziam os barcos incendiados e as grelhas de defumação de peixes, já saqueadas. Um garoto que se atrevera a seguir a mãe sequestrada voltara com o relato de que os bandidos forçaram os moradores a entrar em botes, que os levaram até um navio de casco vermelho ancorado ali próximo. Os aldeões tinham navegado para o mar, mas só voltariam boiando em meio às ondas.

Taura tinha visto a procissão dos aldeões sequestrados dali do esconderijo no grande salgueiro com vista para o cais. Os salteadores não pareciam se importar com quem estavam levando, já que entre os aldeões estavam o velho Pa Grimby; Salal Greenoak, com seu bebê; os pequenos gêmeos Bodby; além de Kelia, Rudan e Cope. E também vira o pai ser levado, urrando e cambaleando, com o rosto coberto de sangue. Conhecia de nome quase todos os cativos, já que Abrigo dos Defumadores não era uma aldeia grande, com apenas cerca de seiscentos habitantes.

Bem, isso era no passado. Antes do ataque.

Quando o ataque acabou, depois de extinguirem os focos de incêndio, Taura fora ajudar a empilhar os corpos. Tinha parado de contar quando chegara a quarenta, e aquela era só a pilha para a pira que levantaram na extremidade sul da aldeia; tinham erguido mais uma perto do cais flutuante — não, o cais não flutuava mais. Ele agora se resumia a estacas chamuscadas despontando da água,

perto dos barcos de pesca afundados — inclusive o de seu pai — que compunham a pequena frota da aldeia. Tudo tinha mudado tão rápido que era difícil lembrar. Mais cedo, naquela mesma noite, Taura cogitara ir depressa até em casa para pegar um manto mais quente; até lembrar que a casa era agora uma pilha de cinzas molhadas e tábuas enegrecidas. E não era a única: as cinco casas adjacentes também foram incendiadas, assim como dezenas de outras. Até o casarão de dois andares dos Kelp, que ainda nem tinha sido terminado, virara uma pilha de madeira fumegante.

Taura se remexeu outra vez, em busca de uma posição confortável, e sentiu algo cutucar seu traseiro. Estava sentada em cima do apito — recebera um porrete e um apito do conselho da aldeia, para o caso de ver alguém se aproximando. Bastava apitar duas vezes que a força "armada" da aldeia viria lhe socorrer, portando bastões, machados e croques. E Jelin também, empunhando a espada do pai dela. Mas e se ninguém viesse quando ela apitasse? Bem, aí tinha o porrete. Até parece que desceria da árvore para tentar bater em alguém. Como se conseguisse bater em gente que conhecia desde criança.

Começou a ouvir um trote ritmado. Seria um cavalo se aproximando? Já passara um bom tempo desde o pôr do sol, mas mesmo assim não era comum aparecerem viajantes em Abrigo dos Defumadores, não importava a hora ou a época do ano. Só os compradores de peixes é que apareciam no fim do verão, querendo comprar a pesca do outono. Mas no inverno, e ainda por cima depois de escurecer? Quem viria para aqueles lados? Tentando enxergar na escuridão, Taura encarou a estreita faixa de terra batida que atravessava as colinas arborizadas até Elevado.

Um sujeito a cavalo vinha pela estrada; um cavaleiro solitário com uma trouxa apoiada no cepilho da sela e dois cestos grandes atrás, um de cada lado. A trouxa se remexeu e começou a choramingar, e os resmungos logo se elevaram a um berreiro — o choro de uma criança desesperada.

Taura apitou uma só vez, dando o sinal de que algo possivelmente perigoso se aproximava. O cavaleiro parou e olhou na direção da plataforma onde ela estava, mas nem fez menção de puxar um arco. Na verdade, parecia estar muito ocupado tentando acalmar a criancinha. Taura se levantou, alongou um pouco as costas para aliviar a rigidez dos músculos gelados e desceu da árvore. Quando chegou ao solo, Marva e Carber já tinham aparecido. Assim como Kerry, já bem atrasado para assumir o turno de vigia. Eles ficaram ali, parados, segurando lanças compridas e bloqueando a passagem do cavaleiro. Começaram a interrogar o sujeito, tentando se fazer ouvir por cima do berreiro da criança. Sob a luz das tochas, Taura viu que o cavaleiro era um jovem de cabelos e olhos

escuros vestido com um espesso manto de lã azul-turquesa. Ficou imaginando o que haveria nos cestos no lombo do cavalo.

Até que o cavaleiro enfim se pronunciou, com um grito:

— Alguém pode levar esta criança daqui? O menino disse que se chama Peevy e que a mãe dele é Kelia! Disse que morava em Abrigo dos Defumadores e me apontou o caminho. Ele é daqui?

— É o filho da Kelia! — exclamou Marva, aproximando-se para examinar a criança, que não parava de espernear e se debater. — Peevy! Peevy, sou eu, a prima Marva. Venha comigo! Venha.

Quando o homem começou a descer a criança do alto de sua montaria negra, Peevy se contorceu para lhe dar um soco, gritando:

— Eu te odeio! Me larga! Me larga!

Marva recuou no mesmo instante.

— O menino foi Forjado, não foi? Ah, minha boa Eda, o que vamos fazer? Peevy tem só quatro aninhos, é o único filho de Kelia! Ah, os salteadores devem tê-lo levado junto, quando sequestraram a mãe. Achei que o menino tinha morrido num dos incêndios!

— Ele não foi Forjado — afirmou o cavaleiro, um tanto impaciente. — Só está bravo porque eu não tinha comida. Por favor, tire ele daqui.

O garotinho chutava, batendo com os calcanhares no flanco do cavalo, e não parava de gritar, chamando pela mãe num berreiro um tanto incompreensível. Marva se aproximou, e levou alguns chutes antes de conseguir envolver Peevy nos braços.

— Peevy, calma, sou eu. Está tudo bem! Ah, meu bem, está tudo bem agora. Você está gelado! Tente se acalmar, que tal?

— Estou com fome! E com frio! — gritou o menino. Então começou a reclamar, naquela vozinha infantil e estridente: — Levei um monte de picadas de mosquito e cortei as mãos nas cracas. Mamãe me jogou para fora do barco! Ela me empurrou para fora, me jogou naquela água escura, nem ligou para mim! Eu gritei, mas o barco foi embora e me deixou lá. Aí as ondas começaram a me levar, e eu tive de subir nas pedras e depois me perdi na floresta.

Taura foi para perto de Kerry.

— Agora é o seu turno de vigia — lembrou.

— Eu sei — respondeu ele, encarando-a com desdém.

Ela deu de ombros. Deixara o aviso, mas não era seu trabalho verificar se Kerry faria a parte dele. Já cumprira com suas obrigações.

O recém-chegado desmontou e foi puxando o cavalo até a aldeia, como se

não tivesse dúvidas de que podia simplesmente ir entrando. Taura reparou que todos foram atrás, sem nem lembrar de questionar o sujeito. Bem, o homem não era um Forjado — nenhum Forjado teria ajudado uma criança.

O recém-chegado olhou com pena para o garotinho no colo de Marva.

— Isso que o garoto falou explica muita coisa — comentou, olhando para Carber. — Ele saiu correndo da floresta, parou bem na frente do meu cavalo, chorando e gritando por ajuda. Bom saber que ainda tem parentes vivos para ficar com ele. Sinto muito pelo ataque aqui na aldeia, vocês não foram os únicos. Picanço, mais acima, subindo a costa, foi atacada na semana passada. É para lá que eu estava indo.

— E quem é você? — perguntou Carber, desconfiado.

— Um pássaro mensageiro de Picanço chegou para o Rei Sagaz, e logo Sua Majestade me despachou para lá. Sou FitzCavalaria Visionário, e fui enviado para ajudar em Picanço. Mas não sabia que vocês também tinham sido atacados. Bem, não posso ficar muito tempo aqui, mas posso ajudar dizendo o que precisam fazer para revidar. — Ele levantou a voz para também ser ouvido pelas outras pessoas que vinham chegando, atendendo ao apito de Taura. — Posso ensiná-los a se defenderem dos Forjados, pelo menos até o ponto que a corte já aprendeu. — O homem olhou em volta, encarando aquele círculo de olhares atentos, então completou, com mais firmeza: — O rei me enviou para ajudar pessoas como vocês. Chamem todos da aldeia para uma reunião, mas não esqueçam de deixar vigias nos postos. Preciso falar com todos os locais. Os seus Forjados podem voltar a qualquer momento.

Carber parecia furioso:

— Enviamos uma mensagem ao nosso rei comunicando que estamos sendo atacados, que as pessoas estão sendo levadas pelos Navios Vermelhos, e ele nos manda só um homem?

— E ainda por cima um bastardo do Cavalaria* — concordou alguém. Talvez fosse Hedley, mas, no escuro, não dava para ter certeza.

As pessoas saíam das casas que ainda estavam inteiras e começavam a se juntar ao grupo que acompanhava o mensageiro e seu cavalo. O homem ignorou o insulto.

— O rei não me enviou para cá, e sim para Picanço. Desviei do meu caminho para trazer o garoto de volta. A estalagem continua de pé, depois do ataque? Uma refeição cairia bem, e preciso de um estábulo para o meu cavalo. Pegamos chuva na noite passada. Além disso, a estalagem seria um bom lugar para reunir os sobreviventes, para que todos ouçam o que tenho a dizer.

— Abrigo dos Defumadores não tem estalagem nem nunca teve. Não vem

muita gente para essas bandas. A estrada acaba bem aqui, na enseada. E os moradores todos dormem em suas próprias camas. — Carber se ofendia até por o sujeito pensar que a aldeia teria uma estalagem.

— Dormiam — retrucou Taura, baixinho. — Agora tem um monte de gente sem cama.

Onde dormiria naquela noite? Provavelmente na casa do vizinho. Jelin tinha oferecido um cobertor no chão perto da lareira. Sua mãe comentara que aquilo era generosidade demais, coisa de bons vizinhos, e Gef, seu irmão mais novo, concordara. Daí, quando Jelin pediu, os dois lhe deram a espada de seu pai. Como se lhe devessem isso só pela decência de ele ter oferecido abrigo. A espada era uma das poucas posses recuperadas do incêndio.

Quanto Taura descobriu, logo se pôs a protestar. Mas a mãe ralhou para que ficasse quieta e retrucou: “Seu irmão é novo demais para portar uma arma, e você nunca terá força para manejar uma espada. Melhor ela ficar com Jelin. Não esqueça o que seu pai dizia: temos que fazer o que for preciso para sobreviver, e não podemos ficar olhando para trás.”

Taura se lembrava bem de quando o pai disse aquilo. Para sobreviver a uma tempestade que os pegara desprevenidos, ele e os dois outros homens da tripulação jogaram toda a carga de peixes no mar, deixando a embarcação mais leve. Ela achava que tudo bem renunciar a algo de valor para conservar a própria vida, mas entregar o último pertence que tinham a um fanfarrão arrogante era completamente diferente. E a mãe dizia que ela nunca seria forte o bastante para empunhar a espada, mas não sabia que Taura já conseguia até levantá-la. Bem, só com ambas as mãos, mas da última vez tinha conseguido fazer alguns movimentos enquanto empunhava a espada, mesmo que meio desajeitados. Seu pai tinha rido um pouco, daquele seu jeito meio bruto.

— Você tem a bravura necessária, mas não os músculos. Uma pena. Seria muito útil ter um filho alto com esse seu gênio. — Então murmurou, olhando para Gef de soslaio: — Ou qualquer tipo de filho que tivesse um cérebro.

Mas Taura não era um filho nem tinha nascido alta e forte como o pai, e sim pequena como a mãe. Apesar de já ter idade para trabalhar no barco, o pai nunca a levara para o mar. Sempre dizia que era uma pena, mas no barco não tinha espaço para levar alguém que não pudesse trabalhar no convés.

E tinha ficado por aquilo mesmo. Só que alguns dias depois, naquele mesmo mês, o pai a deixou levantar outra vez a espada desembainhada. Taura conseguiu brandi-la duas vezes de um lado a outro, até que o peso da lâmina puxou a ponta para baixo.

E o pai tinha aberto um sorriso ao ver.

Mas seu pai não estava mais ali com eles — tinha sido levado pelos salteadores dos Navios Vermelhos. E Taura não tinha nada dele para guardar de lembrança.

Ela era a primogênita, e a espada deveria ser sua, não importava se conseguia ou não manejá-la. Só que as coisas foram se desenrolando de um jeito que Taura não teve nem como opinar. Depois de arrastar corpos até a pira, voltou para a casa de Jelin e deu de cara com a espada largada num canto, encostada à parede como se fosse uma vassoura! Ela, a mãe e Gef dormiriam no chão da casa de Jelin, e ele ficaria com o último item de valor da família. E a mãe ainda estava satisfeita com isso. Como podia considerar aquela troca justa? Permitir que a família dormisse em seu chão não custava nada a Jelin. Era óbvio que a mãe não fazia ideia de como sobreviver sozinha.

Não pense nisso.

— … o galpão de defumação — ia dizendo Carber. — O lugar está praticamente vazio agora. Podemos acender o fogo para aquecer, em vez de defumar. E lá cabe muita gente.

— Essa me parece uma boa ideia — retrucou o forasteiro.

Marva sorriu para ele. Peevy, que já parara de se debater, agora estava abraçado a seu pescoço, com o rosto afundado em seu manto.

— Na nossa casa temos espaço para o senhor dormir. E agora temos espaço suficiente para o seu cavalo no nosso curral de cabras. — Ela abriu um sorriso amargo. — Os salteadores não deixaram muitos bichos para abrigar. Os que não levaram eles mataram.

— Sinto muito por isso — respondeu o estrangeiro, com ar cansado. Ele já parecia ter ouvido muitos relatos como esse, e Taura achou que aquela poderia ser sua resposta-padrão para a situação.

Carber enviou mensageiros pela aldeia, convocando as pessoas para uma reunião no galpão. Taura sentiu uma pontada infantil de satisfação quando ele mandou que Kerry retornasse a seu lugar no posto de observação.

Ela foi com os demais até o galpão. Diversas famílias desabrigadas tinham se refugiado ali, acendendo fogueiras e armando tendas improvisadas pelo lugar.

Será que a mãe tinha cogitado ir para lá? Pelo menos continuariam a ser independentes, ainda teriam o próprio espaço. E a espada de seu pai.

Carber virou uma caixa, improvisando um palanque para o estrangeiro. Os aldeões aos poucos se reuniam no amplo espaço, que cheirava a peixe e a fumaça de lenha de amieiro. Taura notou que a impaciência do forasteiro estava aumentando, até que o homem finalmente subiu no pequeno palanque

improvisado e pediu silêncio.

— Não podemos esperar mais. Os Forjados podem voltar a esta aldeia a qualquer momento. Isso já é sabido, é o padrão que os salteadores dos Navios Vermelhos seguem desde que atacaram Forja: eles voltam e devolvem metade dos habitantes já sem alma, apenas espectros de si mesmos. — Ele olhou para baixo, notando a perplexidade nos semblantes que o circundavam. Falou então de forma mais simples. — É assim: quando os Navios Vermelhos vêm, os salteadores matam e saqueiam tudo, mas a verdadeira destruição só acontece depois que eles voltam para o mar, levando os entes queridos dos que ficam. Os salteadores fazem alguma coisa com elas, mas ainda não sabemos bem o quê. Eles ficam com essas pessoas por um tempo e depois as devolvem para suas famílias. Chegam todos cansados, famintos, molhados e com frio, todos idênticos aos seus parentes sequestrados, chamando vocês pelos nomes. Mas não vão ser mais as mesmas pessoas que foram levadas.

O estrangeiro olhou para o povo reunido no galpão. Depois de notar os olhares de esperança e descrença que suas palavras tinham despertado, prosseguiu com as orientações:

— Essas pessoas ainda vão se lembrar de seus rostos e nomes. O pai vai continuar sabendo os nomes dos filhos, e um padeiro ainda se lembrará de como mexer nas fôrmas e no forno. E vão todos voltar para suas famílias. Mas vocês não podem deixar que eles entrem na aldeia nem nas suas casas. Porque essas pessoas não vão mais se importar com vocês, só vão ligar para si mesmas. E vão trazer roubos, agressões, assassinatos e estupros junto com elas.

Taura encarou o homem. Nada daquilo fazia sentido. Os outros rostos da multidão deviam estampar a mesma perplexidade, já que o sujeito simplesmente balançou a cabeça.

— É difícil de explicar. Um pai passa a tirar comida da boca do filho. Se quiserem alguma coisa de outra pessoa, eles vão simplesmente pegar, sem ligar se precisarem de violência. Se estiverem com fome, vão pegar toda a comida para si, sem pensar nos outros; e não verão problema em expulsar as pessoas de casa, se quiserem abrigo. — Ele abaixou a voz, acrescentando: — Se sentirem desejo, vão estuprar. — Então passou os olhos pela multidão. — Vão estuprar qualquer um.

Então balançou a cabeça outra vez, notando a descrença nos rostos da multidão.

— Por favor, escutem! Todos os boatos a respeito dos Forjados são verdadeiros. Vão para casa e fortifiquem tudo: reforcem as janelas, verifiquem se os ferrolhos das portas são resistentes. Organizem um grupo para defender a

aldeia. Juntem todo mundo. Vocês já estão montando guarda, o que é ótimo.

Ele parou para tomar fôlego, e Taura aproveitou a deixa.

— Mas o que vamos fazer quando eles chegarem?

O estrangeiro a encarou. Talvez fosse bonito, se não estivesse cansado e com frio. No momento, as bochechas estavam vermelhas, e o cabelo escuro descia escorrido pelo rosto, molhado de chuva ou de suor. E o olhar era angustiado.

— Os que se foram não vão mais voltar para vocês. Os Forjados nunca mais vão voltar a ser quem eram. Nunca. — Então completou, com certa aspereza: — Vocês precisam estar preparados para matar todos os Forjados que aparecerem aqui. Antes que morram nas mãos deles.

De repente, Taura sentiu-se tomada de ódio pelo sujeito. Bonito ou não, ele estava falando sobre o pai dela. Seu pai, Burk, tão grande e forte, tinha voltado para casa no fim do dia, depois da pesca, onde foi recebido por golpes de porrete e levado embora. Taura tinha fugido assim que ouviu a mãe gritando para ela correr e se esconder. Fugira cheia de certeza de que seu pai querido, tão grande e forte, lutaria contra os captores e escaparia ileso. Por isso não tinha feito nada para ajudar. Tinha se escondido entre as folhas de um salgueiro enquanto ele era arrastado à força.

Na manhã seguinte, ela e a mãe se reencontraram diante do que restava da casa. Gef estava parado diante do antigo lar carbonizado, choramingando como se não tivesse mais que cinco anos, em vez de treze. Elas o deixaram chorar. Taura e a mãe sabiam que não conseguiriam consolar um garoto tonto daqueles. Então, sob uma garoa gelada, elas examinaram a madeira queimada e a grossa camada de cinzas do que fora seu lar. Não havia muito o que recuperar, e Gef ficou chorando todo o tempo que Taura e a mãe examinaram os escombros fumegantes. As duas encontraram algumas panelas ainda inteiras, além de três cobertores de lã dentro de um armário pesado que, de algum modo, não tinha queimado. E também uma tigela e três pratos. Foi então que Taura encontrou a espada do pai, intacta, ainda guardada na linda bainha, escondida sob uma viga caída. A espada que teria sido a salvação do pai, se ele a tivesse nas mãos.

E aquele imprestável do Jelin agora era dono da espada. A espada que deveria ser *dela*. Taura sabia muito bem o que o pai teria dito daquela troca por abrigo. Apertou os lábios, perdida em memórias — Burk não era o pai mais gentil e delicado que se podia imaginar; na verdade, ele batia bem com a descrição que o enviado do rei dera aos Forjados. Durante as refeições, era sempre o primeiro a comer, pegando a melhor parte; e também sempre achava que todos deviam se submeter a sua vontade. Sem falar que era rápido em bater, mas os elogios vinham com dificuldade. Tinha sido guerreiro quando mais novo.

E sempre dava um jeito de conseguir as coisas de que precisava. Taura sentiu uma fagulha de esperança. Talvez, mesmo Forjado, ele não deixasse de ser seu pai. Talvez ele voltasse para casa — ou melhor, para a aldeia onde um dia fora sua casa. Talvez continuasse despertando antes de o sol nascer para sair no pequeno barco…

Ah… O barco agora estava no fundo do mar, só restava um palmo de mastro visível.

Mas Taura conhecia bem o pai: ele daria um jeito de puxar o barco de volta e saberia como reconstruir a casa da família. Talvez houvesse como voltar à vida de antes. Talvez ainda pudesse ter aqueles momentos em família, sentada diante da lareira ao cair da noite, com comida na mesa e suas próprias camas…

E o pai também pegaria a espada de volta.

O mensageiro do rei não estava conseguindo persuadir os aldeões de que era preciso impedir os parentes raptados de voltar para a aldeia, quanto mais de que era preciso matar a todos que tentassem. Taura achava que o homem não sabia do que estava falando. Se uma mãe se lembrava do nome e do rosto do filho, então claro que se lembraria de que gostava da criança! Como não se lembraria do amor do próprio filho?

O estrangeiro logo percebeu que o povo não estava convencido.

— Vou cuidar do meu cavalo e dormir aqui esta noite — anunciou, cansado. — Posso ajudar a fortificar algumas casas ou este galpão, se quiserem. Mas, se vocês não quiserem se preparar, não tem muito que eu possa fazer. Além do mais, esta aldeia não é a única sendo Forjada. O rei me enviou para Picanço, só o acaso é que me trouxe para cá.

— Nós sabemos cuidar dos nossos — retrucou o velho Hallin. — Keelin vai continuar sendo meu filho, se voltar para casa. Por que eu não daria comida e abrigo ao meu próprio filho?

— Acha que vou matar meu próprio pai só porque ele passou a ser egoísta? Você está louco! Se é essa ajuda que o Rei Sagaz pode mandar, então estamos melhor por conta própria.

— O sangue é mais forte que qualquer coisa! — gritou alguém. De repente, os aldeões pareciam furiosos com o mensageiro do rei.

O forasteiro já mostrava profundos sinais de cansaço.

— Como quiserem — cedeu, desanimado.

— E vai ser como a gente quiser, mesmo! — gritou Carber. — Achou que ninguém iria olhar os cestos do seu cavalo?! Estão cheios de pão! Você não disse nada sobre isso, nem mesmo depois de ver a devastação aqui da aldeia. E nem sequer se ofereceu para dividir! E agora, FitzCavalaria Visionário, quem é o

egoísta desalmado?

Carber ergueu as mãos bem alto e gritou para a multidão:

— Pedimos ajuda ao Rei Sagaz, e ele enviou um só homem. E ainda por cima um bastardo desses! Esse homem está escondendo pão que aliviaria a fome de nossas crianças e nos manda matar nossas famílias. Essa não é a ajuda que pedimos!

— Espero que não tenha pegado nada dali — retrucou o estrangeiro. Seu olhar, antes tão franco e direto, estava distante e sombrio. — Aquele pão está envenenado. É para os Forjados em Picanço. É um jeito de matar todos eles e acabar com os estupros e assassinatos por lá.

Carber ficou aturdido. Então gritou:

— Saia daqui! Saia de nossa aldeia esta noite! Já estamos fartos de você e dessa sua "ajuda"! Fora daqui!

O estrangeiro não pareceu se abalar. Olhou para o povo em volta e desceu da caixa.

— Como quiserem. — Ele não gritou, mas as palavras ecoaram pelo galpão. — Se não vão fazer nada por si mesmos, não há nada que eu possa fazer por vocês. Vou seguir meu caminho. Depois que acabar meu trabalho lá em Picanço, farei o mesmo trajeto de volta. Aí vocês talvez já estejam dispostos a me ouvir.

— Acho bem pouco provável — retrucou Carber, abrindo um sorriso irônico.

O enviado do rei foi andando bem devagar até a saída. Não levou a mão ao punho da espada, mas a multidão recuou para lhe dar passagem. Alguns o seguiram, entre eles Taura. O cavalo ainda estava amarrado ali fora, com a tampa de um dos cestos levantada. O estrangeiro parou e a reatou, então soltou o cavalo, montou e sumiu na escuridão, sem nem olhar para trás. Foi embora por onde tinha vindo. O som do trote da montaria silenciou aos poucos.

Na manhã seguinte ainda chovia, e o dia se arrastou. Ninguém que tivesse sido sequestrado voltou, e o navio de casco vermelho já nem estava mais ancorado na entrada da baía. Jelin logo começou então a se impor sobre a família de Taura, ordenando que a mãe fosse ajudar na cozinha e mandando Gef catar madeira para ser usada na reconstrução da casa ou como lenha. Quando Taura voltou do turno de vigilância, Jelin mandou que ela tomasse conta de seu filho, para que sua esposa, Darda, pudesse descansar. Cordel tinha dois anos, era um garotinho mimado e impertinente que jogava tudo no chão, abrindo um berreiro sempre que era repreendido. Estava sempre sujando as calças, e o casal queria que Taura lavasse as fraldas sujas e as pendurasse para secar na corda acima da lareira — como se alguma roupa fosse secar naquele clima frio e úmido que veio depois do

ataque. Quando Taura reclamava, a mãe logo a lembrava de que havia gente ao abrigo de velas esfarrapadas ou dormindo na terra batida do galpão de defumação. A mãe falava baixo, como se temesse que Jelin ouvisse as queixas da filha e expulsasse a família da casa. Dizia a Taura que ela devia estar grata por poder ajudar no lar que a acolhera.

Taura não se sentia nem um pouco grata. Ficava irritada de ver a mãe cozinhando e limpando feito uma criada, e ainda por cima numa casa que não era da sua família. Pior era ver Gef seguindo Jelin por toda parte, como um cãozinho ansioso para agradar. E não era bem tratado: Jelin não parava de lhe dar ordens, zombando e implicando com ele. O irmão ria, nervoso com as zombarias. Gef trabalhava como um jumento. Os dois passavam o dia tentando içar o barco de Jelin, depois voltavam para casa encharcados e exaustos. Gef não reclamava. Pelo contrário: fazia de tudo para chamar a atenção do dono da casa. Ele nunca se comportara assim com o pai, que sempre foi muito distante e grosseiro, com ambos os filhos. Bem, talvez o pai não tivesse sido afetuoso, mas, fosse Gef um tonto ou não, era errado ele ter se esquecido tão depressa do homem que o criara. E o pai ainda nem devia estar morto. Taura morria de raiva daquilo.

Mas o pior aconteceu numa noite em que a mãe tinha preparado ensopado de peixe — era mais sopa que ensopado, já que ela colocara mais água para conseguir servir a todos. Era um caldo ralo e cinzento, com peixinhos recém-pescados na beira do mar, raízes de lírios marrons que cresciam nos penhascos, algas e pequenos mexilhões que cataram na praia. O gosto era como cheiro de maré baixa. Precisaram se revezar para comer, pois não havia tigelas para todos, e Taura e a mãe comeram por último. Taura só recebeu uma pequena porção, e a mãe teve de raspar o fundo do tacho para aproveitar alguma coisa. Enquanto ela comia sua porção de caldo ralo e pequenos pedaços de peixe e raízes, Jelin sentou-se pesadamente diante dela, à mesa.

— As coisas vão ter de mudar — anunciou, de repente.

A mãe o encarou boquiaberta, mas manteve o silêncio. Taura o encarou, impassível.

— Dá para ver que não temos o suficiente nesta casa, nem de comida, nem de camas, nem de espaço. Pois bem. Ou damos um jeito de multiplicar essas coisas, ou algumas pessoas vão ter de se mudar daqui.

A mãe permaneceu em silêncio, segurando-se na beira da mesa. Taura a olhou de esguelha: a mulher tinha um olhar ansioso, e a boca estava apertada, fechada como uma bolsa de cordão. Ela não a ajudaria. O pai tinha sido levado havia menos de cinco dias, e a mãe já a estava abandonando. Sustentou o olhar

de Jelin, orgulhosa por sua voz não tremer quando declarou:

— Você está falando de mim.

Ele assentiu.

— Você deixou bem claro que não gosta de cuidar do pequeno Cordel, e ele tampouco a estima. Você até cumpre seus turnos de vigília para a aldeia, mas isso não traz comida para casa ou lenha para a lareira. Quando vê que algo precisa ser feito, você passa direto e deixa para lá, e faz tudo o que pedimos de má vontade. E passa o dia quase todo na frente da lareira, emburrada.

Uma onda de gelo percorreu seu corpo enquanto Jelin enumerava suas falhas. Os ouvidos zumbiam. O silêncio da mãe era uma condenação. O irmão estava afastado da mesa, cabisbaixo, parecendo com vergonha dela, talvez até com medo. Os dois achavam que Jelin tinha razão; os dois tinham entregado a lealdade da família junto com a espada do pai. Jelin continuou a ladainha, sugerindo que Taura fosse junto com os outros aldeões catar mexilhões na praia durante a maré baixa, ou que andasse até Shearton, a quatro horas dali, para procurar algum trabalho, qualquer coisa que pudesse fazer em troca de umas moedas e trazer comida para casa. Ela não respondeu a nada daquilo, nem permitiu que qualquer protesto transparecesse em seu rosto. Quando Jelin enfim terminou o discurso, ela disse:

— Achei que nosso abrigo e as refeições já estivessem pagos, e muito bem pagos. Afinal, você não ficou com a espada do meu pai, ainda naquela linda bainha de couro, gravada com o lema da nossa família? “Siga um Homem Forte”, é o que está escrito! É uma espada excelente, feita por Buckkeep. Meu pai a empunhava quando trabalhou na guarda do Rei Sagaz, no tempo em que ainda era jovem e vigoroso. E agora você está com a espada que eu devia herdar!

— Taura! — exclamou a mãe, pasma. Mas a mãe só queria repreendê-la, não parecia ainda ter se dado conta do que tinha perdido.

— Sua ingrata! — ralhou a esposa de Jelin, enquanto ele próprio perguntava:

— E dá para comer uma espada, sua menina tola? Uma espada pode abrigar da chuva ou aquecer seus pés depois de pisar na neve?

Taura já estava abrindo a boca para responder quando ouviram um grito. Não vinha de muito longe; alguém tinha passado correndo pela casa, gritando de súbito. Taura foi a primeira a se levantar, abrindo a porta e olhando a noite chuvosa lá fora, enquanto Jelin e Darda gritavam para que ela fechasse a porta e passasse o ferrolho. Parecia que não tinham aprendido nada com os aldeões que morreram trancados em suas casas quando os salteadores atearam fogo em tudo.

— São eles! — berrou alguém. — Estão vindo lá da praia, vieram do mar! São eles!

O irmão foi para o lado dela, enfiando a cabeça por baixo de seu braço e espiando a rua.

— São eles! — repetiu, numa ingênua aprovação.

Os apitos soaram instantes depois; alguém dava o sinal de dois sopros sem parar.

— Feche essa porta, pelas bolas de El! — rugiu Jelin.

A espada que ele acabara de menosprezar estava em suas mãos, desembainhada. Quando viu a cena, notando a linda bainha jogada no chão, Taura ficou branca de raiva. Ela saiu para a rua, batendo a porta na cara do irmão. Um segundo depois, desejou ter trazido o manto. Bem, não estragaria aquela grandiosa e impávida saída voltando para pegá-lo.

Chovia pouco, mas com leveza e insistência penetrantes. Outros aldeões espiavam a noite, parados às portas das casas. Alguns empunhavam armas ridículas: porretes, peixeiras e croques. Todas ferramentas de trabalho, inadequadas para batalhas ou qualquer defesa, mas era só o que tinham. Um grito longo se elevou e se perdeu na noite.

Quase todos continuaram nas soleiras das portas, mas alguns, os corajosos e os desesperados, se arriscaram a sair. Eram um grupo desconexo, percorrendo as ruas escuras na direção do apito. Um homem carregava um lampião, que ia iluminando o que restava das casas — algumas tinham sido reduzidas a cinzas, de outras restavam apenas vigas enegrecidas. Taura viu um cachorro morto. O corpo não tinha sido levado da rua; talvez o dono já não estivesse mais ali entre eles. Algumas casas ainda estavam praticamente intactas, e a luz escapava pelas frestas das janelas fechadas. Taura odiava aquele cheiro da chuva caindo nas casas queimadas. Havia várias coisas chamuscadas e encharcadas pela rua, objetos que os salteadores tinham tomado e depois decidido deixar para trás. O grito não se repetiu. Para ela, isso era ainda mais assustador do que se a gritaria tivesse continuado.

O homem ergueu o lampião bem alto. Sob aquela luz inconstante, Taura avistou vultos vindo em sua direção. De repente, um dos homens que fora até ali com ela gritou:

— Hatilde! Você está viva! — Ele correu até a mulher, que não respondeu. Ela parou de supetão e ficou olhando os escombros de uma casa próxima. Taura e os outros se aproximaram. O sujeito estava ao lado de Hatilde, que deixara a dúvida estampada no rosto. O cabelo e as roupas da recém-chegada estavam encharcados. O homem completou, com toda a delicadeza: — Os salteadores queimaram sua casa. Sinto muito, Hatilde.

A mulher lhe deu as costas sem uma só palavra. A casa ao lado tinha

escapado ilesa, e ela foi até a porta. Como não conseguiu abrir, bateu. Uma idosa abriu a porta bem lentamente.

— Hatilde! Você está viva! — exclamou, com um sorriso hesitante surgindo no rosto.

Mas a Forjada não respondeu, simplesmente empurrou a senhora para o lado e entrou na casa. A velha foi cambaleando atrás dela. Até que ouviram os protestos de dentro da casa:

— Ah, por favor, não coma isso! É tudo o que tenho para dar ao meu neto!

Antes que Taura pudesse processar o que estava acontecendo, outra mulher apareceu na rua, correndo na direção do grupo. Ela soltou um grito apavorado quando passou perto de dois dos vultos que avançavam lentamente até a aldeia. Quando encontrou o grupo de Taura, desandou a falar, entre soluços:

— Ai, me ajudem! Por favor! Ele me estuprou! Meu próprio irmão me estuprou!

— Minha nossa, Dele! — exclamou um sujeito ali perto, oferecendo seu manto para que a mulher cobrisse as vestes rasgadas.

Dele aceitou o manto, mas se afastou do toque do sujeito.

— Roff? É você? — perguntou o portador do lampião, vendo um homem alto sair da escuridão e vir andando na direção deles. O sujeito estava nu da cintura para cima, com a pele vermelha de frio.

Roff não respondeu, simplesmente deu um soco num jovem que acompanhava o grupo da aldeia, derrubando-o de joelhos, então arrancou-lhe o manto dos ombros, num movimento que quase o esganou. Depois de se cobrir com o manto, o homem encarou os aldeões atônitos, deu meia-volta e foi até uma casa.

— Roff, essa não é a sua casa! — gritou o portador do lampião, enquanto outros ajudavam o rapaz, ainda abalado, a se pôr de pé. Os aldeões ficaram mais próximos uns dos outros, buscando conforto na proximidade, acuados como um grupo de ovelhas cercado de lobos.

Roff nem parou. Quando tentou abrir a porta, viu que estava trancada. Então deu dois passos para trás e, soltando um urro, avançou e chutou a madeira com força. A porta se escancarou. Ouviram gritos irritados e um berro histérico saindo da casa. Boquiaberta, Taura ficou olhando enquanto Roff entrava, sem cerimônia.

— Roff? — indagou um homem lá dentro.

Momentos depois, os sons de luta ecoaram pela noite. Alguns dos homens avançaram até a porta. Uma mulher saiu, carregando uma criança pequena, e foi correndo até eles, gritando:

— Socorro, socorro! Ele vai matar meu marido! Socorro!

Dois homens entraram na casa, e Taura ficou parada ali, na noite escura. *Era disso que o forasteiro estava falando*, ponderou, em silêncio. E o homem tinha razão.

Hatilde e a velha senhora surgiram na rua, engalfinhadas numa luta feroz enquanto um menino pequeno gritava, aterrorizado, na soleira da porta. Alguns membros do grupo correram para separar as duas enquanto outros foram ajudar a tirar Roff da casa em que ele se enfiara. Em meio a toda aquela luta e gritaria, Taura examinou o caminho mais à frente e viu outros Forjados se aproximando. Os aldeões abriam as portas, olhavam para a rua e depois se fechavam de volta em suas casas. Medo e esperança se enfrentavam dentro dela: será que veria a silhueta do pai entre os que chegavam? Mas o pai não estava lá.

O jovem agora sem manto pulou nas costas de Roff assim que o viu sendo arrastado para fora da casa. Envolvendo-lhe o pescoço com o braço, num golpe sufocante, começou a gritar para reaver sua roupa.

Um sujeito tentou afastar o rapaz enquanto três outros faziam o possível para segurar Roff. Alguém gritou:

— Roff! Pare com isso! Deixe a gente ajudar! Roff! Pare de lutar com a gente.

Mas ele não parou. E, enquanto os outros apenas tentavam contê-lo, Roff atacava os oponentes com toda a força, como se matar aqueles homens ou simplesmente se soltar deles tivesse o mesmo peso. Taura viu bem o momento em que os outros enfim pararam de se conter: foi quando Roff estava caído no chão, preso sob o peso de muitos oponentes. Um sujeito ainda insistia para que ele se rendesse, mas os outros não paravam de xingá-lo, distribuindo chutes e socos. E o Forjado continuava resistindo. Um chute violento em sua cabeça acabou com tudo. Taura gritou quando ouviu o estalo do pescoço se quebrando e viu a orelha de Roff encostar no ombro. Ele ficou imóvel de repente. Ainda levou mais um chute de outros dois homens, mas então todos se afastaram do corpo em silêncio, tal como cães repreendidos.

Na rua, o homem que reconhecera Hatilde ainda a segurava por trás, os braços bem apertados ao redor do corpo. A velha senhora estava sentada na rua, chorando e se lamuriando. Hatilde jogava a cabeça para trás, rosnando para o nada com selvageria, batendo os calcanhares nus contra as canelas do homem que a imobilizava. Foi quando Taura enfim compreendeu o que tinha acontecido: os salteadores tinham soltado aquelas pessoas de propósito, todas com frio, fome e sem alma, para que os Forjados já chegassem com motivos para atacar os próprios vizinhos e familiares. Era por isso que só tinham incendiado metade da

aldeia? Para que os sobreviventes fossem alvo da fúria de sua própria gente?

A questão é que não havia nenhum momento de tranquilidade para que ela pudesse refletir sobre aquilo.

— Ah, minha boa Eda! — gritou um homem, a pouca distância.

Um amigo de Roff começou a berrar:

— Vocês mataram Roff! Ele morreu! Ele morreu!

— Hatilde! Pare com isso! Pare!

Mas Roff ainda estava estirado no chão, a língua pendendo da boca ensanguentada, e Hatilde continuava se debatendo, chutando e rosnando para o nada. E, naquele momento de choque, Taura ouviu todos os gritos, estrondos, guinchos e rugidos que vinham de todas as direções da aldeia. Alguém apitava sem parar, num chamado desesperado. As pessoas capturadas no ataque estavam retornando, e como Forjadas, conforme o aviso do mensageiro do Rei Sagaz. Só que agora Taura compreendia o que ele queria dizer. Aquelas pessoas tomariam o que quisessem ou precisassem. E muitos, assim como Roff, não parariam por nada — nada, exceto a morte.

De repente, Taura constatou que o povo da aldeia ia matar seu pai. Ele era um homem forte e obstinado, o mais forte que ela já vira. Não pararia até conseguir o que quisesse. O único modo de impedi-lo seria matando-o.

Seu pai.

Onde estaria? Que caminho tomaria? Os berros, gritos e apitos vinham de toda a parte. Os Forjados estavam de volta, e a situação estava ainda pior do que na noite em que os salteadores chegaram, ateando fogo em tudo, estuprando e matando. Aquele ataque tinha sido um choque, eles acharam que veriam seus entes queridos de novo, alimentaram e perderam as esperanças. E agora, justamente quando tinham começado a retomar suas vidas, reconstruir suas casas e reparar seus barcos, os salteadores atacavam outra vez. E ainda por cima usando seus amigos e familiares como arma. Usando seu pai.

Onde estaria ele?

Já sabia. Ele iria para casa.

Taura disparou pelas ruas escuras, tendo de se esquivar de dois Forjados no caminho. Eram fáceis de reconhecer, mesmo à luz tênue que escapava pelas janelas fechadas: eles andavam com o corpo rígido e uma expressão aturdida, parecendo perplexos por voltarem à antiga vida. Ela passou por Jend Greenoak, que estava ajoelhado na rua, chorando.

— Mas e o bebê? Onde está nosso bebê?

Mesmo relutante, Taura desacelerou e observou a cena. Salal, a esposa de

Jend, estava parada na rua, as roupas ainda encharcadas de água do mar, mas sem o bebê que levara para o Navio Vermelho. Olhando para os escombros carbonizados de seu lar, ela retrucou, impaciente:

— Estou com frio e com fome. Aquele bebê inútil só chorava, não servia para nada. — As palavras saíam sem emoção, sem nenhum toque de raiva ou de pesar. Salal estava apenas constatando o que considerava a verdade.

Jend ainda se balançava, ajoelhado, e ela se afastou dele, descendo a rua em direção a uma casa iluminada, envolvendo o corpo com os braços para se defender do frio. Taura sabia o que viria a seguir.

Mas da casa saiu uma mulher empunhando um porrete. Ela se virou e falou, por cima do ombro:

— Tranque a porta com o ferrolho. Só abra se for para mim!

A mulher não esperou que Salal tentasse entrar, e avançou já balançando o porrete. Salal não recuou, apenas deu um berro desumano e partiu para cima da outra, as mãos estendidas como garras.

— NÃO! — gritou Jend, se levantando e correndo para defender a esposa.

Foi quando Taura enfim compreendeu como seria dali para a frente: alguns defenderiam os amigos e familiares, Forjados ou não, e outros tentariam preservar seus lares a qualquer custo. Jend levou um golpe forte na barriga e caiu no chão da rua, mas Salal continuou lutando, mesmo com o queixo quebrado, torto e caído para o lado. A mulher que defendia a própria casa urrava, selvagem como a Forjada que combatia. Os homens que tinham lutado contra Roff agora gritavam uns com os outros. Taura saiu correndo, movida pelo medo e pelo horror. Não queria ver mais ninguém morrendo naquela noite.

“Fique do lado da família”, era o que o pai sempre dizia. Ainda lembrava bem o dia em que alguém fizera um comentário maldoso sobre Gef, que estava correndo pela rua, completamente arrebatado com a visão de um bando de gansos que voava logo acima.

“Melhor trancarem esse retardado dentro de casa!”, gritara um carroceiro, que precisara puxar as rédeas depressa para não atropelar Gef, quase derrubando sua carga de peixe fresco. O pai arrancara o homem do banco do cocheiro e o jogara no chão. Mesmo distante do filho tonto dentro de casa, em público sempre o defendia. A mãe ainda repetira aquilo quando o pai entrou com os olhos roxos e os nós dos dedos ensanguentados: “Nós sempre ficamos do lado da família.”

Naquela ocasião, a jovem não teve dúvidas de que ela estava falando sério. Talvez hoje a mãe se lembrasse a quem deveria ser leal.

Já estava sem fôlego, e trotava mais que corria, mas os pensamentos já estavam muito além do destino aonde aquela carreira a levaria. Poderia muito

bem estar no caminho para retomar sua antiga vida. Encontraria o pai, que a reconheceria. Então poderia avisá-lo e protegê-lo dos aldeões que não conseguissem compreender sua atual situação. Mesmo que ele nunca mais demonstrasse afeto pela própria família, ainda seria seu pai, e todos estariam juntos outra vez. Preferia dormir ao relento junto com sua família a dormir ao lado da lareira no chão de Jelin.

Passou pela casa de Jelin, avançando por entre as casas parcialmente queimadas até se afastar das luzes fracas que escapavam pelas frestas das janelas. Entrou numa parte morta da aldeia. O lugar fedia a madeira queimada e carne incinerada. Tinha passado a vida toda morando na mesma casa, mas, com toda aquela destruição, não tinha mais certeza de qual escombro carbonizado era o lugar onde crescera. O luar fraco iluminava de leve as tábuas e pedras molhadas, e Taura avançava por um cenário desconhecido, um lugar onde nunca estivera. Tudo o que conhecia tinha sumido.

Quase esbarrou no pai antes de vê-lo. Ele estava parado, observando o local onde antes estivera a casa. Taura recuou e ficou imóvel. O pai se virou lentamente, e o luar cintilou em seus olhos por um breve momento. Então a escuridão cobriu seu rosto outra vez. Ele não falou nada.

— Pai?

O pai não respondeu.

Taura sentiu as palavras começarem a jorrar:

— Eles queimaram a casa. A gente viu quando levaram você, sua cabeça estava cheia de sangue. A mãe disse para eu correr e me esconder e foi atrás de Gef. Eu me escondi no velho salgueiro que dá vista para o porto, vi levarem você para o navio. O que eles fizeram? Você foi ferido?

O pai estava completamente imóvel, então balançou a cabeça de repente, num movimento breve, como se um mosquito voasse próximo ao seu ouvido. Depois passou por ela, caminhando na direção da parte da aldeia que ainda estava de pé. Depois de alguns instantes de hesitação, Taura foi correndo atrás dele.

— Pai, os outros aldeões sabem que você foi levado. Um homem do rei apareceu aqui e disse que todos precisam se defender dos Forjados. Que precisam até matá-los, se for o caso.

O pai continuou andando.

— Você foi Forjado, pai? Fizeram alguma coisa com você?

Ele continuou em frente.

— Papai, você sabe quem eu sou?

O pai diminuiu o passo.

— Você é Taura. E você fala demais.

Dito isso, ele acelerou o passo.

Taura teve de se segurar para não sair dançando atrás dele. O pai a reconhecera! Ele sempre zombava e implicava, dizendo que Taura era tagarela! Tudo bem que aquilo tinha sido dito sem qualquer emoção, mas o pai estava cansado, molhado e com frio. Mas ele a reconhecera. Taura envolveu o corpo com os braços, afastando um pouco o frio, e correu atrás dele.

— Pai, preciso que me escute. Vi gente da aldeia matando outros que foram sequestrados. Precisamos ter cuidado. E você precisa de uma arma. Precisa da sua espada.

O pai permaneceu em silêncio durante cinco passos. Então declarou:

— Preciso da minha espada.

— Ela está na casa do Jelin. A mãe, o Gef e eu estamos lá, dormindo no chão. A mãe deu sua espada em troca de a gente ficar lá. Jelin disse que pode precisar da arma para proteger a esposa e o bebê.

Taura estava sentindo uma dor aguda na lateral da barriga, de tanto correr, e o frio se infiltrava em seus ossos mesmo depois de ela envolver o corpo com os braços. Além disso, estava com a boca seca. Mas deixou tudo isso de lado. Seu pai estaria a salvo dentro da casa, com sua espada. Todos estariam seguros outra vez.

O pai se virou para a primeira casa com luz acesa.

— Não! Aí não! Vão tentar matar você, se entrar aí. Primeiro precisamos da sua espada, depois você pode se aquecer e comer alguma coisa. Ou tomar uma bebida quente.

Pensando bem, não devia mais ter nenhuma comida. Mas tinha chá, e talvez um pedaço de pão. *Melhor que nada*, disse a si mesma. O pai continuava andando, mas ela o ultrapassou, chamando:

— Venha comigo!

Um grito penetrante ecoou pela noite. Mas vinha de longe, e Taura o ignorou, assim como vinha ignorando os berros irados que volta e meia se elevavam. Sem diminuir o passo, ela saiu andando de costas, acenando para que o pai a seguisse. E ele seguiu, obstinado.

Chegaram à casa de Jelin, e Taura correu até a porta. Quando tentou abrir, descobriu que estava trancada. Ela começou a bater.

— Abram a porta! Preciso entrar! — gritou.

Lá de dentro, a mãe exclamou:

— Ah, graças a Eda! É Taura, ela voltou! Por favor, Jelin, deixe-a entrar!

Fez-se silêncio, até que Taura ouviu o ferrolho sendo levantado dos suportes. Agarrou a maçaneta e abriu a porta no instante em que o pai se aproximou por trás dela.

— Mãe, encontrei o pai! Trouxe ele de volta! — anunciou.

A mãe apareceu à porta, então olhou de Taura para o marido. Seus olhos se encheram de esperança.

— Burk? — indagou, a voz embargada.

— Papai! — exclamou Gef, num misto de dúvida e temor.

Jelin empurrou os dois para o lado. Segurava a espada de Burk, já desembainhada. Ele ergueu a lâmina e a apontou para o outro.

— Pode voltar — ordenou, numa voz baixa e ameaçadora. Olhou de esguelha para Taura. — Sua vadia imbecil! Venha logo para cá e fique atrás de mim.

— Não! — Aquilo não foi só por ter sido chamada de vadia, mas também pelo jeito ameaçador com que ele apontava a lâmina para o pai. Jelin não daria nem uma chance a ele. — Deixe a gente entrar! Meu pai precisa entrar para se aquecer e comer alguma coisa. É só disso que ele precisa, é só o que os Forjados querem. Acho que, se eles tiverem isso, não terão mais motivos para machucar ninguém. — Começou a ficar desesperada ao notar o olhar inexpressivo de Jelin. — Mãe, diga a ele para nos deixar entrar. É a nossa chance de voltar a ser uma família.

As palavras saíam aos tropeços. Ela deu um passo, ficando à frente do pai, para mostrar a Jelin que, se ia lutar contra seu pai, teria de matá-la primeiro. Ela não era uma Forjada, Jelin não tinha desculpas para atacá-la.

— Essa espada é *minha* — anunciou o pai, por trás dela, a raiva despontando na voz.

— Entre, Taura. Agora. — Jelin se virou para o pai dela, muito sério: — Burk, não quero machucar você, não mesmo. Vá embora.

Dentro da casa, o bebê começou a chorar. A esposa de Jelin gritou soluçando:

— Mande ele embora, Jelin. Expulse esse homem daqui. E a menina também. Essa aí só arranja encrenca. Ah, minha boa Eda, tenha piedade de mim e do meu bebê! Tire-o daqui, Jelin! Mate ele!

Darda estava quase histérica, e, pela cara de Jelin, ele parecia estar ouvindo bem o que a mulher dizia. Talvez até os atacasse. Mesmo tentando se controlar, o apelo de Taura saiu esganiçado:

— Mãe? Você vai deixar ele nos matar? E ainda por cima com a espada do meu pai?

— Taura, entre. Esse não é mais seu pai. — A voz da mãe saiu trêmula. Ela

apertava Gef contra o corpo, e o menino soluçava, ofegante. Era o prelúdio de um ataque de pânico, e ele em breve começaria a correr em círculos, chorando e gritando.

— Mãe, por favor! — suplicou Taura.

De repente, o pai a agarrou pela nuca e a arremessou para dentro da casa. Taura se chocou contra Jelin e caiu a seus pés, e ele se desequilibrou. O homem ainda estava tentando se recuperar quando Burk estendeu a mão por cima da espada e agarrou o punho do outro. Taura já conhecia aquela pegada, forte como um torno. Já o vira puxar enormes peixes-chatos do fundo do mar, a vara de pesca presa com firmeza entre as mãos. Naquele instante, tudo ocorreu exatamente como ela imaginava. Jelin deu um grito, e a espada caiu de sua mão já sem forças. A pesada lâmina tombou ao lado dela. Taura pegou a espada pelo punho e entrou na casa.

— Pai, peguei! Peguei a espada para você.

O pai não disse nada, mas não largou o pulso de Jelin. O homem berrava, xingava e lutava contra aquela mão como se pudesse vencer a luta só escapando daquele aperto. O pai erguia os lábios, deixando os dentes à mostra, e ostentava um olhar vazio. Jelin empregava todas as suas forças para se libertar, mas Burk o puxou para junto de si e, com a mão livre, agarrou sua garganta logo abaixo do queixo. Largou num ímpeto o pulso de Jelin e, segurando-o pelo pescoço com ambas as mãos, suspendeu-o até que ficasse na ponta dos pés. Enquanto o estrangulava, inclinou a cabeça para o lado, observando o rosto sufocado e cada vez mais roxo com interesse, o olhar concentrado e os lábios comprimidos.

— Não! — guinchou Darda, mas não tentou ajudar o marido; só se encolheu num canto com o filho no colo. Gef arrancava o próprio cabelo com as mãos de cada lado do cocuruto e choramingou alto enquanto sacudia a cabeça. A mãe de Taura foi quem interveio, agarrando um dos grossos braços do pai e tentando puxá-lo para baixo. Acabou tendo que se pendurar no marido, como se o braço dele fosse um galho de árvore.

— Burk! Não, não, Burk, largue ele! Não mate Jelin! Ele foi bom para nós, nos deu abrigo! Burk! Pare!

Mas o pai não parou. Jelin estava de olhos esbugalhados, a boca, aberta. As mãos, que antes tentavam afrouxar o aperto em seu pescoço, estavam caídas ao lado do corpo. O pai o sacudia. Taura examinou a espada e a levantou com ambas as mãos, sem saber ao certo o que fazer. Ela estava tremendo, e a espada era bem pesada. Firmando os pés e endireitando os ombros, conseguiu levantar a lâmina bem no instante em que o pai jogava Jelin, desconjuntado, de volta no chão. Então olhou para a esposa, ainda pendurada em seu braço. Ele sacudiu o

braço para o lado com força, jogando-a longe. A mãe caiu de costas.

Bem em cima da espada.

Taura largou a arma quando o corpo da mãe se chocou contra a ponta. A lâmina afundou um pouco na carne, mas caiu para longe quando a mãe desabou no chão. O pai deu dois passos à frente e acertou uma bofetada em Gef, que também caiu.

— Cale a boca! — rugiu para o filho tonto.

Por milagre, Gef obedeceu. O menino abraçou os joelhos bem junto ao peito, tapou a boca ensanguentada com as mãos e encarou o pai, apavorado. A ordem quase silenciou Darda também; a mulher apertava bem a boca com uma das mãos e segurava Cordel bem junto ao corpo, abafando seus gritos.

— Comida! — exigiu o pai, chegando mais para perto da lareira e estendendo as mãos para o calor do fogo.

Jelin não se mexia. Taura viu a mãe se sentar, gemendo e apertando as costelas, e olhou para a espada no chão.

— Comida! — repetiu o pai.

Ele encarou cada um dos presentes, irritado. Seu olhar não fazia distinção entre a própria esposa, sangrando no chão, e a de Jelin, encolhida de medo. Nenhuma delas falou nem se mexeu. Gef, como sempre, não ajudaria em nada.

Taura recuperou a voz.

— Pai, por favor, vá se sentar. Vou buscar alguma comida para você — anunciou, indo até a despensa de Darda.

Os salteadores não tinham ateado fogo naquela casa, mas levaram toda a comida que conseguiram encontrar, e Taura duvidava que restasse muito nas prateleiras. Achou um pedaço de pão dentro de uma caixa de madeira, mas era só. Então, quando inclinou a caixa para pegar o pão, notou algo escondido na parte de trás da prateleira. Era um embrulho de pano limpo com vários filés de peixe defumado e um grande pedaço de queijo. O ultraje que sentia só aumentou quando puxou o embrulho, revelando um tesouro: uma saca de batatas, um pote de mel e um pote de banha. Também havia maçãs secas, bem lá no fundo. E uma réstia de alho! Darda estava escondendo a comida nutritiva, obrigando-os a sobreviver à base de sopas ralas!

— Você estava escondendo a comida — acusou. Mas falou baixinho, voltada para dentro do armário.

Então partiu um pedaço de queijo e o enfiou na boca. Atrás dela, o pai urrou:

— AGORA! Eu quero comida agora!

Taura olhou por cima do ombro, e o pai arreganhou os dentes, estreitando os

olhos e soltando um rosnado ameaçador. Taura levou o pão, o mel e o queijo até a mesa. O pai não esperou que ela servisse a comida, simplesmente agarrou o pão com as mãos sujas. Ela deixou o queijo e o mel em cima da mesa e se afastou.

Chegando mais perto da mãe, Taura olhou de soslaio para Darda e denunciou, baixinho:

— Mãe, eles estavam enganando a gente. Jelin disse que não tinha comida, mas Darda estava escondendo comida na despensa!

Com voz trêmula e cheia de medo, Darda retrucou, desafiadora:

— Essa comida era nossa antes de tudo isso acontecer! A gente não tinha obrigação nenhuma de dividir com vocês! Era a comida do meu filho, ele precisa se alimentar direito para crescer! Jelin e eu não comemos nada dessas coisas! Era a comida de Cordel!

O pai parecia não ouvir a conversa. Depois de arrancar um naco do pão com uma só mordida, berrou, ainda de boca cheia:

— Quero alguma coisa para beber! Estou com sede!

Água era o que não faltava. Taura encheu uma caneca e a levou até o pai. Sua mãe se levantara, cambaleante, e fora acalmar Gef, que se balançava para a frente e para trás. Em vez de cuidar do próprio corte entre as costelas, a mãe tentava acalmar o menino. Taura pegou o pano que tinha sido usado para embrulhar o pão e foi para perto dela.

— Vamos ver esse machucado — disse, agachando-se ali ao lado.

A mãe a encarou, os olhos reluzindo de raiva, e gritou:

— Saia de perto de mim!

Ela empurrou Taura, que se estatelou no chão, mas pegou o pano e o apertou contra as costelas. O pano ficou um tanto vermelho de sangue, mas o ferimento não parecia muito grave. Parecia que a lâmina tinha cortado a carne, mas não fora uma ferida muito profunda. Ainda assim ficou atônita.

— Mãe, me desculpe! — pediu, muito séria. — Eu não quis machucar você! Eu não sabia o que fazer!

— Você sabia, sim. Só não quis fazer o que devia ser feito. Como sempre!

— A família vem em primeiro lugar! — gritou Taura. — Você e o pai sempre dizem isso. A família vem em primeiro lugar!

— Ele parece estar pensando na família? — inquiriu a mãe.

Taura olhou para o pai. O queijo estava quase no fim. Ele enfiava um naco de pão no pote de mel, limpando os últimos resquícios do doce. Quando descartou o pote, o vidro saiu rolando pela mesa e se espatifou no chão.

A mãe se levantou, apoiada no ombro de Gef.

— Meu filho, de pé — disse, numa voz mansa, puxando o menino para perto. Gef se levantou, e ela segurou o garoto pela mão e o levou até Darda, que estava abraçada ao próprio filho.

— Fique aí — mandou, e Gef se sentou junto dos dois.

Enquanto a mão apertava firme a ferida na lateral do corpo, a mãe se postou entre o marido e os três encolhidos a um canto. Taura se levantou devagar, encostou-se numa parede e olhou do pai para a mãe.

O fogo crepitava, e o pai fazia bastante barulho enquanto comia, arreganhando bem a boca para arrancar nacos do pão. Chuva e vento entravam pela porta aberta e, ao longe, o povo na rua ainda gritava. Darda apertou o bebê mais junto ao peito e chorou contra seu corpinho. Gef começou a gemer como um menininho, em solidariedade. Jelin estava quieto, morto. Taura chegou mais perto da mesa.

— Pai?

Ele a olhou de relance, então voltou a se concentrar no pão. Deu mais uma mordida.

— A família vem em primeiro lugar, não é, pai? Não é isso que é o certo? Temos de ficar juntos para consertar nossa casa e içar nosso barco, não é?

O pai passou os olhos pela sala, e Taura teve esperanças de que ele fosse falar.

— Mais comida — foi tudo o que ele disse, com um brilho nos olhos que ela nunca vira. Pareciam rasos como poças ao sol. Não havia nada por trás.

— Acabou a comida — mentiu.

O pai estreitou os olhos e mostrou os dentes. Taura ficou sem fôlego. O pai enfiou o último pedaço de pão na boca, depois o que restava do queijo. E mastigou, balançando-se de um lado para o outro. Até que se levantou. Taura recuou. O pai bebeu o resto de água e jogou a caneca no chão.

— Pai? — implorou Taura.

Ele olhou para um ponto além dela, então foi andando até o quarto do casal. Lá, o pai tirou a camisa extra de Jelin do gancho na parede e a vestiu. Ficava pequena demais, mas o gorro de lã serviu bem. O pai olhou em volta, até que encontrou o manto de inverno de Jelin preso a um gancho ao lado da porta, e o pegou também, cobrindo os ombros. Então se virou para Taura com um olhar acusador.

— Pai, por favor.

Ele não podia voltar a ser o homem que tinha sido, pelo menos por um

tempo? Mesmo que não desse a mínima para a própria família, como dissera aquele bastardo, não poderia voltar a ser o homem que sempre sabia o que deveriam fazer para sobreviver?

— Mais comida? — O pai coçou o rosto, as unhas grossas arranhando a barba curta. Seus olhos estavam inexpressivos.

E isso foi tudo o que ele disse. O pai só pensava na necessidade do momento, sem cogitar o que o amanhã poderia trazer. Não se importava com onde estivera ou o que lhe acontecera, o que acontecera à aldeia.

— Você comeu tudo — respondeu Taura, muito calma. Não sabia bem por que mentia.

O pai grunhiu e cutucou Jelin, que não se mexeu. Então passou por cima do corpo e parou diante da porta aberta, virando a cabeça bem devagar de um lado para o outro. Deu um passo para fora e parou.

A espada ainda estava no chão, não muito longe da bainha. Taura ouviu a mãe murmurar uma prece.

— Ah, minha boa Eda, faça ele ir embora.

O pai saiu da casa, adentrando a noite.

Acabaria morrendo nas mãos dos outros aldeões. Eles matariam seu pai e a odiariam por não ter feito o serviço quando o encontrou. E por ter deixado que ele matasse Jelin. Darda não guardaria segredo; a mulher contaria a todos.

Taura olhou para a mãe, que pegara uma pesada panela de ferro de uma prateleira e agora a empunhava como se fosse uma arma. Então a encarou com o olhar frio. Sim, teria até o ódio da própria mãe.

Ela se inclinou para pegar a espada, ainda pesada demais para seus braços magros. A ponta arrastava no chão quando Taura foi atrás da bainha. *Siga um Homem Forte*, dizia a inscrição.

Taura assentiu. Sabia o que tinha que fazer. Tinha que fechar a porta atrás do pai, trancá-la com o ferrolho. Tinha que pedir desculpas cem, mil vezes. Tinha que fazer um curativo no corte da mãe e ajudar Darda a preparar o corpo do marido para a pira. Tinha que pegar a espada do pai e ficar de vigia na porta, protegendo a todos. Era a última pessoa da família capaz de protegê-los dos Forjados que vagavam pelas ruas.

Sabia o que precisava fazer.

Mas a mãe estava certa a respeito dela.

Taura olhou para os quatro dentro da casa, então pegou o manto de Darda no gancho, cobriu os ombros e puxou o grosso capuz por cima do cabelo molhado. Em seguida levantou a espada e a apoiou no ombro, como uma pá, ainda

segurando a bainha na outra mão.

— O que está fazendo? — perguntou a mãe, irritada.

Taura lhe mostrou a bainha.

— Seguindo um homem forte — retrucou.

Saiu da casa debaixo do vento e da chuva. Fechou a porta com um chute e parou um pouco sob o abrigo do beiral. Ouviu o ferrolho da porta bater nos suportes, então, quase que no mesmo instante, Darda começou a berrar sua fúria e dor.

Taura se afastou da casa. O pai não estava longe; avançava a passos largos, os ombros curvados de um jeito que lembravam um urso avançando em direção à presa. Tinha de tomar uma decisão. Prendendo a bainha no cinto, ela segurou o punho da espada com ambas as mãos e refletiu sobre as possibilidades. Teria o perdão da mãe, se matasse o pai? E teria o de Darda?

Duvidava muito.

Correu atrás do pai, a pesada espada oscilando a cada passo.

— Pai! Espere! Você vai precisar da sua espada! — gritou.

O pai olhou para trás e parou sem dizer nada, mas aguardou. Só continuou andando quando Taura o alcançou.

E ela o seguiu pela escuridão.

---

* O prefixo “Fitz” era usado na Grã-Bretanha, sobretudo nos séculos XV e XVI, para designar filhos ilegítimos de pessoas da nobreza: FitzClarence, filho do duque de Clarence; Fitzjames, filho do rei Jaime. E assim por diante. Vale notar que não se trata de uma regra geral. Há muitas e muitas exceções. Fitzgerald, nome do meio do ex-presidente americano John Kennedy, é uma delas. No caso presente, entretanto, o conceito de ilegitimidade se aplica. (N.T.)

KEN LIU

Ken Liu é autor e tradutor de ficção especulativa, além de advogado e programador. Seu trabalho de ficção foi publicado em *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Asimov's Science Fiction*, *Analog*, *Clarkesworld*, *Lightspeed* e *Strange Horizons*, entre outras revistas. Ganhou um prêmio Nebula, dois Hugo, um World Fantasy Award e um Science Fiction & Fantasy Translation Award e foi indicado aos prêmios Sturgeon e Locus. Em 2015, lançou seu primeiro romance, *The Grace of Kings*. Seus livros mais recentes são *The Wall of Storms*, continuação de *The Grace of Kings*, a antologia *The Paper Menagerie and Other Stories* e, como editor e tradutor, uma coletânea de contos de ficção científica chineses, *Invisible Planets*. Ele mora com a família perto de Boston, Massachusetts.

Aqui, uma jovem pressionada a trabalhar como assassina enfrenta um último teste às suas habilidades, caso sobreviva.

A Garota Oculta

Ken Liu

A partir do século VIII, a corte imperial da Dinastia Tang chinesa passou a confiar cada vez mais em governadores militares, os jiedushi, *cujas responsabilidades começaram com a defesa de fronteiras, mas gradualmente passaram a abranger cobrança de impostos, administração pública e outros aspectos do poder político. Eles, na verdade, eram senhores da guerra feudais independentes, cuja submissão à autoridade imperial era nominal.*

A rivalidade entre os governadores era, com frequência, violenta e sangrenta.

Na manhã seguinte ao meu décimo aniversário, a luz do sol de primavera mancha o calçamento de pedra da estrada em frente à nossa casa através dos galhos floridos da árvore-dos-pagodes. Eu subo no galho grosso que aponta para o oeste como o braço de um imortal e estico a mão na direção de um cacho de flores amarelas, já sentindo o gosto doce com um toque de amargor.

— Esmolas, jovem senhora?

Olho para baixo e vejo uma *bhikkhuni*. Não sei dizer quantos anos tem — não tem rugas no rosto, mas há uma força em seus olhos escuros que me lembra minha avó. A leve penugem sobre sua cabeça raspada brilha ao sol quente como uma auréola, e seu *kasaya* cinza está limpo, mas gasto na bainha. Ela ergue uma tigela de madeira na mão esquerda, olhando-me com expectativa.

— Gostaria de algumas flores? — pergunto.

Ela sorri.

— Não provei nenhuma desde que era uma garotinha. Seria uma delícia.

— Se ficar abaixo de mim, jogarei algumas em sua tigela — ofereço, estendendo a mão para a bolsa de seda nas minhas costas.

Ela balança a cabeça.

— Não posso comer flores que foram tocadas por outra mão. Estão contaminadas demais pelas preocupações mundanas deste mundo sujo.

— Então suba você mesma — respondo. Imediatamente sinto vergonha de minha irritação.

— Se eu mesma as pegar, elas não serão esmolas, não é mesmo? — retruca, com um toque de riso em sua voz.

— Muito bem — digo. Meu pai sempre me ensinou a ser educada com monges e monjas. Podemos não seguir os ensinamentos budistas, mas não faz sentido antagonizar os espíritos, sejam eles taoistas, budistas ou espíritos selvagens que absolutamente não dependem de mestres cultos. — Diga-me quais flores você quer. Tentarei pegar sem tocar nelas.

Ela aponta para algumas flores no final de um galho fino abaixo daquele em que estou. São de cor mais clara que as flores do resto da árvore, significando que são mais doces. Mas o galho do qual pendem é fino demais para que eu possa subir nele.

Prendo as pernas no galho grosso no qual estou e me curvo para trás até estar pendurada de cabeça para baixo como um morcego. É engraçado ver o mundo desse modo, e não ligo que a bainha do meu vestido esteja se agitando ao redor do meu rosto. Meu pai sempre grita comigo quando me vê assim, mas nunca fica com raiva de mim por muito tempo, por eu ter perdido minha mãe quando era apenas um bebê.

Tento pegar as flores envolvendo as mãos com as dobras de minhas mangas, mas ainda estou longe demais do galho que ela quer, aquelas flores brancas provocadoramente fora de alcance.

— Se for difícil demais, não se preocupe com isso — diz a monja. — Não quero que rasgue seu vestido.

Mordo o lábio inferior, determinada a ignorá-la. Contraindo e flexionando os músculos da barriga e das coxas, começo a balançar para a frente e para trás. Quando chego ao ápice de uma subida que considero alta o suficiente, solto os joelhos.

Enquanto despenco pela copa folhosa, as flores que ela quer raspam em meu rosto, e eu agarro um cacho com os dentes. Meus dedos seguram o galho inferior, que baixa com meu peso e desacelera meu impulso enquanto meu corpo gira novamente para cima. Por um momento, parece que o galho vai resistir, mas então ouço um estalo seco e, de repente, não sinto mais meu peso.

Dobro os joelhos e consigo aterrissar ilesa na sombra da árvore-dos-pagodes. Rolo para fora do caminho imediatamente, e o galho carregado de flores cai no ponto que eu ocupava um instante antes.

Caminho despreocupada até a monja e abro a boca para depositar o cacho de flores em sua tigela de esmolas.

— Sem sujeira. E você falou apenas em mãos.

Nós nos sentamos à sombra da árvore com as pernas cruzadas em posição de lótus, como fazem os budas no templo. Ela colhe as flores do cacho: uma para ela, uma para mim. A doçura é mais leve e menos exagerada que a dos bonequinhos de açúcar que meu pai às vezes compra para mim.

— Você tem um talento — diz ela. — Daria uma boa ladra.

Eu olho para ela, indignada.

— Eu sou filha de um general.

— É mesmo? — retruca. — Então já é uma ladra.

— Do que está falando?

— Eu caminhei muitos quilômetros — conta ela. Olho para os pés descalços dela; as solas são calosas e grossas. — Vejo camponeses passando fome nos campos enquanto os grandes nobres conspiram e planejam grandes exércitos. Vejo ministros e generais beberem vinho em taças de marfim e praticar caligrafia com seu mijo em rolos de seda enquanto órfãos e viúvas fazem uma xícara de arroz durar cinco dias.

— Não somos ladrões só porque não somos pobres. Meu pai serve ao seu senhor, o *jiedushi* de Weibo, com honra e cumpre suas obrigações fielmente.

— Somos todos ladrões neste mundo de sofrimento — retruca a monja. — Honra e fé não são virtudes, apenas desculpas para roubar mais.

— Então você também é uma ladra — digo. O calor da raiva fazia meu rosto brilhar. — Você aceita esmolas e não trabalha para merecê-las.

Ela anui.

— De fato sou. O Buda nos ensina que o mundo é uma ilusão e que sofrer é inevitável se não conseguimos ver através dela. Se todos estamos destinados a ser ladrões, é melhor ser uma ladra que adere a um código que transcende o mundano.

— Então qual é o seu código?

— Desdenhar das declarações morais de hipócritas, ser fiel à minha palavra e sempre fazer o que prometo, nem mais nem menos. Honrar meu talento e brandi-lo como uma luz num mundo escuro.

Eu rio.

— Qual é o seu talento, senhora ladra?

— Eu roubo vidas.

O interior do armário é escuro e quente, cheirando a cânfora. À luz fraca que entra pela fresta entre as portas eu arrumo os cobertores ao redor de mim para criar um ninho confortável.

Os passos dos soldados em patrulha ecoam pelo corredor do lado de fora do meu quarto. Sempre que um deles vira uma esquina o retinir de armadura e espada marca a passagem de outra fração de hora, deixando-me mais perto da manhã.

A conversa entre a *bhikkhuni* e meu pai se repete em minha mente.

— Entregue-a para mim. Eu a terei como minha aluna.

— Por mais que eu fique lisonjeado com a gentil atenção do Buda, tenho de declinar. O lugar de minha filha é em casa, a meu lado.

— Você pode entregá-la a mim voluntariamente, ou posso levá-la sem a sua bênção.

— Você está me ameaçando com um sequestro? Saiba que levei minha vida na ponta de uma espada, e minha casa é protegida por cinquenta homens armados que darão suas vidas por sua jovem senhora.

— Eu nunca ameaço, simplesmente informo. Mesmo que você a mantenha numa arca de ferro envolvida em correntes de bronze no fundo do oceano, eu a levarei embora tão facilmente quanto corto sua barba com este punhal.

Houve um frio e brilhante clarão metálico. Meu pai sacou sua espada; o som raspado da lâmina na bainha fez meu coração dar um pulo selvagem.

Mas a bhikkhuni *já tinha partido, deixando para trás alguns fios soltos dos pelos grisalhos flutuando suavemente em direção ao chão sob os raios diagonais do sol. Meu pai, chocado, levou a mão à lateral do rosto onde o punhal raspara em sua pele*.

Os pelos pousaram; meu pai afastou a mão. Havia um trecho de pele exposta em sua bochecha, pálido como os blocos de pedra na estrada ao sol matinal. Nenhum sangue.

— Não tenha medo, filha. Eu irei triplicar os guardas em vigília esta noite. O espírito de sua querida mãe falecida a protegerá.

Mas estou com medo. Eu *estou* com medo. Penso no brilho do sol ao redor da cabeça da monja. Eu gosto dos meus cabelos compridos e grossos, que as aias me dizem que lembram os de minha mãe, e ela penteava os cabelos cem vezes todas as noites antes de dormir. Não quero ter minha cabeça raspada.

Penso no brilho de metal na mão da monja, mais rápido que os olhos conseguem acompanhar.

Penso nos pelos da barba de meu pai descendo para o chão.

A luz da lanterna a óleo do lado de fora do armário tremeluz. Vou para o canto e aperto os olhos com força.

Não há barulho. Apenas uma brisa que acaricia meu rosto. Suavemente,

como o bater de asas de uma mariposa.

Abro os olhos. Por um momento, não compreendo o que estou vendo.

Suspenso cerca de um metro do meu rosto há um objeto comprido, mais ou menos do tamanho do meu antebraço e com a forma do casulo de um bicho-da-seda. Brilhando como um pedaço da lua, ele emite uma luz sem calor, sem sombra. Fascinada, engatinho para perto.

Não, não é exatamente um "objeto". A luz fria emana dele como gelo derretendo, juntamente com a brisa que agita meus cabelos junto ao rosto. É mais como a ausência de substância, uma fenda no interior escuro do armário, um objeto negativo que consome escuridão e a transforma em luz.

Minha garganta parece ressecada, e eu engulo com força. Com os dedos trêmulos, estendo a mão para tocar o brilho. Meio segundo de hesitação, então faço contato.

Ou não contato. Não há calor de queimar a pele nem frio de congelar os ossos. Minha impressão do objeto como sendo negativo é confirmada quando minhas mãos não tocam nada nem saem do outro lado: simplesmente desaparecem no brilho, como se eu estivesse enfiando a mão num buraco no espaço.

Eu arranco a mão de volta e examino os dedos, agitando-os. Nenhum dano que eu possa ver.

Uma mão se estende desde a fenda, agarra meu braço e me puxa na direção da luz. Antes que eu consiga gritar, uma luz ofuscante me cega, e sou tomada pela sensação de queda, queda da ponta de uma árvore-dos-pagodes que alcança o céu na direção de uma terra que nunca chega.

A montanha flutua em meio às nuvens como uma ilha.

Tentei encontrar o caminho para baixo, mas sempre fico perdida em meio à floresta enevoada. "Simplesmente desça, desça", digo a mim mesma. Mas a neblina fica mais densa até ganhar substância, e não importa quanto eu empurre, a parede de nuvens se recusa a ceder. Então não tenho escolha que não seja me sentar, tremendo, torcendo os cabelos para eliminar a condensação. Parte da umidade vem das lágrimas, mas não vou admitir isso.

Ela se materializa na neblina. Sem palavras, chama-me para segui-la de volta ao pico; eu obedeço.

— Você não é muito boa em se esconder — diz ela.

Não há resposta para isso. Se ela conseguiu me roubar de um armário dentro da casa de um general protegida por muros e soldados, suponho que não haja nenhum lugar em que possa me esconder dela.

Saímos da floresta de volta para o pico banhado de sol. Uma rajada de vento passa por nós, erguendo as folhas caídas numa tempestade dourada e carmim.

— Está com fome? — pergunta ela, com alguma gentileza na voz.

Eu anuo. Algo em seu tom me pega desprevenida. Meu pai nunca me pergunta se estou com fome, e às vezes sonho com minha mãe me preparando um café da manhã com pão recém-assado e feijões fermentados. Já se passaram três dias desde que a *bhikkhuni* me trouxe para cá, e não comi nada além de algumas frutas azedas que encontrei na floresta e raízes amargas que arranquei do chão.

— Venha — diz.

Ela me leva por uma subida em zigue-zague escavada na face de um penhasco. A trilha é tão estreita que não ouso olhar para baixo, arrastando-me à frente, rosto e corpo apertados contra a face rochosa e as mãos esticadas agarrando-se às trepadeiras pendentes como lagartixas. A *bhikkhuni*, por outro lado, avança em passos largos como se caminhasse por uma ampla avenida em Chang'an. Espera pacientemente a cada curva que eu a alcance.

Ouço sons fracos de metais retinindo acima de mim. Tendo cravado os pés em depressões na trilha e testado a trepadeira em minhas mãos para ter certeza de que está seguramente enraizada na montanha, eu olho para cima.

Duas mulheres jovens, de uns catorze anos de idade, estão lutando com espadas no ar. Não, "lutar" não é a palavra certa. É mais preciso chamar seus movimentos de dança.

Uma das mulheres, vestindo uma túnica branca, salta do penhasco com ambos os pés enquanto segura numa trepadeira com a mão esquerda. Balança para longe do penhasco num arco amplo, as pernas esticadas diante do corpo numa pose graciosa que me lembra as *apsaras* — ninfas voadoras que moram nas nuvens — pintadas em rolos nos templos. A espada em sua mão direita reluz à luz do sol como um estilhaço do céu.

À medida que a ponta de sua espada se aproxima da oponente no penhasco, a outra mulher larga a trepadeira que está segurando e salta para cima. A túnica negra se abre ao redor dela como as asas de uma mariposa gigante, e, conforme sua ascensão desacelera, ela gira no ápice do arco e projeta-se na direção da mulher de branco como um falcão mergulhando, o braço com a espada à frente como um bico.

Clang!

As pontas das espadas se chocam, e uma centelha ilumina o ar como fogo de artifício explodindo. A espada na mão da mulher de preto se curva num crescente, desacelerando sua descida até que ela esteja de cabeça para baixo no

ar, sustentada apenas pela ponta da lâmina da adversária.

As duas mulheres atacam com as mãos livres, palmas estendidas.

Tump!

Um golpe seco reverbera no ar. A mulher de preto pousa contra a face da montanha, à qual se agarra habilidosamente enrolando uma trepadeira no tornozelo. A mulher de branco completa seu movimento em arco de volta à rocha e, como uma libélula mergulhando a cauda num lago imóvel, avança novamente para outro ataque.

Eu observo, fascinada, enquanto as duas espadachins insistem, esquivam-se, atacam, fintam, golpeiam, chutam, cortam, deslizam, saltam e empurram em meio à teia de trepadeiras na face do penhasco íngreme, milhares de metros acima das nuvens que rolam abaixo, desafiando a gravidade e a mortalidade. São graciosas como pássaros disparando por uma floresta de bambus balouçantes, rápidas como o louva-a-deus saltando por uma teia coberta de sereno, impossíveis como os imortais das lendas sussurradas por bardos de voz rouca em casas de chá.

Também noto com alívio que ambas têm belos cabelos grossos soltos. Talvez raspar a cabeça não seja exigido de quem estuda para ser *bhikkhuni*.

— Venha — chama a *bhikkhuni*, e eu, obediente, avanço até a pequena plataforma de pedra que se projeta no ar a partir da curva na trilha. — Acho que você realmente está com fome — comenta, com um traço de riso na voz. Constrangida, fecho a boca, ainda aberta por causa do choque de ver as garotas lutando.

Com as nuvens bem abaixo de nossos pés e o vento açoitando ao redor, parecia que o mundo que eu conhecera durante minha vida inteira desmoronara.

— Aqui — diz ela, apontando para uma pilha de brilhantes pêssegos rosados no final da plataforma, cada um mais ou menos do tamanho do meu punho. — Os monges centenários que vivem nas montanhas os colhem em meio às nuvens, onde os pessegueiros absorvem a essência dos céus. Depois de comer um deles você não sentirá fome por dez dias inteiros. Se ficar com sede, poderá beber o orvalho das trepadeiras e a água da fonte na caverna que é nosso dormitório.

As duas garotas em luta tinham descido do penhasco para a plataforma atrás de nós. Cada uma pegou um pêssego.

— Vou lhe mostrar onde você irá dormir, Pequena Irmã— diz a garota de branco. — Eu sou Jinger. Se sentir medo dos lobos uivando à noite, pode ir para a minha cama.

— Tenho certeza de que você nunca comeu nada tão doce quanto este pêssego — diz a garota de preto. — Eu sou Konger. Estudei com a Professora

por mais tempo e conheço todos os frutos desta montanha.

— Vocês têm flores de árvore-dos-pagodes? — pergunto.

— Não — responde ela. — Talvez um dia você possa me mostrar.

Eu mordo o pêssego. É indescritivelmente doce e derrete na minha língua como se fosse feito de neve pura. Mas assim que engulo um bocado, minha barriga aquece com o calor de sua sustância. Acredito que o pêssego realmente me sustentará por dez dias. Acredito em qualquer coisa que minha professora me diz.

— Por que você me pegou? — pergunto.

— Você tem um talento, Yinniang — responde ela.

Imagino que esse será meu nome a partir de agora. “A Garota Oculta”.

— Mas talentos devem ser cultivados — continua ela. — Você será uma pérola enterrada na lama do infinito mar Oriental? Ou irá brilhar forte o bastante para despertar aqueles que apenas cochilam pela vida e iluminar um mundo mundano?

— Ensine-me a voar e lutar como elas — digo, sugando o suco doce do pêssego em minhas mãos. “Eu me tornarei uma grande ladra”, digo a mim mesma. “Roubarei minha vida de volta de você.”

Ela anui, pensativa, e olha a distância, onde o sol poente transformou as nuvens num mar de esplendor dourado e sangue carmim.

Seis anos depois.

As rodas da carroça de burro param.

Sem aviso, a Professora arranca a venda de meus olhos e tira os tampões de seda de meus ouvidos. Eu luto contra o repentino sol brilhante e o mar de barulho: os zurros dos burros, relinchos de cavalos, batidas de címbalos e os gemidos dos *erhus* de uma trupe de ópera popular, as batidas e os baques de produtos sendo carregados e descarregados, os cantos, gritos, barganhas, risos, discussões e afirmações que compõem a sinfonia de uma metrópole.

Enquanto ainda estou me recuperando de minha viagem pela escuridão balouçante, a Professora salta para o chão de modo a prender o burro a um poste na lateral da estrada. Estamos em alguma capital de província, isso eu sei — de fato, o cheiro de cem tipos diferentes de massa frita, maçãs carameladas, estrume de cavalo e perfumes exóticos já tinha me dito isso antes mesmo que a venda fosse tirada —, mas não sei dizer exatamente onde. Eu me esforço para captar fragmentos de conversas na cidade movimentada ao redor de mim, mas o dialeto regional não é familiar.

Os pedestres que passam por nossa carroça fazem uma mesura para a Professora.

— *Amitabha* — dizem.

A Professora ergue uma das mãos diante do peito e também se curva.

— *Amitabha* — responde.

Posso estar em qualquer lugar do império.

— Vamos almoçar. Depois você pode descansar na hospedaria ali adiante — diz a Professora.

— E quanto à minha tarefa? — pergunto. Estou nervosa. Esta é a primeira vez que estou longe da montanha desde que ela me levou.

Ela me encara com uma expressão complicada, um meio-termo entre pena e diversão.

— Tão ansiosa?

Mordo o lábio inferior, sem responder.

— Você escolherá seu método e tempo — diz ela, num tom tão sereno quanto o céu sem nuvens. — Voltarei na terceira noite. Boa caçada.

— Mantenha os olhos abertos e os membros relaxados — disse ela. — Lembre-se de tudo que lhe ensinei.

A Professora invocara dois falcões da névoa de picos próximos, cada um do tamanho de um homem adulto. Lâminas de ferro se projetavam de suas garras, e aço reluzia em seus bicos curvos cruéis. Eles circularam ao redor de mim, alternadamente emergindo da nuvem-névoa e desaparecendo nela, entre seus gritos sofridos e orgulhosos.

Jinger me deu um pequeno punhal de uns doze centímetros de comprimento. Parecia totalmente inadequado para a tarefa. Minha mão tremia enquanto eu envolvia o cabo com os dedos.

— O que pode ser visto não é tudo — disse ela.

— Esteja alerta para o que está escondido — acrescentou Konger.

— Você ficará bem — disse Jinger, apertando meu ombro.

— O mundo está cheio de ilusões criadas pela Verdade não vista — disse Konger. Depois se inclinou para sussurrar em meu ouvido, e senti seu hálito quente sobre minha bochecha. — Eu ainda tenho uma cicatriz na nuca de minha vez com os falcões.

Elas recuaram e desapareceram na neblina, deixando-me sozinha com os rapineiros e a voz da Professora vindo das trepadeiras acima de mim.

— Por que matamos? — perguntei.

Os falcões se revezaram nas investidas, fintando e testando minhas defesas. Saltei por reflexo, brandindo meu punhal para afastá-los.

— Esta é uma época de caos — disse a Professora. — Os grandes senhores da terra estão tomados pela ambição. Tomam tudo que podem do povo que juraram proteger, pastores que se transformaram em lobos e mantêm seus rebanhos como presas. Eles aumentam os impostos até que as paredes de seus palácios estejam brilhando com ouro e prata; eles afastam filhos de mães até que seus exércitos inchem como a corrente do rio Amarelo; eles tramam, conspiram e modificam linhas nos mapas como se o país não fosse nada além de uma bandeja de areia na qual os camponeses se arrastam e engatinham como formigas aterrorizadas.

Um dos falcões se virou para mergulhar sobre mim. Um ataque de verdade, não um teste. Eu me agachei numa posição defensiva, erguendo o punhal em minha mão direita para proteger meu rosto, a esquerda no chão para ter estabilidade. Mantive os olhos no falcão, deixando que tudo ao fundo desaparecesse, a não ser os reflexos brilhantes de bico e garras afiados, como uma constelação no céu noturno.

O falcão cresceu em minha visão. Uma brisa leve tocou minha nuca. O rapineiro esticou as garras e bateu as asas, tentando desacelerar o mergulho no último instante.

— Quem pode dizer que um governador está certo? Ou que outro general está errado? — perguntou ela. — O homem que seduz a esposa do seu senhor pode fazê-lo para se aproximar de um tirano e conseguir vingança. A mulher que exige de seu patrono arroz para os camponeses pode fazê-lo para alimentar a própria ambição. Vivemos numa época de caos, e a única escolha moral é ser amoral. Os grandes nobres nos contratam para atacar seus inimigos. E cumprimos nossas missões com dedicação e lealdade, verdadeiras e mortais como a seta de uma besta.

Preparei-me para saltar da posição agachada e acertar o falcão, mas então me lembrei das palavras de minhas irmãs: "O que pode ser visto não é tudo… Ainda tenho uma cicatriz na nuca."

Joguei-me no chão e rolei para a esquerda; as garras do falcão que estivera tentando se esgueirar por trás de mim erraram por centímetros. Ele se chocou com o companheiro no ponto em que minha cabeça estivera apenas um momento antes, como alguém que ao mergulhar encontra seu reflexo na superfície da água. Houve uma agitação de asas e guinchos raivosos.

Eu me lancei na tempestade de penas. Um, dois, três cortes, mais rápidos que um raio. Os falcões tombaram, as asas se deformaram ao bater no chão. Sangue

dos cortes retos em suas gargantas se acumulou na plataforma de pedra.

Havia também sangue correndo do meu ombro, onde as pedras ásperas tinham arranhado a pele quando rolei. Mas eu tinha sobrevivido, e meus inimigos, não.

— Por que nós matamos? — perguntei novamente, ainda ofegante pelo esforço. Eu matara macacos selvagens, panteras da floresta e tigres do bambuzal. Mas uma dupla de falcões da névoa fora a morte mais dura até o momento, o auge da arte do assassino. — Por que agimos como as garras dos poderosos?

— Nós somos a nevasca de inverno se lançando sobre uma casa apodrecida por cupins — respondeu ela. — Apenas acelerando a decadência do velho poderemos produzir o renascimento do novo. Somos a vingança de um mundo cansado.

Jinger e Konger saíram da neblina para espalhar pó dissolvente de cadáveres sobre os falcões e fazer um curativo em meu ferimento.

— Obrigada — sussurrei.

— Você precisa praticar mais — disse Jinger, mas o tom era gentil.

— Tenho de manter você viva — disse Konger, com os olhos brilhando maliciosamente. — Você prometeu me conseguir algumas flores de árvore-dos-pagodes, lembra?

A fina lua crescente pende da ponta de um galho da velha árvore-dos-pagodes do lado de fora da mansão do governador enquanto o vigia noturno toca a meia-noite. As sombras nas ruas são densas como tinta, a mesma cor de minhas calças de seda, da túnica justa e da máscara de pano sobre o nariz e a boca.

Estou de cabeça para baixo, os pés presos no alto do muro e meu corpo colado como uma trepadeira à superfície lisa. Dois soldados passam abaixo de mim em seu roteiro de patrulha. Se olharem para cima acharão que sou apenas parte das sombras ou um morcego dormindo.

Assim que vão embora, curvo as costas e subo no muro. Avanço por cima, mais silenciosa que um gato, até estar em frente ao teto do salão central do complexo. Impulsionando-me com as pernas dobradas, viajo sobre o espaço num único salto e fundo-me com as telhas na curvatura suave do telhado.

Há, claro, modos muito mais furtivos de penetrar num complexo bem protegido, mas eu gosto de ficar neste mundo, permanecer cercada pela brisa noturna e os pios distantes da coruja.

Com cuidado, solto uma telha esmaltada e espio. Através da treliça abaixo do telhado, vejo um salão bem iluminado calçado com pedras. Um homem de meia-

idade está sentado numa plataforma na extremidade leste, os olhos fixos numa pilha de papéis, folheando as páginas lentamente. Vejo uma marca de nascença em forma de borboleta na bochecha esquerda e um colar de jade no pescoço.

Ele é o *jiedushi* que eu devo matar.

— Roube a vida dele e seu aprendizado estará completo — disse a Professora. — Este é seu último teste.

— O que ele fez para merecer morrer? — perguntei.

— Isso tem importância? É suficiente que um homem que certa vez salvou minha vida quer que este homem morra e pagou regiamente por isso. Nós amplificamos as forças da ambição e do conflito; nós nos aferramos apenas ao nosso código.

Engatinho no telhado, palmas das mãos e pés deslizando suavemente sobre as telhas, sem fazer nenhum ruído — a Professora nos ensinou fazendo com que deslizássemos sobre o lago do vale em março, quando o gelo é tão fino que até mesmo esquilos às vezes o partem, caem e se afogam. Eu me sinto una com a noite, meus sentidos afiados como a ponta de meu punhal. A excitação é marcada por um toque de tristeza, como o primeiro contato de um pincel com uma nova folha de papel.

Agora que estou logo acima do ponto onde o governador está sentado, mais uma vez desloco uma telha, depois outra. Abro um buraco grande o suficiente para me esgueirar. A seguir, pego o gancho na bolsa, pintado de preto para impedir reflexos, e o lanço na direção da cumeeira, para que se prenda com segurança. Depois amarro a corda de seda em minha cintura.

Olho para baixo pelo buraco no telhado. O *jiedushi* ainda está no mesmo lugar, ignorando o perigo mortal acima de sua cabeça.

Por um momento, tenho a ilusão de estar de volta à grande árvore-dos-pagodes em frente à minha casa, olhando para meu pai por um espaço entre as folhas que se agitam.

Mas o momento passa. Vou saltar como um cormorão, cortar sua garganta, tirar suas roupas e espalhar pó dissolvente de cadáveres sobre sua pele inteira. Depois, enquanto ele permanece deitado no chão de pedras, ainda se retorcendo, saltarei de volta para o telhado e escaparei. Quando os empregados encontrarem os restos do seu corpo, pouco mais que um esqueleto, terei partido há muito tempo. A Professora irá declarar meu aprendizado concluído, e eu serei uma igual perante minhas irmãs.

Respiro fundo. Meu corpo está contraído. Treinei e pratiquei para este momento durante seis anos. Estou pronta.

— Baba!

Permaneço imóvel.

O garoto que sai de trás das cortinas tem uns seis anos de idade e os cabelos presos numa trancinha elegante que aponta para cima como o rabo de um galo.

— O que está fazendo ainda acordado? — pergunta o homem. — Seja um bom menino e volte a dormir.

— Não consigo dormir — responde o garoto. — Ouvi um barulho e vi uma sombra se movendo no muro do pátio.

— Apenas um gato — retruca o homem. O garoto não parece convencido. O homem parece pensativo por um momento e, depois, diz: — Certo, venha aqui.

Coloca os papéis de lado na escrivaninha baixa ao seu lado. O garoto sobe no seu colo.

— As sombras não são nada de que se deva ter medo — diz. Então, começa a criar uma série de sombras com as mãos diante da luz de leitura. Ensina o garoto a fazer uma borboleta, um cachorrinho, um morcego, um dragão sinuoso. O garoto ri, encantado. Depois, o garoto faz um gatinho para perseguir a borboleta do pai ao longo das janelas cobertas com papel do grande salão.

— As sombras ganham vida com a luz, e elas também morrem com a luz — diz o homem. Ele para de mover os dedos e deixa que as mãos baixem ao lado do corpo. — Vá dormir, garoto. Pela manhã, você poderá perseguir borboletas de verdade no jardim.

O garoto, com os olhos pesados, anui e sai em silêncio.

No telhado, eu hesito. O riso do garoto não deixa minha mente. A garota roubada de sua família pode roubar uma família de outra criança? Essa é a declaração moral de uma hipócrita?

— Obrigado por esperar até que meu filho tivesse saído — diz o homem.

Eu fico paralisada. Não há ninguém no salão além dele, e a voz é alta demais para que ele esteja falando sozinho.

— Eu prefiro não gritar — diz, com os olhos ainda na pilha de papéis. — Seria mais fácil se você descesse.

As batidas do meu coração são rugidos em meus ouvidos. Eu deveria fugir. Provavelmente é uma armadilha. Ele pode ter soldados de emboscada ou algum mecanismo sob o piso do salão para me capturar. Mas algo em sua voz me leva a obedecer.

Eu me jogo pelo buraco no telhado. A corda de seda presa ao gancho enrolada em minha cintura desacelera a descida. Pouso suavemente diante da plataforma, silenciosa como um floco de neve.

— Como você soube? — pergunto. Os tijolos aos meus pés não se abriram

para revelar um grande poço nem soldados saíram correndo de trás das telas, mas minhas mãos agarram a corda com força e meus joelhos estão prontos para saltar. Ainda posso completar minha missão se ele realmente estiver indefeso.

— As crianças têm ouvidos mais acurados do que os de seus pais — responde ele. — E há muito tempo crio sombras para minha própria diversão enquanto leio tarde da noite. Sei quanto as luzes neste salão costumam tremeluzir sem a brisa de uma nova abertura no telhado.

Eu anuo. É uma boa lição para a próxima vez. Minha mão direita vai pegar o cabo do punhal colocado na bainha na base das minhas costas.

— O *jiedushi* Lu de Chenxu é ambicioso — diz ele. — Ele cobiça meu território há muito tempo, querendo forçar os jovens que vivem nos campos férteis a entrar em seu exército. Se você me abater, não haverá ninguém para se colocar entre ele e o trono em Chang'an. Milhões morrerão à medida que sua rebelião varrer o império. Centenas de milhares de crianças se tornarão órfãs. Multidões fantasmagóricas irão vagar pela terra, suas almas incapazes de descansar enquanto feras devoram seus cadáveres.

Os números são vastos, como os inúmeros grãos de areia suspensos nas águas turvas do rio Amarelo. Eu não consigo compreendê-los.

— Ele salvou a vida de minha professora certa vez — digo.

— E então você fará o que ela pede, cega a todas as outras preocupações?

— O mundo é podre — respondo. — Eu tenho minha obrigação.

— Não posso dizer que minhas mãos estão livres de sangue. Talvez este seja o fruto de fazer acordos — diz. Suspira. — Você me permitiria dois dias para colocar meus negócios em ordem? Minha esposa partiu deste mundo quando meu filho nasceu, e tenho de garantir que ele seja cuidado.

Eu o encaro. Não posso tratar o riso do menino como uma ilusão.

Imagino o governador cercando sua casa com milhares de soldados, imagino-o se escondendo no sótão, tremendo como uma folha no outono. Eu o imagino na estrada, longe desta cidade, açoitando seu cavalo repetidamente, fazendo caretas como uma marionete desesperada.

Como se lesse minha mente, ele diz:

— Eu estarei aqui, sozinho, em duas noites. Eu lhe dou minha palavra.

— O que vale a palavra de um homem prestes a morrer? — retruco.

— Tanto quanto a palavra de uma assassina — responde.

Eu anuo e salto para cima. Subindo pela corda oscilante tão rapidamente quanto subo por uma das trepadeiras do penhasco em casa, desapareço pelo buraco no telhado.

Não estou preocupada com uma fuga do *jiedushi*. Eu fui bem treinada e o pegarei, não importa para onde ele corra. Eu preferi dar a ele a chance de passar algum tempo se despedindo do seu garotinho; isso parece certo.

Vago pelos mercados da cidade, absorvendo o cheiro de massa frita e açúcar caramelizado. Meu estômago ronca com a lembrança de comidas que não experimentei em seis anos. Comer pêssegos e beber sereno pode ter purificado meu espírito, mas a carne ainda anseia por doçura terrena.

Falo com os vendedores no idioma da corte, que pelo menos alguns deles dominam um pouco.

— Isso é muito bem-feito — digo, olhando para um general de açúcar num palito. O bonequinho veste uma capa de guerra vermelha coberta com o suco de uma fruta chamada jujuba. Fico com água na boca.

— Gostaria de um? — pergunta o vendedor. — Está bem fresco, jovem senhora. Eu fiz nesta manhã. O recheio é de pasta de lótus.

— Não tenho dinheiro — respondo, lamentando. A Professora só me deu dinheiro suficiente para a hospedagem e um pêssego seco para comer.

O vendedor me avalia e parece chegar a uma conclusão.

— Pelo seu sotaque, você não é daqui.

Eu anuo.

— Longe de casa para encontrar um poço de tranquilidade neste mundo caótico?

— Algo assim — digo.

Ele anui, como se isso explicasse tudo. Ele me dá o palito com o general de açúcar.

— De um nômade para outro, então. Este é um bom lugar para se assentar.

Eu aceito o presente e agradeço a ele.

— De onde você é?

— Chenxu. Abandonei meus campos e fugi quando os homens do *jiedushi* Lu chegaram à minha aldeia para convocar meninos e homens para o exército. Eu já tinha perdido meu pai e não estava interessado em morrer para dar cor à capa de guerra dele. Esse bonequinho é inspirado no *jiedushi* Lu. Sinto prazer quando os clientes arrancam a cabeça dele.

Eu rio e agradeço a ele. A massa de açúcar derrete na língua e a pasta de lótus que escorre é suculenta e deliciosa.

Caminho pelas travessas e ruas da cidade, saboreando cada bocado do boneco doce enquanto escuto fragmentos de conversas saindo pelas portas de casas de chá e de carruagens de passagem.

— … por que deveríamos mandá-la até o outro lado da cidade para aprender a dançar?

— O magistrado não vai olhar com gentileza para esse artifício…

— … o melhor peixe que já comi! Ainda estava se sacudindo…

— … como você pode saber? O que ele disse? Diga, irmã, diga…

O ritmo da vida flui ao meu redor, sustentando-me no ar como o mar de nuvens na montanha quando balanço de uma trepadeira para outra. Penso nas palavras do homem que eu deveria matar.

Milhões morrerão à medida que sua rebelião varrer o império. Centenas de milhares de crianças se tornarão órfãs. Multidões fantasmagóricas irão vagar pela terra.

Penso no filho dele e nas sombras correndo pelas paredes do enorme salão vazio. Algo em meu coração pulsa com a música daquele mundo, ao mesmo tempo mundano e sagrado. Os grãos de areia rodopiando na água se transformam em rostos individuais, rindo, chorando, ansiando, sonhando.

Na terceira noite, a lua crescente está um pouco maior, o vento, um pouco mais frio, e os pios das corujas a distância, um pouco mais sinistros.

Eu escalo o muro do complexo do governador como antes. O padrão de patrulhamento dos soldados não mudou. Desta vez me agacho ainda mais e me movo ainda mais silenciosamente no alto do muro fino como um galho e na superfície irregular das telhas. Estou de volta ao ponto conhecido. Levanto a telha que havia recolocado duas noites antes e colo o olho na fenda para bloquear a brisa, esperando que a qualquer momento guardas mascarados saltem da escuridão numa armadilha.

Não há com que me preocupar. Estou pronta.

Mas não há gritos de alerta e o gongo não soa. Olho para o salão bem iluminado abaixo. Ele está sentado no mesmo ponto, uma pilha de papéis na escrivaninha ao lado.

Escuto atentamente em busca dos passos de uma criança. Nada. O garoto foi mandado para longe.

Examino o piso do salão onde o homem está sentado. Está coberto de palha. A visão me confunde por um momento antes que eu me dê conta de que é um ato de gentileza. Ele quer impedir que seu sangue suje os tijolos, para facilitar o trabalho de quem for obrigado a limpar a bagunça.

O homem está sentado em posição de lótus, olhos fechados, sorriso beatífico no rosto como uma estátua do Buda.

Suavemente, recoloco a telha no lugar e desapareço na noite como uma brisa.

— Por que não concluiu sua tarefa? — pergunta a Professora. Minhas irmãs estão atrás dela, duas *arhat* protegendo sua senhora.

— Ele estava brincando com o filho — respondo. Eu me aferro à explicação como uma trepadeira balançando acima de um abismo.

Ela suspira.

— Da próxima vez em que isso acontecer, você deve matar o menino primeiro, para que isso não mais a distraia.

Eu balanço a cabeça.

— É um truque. Ele está apelando para as suas simpatias. Os poderosos são atores num palco, seus corações são tão impossíveis de decifrar quanto as sombras.

— Pode ser — digo. — Mas ele manteve sua palavra e estava disposto a morrer em minhas mãos. Também acredito que outras coisas que ele me disse podem ser verdade.

— Como você sabe que ele não é tão ambicioso quanto o homem que ele ataca? Como sabe que não está apenas sendo gentil de modo a poder cometer uma crueldade maior no futuro?

— Ninguém conhece o futuro — digo. — A casa pode estar totalmente podre, mas não estou disposta a ser a mão que a faz desmoronar sobre as formigas que buscam um poço de tranquilidade.

Ela me encara.

— E quanto à lealdade? E quanto à obediência à sua professora? E quanto a levar a cabo o que você prometeu fazer?

— Eu não devo ser uma ladra de vidas — digo.

— Tanto talento — diz ela, e acrescenta depois de uma pausa: — Desperdiçado.

Algo no seu tom me faz estremecer. Olho atrás dela e vejo que Jinger e Konger partiram.

— Se você partir, não será mais minha aluna — diz ela.

Olho para seu rosto sem rugas e os olhos que não carecem de gentileza. Penso nas vezes em que ela colocou ataduras em minhas pernas depois que caí das trepadeiras nos primeiros dias. Penso na sua luta contra o urso do bambuzal quando eu não consegui enfrentá-lo. Penso nas noites em que me embalou e me ensinou a ver a verdade além das ilusões do mundo.

Ela me tirara da minha família, mas também fora a coisa mais parecida com

uma mãe que eu conheci.

— Adeus, Professora.

Eu me agacho e salto como um tigre, como um macaco selvagem se erguendo, como um falcão alçando voo. Atravesso a janela do quarto na hospedaria e mergulho no oceano que é a noite.

— Não estou aqui para matá-lo — digo.

O homem anui, como se isso fosse totalmente esperado.

— Minhas irmãs, Jinger, também conhecida como Cerne do Raio, e Konger, Mãos Vazias, foram enviadas para concluir o que eu não consegui.

— Vou convocar meus guardas — diz ele, levantando-se.

— Isso não será de valia alguma — digo a ele. — Jinger pode roubar sua alma mesmo que você esteja escondido dentro de um sino no fundo do oceano, e Konger é ainda mais habilidosa.

Ele sorriu.

— Então as enfrentarei sozinho. Obrigado pelo aviso. Assim meus homens não morrerão desnecessariamente.

Um leve guincho, como uma tropa distante de macacos gritadores, podia ser ouvido na noite.

— Não há tempo para explicar — digo a ele. — Dê-me seu cachecol vermelho.

Ele faz isso, e eu amarro o cachecol na cintura.

— Você verá coisas que parecem além da compreensão. O que quer que aconteça, mantenha os olhos neste cachecol e fique longe dele.

O uivo ficou mais alto. Parecia vir de toda parte e de nenhuma. Jinger estava ali.

Antes que ele tenha tempo de fazer mais perguntas, abro uma fenda no espaço e engatinho para dentro, desaparecendo, deixando apenas a ponta do cachecol vermelho balançando do lado de fora.

— Imagine que o espaço é uma folha de papel — disse a Professora. — Uma formiga andando por esta folha de papel tem consciência de largura e profundidade, mas não tem consciência de altura.

Eu olhei para a formiga que ela desenhara no papel, com expectativa.

— A formiga morre de medo do perigo, então constrói um muro ao redor, pensando que uma barreira tão inexpugnável a manterá segura.

A Professora desenha um anel ao redor da formiga.

— Mas, sem que a formiga saiba, há uma faca posicionada acima dela. Não faz parte do mundo da formiga, é invisível a ela. O muro que ela construiu não servirá para protegê-la de um golpe vindo de uma direção oculta…

Ela joga um punhal no papel, cravando a formiga desenhada no chão.

— Você pode achar que largura, profundidade e altura são as únicas dimensões do mundo, Garota Oculta, mas está errada. Você passou a vida como uma formiga numa folha de papel, e a verdade é muito mais assombrosa.

Eu chego ao espaço acima do espaço, o espaço dentro do espaço, o espaço oculto.

Tudo ganha uma nova dimensão: as paredes, os tijolos do chão, os archotes tremeluzentes, o rosto assombrado do governador. É como se a pele do governador houvesse sido retirada para revelar o que há por baixo: vejo seu coração batendo, seus intestinos pulsando, o sangue fluindo por seus vasos transparentes, seus ossos brancos reluzentes, bem como a medula aveludada enfiada dentro deles como pasta de lótus pintada de jujuba. Vejo cada grão de mica cintilante dentro de cada tijolo, vejo dez mil imortais dançando dentro de cada chama.

Não, isso não é exatamente preciso. Não tenho as palavras para descrever o que vejo. Eu vejo um trilhão de camadas de tudo ao mesmo tempo, como uma formiga que sempre viu uma linha diante dela e, de repente, é erguida da página para se dar conta da perfeição de um círculo. Esta é a perspectiva do Buda, que compreende a incompreensibilidade da teia de Indra, que conecta a menor partícula na ponta do pé de uma pulga ao maior rio de inúmeras estrelas que cobre o céu à noite.

Fora assim que, anos antes, a Professora penetrara nos muros do complexo de meu pai, evadira os soldados de meu pai e me pegara dentro do armário bem trancado.

Vejo a túnica branca de Jinger se aproximar, flutuando como uma água-viva brilhante na enorme profundeza. Ela ulula ao se aproximar, uma única voz criando uma cacofonia de uivos que lança o terror no coração de suas vítimas.

— Irmãzinha, o que está fazendo aqui?

Ergo meu punhal.

— Por favor, Jinger, volte.

— Você sempre foi teimosa demais — diz ela.

— Nós comemos do mesmo pêssego e nos banhamos na mesma fonte fria da montanha — falo. — Você me ensinou a escalar as trepadeiras e a colher os lírios de gelo para meus cabelos. Eu a amo como a uma irmã de sangue. Por

favor, não faça isso.

Ela parece triste.

— Não posso. A Professora prometeu.

— Há uma promessa maior, de acordo com a qual temos de viver: fazer o que nosso coração nos diz ser o certo.

Ela ergue sua espada.

— Como a amo igual a uma irmã, deixarei que me golpeie sem revidar. Se você conseguir me atingir antes que eu mate o governador, partirei.

Eu anuo.

— Obrigada. E lamento que tenha chegado a isso.

O espaço oculto tem uma estrutura própria, feita de finos fios pendurados que brilham levemente com uma luz interior. Para nos movermos nesse espaço, Jinger e eu saltamos de trepadeira em trepadeira e balançamos de filamento em filamento, escalando, virando, girando, avançando, dançando numa treliça trançada com luz das estrelas e gelo cintilante.

Eu me lanço atrás dela, ela sai do caminho facilmente. Sempre foi a melhor em luta nas trepadeiras e dança nas nuvens. Desliza e balança graciosamente como uma imortal da corte celestial. Comparados aos dela, meus movimentos são desajeitados, pesados, carentes de toda a *finesse*.

Enquanto dança para longe de meus golpes, ela os conta:

— Um, dois, três-quatro-cinco… Muito bem, Garota Oculta, você tem praticado. Seis-sete-oito, nove, dez…

Às vezes, quando chego perto demais, ela desvia meu punhal com a espada com o mesmo esforço com que um homem cochilando espanta uma mosca.

Quase com pena, ela sai do meu caminho e se vira na direção do governador. Assim como uma faca colocada acima da página, ela lhe é invisível, caindo sobre ele desde outra dimensão.

Eu me lanço atrás dela, esperando estar perto o suficiente para que meu plano funcione.

O governador, vendo a aproximação do cachecol vermelho de seu mundo, joga-se no chão e rola para longe. A espada de Jinger atravessa o véu entre as dimensões e, naquele mundo, uma espada brota do ar e faz em pedaços a mesa atrás da qual o governador estivera sentado antes de desaparecer.

— Hã? Como ele me viu chegando?

Sem dar a ela a chance de descobrir meu truque, disparo uma fuzilaria de golpes de punhal.

— Trinta e um, trinta e dois-três-quatro-cinco-seis… Você realmente está

ficando melhor nisso…

Dançamos no espaço “acima” do salão — não há uma palavra para essa direção —, e, cada vez que Jinger vai para cima do governador, tento estar ao lado dela para alertar o homem do perigo oculto. Por mais que tente, não consigo tocar nela. Estou ficando mais cansada, desacelerando.

Flexiono as pernas e danço atrás dela novamente, mas dessa vez sou descuidada e chego perto demais da parede do salão. Meu cachecol fica preso no suporte de um archote e eu caio.

Jinger olha para mim e ri.

— Então era assim que você estava fazendo! Esperta, Garota Oculta. Mas agora o jogo acabou, e estou prestes a reivindicar meu prêmio.

Se ela atacar o governador agora, ele não terá qualquer alerta. Estou presa aqui.

O cachecol pega fogo, e a chama brota no espaço oculto. Grito, aterrorizada, quando a chama engole a minha túnica.

Em três pulos rápidos, Jinger está de volta ao mesmo filamento que eu, tira sua túnica branca e a enrola ao redor de mim, ajudando-me a apagar as chamas.

— Você está bem? — pergunta.

O fogo chamuscou meus cabelos e queimou minha pele em alguns pontos, mas ficarei bem.

— Obrigada — digo.

Então, antes que ela possa reagir, passo meu punhal pela bainha da túnica dela e corto uma tira de pano. A ponta de meu punhal continua, cortando o véu entre as dimensões, e a tira passa para o mundo comum, como restos de um naufrágio boiando na superfície da água. Ambas vemos o rosto chocado do governador enquanto se afasta aos tropeções da tira de seda branca no piso.

— Um acerto — digo.

— Ah… — Ela reage. — Isso não é exatamente justo, é?

— Ainda assim, é um acerto — insisto.

— Então aquela queda… Foi planejada?

— Foi a única coisa em que consegui pensar — admiti. — Você é uma espadachim muito superior.

Ela balança a cabeça.

— Como pode se importar mais com um estranho do que com sua irmã? — pergunta. — Mas eu lhe dei minha palavra.

Ela sobe e desliza para longe como um espírito da água. Pouco antes de desaparecer na noite, vira-se para me olhar uma última vez.

— Adeus, irmãzinha. Nossos laços foram cortados tão definitivamente quanto o corte que você fez em minha túnica. Que você encontre seu objetivo.

— Adeus.

Ela parte, ululando o tempo todo.

Engatinho de volta para o espaço comum, e o governador vem a mim apressado.

— Eu estava tão assustado! Que tipo de magia é essa? Ouvi o choque de espadas, mas não consegui ver nada. Seu cachecol dançou no ar como um fantasma, e então aquele tecido branco se materializou do nada! Espere, está ferida?

Eu faço uma careta e me sento.

— Não é nada. Jinger foi embora. Mas a próxima assassina será minha outra irmã, Konger, que é muito mais letal. Não sei se posso protegê-lo.

— Não tenho medo de morrer — diz ele.

— Se você morrer, o *jiedushi* de Chenxu massacrará muitos mais — digo. — Você precisa me escutar.

Abro minha bolsa e tiro o presente que a Professora me deu em meu aniversário de quinze anos. Dou a ele.

— Isto é um… burro de papel? — pergunta, olhando para mim confuso.

— Esta é a projeção de um burro mecânico em nosso mundo — digo. — Assim como uma esfera passando por um plano pareceria um círculo… Esqueça, não há tempo. Você precisa ir!

Rasgo o ar e o empurro por ele. O burro se ergue diante dele como uma fera mecânica gigantesca. Apesar dos protestos, eu o empurro sobre o burro.

Tendões fortemente enrolados alimentam as engrenagens giratórias por dentro e movem as pernas com manivelas, e o burro sai galopando num círculo amplo no espaço oculto por uma hora, saltando de trepadeira brilhante em trepadeira brilhante como um equilibrista de corda bamba. A Professora o deu a mim para me ajudar a escapar caso fosse ferida numa missão.

— Como você se defenderá dela? — pergunta ele.

Eu tiro a chave, e o burro sai galopando, deixando a pergunta dele sem resposta.

Não há uivo, não há canto, nenhum som aterrorizante. Quando Konger se aproxima, está totalmente silenciosa. Se você não a conhecesse, pensaria que não tinha uma arma. Por isso ela é apelidada de Mãos Vazias.

A túnica está quente e a maquiagem em meu rosto, pesada. O salão está

tomado pela fumaça da palha espalhada pelo piso, que eu incendiei. Eu me agacho no chão, onde o ar é mais claro e fresco para conseguir respirar. Dou um sorriso beatífico, mas mantenho os olhos entreabertos.

A fumaça rodopia, uma suave perturbação que você não notaria se não estivesse prestando atenção.

Sei quanto as luzes neste salão costumam tremeluzir sem a brisa de uma nova abertura no telhado.

Momentos antes, eu cortara cuidadosamente algumas fissuras no véu entre as dimensões, usando meu punhal, e as mantivera abertas com tiras de seda rasgadas da túnica de Jinger. As aberturas eram suficientes para permitir a entrada de uma brisa desde o espaço oculto, suficientes para me permitir detectar uma presença se aproximando.

Eu imagino Konger com sua aparência implacável, deslizando na minha direção pelo espaço oculto como um demônio tomador de almas. Uma agulha brilha em sua mão direita, a única arma de que ela precisa.

Ela prefere se aproximar de suas vítimas na dimensão não vista para perfurar as entranhas desde uma direção não defendida. Gosta de pressionar a agulha no meio do coração, deixando a caixa torácica e a pele intactas. Gosta de enfiar a agulha no crânio e mexer no cérebro até que vire mingau, deixando-as insanas antes de morrerem, mas sem ferimento no crânio.

A fumaça se agita mais um pouco. Agora ela está perto.

Eu imagino a cena do ponto de vista dela: um homem vestindo a túnica de um *jiedushi* está sentado no salão tomado pela fumaça, uma marca de nascença na forma de uma borboleta na bochecha. Ele está aterrorizado de indecisão, um sorriso tolo travado no rosto mesmo enquanto sua casa queima ao redor. De algum modo, o ar no espaço oculto acima dele é escuro, como se a fumaça do salão transcendesse o véu entre as dimensões.

Ela se lança.

Eu me movo para a direita, mais por instinto que pela razão. Lutei com ela durante anos e espero que se mova como sempre se moveu.

Ela pretendia enfiar sua agulha no meu crânio, mas, como saí do caminho, a agulha penetra no mundo no ponto em que minha cabeça estava e, com um estalo seco, choca-se contra o colar de jade que uso no pescoço.

Eu me levanto cambaleando, tossindo na fumaça. Limpo a maquiagem no rosto. A agulha de Konger é tão frágil que amassou e perdeu a forma depois do impacto. Ela nunca ataca uma segunda vez se a primeira tentativa fracassa.

Um risinho surpreso.

— Bom truque, Garota Oculta. Eu devia ter dado uma olhada melhor através

de toda aquela fumaça. Você sempre foi a aluna preferida da Professora.

As fendas que abri entre os mundos serviam para mais que apenas um alerta. Ao encher o espaço oculto com fumaça, a visão que ela tinha do mundo comum se tornara borrada. Normalmente, do ponto de vista vantajoso dela, minha máscara não passaria de uma casca transparente, e a túnica pesada não teria escondido o corpo magro por baixo.

Mas talvez, apenas talvez, ela tenha escolhido não ver além de meu disfarce ruim, do mesmo modo como uma vez escolhera me alertar sobre o falcão que me atacaria pelas costas.

Faço uma reverência ao orador que não era visto.

— Diga à Professora que lamento, mas não retornarei à montanha.

— Quem diria que você acabaria sendo uma antiassassina? Espero que nos vejamos novamente.

— Eu então a convidarei para partilhar algumas flores de árvore-dos-pagodes, irmã mais velha. Um toque de amargo no cerne de algo doce o torna menos enjoativo.

Uma gargalhada morre, e eu desabo no chão, exausta.

Penso em ir para casa, ver meu pai novamente. O que direi a ele sobre o tempo que passei longe? Como posso explicar a ele que mudei?

Não serei capaz de crescer do modo como ele quer. Há muita selvageria dentro de mim. Não posso colocar um vestido apertado e andar pelas salas do complexo corando enquanto o casamenteiro explica com que garoto irei me casar. Não posso fingir estar mais interessada em costura do que em subir na árvore-dos-pagodes em frente à minha casa.

Eu tenho um talento.

Quero escalar paredes como Jinger, Konger e eu costumávamos balançar de trepadeira em trepadeira acima da face do penhasco. Quero cruzar espadas com bons oponentes, quero escolher um garoto com quem me casar — estou pensando em alguém que seja gentil e tenha mãos macias, talvez alguém que ganhe a vida polindo espelhos, que portanto saiba que há outra dimensão além da superfície lisa.

Quero honrar meu talento para que ele brilhe com força, aterrorizando os injustos e iluminando o caminho para aqueles que tornariam o mundo melhor. Eu irei proteger os inocentes e vigiar os inseguros. Não sei se sempre farei o que é certo, mas eu sou a Garota Oculta, e minha lealdade é à tranquilidade ansiada por todos.

Afinal, sou uma ladra. Roubei minha vida para mim e roubarei de volta a vida de outros.

O som de cascos mecânicos batendo se aproxima.

MATTHEW HUGHES

Matthew Hughes nasceu em Liverpool, na Inglaterra, mas passou a maior parte de sua vida adulta no Canadá. Trabalhou como jornalista, redator de discursos para os ministros canadenses da Justiça e do Meio Ambiente e como redator *freelancer* de discursos empresariais e políticos na Colúmbia Britânica antes de começar a escrever ficção em tempo integral. Claramente muito influenciado por Jack Vance, Hughes ficou famoso detalhando as aventuras de personagens como Henghis Hapthorn, Guth Bandar e Luff Imbry, que vivem na era imediatamente anterior à de *The Dying Earth*, numa série de contos e novelas populares que inclui "Fools Errant", "Fool Me Twice", "Black Brillion", "Majestrum", "Hespira", "The Spiral Labyrinth", "Template", "Quartet and Triptych", "The Yellow Cabochon", "The Other" e "The Commons". Seus contos foram reunidos em *The Gist Hunter and Other Stories* e *The Meaning of Luff and Other Stories*. Ainda escreveu a trilogia fantástica urbana "To Hell and Back", com os livros *The Damned Busters*, *Costume Not Included* e *Hell to Pay*. Também escreve ficção policial, assinando como Matt Hughes, e romances baseados em propriedades de outras mídias, com o nome Hugh Matthews. Seus livros mais recentes são as novelas de Luff Imbry *Of Whimsies & Noubles* e *Epiphanies*, o romance de ciência fantástica *A Wizard's Henchman* e a antologia *Devil or Angel and Other Stories*.

Na história exuberante que se segue, o capanga de um mago fracassa numa importante missão e descobre que terá de lidar com uma avalanche de consequências muito extravagantes.

A Espada do Destino

Matthew Hughes

Baldemar correu pelo telhado plano a toda velocidade, embora fosse atrapalhado pela pressão da espada embainhada enfiada em seu cinturão largo. Quando a pegara em seu suporte, ele a pendurara no quadril, mas, durante sua corrida escada acima, ela de algum modo se deslocara para trás, e no momento batia na sua panturrilha esquerda a cada passo. Mas não havia tempo para parar e ajeitar; os erbs que protegiam a casa já emergiam pelo alçapão e imediatamente seus órgãos sensoriais sobrenaturais encontraram o ladrão em fuga. Um estranho grito oscilante, como o de uma criança fraca e com fome, saiu de cada uma das compridas gargantas escamosas, e Baldemar ouviu o estalo de garras afiadas na superfície de pedra do telhado.

O prédio vizinho superava aquele em vários andares, e uma corda pendia de sua marquise ornamental. Baldemar a deixara como sua fuga de emergência caso a operação fracassasse. Mas entre os dois prédios havia um espaço tão largo quanto a altura de Baldemar, e aquele vazio ainda estava a bons dez passos de distância — ou dez passos muito ruins, se os erbs o apanhassem antes que ele chegasse lá.

Não havia nada a fazer além de desembainhar a espada e deixá-la cair, com a esperança de que as feras de vigia parassem para protegê-la, sendo essa sua função. Ele soltou a estranha arma e a deixou cair, mas o estalo das garras em *staccato* não mudou de ritmo, e então o uivo assombrado das criaturas tornou-se alto em seu ouvido, tornando-se mais agudo. *Esse é o som que eles fazem pouco antes de pegar sua presa*. O pensamento surgiu em sua cabeça.

Mais dois passos e a beirada do telhado estaria sob a ponta do seu pé direito. Ele empurrou e lançou-se no espaço ao mesmo tempo que uma garra cortava o tecido de sua camisa e deixava um comprido arranhão vertical no meio das suas costas. Mas a grande fêmea— provavelmente o erb líder — não estava preparada para saltar e não conseguiu parar. Ela tropeçou na beirada do telhado, e o grito que soltou ao despencar para o calçamento foi quase humano em sua decepção.

Os dois outros, os filhotes crescidos, eram mais leves e mais jovens. Eles saltaram da beirada, as mandíbulas estalando de fúria, enquanto os dedos de Baldemar tocavam a corda e, infelizmente, também a parede de tijolos contra a

qual ela pendia. Ele sentiu um osso se partir no dedo médio da mão esquerda, mas ignorou a dor e aferrou-se à corda de cânhamo, imediatamente esticando a mão direita para se erguer mais enquanto as pontas das botas buscavam apoio na parede.

Começou a escalar, mas mal subira a distância de um corpo quando ouviu novamente o som que a mãe dos erbs fizera pouco antes de a garra ter raspado sua pele, seguido por um baque quando o corpo de um dos filhotes atingiu a parede abaixo dele.

Mais um, pensou, feliz, até descobrir que estava festejando cedo demais. Os antebraços da criatura tinham se esticado durante o salto, e uma das mãos fizera contato. Uma unha rasgou sua perna direita e cravou-se no músculo da panturrilha. A dor subiu por seu corpo para se juntar à dor em seu dedo quebrado.

Baldemar então soltou um grito, de dor e medo, enquanto o peso do erb fazia a garra cortar o músculo da perna até chegar ao couro dobrado no alto de sua bota. Ele estava suportando o peso da fera, além do seu próprio, e seu aperto na corda diminuía. A mão ferida lhe mostrou que não estava à altura da tarefa, e ele soube que tinha de modificar a situação ou se juntaria ao erb e à sua mãe numa pilha de ossos quebrados e corpos explodidos.

Com o pé livre, ele chutou a pata enganchada em sua bota no momento em que o animal esticava o outro membro e cravava outra garra na borda curvada, suas fortes patas traseiras raspando nos tijolos. Os esforços de Baldemar não tiveram efeito, e ele olhou para os olhos amarelos do erb abaixo e viu suas mandíbulas se abrindo na expectativa da primeira mordida, uma comprida língua pontuda lambendo as fileiras de dentes que eram como punhais serrilhados.

A visão fez com que ele chutasse com a perna presa. Um momento depois, ele sentiu a bota escorregar do seu pé e o animal desabar na escuridão abaixo. Livre do peso do erb, ele ignorou as queixas de dedo e panturrilha, bem como os guinchos do animal sobrevivente, e subiu apressado os três andares até o telhado do prédio.

Enrolando a corda e levando-a, ele mancou até onde havia deixado a plataforma voadora de Thelerion, embarcou e disse as palavras que faziam os demônios contratados erguerem-na no ar e levá-lo embora. O piso da plataforma empurrou seus pés enquanto eles subiam ao céu, e Baldemar se acomodou na macia cadeira de encosto alto e descansou os membros cansados em seus braços dourados.

Uma das criaturas que impulsionava a plataforma se levantou o suficiente para olhar pela balaustrada circundante. Era aquela com a pele parecida com

argila queimada. As narinas de seu nariz achatado se expandiram para sentir o cheiro de sangue, e seus olhos vermelhos e negros inspecionaram atentamente o capanga do mago.

Com uma voz que tinha o rangido de couro endurecido, ele disse:

— Não vejo a Espada do Destino.

Baldemar estava pressionando cuidadosamente o dedo inchado, buscando a fratura.

— Cuide de sua vida — disse ele.

— Thelerion não ficará contente.

Essa era uma verdade infeliz, e agora que o homem tinha tempo para avaliar sua situação, encarava o fato de que os perigos evitados no começo daquele voo não eram nada se comparados com o que o aguardava no final. Eles já estavam bem acima dos telhados de Alta Marsan, a plataforma virando rumo oeste, onde seu dono aguardava em seu ninho debruçado sobre a parada de caravanas esparsamente habitada chamada Khoram-no-Deserto.

Thelerion passara anos montando um conjunto único. A Espada do Destino teria concluído o grupo. O que o mago pretendia fazer com os itens era desconhecido. Baldemar achava que provavelmente iria construir um campeão invencível para se vingar de algum adversário. Feiticeiros eram um tipo irritável, sempre ansiosos para se vingar.

A aquisição da espada teria permitido a Baldemar se aposentar de seus trinta anos de serviços prestados ao mago. Ou fora o que Thelerion dissera, embora sua palavra não fosse confiável. Mas agora a Espada do Destino *não* iria se juntar à coleção de armas mágicas de Thelerion. E o empregador de Baldemar não perdoava fracassos. De fato, ele recentemente começara a desconfiar que o taumaturgo adquirira um problema ao qual integrantes da Guilda dos Magos eram suscetíveis: delírio gradual. Costumava ser acompanhado de ilusões de grandeza e surtos de violência indiscriminada.

— Mude de direção — instruiu ao demônio vermelho. — Vá para o sul.

Os traços contraídos de seu rosto pequeno se juntaram ainda mais.

— O mestre aguarda — disse.

— Qual foi a última instrução que ele deu a você?

— Obedecê-lo até que retornasse à sua casa.

— E nós retornamos para lá?

A resposta foi dada com má vontade.

— Não.

— Então me obedeça.

— Mas…

— Diga-me… — Baldemar o interrompeu. — Thelerion é um mago que encoraja seus subordinados a questionar seus desejos? A embutir neles seus próprios caprichos e interesses?

Um arrepio percorreu os pequenos ombros.

— Ele não é assim.

— Então nos leve para o sul, com maior velocidade.

— Ainda assim…

— E não fale comigo novamente até que eu peça.

As estrelas rearranjaram-se à medida que a plataforma virava para o sul. Sua velocidade aumentou até que o vento arrancasse lágrimas dos olhos de Baldemar. Mas não era apenas o frio do ar no alto que o fazia estremecer.

Logo eles tinham deixado bem para trás a cidade de Vanderoy, lar de Baldemar desde que ele chegara, ainda jovem, para ser recebido como capanga júnior de Thelerion, o Exemplar. A plataforma voava rumo ao sul, sobre a floresta de Ilixtrey, até que as grandiosas árvores antigas dessem lugar a clareiras salpicadas onde as aldeias eram poucas e as ovelhas, muitas. A terra ondulada se elevou até um ponto em que de repente desaparecia. Baldemar olhou para trás e viu os penhascos de alabastro de Drorn reluzindo à luz das estrelas e soube que estava acima do mar da Partição, a maresia leve marcando o vento que batia em seu rosto.

Ele calculou, da melhor forma possível, sua velocidade, a distância até o litoral mais longínquo e o tempo que restava até que Thelerion começasse a imaginar por que a plataforma não estava pousando no terraço de sua mansão que abraçava a encosta e seu capanga não estava descendo para lhe dar o prêmio que havia sido enviado para buscar.

Baldemar não tinha dúvida de que o taumaturgo seria capaz de alcançar seus demônios, e, no momento em que fizesse isso, a plataforma inverteria o curso e lhe deixaria a escolha entre retornar para a ira de Thelerion — lendária por sua profundidade e pela inventividade de sua demonstração — ou saltar para uma morte fria e rápida nas águas cinzentas bem abaixo.

Não, ele pensou. *Os demônios colocariam a plataforma abaixo de mim mais rápido do que eu conseguiria cair. Eles me pegariam e garantiriam que eu não tentasse novamente.*

Ele disse uma palavra curta, fora de contexto, mas adequada à gravidade de sua situação, cruzou os braços sobre o peito e estremeceu. Sua mente ágil começou a avaliar planos rapidamente, mas a descartá-los com a mesma

velocidade. Fugir de magos vingativos era uma tarefa complexa, mesmo para um homem que tivesse dez dedos funcionais e as duas botas.

O céu escuro estava mais claro à esquerda. Baldemar mancou até a balaustrada de bombordo e levou a mão em concha à lateral do rosto para proteger os olhos contra o vento. A luz fraca se tornou menos pálida, e ele pôde ver uma linha cinza que paulatinamente se transformou em nuvens que se estendiam por todo o horizonte. À frente, a camada de nuvens ficou mais escura, e logo ele estava voando sob uma chuva fria.

Ele se apoiou na balaustrada e olhou para baixo. A escuridão ainda tomava o mundo, mas, após mais alguns tremores, ele viu que não havia mais mar abaixo dele. Voava acima de outra floresta, esta de coníferas escuras se estendendo sem interrupção até onde ele conseguia ver, a não ser bem à sua direita, opaca a distância, onde viu terra limpa e, além, nas encostas de uma elevação, um conjunto de prédios de tamanhos variados cercados por uma muralha, com torres a intervalos. No alto da colina se erguia uma estrutura mais imponente de pedra cinza, com suas muralhas recortadas por ameias e uma fortaleza alta na qual tremulava um estandarte dourado e negro.

Ele começou a procurar uma clareira onde pousar. Mandaria a plataforma seguir mais para o sul na esperança de que algum taumaturgo sulista a tomasse para si. Mas, no momento em que identificou uma clareira distante na floresta, o piso abaixo dele se inclinou quando a plataforma virou e começou a seguir para o castelo.

Ele gritou para chamar a atenção dos demônios.

— Não nesse sentido! — disse ele. — Para lá! — acrescentou, apontando.

O demônio vermelho enfiou a cabeça pela balaustrada e disse:

— Estamos sendo convocados.

— Não podem resistir à convocação? — perguntou Baldemar.

A criatura fez um gesto indefinido com a cabeça.

— Talvez. Mas, na verdade, não queremos.

A plataforma seguiu uma rota diagonal sobre a cidade antes de descer em espiral na direção do telhado plano de uma torre redonda no castelo. Um velho magro numa túnica vistosa estava de pé ali, a boca apertada de concentração e um curto pedaço de madeira negra numa das mãos cheias de veias. Os demônios desceram o veículo suavemente, como se ansiosos para demonstrar suas capacidades. Saíram apressadamente para fazer uma mesura diante do mago. Baldemar permaneceu sentado na cadeira da plataforma, sua postura e seu rosto indicando alguém que espera uma explicação por um comportamento rude e

desagradável.

Mas o homem de túnica se dirigiu primeiramente aos demônios.

— Expliquem-se.

O vermelho o fez, com muito mais prostração e gestos de concordância com a cabeça, declarando que estavam a serviço de Thelerion, o Exemplar, Grande Taumaturgo do Trigésimo Terceiro Grau, enquanto o malhado imitava todos os movimentos para confirmar o que estava sendo dito.

— E *aquele*? — perguntou o mago, fazendo um gesto com a varinha na direção de Baldemar. — E quanto a ele?

— Não responda a isso! — disse Baldemar, colocando-se de pé. — Eu falarei por mim mesmo.

Mas o interrogador fez um gesto com a varinha e o demônio vermelho exclamou:

— Ah, ele é um homem terrível e um mentiroso obstinado! Não confie numa palavra que ele diga!

— Hum — disse o mago.

Ele apontou a madeira negra para Baldemar e disse algumas sílabas que apenas ele mesmo ouviu. O homem sentiu um estremecimento frio entrar pela sola de seu pé direito, avançando rapidamente por sua perna, seu tronco e o pescoço e saindo pela orelha esquerda após fazer no seu crânio o que pareceu ser uma lavagem com água gelada. Uma das mãos tremia, descontrolada, e ele teve dificuldade para conter uma ânsia violenta de urinar.

— Agora, o que vem a ser tudo isso? — perguntou o homem com a varinha.

Baldemar estivera preparando uma história de desventuras e surpresa, na qual ele seria apresentado como uma criatura da mais pura inocência. Mas, quando abriu a boca para falar, a língua se rebelou, e ele se ouviu dando uma versão objetiva de como seu empregador, Thelerion, o Exemplar, o mandara recuperar a Espada do Destino, empreitada na qual ele fracassara.

— Temendo a ira de meu mestre, fugi sobre o mar usando isto, a plataforma voadora dele — concluiu.

O mago coçou o nariz, fazendo Baldemar temer que outro feitiço fosse lançado em sua direção. Em vez disso, ele foi chamado a acompanhar o dono da varinha até seu aposento de trabalho, abaixo dali. Os demônios receberam a ordem de permanecer onde estavam.

— Mandarei um pouco de xarope himético — disse o mago.

— Ah! — disse o demônio vermelho, encarando o outro com olhos arregalados.

— Delícia! — disse o malhado.

O aposento de trabalho do mago era deprimentemente familiar. O de Thelerion tinha, em grande medida, o mesmo conteúdo: prateleiras abarrotadas de volumes antigos, a maioria encadernada em couro, alguns deles descascando; recipientes de vidro e metal numa bancada de trabalho, um deles fervendo embora não houvesse fogo embaixo; um espelho oval numa parede, não refletindo nada que havia no aposento; uma pequena gaiola suspensa por uma corrente num canto, contendo algo que sussurrava ao se mover.

O mago fez um gesto para que Baldemar se sentasse num banco enquanto ia buscar algo numa prateleira abarrotada de livros.

— Não tente sair correndo — disse ele por sobre o ombro. — Eu venho tendo problemas com meu feitiço de paralisia. Os fluxos alteraram a polaridade, e a última vez que o usei… — disse, interrompendo-se e olhando para uma grande mancha no teto. — Bem, digamos apenas que foi uma bagunça medonha.

Baldemar se sentou no banco.

O mago procurou na prateleira de baixo, emitiu um ruído de descoberta e tirou um volume pesado, encadernado em couro preto desgastado. Colocou-o numa plataforma à altura do peito e começou a folhear as páginas de pergaminho.

— A Espada do Destino, foi o que você disse?

— Sim — confirmou Baldemar.

O taumaturgo continuou a estudar o livro.

— Por que ele a queria, esse seu sei lá quem?

— Thelerion — disse Baldemar. — O Exemplar. Para completar um conjunto de armas e armaduras.

Ele citou os outros itens do conjunto: o Escudo Impenetrável, o Elmo da Sagacidade, o Peitoral da Resistência e as Grevas da Infatigabilidade. Enquanto ele falava, o mago achou uma página, correu o dedo por ela e parou, surpreso.

— Ele ia juntar tudo isso?

— Sim.

— Com qual objetivo?

— Não sei.

O rosto comprido se virou para ele.

— Especule.

— Vingança?

— Ele tem inimigos, esse bobalhão?

— Thelerion. Ele é um taumaturgo. Eles não atraem inimigos como uma magnetita atrai pregos?

— Hum — disse o outro. Ele consultou o livro novamente. — Mas esses objetos não… se importam uns com os outros. Eles não cooperariam espontaneamente. — Ele coçou o nariz, pensativo, e continuou num tom contemplativo. — O elmo e o escudo *poderiam* tolerar um ao outro, suponho, mas as grevas não dariam qualquer atenção a uma estratégia concebida por esses dois. E a espada… — O mago fez um som de quem contém um riso. — Diga-me, seu mestre, ele é praticante de qual escola?

— A escola verde — respondeu Baldemar.

O mago fechou o livro com um baque, levantando poeira.

— Bem, aí está — disse, depois de espirrar discretamente. — Escola verde. E, além do mais, um nortista. Não é preciso dizer mais nada.

Ele balançou a cabeça e soltou um ruído que levou Baldemar a pensar numa solteirona observando a luxúria dos jovens.

O mago recolocou o livro onde o encontrara e avaliou seu visitante.

— Mas você é um espécime interessante. E então, o que fazer com você?

Ele coçava o queixo comprido enquanto uma série de expressões faciais sugeria que estava avaliando opções sem chegar a uma conclusão quando outro homem surgiu no umbral, vestindo trajes negros e dourados de excelente qualidade. Era ainda mais magro que o mago. Seu rosto era uma trama intrincada de finas rugas estendida sobre uma testa nobre, um nariz aristocraticamente curvado e barba bem aparada e tão branca quanto os cabelos que se projetavam para trás a partir das têmporas. Um par de olhos cinzentos tão frios quanto um inverno passado estudou Baldemar enquanto o homem dizia:

— Isso tem algo a ver com aquele equipamento no telhado?

— Sim, Vossa Graça — respondeu o mago. — Este chegou nele.

A testa do aristocrata franziu demonstrando descrença.

— Ele é um taumaturgo?

— Não, Vossa Graça. O capanga de um mago, que roubou o transporte de seu mestre.

O homem no umbral franziu a testa em desaprovação, e Baldemar estremeceu. O sujeito tinha a aparência de alguém que gostava de mostrar a ladrões como estavam agindo errado. De fato, ele parecia o tipo que inventava novas e complexas formas de educação, das quais a única fuga era uma bem-vinda graduação até a morte.

Mas então a expressão desapareceu, sendo substituída pela feição de um

homem que acabava de se deparar com um item que não procurava, mas era útil.

— Roubar um taumaturgo, você disse? Um feito e tanto, não é mesmo?

O mago não partilhava a opinião do aristocrata.

— O mestre dele é um feiticeiro inferior do Norte. Escola verde, pela graça de Marl.

Mas o homem no umbral não cedeu.

— Diga o que quiser, é um feito!

A compreensão brotou no rosto do taumaturgo.

— Ah! — disse. — Entendo aonde Vossa Graça pretende chegar.

— Exatamente. Poderíamos cancelar a corrida.

— De fato — disse o taumaturgo, novamente com a expressão de um homem que pesa possibilidades abstratas. Depois de um tempo, ele disse: — Há uma grande insatisfação desta vez. As pessoas da cidade e os fazendeiros perderam a confiança em sua… história — disse, e apontou para o espelho. — Eu ouvi resmungos em muitos lugares.

A expressão dura do aristocrata endureceu ainda mais.

— Revolta? — perguntou.

Um gesto de mão do mago.

— Murmúrios vagos. Mas a maioria está falando sobre fazer as malas e se mudar para outro condado. O duque de Fosse-Bellesay está criando outras cidades e derrubando florestas.

O aristocrata fez uma careta.

— O pequeno ranhoso — disse.

— Na verdade, ele está na casa dos cinquenta, Vossa Graça.

O outro homem descartou a implicação.

— Eu me lembro do trisavô dele. Era igualzinho. Tentou roubar meus soldadinhos de chumbo.

— Sim, Vossa Graça.

A conversa, Baldemar notou, havia desviado do rumo e deixado os dois participantes temporariamente perdidos. Então, o aristocrata pareceu se recompor. Esfregou as mãos, mas a pele era tão seca que era como ouvir duas folhas de pergaminho sendo friccionadas.

— Então está decidido — disse. — Ele realizou um *feito*. Ele servirá.

O mago pensou por um momento. Depois, disse:

— Vou precisar dele por um tempinho antes. Acho que posso conseguir produzir um ensaio interessante para o *Periódico de Estudos Herméticos* a partir dele. Mas, sim, ele vai servir.

— Servir para o quê? — perguntou Baldemar.

Mas o aristocrata já havia partido e o taumaturgo estava procurando outro livro, cantarolando enquanto passava um dedo sobre as lombadas. Baldemar pensou em sair pela porta, mas olhou novamente para a mancha no teto e decidiu ficar.

Nos dias seguintes, Baldemar descobriu diversas coisas: ele tinha pousado no condado de Caprasecca, governado pelo duque Albero, o da pele ressecada. O mago era Aumbraj, um praticante da escola azul. A corrida que o duque mencionara era uma competição que acontecia a cada sete anos para descobrir um "homem de feitos", que seria enviado como emissário do duque a um reino vagamente mencionado. Ele seria acompanhado por uma mulher que superasse todas as outras numa prova de habilidades domésticas.

— Minha acompanhante é uma bela mulher? — perguntou ele quando essa informação lhe foi dada pelo mordomo do duque, um homem que usava um grande penacho em sua cartola preta e tendia a bufar de desaprovação para praticamente tudo que a existência insistia em lhe oferecer.

— Beleza não é um fator — disse o funcionário, com um sorriso debochado. — Certamente não neste caso.

As esperanças de Baldemar murcharam. Por um breve tempo, ele gostara da ideia de tornar-se um embaixador acompanhado de uma bela aristocrata pálida e de pescoço comprido, até o mordomo descrever a campeã feminina como uma criada corpulenta que tinha servido numa fazenda de laticínios.

— As coisas que estavam grudadas em suas botas são indescritíveis — disse o empregado, acrescentando um bufado.

Aumbraj cuidara dos ferimentos de Baldemar e lhe dera roupas e botas novas. Era um prisioneiro, mas podia percorrer livremente os recintos do castelo, embora devesse se esforçar para manter a maior distância possível caso visse o duque Albero.

— Mas não tente partir — avisou o taumaturgo. — Você abriu uma interessante via de pesquisa, e eu quero questioná-lo mais. Isso não será possível se tiver de contê-lo com o feitiço paralisante.

Ambos olharam para o teto do aposento de trabalho e concordaram que Baldemar não iria além das muralhas do castelo. Contudo, ele ficava nas ameias viradas para a cidade e via os homens do duque desmontando uma sequência de barreiras e obstáculos dispostos ao longo de uma pista de corrida que acompanhava a curvatura da muralha externa. Havia vigas estreitas sobre poços

de lama, redes sob as quais era preciso se arrastar, barris que tinham de ser rolados com os pés por uma subida suave e uma série de outros, rotatórios, dos quais se projetavam grossas barras de madeira à altura do tornozelo, do peito e da cabeça, além de trechos gramados livres para corrida.

— É uma espécie de pista com obstáculos? — perguntou ele a uma sentinela.

— Sim, você pode chamar assim — respondeu o guarda. — Mas o pessoal da cidade e os caipiras não gostam. Temos de usar os chicotes para mantê-los correndo.

— E o vencedor se torna o embaixador do duque?

O homem olhou para Baldemar como se sua pergunta tivesse revelado que ele era um idiota.

— Certamente — disse após um momento. — O embaixador de Vossa Graça.

Baldemar o teria pressionado por uma explicação melhor, mas naquele momento foi convocado por Aumbraj. Como a convocação consistia em sons altos e agudos em sua cabeça que só diminuíam quando ele seguia na direção da convocação e não paravam até que o encontrasse, Baldemar não se demorou.

— Descreva a Espada do Destino — pediu o taumaturgo assim que ele chegou, ofegante, ao aposento de trabalho.

Baldemar o fez, mencionando a guarda em formato de cesta, decorada com pedras preciosas.

— E você a pegou?

— Sim.

— Mostre-me sua mão.

Quando o homem mostrou, o mago examinou a palma e a carne interna dos dedos.

— Sem queimaduras — disse, aparentemente para si mesmo.

Aumbraj coçou o nariz novamente.

— Você disse que fez com que os erbs que estavam vigiando entrassem em outra sala e então os trancou lá.

— Sim.

— Mas, assim que pegou a espada, eles surgiram e o perseguiram.

— Sim.

Aquilo perturbara Baldemar. A tranca havia sido colocada com firmeza.

— Ainda assim, eles não o pegaram.

— Eu corri muito.

— Mas eles eram erbs — lembrou Aumbraj. — Eram decrépitos?

— Não, eram uma fêmea adulta e dois filhotes crescidos.

— Hum — disse o mago, fazendo uma anotação num pedaço de pergaminho à sua frente sobre a bancada de trabalho. — Você correu para o telhado e lá deixou a espada.

— Ela estava me atrapalhando, cutucando minha perna.

— Apenas cutucando? Não cortando, cavando, perfurando?

— Ainda estava na bainha, enfiada em meu cinturão — contou Baldemar. — Ninguém a brandia.

A mão pálida de Aumbraj descartou a última observação como sendo irrelevante.

— Agora, esse tolo que o mandou atrás dela o equipou com alguma ajuda taumatúrgica?

— Apenas a plataforma voadora. Usei minha própria corda com gancho, minha própria gazua.

— Hum. E está bastante seguro de que a espada não tentou matá-lo?

— Bastante seguro — disse Baldemar, demonstrando surpresa.

— Hum.

Outra anotação no pergaminho. O mago esfregou o queixo, refletindo, e ergueu um dedo para fazer outra pergunta, mas, nesse momento, o duque Albero apareceu no umbral, o rosto tomado de preocupação.

— Ele precisa partir — disse, apontando com o dedo na direção de Baldemar.

— Eu posso estar à beira de uma descoberta significativa — disse Aumbraj. — Este homem pode ser mais… hábil que os candidatos comuns. Preciso de pelo menos mais um dia.

A expressão do duque não permitia argumentação. Ele consultou uma tabela que retirou de dentro dos trajes.

— Os sete anos terminam esta tarde. Não pode haver prorrogação.

— Mas… — começou o mago.

— Sem “mas” — cortou o duque, inflexível. — Nada de “só até” ou “um momento a mais”. Se ele não for, você sabe quem chegará. Então, ele parte, e parte agora.

Ele se colocou de lado, e o mordomo, acompanhado de dois homens armados, entrou no aposento de trabalho. Baldemar se viu detido mais uma vez.

O duque fez um gesto para que o levassem, mas bloqueou a passagem por tempo suficiente para dizer a Aumbraj:

— E você não fará nada para interferir no cumprimento das exigências.

O taumaturgo pareceu querer argumentar, mas baixou a cabeça e disse:

— Não farei nada para impedi-los.

— Bom — disse Albero, consultando seu calendário mais uma vez e depois perguntando ao mordomo: — Está com a medalha?

— Sim, Vossa Graça.

— Então vamos.

Baldemar foi levado ao pátio do castelo, logo depois da guarita do portão. Ele ficou ali, onde seus guardiães o seguravam enquanto o mordomo tirava da bolsa na cintura um medalhão de bronze numa corrente. Tinha gravadas as palavras “Por mérito”. Ele o mostrou ao duque, que estava no umbral da porta da torre pela qual eles tinham saído e pediu pressa com um gesto de mão.

O funcionário pendurou a corrente no pescoço de Baldemar. Enquanto isso, outra dupla de guardas saía de uma construção de madeira conduzindo uma jovem roliça usando uma túnica sem graça em quem as experiências de vida até aquele momento haviam incutido o hábito de sorrir nervosamente e torcer as mãos. Usava um medalhão idêntico.

Não foram feitas apresentações. Em vez disso, o mordomo inclinou a cabeça na direção de um círculo de pedra à altura da cintura, que ficava a alguma distância, do outro lado do pátio, e disse:

— Aí vamos nós.

— O que acontece depois? — inquiriu Baldemar, mas ninguém achou que a pergunta merecia resposta. O círculo de pedra parecia um poço, e, quando ele chegou lá, olhou por cima e viu um túnel fundo mergulhando na escuridão. A jovem também olhou a profundeza, e seu sorriso e os movimentos das mãos se intensificaram.

— Você entra — disse o homem de chapéu.

— O quê? — reagiu Baldemar. — Eu serei um embaixador — explicou. — Onde está o coche que irá me transportar, minhas insígnias?

Ele olhou ao redor, mas viu apenas a mulher, os guardas, o mordomo e o duque, que gesticulava, agitado. No alto da torre, à janela do aposento de trabalho, Aumbraj apontou a varinha negra na direção deles, dizendo algumas sílabas. A jovem se assustou, como se alguém tivesse beliscado seu traseiro, mas o funcionário estava apontando para as profundezas escuras.

— Você e ela descem — disse ele. — Como veem, providenciamos uma escada. Ou podemos lhes oferecer uma descida mais rápida.

A mulher tentou se afastar, mas os guardas eram experientes em sua tarefa. Num momento, seu braço foi preso às costas e ela, empurrada até a beirada do

poço.

— Tudo bem — disse ela. — Eu desço.

O funcionário gentilmente a ajudou a passar pela beirada e a colocou com firmeza na escada de ferro. Depois que ela havia descido alguns degraus, Baldemar aceitou o inevitável e assumiu sua posição acima dela. Eles desceram para a escuridão enquanto o círculo de céu acima encolhia paulatinamente e, então, desaparecia conforme os guardas deslizavam uma cobertura de madeira sobre a abertura do poço. Baldemar ouviu um retinir de ferro sobre pedra quando o poço foi trancado.

Ele esperara encontrar água, mas, quando chegaram ao pé da escada, estavam num fundo de pedra seca. Era escuro demais para ver alguma coisa, mas um vento frio soprava de algum lugar.

Ele perguntou à mulher:

— O que acontece agora?

Ele não conseguia vê-la, mas podia imaginar seu sorriso nervoso e as mãos agitadas.

— Não sei — respondeu ela. — Eles disseram que seria uma viagem para a terra de Tyr-na-Nog e seríamos recebidos por príncipes e princesas, mas… — disse, e a voz morreu.

— Tyr-na-Nog? — Nada mais foi dito, então Baldemar a pressionou. — Alguém já voltou desse paraíso?

— Não. Mas quem iria querer?

Baldemar se deu conta de que não estava lidando com o espécime feminino mais inteligente daquela terra.

— Você passou por uma prova de obstáculos?

— Não, isso é só para os meninos. Nós temos nossa própria competição de habilidades femininas: costura, ordenhar uma vaca, assar pão, depenar uma galinha.

— E você venceu?

— Eu fiquei surpresa. Havia costureiras e padeiras melhores na competição, mas, de algum modo, todas fracassaram e eu recebi o prêmio!

— Que é o fundo de um poço seco.

Ela não disse nada, mas ele podia ouvir o som leve das mãos consolando uma à outra.

— Fique aqui — disse Baldemar. — Vou explorar um pouco.

Ele tateou o caminho junto à parede até encontrar uma fenda. Ficou de quatro e passou por ela até reencontrar a parede. Quando engatinhava, sentiu um sopro

de ar frio. Levantou-se.

— Diga alguma coisa — pediu.

— O quê?

A voz dela soou na escuridão; ele se orientou e encontrou o caminho de volta até ela.

— Há um túnel — disse ele.

A voz dele era trêmula.

— Para onde leva?

Ele respondeu que não sabia e não desejava descobrir. Ficaram de pé na escuridão e sentiram o vento. O fluxo de ar devia significar que o túnel se ligava ao mundo exterior, mas ele não desejava abrir caminho por uma escuridão em que qualquer coisa podia estar escondida.

O tempo passou. A mulher se apresentou como Enolia. Baldemar deu seu nome. Eles se sentaram na pedra, as costas contra a parede, dos dois lados da escada. Depois de um tempo, Baldemar deixou a mente vagar e viu-se pensando nas perguntas do mago sobre a Espada do Destino. A voz de Enolia o trouxe de volta ao agora.

— Sinto cheiro de alguma coisa.

Ele ergueu a cabeça e também notou um cheiro azedo, quase sulfuroso, com um tom apimentado que irritava o nariz e o fazia querer espirrar.

— Está vindo do túnel — disse ele. E, um instante depois, acrescentou: — E há uma luz.

Eles se levantaram, mantendo as costas contra a parede. Baldemar sentiu falta de sua faca, que ainda estava em sua bota, perdida bem longe no Norte. Então se viu sentindo falta da espada.

O túnel era comprido, e a luz estava bem no fundo dele. Não tremeluzia como uma chama nem lançava um facho como uma lanterna com espelho. Ele viu um brilho amarelo sem forma que lentamente se revelou uma esfera com uma base plana, a forma do túnel. Quanto mais perto chegava, mais forte ficava o cheiro de enxofre com um intenso toque de putrefação.

Ele sentiu um movimento a seu lado e se deu conta de que a mulher tentava se encaixar entre ele e a parede.

— Pare com isso — disse, mas ela não parou.

— Estou com medo.

Baldemar também estava, mas não fazia sentido se demorar naquilo. Ele não conseguiu se convencer a se esconder atrás dela, então deixou que ela olhasse por sobre seu ombro enquanto a luz se aproximava. Quando ela estava a cem

passos de distância, ele viu que havia algo dentro da esfera. A cinquenta passos, ele quase conseguia identificar o que era; a trinta, via claramente, e desejava não precisar ver. O fedor se tornou o equivalente olfativo de algo ensurdecedor.

Um instante depois, o brilho amarelo encheu a boca do túnel e a base do poço. Não era nem archote nem lanterna; a luz sem fonte vinha, de algum modo, da criatura diante dele. Ela os olhava com vários olhos. Depois, um orifício que não lembrava nenhuma boca que Baldemar já tivesse visto falou numa voz que era algo entre um sibilo e um gorgolejo.

— Bem, aqui estamos novamente.

— Para nós, é a primeira vez — disse Baldemar. Ele sentiu a cabeça de Enolia anuindo sobre seu ombro numa concordância estridente.

— Imagino que vocês tenham me trazido uma mensagem do duque Albero — disse o demônio; o homem não conseguia pensar em outra palavra que fizesse justiça à coisa. — Algo no sentido de "estou pronto, pode me pegar"?

Baldemar disse que não havia sido dada a ele nenhuma mensagem e sentiu o nariz da mulher tocar seu ombro quando indicou que o mesmo era verdade para ela.

— Mas estou disposto a subir a escada e pedir uma mensagem se você me der uma ajuda com a tampa lá em cima — acrescentou ele.

O demônio emitiu um som que poderia ser um suspiro, caso um suspiro pudesse soar tão horrível.

— Então vamos continuar com isso — disse ele.

— Com o quê?

A despeito do ar quase irrespirável, Baldemar sentiu uma forte necessidade de estender aquela parte do encontro com perguntas em vez de descobrir logo o que "continuar com isso" poderia significar.

— O de sempre.

— E o que é o de sempre?

O demônio fixou todos os seus olhos no homem. Baldemar sentiu uma pressão desconfortável em seu crânio e uma coceira terrível nas palmas das mãos e nas solas dos pés, mas suportou as sensações da melhor maneira que conseguiu, mantendo uma expressão de educado interesse.

Parte da criatura brilhante se moveu e se acomodou. Baldemar achou que podia ter acabado de testemunhar como um demônio dava de ombros.

— Muito bem — disse a coisa. — O duque Albero e eu temos um daqueles acordos sobre os quais você certamente já ouviu falar. Riqueza, poder, saúde, longevidade e assim por diante, até que ele fique cansado da eterna monotonia

da existência. Enquanto isso, eu tenho de ficar por aqui e fazer o que ele quer.

— Ele parece ter evitado esse cansaço — disse Baldemar. — De fato, ele parece capaz de evitá-lo indefinidamente.

— Daí a cláusula de saída — disse o demônio. — A cada sete anos, ele tem de me mandar um homem e uma mulher capazes. Eu apresento a eles três enigmas. Se eles conseguirem solucioná-los, eu subo, pego o duque e o levo comigo.

— E se eles não conseguirem?

Novamente, o conjunto complexo de estranhos movimentos.

— Eu levo os mensageiros.

— Você por acaso os leva a um paraíso?

— Não, não um paraíso — respondeu. — Certamente não para *eles*. De fato, eu mesmo acho que é bastante limitador. Eu preferiria muito mais pegar o duque e ir embora.

— Ah — disse Baldemar. O falatório atrás dele aumentou, mas ele se forçou a manter a mente concentrada. — Qual é o primeiro enigma?

O demônio falou.

— O que anda com quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três ao anoitecer?

— Falando sério? — reagiu Baldemar.

— Não consegue responder?

Outro suspiro demoníaco. Um membro dotado de ganchos e presilhas se estendeu na sua direção.

— Claro que eu consigo responder — disse Baldemar. — Todos conhecem esse enigma.

O braço, perna ou o que quer que fosse recuou para o brilho.

— Nenhum dos mensageiros do duque respondeu corretamente — disse a criatura.

Baldemar se deu conta de que as competições a cada sete anos não tinham o objetivo de determinar quais súditos do duque eram os mais cultos. Na verdade, eram testes de ingenuidade.

— A resposta é o homem. Quando bebê, ele engatinha de quatro, é a manhã da sua vida. Na maturidade, seu meio-dia, ele caminha sobre os dois pés. E ao anoitecer, que é a sua decrepitude, ele se apoia numa bengala.

Todos os olhos do demônio mais uma vez se fixaram no homem, e novamente ele teve de resistir à ânsia de esfregar as palmas das mãos e as solas dos pés para se livrar da coceira.

— É difícil pensar quando você faz isso — disse ele.

A criatura desviou a maioria dos olhos para outras direções.

— Eu simplesmente fiquei surpreso. Ninguém acertou esse enigma.

— As “capacidades” dos mensageiros anteriores do duque não estavam no campo do intelecto — explicou Baldemar.

— Eu deveria ter especificado que deveriam ser acadêmicos, mas agora me sinto mais encorajado — disse o demônio. — Eis o segundo enigma. Pense com calma.

O homem achou que a contorção das partes faciais do demônio podia se aproximar de um sorriso. Trêmulo, ele desviou os olhos e ouviu o enigma.

— Há dois irmãos. Cada um dá nascimento e morte ao outro. O que eles são?

O enigma despertava algo no fundo da cabeça de Baldemar, mas ele não conseguia captar o que era.

— Você conhece esse? — perguntou a Enolia.

— Não, não faz sentido — disse ela. Começou a fungar sobre seu ombro. — Pobre de mim! Nunca mais verei outro amanhecer. Ah, que tristeza…

— Amanhecer! É isso! — reagiu Baldemar. — Os irmãos são a noite e o dia. Cada um faz o outro nascer, cada um encerra a vida do outro.

— Muito bem! — disse o demônio. — Muito, muito bem!

O homem não tinha certeza, mas, sob o puro horror da voz hedionda e das partes faciais espasmódicas, o demônio soava realmente satisfeito.

— E agora o último e mais simples — disse. Então, fez uma pausa dramática e completou: — O que eu tenho em minha mão?

Baldemar olhou instintivamente para o membro que se esticara em sua direção e, depois, para outro que se curvava para cima do que ele achava que poderia ser a cabeça do demônio, caso ele tivesse um pescoço, e finalmente para um terceiro apêndice que mais ou menos se enrolava em seus mais ou menos pés.

— Há uma pista? — perguntou.

— Gostaria que pudesse haver — retrucou o demônio. — Há muito eu quero sair daqui e instalar o duque na minha coleção.

— Deixe-me pensar.

— Sim, à vontade.

O primeiro enigma havia sido fácil. O segundo fora solucionado graças a uma dica da mulher. Ele falou com ela por sobre o ombro.

— Alguma coisa?

A voz dela era um sussurro.

— Nada — disse. Ele podia sentir que ela voltara a retorcer as mãos.

— Pode repetir a pergunta? — pediu.

— O que tenho em minha mão?

— Qual mão?

— Sem dicas — disse o demônio. — Ah, não. Isso significa que você vai fracassar no último salto?

— Eu preciso de um minuto.

Baldemar estava pensando com afinco. *O que um demônio teria em sua mão? O que este demônio específico tem em sua mão específica?* Por alguma razão, ou nenhuma razão, ele queria dizer: "Um pedaço de bolo!"

A jovem começou a soluçar, lágrimas e catarro molhando a camisa dele.

— Isso não é justo — disse ela. — Isso nem mesmo *tem* mão!

Uma sensação caiu sobre Baldemar, como um jorro de água refrescante num dia calcinante de verão.

— Nada — disse ele ao demônio. — Você não tem nada na mão porque *não tem* mão. Apenas uma espécie de pata e uma pinça e… — Ele se interrompeu, sem conseguir encontrar as palavras, e então continuou: — E seja lá o que for a outra coisa, eu sei que não é uma mão!

Houve um silêncio no fundo do poço, quebrado apenas pelos soluços contidos da mulher. O brilho amarelo ao redor do demônio se tornou dourado e ganhou toques de vermelho nas beiradas.

— Adeus — disse ele. Depois, subiu o poço a grande velocidade, levando a maior parte do fedor consigo.

Baldemar olhou para cima e viu a tampa de madeira voar em pedaços. Puxou Enolia para o túnel, buscando proteção, quando uma chuva de pedaços de madeira afiados caiu rapidamente. Então, disse:

— Venha!

Ele se lançou na escada e subiu à velocidade que suas pernas ainda trêmulas conseguiam produzir. A jovem o acompanhou a cada degrau. Quando passaram pela beirada do poço já era o começo da noite. Ele viu a plataforma de voo, a distância, emoldurada pela luz que morria.

Do castelo vinham gritos, berros e batidas de botas em calçamento de pedras. Nos estábulos próximos, cascos eram lançados contra as baias. Então, do alto, veio um grande grito de desespero.

— Recue! — avisou à mulher quando uma esfera pulsante de luz vermelha surgiu no alto da fortaleza, saltou no ar e disparou na direção do poço. Parou acima da abertura, onde Baldemar teve um vislumbre do duque envolvido no

que poderia ser um tentáculo ornamentado com espinhos curvos, os círculos dos olhos e da boca formando um triângulo isósceles perfeito. Ele emitia sons que não eram exatamente palavras.

O demônio tinha todos os olhos fixos no novo acréscimo à sua coleção, mas deixou que um se voltasse na direção de Baldemar.

— Aquele que me fez ordenou que a gratidão nunca fosse parte da minha natureza, mas eu sou obrigado a buscar uma equiparação — disse a coisa.

— Não estou preparado para fazer um acordo com você — respondeu Baldemar. — Sem ofensa.

— Ofensa nenhuma — retrucou o demônio. — Mas eu não posso ser grato, e descubro que sou, a ambos. Vocês podem, cada um, me pedir algo sem qualquer cobrança.

Baldemar examinou a declaração por todos os ângulos, sendo os demônios o que são, mas a mulher disse:

— Eu gostaria de uma bela fazenda, com campos cultiváveis e gado saudável e uma casa quente e bem mobiliada com uma bomba na cozinha.

— Feito — disse o demônio. — Ela costumava pertencer à família Kazakian.

— Eu era empregada deles — disse ela. — Eles sempre foram cruéis comigo. Diziam que eu não era boa o bastante para limpar suas botas enlameadas. As garotas puxavam meus cabelos, e os garotos agarravam minhas partes íntimas.

— Eu sei — disse o demônio. Depois, comentou com Baldemar: — Equiparação, como eu disse.

Voltou a falar com Enolia.

— Os Kazakian agora são *seus* servos — disse. Uma garra deu a ela vários pergaminhos e uma vara feita com uma madeira negra espiralada. — Eis todos os documentos necessários e um porrete resistente para bater neles.

A mulher os pegou e apertou contra o peito. Um sorriso suavizou brevemente seus traços antes que eles ganhassem um toque de determinação.

— Agora eu tenho de ir — disse, partindo sem mais cerimônias.

Baldemar estudava a oferta do demônio.

— Sem cobrança? — perguntou. — Sem voltar atrás?

— Sem voltar atrás, mas se apresse e decida. Estou ansioso para apresentar ao duque Albero sua nova situação.

— Podemos deixar em aberto? E eu chamo quando tiver necessidade?

— Caso não demore demais — respondeu o demônio. — Eu sinto a obrigação como uma coceira irritante. Quando você souber o que quer, chame pelo nome *Azzerath*, e eu chegarei imediatamente.

Ele desapareceu pelo poço com o tartamudo acréscimo à sua coleção.

O castelo estava vazio de pessoas, mas cheio do odor que o demônio deixara para trás; Baldemar respirou pela boca e achou suportável. Não tinha ido longe quando se deparou com o chapéu do mordomo, e a cabeça do homem ainda nele. De uma sala dedicada a arcas e cestas com tampas, ele tirou uma sacola grande. Nos aposentos do duque, ele vestiu os trajes mais ricos e examinou cofres e armários, escolhendo itens que fossem valiosos, mas resistentes — metais e pedras preciosos, principalmente —, junto com o maior peso em moedas de ouro que era capaz de carregar. Também encheu uma bolsa com moedas de prata e asses de bronze para eventualidades.

Todas as moedas tinham uma imagem do duque. Baldemar estudou o perfil aquilino em uma e virou-a para ver o anverso. Mostrava uma data do século anterior e o lema de Albero numa língua morta: *Miro, odal miro*.

Baldemar lembrou-se de seu tempo na escola e descobriu que conseguia traduzir.

— Meu, tudo meu — disse.

Jogou a moeda na bolsa, colocou a bolsa na sacola e deu um tapinha no volume reconfortante. Depois, deu o mesmo sorriso que a mulher dera antes de partir.

O cavalo preto que o duque cavalgara estava em sua baia, semienlouquecido pelo cheiro do demônio. Mas Baldemar tinha experiência com cavalos e acalmou o animal. Colocou a sela e as rédeas gravadas a ouro do duque e prendeu a sacola firmemente atrás. Ele levou o animal para o pátio, ainda falando com ele para acalmá-lo, e viu que alguns dos homens haviam abandonado as suas armas quando o demônio chegou. Pegou uma espada de serviço e, já que estava a cavalo, uma lança comprida. Tinha um penacho preto e dourado, que ele arrancou.

As ferraduras produziram notas sólidas na ponte levadiça enquanto o animal levava Baldemar para fora do castelo. As cercanias da fortificação estavam vazias, e ele desconfiava que encontraria a cidade similarmente deserta. Demônios produziam esse efeito.

— Agora — disse a si mesmo —, vou cavalgar até o litoral da terra e conseguir passagem num navio rumo ao norte. Comprarei uma casa para mim numa das Sete Cidades do Mar e investirei num fundo. Talvez arranje um barco e comece a pescar.

Ele bateu os calcanhares nos flancos do cavalo preto, que começou a trotar na

direção da cidade. Nesse momento, uma voz acima dele falou:

— Aí está você!

Baldemar olhou para cima. A plataforma voadora o sobrevoava, com Aumbraj inclinado na balaustrada. Ela pousou no gramado.

— Suba a bordo — disse o mago. — Temos de ir.

O homem ficou tentado a colocar o cavalo em galope, mas o taumaturgo estava batendo na palma da mão com a varinha. Ele subiu a bordo, e a plataforma voadora virou para o norte. Passando a cidade, ele olhou para baixo e viu Enolia marchando por uma travessa que levava a uma grande casa de fazenda feita de pedra. Parou para enrolar as mangas e usou o porrete para dar alguns golpes de treinamento no mato que crescia ao lado da trilha antes de retomar seu avanço metódico rumo à casa. Quando a sombra da plataforma passou por ela não ergueu os olhos.

— Você devia estar morto — disse o taumaturgo.

Eles estavam voando rumo ao norte sobre o mar da Partição a uma velocidade ainda maior do que Baldemar fizera ao vir para o sul. Aumbraj alimentara bem os demônios com xarope himético e criara um escudo invisível para proteger a si e a Baldemar do vento que gritava à passagem deles.

O capanga do mago observou as ondas riscando a superfície do mar. Virou-se então para o taumaturgo.

— O demônio teria me dado um destino pior que a morte — disse. — Teria me levado junto com Enolia como brinquedos.

— Não estou falando do demônio. Estou falando da Espada do Destino. É conhecida por ficar muito… sensível quando tocada.

Ele sorriu com seu jogo de palavras, mas Baldemar se deteve à substância da observação.

— Está dizendo que a espada… tem vontade própria?

— Vontade… e um histórico de garantir que sua vontade se torne fato. E meios, se entende o que estou dizendo.

— Então Thelerion estava me mandando para a morte? — perguntou Baldemar. Seu desamor pelo empregador atingiu uma nova profundidade.

— Duvido — respondeu Aumbraj. — Ele simplesmente não sabia no que estava se metendo, ou, mais precisamente, metendo *você*. Mas minha pesquisa deixa claro que, no momento em que sua mão tocou a espada, você devia tê-la perdido, ter se visto olhando para um coto calcinado em algum ponto entre o pulso e o cotovelo.

Baldemar estremeceu, mas o taumaturgo continuou, ignorando aquela reação.

— Em vez disso, a espada simplesmente libertou os erbs que você prendera para que eles o espantassem dali. Mesmo assim, não permitiu que o pegassem, como certamente deveriam ter feito. Ainda não nasceu um homem capaz de correr mais rápido que erbs, especialmente subindo uma escada.

Baldemar expulsou da cabeça a imagem do que teria acontecido caso as feras o tivessem apanhado.

— E, em vez de cortar sua perna, a espada o atrapalhou apenas o suficiente para que a deixasse para trás.

— Então ela não queria me matar, só não queria que eu a levasse embora.

Aumbraj coçou o nariz, pensativo, e apontou um dedo conclusivo para Baldemar.

— Ela não queria que você a levasse para o cabeça-oca que o mandou, mas acho que temos de deduzir que não se incomodou com seu toque.

Baldemar se virou novamente para o mar.

— Estou confuso — disse.

— Como deveria estar. Você provavelmente não está acostumado a pensar em si mesmo como um homem com um destino.

— De fato, não estou.

— Bem, é melhor você se *acostumar* com essa ideia. Assim que a espada decide, pode ser bastante inflexível.

Aumbraj passou a contar a história da espada e seus atributos. Forjada em outro plano de existência, teve suas exatas circunstâncias de origem esquecidas completamente. No plano em que foi criada, era provável que tivesse alguma outra forma e função, mas aqui no terceiro plano ela se apresentou como uma arma invencível. Mas era mais que isso. Às vezes tendia a escolher “pessoas de interesse” — a expressão é da própria espada — e ajudá-las a se tornar figuras grandiosas de sua época.

— Expressão da espada? — perguntou Baldemar. — Ela fala?

— Quando quer — respondeu o mago. — Mas, continuando, pessoas tomadas por uma ambição desmedida procuram a espada e a tomam pelo punho. A maioria delas encontra um fim rápido e decisivo de todos os seus sonhos. A espada não é uma entidade benevolente e detesta ser assediada, mas cedo ou tarde escolhe alguém aparentemente sem importância e o eleva à glória. Alguns veem isso como um sinal de que a espada tem senso de humor.

— Impressionante — disse Baldemar.

— Você nunca ouviu falar disso?

— Minha educação foi em grande medida informal e concentrada em adquirir habilidades práticas.

— Hum — disse o taumaturgo. Ele passou algum tempo estudando Baldemar. — Você não apresenta nenhum sinal de ser um candidato à glória, mas pode ser um daqueles ninguéns.

Baldemar não sabia se devia se sentir insultado ou satisfeito. Situações envolvendo taumaturgos e armas mágicas costumavam ser difíceis de entender.

— Bem, teremos de ver — disse Aumbraj.

O sol tinha se posto muito antes que eles cruzassem as terras do Sul e a floresta de Ilixtrey. Logo as luzes de Vanderoy surgiram, estendidas no alto de uma comprida cordilheira e em suas encostas mais baixas. Baldemar se ofereceu para dirigir Aumbraj ao prédio onde a espada morava, mas o mago descartou a oferta.

— Eu posso encontrá-la. Ela emite o equivalente a uma luz ofuscante e um barulho ensurdecedor a uma de minhas capacidades — disse, fazendo um pequeno som de desprezo, e acrescentou: — Seu empregador, o Grande Vacilão, provavelmente conseguiu captar um brilho fraco e um sussurro moribundo.

Eles cruzaram a muralha da cidade e começaram a descer em espiral até o telhado de que Baldemar se lembrava tão bem.

— Suponho que não seja realmente um prédio.

— Claro que é — respondeu Aumbraj. — Mas é um edifício ignorado até mesmo pelos vizinhos, que passam diariamente por ele sem nunca pensar no que há ali. Até mesmo os coletores de impostos da cidade o ignoram.

— Obra da espada? — perguntou o homem.

— Como eu disse, ela prefere não ser incomodada.

O telhado estava na escuridão, mas, à medida que chegaram mais perto, Baldemar viu movimento em sua superfície plana.

— Olhe — disse.

O mago espiou, fez um gesto e murmurou algo. Imediatamente, o alto do prédio foi banhado por uma luz forte, revelando que alguém estava curvado sobre o alçapão, puxando-o com as duas mãos.

— Ora — disse Aumbraj. — Verdadeiramente um paspalho de primeira.

A figura olhou para cima, protegendo os olhos contra a luz, e Baldemar viu que o paspalho era Thelerion, vestindo as Grevas da Infatigabilidade, o Peitoral da Resistência e o Elmo da Sagacidade. O Escudo Impenetrável estava pousado no telhado ao seu lado, mas ele então o agarrou enquanto a outra mão sacava uma varinha que terminava numa grande esmeralda facetada.

Baldemar conhecia bem aquela varinha. Ele se encolheu por precaução, mas Aumbraj falou:

— Ah, é mesmo?

Ele fez um gesto de enxotar com as costas dos dedos. O escudo brilhou brevemente ao ser empurrado sobre Thelerion, que cambaleou para trás e acabou sentado.

Aumbraj fez com que os demônios pousassem sobre a plataforma suavemente, abriu o portão na balaustrada e pisou no teto da construção. Baldemar o seguiu, tomando cuidado para manter o taumaturgo do Sul entre si e seu empregador.

Mas não tomou cuidado suficiente, porque Thelerion se levantou com esforço, apoiado no escudo, e seu olhar se fixou em seu capanga sumido. Seus traços desagradáveis se contorceram enfurecidos.

— Ah! Bandido! Desprezível sem fé! Vagabundo! — gritou. Ele deixara cair a varinha com ponta de esmeralda. Curvou-se e a pegou. — Receba sua justa punição!

— Eu não faria isso aqui — disse Aumbraj. — A espada pode não gostar.

Thelerion se concentrou em Aumbraj apenas por tempo suficiente para que seu ultraje o deixasse de boca aberta. Seus traços se contraíram, e seu olhar voltou novamente para seu lacaio.

— Você contou! — gritou ele. — A espada era meu maior segredo, e você contou a esse… esse…

— Aumbraj, o Erudito — disse o objeto de sua gagueira. — Escola azul, nonagésimo oitavo grau. E eu o aconselho a abaixar essa coisa que você provavelmente crê ser uma varinha antes que algo bem medonho lhe aconteça.

Thelerion olhou do capanga para o mago e, depois, de um para o outro várias vezes. Sua boca produziu sons que não eram palavras nem encantamentos e saliva surgiu em seus lábios. Por fim, emitiu um som que veio do fundo da garganta e apontou a varinha para Baldemar. Pronunciou uma sílaba sobrenatural, e a ponta do instrumento emitiu um verde sinistro. Um sorriso de vingança tomou seus lábios, e ele abriu a boca para falar novamente.

Nesse instante, o alçapão atrás dele saiu voando e atingiu o teto com um baque pesado. Uma luminosidade subiu de uma grande claridade dentro da escadaria, e, enquanto Thelerion se virava para ver, a cabeça, o pescoço e os ombros de um jovem erb emergiram serenamente do retângulo reluzente.

O empregador de Baldemar emitiu outro som sem palavra, uma expressão de surpresa e horror. Apontou a varinha para a fera, que, continuando a se erguer da escadaria, mostrava suas mãos com garras, que seguravam a Espada do Destino.

Naquele momento, Thelerion tomou duas decisões: uma sábia, outra não. O gesto sábio foi largar a varinha; a escolha nada sábia foi supor que o erb estava lhe trazendo a espada e que ele deveria pegá-la. Seus dedos ansiosos fizeram contato com a bainha.

Outro clarão iluminou o teto, mas esse se limitou à forma de Thelerion, o Exemplar. Sua pessoa foi traçada por um brilho tão forte que o corpo parecia ser uma silhueta negra.

Então, a luz diminuiu e o aparente se tornou realidade. Onde o mago estivera restava uma figura do negro mais profundo, fosca e sem reflexo. Permaneceu de pé apenas tempo suficiente para que a forma fosse reconhecida e para que armadura e escudo caíssem, retinindo. Depois, a silhueta se desfez em grânulos grossos que cascatearam até formar um cone de cinzas sinistras. Mal a forma cônica se formara, a massa se espalhou sob o próprio peso e tornou-se um tapete circular de areia preta, areia que rangeu sob os pés com garras do erb que, ainda segurando a espada, saiu do alçapão e aproximou-se de Baldemar.

Ele se virou a fim de saltar para a plataforma voadora e descobriu que ela estava bem acima dele e afastando-se, com Aumbraj inclinado sobre a balaustrada para observar a cena que abandonara. Um olhar para o lado disse a Baldemar que a corda e o gancho que havia deixado no prédio adjacente não estavam mais lá.

Ele se virou novamente e viu a fera se aproximando num ritmo constante, com a espada erguida em suas patas de modo que o punho decorado com pedras estava voltado para ele.

Baldemar teve um momento de grande clareza mental. Havia dois resultados na aceitação da oferta do erb: em um, ele seria instantaneamente, e era provável que dolorosamente, transformado em areia negra, como acontecera a Thelerion; no outro, ele se ergueria como um homem do destino para criar um reino ou um império e governar segundo seus caprichos e arbitrariedades. O apelo momentâneo da última perspectiva murchou quando ele se lembrou do governante do condado de Caprasecca, o duque Albero.

Eu não quero aquela vida, ouviu sua voz interior dizer. Lembrou-se de seu plano de encontrar uma bela casa numa das Sete Cidades do Mar e um barco com o qual pescar.

Essa opção, porém, não parecia estar disponível naquele momento. Mas a lembrança do duque de pele cor de pergaminho levantou outra possibilidade, uma aposta desesperada, adequada a uma situação desesperada.

Com o punho da espada quase tocando seus dedos, Baldemar chamou:

— Azzerath!

Ele foi imediatamente envolvido por um odor hediondo e uma luz brilhante. Entre ele e o erb, que saltara para trás, estava a forma repulsiva do demônio.

— O que posso fazer por você?

Baldemar apontou, e o demônio se virou para ver a fera e o que ela segurava nas garras. Todos os seus olhos se concentraram na espada e passou pelo ser uma espécie de onda que o homem só conseguiu interpretar como uma expressão de prazer.

— Aí está você! — disse o demônio, esticando a mão e pegando a espada do erb, que desmaiou de terror. O demônio embalou a arma em dois dos seus membros, apertando-a no que poderia ser o tronco. A Baldemar pareceu que a espada também estremeceu de prazer.

— Achei que tinha perdido você para sempre! — disse Azzerath. — O que fez durante todo esse tempo?

O demônio ficou imóvel, escutando atentamente o que a espada lhe dizia. Por fim, acariciou a bainha e disse:

— Bem, esqueça. Agora está tudo terminado. Vamos para casa e será como se nada tivesse acontecido. Eu tenho um belo duque fresquinho com o qual brincarmos.

Ele tomou consciência da presença de Baldemar novamente, e o homem achou ter visto um franzir de testa demoníaco.

— Aparentemente, eu tenho uma dívida ainda maior para com você — disse a criatura. Seu corpo estremeceu como uma gelatina espetada. — A coceira é bastante desconfortável.

Baldemar não hesitou.

— Você consegue para mim uma bela casa em Golathreon, debruçada sobre o mar da Partição, com um barco resistente com o qual pescar? E talvez uma sacola de ouro e joias?

— Feito — respondeu Azzerath. Dois pergaminhos apareceram aos pés do homem. — Esses são o título de propriedade e o registro do barco. Você encontrará a sacola na biblioteca. Devo transportá-lo para lá agora?

— Não, obrigado. Acho que o mago me levará — explicou.

Mas a atenção de Azzerath já se voltara novamente para a Espada do Destino.

— Você armou tudo isso? Só para me encontrar? Que coisinha inteligente que você é.

Ele acariciou a bainha novamente, fazendo sons de carinho, e desapareceu.

A plataforma voadora pousou. Aumbraj não se desculpou por ter abandonado Baldemar, que também não esperava isso. Se estivessem em situações opostas,

ele também teria partido com pressa. O mago estava entusiasmado com os acontecimentos que testemunhara.

— Eu sinto nascer um maravilhoso ensaio acadêmico! — disse, rindo.

— Aparentemente ganhei algumas peças de armadura mágicas — disse Baldemar ao mago, passando por cima do erb até onde as cinzas de Thelerion eram sopradas pelo vento. — Estaria interessado em comprá-las? Para objetivos acadêmicos, claro.

Seguiu-se uma breve barganha, concluída com a satisfação dos dois participantes. Uma bolsa foi criada e entregue. Depois, Baldemar ajudou o mago a reunir os objetos e colocá-los a bordo da plataforma. Aumbraj também recolheu um pouco dos restos do que havia sido Thelerion, o Exemplar, e colocou-o num cilindro de latão com uma tampa apertada.

— Nunca se sabe.

Enquanto isso, Baldemar pegava seus pergaminhos e lia o endereço num deles.

— Você vai passar pela cidade de Golathreon? — perguntou a Aumbraj.

— Posso passar.

— Eu gostaria de uma carona.

O mago deu de ombros.

— Se você me der mais detalhes sobre sua associação com o demônio… Quero fazer o editor dos *Estudos Herméticos* bater palmas de alegria.

— Feito — disse Baldemar.

Enquanto sobrevoavam a cidade, Aumbraj observou, num tom cuidadosamente relaxado:

— Mesmo um taumaturgo acadêmico sempre pode se valer de um bom capanga.

— Eu nunca fui um bom capanga — admitiu Baldemar. — Nunca atingi o nível necessário de abnegação. Nunca fui sequer um ladrão muito bom. Mas acho que posso ser um pescador razoável.

KATE ELLIOTT

Kate Elliott é autora de vinte e seis romances fantásticos e de ficção científica, incluindo seu sucesso de vendas no *New York Times*, o juvenil *Court of Fives* (e suas continuações *Poisoned Blade* e *Buried Heart*). Sua fantasia épica mais recente é *Black Wolves* (ganhadora do RT Award for Best Epic Fantasy, em 2015). Ela também escreveu a trilogia de história alternativa "Spiritwalker" (*Cold Magic*, *Cold Fire* e *Cold Steel*), uma aventura fantástica afro-celta e pós-romântica, com iluminação a gás e estrelada por homens bem-vestidos, mulheres duronas e dinossauros advogados. Entre outras séries estão a trilogia "Crossroads", a fantasia épica em sete volumes "Crown of Stars", a ficção científica "Novels of the Jaran" e uma antologia de contos, *The Very Best of Kate Elliott*. Seus romances foram finalistas dos prêmios Nebula, World Fantasy e Norton. Com seu nome verdadeiro, Alis A. Rasmussen, ela escreveu os romances *The Labyrinth Gate*, *A Passage of Stars*, *Revolution's Shore* e *The Price of Ransom*. Nascida em Iowa, nos Estados Unidos, e criada numa região agrícola do Oregon, ela mora atualmente no Havaí, onde rema canoas polinésias por diversão e para exercitar-se. Você pode encontrá-la pelo Twitter em @KateElliottSFF.

Aqui, ela nos apresenta ao autodeclarado homem bonito Apollo Crow, que se revela ser muito mais, e muito mais estranho, que apenas alguém com um rostinho bonito.

“Sou um homem bonito”, disse Apollo Crow

Kate Elliott

— Eu sou um homem bonito — disse Apollo Crow, encarando o imperador de Roma com um olhar que desafiava o augusto governante a discordar. — Se o seu desejo é sequestrar uma mulher sem alertar seus associados até que seja tarde demais para resgatá-la, não procure mais. Minhas habilidades são criar subterfúgios, rastrear pessoas que não desejam ser encontradas e mentir sem que minha expressão me traia. Também sou um espadachim excepcionalmente habilidoso.

O imperador pousou o queixo na mão, refletindo, numa pose adequada ao palco, como ele bem sabia.

— Fui alertado de que você sempre mente sobre alguma coisa.

— Infelizmente, assim é. É uma maldição — retrucou. Seu sorriso encantador fez a observação parecer brincalhona.

— Estou certo de que para um rufião como você tal alegação parece um desafio divertido. Contudo, sua situação pode ser facilmente desmascarada por um homem como eu. Vamos começar pelo processo de eliminação. Você é mesmo um espadachim excepcionalmente habilidoso?

— Duelarei com qualquer um de seus soldados, ou dois ou três ao mesmo tempo. Mande que avancem.

O imperador estalou os dedos, empertigando-se.

— Você duelaria comigo?

Apollo Crow ergueu apenas uma sobrancelha, um truque elegante que muitos oponentes admiraram a um alto custo.

— Isso parece desonroso, considerando sua idade.

O imperador estendeu a mão direita. Uma sentinela pousou uma lâmina de aço nos dedos imperiais. Ele se ergueu, desceu os três degraus do palanque para o piso de mármore da câmara de audiências e indicou que estava pronto para começar.

Naturalmente, Apollo Crow usava uma capa negra até os quadris, do tipo que gira com elegância a qualquer movimento rápido. Ele girou num círculo completo, fazendo o tecido flutuar como um redemoinho de sombras. Quando

voltou a encarar o imperador, tinha sua lâmina na mão direita, como se tivesse aparecido lá por mágica em vez de por um gesto de mão.

O imperador mudou de posição, pegando a espada com a mão esquerda. Apollo Crow sorriu e fez o mesmo.

A luz que penetrava pelas janelas em arco emoldurava suas formas, criando um efeito admirável enquanto soldados uniformizados e funcionários espalhafatosamente vestidos observavam o espetáculo.

— Qual é sua remuneração? — perguntou o imperador, fazendo um ataque exploratório desviado com facilidade por Apollo Crow.

— Isso depende da distância a ser viajada e das circunstâncias nas quais posso estar em risco.

Eles circularam.

— A mulher é linda, de modo que essa parte do trabalho não é arriscada.

— O que um homem chama de beleza outro homem pode achar banal, mas você chamá-la assim me diz bastante. Foi uma mulher que o rejeitou, o próprio imperador de uma Roma encolhida?

O imperador riu.

— Exatamente o oposto, se precisa saber.

— Ou pelo menos você se sente obrigado a alegar que foi assim — disse Crow, tentando um ataque, que o imperador de toda Roma e suas poucas províncias remanescentes desviou de lado.

— Eu não preciso mentir, Crow. Eu o estou contratando para um serviço e avaliando se você poderá ter sucesso. Meu interesse na mulher é secundário. Eu preciso do caderno de desenho, que ela leva para toda parte. Ela mesma é excepcionalmente bem protegida e seus movimentos são ocultados por seus muitos aliados.

O imperador deu uma finta para a esquerda e atacou rapidamente à direita. Apollo Crow respondeu com uma riposta agressiva.

— Que utilidade um caderno de desenho poderia ter para você? Há imagens comprometedoras que deseje recuperar e queimar?

Uma sequência de defesas e ataques soou pelo salão. Ambos contidos, afastaram-se.

— Essas são tentativas tediosas de provocação — disse o imperador, sem perder o fôlego. — Você dá conta do serviço?

— Parece um trabalho bastante simples. Por onde começo?

— Meus agentes relatam que haverá uma reunião secreta na cidade de Nikaia, um encontro de criminosos e descontentes que acalentam sentimentos

revolucionários. Não sabemos em qual taberna mal-afamada isso acontecerá. Eles trocam seus locais de encontro toda semana. Seja como for, mesmo se soubéssemos, meus soldados a teriam desfeito se aparecessem em grande número. Qualquer violência cometida contra a reunião simplesmente fortalecerá suas vozes insatisfeitas. É onde você entra, Crow.

— Como? Uma reunião sediciosa com um pé no próprio império? Não me espanta que esteja tão ansioso para esmagar esse grupo antes que ele possa semear raízes em solo romano. Mas o que uma bela mulher tem a ver com uma empreitada tão masculina quanto uma revolução?

O imperador lançou um olhar aborrecido para uma tapeçaria na parede cujas cores brilhantes e um desenho ousado mostravam seu famoso regimento de amazonas cavalgando para a batalha. Assim como uma víbora agitada, ele dirigiu um ataque audacioso contra o outro homem. O som de suas lâminas se chocando e deslizando uma contra a outra, o arrastar e as batidas dos seus pés e os movimentos de seus corpos enquanto buscavam vantagem foram, por algum tempo, a única dança no salão. O imperador pressionou com sua altura e seu peso maiores, enquanto Apollo Crow respondeu com velocidade e precisão que faziam com que parecesse quase flutuar acima do piso.

Eles finalmente se afastaram, e o imperador recuou um passo para indicar que a disputa terminara.

— Você me desaponta com seu raciocínio convencional.

— De que você é um amante rejeitado ansioso para se vingar de uma mulher arrogante roubando um objeto pessoal valorizado por ela?

Um sorriso brotou e morreu.

— De que as mulheres não podem fomentar a revolução. Na verdade, elas são as mais perigosas quando provocadas. Eu achara que alguém como você, que ganha a vida à margem da lei, não se permitiria tanto convencionalismo.

— Alguém como eu? Que tipo é esse?

— Entre outras coisas, uma pessoa que ganha a vida à margem da lei — repetiu o imperador, balançando a cabeça. — Mas nosso duelo terminou. Talvez eu consiga achar uma pessoa melhor para o trabalho.

— Não conseguirá. Se chegou até mim significa que fracassou em suas tentativas anteriores de obter o caderno de desenho.

— Isso é verdade — concordou o imperador, anuindo graciosamente.

A um gesto do governante, um funcionário se adiantou e deu a Apollo Crow uma gorda bolsa de moedas.

O homem sentiu seu peso sem a abrir.

— Eu sei sobre o que você está mentindo — acrescentou o imperador.

— Mesmo?

— Descobriremos.

Anuindo decididamente, o imperador indicou as portas, que foram abertas por serviçais.

Apollo Crow sorriu. Ele tinha um sorriso vencedor, um sorriso sedutor, um sorriso bonito, e sabia disso. Com um floreio transformado numa mesura debochada, ele deixou o palácio imperial.

Nikaia era uma cidade portuária que fervilhava com viajantes, marinheiros e mercadores: um coquetel explosivo e lucrativo temperado a boatos, pobreza e plebeus descontentes cujos ouvidos coçavam mais ferozmente quanto mais promessas de sufrágio eram sussurradas neles. Os lugares onde sentimentos radicais se concentravam como assombrações esperando para ser libertadas na véspera do Dia dos Santos eram muitos, e Apollo Crow era um só, com um par de pernas. Mas ele tinha outros meios de reunir informações.

Uma semana depois de sua chegada, um corvo voou e pousou no parapeito da janela do quarto da hospedaria onde ele estava. Como ele odiava ficar sozinho, sempre encontrava um modo de ter companhia.

A mulher em sua cama se apoiou num cotovelo, arregalando os belos olhos quando o corvo crocitou uma saudação.

— Que presságio medonho é esse? — perguntou ela, engasgando.

— Você pensa como um celta — disse ele, deslizando para fora das cobertas. Pegou um pedaço de pão numa travessa colocada no móvel lateral e foi até a janela oferecê-lo ao pássaro. — O corvo é sagrado para meu homônimo, o deus helênico.

O pássaro pegou o pão e crocitou por tanto tempo que a mulher riu.

— Ele está agradecendo pela refeição? Ou o entediando com uma reclamação?

— Absolutamente. Apenas me dando em troca uma bem-vinda migalha de informação.

— Que contador de histórias divertido você é! Corvos dariam magníficos conspiradores e agentes se pelo menos pudessem falar e espionar — disse ela numa voz mais sedutora. — Você, de pé aí, pelado, afastou de minha mente todos os pensamentos de presságios, batalhas e corvos. Eu aceitaria mais uma bem-vinda migalha se você quisesse voltar para a cama, pois eu certamente não tenho reclamações.

— Eu tendo a concordar com todas as coisas que se harmonizam com meus desejos — garantiu a ela sinceramente, dando as costas à janela. — Você conhece uma taberna chamada Os Quatro Informados?

— Só de ouvir falar. Nunca coloquei os pés no lugar. Você não gostaria de ir lá.

— Por que não?

— Fica numa área muito pobre da cidade, frequentada por marinheiros, lavadeiras e bandidos — respondeu, chamando-o mais para perto com um belo cenho franzido. — Mas vejo pela sua expressão que está determinado a ser morto naquele bairro medonho. Então que seja. Venha aqui para que eu não desperdice a chance enquanto você ainda está entre os vivos.

Mais tarde, ele abriu caminho em meio ao crepúsculo por uma avenida desalentadora, cheia de lojas fechadas, na trilha da taberna. Ruas escuras e vazias o deixavam melancólico, saudoso da terra espaçosa que ele um dia chamara de lar. À frente, um homem empurrava um carrinho de lixo enquanto assoviava uma melodia alegre que iluminava a noite solitária. Ele acelerou o passo para alcançá-lo, mas, quando estava prestes a fazer uma observação amistosa, o homem parou junto a um beco úmido. Duas crianças esfarrapadas se esgueiraram para fora da escuridão.

— Vão em frente, mas sejam rápidas — murmurou o homem.

As crianças reviraram o lixo fedorento em busca de algo que pudessem usar, comer ou vender.

— Tenho uma moeda para cada um se puderem me levar a Os Quatro Informados — disse Apollo Crow às crianças.

O homem afastou as mãos delas.

— Não andem com estranhos.

— Não lhes desejo mal. Pode me dizer, mestre? Sei que devo procurar nas ruas abaixo do Monte do Castelo, mas como reconhecer a taberna?

— Por que quer saber?

— Eu servi a um mestre cruel e escapei. Parece certo descobrir o que posso fazer para ajudar outros que desejam um modo de vida diferente.

O homem grunhiu, não totalmente convencido.

— Fiquem com isso pelo incômodo — disse Apollo Crow, jogando uma moeda para cada criança e colocando outra na mão do homem. Ele saiu andando.

— Juníperos protegem a entrada — disse o homem. — É só o que digo.

O bairro se estreitava mais junto às encostas do Monte do Castelo, onde ruas

retas se transformavam numa confusa teia de becos pequenos. As lâmpadas que iluminavam o passeio do porto e as avenidas principais não existiam ali. A escuridão se espalhava como uma maré, transformando cada umbral e beco num poço de sombras. Uma figura se destacou de uma parede brandindo um porrete. Apollo Crow fez um gesto teatral ao sacar a espada, e a forma desistiu de atacá-lo e deslizou para a noite.

Os risos desagradáveis de mulheres o levaram até um portão dilapidado e emoldurado por guirlandas de juníperos de cheiro forte, abaixo de lanternas a vela, duas de cada lado. Como estava entreaberto, ele o empurrou, mas depois se deu conta de que estava travado. Para entrar era preciso se esgueirar, fazendo de qualquer um presa fácil para uma emboscada.

Ele inclinou a cabeça de lado, escutando, e identificou duas batidas de coração esperando além. Embainhando a espada, deslocou-se de lado, voltando à parede, e viu-se num pátio enevoado, cheirando a peixe sendo defumado. Dois guardas corpulentos lançaram uma luz sobre ele. Eles nem sequer tinham sacado suas espadas.

— Você certamente tem boa aparência — disse um. Olhou para o companheiro como se estivessem prestes a cair na gargalhada. — Mas não há ninguém por aqui que possa pagar por pessoas como você, caso esteja vendendo a si mesmo. Nada de personagens elegantes como os que você conhece.

Ele jogou uma moeda para cada um.

— Quero provar a cerveja, apenas isso. Ouvi dizer que, tarde da noite, servem discursos e canções de um tipo que me interessa.

— O risco é todo seu.

Então o deixaram entrar.

Além do fedor dos defumadores, havia o aroma mais agradável de um estábulo e, a seguir, outro pátio que dava para um pórtico em estilo romano, sustentado por velhos pilares de pedra. A construção que se erguia junto às colunas antigas era moderna, de madeira. Lâmpadas brilhavam do lado de dentro e iluminavam pessoas sentadas num salão espaçoso, com silhuetas distorcidas pelos vidros grossos da janela. Duas rabecas lançavam no ar uma melodia dançante, duas vozes coleavam uma sobre a outra enquanto as pessoas batiam os pés seguindo o ritmo.

Ele entrou com cautela e viu-se no barulho alegre de um salão de taberna dividido à moda Kena’ani, com uma cerca de corda no meio para que homens e mulheres se sentassem separados. Deu um passo para a direita, corrigiu-se e foi sentar-se do lado dos homens.

Um sujeito louro de brancura celta e rígida disposição romana levou para ele

uma caneca da cerveja da casa, que era tão dourada que bem poderia ter sido feita de luz do sol. Começou a conversar com um grupo de moradores locais, cujas mãos calosas e o rosto queimado de sol os identificavam como estivadores.

— De onde você vem? — perguntaram a ele. — Em qual navio veio? Talvez tenha vindo do leste por terra, pois tem um pouco da aparência oriental.

Ele os divertiu com histórias fantásticas, todas elas verdadeiras, mas que soavam falsas aos ouvidos deles: que nascera num lugar em que todas as marés alteravam os contornos da terra, que um dragão comera seu pai, que sua mãe era um corvo. Enquanto isso, ele discretamente estudava as mulheres reunidas à vontade do outro lado da corda como num alegre poleiro. Todas eram da classe trabalhadora, lavadeiras com mãos desgastadas pelo sabão, vendedoras de rua cujas cestas de nozes e cebolas estavam junto aos pés, limpadoras de rua cochilando apoiadas em seus esfregões. Ele sempre observara que as mulheres trabalhavam desde antes da alvorada até bem depois do pôr do sol. Sentar numa taberna, tarde da noite, para ouvir o pronunciamento de um radical que esgrimia palavras como a mais mortal das espadas poderia muito bem ser o momento mais relaxado de todo o ano para elas.

Seu olhar pousou numa jovem com um rosto vivaz, que parecia incapaz de ficar quieta. Ela levara alguma costura para fazer, como costumavam fazer as mulheres, já que sempre havia algo rasgado ou puído que precisava de conserto, assim como um pássaro deve cuidar sem parar de suas penas. A costura mantinha suas mãos ocupadas, mas eram seus compridos cabelos grossos trançados, tão brilhantes e negros quanto os dele, que o deixavam inquieto, como se tivesse sido espetado por uma agulha manejada por uma mão invisível.

— O que acha de nosso belo porto e do interior por aqui? — perguntaram os homens, pois ele ficara inexplicavelmente calado.

— As províncias de Roma eu digo que são belas e adoráveis terras, pois todo o céu e a terra são muito diferentes de minha terra natal — respondeu. — Mas esta é a primeira vez aqui, em território romano, que vejo mulheres sentadas numa taberna como se estivessem à vontade onde os homens se acomodam. Normalmente, as mulheres romanas ficam em casa.

— Somos uma cidade portuária, não um ópido romano sonolento. Ademais, as mulheres, tanto quanto os homens, vão a qualquer reunião na qual haja uma chance de ouvir a Voz de Mel. Os homens, pela sua beleza, e as mulheres, por suas exortações e sua faca.

— Apollo Crow, A Voz de Mel? — reagiu Apollo Crow, empertigando-se. — Qual faca ela brande?

— A faca da persuasão.

As rabecas desaceleraram e se interromperam. Um homem deu uma cotovelada em outro quando uma mesa foi limpa na extremidade do salão.

— Aí vem ela! — gritou um dos seus interlocutores com um sorriso ansioso.

A multidão abriu caminho para três figuras: uma mulher baixa e cheia de curvas ladeada por dois indivíduos conhecidos como “emplumados”. Esses dois tinham maxilares estreitos, garras perigosas e o caminhar levemente ondulante de uma pessoa que parece uma mistura de humano, pássaro e lagarto. Embora vestidos sobriamente como advogados respeitáveis, os emplumados traíam sua verdadeira natureza nos sorrisos cheios de dentes de feras perigosas. Numa câmara tão cheia do cheiro forte de humanidade, o cheiro seco e queimado de verão que exalavam se reduzia a quase nada, mas ele respirou fundo para deixar o peito maior e, assim, fazer-se mais ameaçador, para o caso de olharem na sua direção e pensarem que tinham de atacar. Então, lembrando-se da prudência, curvou-se para que nenhum deles o marcasse com o olhar. Não que os emplumados tivessem qualquer motivo para reconhecer quem ele era. Como os humanos, eles eram criaturas deste mundo. Ele estava verdadeiramente sozinho, o único assassino do seu tipo, pelo que sabia, vivendo todos esses anos solitários no exílio.

Um grito se elevou das pessoas ao redor quando os emplumados ajudaram a mulher pequena a subir no tampo da mesa.

Tomado de surpresa pelos traços refinados e pela postura magnífica dela, Apollo Crow se colocou de pé para ter uma visão melhor. Com desaprovação encantada, seus companheiros o puxaram de volta para o banco.

— Não dissemos que ela o deixaria assombrado? — disseram, rindo, enquanto a visão erguia os braços num gesto que convidava a plateia ruidosa a se calar. — Escute, e você ouvirá.

— Meus camaradas. Meus amigos. *Minhas irmãs*.

As mulheres no salão ulularam, mas depois se calaram, na expectativa.

— Eu vim a uma terra hostil trazendo uma mensagem para aqueles entre vocês que buscam a liberdade. O jugo da tirania os sufoca, mas ele pode ser derrubado aqui, como foi em outras partes da Europa.

Ela falava num tom convincente que, sem aparente esforço, enchia o grande salão, de modo que nenhum ouvinte precisava se esforçar para escutar. Com uma eloquência tranquila, ela falou sobre os meios pelos quais os ricos e poderosos se apropriam da riqueza, beneficiam a si mesmos e exploram aqueles que se esforçam sob sua chibata. Descreveu em detalhes a criação de uma assembleia governante na cidade de Havery, presidida pelo príncipe daquele território, mas não submetida a nenhum mestre que não ela mesma. Metade do salão se inclinou

para a frente enquanto ela detalhava como as eleições de representantes para essa assembleia incluíam mulheres enquanto a outra metade trocava olhares perturbados. Mas todos escutaram, pois ela tinha o dom do discurso que fazia cada palavra em sua boca se abrir em flor e cada frase se tornar um buquê perfumado.

— É verdade que segundo a antiga lei romana as mulheres são proibidas de atuar como magistradas e sacerdotisas e obter triunfos, símbolos de poder ou espólios de guerra. Mas o que é a lei senão palavras escritas por mãos? — continuou, como se os olhares feios dos homens e os murmúrios acalorados a levassem a endurecer suas frases. — O que a mão faz pode ser feito ou desfeito à medida que os tempos mudam e as filosofias ganham novos caminhos. Este é o nosso novo caminho, se desejarmos seguir por ele.

— Ela é uma atriz? — Apollo Crow cobrou de seus novos amigos.

Os homens o calaram com tapas no braço, pois, por mais chocados que pudessem estar com a retórica, também estavam fascinados com sua pessoa e sua voz.

— Nada de atriz! Ela aqueceu o coração das pessoas por toda a Europa. Dizem que o imperador a prenderia se conseguisse pegá-la.

Uma mulher perigosa, de fato, se você fosse o imperador de todos os romanos e temesse o descontentamento que fervia sob a superfície dos plebeus normalmente silenciosos. Ela era o fogo que levava a água a ferver, e era uma bela chama feroz, mas, apesar do que pudesse pensar, ele tinha um trabalho a fazer e uma maldição que o forçava.

Quando ela terminou seu discurso sob aplausos entusiasmados, ele arrancou uma corrente de ouro de um dos muitos bolsos escondidos em suas roupas, nos quais mantinha as pequenas coisas que coletava em suas viagens. Segurou o colarinho de uma criança que passava, jovem o bastante para poder circular pelos dois lados da corda.

— Eu tenho um denário para você se levar esta corrente à Voz de Mel e fazer com que ela saiba qual homem a enviou.

— E se eu simplesmente roubar a corrente, sair correndo e nunca mais voltar? — perguntou a criança, perplexa com uma oferta tão ingênua e olhando com cobiça para os elos brilhantes.

— Quero lhe garantir que eu nunca esqueço um rosto — disse Apollo Crow, fazendo a criança estremecer com seu sorriso. — Se me desobedecer, eu lhe prometo que um dia você se verá atacado por corvos e bicado até a morte sem que ninguém faça nada.

A criança fingiu rir para manter a pose, mas ao mesmo tempo lançou um

olhar assustado para os dois lados, buscando escapar. Contudo, a possibilidade de ganhar um denário não era pouca coisa. Após hesitar menos do que Apollo Crow esperara, a criança pegou a corrente e a moeda e passou sob a corda.

Como ele sabia que fariam, as mulheres avançando para falar com a Voz de Mel permitiram que a criança passasse entre elas, pois sempre abrem espaço para filhotes. Ela se curvou para escutar enquanto a criança falava. Seus ombros ficaram tensos de surpresa, depois ela ergueu os olhos para estudar o recinto.

O olhar dela encontrou o dele. A luz era fraca demais, e ela estava longe demais para que ele lesse as sutilezas de sua reação, mas, pelas mudanças de postura, podia dizer que estava descontente, mas também sentia-se instigada por uma onda incurável de curiosidade. Difícil não notar que ela respirou fundo diversas vezes. Ele ergueu a caneca para cumprimentá-la. Os homens ao redor dele, conquistados pelo gesto, aplaudiram e riram, louvando-o por sua coragem férrea. Todos sabiam, disseram, que a Voz de Mel não tinha paciência para homens que tentavam suborná-la com presentes; ela escolhia o que queria por interesse, não por lucro.

Ela deu a corrente de ouro a uma mulher de pé ao lado dela e indicou que deveria devolver a bijuteria a ele. Então, com uma das mãos vazia, fingindo segurar uma taça inexistente, devolveu a saudação.

De repente, ele se viu virado pelo avesso, apaixonado pelo desafio.

Estranhamente, a mulher a quem fora confiada a corrente era a costureira que ele notara antes. Não a vira deixando seu banco, por isso a estudou com mais atenção enquanto se aproximava. Suas roupas eram resistentes, não elegantes, as botas desgastadas de muito caminhar.

— Mestre, vim lhe devolver isto a pedido da mestra.

— Não, não, eu insisto que fique com ela pelo incômodo causado.

— Uma oferta generosa — disse ela, girando a corrente entre os dedos. — Mas é melhor não, pois isso me deixaria em dívida de um modo que o senhor poderia interpretar mal.

— De modo algum. É apenas uma bijuteria, um sinal de apreço pelo belo discurso com o qual a Voz de Mel tanto me divertiu. Como ela me rejeita tão cruelmente, meu único pedido é que você faça a gentileza de trocar algumas palavras comigo, um pequeno bálsamo para meu coração dolorido. Qual é o seu nome?

— Catherine, mestre. E o seu?

— Eu sou Apollo Crow, um viajante. Por favor, sente-se.

A costureira sentou-se num banco vazio ao lado da corda e sorriu. Era atraente, com a graça de uma lutadora em seus membros compridos e tranquila

confiança física. Ele poderia achar um caminho até a outra mulher por intermédio daquela; ciúmes e concorrência às vezes deflagravam o interesse das mulheres quando um homem bonito estava envolvido.

Ele pediu uma rodada de bebidas e sentou-se perto o bastante para conversar com a costureira do outro lado da corda. Tentou uma conversa provocante, mas ela só queria discutir a iminente revolução.

— Muitos falam contra a proposta radical de permitir o voto às mulheres. O senhor deve ter uma opinião sobre o assunto, mestre.

— Qual é sua opinião, mestra? — devolveu ele.

— Como, você realmente quer ouvir minha opinião? Costumam me dizer que eu falo demais. Muitos homens dizem que as mulheres existem para a vida doméstica, não para debates filosóficos. O que acha, sr. Crow?

— Eu venho de um povo em que todos falam muito, mulheres e homens são iguais em seu vociferar. No que me diz respeito, sou novo na cidade, portanto prefiro descobrir como os locais pensam. Como mais poderei compreender como são as pessoas daqui? Sua compatriota fala com convicção. Não desejaria mais que ter uma noite de conversa inocente com uma voz tão persuasiva. Talvez em sua companhia?

Ele tinha um sorriso que derretia as mulheres, e, quando o usou, ela se inclinou mais para a frente, depois ainda mais, com o olhar queimando de interesse. Por sobre o ombro dela, ele viu a Voz de Mel indo na direção da saída e voltou os olhos para a costureira.

Os lábios dela se abriram como se encantada com a sedução. Disse numa voz baixa, rouca e sensual:

— Ela é bem protegida, sr. Crow. Não pense o contrário. É melhor que nos deixe em paz.

A costureira se levantou, abriu caminho facilmente pelo salão lotado e passou pela porta na direção do pátio, pela qual a Voz de Mel saíra.

Seus novos amigos riram.

— Bem, bem, você foi colocado no seu lugar e ainda perdeu sua moeda!

— Eu preciso de uma bebida para afogar minha tristeza! — disse, fazendo um gesto para o homem que servia. — Encha os copos dos meus amigos mais uma vez.

Quando o jovem se adiantou, Apollo Crow discretamente inclinou o banco para acertar as pernas dele e jogá-lo no chão. Um jarro derramado e um grito poderoso de todos ao redor ao serem molhados distraíram seus companheiros. No tumulto que se seguiu, ele colocou a corrente no bolso do empregado e saiu o mais rápido possível, abrindo caminho a cotoveladas pela multidão para passar

pela porta. Do lado de fora teve de parar e ajudar um idoso que perdera sua bengala e tropeçara nas pessoas. Depois saiu em busca de seu alvo, que, naquele instante, passava pelo portão.

Enquanto avançava, apressado, pelos defumadores fedorentos, um jovem esguio começou a andar a seu lado. Tinha cabelos tão compridos e negros quanto os da costureira, e, na verdade, havia outros sinais de parentesco na cor e na forma dos olhos.

— Um conselho — disse o jovem com um sorriso que era mais um mostrar de dentes. — Se a Voz de Mel rejeitou sua oferta, como aconteceu, não force a barra.

— Eu agradeço — retrucou Apollo Crow com a erguida de sobrancelha sardônica que aperfeiçoara como um modo de intimidar as pessoas que tentavam discutir com ele. — Por que isso lhe diz respeito?

— Eu sou parente dela. Portanto, seu bem-estar é responsabilidade minha — disse seu novo companheiro, encarando-o como um gato faria com um pássaro. — Apenas um alerta, mestre. Pessoalmente, eu acho a Voz de Mel dominadora e impaciente, mas entendo que, para homens do seu tipo, ela represente uma atração irresistível. A necessidade de provar que sua beleza e sua enorme confiança cederão a você, e apenas a você, quando homens inferiores fracassaram.

— Meu tipo? Qual tipo você acredita que seja o meu?

O jovem se plantou na abertura estreita do portão de modo a que ninguém — muito menos Apollo Crow — conseguisse passar. Farejou o ar e franziu a testa como se fosse capaz de filtrar o ar pútrido do pátio e extrair fragmentos de informação.

— Agora não estou tão certo. De onde você disse que era?

— Não disse. Qual nome você disse que era o seu?

— Eu não disse — falou o jovem com outro daqueles sorrisos cheios de encanto e ameaça. — Se você tem família, entenderá que cuidamos uns dos outros.

— Eu entendo o sentimento muito bem. Eu sou de todos os modos possíveis um homem de família.

O sujeito continuou de pé ali, significando que bloquearia o portão até ser tarde demais para seguir. Embora Apollo Crow não fosse avesso a um ataque direto, achou o outro homem enigmático demais para avaliá-lo com tão pouca informação. Havia nele uma energia retesada que o fazia lembrar de… si mesmo, aquela sensação de um corpo instalado neste mundo e um espírito ancorado no mundo além. Mas ele aprendera do modo mais difícil a não falar

com estranhos e pessoas comuns sobre mundos mortais e mundos espirituais, porque ninguém acreditava nele. Aprendera a transformar a verdade em histórias que as pessoas aceitavam como entretenimento.

Fez uma mesura como se numa retirada elegante, reconhecendo o direito de uma família proteger os seus, mas, ao se afastar do portão, buscou imediatamente o canto mais escuro e isolado do pátio. Atrás de um defumador e em meio ao esmagar de cinzas e lixo descartado, ele parou, olhando ao redor uma última vez para garantir que estava sozinho. A noite não era gentil com sua visão, e ele nunca podia confiar em seu olfato. Inclinando a cabeça para o lado, ele escutou. Violinos e pés batendo tomavam o ar, tornando difícil captar ruídos mais suaves, mas então o jovem falou junto ao portão, dirigindo-se aos guardas.

— Para onde ele foi? Eu não o vi voltar para a taberna.

Com um suspiro, ele abandonou o eu que usava. Numa onda de cento e trinta e quatro pares de asas — porque são precisos muitos corvos para fazer um homem —, eles saíram voando pelas ruas mergulhadas na noite em busca de uma mulher.

A revoada seguiu a mulher e os dois emplumados até uma hospedaria respeitável à beira-rio num bairro bem iluminado e próspero da cidade. Eles desceram numa nuvem densa para o teto da hospedaria como se estivessem se recolhendo para a noite. Alguns desceram para espionar. Um entrou até mesmo no salão e se instalou, atento, num canto enfumaçado enquanto a Voz de Mel se sentava para jantar e bebidas eram enviadas à sua mesa por cortejadores esperançosos e admiradores tímidos. Um corvo voou para cada parapeito de janela, esperando a chegada dela a um dos quartos, mas foi o corvo pousado no pátio da cozinha que a viu sair por uma porta dos fundos e sumir na noite acompanhada pela costureira e pelo jovem enquanto os dois emplumados muito mais chamativos permaneciam para trás de modo a fazer crer que ela ainda não havia partido. Um esquema esperto, de fato, para distrair as pessoas que a estariam seguindo. Crocitando de excitação com o artifício simples, alguns dos corvos mais jovens tiveram de ser silenciados para que não chamassem atenção.

A rota a levou às ruas mais humildes ao longo do rio, onde moravam pessoas mais modestas e respeitadoras das leis. Finalmente recolheu-se a uma pequena hospedaria de dois andares com um exterior degradado e sem janelas. A despeito da aparência nada impressionante, o portão e os muros representavam um desafio formidável para uma pessoa que quisesse dar uma olhada do lado de dentro sem ser notada. Os corvos simplesmente se acomodaram no teto, voltados para um pátio interno. Não havia fogo na lareira do pátio, as cinzas estavam tão

frias que poderiam não ter sido queimadas fazia dias.

Mesmo tão tarde da noite, uma alma solitária estava sentada a uma mesa tentando ler à iluminação de uma esfera flutuante de uma luz branca fria. Vários corvos saltaram para a frente de modo a ter uma visão melhor. Era um homem bem-vestido e arrumado que poderia ser definido como tão bonito quanto um corvo, não que isso fosse possível. Quando os outros passaram apressados pelo portão, ele se levantou para cumprimentá-los. Pelo beijo íntimo que ele deu na costureira era evidente que um plano para seduzi-la de modo a despertar a atenção invejosa da Voz de Mel não teria funcionado. De fato, pelo modo como os quatro conversavam, com observações relaxadas e interrupções sucessivas, eles mesmos tinham os modos de uma revoada.

Após uma breve espera, os dois emplumados apareceram. Assim que entraram e o portão foi fechado, o alvo atravessou o pátio e entrou, sozinho, numa escadaria com portão.

A hospedaria, na verdade, era composta de dois prédios unidos: um conjunto de quartos virados para dentro ao redor de um pátio e uma sala separada disposta em ângulo reto. Essa ala extra se projetava sobre a água, uma lembrança de uma antiga ponte agora dilapidada que já não chegava à margem oposta. A ponte com nova função não tinha andar térreo, apenas a fundação em arco, de modo que os quartos acima não podiam ser alcançados a não ser pela escadaria protegida e uma passagem interna.

As janelas desses quartos davam para o rio. Logo, um par de venezianas foi aberto por dentro. A mulher se inclinou para fora para aspirar fundo o ar da noite e fez uma careta ao sentir o cheiro de lixo e fumaça. No momento em que ela se retirou para dentro do quarto, dois corvos pousaram no parapeito para observar. Ela acendeu uma vela e, à luz dela, trancou a porta por dentro e enfiou a chave na manga. Depois, colocou a vela num castiçal de latão sobre um toucador. A chama brilhou no espelho quando ela abriu um caderno de desenho e sentou-se para desenhar.

Um corvo voou para pousar no alto do guarda-roupa.

Embora o voo e o pouso não tivessem feito qualquer ruído audível, a mão dela parou.

— Havia mais alguma coisa que você precisava me dizer? — perguntou ela ao ar.

O ar não ofereceu resposta.

O corvo no parapeito e aquele no guarda-roupa saíram aos saltos enquanto ela fechava o caderno e levantava-se. Após um olhar confuso ao redor do aposento, ela abriu a porta para a passagem e saiu. Assim que fechou a porta, os

corvos retornaram ao aposento.

Ele logo assumiu uma forma única, inteiro a não ser por três partes. Primeiramente testou a porta para a passagem, mas ela havia sido trancada por fora. Nenhuma chance de escapar com o caderno de desenho por ali, não sem a chave. Sentando-se ao toucador, ele sentiu o peso do caderno com a mão. Pesado demais para voar com ele, mesmo criando uma rede para que os corvos o carregassem.

Portanto, ele teve de aceitar relutantemente a terceira opção, embora fosse a de que menos gostasse e a que demandasse mais tempo. Rasgou um pedaço de uma página em branco no fim do caderno e encheu-a com uma caligrafia extremamente precisa e pequena. Colocou o pedaço num tubo de mensagens e prendeu-o à perna de um corvo. Dispensado, ele voou, e as duas outras partes foram vigiar do lado de fora.

Por fim, abriu o caderno de desenho. Com o maior interesse e encanto, ele examinou o primeiro, que mostrava uma jovem coroada montando um touro — claramente representando a rainha fenícia Europa — e um leão aparecendo atrás dela, arrastando uma corrente. Como metáfora para o império encolhido de Roma desejando recuperar as terras que havia perdido centenas de anos antes, aquilo era, no mínimo, um tanto óbvio.

Uma chave girou na fechadura. Ele fechou o caderno, colocou os cotovelos no toucador e examinou seu rosto magro no espelho, seus cabelos negros brilhantes, seus dedos ágeis. Haveria algo errado nele? Algo que poderia moldar melhor? Haveria naquele mundo um homem mais belo?

As dobradiças rangeram. Uma figura surgiu atrás dele como uma mancha se expandindo pelo espelho. A luz de uma vela refletia no fio de uma espada esguia, mas não era tão afiada quanto a indignação em seu sorriso. Ele encarou o reflexo do olhar dela e respondeu com um sorriso preguiçoso.

Ela tinha uma sobrancelha interrogativa não muito diferente da sua e a usou.

— Você está sentado em minha cadeira.

— É difícil resistir a me admirar quando tenho a chance, pois eu certamente sou um sujeito esguio e vistoso.

O olhar dela tinha um tom avaliador.

— De fato, é duro resistir a imaginar como um sujeito tão esguio e vistoso como você pode ter entrado neste aposento trancado.

— Você é irresistível. Portanto, nenhuma barreira pode me manter afastado.

— Mesmo? — reagiu ela. Sua postura apresentava os ângulos e músculos de alguém que sabia lutar. — A passagem até estes quartos é protegida dia e noite, motivo pelo qual, como você pode imaginar, pessoas que têm inimigos gostam

de dormir aqui. A porta deste quarto para a passagem pode ser trancada por dentro e por fora, e eu tenho a chave. Então, o bom senso me sugere que você entrou pela janela. Mas o telhado é inclinado demais para ser usado e o muro é inclinado demais para ser escalado. Mesmo se você conseguisse escalá-lo, não está molhado como deveria se tivesse vindo pelo rio.

— Eu posso ter chegado de barco.

Ela foi até a janela, olhou para baixo e virou-se para ele novamente.

— Não há onde amarrá-lo. Poderia explicar esse mistério?

Ele se levantou com cautela, ergueu as mãos com as palmas para fora mostrando estar desarmado e fez uma mesura elegante, com a mão na altura do coração.

— Não sou o único mistério neste aposento. O maior mistério é seu apelo.

— Você deveria ter tentado essa frase mais cedo, antes que estivesse sem saída. Por que está aqui?

— Talvez você e eu possamos negociar segredos. Por que o imperador de Roma me contratou? Uma resposta é que sua agitação revolucionária perturba o regime romano, mas eu sinto que não é a única. Temo que eu seja afetado por uma curiosidade implacável.

— Eu poderia aplacar sua curiosidade atravessando-o com a minha espada.

— Ah, mas e quanto à sua curiosidade? Você não deseja saber com quais estratagemas e habilidades eu apareci em seus aposentos? Imagine esses mesmos atributos dedicados unicamente à missão de… satisfazê-la.

— Satisfazer-me? — Ela reagiu, avaliando-o por inteiro, com um toque de diversão brincando nos lábios. Ele aproveitou a oportunidade para virar a cabeça de modo a que ela visse seu melhor perfil. Com um riso rouco, ela balançou a cabeça. — Antes ou depois de você me entregar ao imperador de Roma?

Ele refletiu sobre essa pergunta com a seriedade que ela merecia.

— Antes seria mais garantido. Depois, isso seria determinado pelos caprichos dele.

— Vejo que é um estrategista — disse ela, com uma rouquidão de riso abafado que o incomodou. Estaria debochando dele? — Mas se eu não quiser ser sequestrada e levada para o imperador de Roma?

— Talvez você pudesse igualar o preço dele e me dissuadir.

— Não tenho acesso ao mesmo tipo de recursos. Ou você estava oferecendo outra forma de troca? — Seu olhar o mediu dos pés à cabeça.

— Naturalmente, você gosta do que vê, e eu com certeza sou formado em todas as maneiras de lhe dar prazer, caso goste de como sou formado. Mas temo

que dinheiro seja a única moeda com que faço negócios.

— Naturalmente! De qualquer modo, eu não quero transformar o imperador de Roma num inimigo, não se você é, como estou começando a desconfiar, uma espécie de rufião de aluguel que ganha a vida fazendo trabalhos sujos para que os ricos e poderosos possam manter as mãos limpas.

— Sua aquiescência fará com que tudo isso se passe muito mais facilmente. Esperarei até que você pegue uma capa e o que mais achar necessário para a viagem — disse, tomando o cuidado de não dar um tapinha no caderno de desenho, embora estivesse ao lado de sua mão esquerda. — Tenho um barco esperando para zarpar em uma hora.

— Não tem, não. Estamos a uma hora da maré baixa. Nenhum navio zarpará durante algum tempo. Então, meu misterioso fora da lei, esta foi sua primeira mentira.

— Minha primeira mentira?

— Vejo que você espertamente evitou uma segunda mentira. Eu lhe dei diversas oportunidades de concordar que o imperador quer me sequestrar, e você não o fez. Então eu acho que ele quer algo mais e sei o que é.

Mais rápido do que ele esperara, ela pegou o caderno de desenho no toucador, saltou para trás e tocou o peito dele com a ponta de sua espada.

— Você pode lutar ou pode se retirar com elegância. Não estou disposta a entregar meu caderno de desenho.

Ele se inclinou para longe da ponta, mas com isso se viu com as costas coladas no toucador. Aquilo estava se revelando muito mais empolgante do que ele esperara. Então cruzou os braços e relaxou. O destemor diante de lâminas sempre impressionava as pessoas.

— Por que o imperador de Roma quer seu caderno de desenho? O que você desenhou que ele sente uma necessidade tão desesperada de possuir?

— Ah. Contar a você seria revelador — disse, pegando a chave na manga. — Como sou misericordiosa e você me divertiu, mesmo que brevemente, pode destrancar a porta e partir.

Quando ela jogou a chave, ele permitiu que batesse em sua coxa e caísse no chão com um ruído leve. Ela inclinou a cabeça com uma graça corvídea, uma pergunta feita sem palavras.

— Apenas uma — disse ele, porque ainda precisava ganhar tempo.

— Apenas uma o quê?

— Mostre-me apenas uma página do caderno de desenho. Se puder fazer essa gentileza. Ele me contou que tesouros guarda e por que o quer.

— Não, ele não lhe contou. Por que continua mentindo?

— É uma maldição — disse ele. Seu sorriso despreocupado era um de seus grandes dons, um pouco mais alto de um lado, de modo que prometia tanto prazer quanto problemas. — Eu sempre minto sobre algo.

— E se sua mentira é desmascarada? E então?

— As maldições se dão em séries de três. Três mentiras desmascaradas ou três mentiras não descobertas.

— E então?

Ele deu de ombros.

— Interessante. Duas mentiras desmascaradas até agora. É melhor tomar cuidado.

Ele ficou um pouco perturbado por ela não ter pressionado mais, em vez disso recuando na direção da cama, apenas longe o bastante para que, se ele atacasse, pudesse dar um passo para o lado e tentar acertá-lo. Pousou o caderno de desenho e o folheou. Ele podia ver que a primeira metade estava cheia e a outra permanecia em branco, páginas ainda não utilizadas. Naquele ângulo, ele não conseguia discernir o que exatamente ela gostava de desenhar, a não ser sombras densas e linhas secas. Em dado momento, ela estudou um desenho de duas páginas, ergueu seu olhar atento para ele e voltou-o para a página.

— Ah! — disse ela, sorrindo de um modo avaliador que o perturbou tanto quanto animou sua natureza inquisitiva. — Isso explica tudo.

Um corvo pousou no parapeito e crocitou três vezes.

— Entre os helênicos, corvos são considerados mensageiros divinos — observou ela enquanto fechava o caderno com força, deslizava-o para dentro de uma bolsa e colocava-a nas costas, parecendo se preparar para partir.

A polidez o levara o mais longe que podia ir. Ele esperava que ela pegasse a chave, mas, em vez disso, ela escancarou a porta do guarda-roupa, pulou para dentro e bateu a porta. Com um salto, ele agarrou a porta do guarda-roupa e puxou-a. Foi como puxar correntes com pesos. Com um grasnido de frustração, ele puxou com toda a força. A porta cedeu como se ela a tivesse soltado. Ele caiu para trás, batendo na cama, e deu uma volta completa para sacar sua espada das sombras teimosas que costuram juntos o mundo no qual ele estava e o mundo do espírito do qual ele vinha.

Atrás de prateleiras onde havia roupas cuidadosamente dobradas e empilhadas, o guarda-roupa tinha um fundo falso que dava passagem para o quarto adjacente. A porta do quarto que surgira estava escancarada. Os passos dela soavam enquanto corria pela passagem em direção a uma escadaria. Ele a perseguiu a pé, embora a luz fraca e o teto baixo prejudicassem sua velocidade e

ele tivesse tropeçado numa tábua solta.

Ela parou no alto da escadaria no momento em que o som de armas sendo terçadas subia do pátio abaixo. Uma voz gritou:

— Vocês estão presos por ordem do imperador de Roma.

O cenho franzido dela caiu sobre ele como um golpe de marreta.

— Você os trouxe até nós. Eu não chamo isso de gentileza.

Ela atacou, descendo a escadaria e empurrando-o para trás com uma série de ferozes golpes justos dos quais ele mal teve tempo de desviar. Assim que ele se recompôs e lançou contra ela a força de sua altura e sua habilidade maiores, bateu com a nuca no teto. Quando ele se encolheu, ela atacou, e ele recuou para se recuperar e novamente bateu com a cabeça numa viga baixa. Ela não teve qualquer dificuldade, sendo baixa e, mais importante, conhecendo o terreno. A lâmina dela brilhou, mas foi a força por trás que o desalentou, a pressão incansável que ele conteve uma, duas e três vezes enquanto sua cabeça batia ao ritmo dos pés dela no chão.

Então, claro, ele tropeçou naquela maldita tábua solta.

Ele caiu pesadamente de costas. Respirando fundo em busca de ar, segurou os fios que o mantinham coeso, preparando-se para soltá-los. Ele era obrigado por sua maldição a nunca revelar a qualquer habitante deste mundo o que realmente era, e fazer isso o condenaria a ficar preso neste mundo para sempre, mas, para sobreviver a um golpe mortal, ele teria de se espalhar.

Mas nenhum aço o furou. Ela recuou para a escadaria. Quando ele se levantou e correu no seu encalço, ela e o misterioso caderno de desenho estavam na metade da escada.

Ele se lançou atrás, certo de que deveria haver um portão lateral pelo qual ela iria escapar. Em vez disso, uma visão chocante surgiu diante de seus olhos surpresos. A despeito da disparidade em números, os soldados imperiais haviam recuado defensivamente, formando um círculo voltado para fora. Eram prejudicados pela falta de luz, pois nenhuma das lanternas que carregavam trazia nem sequer a chama mais fraca. Apenas uma esfera de luz branca e fria vagava acima da cabeça do homem particularmente bonito que estava um pouco afastado da luta, apoiado numa parede, com os braços cruzados como se aborrecido por sua leitura ter sido tão rudemente interrompida.

Os soldados contornavam os dois emplumados, com suas garras, dentes, altura e velocidade se revelando barreiras formidáveis. Um dos soldados tentou uma estocada apenas para que uma garra arrancasse a espada de sua mão. Ela retiniu no chão. Quando o soldado saltou corajosamente para a frente a fim de recuperá-la, o jovem que Apollo Crow encontrara junto ao portão da taberna

saltou das sombras. Ele se fundiu numa mancha de sombras e tornou-se um grande gato negro de dentes de sabre.

Apollo Crow olhou, quase perdendo o controle enquanto um choque de reconhecimento corria pelo seu corpo. Ali estava outra criatura como ele mesmo, um habitante do mundo do espírito que, como todos os habitantes do mundo do espírito, tinha a capacidade e a necessidade de mudar.

O enorme gato rugiu no rosto chocado do soldado. O homem cambaleou de volta para a segurança de seu bando, sacando uma espada, mas, no momento, todos estavam trêmulos.

A Voz de Mel marchou em frente para confrontar os desafortunados. Parecia muito poderosa cercada pelo seu pessoal.

— Joguem fora suas espadas e poderão partir em paz, meus amigos. Vocês trabalham para um poder que alegremente os sacrificará para preservar seus propósitos egoístas.

— O que fortalece Roma fortalece todos nós — disse um dos soldados, determinado.

Ela estava de costas para Apollo Crow, e a bolsa ficara pendurada ali, convidativa, aberta, enquanto ele avançava com passos suaves. Ela continuava falando, talvez acostumada demais a se ouvir falar.

— Aqueles que mandam lhes dão apenas corda suficiente para que sintam que podem andar livremente, enquanto mantêm a vantagem para si mesmos. Eles lhes pagam uma miséria enquanto se sentam sobre um enorme tesouro…

Ele deslizou o caderno de desenho para fora da bolsa e recuou um passo.

— … Eles permitem que trabalhem a terra desde que paguem a dízima por essa honra.

Um sopro de ar perturbou seus sentidos, pois ele era especialista em se adaptar a qualquer mudança mínima na orientação dos ventos. O movimento sugeria algo se movendo ao lado dele, mas ele não via ninguém. Não até a costureira surgir do próprio ar. A lâmina afiada pressionou seu peito.

— Pare aí — disse ela.

Apollo Crow riu de pura surpresa. Sua repentina materialização onde ela não estivera antes fizera os pobres soldados perderem a pouca coragem que ainda tinham. Como se fossem um, eles dispararam na direção da rua. Os emplumados educadamente se colocaram de lado para que passassem. O grande gato os perseguiu até o portão e açoitou vigorosamente o rabo.

— Que tipo de criatura é você? — perguntou ele à costureira.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — devolveu ela. — Pois você está

envolto em muitos fios, um emaranhado de sombras, mas não sei o que isso significa.

— São as tramas de uma maldição lançada sobre mim quando fui exilado de meu lar.

— Que interessante! — disse a costureira, parecendo tão encantada quanto uma criança se acomodando para ouvir uma história empolgante. — Por que você foi exilado?

— Eu peguei de volta algo que me pertencia, mas isso foi considerado roubo por aqueles com mais poder que eu. Então recebi a maldição do exílio, acusado de ser ladrão.

A Voz de Mel se virou para encará-lo, sua atenção tão firme e sólida quanto a verdade. Por apenas um instante, pareceu que dentro de seus olhos ele podia vislumbrar uma enorme e silenciosa visão de formas e cores girando como clarões de luz e linhas.

— Essa é a coisa mais honesta que ouvi você dizer — começou ela, mas se deteve quando um corvo pousou em seu ombro.

O grande gato sibilou.

A costureira desapareceu, como um fio puxado do tecido do mundo.

O imperador de Roma e uma companhia de soldados imperiais passaram marchando pelo portão, com lanças, espadas e bestas brilhando nas fileiras. O gato recuou, mostrando os dentes. Os emplumados ergueram as cristas ameaçadoramente enquanto o homem bem-vestido e infelizmente bonito permaneceu em silêncio nas sombras, fácil de ser ignorado.

A Voz de Mel encarou o imperador com o olhar de uma pessoa certa de que seus confederados a apoiarão, de que, como um grupo, eles são mais fortes do que sozinhos.

— Por mais que isso possa ser uma surpresa para você, confesso que não esperava encontrá-lo em Nikaia — observou ela, como se ela e o imperador se conhecessem bem e estivessem acostumados a se enfrentar.

— Fomente a revolução nos principados se precisa fazê-lo, minha querida Beatrice — disse ele num tom tolerante que a fez apertar os lábios. — O tumulto que você e seus associados criam entre os senhores da fronteira me serve bastante bem.

— Você quer expandir o império até suas antigas fronteiras. Começará levando suas tropas para áreas onde acha que os príncipes governantes estão fracos demais para resistir ou ficarão gratos pela proteção imperial contra agitadores radicais.

— Você diz isso com certeza ou é um palpite?

— O que você acha?

— Acho que não pretendo partilhar meus planos com você. Quando traz suas ideias radicais para o meu império, então você se torna um problema meu.

— É sua intenção me prender?

O imperador de Roma olhou para além dela.

— Está com ele?

Apollo Crow enfiou o caderno de desenho sob o braço.

— Sim.

A Voz de Mel ergueu uma sobrancelha deslumbrante. Seus lábios se torceram num riso silencioso.

Então houve uma pausa, uma espécie de silêncio de expectativa, uma respiração suspensa.

De repente, o imperador de Roma teve uma visão do homem de pé quase escondido junto à parede.

— Arqueiros! Matem-no!

— Isso é um erro — murmurou a Voz de Mel.

Bestas erguidas, os arqueiros miraram no homem no instante em que a temperatura no pátio despencou de um conforto estival para um gelo de arder os olhos. O frio golpeou como um martelo, jogando o imperador e seus soldados no chão.

A magia golpeou tão forte, como um tapa invisível para baixo, que Apollo Crow quase se desfez. Ele se manteve inteiro apenas por sua força de vontade, ajoelhando-se no chão enquanto seus pensamentos giravam. Durante seu tempo neste mundo, ele raramente encontrara magia; ficava longe de magos assim como um pássaro sábio evita aproveitar o sol numa rocha ao lado de cobras. Eles podiam não querer feri-lo, mas era melhor não tentar descobrir.

Quando o imperador e seus soldados se levantaram do chão, a Voz de Mel e seus companheiros haviam fugido para as ruas escuras. Os soldados se viraram para o portão e pararam, esperando ordens.

— Deixe-me ver — disse o imperador, estendendo a mão.

Apollo Crow deu a ele o caderno de desenho.

Um soldado acendeu uma lâmpada, e, à luz dela, o imperador folheou as páginas, inicialmente com um sorriso de satisfação, mas depois com a testa cada vez mais franzida.

— Este não é o caderno de desenho dela! — rugiu. Ele arremessou o caderno sobre Apollo Crow tão de repente que não houve tempo para desviar. Bateu em seu peito e caiu no chão com barulho de papel amassado.

— Maldita seja! — gritou o imperador. — Vão atrás deles! Vasculhem o lugar. E prendam este ladrão inútil.

Apollo Crow pegou o caderno de desenho, mas, como foi imediatamente cercado por lanças reluzentes e soldados raivosos que agiam como se tudo aquilo fosse culpa *dele*, não teve oportunidade de olhar. A questão intrigante de o que ele tinha roubado e por que não era a coisa certa o acompanhou durante toda a longa marcha rumo ao Monte do Castelo e descendo os degraus mal iluminados até um corredor de celas escavadas na rocha. Mãos ásperas o empurraram para dentro de uma câmara estreita e bateram a porta, deixando-o sozinho com o cheiro de urina velha. Bem no alto, uma abertura permitia a entrada do ar marinho salgado. Estava escuro demais para ver alguma coisa, então ele tateou até encontrar um catre. Sentou-se nele.

Pouco depois, uma luz brilhou sob a porta da cela em meio ao som de passos e o tilintar de chaves. A porta foi aberta, e ele se colocou de pé apressadamente enquanto dois soldados entravam, carregando lâmpadas. O imperador apareceu.

— Você não deveria prometer o que não pode fazer — disse o grande homem sem preâmbulos.

Apollo Crow deixou o caderno cair, aberto, ao brilho da lâmpada. Uma página branca o saudou, depois outra, e mais uma. Todas as páginas estavam em branco.

— Ela colocou este caderno, não usado, no lugar do outro.

— Eles o enganaram — disse o imperador, balançando a cabeça, dentes trincados de raiva. — E pensar que eu realmente acreditei que você conseguiria o que prometeu.

— Pela sua descrição, achei que só a mulher estava envolvida, uma oradora persuasiva escondendo segredos em seu diário. Achei que estaria acompanhada de alguns outros radicais e descontentes. Não me dei conta de que seus camaradas seriam dois emplumados, um gato de dentes de sabre metamorfo, uma mulher que pode desaparecer quando quer e um mago poderoso. Se tivesse me alertado, eu teria mudado a minha estratégia.

— É o que você diz, agora que fracassou — retrucou o imperador, caminhando até a porta, parando no umbral e dirigindo-se aos guardas. — Mantenham-na trancada aqui até que eu volte.

— Mantenham-*na*? — reagiu Apollo Crow.

Depois de uma pausa generosa, como um ator decidindo se dará um floreio final na mesura que a plateia está esperando, o imperador se virou.

— Eu tenho meus espiões. Você, na verdade, é Apollonia Crow, uma notória ladra e contrabandista cuja última residência conhecida foi a cidade ilírica de

Salona — disse o imperador, olhando os trajes finos, brilhantes e negros que Crow vestia. Depois, fez uma careta de desgosto. — Há um modo simples de revelar a verdade sobre você, mas eu desprezo métodos violentos e humilhantes.

— Mas você é um imperador. Impérios sempre são violentos.

— Impérios trazem paz, ordem e justiça quando governados por uma pessoa sábia.

— E essa pessoa sábia é você?

— Esta discussão não tem sentido. O que sei é que, quando serve aos seus objetivos, você usa um disfarce masculino, como agora.

— Eu sei que meu caminho neste mundo é mais fácil quando as pessoas acreditam que sou um homem.

— Então você admite que eu desmascarei sua mentira?

Crow fez uma mesura educada e esforçou-se muito para não parecer debochado, embora quisesse rir alto.

— Eu me disfarço de homem quando, na verdade, sou mulher. Permita que eu me apresente adequadamente, Sua Excelência. Eu sou Apollonia Crow, agente de espionagem e recuperadora de objetos roubados, ao seu dispor.

— Você é uma ladra e uma vigarista. Cumpriu um ano na prisão de Nikaia pelo seu crime.

Ele saiu para o corredor, seguido pelos guardas.

Às suas costas, Apollo Crow observou.

— Três mentiras não descobertas.

— O quê? — perguntou o imperador por cima do ombro, impaciente.

— A maldição me obriga a aceitar qualquer oferta de emprego feita a mim e me compele a terminar meu trabalho e garantir a satisfação de meu empregador, não importando o que eu ache do serviço, mas três mentiras não descobertas me permitem romper o contrato de trabalho, desde que eu conte a verdade sobre a maldição ao empregador que estou abandonando. E eu o estou abandonando agora.

— Já ouvi o bastante dessa baboseira. Fechem a porta!

A porta da cela foi batida. Barras se encaixaram em suas posições. Trancas se fecharam. O som de passos se afastou.

Apollo Crow jogou o caderno de desenho no catre e esperou um pouco mais para ter certeza de que todos tinham retomado suas rotinas. Então desfez as tramas que o mantinham coeso e tornou-se um bando de corvos, cento e trinta e quatro pares de asas. Cada corvo passou facilmente pela fresta com barras construída para ser estreita demais para permitir a passagem de um humano.

A maior parte da revoada seguiu para o porto e pousou nos mastros até a alvorada, quando os barcos começaram a zarpar com a maré. Embora tivessem circulado, não viram sinal da Voz de Mel ou seus companheiros em nenhum convés, fugindo pelo mar. Finalmente, dois batedores que haviam ido mais longe retornaram com a notícia de uma carruagem fugindo para oeste pela estrada litorânea. Quando a revoada alcançou a carruagem, o veículo havia saído de território romano e entrado na nação vizinha de Oyo, fora do alcance do mais ousado soldado imperial.

Corvos são batedores perfeitos. Eles acompanharam os viajantes durante o dia inteiro sem que fossem vistos. Ao anoitecer, o cocheiro e cavalariço entrou numa hospedaria bem protegida. Pouco depois, a mulher abriu as venezianas de um quarto acima. Sentou-se a uma mesinha, abriu o caderno de desenho e começou a desenhar.

Apollonia Crow tomou forma na cocheira, evitando os guardas no portão. Subindo a escada dos fundos, ela bateu na porta apropriada e, quando foi aberta, entrou com um sorriso encantador.

— Você! — disse a Voz de Mel.

— Você me reconhece?

— Você é muito marcante. O que está fazendo aqui? E por que adotou esse disfarce de mulher, sr. Crow? Achou que me confundiria com um vestido elegante e os cabelos penteados à antiga moda helênica?

Apollonia Crow fez uma pausa para ver seu reflexo no espelho da penteadeira. Seus cabelos negros caíam em cachos agradáveis até abaixo dos ombros, mas talvez o queixo fosse um pouco quadrado demais para aquele rosto. Que maravilha era saber que uma mera mudança de roupas e apresentação exterior alterava tão radicalmente o modo como as pessoas reagiam, achando-o masculino demais para certa beleza ou feminino demais para a boa aparência masculina.

— O imperador descobriu meu artifício — disse Apollonia Crow, deslizando o olhar na direção do caderno.

A mulher fechou-o e sentou-se sobre ele.

— Seu disfarce? Que artifício é esse?

— Que eu me disfarçava de homem quando, na verdade, sou mulher.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando-o como se quisesse desembaraçar os fios de seu ser.

— Não, não é.

— Não sou?

A Voz de Mel sentou-se belamente à mesa, abriu o caderno e voltou a desenhar com uma velocidade e uma precisão que faziam as imagens brotar como se por mágica, embora fosse apenas habilidade. Corvos e mais corvos fluíam de seu lápis pela página, voando, pousando, discutindo, espionando. Eram corvos bonitos, nem uma única caricatura feia entre eles.

— Sabe, eu tive uma queda pelo imperador de Roma, antes que se tornasse imperador. Eu me ofereci para me casar com ele, embora fosse velho o bastante para ser meu pai, mas ele me rejeitou, ainda que quisesse meus sonhos para seus próprios usos. Estranho que ele tenha rejeitado um modo tão fácil de conquistar minha lealdade imorredoura.

— Acho perturbador que ele não a tenha escolhido como companheira quando teve a oportunidade.

Ela pressionou a mão sobre o colo e piscou seus olhos enganadores.

— Você pensa assim?

— Sim, claro. Você é loquaz e inteligente.

— Você me lisonjeia.

— Por que eu precisaria lisonjeá-la quando você já é uma figura tão bela, quase tão bela quanto eu?

— De fato! — disse ela com uma risada. — Mas infelizmente ele tinha escrúpulos e relutou em se valer de minha queda desse modo específico. Foi uma fuga feliz de minha parte, pois, do contrário, eu poderia ser uma pessoa muito diferente, com uma visão muito diferente do mundo. Em vez de pregar uma revolução, eu estaria entre aqueles tentando esmagá-la. Uma ironia, não acha?

— O que seus sonhos são para ele?

Ela pousou o lápis.

— Eu posso ver o futuro, digamos assim. Meus sonhos me dão vislumbres do que irá acontecer. Com frequência não consigo interpretar as visões porque surgem como detalhes sem contexto. Um chapéu. Um galho florido. Um jogo de chá quebrado. Então eu desenho as visões que tenho em meus sonhos em meu caderno de desenho. Se seus detalhes e o contexto puderem ser devidamente desembaraçados, o que não é uma tarefa fácil, pode-se dizer que meus desenhos preveem o futuro.

— Um leão, que representaria o imperador, acorrentando a rainha Europa.

— Ah! Isso não foi um sonho. Foi apenas um desenho metafórico — disse, batendo na página com o lápis. — Por exemplo, eu sonhei com corvos na semana passada. Cento e trinta e quatro corvos. Esse não é um número incomum?

Pela primeira vez, Crow não teve resposta.

— Corvos são mensageiros. De todas as criaturas, eles são as que mais facilmente conseguem passar do mundo do espírito para este mundo. Se um gato de dentes de sabre pode se tornar um homem, então por que uma revoada de corvos não pode se tornar um homem ou uma mulher? Desde que a revoada tenha corvos machos e fêmeas, por que se limitar a um ou outro?

Por pouco os corvos não se separaram, tão chocados ficaram com a serenidade com que a Voz de Mel jogara a verdade sobre eles.

— O que o trouxe do mundo do espírito para viver neste mundo?

— Não é da sua conta.

As palavras saíram mais como um grasnido rouco.

— Mas você já nos contou, não é mesmo? Simplesmente achou que não acreditaríamos, que acharíamos que estava contando uma história. O que você roubou?

— Roubei de volta parte de mim mesmo — disse Crow. — Dois dos meus, roubados por um poder superior para servir às suas necessidades, como reis e imperadores fazem. Por isso fui punido e exilado neste mundo, amaldiçoado para servir a qualquer um que se oferecesse para me pagar, como se eu não passasse de um reles mercenário.

— E aqui você pousou. Está de volta para outra tentativa de pegar meu caderno de desenho.

— Não. Não sou mais obrigado a servir ao imperador de Roma. Dessa vez, eu vim para lhe fazer uma oferta.

— A mim?

— Você me flagrou em três mentiras. Portanto, de agora em diante, eu tenho de sempre lhe dizer a verdade.

Ela franziu o rosto, reflexiva, e não respondeu.

— Você me disse antes que tem poucos recursos.

— Não somos tão bem financiados quanto gostaríamos de ser, é verdade. A revolução é um negócio caro. Com frequência gastamos nossos recursos em obras de caridade. Também temos pessoas demais para alimentar. Nada disso é segredo. Por que você se importa?

— Não gosto de pessoas poderosas que me punem, o que, para começar, significa que não gosto do imperador de Roma. Corvos são rancorosos. Você pode me ajudar.

— De que modo?

— Uma mulher que pode ter vislumbres do futuro, uma costureira que

desaparece, um gato de dentes de sabre, dois emplumados assustadores e um mago irritantemente bonito. Tive a chance de dar uma boa olhada no complexo imperial em Roma. Sei onde é mantido um enorme tesouro. Com o grupo certo, podemos roubá-lo.

Olhos escuros se ergueram para encontrar o olhar de Crow no espelho. A Voz de Mel sorriu de modo grato e apreciativo, que fez pular cento e trinta e quatro corações de corvo.

— Quando começamos?

WALTER JON WILLIAMS

Na história acelerada que se segue, um jovem audacioso e aventureiro sai em busca de um fora da lei apenas para descobrir que às vezes é melhor não insistir…

Walter Jon Williams nasceu em Minnesota e hoje mora perto de Albuquerque, no Novo México, nos Estados Unidos. Seus contos apareceram com frequência em *Asimov's Science Fiction*, bem como em *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Wheel of Fortune*, *Global Dispatches*, *Alternate Outlaws* e outros, e foram reunidos nas antologias *Facets* e *Frankensteins and Foreign Devils*. Entre seus romances estão *Ambassador of Progress*, *Knight Moves*, *Hardwired*, *The Crown Jewels*, *Voice of the Whirlwind*, *House of Shards*, *Days of Atonement*, *Aristoi*, *Metropolitan*, *City on Fire*, um enorme suspense de catástrofe, *The Rift*, um romance temático de *Star Wars*, *Destiny's Way*, e a meia dúzia de capítulos de seu aclamado épico de *space-opera* moderna "Dread Empire's Fall", que começa com *The Praxis*. Entre seus livros recentes estão os romances *Implied Spaces*, *This Is Not a Game*, *Deep State* e *The Fourth Wall*, a novela *The Boolean Gate* e uma nova antologia, *The Green Leopard Plague and Other Stories*. Seu último livro é um novo romance da série "Praxis", intitulado *Impersonations*. Ele ganhou um muito tardio prêmio Nebula em 2001 por seu conto "Daddy's World" e outro, em 2005, pelo conto "The Green Leopard Plague".

O aventureiro Quillifer, que narra a história a seguir, é o herói de sua própria série, cujo primeiro volume, *Quillifer*, foi lançado pela Saga Books em novembro de 2017.

O TRIUNFO DA VIRTUDE

Walter Jon Williams

Você acha que é muito errado uma pessoa de destaque exibir ao mundo um amante casado? Diante de amigos, parentes, contraparentes, a infeliz esposa do amante?

Será menos errado se a pessoa de destaque for a monarca? Pois foi ninguém menos que nossa nova rainha Berlauda que se apaixonou pelo casado visconde Broughton de Hart Ness e que eu agora podia ver com ele no pedalinho de cisne que este construíra para ela, um barco coberto com milhares de penas de cisne de verdade que tremiam à brisa como espuma no mar. O barco só tinha espaço para dois ocupantes. O casal estava junto sob o dossel, nos fundos, cabeças juntas, enquanto doze remadores em librés de Broughton remavam e moviam o barco do casal pelo lago de Kingsmere.

O visconde era um belo jovem, é verdade, louro como a rainha, e com um rosto tão cheio de vida quanto o dela era impassível. Vestindo o cetim e a seda dos trajes da corte, pedras preciosas cintilando em seus dedos e nos grandiosos colarinhos de renda que caíam sobre os ombros, eles formavam um casal resplandecente.

No início do reinado de Berlauda, com seu pai morto num litoral distante e seu meio-irmão conspirador Clayborne querendo o trono, Broughton cavalgara para a capital de Selford com um grupo de companheiros para declarar sua fidelidade e colocar suas espadas a serviço dela. Ela o nomeara Mestre da Caça, e agora ele posava de anfitrião da rainha na própria residência de caça dela.

A pobre esposa negligenciada do visconde não era vista em lugar algum. Declarara que não gostava de barcos e se recolhera em sua residência para cuidar de uma dor de cabeça e muito possivelmente de um coração partido.

Mas quão errada está nossa real Berlauda? Seu pai muitas vezes casado, o falecido rei Stilwell, com frequência buscara esposas e filhas de seus companheiros nobres, e poucos ousaram objetar. Um grande rei, supunha-se, tinha apetites tão vastos quanto a sua majestade, e não era limitado pelas leis que reprimiam os outros… Por que uma rainha deveria ser assim limitada, simplesmente por ser mulher?

Essas complexidades não eram abstratas para mim, pois eu também tinha

uma amante casada. Embora sendo um aprendiz de advogado de dezoito anos de idade, e não um monarca, eu não ousasse exibir Amalie diante da corte. Ela se exibia com orgulho, mas sozinha, caminhando sensualmente pela beira do lago com um leque pendurado do pulso. Desde nossa chegada à residência de caça de Berlauda, dois dias antes, eu não tivera oportunidade de falar com ela, muito menos em particular, mas estava constantemente atento à sua presença, uma espécie de tremor na atmosfera do qual eu estava sutilmente consciente, como se ela irradiasse algum tipo de feixe de luz invisível que estimulasse minha pele. Estava sempre presente, mas sempre indisponível. Eu estava impaciente, cheio de frustração até as sobrancelhas, e foi com grande alívio que a vi deixar o gramado e caminhar para um dos jardins formais da residência. Eu a segui com fingida despreocupação.

O jardim era quadrado e simétrico, e no centro se erguia uma estátua desgastada de um idoso ou um deus venerável, tão erodida que ele parecia ter enormes olhos negros e uma barba com falhas. As flores eram marrons e mortas e os passeios, cobertos de folhas de outono que se partiam sob minhas botas. Fingi estar surpreso com a presença de uma bela dama naquele lugar, tirei meu boné e fiz uma grande mesura, como se diz. Uma brisa fresca passou, e folhas de outono caíam das árvores e deslizavam pelos passeios de cascalho.

— Nobre Quillifer, veio ver flores mortas? — perguntou ela.

— Vim ver algo muito mais bonito — respondi. — Mais adorável que todas as brilhantes folhas de outono, mais perfeito que a estátua das Graças por Bernaudi, mais elegante que…

— Ah, você veio ver o visconde Broughton de Hart Ness — interrompeu ela. — Ele não está aqui, mas você o encontrará no lago.

Eu me empertiguei e coloquei o boné.

— Eu o vi. Aquele belo rosto não me encanta.

Um sorriso malicioso aflorou nos lábios dela.

— Ele encanta a única pessoa que importa.

Contemplei minha amante, Amalie Brilliana Trevil, sétima dos filhos e quinta do sexo feminino do conde de Culme. Tal era a abundância de filhas em sua fortaleza deprimente no norte que Culme aleatoriamente dera a mão de Amalie em casamento a seu amigo, o viúvo marquês de Steyne, com o objetivo expresso de produzir um herdeiro. Casada aos dezesseis anos, Amalie tinha então dezessete e carregava o herdeiro havia cinco meses. Tendo a *nausea gravidarum* passado, e seu marido partido numa aventura militar em que fora capturado e mantido preso à espera de resgate, eu tivera a sorte de encontrar Amalie pronta para sua própria aventura. Eu era poucos meses mais velho que ela e ficara órfão

recentemente, uma infelicidade que, como resultado de um apoio inesperado, levou à minha apresentação à corte. Mas eu não tinha um posto, restava-me pouco dinheiro e não possuía nada em abundância a não ser tempo, tempo que estava disposto a dedicar a Amalie.

Como Amalie esperava um filho, dispensara os espartilhos, as crinolinas e *polissons* da moda feminina e vestia um traje de veludo preto muito parecido com um robe, mas fechado por faixas, tranças e botões prateados dispostos numa desordem artística na frente. As mangas eram bufantes, com barras decoradas, e a bainha, trabalhada com fios de ouro e crisoberilo olho de gato. Pérolas corriam pelos cabelos castanho-claros de Amalie, e uma gargantilha de contas de azeviche e diamantes abraçava sua comprida garganta. Um leque de penas de cisne pretas pendia relaxadamente de uma das mãos. Ela me encarou com olhos escuros compridos e preguiçosos que faziam parecer que acabara de despertar de um longo sono profundo.

Ela passou por mim com passos lentos e sensuais. Contive meu desejo de colocar o braço ao redor dela, em vez disso a segui logo atrás do seu ombro esquerdo.

Amalie olhou para mim por sobre o ombro envolto em veludo. Ainda tinha aquele sorriso divertido.

— A mãe da rainha está fora de si de fúria. Ela planejara encontrar para Berlauda um marido melhor que um pequeno visconde sem vintém.

— Não consigo imaginar nenhum visconde sem vintém — falei. Em dado momento de minha vida, eu de fato *estivera* sem vintém, e não me lembrava de ter partilhado meu status com nobres.

— Ele é um miserável se comparado a príncipes estrangeiros — disse Amalie. — O rei de Varcellos tem filhos sobrando e oferece muitos a Berlauda, ou todos, segundo seus gostos. E o rei de Loretto tem apenas um príncipe, mas ele é o herdeiro, e o candidato que a rainha-mãe prefere.

— Loretto? — reagi. — Leonora favorece Loretto? Nós não travamos diversas guerras com esse reino? Eles não são nossos grandes inimigos?

— No caso de um casamento, eles não seriam nossos inimigos, mas nossos irmãos amados — disse ela.

— Então a rainha-mãe subestima e muito os tipos de conflito que podem surgir dentro das famílias.

Amalie se virou para mim e tocou o queixo com a ponta do leque fechado.

— Você caçou esta manhã?

Eu, de fato, perseguira cervos pelo parque de Sua Majestade. Não sou um cavaleiro por natureza e fiquei feliz de permanecer na retaguarda do grupo.

Quando não consegui evitar um salto, meu cavalo me levou, em vez de o contrário, e no fim fiquei contente não por ter perseguido cervos, mas por ter evitado um pescoço quebrado.

— Eu me saí bem o bastante — respondi, olhando para ela. — Mas espero ter mais sorte em outro tipo de caça.

Ela me olhou com aqueles olhos compridos.

— Que tipo seria esse?

— Espero rastreá-la até seu esconderijo, minha dama.

Ela mostrou seus pequenos dentes brancos cinzelados, um traço que poderia ser um defeito numa pessoa inferior, mas que em Amalie eu achava encantador.

— Eu o morderia caso o fizesse — disse ela, e deixou cair o leque. — Mas sua caçada fracassaria. Os quartos de hóspedes estão lotados, e eu divido um com minhas duas amas. Não estaríamos sozinhos.

Eu acertei o passo com ela.

— Esse é um belo dia, e talvez possamos encontrar uma alcova coberta de musgo na floresta — sugeri.

— Olhos demais — retrucou ela.

— Então esta noite, depois da peça? — sugeri, parando junto à velha estátua corroída e virando-me para encará-la. — Poderíamos nos encontrar aqui. Eu poderia trazer cobertores e um frasco com libações que nos aqueçam.

Ela sorriu e me tocou no braço com o leque.

— Não vou recusar, mas não posso prometer.

Outras pessoas entraram então no jardim, e Amalie e eu nos separamos. Procurei cobertores e um frasco de *brandy*, que enrolei e escondi sob um banco numa área sombreada do jardim. Depois, retornei ao lago. Outros barcos haviam se juntado ao pedalinho de cisne de Broughton, e também havia uma balsa com música, na qual o tenor Castinatto cantava, cercado por um grupo de meninas vestidas como ninfas das águas. A mãe de Berlauda, a rainha viúva Leonora, deslizava pelo lago em sua própria pequena galé e mantinha os olhos pétreos na filha.

Naquela noite, nós jantamos ao ar livre, dessa vez à luz de archotes, e comemos um grande banquete de cervo que tinha sido preparado durante a tarde inteira. Havia pratos de cervo assado, cervo refogado com legumes e ervas, cervo empanado e frito, lombo de cervo enrolado em bacon e grelhado. Junto com isso havia molhos doces feitos de cereja, damasco, ameixa e framboesa. Uma torta de cervo foi apresentada na mesa elevada, com esculturas de massa doce em formatos de cervos. Foram oferecidos diversos tipos de sopa de cervo,

bolo de cervo e salsicha de cervo. Havia rins tostados ou condimentados junto com o fígado ou fritos e regados com *sherry* e mostarda. Os corações de cervo foram cortados, marinados em vinagre doce, fritos e servidos com verduras. O fígado foi frito em manteiga, com bacon, salsa, cebola e alecrim ou misturado com outras partes para fazer as grandes almôndegas chamadas de *faggots*. A língua foi assada e servida em fatias finas com salada ou refogada e servida em pão de farinha refinada com molho.

Juntamente com o cervo foi servido o tradicional mingau de trigo, feito de doze formas diferentes, tanto doce como salgado.

Eu comi muito. Depois, fomos para o teatro ao ar livre e vi a companhia de lorde Roundsilver representar *O triunfo da Virtude*, um espetáculo de máscaras escrito pelo poeta Blackwell.

Poucos dos atores da companhia participavam, pois a maioria dos papéis que não envolviam canto era interpretada por membros da corte, todos vestindo trajes extravagantes que nenhuma companhia de teatro poderia pagar. A história era uma alegoria — o que a tornava tediosa — e envolvia o cantor Castinatto como o demônio Iniquidade, que se rejubilava com o fato de que tivera sucesso em capturar e prender Virtude e suas amigas Honra, Pureza e Piedade.

Qualquer que fosse a masmorra em que ele as colocara, era um lugar com muita música e dança. Meus olhos se voltaram para as cadeiras grandes como tronos nas quais se sentavam a rainha e seu grupo mais próximo. Seu Broughton favorito estava à sua direita, e os dois se inclinavam na direção um do outro e partilhavam sorrisos e olhares. À esquerda estava a mãe, Leonora, que olhava da peça para a filha e de volta para a peça, com fúria contida brilhando nos olhos. Perto deles, os embaixadores de Varcellos e Loretto, rostos com expressões pensativas e calculistas. Lady Broughton não era vista em lugar nenhum.

Imaginei se Virtude, Honra, Pureza e Piedade realmente estavam sendo mantidas em cativeiro em algum lugar enquanto aquela peça impressionante era encenada, e a corte cantava, dançava e era inteligente o bastante para não querer tirar as virtudes da prisão. Eu me virei para procurar minha amante, Amalie, a marquesa de Steyne, e a vi parcialmente reclinada numa grande cadeira, seus belos olhos grandes semicerrados preguiçosamente, as pérolas em seus cabelos brilhando suavemente à luz dos archotes. Naquele momento, eu talvez tenha sentido alguma simpatia pelo demônio Iniquidade, sua bela voz e suas adoráveis canções sedutoras.

Virtude e suas camaradas acabaram se libertando, e a companhia celebrou com uma galharda. Aplaudi junto com os outros e apressei-me no vento frio até meus aposentos para buscar meu velho sobretudo de *tweed*, que levei comigo

para o jardim, onde peguei meu fardo e esperei por Amalie. Eu me protegi do vento atrás da velha estátua, vi nuvens altas passando pelas estrelas e, quando o vento gelou meu pescoço, peguei a garrafa de *brandy* e tomei um gole do seu fogo.

Caiu um pouco de chuva, depois um pouco mais, e então os céus se abriram e uma chuva negra desabou. Eu me dei conta de que Amalie não viria e corri para a residência.

Pela manhã, o vento ficara mais forte e desabava uma chuva gelada. O lago estava tão agitado que as águas espumosas pareciam leite, e o pedalinho de cisne da rainha balançava no cais enquanto o vento arrancava suas penas. A residência estava cheia de caçadores impossibilitados de caçar, e o humor deles era azedo e irritável. Alguns jogavam cartas, apostando mais dinheiro do que eu podia gastar, outros jogavam xadrez.

A rainha não estava à vista, pois se fechara com seus conselheiros espirituais para uma rodada de cantos e preces. Seu Broughton favorito devia estar orando com ela, pois também não era visto.

Acompanhei alguns jogos de xadrez, mas me vi frustrado, do mesmo modo como me sentira quando aprendi o jogo. O tabuleiro apresentava um campo rígido de sessenta e quatro quadrados, e as peças eram manobradas de modos inflexíveis. Um cavalo tinha de se mover de certo modo, o bispo, de outro, e o rei, de um terceiro. Mas eu nunca entendera por que tudo isso era necessário. Por que uma rainha não podia se mover como um cavalo ou um bispo esperto não podia dissolver os limites entre seu quadrado branco e o quadrado preto adjacente e ocupá-lo? Por que motivo um rei poderoso não podia se mover com a mesma amplitude e o mesmo poder da rainha — e, aliás, por que apenas uma peça podia se mover de cada vez? Um rei de verdade deveria ser capaz de comandar suas forças e mover o exército inteiro de uma vez ao rufar de tambores e soar de trombetas.

A mim parecia que o xadrez não representava o mundo como eu o compreendia, ou pelo menos como eu desejava que fosse. Se eu fosse um peão naquele tabuleiro teria escapado daquele arranjo limitador de sessenta e quatro quadrados e tirado vantagem da proteção disponível no tampo da mesa — uma taça aqui, uma vela ali — para marchar por trás do inimigo sem ser visto e lançar um ataque surpresa para capturar um castelo ou apunhalar o rei inimigo. Mas, infelizmente, as peças são limitadas aos seus papéis, e peões não podem deixar o tabuleiro a não ser quando capturados, e uma vez capturados não podem escapar. Eu não conseguia deixar de sentir que todas as peças careciam de imaginação.

O xadrez era um jogo que eu poderia melhorar muito se tivesse a oportunidade.

Enquanto os jogos de xadrez prosseguiam, o vento parou e a chuva foi reduzida a uma garoa nevoenta. Alguns dos convidados começaram a falar, esperançosos, sobre sair para atirar em coelhos. Eu me cansei de ver lordes jogando xadrez mal e passei por uma série de salas de estar até outra sala, onde vira mesas de *skittles*. Estava tão mergulhado em meus pensamentos sobre o jogo de xadrez que demorei alguns segundos para reagir aos berros de mulheres.

Eu me virei na direção do som, e uma porta foi escancarada na minha frente. Um cavaleiro alto, usando chapéu e casaco comprido cobertos de chuva, passou pela porta e chocou-se contra mim enquanto disparava pela sala. Senti um impacto violento no ombro e perdi totalmente o fôlego. Acabara de me virar e estava desequilibrado antes mesmo que o estranho me acertasse, e o golpe me jogou no chão. Os berros continuaram, agora acompanhados do barulho das esporas com dentes nas botas do cavaleiro, e o tumulto perturbou meus nervos enquanto eu lutava para acalmar minha mente. Eu me coloquei de pé e, enquanto cambaleava na direção dos berros, apalpei-me para descobrir se o estranho me apunhalara.

Passei cambaleando pela porta aberta e me vi numa sala de passagem cheia de damas. A viscondessa Broughton estava sentada no carpete, segurando o abdome com ambas as mãos, e todas as outras permaneciam paralisadas em poses de surpresa e horror.

Apenas alguns segundos tinham se passado desde que eu ouvira os gritos pela primeira vez.

Eu me ajoelhei junto à nobre ferida e toquei suas mãos pálidas e frias.

— Está bem, minha senhora?

Ela me encarou com os olhos arregalados.

— Ele me apunhalou! — exclamou.

Eu separei suas mãos gentilmente. Não vi sangue nem qualquer talho mortal na seda amarela de seu vestido. Então olhei para o colo e vi o aço enegrecido da lâmina de um punhal caída nas dobras da saia. Eu a peguei e vi que quebrara perto do cabo.

— Acho que talvez não esteja ferida, madame — falei.

Ela engasgou e examinou seu vestido, encontrando apenas um pequeno corte sobre o abdome. Lágrimas escorreram de seus olhos.

— Meu espartilho! — disse ela. — Estou usando um espartilho de aço!

Nesse momento, outros homens chegaram, exigindo saber o que havia acontecido, e outros continuaram a chegar nos minutos seguintes, e tudo

precisava ser explicado repetidamente. Todos eram membros da nobreza e queriam estar no comando. Um deles tomou a lâmina do punhal, e eu nunca mais a vi.

E então alguém gritou “Segurem o homem!”, e metade dos cavalheiros saiu correndo da sala. As palavras “Segurem o homem” foram então gritadas por toda a residência, sem qualquer sentido, já que uma perseguição deveria ser iniciada quando o criminoso ainda estava à vista, para impedi-lo de escapar, e o cavaleiro não era visto desde que desaparecera da sala retinindo as esporas, e nenhum dos perseguidores sabia qual era a sua aparência.

Então se ergueram mais gritos de “Protejam a rainha!” — e mais homens saíram correndo para formar uma parede ao redor da monarca. Lady Broughton ignorou todas as perguntas que lhe foram feitas e continuou a chorar, lágrimas lentas pingando constantemente de seus olhos. O aroma floral de um licor flutuou no ar, e eu olhei e vi Amalie oferecendo uma delicada taça de cristal. Não notara até aquele momento que ela estava ali.

— Acho que talvez lady Broughton precise de um restaurativo — disse ela.

Passei a taça para lady Broughton, que bebeu. Isso pareceu lhe dar um pouco mais de consciência de sua situação, e ela olhou ao redor para o círculo feminino.

— Quem era ele? Alguém o conhece?

Aparentemente ninguém o reconhecera, e todas começaram a discursar longamente sobre quão pouco sabiam.

— Talvez pudéssemos colocar lady Broughton num sofá? — sugeriu uma dama, e todas concordaram.

As damas se juntaram ao redor da mulher atacada — nem eu nem qualquer homem fomos autorizados a ajudar — e ajudaram-na a se levantar e colocaram-na num sofá, onde ajeitaram almofadas de cetim às suas costas.

Sendo inútil, deixei meu olhar vagar pela cena e vi o cabo do punhal caído no chão perto da porta. Eu me curvei para pegá-lo. Era o que é chamado de punhal de punho de espada, já que o punho lembra a guarda transversal de uma espada, com um botão em forma de disco. A lâmina se partira a mais ou menos dois centímetros do punho, deixando visível a marca do ferreiro gravada na lâmina, um escudo triangular com uma coroa imperial. O botão era de jaspe vermelho, esculpido num desenho estranho: um braço com uma asa onde deveria estar o ombro, carregando uma maça com uma ponta que lembrava uma coroa. Eu tentei ler aquilo como um rébus: asa, braço, maça, coroa. Maça, coroa, braço, penas. Braço voador porrete. Eu claramente estava interpretando de forma equivocada a mensagem, qualquer que fosse.

Ainda estava confuso com aquilo quando um homem compacto, de cabelos loiros, chegou usando exatamente aquele desenho bordado em seu gibão. Era o visconde Broughton de Hart Ness, marido da vítima e amante da rainha. Assim que ele entrou na sala, todas as conversas foram interrompidas. Ele se aproximou da esposa, hesitou um momento e tomou sua mão. Se havia afeto ou preocupação em seu coração, não se revelou em seu rosto. Em vez disso, ele estava muito pálido, e sem dúvida tentava imaginar o que isso significaria para sua relação com a rainha.

A vida de sua esposa fora poupada porque ela vestia um espartilho, como faziam todas as damas bem-criadas. A barbatana, normalmente uma peça de madeira ou de osso em forma de cunha, era usada na frente do espartilho com o objetivo de achatar o peito para adequá-lo às determinações da moda vigente. Não sei por que a moda insistia em que as mulheres alterassem suas formas naturais de modo a exibir colos lisos como o de meninos, mas a moda salvara a vida de lady Broughton naquela manhã, assim como o fato de poder ter uma barbatana de aço de alta qualidade, que, sendo mais flexível que a madeira, era mais confortável.

Todos fingíamos não observar lorde e lady Broughton quando um sargento dos arqueiros da guarda chegou, carregando uma meia-lança para furar qualquer traidor disponível. Ele exigiu informações, que foram dadas por todas as damas ao mesmo tempo. Ele mal tinha entendido o que havia acontecido quando seu tenente apareceu, com a mão no punho da espada, e ele teve de passar por todo o alarido novamente. O tenente estava apenas começando a ter uma noção daquilo quando seu capitão chegou, e tudo precisou ser repetido mais uma vez.

— Sua Majestade está segura — disse o capitão, querendo tranquilizar a todos quanto a isso. — A casa está sendo vasculhada, e o bandido será encontrado.

— Ele veio de fora. Seu chapéu e seu casaco estavam molhados de chuva — apontei. — Correu naquela direção, provavelmente para fugir da casa.

O capitão olhou para o tenente, que olhou para o sargento.

— O cômodo seguinte leva para fora, sim. Em nossas patrulhas noturnas, nós verificamos se a porta está trancada.

Eu dei ao capitão o cabo do punhal quebrado.

— Esta é a faca que foi quebrada. Não sei onde foi parar a lâmina. Alguém a levou.

O capitão examinou o punhal, viu o desenho no botão de jaspe vermelho e olhou para Broughton numa avaliação fria. Pareceu prestes a dizer algo, mas decidiu não o fazer. Virou-se e deixou a sala, acompanhado pelos outros

arqueiros da guarda, e seguiu os passos do assassino para a sala seguinte com as mesas de *skittles*. Eu segui o bando de arqueiros com alguns dos cavalheiros ainda ali. Parecia que a agitação na sala de lady Broughton estava encerrada.

Uma pesada porta de carvalho levava da sala para o terreno do lado de fora. A chuva se reduzira a uma garoa que acariciou meu rosto com dedos frios. O ar cheirava a mato pisado.

Um largo passeio de cascalho contornava a casa, e no lado mais distante havia um jardim. Um jardineiro curvado, usando grandes botas, capa e chapéu, tentava consertar os danos que a tempestade causara no jardim.

— Ei, você! — chamou o capitão. — Viu alguém sair por esta porta?

Gotas de chuva escorreram pela pala encharcada do chapéu quando o jardineiro se ergueu. Era um homem velho com uma barba comprida que descia sobre seu peito em dedos serpenteantes e molhados.

— Sim, senhor! — respondeu. — Ele me pediu que segurasse seu cavalo.

O capitão rapidamente descobriu que o homem chegara a cavalo, dera ao jardineiro uma coroa para que segurasse o animal e entrara na casa. Alguns minutos depois saíra, montara no cavalo e trotara na direção do portão.

— Temos de persegui-lo, senhor! — disse o tenente, determinado.

— Atrás dele! — disse um dos cavalheiros.

— Ainda não — disse o capitão, voltando-se para o jardineiro. — Que tipo de cavalo o sujeito montava?

— Um castanho, senhor.

O capitão se virou para o tenente.

— Escolha um grupo para cavalgar em perseguição. Bons cavaleiros, bons cavalos. Vamos precisar apenas de meia dúzia. Vou informar Sua Majestade.

— Atrás dele! — gritou o cavalheiro novamente, e todos partiram. Eu baixei os olhos para o passeio de cascalho na direção que o cavaleiro tomara. Os perseguidores cavalgariam dez quilômetros pela floresta até o portão principal e depois teriam de decidir se o cavaleiro tinha ido para a direita, rumo à capital de Selford, ou para a esquerda, rumo a Blacksykes e ao norte.

Isso supondo que o cavaleiro tenha pegado a estrada, em vez de cavalgar pela floresta da rainha até algum destino oculto que só ele conhecia.

Eu abordei o jardineiro.

— Senhor. Disse que o cavalo era castanho?

— Sim, senhor — respondeu, apoiando-se no ancinho. — O que eles chamam de castanho-fígado, bem escuro, mais marrom que vermelho.

— Deu uma boa olhada no homem?

— Não, senhor. O colarinho estava levantado e tinha o chapéu puxado sobre o rosto. Acho que devia ter uma barba, senhor.

Uma barba que ele partilhava com a maioria dos homens no reino.

— Reparou na voz dele, senhor? De onde ele poderia ter vindo?

— Ele falava um pouco como os de Bonille — contou o jardineiro. — Como a maioria deles na casa grande.

De fato, a maioria dos que frequentavam a corte tendia a suavizar suas consoantes no estilo de Bonille, tivessem nascido lá ou não.

— E o equipamento de montaria?

— Muito bom, senhor. Uma sela como a que eles usam aqui para caça, de couro marrom. Havia círculos de aço na peça de peito. Como medalhões, para adornar.

— Algum padrão específico?

— Eles tinham algo como raios, senhor.

— Algum outro ornamento na sela?

— Não, não me lembro de nada.

— O couro não era trabalhado ou decorado?

— Não. Era liso, mas bem-feito e quase novo. Couro marrom, como eu disse.

— O arreio também?

— Sim.

Eu poderia continuar a perguntar sobre cilha, estribo e tudo o mais, mas já sentia que aquela linha de interrogatório era inútil. Então me lembrei da marca com a coroa e o escudo no punhal quebrado e senti um jorro de água gelada tomar minhas veias e deixar-me repentinamente alerta.

— Havia uma marca na sela? Um símbolo gravado pelo fabricante?

Os olhos do velho se iluminaram.

— Sim, senhor! Havia a figura de um pássaro gravada na lateral, perto do joelho esquerdo do cavaleiro. Notei quando o ajudei a colocar o pé no estribo.

— Um falcão? Uma águia?

— Não, senhor. Um pássaro pequeno. Um pardal, talvez, ou uma mariquita-amarela, ou algo assim.

Eu dei uma coroa de prata ao jardineiro.

— Obrigado, senhor. Isso foi muito útil.

Ele tocou a pala do chapéu.

— Fico muito grato. O senhor é mesmo um cavalheiro.

Sorri para ele.

— Absolutamente não sou um cavalheiro! — disse, sorrindo para ele, e voltei a casa.

Uma dupla de arqueiros da tropa montava guarda do lado de fora da sala onde lady Broughton era examinada pelo médico real. Broughton estava recostado na parede da sala seguinte, os olhos pensativos fixos nas tábuas corridas do piso e o calcanhar batendo preguiçosamente o revestimento de madeira.

Retornei à sala principal, onde havia cartas de baralho largadas nas mesas e peças de xadrez esquecidas sobre os tabuleiros. Os acontecimentos haviam superado os limites do jogo, e apenas uma peça que já deixara o tabuleiro poderia ser relevante. Pequenos grupos de pessoas se reuniam e falavam em voz baixa. Eu vi Amalie com alguns de seus amigos junto à lareira e juntei-me a eles, colocando-me no círculo educadamente e esperando minha vez de falar.

Dois cavalheiros entraram apressados na sala, trajando botas, capas e esporas, a caminho dos estábulos. Pararam por tempo suficiente para tomar uma taça de vinho e seguiram em frente. Um dos amigos de Amalie me encarou.

— Não vai se juntar à perseguição?

— Meu cavalo é um animal resistente, mas não um corredor — disse. O que se referia menos ao cavalo e mais a mim mesmo. Eu me virei para Amalie. — Lady Broughton está melhor?

Ela apertou o vestido de cetim verde sobre o corpo.

— Foi um choque terrível — respondeu. — Não posso falar sobre seu estado mental, mas acho que o corpo não foi ferido.

— Não vejo como Broughton poderá sobreviver a isso — disse alguém. — Ele será acusado de tentar se livrar da esposa de modo a se casar com a rainha.

— A tentativa fracassou — disse um dos cavalheiros.

— Isso não importa — disse o primeiro. — O que importa é que ele será acusado.

— Ele será acusado — falei. — Mas pode não ser culpado.

Os olhos compridos de Amalie percorreram o grupo e aparentemente decidiram que aqueles ouvintes eram confiáveis para esse tipo de conversa.

— Há formas mais fáceis de livrar-se de uma esposa do que fazê-lo na frente de meia dúzia de testemunhas — disse ela.

— E há forma melhor de fazê-lo do que deixar para trás um punhal que apontará diretamente para você — acrescentei.

Os outros não tinham tomado conhecimento daquilo. Enquanto eu explicava sobre o botão de jaspe gravado, os sons da perseguição vieram da frente do

prédio, latidos e gritos, e um grupo de cavalheiros saiu em disparada em perseguição ao assassino. Tinham ido até ali para caçar, haviam sido confinados em casa, para sua frustração, e agora se jogavam naquela nova caçada com toda a alegria e o vigor que teriam dedicado à busca de um cervo.

Enquanto aqueles ao redor da lareira discutiam o futuro de Broughton, eu pensei no meu próprio futuro. Não estava envolvido naquele assassinato, a não ser como testemunha. Portanto, decidi, era livre para agir por conta própria.

Um funcionário da rainha chegou e pediu aos membros do Grande Conselho que se apresentassem a Sua Majestade, e muitos do grupo partiram, dispersando a festa ao redor da lareira. Eu me vi com Amalie, os dois a uma mesa de xadrez. Estendi a mão e peguei um cavalo esculpido em nogueira.

— Acho que vou partir — declarei.

Ela ergueu os olhos para mim.

— Então vai perseguir o assassino? Consegue pegá-lo depois de todo esse tempo?

— Acho que posso identificá-lo se cavalgar para Selford.

Ela olhou pelas vidraças para os arqueiros da guarda no gramado, preparando-se para partir. Franziu a testa.

— Pergunto-me se essa informação seria benéfica para alguém.

Fiquei surpreso.

— Se Vossa Senhoria acha que não devo ir, permanecerei aqui.

— Não sei dizer se sua missão será para o bem ou para o mal. De todo o modo, não acho que o grupo da rainha vá permanecer aqui. Estou certa de que o conselho recomendará o retorno a Selford, mas organizar isso tomará o resto do dia, e Sua Majestade não partirá antes de amanhã.

— Então tenho sua permissão?

Ela me olhou com alguma surpresa, como se estivesse confusa por eu ter pedido permissão.

— Claro. Tente não ser capturado por bandoleiros ou assassinos no caminho.

Eu sorri.

— Ficarei feliz de obedecer a essa ordem.

— E caso encontre o vilão, pense com cuidado no que fazer.

Esse me pareceu um conselho curioso, então simplesmente disse que faria isso, curvei-me e fui para meu quarto. Calcei as botas, vesti um gibão de viagem, feito de couro, e calças, e enfiei todo o resto nos alforjes. Vesti o sobretudo e levei comigo uma capa com capuz para me proteger da chuva.

Parei na cozinha e pedi um par de tortas de cervo, que coloquei nos bolsos do

casaco. Enchi o cantil de couro com cerveja leve e parti para os estábulos, de onde o capitão dos arqueiros da guarda estava partindo com seu grupo de perseguidores, todos armados com espadas e pistolas.

Embora eu não tivesse esperanças de alcançar o assassino, pretendi viajar num ritmo acelerado, pois tinha de cobrir sessenta quilômetros antes do cair da noite, quando os portões da cidade seriam fechados. Eu não sabia se conseguiria comprar minha passagem pelos guardas e preferi não ter de testar a honestidade deles.

Os arqueiros da guarda saíram esporeando os cavalos. Talvez eu devesse observar que nunca vi um homem dos arqueiros da guarda carregando um arco, já que o corpo era armado exclusivamente com lanças, espadas e pistolas de pederneira. A guerra moderna podia ter tornado o arco obsoleto, mas o palácio era tão aferrado à tradição que seus guardas permaneciam sendo chamados de arqueiros, e provavelmente continuariam a ser arqueiros enquanto continuasse a haver palácio.

Enquanto eu selava minha montaria, Amalie apareceu, com suas amas, cocheiro, guardas e bagagem. Olhei para ela, surpreso.

— Decidi seguir seu exemplo, sr. Quillifer, e abandonar este “triste campo de ambições arruinadas” — anunciou ela.

— Exato. E essa é uma citação de Bello, não é mesmo?

— Não sei e não me importo. Pode se juntar a mim na carruagem, caso queira.

Pensei se deveria ou não aceitar a oferta — eu realmente queria chegar à cidade o mais rápido possível, e uma viagem com Amalie, embora fosse uma diversão, certamente sofreria atrasos. Mas se o assassino estivesse mesmo em Selford naquela noite, provavelmente ainda estaria lá no dia seguinte.

Eu me juntei a Amalie na carruagem. Ela ordenou que o teto fosse baixado, para que pudéssemos desfrutar o ar puro, mas nós e os empregados tivemos de nos enrolar em peles como proteção contra o dia frio. Seus quatro cavalos da raça *cremello* combinavam, brancos com focinhos rosados e olhos azuis brilhantes. Não apenas formavam um quarteto bonito e impressionante, como também imprimiam um ritmo acelerado, e meu medo de me atrasar logo desapareceu. De fato, meu animal alugado, seguindo-nos, teve dificuldade para acompanhar.

Seguimos pela floresta da rainha, passamos por poças e desviamos de alguns galhos caídos. Em pouco tempo encontramos o primeiro dos perseguidores retornando. Haviam galopado atrás da presa como se ela fosse um cervo, e logo seus cavalos ficaram exaustos, e eles foram obrigados a voltar. Seria de pensar

que essa possibilidade poderia ter ocorrido, mesmo à nobreza, bem antes da partida. Aqueles que realmente se importavam com seus animais os levavam para casa a pé, e o resto cavalgava animais suados, cambaleantes, lamentáveis.

Assim que chegamos à estrada principal, Amalie mandou abrir uma garrafa de vinho e partilhei minhas tortas de cervo. Nossa conversa foi animada, pois as amas continuavam agitadas com os acontecimentos da manhã e, durante o tempo que passaram nos alojamentos dos empregados, tinham conseguido absorver um bom número de boatos, como os de que o pretenso assassino fora contratado pelo meio-irmão conspirador de Berlauda, Clayborne, pelo embaixador de Loretto, por Broughton ou pela própria rainha.

— Por que Clayborne iria querer matar a viscondessa? — censurou Amalie. Mas dedicou algum tempo a debater a teoria de que um embaixador ou outro poderia estar por trás daquilo de modo a garantir a rainha para seu príncipe.

Enquanto especulava, consegui tomar a mão de Amalie sob a pele que dividíamos, e, de tempos em tempos, acariciava sua coxa, fazendo com que respirasse mais fundo. Mas não ousei provocar essa inspiração com demasiada frequência, não sob os olhares agudos das duas amas, nem tomar outras liberdades.

De algum modo, a julgar pelo brilho em seus olhos, acredito que pelo menos uma das amas ficou bastante encantada comigo durante aquela viagem, embora eu não tenha testado essa suposição.

Enquanto avançávamos encontramos cada vez mais perseguidores, todos retornando a casa. Embora nenhum deles tivesse esgotado seu cavalo numa perseguição apressada demais, todos haviam concluído que não tinham chance de capturar o assassino e dado meia-volta a tempo de aproveitar o jantar na residência.

O último a chegar foi o desanimado grupo dos arqueiros da guarda, que havia ido mais longe que os outros. O tenente fora enviado para alertar os guardas do portão da capital, para o caso de o fugitivo ter passado parte do dia escondido para cavalgar depois do anoitecer, mas o resto estava retornando cansado para casa, onde informaria a rainha Berlauda sobre seu fracasso.

Embora a carruagem mantivesse um ritmo bom quando a estrada estava limpa, nós seguíamos a tempestade, e o caminho estava cheio de lama, barro e galhos caídos, alguns dos quais eram tão pesados que os guardas e eu mal conseguíamos movê-los. Isso significava atrasos, e as sombras ficavam mais compridas quando passamos pelo castelo real de Shornside.

— Provavelmente não chegaremos a Selford antes de anoitecer — informei. — Vossa Senhoria talvez queira procurar uma hospedaria.

— Ah! Isso não será necessário — disse ela, olhando-me com aqueles grandes olhos. — Temos uma casa de campo que não fica distante daqui. Eu avisei com antecedência, e iremos jantar e dormir lá. O mordomo encontrará uma cama para você em algum lugar, caso não pretenda galopar para a capital esta noite.

E, como ela correu a mão pela minha coxa enquanto fazia o convite, superei minha relutância simulada e aceitei.

O fugitivo ainda estará lá amanhã, pensei. Supondo que esteja mesmo em Selford.

A cama prometida ficava no mesmo andar dos aposentos de Amalie e era muito confortável. Não que eu tenha passado muito tempo nela. Assim que a casa ficou em silêncio, percorri o corredor para bater discretamente na porta de Amalie, e passamos uma noite deliciosa sob o grande dossel de sua cama, pensamentos sobre assassinatos e conspirações esquecidos sob prazer e riso. Quando enfim adormeci, dormi tão bem que tive de voltar apressado ao meu quarto antes que o empregado subisse levando água para eu fazer a barba.

Depois do café da manhã, coloquei no rosto minha expressão humilde e grata, beijei a mão de Amalie e cavalguei rumo à capital, chegando no meio da manhã. Nuvens baixas pairavam e o vento soprava rápido. Devolvi meu cavalo ao estábulo de aluguel em Mossthorpe e cruzei a ponte para Selford com os alforjes no ombro, indo a seguir até meus aposentos na Chancellery Street. Esvaziei os alforjes e, em seguida, sem trocar de roupa, caminhei até a Clattering Lane, onde ficavam todos os fabricantes de facas e espadas, e analisei as placas penduradas acima do nível da rua. Ao som metálico de martelos em bigornas ecoando dos dois lados, encontrei a placa em forma de escudo com uma coroa no centro e entrei na loja de Roweson Crowninshield, cujo sobrenome, como descobri ao perguntar pelo mestre, era pronunciado como algo tipo “Grunsel”.

Perguntei ao mestre Crowninshield sobre o punhal de punho de espada com o brasão dos Broughton, e ele se lembrou perfeitamente. Ele mesmo fizera o punhal, que estivera em exposição em sua loja. Um cliente entrara e o comprara com a condição de que o botão de aço fosse substituído por um com o brasão dos Broughton. Crowninshield costumava trabalhar com um gravador de camafeus para tais encomendas, e ambos receberam a mais por gravar e montar a peça de jaspe rapidamente.

Foi dito a Crowninshield que o punhal seria um presente para o filho de Broughton. Ele não podia ser culpado por não saber que tal filho não existia.

— Quem encomendou o punhal? — perguntei, ficando surpreso ao ouvir que

fora uma dama. Pedi uma descrição.

A longa descrição de Crowninshield, dada com muitas digressões durante quatro ou cinco minutos, correspondia a uma dama com um corpo de dama e um rosto em grande medida similar ao de uma dama. Seu sotaque era de Bonille ou do sul de Fornland, que não se pareciam em nada. Fiz uma anotação de, caso um dia atuasse como advogado, nunca chamar Crowninshield como testemunha.

— Não uma grande dama — acrescentou ele. — Mas respeitável. Talvez uma empregada, mas do tipo superior. Uma governanta.

De modo a me proteger de qualquer governanta e suas tramas de assassinato, comprei um punhal de cabo de espada e enfiei-o na cintura, às costas, sob a capa, de onde poderia sacá-lo facilmente com a mão direita. Depois agradeci ao mestre Grunsel e segui para Saddlers Row, onde não consegui encontrar placas de loja com um pardal, uma mariquita-amarela ou qualquer pássaro pequeno. Isso me levou mais acima, até a Honrada Companhia de Estribeiros e Seleiros, onde um aprendiz prestativo me mostrou o livro de marcas usadas pelos membros da guilda e imediatamente encontrou a marca com o pássaro.

— Esta é da loja de Dagobert Finch, senhor — disse ele.

— Onde fica?

— Do outro lado do rio, em Mossthorpe.

Então voltei sobre meus passos para o outro lado da grande ponte até a Casa de Finch, em Mossthorpe. A loja era tomada pelo cheiro de couro e óleo de mocotó de primeira e selas pendiam das vigas do teto como carcaças no açougue de meu pai. O mestre seleiro Finch era um homem baixo e vigoroso e tinha um bigode espetado.

— Eu vendo muitas selas, meu jovem — disse ele.

— Esta a que me refiro teria sido vendida a um cavaleiro aproximadamente da minha altura — esclareci. — Usava uma barba quando o encontrei ontem. Monta um cavalo castanho-escuro.

Eu notei, por um brilho repentino nos olhos de Finch, que ele reconhecera alguém pela descrição, mas então seu olhar tornou-se cauteloso.

— Por que você quer saber?

— Devo dinheiro a ele — respondi. — Estávamos caçando em Kingsmere há dois dias e apostamos num dos cavalheiros lutando contra um cervo com uma espada. Eu perdi, mas, na empolgação do momento, não anotei o nome do cavalheiro.

— Mas é incomum um homem perseguir outro apenas para dar dinheiro a ele.

— Posso me dar a esse luxo. Ganhei minhas outras apostas — falei. E, para demonstrar minha prosperidade, deslizei duas coroas sobre a mesa.

— Sir Hector Burgoyne — disse Finch. — Um cavalheiro militar, não é? Ficará feliz com seu dinheiro. Ele encomendou a sela há mais de um ano, mas só a entreguei no mês passado, quando finalmente pagou a última parcela.

— Sabe onde ele mora?

— Não, meu jovem. Mas ele mantém seu cavalo com Mundy, na rua principal, e eles provavelmente sabem.

Então fui ao estábulo de aluguel de Mundy, e um dos cavalariços, assim que lhe dei uma gorjeta, encaminhou-me ao sótão de Burgoyne em Selford, na nada recomendável Ramscallion Lane. Com o capuz na cabeça, encontrei o imóvel sem dificuldade, uma estrutura parcialmente feita de madeira inclinada sobre a rua, com um antigo telhado de palha pendendo das traves como uma franja desmazelada sobre uma testa com cicatrizes. Não parecia o tipo de lugar onde um cavaleiro se hospedaria, a não ser que estivesse desesperado por dinheiro — desesperado o suficiente para cometer um assassinato, supus.

Um odor azedo e fétido pairava no beco, vindo tanto do lixo jogado por toda parte como da vala que corria atrás do bairro, cheia de esgoto da área e do que escorrera da encosta. Mantive a mão sobre a bolsa para não ser roubado por ladrões, servos, proxenetas e prostitutas que infestavam o bairro. Eu podia ver minha prata refletida em seus olhos inchados e cobiçosos.

Eu tinha algumas opções. Podia deter Burgoyne sozinho, mas não gostava nada da ideia de prender um vilão desesperado num buraco como a Ramscallion Lane. Poderia contratar captores de ladrões profissionais, mas isso custaria dinheiro.

Poderia deixá-los de lado e procurar um magistrado, que me daria um mandado, mas então teria de encontrar alguém que entregasse o mandado e não estaria melhor do que antes.

Poderia procurar o xerife, caso estivesse na cidade e não em algum outro lugar do condado, mas então ele traria seus próprios agentes e provavelmente ficaria com o crédito pela prisão.

Não poderia ir em busca do procurador-geral, pela simples razão de que a rainha Berlauda ainda não nomeara um.

O único lugar aonde eu não poderia ir seria os alojamentos dos arqueiros da guarda. A cidade de Selford se orgulhava de suas liberdades tradicionais, que incluíam a liberdade contra a interferência do exército da rainha. O exército era proibido de deter contraventores da lei ou perturbar o ordeiro negócio da criminalidade a não ser que houvesse uma ordem de detenção (nesse caso,

soldados podiam prender um criminoso atuando como cidadãos comuns, não como integrantes de uma força militar) ou se houvesse conflitos ou insurreição e um magistrado determinasse que o Ato de Prevenção de Tumultos se aplicava, situação na qual o exército era autorizado a massacrar livremente.

Pensei que, se os arqueiros em perseguição tivessem apanhado o assassino, teriam levantado uma questão interessante. Será que sir Hector Burgoyne poderia alegar no julgamento que sua prisão fora ilegal, já que o exército não tinha o direito de prendê-lo?

Claro que a promotoria poderia alegar que havia sido expedida uma ordem de detenção, mas a defesa poderia retrucar que isso só se aplicava quando o alvo estava à vista.

De uma forma ou de outra, eu teria gostado de argumentar.

Eu poderia procurar um membro da Vigilância para prender Burgoyne, mas a Vigilância era composta principalmente de pensionistas idosos que percorriam a cidade à noite tocando um sino e anunciando que tudo estava bem. (O objetivo do sino era fazer com que todos soubessem que eles não estavam dormindo em serviço.) Se um vigilante descobria um incêndio ou um crime em andamento, não interferia, apenas tocava o sino continuamente e pedia ajuda.

Os decrépitos e mal remunerados membros da Vigilância dificilmente teriam força suficiente para prender um homem vigoroso e inescrupuloso na Ramscallion. Selford e a lei ofereciam diversos modos de pegar um criminoso, mas nenhum deles me era útil.

Então teriam de ser os captores de ladrões, afinal. Eu subi a Chancellery Road até o tribunal, onde essas pessoas ofereciam seus serviços, e, por três coroas cada e uma parcela de qualquer possível recompensa, contratei os serviços de dois homens muito grandes chamados Merton e Toland. Pelos seus narizes quebrados, dentes ausentes e cicatrizes na cabeça, eu os identifiquei como antigos lutadores profissionais, significando que tinham experiência prática contra adversários armados de espadas, alabardas e manguais. De fato, Toland parecia ter tido o rosto inteiro achatado pela colisão com um escudo.

Expliquei que Burgoyne era procurado por tentativa de homicídio e alertei que era um antigo militar e provavelmente perigoso.

— Eu não deveria contratar mais homens? — perguntei.

— Não, senhor — respondeu Merton com uma voz razoável e pacífica que não combinava com sua aparência formidável. — Nós dois estamos acostumados a pegar criminosos discretamente. Se levarmos um grupo grande para a Ramscallion, estaremos procurando confusão. Vamos manter a recompensa só para nós três — disse Merton, anuindo sabiamente. — E vou

precisar de mais duas coroas.

— Com que objetivo?

— Para a senhoria, de modo que ela não crie confusão.

Isso era sensato, e eu dei a prata. Fiquei um pouco surpreso quando, mesmo depois de meus avisos, os captores se armaram apenas com porretes de madeira, que esconderam sob as capas.

— Têm certeza de que os porretes bastarão? — perguntei.

Merton pareceu ofendido.

— Senhor, eles ainda não falharam. Nossos derrubadores veteranos de-

vem ter domado cem vilões e os tornado dóceis como gatinhos fofos.

Descemos a colina até Ramscallion Lane, e, enquanto o fedor da vala agarrava o fundo da minha garganta, apontei o prédio de Burgoyne. Merton e Toland fizeram um estudo profissional; depois, Merton desapareceu do lado de dentro. Eu o segui e, na profunda escuridão interna da entrada, vi uma de minhas coroas aparecer e desaparecer nas mãos sujas de uma velha desmazelada de nariz aquilino.

— Sir Hector? — perguntou Merton.

— Alto da escada. Virado para a colina.

Merton não perdeu tempo com agradecimentos, colocando a cabeça para fora da porta e chamando o parceiro com um gesto.

— O sr. Toland ficará do lado de fora para garantir que sir Hector não fuja pela janela — explicou-me. — O senhor deveria ficar com ele, por favor, enquanto eu arranco esse vilão daqui.

— Eu irei com você — respondi.

Merton não retrucou e foi na direção da escada — duvido que se importasse se eu vivesse ou morresse, mas fizera sua obrigação de tentar me manter longe de qualquer violência. Não havia luz na escada, e a parte superior estava negra como a meia-noite. Os degraus rangiam e sacudiam sob o peso de Merton. Minha mão buscou o cabo de meu novo punhal. Então, houve um clarão e um disparo mais alto que um trovão, e Merton caiu para trás, morto, em meus braços.

Lutei com o peso do corpo enquanto olhava boquiaberto e atônito para o alto da escada, e lá na escuridão vi Burgoyne mais ou menos com a mesma aparência de quando o vira pela última vez, de chapéu e capa longa, mas com uma grande pistola em punho. Ele olhava para mim de maneira interessada, contemplativa, como se tentasse lembrar de onde me vira antes. Depois se virou e desapareceu na escuridão. Meus ouvidos, ainda zumbindo por causa do tiro, identificaram o

retinir de suas esporas enquanto ele se retirava.

Deitei Merton na escada íngreme e uma olhada bastou para confirmar que estava morto, tendo sido atingido pela pesada bala da pistola bem no meio da testa. Eu estava olhando para o rosto do homem baixo, sentindo meu coração bater forte na garganta, quando Toland entrou correndo e parou, cambaleando, ao ver o parceiro.

Raiva e excitação arderam em mim como fagulhas numa forja.

— Burgoyne atirou nele! *Vamos pegá-lo!*

Saquei meu punhal e lancei-me escada acima, tropeçando no corpo ao avançar. O topo da escada fedia a pólvora, mas aquele cheiro era fresco e saudável comparado aos outros odores do lugar. Cheguei ao alto, vi alguma luz no final da passagem e avancei na direção dela, tropeçando em lixos que as pessoas haviam deixado no corredor.

Avancei pela passagem baixa no final do corredor e me vi do lado de fora do edifício, no alto de outra escada íngreme feita de tábuas velhas e que descia para o caminho estreito que corria ao lado da vala sanitária atrás da Ramscallion. Uma gosma escura e sinistra, mais densa que melaço, escorria pela vala. Cães mortos flutuavam de barriga para cima na lama, e o lugar fedia mais que um ossuário.

Burgoyne estava quinze metros à frente na passagem, caminhando confortavelmente enquanto olhava para mim por sobre o ombro. Mesmo àquela distância pude ver que ele mantinha a expressão pensativa com que me observara desde o alto da escada. Se meu sangue não estivesse fervendo nas veias, se eu não estivesse meio enlouquecido com o frenesi da perseguição, teria entendido o que era aquela expressão: o olhar calculista de um profissional avaliando seu inimigo.

Burgoyne tirara a vareta usada para recarregar a pistola e estava armando o percussor enquanto acelerava pela passagem. Mesmo com minha agitação, calculei que ele não poderia ter tido tempo de colocar pólvora e bala no cano ou preparado o detonador, e soube que tinha de pegá-lo antes que conseguisse recarregar.

Disparei pela escada íngreme e frágil, descendo de três em três degraus, e corri atrás dele. Aparentemente ele se deu conta da futilidade de recarregar a arma, virou-se e começou a correr mais rápido.

— Pare! — gritei. — Pare!

As palavras “Segurem o homem!” passaram pela minha cabeça, e me dei conta de que “Pare!” e “Pare, ladrão!” provavelmente eram ouvidas vinte vezes por dia na Ramscallion, produzindo apenas risos de desprezo por parte dos

moradores.

— Pare, assassino! — arrisquei. — *Recompensa pelo assassino!*

Imaginei que a promessa de recompensa poderia me garantir *muito* mais ajuda que um pedido de auxílio, e, de fato, enquanto corríamos vi janelas sendo abertas e rostos olhando por venezianas.

— *Recompensa!* — gritei. — *Recompensa pelo assassino!*

Ao ouvir essas palavras, Burgoyne lançou um olhar encolerizado por sobre o ombro, mas continuou a correr.

O caminho era escorregadio e cheio de lixo e de um número realmente impressionante de animais mortos, e nós dois lutávamos para nos mantermos de pé. Ainda assim diminuí a distância. Olhando para a frente, eu podia ver uma grande área cinzenta de água, o Saelle cheio na maré alta e enchendo a vala, e entendi que Burgoyne teria de virar à esquerda para correr ao longo da margem do rio ou atravessar a vala horrenda, algo que eu não imaginava que fizesse tendo uma escolha.

Mas ele não virou nem à esquerda nem à direita. No final do caminho, ele se virou, desembainhou sua rapieira e apontou-a para meu peito.

Meu sangue passou de escaldante para gelado num instante. Parei de repente, o que fez meus pés deslizarem na lama e deixar-me a cinco metros da ponta da espada. Encarei a arma, que parecia longa como uma lança. Meu punhal parecia ridiculamente inadequado.

— E assim, menino, sua caçada chega ao fim — disse Burgoyne. O sotaque dele era do norte de Bonille.

Arfei, com meu coração acelerado na caixa torácica. Depois, tomei fôlego e gritei:

— *Recompensa pelo assassino!*

Ele rosnou para mim e seus dentes brancos reluziram em sua barba.

— Continue a me perseguir, e eu certamente o assassinarei.

Vi uma garrafa velha caída no caminho, curvei-me, peguei-a e joguei-a sobre ele. Ele desviou facilmente e com desprezo, fazendo um movimento de quadril. A meu lado havia um muro de pedra caído, antes parte de um abrigo, e curvei-me para pegar uma pedra. Burgoyne se virou e desapareceu pela margem do Saelle.

Por um instante, eu me preparei para persegui-lo novamente, mas depois pensei que ele poderia estar escondido depois do último prédio antes da margem, esperando que eu chegasse ao alcance de sua rapieira. Olhei para o velho barraco à minha esquerda, com sua parede quebrada e vigas do teto parcialmente caídas.

Segurei o punhal com os dentes — algo que eu acharia ridículo se visse numa peça —, pulei para o alto da parede parcialmente caída e ergui-me de lá para as vigas do teto. Saltei ao longo das vigas, sentindo o barraco sacudir sob meu peso, e pulei para o velho telhado de palha mofada de uma casa decrépita. Com passos quase silenciosos na palha, avancei pela beirada do telhado e desci do outro lado.

Vi que meus gritos e a promessa de recompensa tinham atraído alguns dos habitantes mais empreendedores do bairro, homens duros e questionáveis, e alguns deles estavam no final da Ramscallion Lane, olhando para a lateral da casa sobre a qual eu estava. Não foi necessária muita dedução da minha parte para concluir que seu vizinho Burgoyne estava lá.

Eu me arrisquei a olhar pela beirada do telhado e vi o largo chapéu de Burgoyne numa esquina da casa. Como eu suspeitara, ele esperava que eu chegasse correndo para ser furado como um frangote. Aparentemente, eu o desapontara, porque o chapéu se inclinou quando ele olhou pela esquina e não me viu. Então se virou e apareceu claramente, andando na direção da Ramscallion Lane ainda empunhando a rapieira.

Ele falou com os vizinhos.

— Viram aquele moleque encrenqueiro em algum lugar?

Alguns deles olharam para mim no telhado, e eu soube que ele seguiria os olhares e saberia que eu estava acima, então peguei o punhal e saltei.

Pousei atrás e à esquerda dele, perto o bastante para jogá-lo na direção do Saelle, mas, ainda mais importante, eu havia batido com o botão do punhal no alto da cabeça dele ao descer. Seu chapéu protegeu um pouco a cabeça, mas ele ficou tonto, e, quando me levantei da posição de cócoras na qual o salto me colocara, eu estava em cima dele, agarrando o colarinho do casaco com a mão esquerda enquanto a direita golpeava novamente com o cabo do punhal. Desde que eu permanecesse perto, ele não poderia usar a rapieira.

Eu não queria apunhalá-lo. Estava claro que Burgoyne era apenas um contratado, e eu queria colocá-lo diante de um magistrado para interrogatório e fazer com que revelasse a fonte da conspiração.

Enquanto golpeava minha presa pude ouvir gritos de alegria dos moradores da Ramscallion. Tenho certeza de que não há nada de que eles gostem mais do que uma briga.

Burgoyne conseguiu desviar a maioria dos meus golpes enquanto eu o agarrava pelo colarinho, sacudindo-o como um *terrier* sacode um rato. Ele tentou golpear com o cabo da rapieira, mas me defendi com minha arma e abri um corte na manga do sobretudo dele. Bati novamente na cabeça dele e fui

contido. Não sei o que aconteceu a seguir, mas, de algum modo, ele girou abaixo de mim, senti uma de suas mãos agarrando meu pulso esquerdo e, de repente, eu estava girando no ar.

Caí de costas com força, mas o pânico me ergueu e me colocou de pé. A ideia de assassinar-me brilhava nos olhos dele. Meu coração murchou quando me dei conta de que ele agora podia usar a rapieira, então saltei para trás e me defendi com a faca quando a lâmina fina disparou na direção de meus órgãos vitais. Ele investiu, e eu escapei para a Ramscallion Lane, com nossa plateia se espalhando enquanto as lâminas brilhavam à luz fraca do dia.

Burgoyne parou em sua perseguição. Enquanto ele arfava, tentando recuperar o fôlego, apontei para ele.

— *Recompensa!* — gritei. — *Recompensa pelo assassino!*

Burgoyne rosnou, lançou-se novamente contra mim, e eu me evadi. Estávamos num semicírculo crescente de espectadores, homens, mulheres e crianças risonhas. Ansiedade, crueldade e cobiça brilhavam nos olhos deles, como se fôssemos cachorros lutando num poço para sua diversão. Apontei de novo.

— Derrubem-no! — falei. — Joguem pedras! Joguem garrafas! Derrubem-no! Há uma recompensa!

— De quanto? — perguntou um pragmático, mas um jovem jogou uma garrafa que passou zumbindo pela cabeça de Burgoyne. Ele olhou feio para o lado e murmurou um xingamento.

Mais garrafas se seguiram, e panelas, e pedras. Uma panela de sopa, jogada de um andar superior, caiu aos pés dele, espalhando seu conteúdo. Eu transformara os moradores do bairro em meus cúmplices. Burgoyne desviou da maioria dos mísseis, mas eles o deixaram lento, e então um o atingiu na testa. O sangue escorreu para os olhos, obrigando-o a limpar o rosto repetidamente.

Eu podia ver a disposição dele aumentando, então eu estava pronto quando ele fez outra tentativa de me matar, correndo na minha direção com a espada apontada para meu coração, e eu teria escapado se a multidão crescente não tivesse me atrapalhado. De repente, eu estava ao alcance da lâmina e desviei-me freneticamente enquanto ela acertava os botões de meu gibão de montaria. Ataquei com minha faca e senti a lâmina da espada dele entrar no meu ombro direito. E então alguém na multidão não conseguiu sair do caminho a tempo, eu tropecei nele e caí… E ali estava eu, desamparado, enquanto o assassino se colocava acima de mim com a certeza da vitória crescendo em seus olhos. O braço dele recuou para o golpe final.

Nesse momento, o captor de bandidos Toland, que conseguira avançar pela

multidão, girou seu porrete e acertou Burgoyne atrás da orelha, tirando o assassino de cima de mim.

Amalie e eu estávamos deitados e abraçados como conchas em meus aposentos na Chancellery Road, minha mão quente em sua barriga grávida. Ela usava apenas suas joias, pedras nos dedos e uma gargantilha de ouro e rubis. Os fios de pérolas que trançara nos cabelos haviam se soltado e repousavam no travesseiro. Seus sons letárgicos eram de lamento, e eu vibrava de ressentimento. Nada terminara como eu havia planejado.

— Lamento extremamente lhe dar esse conselho — disse ela. — Mas acho que seria melhor se você ficasse longe da corte por enquanto.

Senti o desafio me empertigar.

— Eu não fiz nada de errado — falei. — Na verdade, prestei um serviço à rainha. Por que deveria me esconder?

— A corte inteira sabe do desgosto que a rainha sente com sua presença. Se você aparecer na corte, qualquer um que busque estar nas graças reais será obrigado a repudiá-lo. Será humilhante e não fará qualquer bem à sua causa.

Pensei durante um bom tempo. A raiva murchou em minhas veias.

— Eu entendo.

— Logo outras questões merecerão a atenção da corte. Depois disso, você poderá voltar.

Ela se virou e me encarou com compaixão evidente em seus olhos longos.

— Eu o avisei, não avisei, que você devia pensar antes de agir?

— Avisou — concordei.

— Às vezes é melhor que uma conspiração na corte não seja revelada. Se você queria ajudar Broughton, fracassou. Se queria descobrir o culpado, teve sucesso demais. A rainha foi obrigada a agir e se ressente muito de você por obrigá-la a reconhecer a intriga em sua corte.

Depois da captura de Burgoyne, Toland e eu havíamos levado o cavaleiro renegado a um magistrado, acompanhados por um grupo de moradores de Ramscallion Lane. Os homens do xerife apareceram, não por causa do prisioneiro, mas porque acharam que um tumulto estava prestes a começar.

Enquanto Burgoyne era levado à cadeia, eu levava a malta a uma das casas de contabilidade onde mantinha meus recursos. À visão daquele bando de moradores indisciplinados de um bairro miserável os bons banqueiros começaram a trancar portas e bater janelas, certos de que estavam prestes a ser atacados por um bando raivoso. Demandou um pouco de negociação, mas

finalmente fui autorizado a entrar para pegar um pouco da minha prata, com a qual paguei ao bando para ir embora.

Na mesma manhã, antes de deixar Kingsmere rumo à capital, a rainha anunciou uma recompensa de trezentas moedas reais pelo assassino, nomeou lorde Slaithstowe como o novo procurador-geral e colocou a investigação nas mãos dele. Slaithstowe cavalgou à frente da comitiva da rainha e chegou no final da tarde para encontrar Burgoyne já sob custódia.

Slaithstowe passou o dia seguinte colocando o assassino sob interrogatório perante a Corte do Trono Real e forçando-o a identificar seus cúmplices. O que Slaithstowe ouviu provavelmente fez com que arrancasse a barba pelas raízes, mas cumpriu seu dever, copiando a transcrição do interrogatório com a própria mão — não confiando em mais ninguém —, e apresentou-se à rainha no começo da manhã seguinte.

Burgoyne admitiu que estava a soldo da própria mãe da rainha, a divorciada rainha Leonora. Ela gostava de sua posição perto da rainha e temia perder seu amor para o intruso Broughton — e, além disso, por uma questão política, defendia o casamento de Berlauda com o príncipe e herdeiro de Loretto, não com um visconde menor de rostinho bonito.

O pai de Leonora fora lorde feudal de Burgoyne, antes de Burgoyne ter partido para combater em guerras estrangeiras. Ele voltara para Bonille com recursos, mas, sendo um dissoluto e um apostador, perdera tudo. Leonora dava a ele algumas coroas de tempos em tempos para mantê-lo a seu lado, caso precisasse que alguém interceptasse um mensageiro ou cortasse uma garganta. E então surgiu a inspiração para matar a esposa de Broughton e culpar o marido. Fora uma das amas da rainha viúva que encomendara o punhal com o brasão dos Broughton.

A rainha Berlauda devia ter ficado chocada e arrasada com a notícia, mas não carecia nem de coragem nem de determinação. Burgoyne foi mandado para a masmorra no mesmo dia. A rainha Leonora foi transferida para a residência real e forte de West Moss, além das montanhas Minnith, o mais longe da capital que era possível chegar sem ter de avançar pelo oceano. Ela permaneceria lá indefinidamente, à disposição da rainha.

Quanto a Broughton, o escândalo fora grande demais para que um homem sem amigos poderosos sobrevivesse. Embora ele fosse inocente em tudo, menos na ambição, foi obrigado a renunciar a seu cargo de mestre da caça e recebeu o novo posto de inspetor-geral de fortificações, sendo enviado para avaliar e relatar o estado de cada forte, castelo e muralha no reino. E como ele fizera muitos empréstimos para se apresentar na corte como um grande homem e se

entreter em Kingsmere, seria seguido nessa peregrinação por seus credores ou seus representantes.

Não sei se lady Broughton se regozijou com o retorno do marido.

Foi feito um anúncio oficial de que Burgoyne fora enforcado após uma tentativa de assassinar a rainha. Não foi feita menção à rainha viúva Leonora, embora todos na corte tivessem sabido da história em poucas horas.

Aqueles responsáveis pela violência foram punidos, mas a punição não terminou aí, pois Berlauda se ressentia profundamente de ter perdido todos que amava e nos quais confiava e não via com caridade aqueles que a tinham levado a isso. Não suportava ver lorde Slaithstowe e achava que a dor de sua presença era demais para aguentar. Ele manteve o cargo por menos de uma semana, o que deve ter sido um grande golpe, já que ele cumprira seu dever da melhor forma possível — e também porque perdeu os incentivos que teriam sido pagos por qualquer um cujos negócios os colocassem diante do procurador-geral, uma soma que, com o tempo, chegaria a uma grande fortuna. Em vez disso, foi nomeado comissário do estaleiro real em Amberstone, onde as oportunidades de enriquecimento eram comparativamente menores.

Quanto a mim — eu, que havia sido objeto de louvores e alvo de inveja ao retornar à corte no dia seguinte à captura de Burgoyne —, ouvi apenas que minha presença era desagradável para Sua Majestade e deveria me manter distante. Diferentemente de Slaithstowe, não recebi a oferta de um posto por medo de que fosse vista como uma recompensa em vez de uma punição.

Ainda espero pelas trezentas moedas reais prometidas por Burgoyne. Se as receber, dividirei igualmente entre Toland, a família de Merton e minha fortuna em queda.

Amalie ainda estava disposta a me ver; sendo uma marquesa de Steyne, era quase tão grandiosa quanto a rainha e podia estabelecer regras próprias. Ainda assim, não podia ser vista comigo em público e só visitava meus aposentos durante algumas horas de vez em quando. Nosso romance, como a estação, logo chegaria ao inverno, pois em alguns meses ela daria à luz o herdeiro de Steyne, e o próprio Steyne voltaria do cativeiro. Às vezes eu sentia falta dela mesmo quando estava em meus braços.

Fico pensando se a Virtude triunfou sobre a Iniquidade, como na peça de Blackwell. A corte de Berlauda fora expurgada de um conspirador e de um nobre adúltero, mas sem dúvida havia muitos desse tipo que permaneciam. A corte também se viu livre de um semiadvogado que confiara demais em sua própria sorte e sofrera as consequências dessa confiança. Eu quase podia ouvir o riso vindo das vigas do teto.

Seria a Virtude rindo em seu lar casto ou o riso era daquela que era parcialmente sua colega, a Iniquidade?

Quem quer que tenha rido, era claro que eu não estava no campo da Virtude enquanto Amalie visitasse minha cama. Então beijei os finos cabelos castanho-claros que cresciam na base do pescoço dela, agradeci pelos conselhos e dediquei-me a diverti-la, para que ela logo escolhesse me visitar novamente em meu exílio.

DANIEL ABRAHAM

Daniel Abraham mora com a família em Albuquerque, Novo México, nos Estados Unidos, onde é diretor de suporte técnico de um provedor de internet local. Começando a carreira de escritor com contos, publicou em *Asimov's Science Fiction*, *SCI FICTION*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Realms of Fantasy*, *The Infinite Matrix*, *Vanishing Acts*, *The Silver Web*, *Bones of the World*, *The Dark*, *Wild Cards* e outras revistas. Alguns desses contos apareceram em sua primeira antologia, *Leviathan Wept and Other Stories*. Voltando-se para romances, ele publicou vários em sequência, incluindo os livros da tetralogia "The Long Price", composta de *A Shadow in Summer*, *A Betrayal in Winter*, *An Autumn War* e *The Price of Spring*. Também escreveu a série "The Dagger and the Coin", composta de *The Dragon's Path*, *The King's Blood*, *The Tyrant's Law*, *The Widow's House* e, mais recentemente, *The Spider's War*. Escreveu *Caçador em fuga*, romance em colaboração com George R.R. Martin e Gardner Dozois. Com o pseudônimo M.L.N. Hanover, ele escreveu a série de romances paranormais em quatro volumes "Black Sun's Daughter", e, com Ty Franck, assinando como James S.A. Corey, os romances de *space-opera* "The Expanse" (adaptados como uma popular série de TV norte-americana), composta de *Leviatã desperta*, *Caliban's War*, *Abaddon's Gate*, *Gods of Risk*, *Cibola Burn*, *Nemesis Games* e *Babylon's Ashes*.

Aqui, acompanhamos um grupo que tenta chegar ao cerne de um mistério assustador e mortal, e descobrimos que o que encontram não é de modo algum o que esperavam.

A Torre Ilusória

Daniel Abraham

A velha Au foi a primeira a ver o ladrão.

Acocorada no jardim, ela dispunha de uma ampla vista da estrada do leste e seu calçamento de pedras cinza mais retas que a natureza em meio aos arbustos verdes e espinheiros. O solo rico espalhava seu cheiro ao redor dela enquanto segurava uma raiz desagradável com uma das mãos e uma faca de jardim com a outra. Entre o momento em que começou a serrar e aquele em que puxou do chão o primeiro emaranhado de terra e vegetação pálida, o ladrão apareceu, um ponto no horizonte. Ela continuou trabalhando enquanto ele se aproximava. Sua capa pendia, flácida, no ar úmido do verão. Seu chapéu, largo como os ombros, deixava os olhos na sombra. Levava uma bainha vazia às costas, cruzada na diagonal. A velha Au parou quando ele se aproximou. Quando chegou ao muro de pedras antigas que marcava o limite entre o mundo maior e as terras protegidas do lado de dentro, ele parou e olhou na direção da Torre Ilusória.

A torre cintilava como todas as histórias diziam que faria, parecendo mudar de forma entre uma respiração e outra. Um grande pilar de alabastro cravejado de archotes acesos tornou-se um antigo palácio de pedra cinzenta e musgo e depois uma complexidade de terraços cor-de-rosa empilhados na direção do céu. O ladrão absorveu a arte do ilusionista com um ar de superioridade e satisfação. A velha Au observou o homem observar a torre, pigarreou e anuiu para o estranho.

— Quais são as novidades?

O olhar dele se deslocou para a velha. Seus olhos pareciam tingidos do mesmo azul de uma nuvem de tempestade. As rugas ao redor da boca e dos olhos indicavam idade e desgaste, mas a velha Au achou ver nelas também uma meninice, como a imagem de uma bolota entalhada em carvalho. Algo nele fazia a velha Au se lembrar de um amante que tivera anos antes. Um homem de alta posição que sonhava em viver como jardineiro. Agora estava morto, e com ele seus sonhos, a não ser pelo que ela levava consigo. Quando o ladrão falou, sua voz tinha a riqueza e a profundidade de um instrumento de sopro tocado suavemente.

— O trono está vazio — disse o ladrão. — O rei Raan apodrece em seu

túmulo, e os príncipes disputam seu lugar.

— Todos os sete?

— Tauen, Maush e Kinnin tombaram pelas lâminas de seus irmãos. Outro, de nome Aus, ergueu-se do sul com um exército estrangeiro atrás dele para uma nova reivindicação. Cinco exércitos ainda cruzam a terra e levam destruição aonde vão.

— Uma vergonha — disse a velha Au.

— Guerras terminam. Mesmo guerras de sucessão. Elas também criam certas oportunidades inesperadas para os ousados — disse. Depois se moveu, como se, movendo os ombros, ele movesse a conversa. — Estas terras pertencem ao Imagi Vert?

A velha Au deu de ombros, apontando com o queixo para o muro de pedra.

— Tudo dentro do limite e por toda a circunferência. As terras não são submissas ao trono, nem ao trono anterior a esse. Nem a qualquer um que venha depois. A Torre Ilusória está isolada do mundo, e o Imagi Vert garante que seja assim, única e eterna. Você veio em nome de um dos príncipes? Talvez pedir que o Imagi escolha um lado?

— A história que ouvi diz que o Imagi Vert pegou a alma do rei Raan quando este morreu e colocou-a numa lâmina. E que a lâmina está em algum lugar naquela torre. Eu vim roubá-la.

A velha Au limpou uma das mãos sujas de terra na bochecha, apertando os olhos primeiramente para o ladrão, depois para a Torre Ilusória e novamente para o ladrão. O queixo dele se ergueu como se em desafio. A bainha vazia batia em suas costas como se pedisse atenção. Laca verde e peças de latão, comprida o suficiente para conter até mesmo uma espada bastante grande. Como se a alma de um rei certamente precisasse de uma lâmina régia para contê-la.

— Você tem o hábito de anunciar esse tipo de coisa? — perguntou a velha, afastando a terra grudada no pedaço de raiz pálida e teimosa ainda no solo. — Parece uma forma estranha de conseguir o que você quer.

A atenção do ladrão se voltou para ela. Um sorriso brilhante e breve passou pelos seus lábios.

— Estou certo de que você sabe muito sobre jardinagem. Eu sei muito sobre roubo. Esta estrada leva até a cidade na base da torre?

A velha Au anuiu.

— Mais uma hora seguindo pela estrada. Mantenha-se à esquerda na encruzilhada, ou se verá seguindo para o sul sem ter como companhia nada além de silos de grãos e o moinho. Mas aceite um aviso. Todos que você encontrará lá são leais ao Imagi Vert. Qualquer um que não pretenda partir bem rápido.

— Não planejo ficar.

— Você tem um nome, amigo? — perguntou a velha Au.

— Muitos.

O ladrão deslizou a mão para dentro da manga. Puxou algo pequeno e brilhante que refletia à luz do sol. Jogou a moeda para a velha Au, que a apanhou sem pestanejar. Um quadrado de prata com a efígie de um jovem gravada no metal. Algum príncipe. Um da ninhada em guerra do rei morto.

— Isto é pelo meu silêncio? — perguntou a velha Au.

— Por sua ajuda em me orientar — respondeu o ladrão. — Qualquer coisa a mais é entre você e sua consciência.

A velha Au deu uma risada, anuiu e enfiou a moeda no cinto. O ladrão e sua bainha vazia seguiram pela estrada. Seus passos faziam a capa balançar de um lado para o outro como os floreios da mão direita de um mágico de rua disfarçando os movimentos da mão esquerda. Seu chapéu formava um véu de sombra sob a pala. A Torre Ilusória transformou-se num alto complexo de correntes penduradas desde uma árvore de cantaria mais alta que as nuvens até uma espiral de basalto com escadarias esculpidas nas laterais. A velha Au balançou a cabeça e curvou-se para voltar ao trabalho. A raiz teimosa a desafiava, mas ela era severa e dura e tinha prática com a faca de jardim. Quando saiu, comprida como seu braço e branca como osso, ela se acocorou na terra negra revirada, limpou o suor do rosto e olhou para oeste à procura do ladrão. A curva da estrada e as árvores já o tinham escondido.

A cidade que servia ao Imagi Vert fingia normalidade mesmo à sombra da magia. Apenas a praça central tinha piso de pedra. Poeira, terra e ervas daninhas tomavam todas as ruas. Os pequenos estábulos fediam como estábulos em qualquer lugar e havia penicos nos becos esperando para serem levados e terem seu conteúdo vendido à lavadeira para alvejar tecidos, ou ao curtidor para amaciar couro. As flores do começo do verão atraíam abelhas e moscas. O sol aquecia tetos de palha até que fedessem um pouco. Pássaros conversavam e lançavam avisos uns aos outros em seus ninhos. Os cachorros corriam por toda a parte, perseguindo esquilos e uns aos outros. A algumas centenas de metros ao norte, a Torre Ilusória se elevava, um pináculo de osso e vidro, a seguir um pilar de pedras finas como pratos empilhadas na direção do céu, depois uma espiral do que parecia carne esfolada, e então uma virgem esculpida em granito branco coberta de hera com uma coroa de chamas vivas.

As pessoas na cidade viam o ladrão como uma grande curiosidade. Ele caminhou pelas ruas com os olhos ocultos, mas com um sorriso alegre. A bainha vazia batia em suas costas a cada passo.

O Braseiro do Viajante ficava logo depois da praça e era uma construção triangular, parcialmente escondida, como um empregado com os olhos educadamente desviados. O ladrão foi até lá como se costumasse ficar ali. O estalajadeiro, um homem gordo usando a tradicional corrente de ferro da hospitalidade envolvendo o braço esquerdo, cumprimentou-o no pátio.

— Só preciso de um pequeno quarto — disse o ladrão.

— Não há quartos pequenos nem grandes — disse o gordo. — Apenas quartos.

— Todas as pessoas têm a mesma dignidade perante o Imagi? — comentou o ladrão, como se brincasse.

— Exatamente. Exatamente. Simin pode levar seu cavalo, caso tenha um.

Simin, um garoto magro e alto de cabelos escuros, com rosto simples e honesto, anuiu, esperançoso. O ladrão balançou a cabeça e deu ao gordo três das moedas de prata quadradas.

— Eu só levo o que posso carregar.

O estalajadeiro estudou as moedas como se elas predissessem o futuro, apertou os lábios e deu de ombros. A corrente de ferro retiniu como se partilhasse seus pensamentos metálicos. Simin rompeu o silêncio.

— Mas ainda posso lhe mostrar o caminho.

— Muito gentil de sua parte — agradeceu o ladrão.

Simin trotou à frente, conduzindo o ladrão por corredores curtos até um pátio interno com cerejeiras. Uma cisterna de pedra se erguia num canto onde uma garota de membros finos raspava musgo com uma escova de cerdas pretas e tentava não o encarar. O ladrão cumprimentou-a. Ela enrubesceu e cumprimentou de volta.

Simin parou junto a uma porta alta clara como creme fresco, abrindo a fechadura de latão com um estalo. O ladrão entrou em seu aposento particular, e o garoto foi atrás dele. O ar cheirava a sabão e lilases. Sombras se aferravam às paredes pálidas, como se diante de um crepúsculo repentino. Uma cama modesta com um cobertor marrom-escuro grosso, do tipo que as tribos do sul usavam cem anos antes. Uma escultura de ferro de uma íris emoldurada estava pendurada na parede em frente à única janela. Havia um jarro de cerâmica com um copo numa mesa baixa ao lado de três velas apagadas. Simin, sorrindo, fechou as venezianas como se o ladrão tivesse pedido a ele. As sombras ficaram mais densas.

O ladrão abaixou-se e sentou lentamente na cama. A bainha vazia retiniu no chão onde ele a largou. Tirou o chapéu e colocou-o ao lado, coberto de pólen e poeira. Cachos de cabelos escurecidos pelo suor grudavam em seu couro

cabeludo, que começava a ficar careca. O sorriso alegre desapareceu, e o medo tomou seu lugar. Balançou a cabeça, apertou a palma da mão contra a testa e balançou a cabeça novamente.

— Não consigo. Eu não consigo fazer isso.

— Você consegue — cortou Simin, cujo nome não era Simin, abandonando sua simulação de boa vontade juvenil. — E fará.

— Você viu aquela torre? Eu ouvi histórias sobre a Torre Ilusória, todos já ouviram. Achei que ela iria… Não sei. Refletir a luz do sol de modo estranho. Lançar sombras bizarras. "Parece mudar a cada momento", é o que dizem, não? E é mesmo uma maldita verdade. Como eu enfrento um mago que pode fazer isso?

Simin se apoiou na parede, com os braços cruzados sobre o peito.

— Você não vai enfrentar. Eu, sim.

— Estamos cometendo um erro. Devíamos recuar.

— Recuar para o quê? Fogo e morte? Vamos seguir o plano — disse o garoto. — Pegar a espada. Acabar com a guerra.

O ladrão se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos, cabeça nas mãos.

— Se você diz. Se você diz — falou. Depois, recompondo-se, continuou: — Você a encontrou?

Simin colocou água do jarro no copo e o deu ao ladrão enquanto falava.

— Não. Mas com você aqui eles me mostrarão. Qualquer coisa que mude, qualquer coisa que os guardas protejam mais, qualquer coisa que escondam de você. É como vou saber. Você bate o tambor, e eu escuto os ecos em busca de respostas. É assim que funciona. E quanto mais eles o vigiarem, menos irão me vigiar.

— Eu sei, eu sei — disse o ladrão, parando para beber toda a água. Ele devolveu o copo, limpando os lábios com uma das mangas. — Eu apreciava mais este plano antes de vir para cá. Sucessões e tronos, sangue e exércitos em campo. Agora, espadas mágicas, magos e uma torre que é como algo saído de um pesadelo. Eu não faço parte dessas coisas.

— Vá pela manhã. Converse com todos que encontrar. Pergunte sobre vidro verde.

— Vidro verde? Por quê?

— Eu encontrei um templo particular que fica perto da torre e é feito de vidro verde. Acho que a lâmina pode estar lá.

— Então que seja vidro verde. E me vangloriar de desafiar o Imagi Vert na frente das pessoas mais leais a ele. E agir de modo misterioso e encantador.

Quando o mago me matar por causa disso, você pode ficar com a culpa.

— Quais são as notícias da guerra? — perguntou Simin, e seu tom dizia que ele já as conhecia. A inundação do canal Loon. O assassinato do príncipe Tauen. A fome na estação Cai Sao. Uma pergunta que embute a própria resposta revela mais do que as suas palavras. O ladrão entendeu.

— A recompensa justifica o risco — disse o homem careca ao garoto. — Eu nunca neguei isso.

— Então começaremos amanhã — disse o garoto, e saiu fechando a porta atrás de si.

— Já comecei hoje — murmurou o ladrão para o quarto vazio.

O rei Raan tinha assumido o trono, e com ele o controle do império, uma semana antes do seu aniversário de vinte anos de batismo. Um garoto que ainda tinha o brilho da juventude na pele, ele se sentou em seu trono de ouro, pedras preciosas e ossos. Governou por seis décadas de paz e violência, fome e fartura. Muitas pessoas nascidas no dia de sua ascensão não conheceram outro governante. A ideia de governo associada ao rei Raan cresceu na mente de seus súditos como duas mudas plantadas lado a lado se entrelaçando até que uma não pudesse sobreviver sem a outra. O rei Raan, o império e o funcionamento correto do mundo significavam a mesma coisa.

Então era fácil esquecer o homem que carregava esse peso. Apenas ele entre todos, desde o mar de Pérolas até as montanhas de picos de faca Dai Dou, desde as calotas de gelo de Alto Saral aos desertos de Heliopon, entendia que o homem chamado rei Raan, que controlava o império assim como uma pessoa normal comandava as próprias mãos, e aquele chamado Raan Sauvo Serriadan, filho de Osh Sauvo, princesa de Hei Sa e terceira esposa do rei Gaudon, não partilhavam tudo. O homem e o posto que exigia todos os seus dias apenas pareciam viver em paz um com o outro. Na verdade, a sombra da morte o oprimia mais que aos outros porque ele não podia fingir que mais poder e influência dariam um significado mais profundo à sua vida. Riqueza e status não podiam apagar as questões que o assombravam. Ele buscava consolo no sexo e na filosofia, e, perto do fim, no ocultismo.

O sexo levou a uma legião de filhos, tanto dentro quanto fora dos labirintos políticos do casamento; a filosofia, a uma série de cartas melancólicas que detalhavam seu conceito da alma humana e a natureza de uma vida bem vivida; e o ocultismo, inevitavelmente, à sua amizade com o Imagi Vert.

O Imagi Vert, um nome que evocava toda uma mitologia de ameaças e assombros. Ainda mais que a voz incorpórea do Oráculo de Pedra em Kalafi ou

as Crianças da Noite que brincavam nas ondas do litoral de Amphos, o Imagi Vert incorporava os mistérios mais profundos do mundo. Alguns alegavam que o Imagi começara a vida como um humano e passara por uma transformação, ao cair de um penhasco para dentro de uma falha no universo. Outros diziam que Deus não conseguiu soprar a vida no barro do mundo sem abrir uma fresta entre o céu e a terra, e a cicatriz desse ferimento ganhou um nome, uma torre e um círculo de terra para si. Ou que um grande mago enganou a própria morte aprendendo a inverter o curso da vida e vivê-la recuando até o princípio de todas as coisas. Todas as diferentes versões concordavam em três coisas: que o Imagi mantinha invioláveis a Torre Ilusória e a terra ao redor dela, que aqueles que buscavam reduzir o Imagi a um mero humano acabavam mal e que maravilhas além da compreensão da imaginação mais fértil estavam ocultas à sombra daquela torre mutante e eterna. Os estudos de ocultismo do rei Raan o levaram ao baixo muro de pedra, à cidade e à torre de modo tão inevitável quanto a água correr para baixo.

Ninguém conhece a natureza daquele primeiro encontro, mas muitos especularam. Talvez o imperador só pudesse experimentar a humildade perante a coisa sem idade e sem tempo que chamava a Torre Ilusória de lar. Ou talvez duas pessoas tão acima da humanidade que seu poder se transformava em isolamento lembrassem mais refugiados num enorme deserto se aferrando uma à outra. Ninguém testemunhou o tempo que esses dois passaram juntos, e o rei Raan pouco partilhou com sua corte. Suas viagens à Torre Ilusória inicialmente se tornaram uma peregrinação anual, depois, uma vez no alto verão e outra no inverno mais profundo, e então, conforme seus anos o desgastaram e as viagens para fora dos palácios se tornaram impossíveis, uma lembrança acalentada que sobreviveu a todas as outras.

A morte chegou para o rei Raan como chega para todos. Ocupar o trono do império não o poupou. Médicos vieram de todos os cantos do mundo com frascos de sais e ervas, encantos, cantos e sanguessugas. O rei Raan permitiu que todos cuidassem dele, como um tio sendo complacente com sobrinhas e sobrinhos em suas brincadeiras. Se ele tinha qualquer esperança real de prolongar sua vida, não a expressou. Os príncipes e princesas se reuniram nos palácios. O mais velho, príncipe Kinnan, colocou seu diadema sobre os cabelos, que já ficavam ralos e grisalhos aos cinquenta e oito anos de vida. A princesa Magren, a mais nova presente, ainda usava tranças como uma criança, celebrando uma juventude que ainda não deixara para trás. Os palácios incharam com o volume de empregados, de riqueza e de ambição, como um carrapato prestes a estourar de tanto sangue.

No momento da morte do rei, uma escuridão passou sobre os palácios. Os archotes, as lâmpadas e os fogos nos braseiros estremeceram e se apagaram. Alguns alegam ter ouvido sons de asas, como se a escuridão escondesse uma enormidade de pássaros gigantes. Outros, um baixo assovio musical que vinha das próprias paredes. Apenas o enfermeiro do rei Raan e o príncipe Tauen, cujo acaso o colocara ao lado do leito, ouviram as últimas palavras do monarca — "Você se lembrou de sua promessa" —, mas, na época, não lhes deram grande importância. Quando os empregados acabaram de reacender archotes e velas, lareiras e lanternas, o rei Raan estava morto e o império havia mudado.

Durante algum tempo pareceu que a nova ordem poderia se parecer com a antiga. Os juristas acadêmicos e sacerdotes que estudaram os segredos de linhagens dignas identificaram os filhos do rei Raan que tinham direito a reivindicar o trono. Como o mais velho, Kinnan era o mais cotado, mas Naas — mais jovem, porém filho de uma mãe cuja posição era superior — estava bem perto em segundo lugar. Depois, Tauen, Clar, Maush e Tynnyn. A princesa Saruenne de Holt cortou tanto os cabelos como o nome, declarando-se príncipe Saru num gesto que os sacerdotes disseram ter muitos precedentes. Durante as semanas de luto, o império prendeu a respiração. Então o príncipe Kinnan anunciou a data de sua entronização e convidou os irmãos para comparecerem em paz em homenagem à memória do pai que partilhavam.

Mesmo agora a identidade dos homens que assassinaram a esposa e os filhos de Kinnan é incerta, mas eles não conseguiram matar o príncipe, e teve início a Guerra dos Sete Príncipes.

Nos anos posteriores ao primeiro derramamento de sangue apenas o caos reinou. As notícias corriam montanhas e planícies, lagos e oceanos, e davam conta de mortes, perdas e intrigas palacianas, e, às vezes, para aqueles que queriam escutar, do Imagi Vert. Um pescador cujo primo trabalhava nas cozinhas do palácio disse que, na noite da morte do rei Raan, quando os fogos se apagaram, uma forma humana, ou quase, fora vista cruzando a face da lua. Viera da direção da Torre Ilusória e retornara no sentido oposto. Uma mulher que viajava pelas terras do Imagi Vert no mesmo momento contou que as pessoas da cidade não tinham saído de casa naquela noite, deixando a noite fresca de verão vazia como se uma terrível tempestade tivesse desabado.

Algumas histórias até podiam ser verificadas. Sim, agentes do Imagi haviam procurado meia dúzia dos melhores fabricantes de espadas do império nos meses da doença do rei Raan. Sim, uma forja fora construída para proteção da Torre Ilusória, derrubada um mês após a morte do rei. Sim, um estranho chegara à biblioteca de Ahmon Suer nas semanas seguintes ao primeiro declínio da saúde

do rei e pedira um obscuro tratado sobre a natureza da alma.

Eram pouco mais que sussurros ao vento, mas os laços entre o Imagi Vert e a morte do rei começaram a contar uma história maior. Essa nova mitologia começou com as palavras do rei ao morrer e terminou com o plano de um homem para encerrar a guerra.

Essa colcha de retalhos de verdades e conjecturas se fez assim: em sua época, o rei Raan passara a temer a morte, ou, se não isso, pelo menos deplorar sua necessidade. Ele apelou a seu amigo e companheiro imortal, o Imagi Vert. Juntos conceberam um modo pelo qual o rei Raan poderia descartar o barro de sua carne, mas permanecer imorredouro. O Imagi Vert, por meios desconhecidos aos fiéis, capturou a alma do rei quando esta deixou o corpo, retornou com ela à Torre Ilusória e lá forjou-a numa espada. Aço e fogo formaram uma lâmina na qual o rei Raan poderia escapar de todos os fins.

E então… O que o mago que vivia fora do tempo faria com tal lâmina? Qual poder uma verdadeira espada da alma poderia oferecer? Simples palpites humanos parecem incapazes de investigar as profundezas dos ardis e das tramas do Imagi. Talvez a espada conferisse alguma vantagem mil anos depois. Talvez apenas oferecesse o prazer de realizar um feito que nenhum outro alquimista ousara tentar. Mas para os herdeiros do império? Para os homens, mulheres e crianças que enfrentavam a perspectiva de guerra, era um objeto ainda mais poderoso.

E assim, na capital de uma pequena nação à qual o rei Raan fizera uma de suas últimas visitas, na casa de uma mulher que, quase duas décadas antes, havia sido encarregada de criar o jovem príncipe Aus, o herdeiro mais distante do trono de seu pai fazia seus planos.

Ele passara a vida inteira sozinho, não sabendo nada sobre seu pai e sua mãe além de uma direção além do mar e uma garantia de que seu sangue lhe dava honra e dignidade, se não amor. Ele cobriu as belas paredes de pedra com carvão e cera enquanto mapeava sua jornada, as trilhas de seus pequenos exércitos. Era o oitavo na Guerra dos Sete Príncipes e aquele com a menor esperança de vitória no campo.

O campo não o preocupava. Para Aus, o caminho para a vitória não passava por campos de batalha, apenas pelos jardins e terrenos da Torre Ilusória. As ruínas onde a hera já engolia os restos calcinados de uma forja. Um templo de vidro verde. As ruas e os estábulos, os moinhos, as cozinhas e as fazendas das terras que não tinham rei. Lá, ou em lugar nenhum, estava a chave para a ambição de Aus, o príncipe esquecido.

Aus, cujo nome não era Simin.

— Eu sempre gostei de… *vidro verde* — disse o ladrão, com um sorriso arguto. A mulher de pé diante dele, de cabelos escuros e ombros largos, apoiou o machado no ombro e não disse nada.

O ladrão sorriu como se os dois estivessem partilhando uma piada, tocou no chapéu de aba larga e continuou a descer a rua. A cidade não revelava nenhum sinal de seu status assustador a não ser pela própria Torre Ilusória. Homens e mulheres cuidavam de seus assuntos cotidianos ali como em toda parte. Cachorros e crianças perseguiam uns aos outros sobre o calçamento de pedras ásperas e por grandes poças de lama parada. Pássaros observavam pousados em galhos de árvores cheios de folhas. Desde que a torre em constante mutação permanecesse escondida, aparentemente era possível esquecê-la. E o ladrão descobriu formas de se manter distante da torre.

Um homem de rosto largo puxando uma carroça de feno recém-cortado seguia pela rua, uma criatura de grunhidos suaves e ensopada de suor. O ladrão parou diante dele.

— Uma bela manhã. Eu me pergunto, meu amigo, se você saberia algo interessante sobre vidro verde? Eu tenho uma boa prata para trocar por boas palavras.

O carregador parou, olhou feio para o homem e deu de ombros antes de avançar. O ladrão sorriu atrás dele como se sua reticência contasse uma história mais clara do que toda a eloquência do mundo. Tirou um velho sextante de estanho do bolso da túnica, pendurou uma linha pesada com um pedaço de vidro carmim brilhante como uma joia servindo de pendente e fingiu fazer medições do topo das árvores. Ele se sentia um idiota, e um idiota com medo. Esperava terminar o dia caído numa vala com peixes comendo seus olhos. Mas também levava o trabalho a sério, então se fez passar por um idiota misterioso e esperou pelo melhor sem ser específico demais sobre o que esse melhor poderia ser.

Nos estábulos, o príncipe Aus se fingia de Simin, cumprimentando e ajudando sempre que tinha a oportunidade e, acima de tudo, escutando.

Do estalajadeiro para a esposa, enquanto cuidavam das parreiras atrás da casa principal: “Claro que mandei avisar a torre. Fui lá eu mesmo assim que o indiquei o quarto. Mas acredito que o Imagi sabia bem antes que eu dissesse alguma coisa.”

Da garota da limpeza para a mãe, enquanto iam para o mercado com os ovos do dia: “O Imagi mandou instruções à noite. Pequenos tentilhões com olhos furados que levavam pedaços de pergaminhos nos bicos. Bir [que Simin conhecia como o aprendiz do ferreiro] recebeu um, assim como Soylu.”

De uma das garotinhas tão coberta por lama quanto por seu vestido, enquanto

batia as mãos na água imunda perto de sua casa: “Ladrões e ratos, ladrões e ratos, e todos nós somos facas e gatos.”

Todos sabiam, como Simin esperara que sim, mas se algum entrara em pânico, ele não viu. Como um homem caminhando na direção de um cachorro na rua ao crepúsculo, a cidade observava, calma e firme, enquanto avaliava a ameaça. Mas pelo menos se sentia ameaçada, entretida ou no mínimo *interessada*. Dos seus maiores medos — tédio, resignação e indiferença — ele não viu nada. O ladrão era notícia na cidade, e isso era suficiente.

Depois do almoço, quando Simin tradicionalmente dava uma escapada para um longo cochilo no depósito de feno, o príncipe Aus seguiu pelo caminho que fingia ser uma trilha de cervos. Caminhou cautelosamente, atento aos sons acima dos zumbidos das moscas de verão e do sibilo do mato alto. O calor do meio-dia o encharcava de suor e o ar denso penetrava em seus pulmões como vapor. A Torre Ilusória mudava: uma espiral de pedras brancas e lisas subindo ao céu, um par de enormes curvas amarelas encaixadas uma na outra como o bico de um pássaro absurdamente enorme, um único bloco não trabalhado de obsidiana esfumaçada. Enquanto se aproximava do local do templo de vidro verde, ele desacelerou ainda mais.

As pequenas marcas colocadas para alertá-lo se alguém passasse pela trilha permaneciam lá. A comprida folha de capim dobrada à altura do joelho ainda estava sobre a trilha. O fio fino como uma teia de aranha à altura da cintura ainda se movia à brisa grossa e preguiçosa entre uma árvore morta e um arbusto denso de folhas cortantes. O príncipe Aus sentiu a decepção aumentar em seu coração mesmo antes de fazer a última curva e ver o templo de vidro verde.

Talvez tivesse ficado menor desde que ele o descobrira — qualquer coisa parecia ser possível tão perto da Torre Ilusória. Ou talvez os primeiros acordes dissonantes da decepção apenas o fizessem parecer menor. O sol da tarde brilhava sobre as superfícies esmeralda onduladas, mas agora ele só via a poeira. Quando entrou e foi até o altar baixo, não experimentou nada da sensação de assombro e certeza que tomara conta dele na noite em que descobriu o templo. A poeira que ele espalhara tão cuidadosamente na esperança de revelar as pegadas dos desatentos permanecia intocada.

O ladrão chegara, fizera sua ameaça, e ninguém reagira. Nem as pessoas da cidade nem o Imagi Vert. O príncipe Aus disse a si mesmo que deveria estar contente. Ele preferiria ter encontrado o esconderijo da lâmina, mas ter certeza de que o templo não a escondia aumentava seu conhecimento, eliminando mais uma possibilidade. Ele cultivava a paciência. Na maior parte do tempo. Seu único grito de frustração espantara os pássaros no topo das árvores, mas apenas

uma vez. Ele não repetiu isso.

Voltou pela trilha, apressando-se para retornar ao depósito de feno antes que alguém esperasse que já tivesse acordado. Enquanto se apressava, ele sentia sua falsa persona assumindo seu lugar. Simin, o vagabundo. O garoto idiota demais para ter uma história de vida que merecesse ser conhecida. Simin, o banal. E talvez tenha sido por isso — o papel que ele desempenhara antes se encaixando tão bem — que a garota da limpeza caminhando pela estrada para fora da cidade não o notara.

O mercado não ficava por perto. A mãe da garota não mancava ao lado dela. E algo sacudia e balançava às costas dela. Uma pequena bolsa de pano, suja de gordura. Do tipo que poderia conter um pouco de comida levada para uma viagem não longa demais.

Aus, ou Simin, parou, dividido entre dois impulsos: retornar à segurança antes que alguém pudesse descobrir seu disfarce ou… ver o que aquela garota fazia viajando sozinha tão longe de seus caminhos habituais. E com comida. E, sim, com um leve ar de empolgação furtiva. Aus sentiu as entranhas contraídas, um nó se formando no fundo da garganta.

Ele se virou, seguindo-a a distância e o mais furtivamente que podia.

A garota o levou para o norte, longe do templo de vidro verde, contornando a assustadora torre mutável. O sol fazia o carmim de sua echarpe e seus cabelos brilharem como um estandarte no campo. O calor estava no limite entre o agradável e o opressivo. A densidade do ar parecia indicar uma tempestade se aproximando. Ele se manteve à sombra dos galhos e nos limites do capim alto onde a curva da trilha a deixou quase fora de vista. O medo de ser visto cresceu dentro dele, transformando-se numa empolgação vibrante. A qualquer momento, o estalajadeiro do Braseiro do Viajante iria procurar por ele. A vontade de sair correndo o provocava, mas a sensação de estar prestes a descobrir algo determinante o impelia adiante. A garota, ignorando que o mundo dele agora girava em torno dela, caminhava e saltava, parava e olhava para trás, avançava. Uma mancha de suor escurecia as costas do seu vestido.

E, num trecho de sombras malhadas onde duas árvores cobriam a trilha, ela desapareceu.

Uma onda fria de pânico encheu o peito do príncipe. A garota havia sido uma ilusão, uma isca numa armadilha. Ou ela escapara e, enquanto ele ficava ali, de pé, corria para dar o alerta. Ele esperou, seu corpo rígido como madeira, e só avançou quando nada aconteceu após dez longas respirações trêmulas. O caminho entre as árvores estava livre. As folhas balançavam a uma brisa que quase não era sentida. A terra bem batida seguia adiante e atrás. Nada parecia

estranho ou deslocado, afora sua lembrança da garota e sua atual ausência. O príncipe se virou lentamente, piscando de confusão e assombro.

A perturbação do ar quase passou despercebida. Feita do nada, parecia não ser nada. Apenas uma falha na luz, como uma mínima ondulação no vidro. Mesmo quando viu ele duvidou, mas avançou, um pé depois do outro, e a paisagem se abriu diante dele como se ao caminhar para a frente ele contornasse uma curva na trilha e descobrisse novas paisagens. Uma encosta com grama verde e salpicada de dentes-de-leão se erguia aos pés da Torre Ilusória. Havia uma moldura de pedra na entrada de uma caverna, e, no ponto de transição entre a escuridão subterrânea e a luz do dia brilhante, a garota estava sentada com Bir, o aprendiz de ferreiro. Uma refeição de frango e pão fora colocada ao lado e a pequena bolsa de pano estava caída entre os dois. Eles só viam um ao outro, mas o príncipe Aus via tudo. O sorriso desajeitado da garota. A armadura mal ajustada e o machado de cabo de couro do aprendiz de ferreiro. As trêmulas formas após formas após formas da torre. Ele caminhou para trás. O mundo se fechou novamente ao redor dele até que se viu de novo sozinho na trilha, no mesmo lugar, mas não mais o mesmo homem.

Um caminho oculto pela magia. Um homem colocado ali para protegê-lo mesmo ao custo de seus deveres habituais. O templo abandonado já não o incomodava. Ele encontrara o que buscava. O Imagi Vert, alarmado com o ladrão, erguera suas defesas, e, ao fazer isso, revelara o que queria defender. Simin ou Aus recuou para a cidade, caminhando para a frente e para trás, apressando-se para evitar que desconfiassem de sua ausência, mas também decorando o caminho para quando voltasse.

O príncipe Aus passou o resto do dia dedicado a ser Simin. Limpou as baias e consertou o local na cerca do galinheiro onde algo da floresta fracassara em abrir caminho para dentro. Levou água do poço para a cozinha da casa e tortas da cozinha para o moedor em troca de farinha crua. Quando o estalajadeiro contou uma piada, ele riu. Quando a garota da limpeza passou por ali ao pôr do sol, com as bochechas rosadas e a manga suja de grama, ele fingiu não notar. A Torre Ilusória mudou: uma vara branca e cinza que cutucava a lua, um bloco de ferro como uma grandiosa bigorna com janelas brilhantes no alto e uma construção improvisada como todas as construções de uma aldeia desorganizada empilhadas e balançando à brisa leve.

O ladrão entrou no salão para jantar, comeu, bebeu e riu sem parecer ter qualquer preocupação no mundo nem qualquer interesse em Simin. Seus olhos azuis e alegres dançaram e brilharam à luz de velas, e ele bebeu vinho e cantou músicas como se tudo que tivesse acontecido se encaixasse em algum plano

inimaginavelmente complexo. Perto da meia-noite, quando o príncipe Aus cruzou o terreno furtivamente até o quarto do ladrão, a porta estava entreaberta, e o homem curvado na cama parecia uma pessoa totalmente diferente. Os olhos do ladrão estavam marejados e profundas rugas de preocupação e quase medo se fincavam em sua testa e nos cantos da boca.

— Não posso continuar fazendo isso — disse ele quando o príncipe entrou no quarto. — Eles sorriem e conversam quando os encaro, mas, assim que dou as costas, planejam meu assassinato. Mais um dia, no máximo dois, e uma faca vai ser cravada entre minhas omoplatas. Já posso sentir.

— Pode mesmo? — perguntou o príncipe, fechando a porta.

— Posso. Coça — respondeu o ladrão, passando a mão sobre o couro cabeludo e bagunçando os cabelos.

O príncipe sentou-se ao lado dele.

— Então é uma coisa boa que estejamos partindo esta noite.

O ladrão se assustou e ficou imóvel. Seus olhos arregalados passearam pelo rosto do príncipe.

— Sério?

— Eu encontrei um lugar. Uma caverna escondida na base da torre. Guardada por um homem que não é guarda por profissão e envolta em magia.

— E? — disse o ladrão, rindo como um riacho correndo. — O plano funcionou? O plano realmente funcionou? Que maldição. Imaginei que acabaríamos mortos.

— Está funcionando — corrigiu o príncipe. — Não funcionou. Não ainda. Você fica aqui. Não levante mais suspeitas. Mas, quando eu voltar, partiremos a cavalo.

— Entendido — disse o ladrão. E quando o príncipe se levantou para partir, ele se colocou de pé, procurou algo sob a cama e reergueu-se. Estendeu a bainha. — Leve isto. Para carregar a espada quando a encontrar.

Gentilmente, mas com firmeza, o príncipe recusou a bainha. O ladrão piscou, confuso.

— Não quero *reivindicar* a alma de meu pai — disse o príncipe. — Vim aqui para destruí-la.

O príncipe se moveu pela escuridão, uma sombra entre as sombras. A noite não lhe causava medo. Sua capa preta justa, a faca embainhada na cintura, as botas macias e o rosto sujo o faziam se sentir como um assassino típico de cais do porto. Disse a si mesmo que o nó em sua garganta e o coração acelerado

significavam animação, não medo, e dizê-lo tornava isso verdade.

Os arbustos e o mato ao longo do caminho tinham perdido o verde. A luz da lua recriava o mundo em preto e cinza. Animais se movimentavam na escuridão dos arbustos. As árvores esfregavam suas folhas criando um som de chuva leve. A Torre Ilusória variava e mudava como um ser adormecido incomodado por sonhos ruins, mas ele não conseguia ver os detalhes na escuridão. Sem nem mesmo uma vela, o príncipe refez o caminho que a garota da limpeza revelara.

Parou onde as duas árvores cobriam a trilha. A penumbra tornava a fissura de luz e ar invisível, mas ele se lembrava dela. Agachado, avançou a passos lentos. Forçou os olhos. Os encantos e feitiços do Imagi Vert podiam não seguir as leis da experiência humana. O que funcionava à luz do dia poderia falhar à noite. Mas, não, o mundo mudou tal como havia acontecido antes. A mata revelou um caminho, uma colina, uma caverna e a torre mutante onde estava a alma de seu pai, agora em forma de aço. Uma luz tremeluzente na entrada da caverna. Uma lanterna mal fechada. Ele deslizou para a frente, cultivando o silêncio.

Reconheceu o guarda-noturno, mas não sabia seu nome. Simin talvez tivesse encontrado com ele no mercado ou acenado para ele no moinho, trocado os cumprimentos simples de cidadãos que pouco se conhecem. Mas as circunstâncias os haviam transformado num príncipe do império e num servo de seu inimigo. Aus atacou do escuro, matando o homem antes que ele pudesse gritar. O príncipe viu a vida se apagar nos olhos da vítima. A guerra exigia outras vidas por todo o império. Crianças e mulheres morriam nas ruas de Baixo Shaoen. Soldados irrigavam os campos das Terras de Mattawan com seu sangue. O guarda engasgado em sua surpresa e em seu próprio sangue não merecia mais ou menos que os outros milhares de mortos. O príncipe Aus ficou por sobre o homem que se tornava um cadáver. O assassinato não era dele. O rei Raan desencadeara tudo aquilo, então a responsabilidade era dele e de sua alma ainda não julgada. Se as mãos do príncipe tremiam depois da violência, isso provava apenas que a morte ainda o comovia, que sua humanidade ainda era superior à do homem que o gerara.

Tirou as chaves do quadril do homem morto, apanhou a lanterna ao lado do banco do guarda, que agora estava vazio, e adentrou mais a caverna. As paredes de pedra bruta, simples e sem gravações, curvavam-se, mergulhavam e subiam sem apresentar cantos ou umbrais. O ar fresco tinha cheiro de terra. O silêncio profundo fazia até mesmo seus passos furtivos soarem como gritos. E num trecho do corredor, semelhante a tudo o que viera antes, os ouvidos do príncipe de repente doeram, o ar o pressionou como se uma tempestade estivesse chegando, e ele soube que a Torre Ilusória estava acima.

Um brilho veio da escuridão mais funda diante dele, algo refletindo o frágil feixe de luz da lanterna. Parte da alma do príncipe o alertou para que retornasse, mas o comando mais forte de seu objetivo o impeliu adiante. O brilho aumentou e ficou mais forte até se revelar um largo umbral de latão com três painéis, gravações de glifos e desenhos que o provocavam no limite da possibilidade de leitura. Caso os tivesse visto em qualquer outro lugar, o príncipe Aus ainda os teria reconhecido como a entrada para o santuário e a sede do poder do Imagi Vert. Demorou longos e ansiosos minutos para encontrar a fechadura oculta entre as gravações — uma pequena placa de latão que se deslocava para revelar uma escuridão com uma forma exata —, mas por fim a chave do guarda morto se encaixou e girou. A porta se abriu.

O príncipe Aus entrou na câmara além dela.

Velas ardiam ao longo das paredes, mas não havia qualquer cheiro de gordura ou cera, e sua luz era mais macia que neve. No geral, a câmara não era mais funda ou larga que o salão do Braseiro do Viajante, mas, em vez de bancos, mesas e o comprido e baixo braseiro, havia pedestais espalhados pelo espaço como se a pedra tivesse crescido dos ossos da terra. Em cada um havia um objeto. Uma pedra preciosa lapidada, de tom vermelho-sangue, do tamanho de dois punhos cerrados. Uma boneca grosseira feita de corda torcida e um punhado de capim seco. O crânio de uma criança tão jovem que uma fileira irregular de dentes ainda assombrava o maxilar, esperando por uma chance de deslocar pequenos dentes de leite afiados. Aus caminhou devagar. Nenhum som o perturbava. A imobilidade da sala parecia profunda. Mesmo sua respiração parecia quase um sacrilégio naquele espaço. Uma taça criada para lembrar uma mão com dedos de nós grossos em concha. Um pote de cerâmica simples pintado com linhas pretas finas como uma pena. *Tesouros de uma vida prolongada séculos além do que deveria*, pensou o príncipe. Uma folha de pergaminho com a impressão verde de uma mão. Um ninho de pássaro feito de ossos compridos e finos.

Uma espada.

A garganta do príncipe enrijeceu, sua boca de repente ficou seca. A lâmina estava de lado. Pedras preciosas e prata trabalhada formavam um punho como o corpo retorcido de um homem. Uma gravação na forma de cordas torcidas corria pela lâmina, sinuosa como um labirinto. Ele estendeu a mão, hesitou e então, quase contra a vontade, tomou-a nas mãos. Parecia mais fria que a sala, como se consumisse o calor de sua pele. Tinha um equilíbrio perfeito. A melhor espada já forjada. Uma espada de impérios. Uma espada forjada de aço, magia negra e a alma de seu pai. Ele a brandiu suavemente, em parte esperando que seu gume

cortasse o próprio ar.

— Você a admira?

A voz, áspera e baixa como pedra arrastada sobre a terra, veio de trás dele. O homem estava de pé à luz de velas onde o príncipe podia jurar que não havia ninguém um instante atrás. A túnica escura do homem pendia rigidamente, como a casca de uma árvore transformada em tecido. Veias escuras se erguiam sob a pele branca como osso. Seus olhos gentis avaliavam o príncipe.

— Eu também a admiro — disse o homem branco. — Um bom trabalho artesanal merece respeito, creio, por mais que se desaprove o projeto. — Tentou sorrir e depois suspirou.

— Você é o Imagi? — perguntou o príncipe, em voz alta e sufocada. O medo corria em suas veias. Ele apertou a espada com mais força.

— Eu sou? — retrucou o homem branco, inclinando a cabeça. — Antes, eu era parte de algo maior, e a escuridão era meu lar. Mas agora? Eu desempenho o papel do Imagi, suponho. Sim. Portanto, posso muito bem ser o Imagi Vert.

— Eu sou Aus, filho de Raan. Você roubou algo de mim e do meu povo. Vim restabelecer o equilíbrio do mundo.

O homem branco pareceu se acomodar dentro de si. Não foi um movimento de paz ou aceitação, mas uma fixação, como um touro se firmando no lugar e se recusando a ser demovido. Uma enorme imobilidade irradiava dele tal como frio irradia do gelo. O príncipe sentiu a espada pulsar em sua mão, mas poderia ter sido apenas as batidas de seu próprio coração levemente em pânico.

— Que tipo de equilíbrio é esse? — perguntou o Imagi Vert, como se a questão despertasse um mínimo interesse, mas não mais que isso.

— Meu pai pecou contra os deuses — disse o príncipe, com a voz vacilante. — Usou seus poderes para enganar a morte. Para viver para sempre. Todo o mal que o mundo tem visto deriva desse pecado. A guerra que assola o império agora? Ela existe porque ninguém pode assumir o poder do império enquanto o antigo imperador ainda viver.

— É mesmo? — reagiu o Imagi Vert, erguendo pálidas sobrancelhas sem pelos. — Ah.

— Meus irmãos morrem pelas mãos uns dos outros. As maravilhas do império ardem. A ordem correta do mundo se desbaratou como ossos espalhados pela planície. Por causa disso — disse o príncipe, erguendo a espada entre eles. — Porque um velho covarde temeu morrer como devia. E porque seu mago de estimação escolheu partir o mundo. Você nega?

— Você gostaria que sim? — retrucou o Imagi. Seu sorriso podia significar qualquer coisa. — Como queira. Deixe-me pensar. Sim. Sim, tudo bem.

Primeiro a guerra, sim? Você diz que ela ocorre porque o verdadeiro herdeiro não pode assumir enquanto o imperador ainda viver. Mas houve usurpadores antes. Se o rei verdadeiro não pode governar, um rei não verdadeiro poderia, mas não o fez. A história do mundo está cheia de reis que abdicaram por cansaço, amor ou intolerância religiosa. Considere que a guerra veio não porque o rei Raan era um homem ganancioso ou mau, mas porque era infeliz.

— Infeliz — disse o príncipe. Não era uma pergunta nem uma concordância. Uma distância se estabelecera em seus olhos, e tinha a sensação de ouvir tudo dito diante dele como se escutasse de outra sala.

— Ele nunca foi dono da própria vida. Dever e necessidade o mantiveram na prisão mais gloriosa que a humanidade poderia conceber, e a inveja dos outros tornava esse confinamento tão solitário quanto o de um monge. Mesmo em meio às multidões que o adoravam, seu pai viveu sozinho. Outros sonham com poder e reino. Com mais dinheiro, mais sexo e mais respeito. Assim como você. Você diz que veio aqui para… O quê? Salvar o mundo do seu pai? Vingando-se do homem que o deixou para trás? E a confluência desses motivos não o fez pensar, hã?

O príncipe recuou um passo. O chão parecia ter se movido abaixo dele, mas as chamas das velas permaneciam retas. Nenhum dos tesouros sacudiu em seus lugares.

O Imagi deu de ombros, um gesto lento e poderoso.

— Tudo bem. Tudo bem. Vamos imaginar que você consiga o que alega querer. Você mata o rei imorredouro e toma seu trono. O que irá querer então? Quando a solidão e a melancolia se abaterem sobre você, e já tiver tudo o que aspirava e não houver ambição mais elevada, o que irá desejar como bálsamo?

— Eu não precisaria de um.

— Você está enganado — disse o Imagi. As palavras atingiram o peito dele como um soco. — Seu pai desejou uma vida que não viveu. Uma vida simples, com as liberdades invisíveis a você e aos outros. Ser um padeiro, talvez, passando as primeiras horas do dia trançando massa e cheirando fermento e sal. Suando diante do forno. Ou um pescador consertando redes com seus irmãos e irmãs, filhas e filhos. Um cervejeiro, jardineiro ou gerente de tinturaria. Isso era tão interessante e exótico para ele quanto ele era para os plebeus. E ele ansiava pelo que lhe fora negado. Desesperadamente.

“Ele perdeu de vista o desafio que os filhos enfrentavam. Suportar sua infelicidade em silêncio custou a ele a força necessária para ser um bom pai. Impediu-o de preparar os filhos para a cela daquela prisão. Talvez ele visse isso como um ato de gentileza, não? De alguma forma confusa, ele esperava que, ao

afastar você e seus irmãos do trono, pudesse protegê-los de tudo que ele era obrigado a suportar. O amor é cruel assim, e os homens são tolos. Mas isso não seria suficiente para explicar por que tantos de vocês, sim, e isso inclui você, estão tão desesperados para matar uns aos outros para ter o que seu pai não queria?”

— A espada — disse o príncipe. — A alma de meu pai.

O homem branco balançou a cabeça, mas o príncipe não conseguiu identificar se sua expressão indicava tristeza ou repulsa.

— Você entendeu tudo errado. Não há alma nessa lâmina. Ela é bem-feita, mas não significa nada. Leve-a, se acha que isso irá ajudá-lo. Derreta, caso prefira. Eu não me importo.

Aus baixou os olhos para a espada em sua mão. As gravações complexas ao longo da lâmina pareciam uma escrita num idioma que ele quase conhecia. Ficou ofegante, como se tivesse acabado de disputar uma corrida. Ou fugido para salvar a própria vida. Tentou identificar as emoções que brigavam dentro dele: humilhação, raiva, desespero, angústia. A frieza do punho ficou mais intensa, como se ele segurasse uma lasca de gelo. Agarrou com mais força, convidando o frio para dentro de sua carne. De sua mente. Algo para enfrentar os exércitos furiosos em seu coração.

Gritou antes de saber que queria gritar. Girou a lâmina com força, iniciando o movimento em suas pernas, seu quadril, projetando-se para fora num único gesto fluido, estendendo a espada como se fosse parte dele. Os olhos do Imagi se arregalaram, e a ponta da lâmina cortou seu maxilar. O golpe soou como um machado cortando madeira. Não escorreu sangue do ferimento, apenas um fio de fluido claro.

O príncipe preparou a lâmina e golpeou novamente, gritando enquanto o fazia. O Imagi ergueu uma das mãos para bloquear o ataque, e os dedos sem sangue se espalharam pelo chão. Grandes talhos se abriram na pele branca; o corpo se lascava e desmontava sob o ataque. Se o homem pediu ajuda, os gritos de guerra do príncipe afogaram suas palavras. O príncipe Aus se viu parado, com o cadáver branco entre os pés, brandindo a espada para baixo sem parar, seu pulso e seu ombro doendo devido ao esforço. O Imagi estava caído, imóvel e morto, e sua cabeça era uma massa branca sem músculos, ossos ou cérebro. O príncipe Aus ergueu a espada novamente, dessa vez com as duas mãos, e enfiou-a fundo no tronco do homem branco. Jogou seu peso sobre ela, enfiou mais fundo e torceu, pressionando o metal com sua força, seu peso e sua vontade insana, forçando-o além da tolerância. Jogou todo o poder que tinha naquele único momento terrível.

E a espada quebrou.

O príncipe Aus caiu de joelhos. O coto da lâmina estava a poucos centímetros do punho torcido. O padrão labiríntico agora estava aberto, seus enigmas solucionados pela violência. Um caco de metal caído junto ao seu joelho brilhava à luz suave das velas. O corpo imóvel do Imagi Vert parecia uma colina, com o pedaço maior da espada se erguendo orgulhosamente dela como uma torre. Aus arfou e largou o punho congelante. Seu corpo inteiro doía, mas a dor física era o que menos chamava sua atenção.

Com a espada partida, e suas esperanças satisfeitas, ele aguardou alguma coisa. Uma sensação de libertação. De vitória. O grito inaudível da alma de seu pai finalmente libertada do mundo. Uma onda da energia mística que forjara o recipiente imortal. Qualquer coisa.

As velas lançaram sua luz. Os pedestais sustentaram seus tesouros. O silêncio o envolveu até que seus próprios soluços ruidosos o romperam.

Ele se levantou, instável como um bêbado, e chocou-se com um pedestal. O punho da espada quebrada escorregou de seus dedos dormentes e retiniu no chão. Um cheiro doce de terra se ergueu do homem morto, e a náusea que isso provocou impeliu o príncipe de volta à porta de latão. Ele deixara a lanterna cair em algum lugar. Não conseguia se lembrar de onde. A passagem de volta ao mundo estava escura como um túmulo, mas ele abriu caminho sem iluminação. Um passo após o outro e as mãos à frente do corpo para alertá-lo antes que batesse nas paredes de pedra. Sentia um gosto ruim na boca. Seus braços tremiam. Ele derramou lágrimas vazias sem dor ou catarse. Durante algum tempo, esteve certo de que a caverna se estenderia para sempre, que a morte do Imagi Vert também o lacrara dentro da tumba do imortal. Quando saiu cambaleando pela entrada da caverna, iluminada pelas estrelas, mais de metade dele achou que se tratava de um sonho. Visões de um homem perturbado. O guarda morto, caído em sua poça de sangue, trouxe o príncipe de volta à realidade. Era uma guerra. Era a guerra. Coisas terríveis aconteciam ali.

O céu da noite cintilava com estrelas. As árvores se moviam a céu aberto. Todo o mundo parecia terrível, bonito e vazio. O príncipe Aus se virou na direção da trilha, da cidade. Atrás dele, a Torre Ilusória, cujas raízes ele havia cavado, mudou, mudou e mudou novamente: uma torre tripla com pontes ligando as espiras como uma teia, um enorme dente apontando para o céu com um fogo de sinalização ardendo em sua ponta, uma coluna de vidro que se erguia na direção das estrelas e canalizava sua luz fraca para seu coração. O príncipe não a observou. A noite diante dele já apresentava terrores e maravilhas suficientes.

Ele seguiu até a trilha entre as árvores, na direção da cidade onde vivera o que agora parecia uma vida passada, até o Braseiro do Viajante, onde o estalajadeiro abrigara e oferecera um bom trabalho a um garoto chamado Simin, que, na verdade, fora um ser de falsidade e mentiras.

A porta do ladrão estava trancada por dentro, mas era possível ver a luz de velas tremeluzindo pelas frestas. O príncipe esmurrou até ouvir o chiado da barra se erguendo e a porta ser aberta. O ladrão piscou para ele, inseguro como um rato.

— Você parece péssimo.

— Temos de ir — disse o príncipe, cuja voz parecia pertencer a algum outro homem.

— Você já fez? Está acabado?

— Temos de ir agora. Antes da troca de guarda, à primeira luz da manhã, eu diria, mas pode ser antes. Pode ser agora.

— Mas…

— *Temos de ir!*

Os dois homens correram juntos até o estábulo, escolheram quais cavalos roubar e partiram a galope para a estrada. Viraram para leste, na direção dos primeiros fiapos de cor-de-rosa e índigo onde o sol nasceria para recebê-los. Um amanhecer que também aconteceria em outros lugares, sobre acampamentos de exércitos e cidades queimadas, campos não cultivados pela falta de mãos e comportas de rios quebradas por medo de que um inimigo as utilizasse. As ruínas do império, e uma guerra ainda sendo travada.

E nas profundezas da Torre Ilusória algo se moveu.

A princípio, o corpo se movimentou de forma sutil, tecendo lentamente uma nova pele sobre os piores ferimentos. Depois, quando terminou, ergueu-se sobre pés vacilantes. Olhos pálidos vasculharam a câmara de tesouros sem sofrimento ou alegria. A capa grossa rangeu e estalou enquanto o corpo — nem vivo, nem morto, mas um pouco de ambos — saía da luz para a escuridão. Sentiu um conforto vago na escuridão subterrânea, tanto quanto era capaz de sentir qualquer coisa.

A entrada da caverna surgiu cedo demais. Um corpo humano estava caído ali, uma coisa descartada e esquecida. O homem branco, com o maxilar ainda pendendo do crânio por fios de madeira, deu as costas à cidade e à torre, caminhando para as árvores onde não havia trilha. Ele se movia com a mesma determinação e velocidade que teria na estrada e não deixava rastros. A Torre Ilusória às suas costas mudou, passando de uma forma a outra, de um milagre a outro, fascinante como a echarpe de um artista de rua flutuando para desviar a

atenção do que a outra mão estava fazendo.

Pássaros acordaram, cantando sua cacofonia para o dia que nascia. A luz ficou mais forte, e a floresta deu lugar a um jardim simples. Largos canteiros de um solo escuro e rico, bem limpos para que nenhuma planta indesejada competisse com as cebolas, as beterrabas, as cenouras. Uma macieira baixa, de aparência cansada, curvava-se sob o peso de seus frutos e de uma rede fina que impedia que os pardais se banqueteassem deles. Nos fundos, perto de um poço, um barraco grosseiro se inclinava, pequeno, mas real, com um pequeno pátio pavimentado com pedras. Uma pequena fogueira murmurava e lançava fumaça enquanto aquecia uma panela de água para o chá.

O homem branco cruzou as pernas sob o corpo, pousou as palmas das mãos nos joelhos e esperou com uma paciência que sugeria que poderia aguardar para sempre. Um pequeno tentilhão passou voando, agitando as asas. Um cervo passou em meio às arvores no limite do jardim, mas não se aproximou.

A velha Au saiu do barraco e anuiu para ele. Vestia calças compridas com protetores de couro cobertos de lama nos joelhos, uma camisa de brim larga e botas rachadas, remendadas e rachadas novamente. Uma pá fina e a faca de jardinagem pendiam do cinto, e ela carregava um saco de pano vazio sobre o ombro. Dando um suspiro, sentou-se em frente ao homem branco.

— Então quer dizer que as coisas foram mal?

O homem branco tentou dizer algo com a boca arrasada, mas se limitou a anuir. A velha Au olhou para a água que fervia suavemente na panela como se pudesse haver respostas ali, ergueu-a e pousou na pedra ao seu lado. O homem branco esperou. Ela tirou um saquinho do bolso, pegou algumas folhas secas e jogou-as na água parada e fumegante. Alguns momentos depois, o cheiro de chá fresco se juntou aos cheiros de terra revirada e folhas molhadas de sereno.

— Você explicou que a guerra era apenas uma guerra? Que a humanidade mergulha em violência a intervalos de algumas gerações? Que o pai dele, no mínimo, era bom demais em manter a paz?

O homem branco anuiu novamente.

— E o garoto conseguiu ouvir?

Ele hesitou. Depois, balançou a cabeça. *Não, ele não conseguiu*.

A velha Au deu uma risada.

— Bem, nós tentamos. Toda geração é assim. Eles acham que os pais nunca foram jovens, que nunca estiveram sujeitos às confusões e à lascívia que os acomete. Nascemos antes da invenção do sexo, da perda e da paixão. Todos têm de aprender a seu próprio modo, por mais que possamos desejar dissuadi-los. — Ela mexeu o chá. — Você o alertou do que acontecerá assim que assumir o

trono?

O homem branco assentiu.

— Ele também não ouviu isso, não é? Ah, bem. Imagino que irá lembrar quando for velho e entender tarde demais.

A velha Au estendeu sua mão desgastada e tomou nela a palma sem dedos do homem branco. Ela o sacudiu uma vez, e ele se tornou novamente uma raiz branca, agora com cicatrizes e rasgada, mais branca onde a casca caíra. Levou a raiz de volta ao barraco. Ela poderia parti-la para fazer cobertura para as plantas mais tarde ou usá-la para esculpir algo. Um apito, talvez. Devolvê-la ao ciclo ou transformá-la em algo com que a natureza nunca sonhou. Eram mágicas simples, e por isso mesmo profundas.

Ela serviu o chá numa xícara velha e bebeu-o enquanto olhava o céu com olhos apertados. Parecia que seria um bom dia. Quente de manhã, mas com um pouco de chuva à tarde, imaginou. O suficiente para algumas horas de bom trabalho. Tirou a pá da cintura e arrancou um pouco de lama seca logo abaixo do punho usando a unha do polegar, cantarolando enquanto o fazia. E depois tirou a faca de jardineiro com a lâmina serrilhada para serrar raízes e o nome Raan Sauvo Serriadan gravado na lâmina num idioma que ninguém falava havia séculos.

— Há alguns bulbos no campo oeste que querem ser afinados — disse ela. — O que acha, amor?

Por um momento, a brisa e o canto dos pássaros pareceram se harmonizar, produzindo uma música profunda, algo como o murmúrio de uma voz. O que ela disse fez a velha Au rir.

Ela terminou o chá, jogou fora o que restava na panela e começou a caminhar na direção dos jardins e do dia de trabalho que teria pela frente.

C.J. CHERRYH

C.J. Cherryh é autora de mais de quarenta romances, ganhadora do prêmio John W. Campbell e de quatro prêmios Hugo e um nome de enorme importância na ficção científica e na literatura fantástica. Na ficção científica, ela publicou a série "Foreigner", em dezoito volumes, a série de sete volumes "Company Wars", a série "Compact Space", de cinco volumes, "Cyteen", de quatro, e muitas outras séries e romances isolados; na literatura fantástica, é autora das séries "Morgaine", de quatro volumes; "Rusalka", de três; "Tristan", de cinco, e "Arafel", de dois, e organizadora das coletâneas "Merovingen Nights", com sete volumes. Entre seus romances mais conhecidos estão *Downbelow Station*, *The Pride of Chanur*, *The Betrayal*, *Gate of Ivrel*, *Kesrith*, *Serpent's Reach*, *Rimrunners*, *Festival Moon*, *The Dreamstone*, *Port Eternity* e *Brothers of Earth*. Seus contos foram reunidos em *Sunfall*, *Visible Light* e *The Collected Short Fiction of C.J. Cherryh*. Seus livros mais recentes são dois romances da série Foreigner, *Visitor* e *Convergence*. Ela mora em Spokane, Washington.

Quase todos conhecem a história de Beowulf, um dos poemas mitológicos mais famosos da literatura, mas o que acontece uma geração *depois* dos acontecimentos mortais em Heorot, quando as ruínas estão silenciosas e tomadas por ervas daninhas? Aqui Cherry nos leva para conhecer o depois e lança-nos numa aventura não menos perigosa para um jovem em busca de sua herança familiar do que aquelas que se sucederam naquela noite fatal e assombrada por monstros muitos anos antes.

HRUNTING

C.J. Cherryh

— Que sua jornada seja rápida. Que os deuses o recebam com forte hidromel e belas mulheres.

Halli passou as mãos enlameadas sobre o triste montinho e piscou para afastar a garoa que prejudicava sua visão, tentando não pensar naquele corpo enrugado e encolhido sob a terra, tentando não imaginar a lama penetrando por entre as pedras que tinham colocado ali e se acumulando sobre o rosto velho e sábio. Grandes nobres repousavam em navios de pedra espalhados pela campina ou dormiam em enormes montes de terra, cheios de bens pessoais.

Um escravo podia ser enterrado num buraco enlameado. Pelo menos eles puderam fazer mais que isso. A caneca do avô, seu chifre de beber e um dos porcos foram enterrados com ele. Tinham penteado sua barba, trançado seus cabelos. Tinham cortado suas unhas, para que, em Ragnarok, o *jotunn* não pudesse convocá-lo para construir o navio de Nauglfar. Se tudo desse certo, o avô poderia encontrar segurança atrás dos muros de Valhalla. Ele não tivera uma morte heroica, para ser levado para os céus, mas Odin também convocava grandes homens. E o avô havia sido um *brehon*, um juiz, um sábio conselheiro. O Pai de Todos poderia culpá-lo por seu senhor não o ter escutado?

A chuva fina caía e formava poças no terreno revirado. O sol brilhara naquela manhã. A chuva começara no final da tarde, surpreendendo-os em seu triste trabalho. Halli e seu pai tinham continuado a trabalhar, aumentando o monte de terra, trocando poucas palavras, guardando o fôlego para cavar o terreno enlameado e empilhar terra sobre as pedras. No final, era lama que eles empilhavam, e o lugar de onde haviam tirado a terra se transformara numa poça.

O pai jogou uma carga molhada no monte, que chegava apenas à altura do joelho. A terra escorreu com a água.

— Chega. Chega. Está escurecendo. Fizemos o possível.

— Eu posso continuar.

— Ele era um velho ranzinza e exigente. Pelo menos não irá a lugar algum. Demos a ele o melhor porco.

O pai não ficara feliz com aquilo. Halli escolhera o porco, levara-o para fora e matara-o junto ao túmulo antes que o pai voltasse com as pedras.

— Vá se aquecer, *pabbi*. Eu termino.

O pai simplesmente olhou para ele. A água escorria de seu chapéu, pingava de sua barba. Eles haviam quebrado uma pá durante o trabalho. Antes tinham duas. Agora apenas uma, a outra precisando ser consertada, outro trabalho a ser feito, uma interminável sequência de trabalhos a fazer antes que as folhas caíssem. E isso era tudo o que existia para seu pai, Eclaf, filho de Unferth, filho de Eclaf, herói dos Skylding, forjador da grande espada Hrunting. O pai reuniu os pedaços quebrados e a pá remanescente, jogou-os no carrinho enlameado e empurrou-o para longe, agora vazio, um trabalho mais fácil do que tinha sido trazer as pedras.

A morte do avô era um alívio para o pai. O avô precisara de todo tipo de cuidados no fim da vida. A idade avançada o privara de todas as faculdades. E o pai dissera isto sobre o túmulo do avô: o avô Unferth era uma lembrança constante da desgraça da família, e eles tinham escolhido aquele lugar, perto de um dos grandes montes, mas escondido por arbustos, para que a aldeia esquecesse que ele estava ali.

Para que a aldeia esquecesse.

— Isso é errado — dissera Halli. — É errado que apenas nós testemunhemos. É errado que ele esteja aqui sozinho.

— Ele tem um nobre ao seu lado — dissera o pai. — É o melhor que podemos fazer por ele. Deus sabe que ele não fez nada por nós. Vamos beber a *sjaund* por ele daqui a sete dias e teremos toda a herança que ele nos deixou. Uma casa e três porcos. Pelo menos ele não perdeu isso.

Halli quis dizer que ele não perdera a espada. Ele a emprestara. Ele apenas a emprestara.

Mas eles não falavam sobre a espada.

Todos os outros falavam da espada quando o assunto era o avô. Ninguém nunca esqueceu.

Halli tinha outras lembranças. Sozinho à luz que desvanecia, ele alisou a lama e bateu nela para nivelá-la. Tentou imaginar o avô jovem e forte, entrando em Valhalla com os heróis. Um corvo passara voando naquela tarde, e ele esperara que fosse o olho de Odin, procurando o avô para chamá-lo aos salões dos deuses, novamente jovem, mas sábio como sempre fora. O Pai de Todos sabia a verdade sobre tudo. E o Pai de Todos, que dera um olho em troca da sabedoria, certamente compreendia o valor da sabedoria num juiz honesto, que ousara questionar a decisão de seu senhor e a reputação de um convidado.

O avô arriscara estar sob a ira de seu senhor Hrothgar, e não teve como provar que estava certo quando o alegre companheiro de Hrothgar, Aeschere, um

homem mais velho, de barba branca, censurou-o gravemente por tratar com descortesia um convidado. O avô se penitenciara belamente por isso — belamente, se Beowulf tivesse sido o herói que alegara ser.

O avô emprestara a ele o tesouro da família, a espada Hrunting, antiga e infalível quando usada por um verdadeiro herói. Ela nunca falhara nas mãos de um verdadeiro herói em batalha.

Até então.

Ele franziu o cenho. Concentrou-se em bater a lama, tornando-a o mais nivelada possível.

Ele nunca vira Heorot em sua glória. Nunca vira Hrunting. O pai dissera não ter lembranças de nenhum dos dois. Ele era jovem demais. O pai se lembrava apenas de fogo, quando Heorot tombara. A avó morrera naquele incêndio. O avô conseguira levar o pai para fora. Era disso que se lembrava. E então o avô construíra a pequena casa na aldeia de Lejre, perto das ruínas, dos túmulos dos grandes senhores e heróis.

Sua primeira lembrança do avô era de um rosto enrugado olhando para ele com olhos míopes, imaginando por que um menino tolo de cinco anos teria tentado alimentar os porcos sozinho. Naquele dia, ele ficara tão sujo de lama quanto hoje. Fora um dia como este, com chuva fina de verão, e a velha porca faminta o derrubara. O pai o resgatara e lhe dera um tapa de fazer os ouvidos zumbirem — de medo, após quase tê-lo perdido.

O avô lhe perguntara por que fizera aquilo. Era assim que o avô lidava com as coisas. “Por quê?” e “Por que não?” eram suas perguntas preferidas. Ele imaginou o avô em seus dias de juiz, usando ouro, e sempre, antes de algum julgamento, desafiando as pessoas com aquelas perguntas.

O sol já estava se escondendo debaixo da terra, e a chuva se reduzira a uma névoa. Era uma hora traiçoeira, uma hora para temer fantasmas. Mas não o do avô. Se algum *draugr* se levantasse de seu leito de pedra e começasse a andar, o avô se levantaria e protegeria o neto. Halli confiava inteiramente nisso.

— Rá!

Seu coração parou. Ele se virou, vendo formas na névoa, mas não eram fantasmas. Homens jovens. Quatro. Exatamente os que ele esperara que nunca visitassem aquele lugar.

— Ora, ora, ora. O que temos aqui? Um mendigo, um verme, abrindo caminho na lama?

Halli enrijeceu, passando a mão enlameada sobre o rosto lenta e deliberadamente, e ainda mais devagar se levantou para encarar o dono daquela voz.

Mas não estava sozinho. Eileifr nunca estava sozinho. Egill. Hjallr. O primo de Eileifr, Birgir. Eles sempre estavam juntos. Halli pensou na pá, mas o pai a levara. Ele não tinha uma pedra sequer, um pedaço de pau para usar como arma. Estava afundado até o tornozelo na lama e na água, sem defesa.

— Ah, deixe-o em paz — disse Birgir, que tampouco era amigo dele. — Está enterrando o velho *nithing*. Daqui a sete dias, o pai dele poderá beber a *sjaund* e reivindicar o título para si.

Não tinha nem mesmo um cinto com fivela. Ele podia acabar com todos. Mas, sozinho, Birgir era mais pesado e mais alto que ele por uma cabeça. E eles sem dúvida estavam armados.

— O que você enterrou com o velho? — perguntou Eileifr. — Anéis de ouro? Uma grande espada?

Isso fez com que os seguidores de Eileifr gargalhassem. Eileifr era herdeiro de Ragnbjorg, o homem mais rico de Lejre. Naquele momento, Eileifr era um fantasma cinzento na neblina, mas certamente tinha uma espada e belos acessórios. Eileifr teria um navio no verão seguinte, e talvez, Halli esperava, levasse os amigos a bordo e todos afundassem no mar profundo.

— Onde está a espada, herdeiro de *nithing*? Onde está sua herança? Você vai matar todos os seus porcos e convidar a aldeia para o banquete do funeral?

— Aqueles porcos magros podem bastar para alimentar Birgir — disse Egill, provocando mais risos.

Qualquer resposta levaria a uma briga, da qual ele sairia derrotado. Poderia ser morto ali mesmo, e então seu pai estaria sozinho no mundo durante a velhice. Eles não tinham parentes. Viviam nos limites da aldeia. Passariam o inverno preocupados em manter os porcos vivos e caçando o que pudessem.

— Onde está a espada? — perguntou Egill, retomando o assunto. — Está enterrada com ele?

— A sorte de Heorot está — disse Eileifr. — Enterrada naquele monte enlameado. A sorte de Lejre. Com ela, a sorte do antigo senhor, sob pilhas de lama. Olhe para ele, o *nithing*, para a lua murcha, reduzida a apenas uma fatia, sem glória, sem coragem, vazia e faminta. Enterrar este velho idiota não dará fim à maldição. O ouro, sim. Suplique a mim, *nithing*, suplique pela permissão de saquear conosco no próximo verão.

— Rá! — foi o máximo que Halli conseguiu extrair da raiva que fervia dentro dele, raiva temperada com o frio bom senso do avô. Era hora de evitar uma briga, ou pelo menos conquistar um terreno menos encharcado. Correr? Ele iria andar. Se o atacassem, derrubaria um deles. Egill, talvez. Ele se concentraria em Egill. Eileifr usava cota de malha e tinha anéis nos dedos.

Ele caminhou. Passou por eles e ouviu as vaias e provocações, mas continuou andando, e eles escolheram não atacar… ou então dar-lhe um desafio mais justo. Ficaram para trás na névoa e na noite que chegava. Enquanto caminhava, Halli pensava que a qualquer momento uma pedra seria atirada e acertaria suas costas — essa era uma das diversões deles na aldeia —, só que todas as pedras por ali haviam sido enterradas no monte com o avô.

E se os homens não partiram para cima dele foi só porque uma surra ali, junto ao túmulo do avô, àquela hora, poderia se virar contra eles nas fofocas da aldeia. As pessoas faziam vista grossa para as atitudes de Eileifr, e se os fracos sofriam era culpa deles por serem fracos, mas atacar Halli à noite enquanto enterrava o avô… Isso os ligaria à lenda do seu avô, apenas mais um feito lamentável que pairaria sobre a longa e amaldiçoada existência do avô. Halli Eclafssen morrer desarmado, espancado até a morte junto aos pés do avô? Não era um feito nobre, e Eileifr tinha sede de glória… Como alguém cujo nome ele sabia, mas que o mundo nunca iria dizer.

Beowulf, o godo. O homem em quem Hrothgar mais confiara, desde que investira ouro no tio de Beowulf e comprara uma rixa de morte, pagando o preço pelo godo e salvando-o de seu destino. Hel não seria enganada. Ouro não acabaria com todo o ódio. Hrothgar ignorara o conselho do avô, o censurara por intermédio do amigo Aeschere e silenciara seus conselhos bem-intencionados. Mas os *skjalds* fizeram de Beowulf um verdadeiro homem.

Por quê? Porque Beowulf se tornara rei na Gotalândia. E dera o ouro que ganhara de Hrothgar. Com tudo isso a oferecer, Beowulf saiu com uma ótima imagem na lenda.

Assim como Hrothgar… por uma temporada.

Mas Beowulf tomara mais que ouro. Ele tomara Hrunting, a espada que não falhava em batalha… Mais que isso, ele a pintou como um fracasso, uma mentira e uma fraude.

E agora os dinamarqueses tinham um cão como rei. Um cão pequeno, de um olho só, um vira-lata que o rei da Suécia lhes impusera, dizendo que se qualquer homem fosse a ele e dissesse que aquele cachorro estava morto, esse homem veria a morte.

Isso significava dizer: “Preservem este rei, seus dinamarqueses brigões, já que seus nobres mataram-se uns aos outros. Preservem este rei. Mantenham vivo este cãozinho. E aprendam a se controlar.”

Era possível um povo ser mais rebaixado?

Tudo por causa da perda de uma espada. A perda de sua sorte.

A névoa escondia a aldeia, envolvia a pequena casa, envolvia tudo. Halli

puxou o cordão da porta, abrindo-a, e sentiu cheiro de cerveja, bem forte, e bastante derramada sobre as tábuas. Seu pai, ainda usando as roupas e botas enlameadas, estava sentado junto ao fogo, bebendo. Halli serviu uma caneca para si e sentou-se.

Agora havia uma pessoa a menos no banco. Mas tinha sido assim durante a doença do avô. Então eles beberam.

— Está satisfeito? — perguntou o pai.

Halli se fez a mesma pergunta. Pensou um pouco e bebeu dois longos goles que não serviram para acalmar a raiva que se agitava dentro dele.

Ele finalmente falou.

— Eileifr e seu bando já encontraram o lugar.

— Você brigou com eles?

— Eu estou morto? Então não. Não briguei — disse. Um terceiro gole, que desceu como uma vergonha amarga. — Você alguma vez viu a espada, pai?

— Não que eu me lembre — respondeu o pai.

— Eu sei por que o avô a emprestou.

— Hrothgar ordenou que a emprestasse. Porque ele insultou um convidado em Heorot.

— O avô questionou a reputação de um convidado. Ele deu espaço para que o homem respondesse com uma boa história, demonstrando bom humor, se pudesse negar. Beowulf negou apenas em parte. Não. Eu sei que seu senhor estava aborrecido com o avô naquela manhã, mas o avô disse que o encanto de Hrunting era simples. Ela nunca falharia em batalha se estivesse nas mãos de um herói. Ela falhou com Beowulf. Então isso prova que o avô estava certo em questionar o homem.

— Estar certo não nos fez nenhum bem. Beowulf perdeu a espada. E mesmo assim voltou vivo.

— E Hrothgar deu o ouro a ele. Hrothgar o cobriu com todo o ouro que poderia carregar. E Beowulf zarpou com ele sem nunca olhar para trás. Hrothgar achou que o ouro que dera traria guerreiros, que por sua vez trariam mais ouro. Mas toda a sorte foi embora com Hrunting. E os guerreiros foram embora com o ouro. Os godos de Beowulf fugiram para a Suécia e nos deixaram para enfrentar os francos e o Deus Branco, não com um rei, e sim um cachorro pulguento. Nossa sorte está no fundo daquele lago, com os ossos de Grendel, e a verdade está lá com ela.

— Nada que possamos fazer quanto a isso — disse o pai, levantando e servindo outra caneca de cerveja. — O velho partiu. A espada partiu. Teremos

uma *sjaund* em sete dias e podemos perder a casa e a terra se não matarmos pelo menos metade dos porcos e oferecermos um banquete para a aldeia. Vamos caçar amanhã. Vejamos se conseguimos voltar com peles para negociar e um modo de salvar nossos porcos.

Era a lei. Era a *sjaund*, a bebida pelo morto, que confirmava uma herança, e o que seu pai herdara se limitava a uma pequena casa com espaço apenas para porcos na parte mais baixa e talvez nenhum porco, porque tinham de alimentar a aldeia e partilhar a cerveja para que todos admitissem que a herança era deles por direito.

Eileifr e seu pessoal estariam ali, vangloriando-se de seu navio, vangloriando-se de grandes planos e de sua sorte.

O pai e a mãe de Eileifr estariam lá, desprezando a pequena casa e os parcos bens da família.

Seu bisavô Eclaf brandira Hrunting, ganhara ouro por suas batalhas, ajudara a elevar Hrothgar à altura que alcançara. Um grande homem. Um verdadeiro herói, que nunca perdeu uma batalha, que ajudou a manter os francos fora do solo dinamarquês.

E Eileifr zombaria deles enquanto o pai tentava imaginar um modo de salvar seus porcos.

— Não — disse ele. — Você caça, pai, e que Odin guie suas flechas, mas eu vou ao lago de Grendel.

— Não! Não. Nada disso.

Halli se levantou. Ele chegara ao limite. Não havia tirado o casaco nem as botas, e a cerveja o esquentara a ponto de suar. Foi até os ganchos onde penduravam o equipamento de caça e pegou o seu, junto com uma faca que usavam para trinchar.

— Filho — disse o pai, de pé. — Filho, isso é a cerveja falando. Tenha bom senso.

— Eu tenho, pai. Tenho bom senso. Vou a Grendelsjar para ver o que puder ver. Grendel está morto, não está? A mãe dele também. Que perigo pode haver?

— É um pântano podre. Um lugar amaldiçoado.

— A maldição é desistirmos. A espada não está perdida até desistirmos. E eu não vou desistir. O avô vai descansar melhor quando a tiver. E talvez não precisemos ter um cachorro como rei — disse, passando um pedaço de couro pelo buraco na faca de trinchar, amarrando-a e pendurando-a no ombro. — Você caça um cervo, pai. Eu vou caçar a espada. E voltarei antes da *sjaund*.

— Você está louco — disse o pai. Ele foi até a mesa no canto, pegou um pão coberto de cinzas, assado no dia anterior, segurou-o com os dedos enlameados e

entregou a ele. — Pelo menos leve isto. Dê uma olhada no lugar. E volte cedo. Eu terei um cervo e vou precisar dessa faca.

— Espero lhe trazer mais — disse ele. Abraçou o pai e deu tapinhas em suas costas. — Ache pelo menos um cervo para nós, *pabbi*.

Ele não saiu andando pela noite. Também não ficou sob o mesmo teto que o pai para ser convencido a desistir daquela loucura. Encontrou um lugar no velho depósito de feno de Olaf, e não era a primeira noite que passava naquele abrigo confortável, e partiu pela manhã, ao primeiro raio de sol em meio à neblina. Ele conhecia bem os campos ao redor de Lejre, mas quando chegou ao fim do último túmulo, pegou a velha trilha dos mercadores, o caminho em que as crianças de Lejre desafiavam umas às outras a simplesmente pôr os pés. Não era mais do que uma trilha de caça, mas, conseguindo ver, ele caminhou por ela bem além de qualquer ponto ao qual ousara chegar antes, andando com determinação e com uma lembrança persistente do encontro da noite anterior ainda viva dentro dele, pensamentos soturnos numa trilha amaldiçoada, lembranças do enterro pobre do avô e de seus vizinhos…

Seus vizinhos não tinham aparecido quando eles levaram o avô para ser enterrado. As poucas pessoas que circulavam tinham mudado de direção, entrado em casa e fechado as portas, como se o avô, morto, espalhasse azar sobre todos. Ninguém fora ajudar ou prestar condolências.

Eileifr os vira. Eileifr e seu bando haviam tomado muita cerveja e observado, esperando que Halli voltasse com o pai, e, quando não o fez, foram olhar. Mas a aldeia inteira soubera que o avô tinha morrido. As fofocas se espalhavam como fogo no mato. Estariam se espalhando naquele instante.

Você viu Eclaf esta manhã? Viu o filho dele? Bem, é um alívio para a aldeia que o velho finalmente esteja em seu túmulo. Já vai tarde.

Se nem ele, nem o pai fizessem a *sjaund* e perdessem a casa, ela seria reclamada, mas quem mais reivindicaria casa, terra e tudo mais além de Ragnbjorg, o pai de Eileifr? Não para morar lá. Não, Ragnbjorg tinha uma bela casa. Ele provavelmente criaria cabras na propriedade e usaria a casa como abrigo. Ou deixaria o pai de Halli morar lá como sitiante, trabalhando para ele.

A sorte dos dois poderia piorar ainda mais. Ele não conseguia suportar aquele pensamento.

Mas mesmo a raiva se esgotou quando a fome começou a deixá-lo tonto, e a neblina continuava densa, de modo que ele teve medo de ter saído da trilha.

Bem, então o melhor a fazer era sentar-se por um tempo, permanecer aquecido e comer um pedaço do pão que o pai lhe dera. A neblina podia

continuar densa em pontos mais baixos, mas pelo menos parara de chover, e quando o vento do mar soprasse, depois de meio-dia, a neblina se dissiparia. Ele tinha muita confiança nisso, mesmo que tivesse chegado a um lugar baixo e se deparado com um daqueles pontos que a neblina adorava.

Ao se sentar, ele teve o cuidado de permanecer voltado para a mesma direção que estivera seguindo, para não cometer um erro e acabar virado para o outro lado — trolls podiam espreitar em lugares desertos como aquele e tentar fazer as pessoas caírem em charcos e buracos. Trolls podiam se parecer com árvores, e havia algumas delas pelo caminho, ou com pedras, que não eram escassas ali, e uma faca de trinchar não seria uma grande defesa contra eles, mas Halli estava curiosamente acima do medo daquele tipo de mal.

Grendel estava morto, como ele lembrara ao pai. Se isso não fosse verdade, então havia o pior de todos os trolls a temer, ele e sua mãe, temendo o sol, saindo à noite, na neblina, em lugares escuros. Mas… *ele está morto*, disse a si mesmo. O avô estava convencido disso. A dupla nunca perturbara Heorot depois da volta de Beowulf, trazendo apenas o punho de uma espada que se provara útil contra a mãe troll quando Hrunting tinha fracassado. Halli ouvira essa história ser cantada, sobre como o grande herói sobreviveu, embora Hrunting não, de como Beowulf jogara Hrunting de lado e encontrara outra espada em meio à carga de ouro que trazia, uma espada forjada por *jotunns*, que derretera ao tocar o coração duro do troll.

Do fundo de Grendelsjar, o lago profundo, o grande herói trouxera a cabeça de Grendel e o punho da espada *jotunn*.

Mas a mesma canção dizia que ao partir de Heorot com uma enorme carga de ouro de Hrothgar, Beowulf mandara um homem entregar uma espada ao avô. Mandara um homem. E mandara uma espada. Como se isso compensasse ter jogado fora o tesouro da linhagem de Eclaf.

Só era possível ter pena dos trolls, a antiga espécie de pedra, terra e água, antiga como as colinas e vivendo sob elas. Eles mesmos eram *jotunns*, criaturas nascidas da terra e que preferiam lugares onde os homens não viviam. O Pai de Todos deixou que vivessem desde que não saíssem de seus lugares. Os grandes *jotunns*, os gigantes gelados, eram outra história, mas os trolls geralmente não se misturavam com ninguém, não causando mal algum.

Grendel cruzara esse limite e se tornara uma ameaça. Ele fora a Heorot à noite, hora que os trolls podiam viajar, entrara no grande salão de hidromel e matara os guerreiros que o ouro de Hrothgar levara até ele.

O avô o vira. “Alto como uma árvore”, o avô dissera, ele mesmo alto diante do fogo na lareira. O avô abrira os braços. “Largo como um urso e rugindo como

um. Essa era a voz dele. Como troncos sendo quebrados. Como grandes pedras rolando. Ninguém conseguia entender sua fala, mas eram palavras que ele dizia. Sua testa era inclinada. Seus cabelos e barba, desgrenhados. Vestia peças de armadura e usava como cajado uma muda de árvore cheia de nós, ainda com alguns galhos. Era uma sombra, e se movia com rapidez. Guerreiros saíram correndo em busca de suas armaduras, e Grendel avançou, arremessou bancos, balançou-se na viga principal e sumiu na escuridão deixando mortos para trás. Três desses guerreiros nunca mais foram vistos, quer tenham fugido ou sido mortos por ele."

Com frequência Halli pedira que essa história fosse contada, e às vezes Grendel era alto como uma árvore, em outras tinha a forma de um urso, mas no geral o avô tinha certeza dos três guerreiros.

Troll, talvez, mas ele tinha sido o troll desta terra. Parte de suas pedras, de sua terra, enfurecido com os homens de Hrothgar. Ou com Hrothgar, por motivos que as canções não contam.

Hrothgar também não tratara o avô bem. Hrothgar não o expulsara, mas ele nunca mais teve honra naquele salão. O avô tinha dito a Hrothgar para não dar sua filha em casamento a Ingeld. Hrothgar rejeitara friamente seu conselho, oferecera a paz a seu antigo inimigo e semeara a desconfiança em sua própria casa, gerando uma onda de mortes e derramamento de sangue sem igual nas lendas. Quatro nobres em um ano, dois em uma única hora. Isso derrubou Heorot.

Halli comeu um pouco do pão e cuspiu grãos de areia — o moinho deles não era dos melhores e estava piorando, era preciso tomar cuidado. Ele protegeu o pão dentro da camisa, sob o casaco, considerando que poderia precisar fazê-lo durar um pouco. Uma refeição por dia. Três dias eram tudo o que tinha.

Uma refeição e algum descanso. Seus pés estavam quentes por enquanto. Nada se mexia, nenhum som em todo o mundo. E o medo de trolls era pequeno durante o dia, como naquele momento. Ele puxou o capuz de pele de texugo sobre a cabeça, acomodou-se e dormiu um pouco, só um pequeno descanso antes de outro avanço rumo… A quê? O que ele veria? Um lago sobre o qual ouvira falar a vida inteira? Um buraco no lago, cercado de pedras, onde trolls tinham morado?

Ele estava cansado demais, infeliz demais para pensar sobre aquilo. Tinha um rumo, isso era tudo, e no momento estava aquecido, mantendo todo o calor do corpo dentro de roupas de lã úmidas e uma capa de couro.

Nada se moveu, até que uma brisa penetrou no capuz e tocou seu rosto.

Ele estava em outro lugar, quente, quente de sol. Um vento vigoroso

sussurrava no capim e a luz do sol brilhava nas pedras. Ele se levantou. Acima dele e um pouco distante, antes invisível sob a neblina, erguia-se uma colina. Naquela colina, madeira queimada, negra e quebrada, destacava-se contra um céu azul.

Heorot. O lugar amaldiçoado.

De fato havia sido um grande salão, maior que a casa de Ragnbjorg e quaisquer três casas da aldeia juntas. Ele se sentiu obrigado a ir até ela, ao menos para dizer que havia estado lá e tocado as vigas, que eram grossas demais para terem queimado. Aqueles troncos de madeira, cravados fundo na terra da colina, e as pedras da lareira eram tudo o que havia sobrevivido ao incêndio.

A avó morrera ali. Assim como toda a linhagem Hrothgar, todos os Skylding, filhos do meio-dinamarquês.

Ele percorreu o que teria sido o centro do salão, onde guerreiros haviam combatido Grendel. Viu uma elevação de pedra onde teria ficado o trono de Hrothgar, senhor do salão e de toda a terra ao redor. Viu um espaço vazio onde teria estado a porta.

Como Grendel entrara? Pelas portas? O avô dissera que eles haviam se trancado do lado de dentro — como não o fariam, com um inimigo do lado de fora? As saídas de fumaça? Elas eram pequenas.

Um encantamento? Talvez. Certamente havia runas e encantamentos de todos os tipos naquele lugar. Halli ficou de pé exatamente onde Hrothgar teria se sentado, à cabeceira do salão. Junto às paredes, sob o teto alto, haveria bancos, e neles os guerreiros teriam se sentado, contando histórias, bebendo, brincando do modo que os homens fazem. Travessas de banquete teriam circulado todas as noites num salão tão grandioso. Haveria todos os tipos de coisas boas, um banquete como Lejre nunca testemunhara, ele tinha certeza. Homens fortes e experientes em batalha haviam se reunido ali, toda noite um banquete, todo dia uma aposta e uma disputa, atraídos pelo ouro e pela glória de um grande nobre…

Homens fortes e experientes em batalha, armados e em grande número. Uma fortaleza cercada por um fosso duvidaria de sua segurança se um bando de guerreiros assim se lançasse contra ela.

E Grendel fizera de todos eles presas desamparadas?

Mas perdera um braço sob o aperto de um homem?

A força de um urso poderia arrancar um braço. Um grande urso poderia.

Será que Beowulf tinha mudado de forma? Mudara sua pele, mesmo que apenas por um momento?

Isso explicaria tudo. Ele sentiu um arrepio, mesmo ao meio-dia de verão,

pensando em tal batalha, um troll contra um mutante. Beowulf. Abelha-lobo. Comedor de mel. O povo antigo, o povo escuro e pequeno que transferia suas moradias e não criava aldeias, nunca dizia a palavra “urso”. Dizer um nome era chamá-lo, e eles temiam os grandes andarilhos da floresta, que ficavam sobre dois pés tal como um homem.

Comedor de Mel, era como o chamavam. Tal homem, ele mesmo um monstro, lutando corpo a corpo com o troll que andava pela noite e que fizera do salão de Hrothgar sua despensa. Que homem comum poderia fazer isso? E à noite, com a fumaça e o medo, quem conseguiria ver formas reais? Em meio aos gritos e berros, quem poderia diferenciar o rugido de um ou do outro?

Halli teve um espasmo nos ombros, uma espécie de estremecimento, olhando para os cotos dos batentes da porta voltada para oeste. Lejre também olhava para a mesma direção, onde ficavam o bosque de Nerthus, os palácios sagrados, os anciões escuros que comandavam a terra e a noite, que puxavam para baixo a dama Sol e reivindicavam o mundo até o alvorecer.

Heorot honrava aquela tradição de voltar as portas para o oeste. Mas não tivera sorte. Assim como seu nobre não tivera. A névoa persistia além daqueles batentes arrasados, colina abaixo. E Grendel certamente viera daquela direção.

Também naquela direção ficava Grendelsjar, o lago onde Hrunting repousava.

O troll estava morto, morta também estava a troll que o gerara, então ele não tinha medo deles. Heorot e os antigos poderes haviam tido seu duelo, e Heorot perdera sua sorte.

Mas aquele não era um lugar onde se demorar. O lago para onde ele estava indo era sinistro, mas aquilo era pior, onde tantos haviam morrido. Ele caminhou para longe de lá, passou pelo batente devorado pelo fogo e desceu a colina rumo ao oeste, sempre para o oeste, onde não havia nenhum sinal de homens.

A terra ficava mais agreste, tomada por arbustos onde os machados de Heorot haviam derrubado florestas e extraído madeira para o salão e lenha. Haviam crescido mudas de árvores e arbustos selvagens — cervos não pastavam ali. Era o que se revelava aos olhos de Halli. Não havia limites naturais para o crescimento vegetal, e árvores, sementes lançadas ao acaso, ainda não cobriam o terreno. Duas gerações de verões e invernos tinham se passado, mas os cervos não pastavam ali. Mais perto de Lejre era possível ver as florestas na direção leste, e os animais eram corajosos o bastante para se aproximarem regularmente da aldeia.

Mas não ali. Não havia sinal de cervos. Nem mesmo martas ou coelhos.

Sequer pássaros, agora que ele estava prestando atenção. Havia um silêncio no lugar. Uma pedra deslocada não assustava nada ao rolar, era o único som nas vizinhanças.

Ele finalmente chegou a uma floresta não derrubada, uma mata cercando um córrego que era a passagem mais fácil para sua jornada, mas também não havia trilhas de animais ao longo das margens, e a floresta ficava cada vez mais escura e densa nas duas direções.

Teria sido aquele o caminho de Grendel, aquele lugar raso, aquele fio de água correndo em meio às pedras?

Ali começavam a aparecer pedras maiores, e o caminho ficava mais escuro com o pôr do sol em algum lugar além da floresta. Ele se atrapalhou entre as pedras, ansioso para encontrar o fim daquele emaranhado, detestando a ideia de passar a noite naquele lugar morto.

E de repente viu a luz do dia, que morria por entre os galhos e arbustos, luz e o puro ouro pálido do sol. Ele redobrou os esforços, empurrou galhos para os lados e foi na direção da luz com toda a sua força, aliviado por haver um limite à floresta e pelo sol ainda não ter se posto.

A floresta terminava ali, abrupta, onde raízes se enfiavam teimosamente nas rochas, buscando apoio. E então viu o sol, e uma beirada, um penhasco, o céu dourado e um lago bem abaixo de seus pés, com água acumulada na rocha partida.

Halli se equilibrou segurando um galho seco, que estalou, mas resistiu, e firmou-se na beirada rochosa, vendo uma pequena cachoeira que corria sob seus pés e desaparecia pela beirada até o que certamente era Grendelsjar. A floresta o cercava, esparsa, algumas árvores brancas e mortas, caídas ou bastante inclinadas sobre a margem. Era muito inclinada, ele pensou, e ainda assim prestes a desmoronar. Ele se abaixou sobre a rocha sólida e olhou para onde aquele fio de água caía, branco, para onde ele mergulhava no lago abaixo, não sendo o único córrego a desembocar ali.

Grendelsjar. Seu coração bateu acelerado ao se dar conta de que realmente encontrara o lugar, de que o tesouro do avô estava sob aquela água negra, que poderia não ser tão funda quanto parecia ou tão escura quanto o crepúsculo sugeria.

Era uma altura de seis ou sete homens até o lago; caso ele tivesse caído, teria tido uma lamentável e fria surpresa após aquela longa caminhada, uma que poderia muito bem ter terminado com ele tombado sobre pedras afiadas, a pouca distância da cachoeira. Aquele lado do lago era um penhasco no qual ele estava de pé. O outro era uma margem pantanosa e baixa, e chegar até ela demandaria

uma caminhada muito maior.

Mas havia um segundo penhasco. Pedras muito grandes haviam caído daquele lado e criado uma escada para o nível inferior. Mudas de árvores haviam se fixado ali. Não era um declive recente, mas uma escadaria até a água.

Aquela podia ter sido a escadaria do troll, e o córrego acima, sua estrada pela floresta. Naquela água escura abaixo estava a espada do avô, e era como se o chamasse, querendo que ele descesse até ela e a trouxesse de volta. Ele começou a descer à luz fraca. As pedras enormes eram suficientemente firmes, mas as formas se revelaram traiçoeiras e difíceis, não o levando até a margem da água, mas a um platô acima dela.

Lá havia uma pedra branca que seus olhos identificaram à luz que se extinguia rapidamente; era uma coisa curiosa, diferente da pedra cinzenta. Uma mudança de ponto de vista revelou que não se tratava de uma pedra, mas de um crânio alvejado.

Não era uma companhia que ele quisesse ter no escuro, naquele platô estreito acima da água, mas subir novamente era tolice. O medo era tolice. Ele acabara de chegar ao platô, descendo uma parede arriscada, e não era aquilo o que os *skalds* cantavam? Ele não sabia qual ornamento a troll colocara acima da sua porta?

Aeschere, amigo e conselheiro de Hrothgar. Sua cabeça fora o preço sangrento que a troll cobrara pela vida do filho. Ela levara a cabeça de Aeschere e a colocara acima de sua porta.

— Bem, senhor — disse Halli, sentando-se numa grande pedra caída. — Bem, o grande herói poderia tê-lo levado para ser enterrado em casa. E não fez isso. Ele não fez muitas das coisas que os *skalds* dizem que ele fez.

— Unferth? É Unferth aí?

O coração de Halli quase parou. Ele respirou fundo, inicialmente dizendo a si mesmo que estava enganado, que aquilo era o sangue latejando em seus ouvidos, o esforço que fizera para chegar até lá embaixo. Mas a voz repetiu.

— É Unferth?

— O neto de Unferth — disse. Não se deve dar um nome a um fantasma hostil, mas Aeschere não fora inimigo de seu avô. — Você é Aeschere?

— Aeschere. Sim — disse a voz, ficando mais forte. — Acho que dormi a noite inteira.

Houve um cintilar de luz na escuridão, uma figura empertigada composta de névoa quando não havia névoa alguma ali.

— Eu estava no salão — continuou. Algo que parecia ser um braço estendeu-se para fora. — Eu dormi. E acordei. Ela estava entre nós!

— Ela está morta — contou Halli. O medo vinha do fantasma como uma onda que afoga, acelerando o coração, deixando a pele fria. — Ela está morta, senhor, no lago abaixo de nós. Fique calmo. Ela não pode nos causar mal.

— Como está Heorot? Como está meu senhor?

— Isso foi há anos, senhor. Você adormeceu anos atrás. Heorot já não existe. Lorde Hrothgar partiu. Meu avô Unferth também — contou. Era a primeira vez que ele dizia essas palavras a alguém e isso causou um nó em sua garganta. — Ele acabou de partir, senhor. Anteontem. Ele estava velho, muito velho.

— Seu avô — disse o fantasma, imóvel por um momento, mas parecendo mais brilhante à medida que a luz do sol se extinguia. Surgiu um rosto barbado, com cabelos trançados, usando um colar de elos de ouro. — Unferth. Meu amigo. Morto.

Aeschere havia sido um bom homem, um homem de verdade, corajoso, segundo o avô. Corajoso, mas não sábio, e demasiadamente pronto a fazer qualquer coisa que Hrothgar quisesse, ficando ao seu lado, o avô tinha dito, mesmo nas maiores loucuras.

E em Heorot, naquela noite, Aeschere se lançara, desarmado, entre seu senhor e a mãe de Grendel. Fora a morte de um guerreiro, embora desarmado, e ela levara consigo sua cabeça. “Aqui minha vingança se encerra”, significara aquele ato, a cabeça colocada acima da entrada dos seus domínios. “A dívida de sangue está finalizada, a não ser que vocês a busquem.”

Beowulf buscara. Mas Aeschere permanecia ali, insatisfeito e inquieto.

O fantasma desaparecera com aquela notícia, eclipsando o rosto com mãos escurecidas, grandes, as mãos de um guerreiro, que já não podiam segurar uma arma. Anéis de honra e cicatrizes de guerra eram evidentes nelas. E elas apagaram a visão dele, apagaram sua presença, talvez, enquanto Aeschere tentava se lembrar de acontecimentos que não vivera.

— Beowulf veio — disse o fantasma. Suas mãos tombaram. — Ele mergulhou na água. E saiu novamente. Ela está morta.

— Sua vigia é bem mantida, senhor. Fez tudo o que podia. Eu preparei o túmulo de meu avô. Posso preparar o seu, caso deseje. Ele se lembrava do senhor como um amigo, embora discordassem. Seu senhor partiu. Todos os heróis partiram para o banquete dos deuses, meu avô também. Ele lhe dará as boas-vindas.

— O neto de Unferth. Filho de seu filho.

— Halli é meu nome. Halli Eclafssen — disse, tranquilizando o fantasma com uma dose de imprudente confiança. A bênção de um fantasma poderia significar boa sorte naquela aventura, mas fantasmas eram criaturas

temperamentais que só davam atenção aos próprios objetivos, à sua razão para permanecer. — Meu avô está esperando sua espada, que Beowulf abandonou aqui. Abençoe-me com sorte, guerreiro, enquanto desço e a encontro, e, quando subir novamente, eu o libertarei deste lugar para que possa se juntar aos outros. Mais que isso, contarei sua história e lhe darei a glória de guerreiro enquanto eles cantarem canções.

O fantasma brilhou até toda a sua forma estar de pé ali, faltando apenas os pés.

— O neto de Unferth tem toda a sorte que posso dar. Cante para mim as canções que você conhece. Conte como está Heorot.

Ele ousaria mentir? Isso poderia atrair uma maldição quando o fantasma descobrisse a verdade.

Ele poderia dourar os acontecimentos e parar enquanto a história ainda contasse a verdade. Deus sabia que os *skalds* faziam isso.

— Beowulf matou aquela que o matou, senhor. Hrothgar sofreu tanto por você que mandou Beowulf embora com um carregamento de ouro. O próprio Beowulf se tornou rei, e Hrothgar e a grande doação de ouro se transformaram em lendas. Os heróis que conheceu em Heorot foram feitos lordes nas terras vizinhas e tornaram a terra tão forte que o rei dos francos e seu Deus Branco nos deram as costas. O rei franco achou muito mais fácil guerrear no sul, em vez de aqui, onde vivem tantos homens grandiosos, e ainda não voltou. Todos os Skylding que o senhor conheceu estão sob grandes montes, e suas canções ainda são cantadas. Agora o mundo conhecerá seu papel em tudo o que aconteceu aqui.

O lugar se tornou menos claro. Halli descobriu uma névoa o cercando, mas não era fria. Ele, na verdade, sentiu-se separado do mundo e achou que devia estar com medo, mas não conseguiu pensar no que fazer nem na possibilidade de estar sendo arrastado para a própria morte. Ele se viu caindo no sono, quente, e cansado demais para erguer a cabeça e protestar.

Será que tinha contado verdades demais? Será que o fantasma sabia o que ele não tinha contado sobre o fim de Hrothgar?

A escuridão o envolvia, silenciosa, tão parada que ele ouvia apenas a pequena cachoeira gargarejando ao se jogar do penhasco, um fio fino, tão fino que um sopro podia rompê-lo. Isso era tudo o que o ligava ao mundo.

Até que um pássaro cantou.

Halli abriu os olhos. O sol batia em seu rosto, quente e branco num céu azul e limpo.

Ele ainda estava onde tinha sentado na noite anterior. Um crânio olhava pela beirada, branco e gasto, mas nunca tocado por uma fera ou ave.

A margem mais distante era tomada por pinheiros retorcidos e estranhos. Era como se a terra tivesse se aberto ali, com aquela encosta rochosa de um lado, uma floresta baixa do outro e o meio cheio de água escura.

Mas, quando ele se levantou, a água escura abaixo parecia límpida, ensombrecida como vidro escuro, e muito parada, nenhum vento a perturbava. Ele estava, caso as canções dos *skalds* fossem verdade, na própria entrada da caverna do troll, onde a troll colocara seu troféu sinistro. Estava o mais perto que chegaria de seu objetivo sem se colocar sob as águas. E o momento estava diante dele. Ele tirou a capa, depositou-a junto ao último pedaço de pão e se colocou na beirada. Olhou para a escuridão vítrea abaixo e hesitou, pensando em quão fria estaria a água, em quão diferente poderia ser a aparência de algo deixado muito tempo submerso, e em como, se ele deixasse aquele lugar e apenas dissesse aos outros que tinha ido até as profundezas, não haveria testemunhas para revelá-lo um mentiroso. Era um pensamento covarde. E ele odiou isso. Ainda assim, seus pés permaneceram firmes na pedra.

Não. Ele não podia voltar levando uma mentira. Respirou fundo várias vezes, deu um passo rápido e saltou para longe da beirada, pés à frente, queixo encolhido.

Seus pés tocaram a superfície, e a água subiu, fria, tirando o fôlego do seu corpo. Ele afundou com aquela força, e então, quando a água ao seu redor ficou imóvel, abriu os olhos numa visão escura de pedaços de pedra, provavelmente caídos do penhasco.

Em meio a eles, enquanto se virava na água, havia uma escuridão profunda em que não podia distinguir nada, apenas um lugar aonde a luz não chegava, uma caverna, talvez. Um lugar onde seria possível ficar preso, sem ar, afogando-se mesmo em água parada. Mas nadou na direção da escuridão, frio e desesperado, estudando todas as pedras em busca de qualquer vestígio de ouro; o botão de Hrunting, como o avô o descrevera, era um nó complexo de ouro, um metal nobre que nunca iria enferrujar ou escurecer.

A corrente o levou. Ele ficou desesperado por ar, sentiu o peito queimar, o coração pulsando em seus ouvidos, e, caso cedesse à ânsia de respirar, estaria acabado. Sentiu as pedras com as mãos nuas, tentou resistir à corrente, mas seus dedos não conseguiram apoio. Ele foi apanhado, revirado e movido contra sua vontade.

O peso da água diminuiu. De algum modo, ele estava subindo rapidamente e lutou para prender a respiração até chegar à superfície, engasgando, agitando os

braços para flutuar na escuridão total.

Seus pés encontraram uma superfície, algo raso em que ele conseguiu apoiar mãos e pés, com frio, pingando e cego.

— Veja — disse uma voz.

Ele ergueu a cabeça. Com a voz veio o calor, e com o calor veio a luz mais fraca que poderia existir, como a luz que revela o cordame de navios em noites tocadas por Deus. O fogo azul aumentou e passou sobre uma pilha de ossos, crânios e costelas de ovelhas e vacas, uma pilha de restos de um longo banquete. Ali, espalhadas em meio aos ossos, havia cinco, seis espadas, e elmos, armaduras, escudos quebrados. Entre tudo, erguendo-se em diagonal pela órbita de um crânio de vaca, uma espada, sem bainha, reluzindo desde a lâmina até o complexo botão de ouro que lhe dava equilíbrio.

Halli cambaleou para a frente, pousou a mão nela e segurou-a. O lugar ganhou cores, como se a espada fosse um archote brilhante como o sol. O avô nunca lhe contara algo assim. Mas ela o conhecia, Hrunting o conhecia. Ela reluziu com força, mostrou-lhe a caverna e, com ela, em seus limites rochosos, a casa da troll, com mesa e bancos, prateleiras arrumadas, panelas simples e humildes dispostas com organização, como qualquer boa dona de casa faria, bem diferente da pilha de restos.

Ele continuava ofegante. Virou-se e viu uma cama, e na cama alguém dormindo, foi o que pensou à primeira vista. Alguém de cabelos escuros, compridos e trançados. Uma camisola branca. E um punhal se erguendo de suas costas. Um cadáver, uma mulher, morta havia muito tempo, a julgar pelas condições do tecido e, quando ele se aproximou, pela carne ressecada.

Quem?, perguntou-se. Que mulher poderia ter sido aquela que não a própria troll, e uma troll podia ser tão pequena quanto ela?

E que grande batalha poderia ter sido, se havia uma espada cravada nas costas de uma mulher deitada na cama?

Não era a história que os *skalds* contavam.

Ele ergueu Hrunting, como um archote, mas as cores que ela mostrava ficaram borradas e novamente azuis. E a mulher se moveu, virando a cabeça.

Ele recuou, chocado, mas o rosto que surgiu era bastante agradável, nem jovem nem velho, uma idade intermediária. A mulher começou a se sentar, transparente, deixando sua forma sem vida abaixo de si. Ergueu os olhos para ele e tudo pareceu silenciar. A água parou de bater nas rochas. E a caverna foi tocada por um fogo fantasmagórico.

— Mulher, mulher, o que aconteceu aqui? — perguntou ele. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

— Eles mataram meu filho — respondeu o fantasma. — E eu os matei.

Aquela mulher pequena, que nos traços e no tamanho era como as antigas mulheres que viviam nas florestas profundas, tinha matado homens em Heorot? Tinha voltado com uma cabeça e a colocado acima de sua entrada?

Ela era mais do que aparentava. Ele tinha a expectativa de que o fantasma crescesse e se elevasse acima dele, rangendo presas, agarrando-o com mãos frias…

Mas a mulher simplesmente olhou para ele com olhos negros como a própria noite, e ele sentiu frio, um frio cortante.

— Vocês tomaram nosso lugar sagrado para seus banquetes. Derrubaram nossas florestas para seus fogões. Deram nossos pastos aos seus grandes e lentos animais. Caçaram nossos cervos e nossas lebres. Caçaram-nos por esporte. Como não iríamos tomar seu gado? Como não tiraríamos comida de suas mesas?

— Senhora — disse ele, pois o respeito parecia sua única segurança. — Eu não fiz nenhuma dessas coisas. Devo partir e deixar que repouse.

Os olhos dela reviraram até que apenas o branco aparecesse, e ela jogou a cabeça para trás e soltou um guincho trinado. Depois, aqueles olhos escuros se fixaram novamente nele como fogo negro.

— Repousar? Repousar? Eu avisei meu filho, mas ele era jovem, era tolo, sentia raiva. Ele foi de mãos vazias contra suas espadas. Ele lutou. Pegou comida. E vocês o feriram, e ele morreu. Eu o enterrei. Com minhas próprias mãos eu o enterrei. E depois que o enterrei fui àquele covil de ladrões e cobrei em sangue o que me era devido. Eu dei um aviso. Minha vingança tinha terminado, a não ser que me ofendessem de novo.

— Você dormiu. Você dormiu, e alguém veio aqui e a matou. Ele tinha a espada do meu avô, emprestada a ele para lutar contra um monstro, como conta a história, mas ele disse que a espada falhou. — Ele encarava um fantasma superior, cheio de poder, e sabia que estaria morto se dissesse algo errado. — Esta espada é encantada, e sua obrigação é nunca falhar em batalha quando está nas mãos de um herói. Hrunting nunca falhou com ele. Ela falhou nas condições. Ele a atingiu pelas costas enquanto dormia. Não foi uma batalha. E, vergonha ainda maior, ele mentiu sobre a história.

— Verdade — disse uma voz vinda dos fundos da caverna. Halli se encolheu, mas não olhou naquela direção, temendo que o fantasma diante dele aproveitasse a vantagem. Seria o filho? O próprio Grendel?

— Senhora, acredito que você foi enganada — disse Halli. — Permita que eu deixe este lugar e contarei aos outros o que se passou aqui, juro.

— Ele sabe — disse a troll. — Aquele que está vivo sabe. O resto está morto.

O próprio assassino morrerá. Os ladrões já não estão na colina. As pradarias e as florestas irão se recuperar. E minha casa é minha novamente. Você pode enviar o vigilante aos seus deuses.

De repente, ela parecia mais alta. Mais alta e mais formidável, cabelos soltando-se da trança e voando sob um vento que absolutamente não tocou Halli. Ele olhou para ela e não recuou.

— Como posso chamá-la? — perguntou. — Como posso chamá-la, senhora, quando contar aos *skalds*?

— Eu não tenho nome — respondeu ela numa voz que era como o próprio mar. — Eu agora sou tudo. Vá embora!

Ele estava em águas profundas, no escuro, e subindo, subindo para chegar à luz do sol, o peito ardendo para respirar, a mão carregada.

Hrunting rompeu a superfície da água e brilhou à luz enquanto Halli dava pernadas e nadava na direção das pedras. Saiu arrastando-se, encharcado, pingando, e ficou deitado na pedra aquecida pelo sol até conseguir respirar sem arfar, até o sangue retornar à mão com a espada, e então ousou olhar para ela.

O brilho do nó de ouro ou da lâmina cinza-aço não havia diminuído.

Halli olhou para ela. Toda a mistura de fantasmas e escuridão tentava fugir de sua memória, pois o mundo inteiro parecia um sonho, exceto a evidência substancial em seu punho, a espada com o nó complexo e sua obrigação… Nunca falhar a um herói em batalha.

Será que ele tinha o domínio de tal coisa? Achava que não. Ainda assim, ela estava em sua mão e era real e impecável. Teria exatamente a mesma aparência de quando o avô a emprestou a Beowulf naquela manhã em Heorot. O botão teria brilhado daquele modo, um nó complexo apresentando uma pergunta.

Por que tal ornamento? E o avô, que era um juiz, um magistrado, não um guerreiro, como os heróis o teriam visto? Um homem de baixa estatura, que não era conhecido por sua atuação em batalhas. Uma pena que espada tão poderosa estivesse naquelas mãos, eles teriam dito. De fato um tesouro, um caminho para a glória para qualquer herói que a portasse. Mais que isso, proteção para qualquer reino defendido por tal herói: uma salvação garantida para os Skylding e derrota para qualquer inimigo que ousasse confrontá-los. Era um constrangimento que o dono da espada fosse um sujeito de mãos tão delicadas; ninguém temia Unferth. Eles o provocavam, o povo de Lejre, por ser mole, um homem que vencia com palavras e que golpeava secamente, homem comedido, que servia a um senhor que distribuía ouro, Hrothgar, o Generoso, Hrothgar, o que dava anéis.

Halli piscou, fechou os olhos com força e os abriu para ter certeza de que Hrunting ainda estava segura em sua mão.

Como tal sujeito podia brandir uma espada como aquela? O avô não era um herói. E nunca alegara ser. Um juiz era o que dizia ser. Um conselheiro, embora Hrothgar preferisse os conselhos de Aeschere, que sempre concordava com ele.

Por que o avô dera a espada a um estranho? De todas as coisas, o avô sempre fora reflexivo e objetivo, não tendendo a recuar de suas posições.

Um ornamento como aquele nó complexo dizia algo sobre o caráter da lâmina.

Ele não conseguia decifrar. Era o que era. Ele se arrastou, pingando, até ficar de joelhos, e pensou em questões práticas, em sua capa seca e quente lá em cima da pedra e sua pequena porção de pão mofado.

Ele olhou para cima, onde o declive, à luz do dia, mostrava um caminho para chegar até aquela elevação e honrar sua promessa.

Fez uma pequena tumba, com as menores pedras que conseguiu soltar em segurança do declive. Fez a tumba e deu a Aeschere metade do pão que tinha. Pensou muito, mas acabou acrescentando a faca de trinchar aos bens colocados na cova. Não tinham outra, mas ele tinha sua vida e sentia que Aeschere lhe desejara bem. Tinha a espada do avô como proteção, e talvez, com ela, o fantasma dele, mas não tinha certeza.

— Vá cuidar do pai se puder — desejou ao avô. — Eu estou bem. É o pai quem precisa de você. Vá levar sorte a ele na caça do cervo. Chegarei lá assim que puder.

Então colocou as últimas pedras no lugar, dando a Aeschere o melhor que podia, e tudo de que podia abrir mão, comeu o resto do pão e começou a subir o declive, o que não apresentava um risco pequeno. Apoiou os pés cuidadosamente e testou cada pedra, algumas das quais eram tão grandes quanto ele. Não enganara o fantasma de Aeschere, não lidara mal com a troll. Se qualquer um dos dois pudesse lhe dar sorte naquele momento, aceitaria com gratidão, e desejou ter dito ao avô para esperar só até que ele chegasse ao alto do declive.

Ficou contente ao chegar até o limite instável da floresta e ansioso para se afastar do penhasco, onde um passo fazia cascalho e pequenas pedras rolarem e quicarem sobre as lajes. Era provável que em algum degelo de primavera, depois que o gelo tivesse forçado seus dedos para dentro das rochas e fendas, aquilo tudo se soltasse e metade da floresta despencasse dentro do lago.

Ele não estava disposto a se demorar, nem por mais um momento. Enrolou a

capa sobre as roupas molhadas, a espada e tudo mais, baixou a cabeça e caminhou, agora para leste, na direção de casa, com seu tesouro.

Ele disse que estaria de volta antes da *sjaund*. Não levava nada que pudesse alimentar a aldeia. Chegou à área dos grandes túmulos com os pés feridos, mancando — arrancara tiras da camisa para envolver os pés dentro das botas, que não haviam secado — e faminto, já que um pedaço de pão velho havia sido sua última refeição, e desde então não comera nada além de alguns frutos de um arbusto e sementes que tinha encontrado. Ele não se demorara caçando nem tentara fazer uma fogueira. Simplesmente caminhara com a força que tinha e não encontrara desafios no caminho, mas também nenhum sinal de caça.

Ele finalmente mancou até o túmulo do avô, onde encontrou as últimas pedras deslocadas. O túmulo não fora violado, mas as pedras haviam sido chutadas. Coisa de Eileifr e seu pessoal.

Ele recolocou as pedras, uma a uma, com raiva, mas estava cansado demais para se aborrecer com idiotas. Alisou a terra. Quando terminou, simplesmente sentou-se ao lado do monte funerário e abriu a capa. Colocou Hrunting no túmulo do avô, um tesouro reluzente sobre a lama.

— Avô — disse ele. — Estou com ela. Eu a trouxe de volta. Não acho que eu deva usá-la. Acho que teria de ser tão sábio quanto o senhor foi, saber tanto quanto, e ademais ser um herói, o que não sou. Os heróis se foram, e todo o ouro foi dado. A não ser este. Eu o encontrei onde o homem a jogou, e agora sei por que a jogou fora. Ela não serviu. Ele tentou assassinar uma mulher em seu leito, e a espada não o obedeceu. Por isso ele não a trouxe de volta. Ela poderia desobedecê-lo novamente. Ela nunca falhou com ele. Ele falhou com ela. Foi o que eu aprendi.

Aeschere falara com ele. A troll também. Ele esperava que o avô também o fizesse, ali, uma só vez.

— Hrunting nunca falhará com um herói em batalha — murmurou Halli. — E seu botão é um enigma na forma de um nó. É um enigma que não consigo resolver. Você a emprestou a um estranho. Por quê, avô? Para provar que estava certo sobre aquele homem? Mas você nunca duvidou que estivesse certo, não é?

O silêncio durou um instante.

Então um pensamento lhe ocorreu.

— Ele não poderia cometer um assassinato com ela, poderia? Você era um juiz, e um bom juiz. A mãe de Grendel disse que estava vingada, e estava mesmo. Eles tinham matado seu filho. Ela tinha todo o direito de cobrar um preço. E o fez. Você era um juiz honesto. Sempre foi, não é mesmo, avô? A lei,

você dizia. Proteja a lei. Homens sábios a fizeram. Temos de protegê-la. Você deu Hrunting a ele para que não conseguisse matá-la. Para que não conseguisse fazer o que ele fez.

A maldição de uma mãe é poderosa. E a mãe de Grendel não era uma mulher comum.

Heorot queimara. Seus nobres mataram uns aos outros num frenesi de sucessão — um deles morrera apenas uma hora depois do anterior. O ouro partira com Beowulf e a terra tinha um cachorro como rei.

— Esse é o enigma, avô? Você não emprestou Hrunting para uma batalha. Você a emprestou para um julgamento, porque seu senhor não o escutou, e Beowulf certamente não o escutaria. A espada não a mataria. Ela não provocaria uma maldição. Só que Beowulf encontrou o lugar cheio de armas que podia usar. Essa foi a infelicidade da troll, e de Heorot. Sua maldição se abateu, certa como a morte, a despeito de você ter tentado impedi-la. Esse é o enigma de Hrunting?

Ainda silêncio. Ele se levantou e pegou a espada.

— Vou trazê-la de volta em breve, avô. Só vou mostrá-la ao pai, não à aldeia, para que aquele idiota do Eileifr não venha procurá-la. Embora fosse outro julgamento se ele a roubasse e partisse para seus saques. Ele não é um herói, certamente. Essa é uma espada que abriria seu próprio caminho pelo mundo, dando sorte apenas enquanto você se esforce para não usá-la.

Ele contornou o grande túmulo, com a espada novamente enrolada e escondida em sua capa. Caminhou até ver a casa.

Havia uma carcaça de cervo pendurada. Isso o alegrou imensamente. Um cervo não alimentaria a aldeia a não ser que preparassem enormes panelas de refogado, mas bastaria. Eles poderiam trocar a pele por cerveja. Lamentava ter de contar ao pai que perdera a faca de trinchar, e não podia, pelos deuses, sugerir que usassem a espada.

Mas pensou que seu pai o perdoaria. O pai perdoava quase tudo que ele fazia.

Foi até a porta, puxou o trinco sem cerimônia e entrou na casa quente e iluminada por um fogo forte. O pai deu um pulo para cumprimentá-lo com um enorme abraço, aliviado e contente. Ele bateu no ombro do pai com uma das mãos e recuou para mostrar a espada.

— Pelos deuses — foi tudo que o pai conseguiu dizer.

— Eu não queria deixá-la com ele antes de mostrá-la a você. Não quero que a aldeia a veja.

— Eles deviam vê-la!

— Pai, você conhece Eileifr e seus cães. Eles irão cavar. E eu prometi ao avô. Escute. Conheço o segredo da espada e sua sorte. Isso é o mais importante.

— Que segredo?

— Que é melhor tê-la do que usá-la. Eu sei por que o avô a deu, e sei por que Beowulf a jogou fora. Há muito sobre Grendelsjar que é incerto, e não acho que ainda estará lá daqui a alguns anos. Acho que a espada precisava voltar para casa. Mas não devemos usá-la.

— Eu me lembro dos heróis — disse o pai. — Eles eram dados a beber muito e empurrar crianças pequenas para fora do caminho. Eu também não queria ser um herói.

— Bom — disse Halli. — Bom. Fico contente. Fico contente que tenha tido uma boa caçada.

— Três cervos.

— Três!

— Meu melhor dia. Um depois do outro. Carne, couro e ossos. Negociei cada parte. Muita cerveja. Carne para a *sjaund*. Vamos nos despedir do velho com estilo.

— Eu perdi a faca. Bem, eu a dei — disse. Uma olhada na direção da parede revelou uma bela faca nova, de lâmina cinza, brilhante e tão afiada quanto um ferreiro conseguiria deixá-la naqueles dias. — Essa é nova.

— Sorte — disse o pai. — Pura sorte. Nunca fui um bom caçador. Mas agora tenho um nome.

— Sorte. Fogo quente. Carne suficiente para comer e alimentar os vizinhos.

Halli estava ansioso para jogar-se no banco diante do fogo e comer um pouco do cozido que ele farejava. Seus pés doíam terrivelmente, e suas pernas quase tremiam de exaustão. Mas lhe ocorreu que a sorte de Hrunting era perigosa, e o avô a administrara bastante bem, sem qualquer motivo de vergonha. Ele agora sabia disso.

E se a espada enterrada no solo era tão boa quanto nas mãos de um homem, que ela repousasse lá com seu enigma para sempre.

— Quero voltar ao túmulo do avô e deixar isto lá antes de dormir — disse. — Venha comigo. Vamos dar isto a ele, nós dois. Ele ficará satisfeito.

— A sorte voltou — disse o pai. — Nunca tive um dia como este em toda a minha vida. Três cervos. E se a sorte está de volta, então nossa família a terá, e se a tivermos, eles se esquecerão de todas as coisas ruins sobre o avô e lembrarão que ele era um bom juiz.

— Ele era, sim — disse Halli. Cobriu a si mesmo e a espada com a capa. —

Ele era tudo isso.

GARTH NIX

Autor entre os mais vendidos nas listas do *New York Times*, o australiano Garth Nix trabalhou como promotor de livros, editor, consultor de marketing, relações-públicas e agente literário enquanto também escrevia. Tornou-se escritor em tempo integral após o sucesso da série "O Reino Antigo", reunindo as obras *Sabriel*, *Lirael*, *Abhorsen* e as duas mais recentes, *Clariel* e *Goldenhand*. Outros livros seus incluem a série "A Sétima Torre", com *A queda*, *O castelo*, *Aenir*, *Acima do v*éu, Em *guerra* e *A grande pedra violeta*; a série "As Chaves do Reino", incluindo *Sr. Segunda-Feira*, *O horrível Terça-Feira*, *Quarta-Feira submersa*, *O furioso Quinta-Feira*, *A sra. Sexta-Feira*, *Sábado Superior* e *Lorde Domingo*; e ainda obras de um só volume, como *The Ragwitch*, *Shade's Children* e *Newt's Emerald*. Seus contos foram reunidos em *Across the Wall* e *To Hold the Bridge*. Entre seus livros mais recentes estão a série "Troubletwisters", escrita com Sean Williams, o livro de ficção científica *A Confusion of Princes* e uma nova coletânea, *Sir Hereward and Mister Fitz: Three Adventures*. Seu livro mais recente é *Frogkisser!*. Nascido em Melbourne e criado em Canberra, ele vive hoje em Sydney, na Austrália.

No conto a seguir, nós nos juntamos a Sir Hereward e Mister Fitz na trilha de seu mais perigoso adversário, alguém que realmente não devem alcançar se quiserem continuar vivos…

UMA TRILHA LONGA E FRIA

Garth Nix

Sir Hereward cingiu o pesado manto de pele ao redor do corpo e levantou mais os pés, fazendo as botas em couro de foca saírem da neve com um desanimador ruído de sucção.

— Tem *certeza* de que a estrada está aqui embaixo? — perguntou ele, aparentemente para o vazio, pois ninguém caminhava a seu lado, e a paisagem gélida da neve quase descampada, pontilhada aqui e ali por raquíticas árvores moribundas, parecia destituída de vida.

— Sim — foi a curta resposta proveniente do longo cesto de vime que ele carregava às costas.

No momento seguinte, a cabeça redonda e calva de Mister Fitz, feita em papel machê, empurrou para trás a tampa e emergiu do cesto, que dois dias antes ainda guardava a roupa suja de um fidalgo rural. Esse fidalgo agora estava morto, junto com todos os ocupantes de sua propriedade, tanto humanos quanto animais. Como a montaria de Sir Hereward também fora abatida por estar próxima ao deusinho que matara o fidalgo, e as enormes selas com compartimentos eram grandes demais para movimentações a pé, a cesta de roupa suja estava sendo usada para transportar cobertores, lona, carabina, pólvora, balas, garrafas de água e comida.

Mister Fitz entrara no cesto quando a neve tornou-se funda demais, pois media pouco mais de um metro quando se punha ereto sobre seus pés entalhados em madeira. Sendo um boneco imbuído de vida com magia, ele não sentia frio, mas considerava a neve alta uma inconveniência. Nem tanto para viajar, pois era dotado de força sobrenatural, capaz de abrir caminho em meio à mais profunda nevasca, mas porque não gostava de ficar cercado por neve e pela consequente redução de seu campo visual.

Aquela neve não era um fenômeno natural. Assim como os corpos dessecados espalhados pela propriedade do fidalgo meia légua atrás deles, era uma indicação e um subproduto da passagem de um deusinho hostil tanto à vida quanto aos padrões climáticos típicos da região. A profundidade da neve e o vigor da tempestade — evidenciado pelos flocos que se acumulavam sobre o gorro de lã de Sir Hereward (seu elmo com a viseira de três barras estava

amarrado no cinto) — indicavam que o deusinho e sua relutante e adversa hospedeira estavam apenas trezentos ou quatrocentos metros à frente.

Era o mais próximo que a dupla formada por homem e boneco havia chegado após seis dias de obstinada perseguição sob condições climáticas cada vez piores, e também o mais próximo que desejavam chegar, pelo menos até que uma das primas de Sir Hereward chegasse com a relíquia com a qual poderiam destruir, ou melhor, exilar o deusinho.

Toda a questão parecia um sarcástico assunto de família para Sir Hereward, que avançava com dificuldade pela neve, usando seus depauperados sentidos para manter-se atento a qualquer sinal de que o deusinho tivesse parado para esperá-los ou dado meia-volta para retornar. Além de a portadora da indispensável relíquia ser sua prima, a relutante hospedeira do deusinho era sua tia-bisavó Eudonia. Notável feiticeira e, portanto, agente do Conselho do Tratado para a Segurança do Mundo, ela fora incumbida de banir o já banido, porém recém-redescoberto deusinho Xavva-Tish-Laqishtax.

Mas Laqishtax se mostrara muito mais forte que o esperado e conseguira se incorporar à pessoa de Eudonia. Como nem a feiticeira, nem o deusinho foram a princípio capazes de subjugar um ao outro num entrechoque de vontades, o deusinho se fortalecera sugando a força vital de qualquer ser vivo incapaz de lhe resistir, geralmente qualquer coisa viva a algumas centenas de metros de sua sórdida presença. Eudonia enfrentara essa tática o atraindo para as terras improdutivas e quase desabitadas do antigo reino de Hrorst.

Entretanto, a certa altura da semana anterior, Xavva-Tish-Laqishtax com certeza encontrara uma fonte adicional de poder — um pobre pastor e suas cabras ou coisa parecida — e conseguira subjugar Eudonia o bastante para redirecionar o caminho em direção às terras prósperas e densamente povoadas da autarquia de Kallinksimiril. Mais combustível a ser queimado pelo deusinho.

A propriedade na fronteira, onde o deusinho acabara de consumir tudo o que tivesse até mesmo uma fagulha de vida, fora apenas a primeira de muitas que havia adiante, para não mencionar a cidade murada de Simiril. Se Xavva-Tish-Laqishtax chegasse tão longe e incorporasse não só a força vital seus moradores, mas também a de sua deusa padroeira, a pequena divindade benigna que os moradores chamavam de Whelper, seria quase impossível derrotá-lo.

Assim, Sir Hereward e Mister Fitz espreitavam Xavva-Tish-Laqishtax a curta distância, torcendo para que a relíquia fosse logo entregue e lhes permitisse atacar.

— Seria melhor que Kishtyr acelerasse a viagem — disse Sir Hereward, lamentando-se ao tropeçar e cair de cara na neve. Após se levantar e espanar a

neve grudada na testa, acrescentou: — Simiril está a menos de cinco léguas à frente, e duvido que o lago que eles chamam de Mar Menor possa atrasar o deusinho um instante que seja. Não consigo entender por que Kishtyr não chegou na noite passada, ou pelo menos hoje de manhã. Além disso, acho que meu nariz está começando a congelar.

— Não é tão simples retirar uma relíquia da cripta — disse Mister Fitz em seu tom de voz didático. Ele fora pajem e depois professor de Sir Hereward. Na verdade, instruíra muitos exterminadores de deuses ao longo dos séculos. Portanto, ainda descambava para o didatismo à menor tentação. — Como são itens contendo essências destiladas e controladas de deusinhos particularmente hostis, as relíquias em poder do conselho são protegidas de muitos modos diferentes. Não podem ser retiradas às pressas. O trabalho ocupa várias feiticeiras durante vários dias e não deixa de ser arriscado. Pode muito bem ter havido alguma complicação.

— Já faz uma *semana* — resmungou Sir Hereward, franzindo o nariz algumas vezes na tentativa de aquecê-lo.

— Foram seis dias, e estamos a uma distância considerável de High Pale — observou Mister Fitz. — Hummm…

— O que foi isso? — perguntou Sir Hereward. Os sentidos do boneco eram muito mais apurados que os dele, sobretudo para coisas fora do normal. Ainda mais quando Hereward estava apanhando um resfriado. Embora seus ouvidos começassem a ficar bloqueados em decorrência do frio, ele achou ter escutado um grito distante e evanescente, subitamente interrompido.

— Xavva-Tish-Laqishtax encontrou mais pessoas para consumir — disse Mister Fitz. — Não… Não por completo, ao que parece. Sobraram alguns fragmentos da essência espiritual dentro das cascas.

Sir Hereward fez uma careta ao ouvir a palavra “cascas” e quase censurou Mister Fitz por descrever corpos humanos dessa forma. Mas não o fez, pois sabia que o termo fora bastante preciso e que Mister Fitz não privilegiava o sentimentalismo em detrimento da verossimilhança. Fosse o que fosse que tivesse sobrado das pessoas após a passagem voraz do deusinho, não seriam de fato mais do que cascas, coisas de carne sem pensamentos ou propósitos. A menos que um poder maior lhes tivesse inoculado um propósito.

— Ele encheu as pessoas com sua vontade — informou Mister Fitz. — E as está enviando contra nós.

Sir Hereward praguejou, deixou cair o cesto e soltou o capote, que ficou pendendo às suas costas. Mister Fitz pulou do cesto para o ombro de Sir Hereward e daí para a neve.

As duas pistolas do cavaleiro, de cano longo e rodete, já estavam carregadas com pólvora e chumbo prateado, mas os rodetes ainda não haviam sido girados. Sir Hereward, que usava a chave de rodete pendurada no pulso, pegou-a e, com a destreza de anos de prática, começou a dar corda à primeira pistola. Mister Fitz galgou agilmente um tronco morto e acinzentado que, até a passagem do deusinho, fora uma faia luxuriante. Sua antiga folhagem e grande parte da casca eram agora apenas um pó que, abaixo dos galhos, sujava a neve.

— Quantos? — perguntou Sir Hereward.

Em menos de um minuto e meio ele preparara ambas as pistolas, afrouxara a bainha da espada com a guarda em formato de cesta, colocara o elmo e, agora, retirava do cesto a carabina de pederneira de modelo comum.

— Oito — disse Mister Fitz.

— Desarmados? — perguntou Sir Hereward, esperançoso.

Pessoas recentemente despojadas da maior parte de sua essência espiritual muitas vezes conservavam uma lembrança corpórea do manejo de armas e ferramentas; isso significava que ainda sabiam lutar com razoável competência, mesmo quando dirigidas por um deusinho controlador e não por sua própria vontade.

— Agricultores — disse Mister Fitz. — Com forcados, gadanhas e coisas assim.

Sir Hereward deu um grunhido e carregou a carabina usando um polvorinho que encaixou na extremidade do cano. Já vira ferimentos mortais desferidos por forcados e foices em número suficiente para nutrir um saudável respeito até por armamentos agrícolas.

— Não posso usar a única agulha mágica que me resta — observou Mister Fitz. — Podemos precisar dela para nos protegermos da voracidade do deusinho. No entanto, vou colaborar o melhor que puder de modo mais mecânico.

Enquanto falava, o boneco apalpou as costas e extraiu, de uma bainha oculta, uma pequena lâmina triangular confeccionada nos padrões da proporção áurea, que, portanto, parecia mais larga que o normal. Alguns adversários — logo desenganados de suas ideias errôneas — achavam que aquela lâmina era pequena demais para ser perigosa, sobretudo nas mãos de um boneco. Os bonecos mágicos, em sua maioria, eram simples artistas de entretenimento que não desejavam ou não tinham condições de lutar em nenhuma circunstância. Mister Fitz não se enquadrava nessas restrições, embora fosse verdade que só lutava corpo a corpo quando não havia alternativa mais refinada.

— A que distância eles estão? — perguntou Sir Hereward, apertando às pressas a cinta do elmo e levantando a grande e espessa gola de seu casaco de

pele para proteger o pescoço.

— Veja você mesmo — respondeu Mister Fitz, apontando o dedo.

Hereward conseguia vê-los agora, vultos escuros nítidos contra a neve, movendo-se do modo deprimente, em zigue-zague e aos solavancos, característico das criaturas despojadas de seus espíritos.

— São nove — disse Sir Hereward com alguma surpresa, apontando para um homem à direita do grupo principal.

— Aquele não é um dos joguetes do deusinho — disse Mister Fitz após uma pausa. — É um homem inteiro… E ainda por cima tem uma aura que sugere um quê de magia. O que, possivelmente, explica por que se aproxima em diagonal em vez de estar fugindo, como seria de esperar.

— Devo atirar nele primeiro? — perguntou Sir Hereward.

Feiticeiros de fidelidade desconhecida vagueando no campo de batalha eram melhores se removidos da equação militar vigente.

Mister Fitz permaneceu em silêncio por alguns segundos. Através da neve cadente, seus pálidos olhos azuis fitavam a figura distante patinhando na neve, numa aleia formada por fileiras de árvores mortas.

— Não — disse ele, por fim. — É Fyltak, o homem que se autointitula o Conquistador de Deuses.

— Aquele charlatão! — explodiu Sir Hereward. — Se chegar mais perto, vou dar um fim nele com a espada, em vez de desperdiçar meu chumbo prateado no…

— Ele não é de todo charlatão, e pode ser útil — interpôs Mister Fitz. — Seja como for, os despojados de alma chegarão aqui muito antes dele.

— Eu não respondo pela vida dele — retrucou Sir Hereward.

Sua experiência anterior com Fyltak era recente e terminara com o Conquistador de Deuses levando o crédito pelo banimento do *ghoul* Bebedor de Sangue, um deusinho menor, mas ainda suficientemente letal, cujas predatórias incursões noturnas contra os habitantes de Lazzarenno haviam sido encerradas por Mister Fitz enquanto Sir Hereward se incumbia dos sequazes hematófagos do deusinho. Sir Hereward não queria que suas verdadeiras atividades fossem conhecidas, mas Fyltak atrapalhara os cuidadosos planos da dupla. O cavaleiro não se importara nem um pouco com as falsas alegações e as subsequentes recompensas, mas não conseguia perdoar Fyltak por sua desastrada interferência.

— Ele traz uma espada interessante — refletiu Mister Fitz, ainda olhando fixo para Fyltak, que atravessava a neve em grandes saltos, segurando uma espada desembainhada. — Eu não tive oportunidade de notar isso antes, mas acho que a espada é a fonte das emanações mágicas que senti. Não era o Fyltak,

afinal de contas.

— Humpf! — grunhiu Sir Hereward.

Espadas mágicas, de modo geral, causavam mais problemas que os mágicos. Sobretudo as do tipo sensível, quase sempre enlouquecidas devido a séculos de carnificina ou perturbadas por filosofias estranhas a respeito de quando (ou mesmo se) deveriam se dignar a ser empunhadas e por quem.

Após olhar ao redor, procurando a melhor posição de tiro, o cavaleiro chapinhou na neve e subiu numa rocha exposta. Após exame mais detido, percebeu que a rocha era um obelisco de mármore que havia tombado, um marco quilométrico do antigo Império da Lua Nascente. Talvez fosse um bom presságio, pois esse império fora um dos fundadores do conselho ao qual Sir Hereward e Mister Fitz serviam. Ou talvez fosse o contrário, pois, assim como o marco, o império caíra havia séculos. Tal qual a lua que lhe dera nome, lembrou-se Hereward com um *frisson* de melancolia. Era apenas uma lua pequena, mas formara uma enorme cratera quando caiu.

Os despojados de alma se aproximavam. Não usavam nenhuma tática, nenhum estratagema; o deusinho, com toda a certeza, simplesmente os enchera com ideias de deslocar-se em linha reta matando tudo o que encontrassem no caminho. Eram cinco homens e três mulheres, nenhum deles jovem, circunstância pela qual Sir Hereward sentiu-se grato. Mesmo sabendo que estavam mortos em todos os aspectos relevantes, ainda era mais fácil conceder a graça aos que já haviam desfrutado de alguma parte da vida.

Levantou a carabina quando o grupo se encontrava a cerca de sessenta passos. Após mirar cuidadosamente, atirou. A pesada bala prateada atingiu o peito do portador de gadanha mais próximo e o arremessou para trás, explodindo seu coração e seus pulmões. A essência do deusinho que estava no corpo tentou levantá-lo, mas a prata presente na bala de chumbo rompera o controle de Xavva-Tish-Laqishtax. Após alguns momentos se debatendo, o antigo agricultor ficou imóvel.

Sir Hereward depôs a carabina a seus pés. Talvez tivesse oportunidade para recarregá-la. Sacou então a primeira pistola e mirou novamente, apoiando o braço com a mão esquerda e imobilizando o ombro esquerdo como lhe fora ensinado havia muito tempo. Ao apertar o gatilho, o rodete girou, produzindo fagulhas. A pistola emitiu seu característico estrondo, e mais uma bala prateada atingiu o sem-espírito seguinte, explodindo sua cabeça como se esta fosse um melão apodrecido, chutado na feira por um cliente insatisfeito.

— Dois — assinalou Sir Hereward, devolvendo a pistola ao cinto e sacando sua irmã gêmea. Os servos de Xavva-Tish-Laqishtax começaram a se mover

mais depressa, sem dúvida infundidos com ainda mais essência do deusinho à medida que este percebia a oposição. Para abrir caminho na neve, eles davam grandes saltos.

Sir Hereward avaliou que não haveria tempo para recarregar as armas e atirar de novo. Soltou então um longo e enevoado suspiro, desacelerando a respiração, que estava mais rápida do que ele gostaria, e mirou novamente.

O terceiro tiro não foi tão bom quanto o primeiro, por alguma de muitas razões. Ele não achava que fosse pelo medo que guardava bem guardado dentro de si. Sir Hereward estava acostumado a administrar o medo, recorrendo a ele para obter forças e orientação em vez de lhe permitir que o dominasse. Não confiava em quem alegava não sentir medo.

De todo o modo, a bala atingiu a lateral de uma mulher que avançava com um serrote de poda e a fez recuar alguns passos para trás, porém não mais que isso. Se ainda estivesse viva, ou ao menos mais viva, o choque a teria tirado de combate, e a perda de sangue terminaria o trabalho em minutos. Mas seu corpo ferido já não era guiado por uma temerosa mente humana. Deixando uma trilha vermelha na neve, ela continuou a avançar, erguendo bem alto o destrutivo serrote de cabo longo.

— Pegue a que está ferida! — gritou Sir Hereward, enfiando a segunda pistola no cinto e sacando a espada num gesto bastante praticado.

Mister Fitz pulou de seu poleiro na faia morta e aterrissou nos ombros da mulher com o serrote de poda, cortando sua garganta até o osso e saltando novamente, quase num só movimento. Desta vez aterrissou na neve, desaparecendo sob as pernas de um dos cinco atacantes restantes, que continuou a caminhar, apenas para cair poucos passos depois com os tendões cortados. O boneco reapareceu em suas costas, exibindo apenas a cabeça e um braço fino como graveto, que logo desapareceu quando ele atingiu com a curta adaga a base do cérebro do homem.

Quatro outros se aproximaram de Sir Hereward, que se mantinha de pé sobre o antigo marco. Portavam forcados. Sem nenhuma organização tática, colidiam uns com os outros e agitavam as armas, cujos cabos também colidiam entre si. Após dar um pisão num dos forcados e se esquivar de outro, Sir Hereward atingiu primeiro um e depois outro sem-alma nos olhos. Enquanto retirava a lâmina do crânio do segundo, Mister Fitz despachou os dois restantes, golpeando-os na base do cérebro, pulando dos ombros de um para o outro e depois para a pedra.

Corpos moribundos se debatiam na neve em torno da dupla enquanto o deusinho tentava reanimá-los, mas tanto a espada de Sir Hereward quanto a

adaga de Mister Fitz tinham recebido banhos de prata; e, com o cérebro ou a medula espinhal rompidos, o deusinho não conseguia controlar nada para dar seguimento à luta.

— Segurem firme! Estou chegando para ajudá-los!

Fyltak, o Conquistador de Deuses, ainda pulava pela neve na direção deles, agitando a espada acima da cabeça. Movia-se bastante rápido, considerando a dificuldade do terreno.

Sir Hereward grunhiu, limpou a espada na túnica de aniagem de um homem que fora um agricultor e a repôs na bainha. Depois se inclinou e pegou a carabina, que prontamente recarregou com munição tirada da bolsa que trazia presa ao cinto.

— Não — disse Mister Fitz. — Acho que ele será útil.

— Eu não ia atirar nele — mentiu Sir Hereward. — Só estou me preparando para a próxima refeição mal digerida que Xavva-Tish-Laqishtax vai regurgitar e lançar contra nós.

Embora Fyltak tivesse chegado a eles muito antes do que Sir Hereward esperava, o cavaleiro ainda conseguiu recarregar as pistolas e a carabina. Também cingiu seu capote e recolheu o cesto, onde Mister Fitz tornou a entrar, deixando a adaga novamente invisível. Ele a limpara com sua língua de couro azul pontilhada antes de repô-la na bainha, algo que Sir Hereward ainda achava inquietante, embora o boneco lhe assegurasse que não tinha nenhum apetite por sangue. Sua língua era apenas um eficaz instrumento de limpeza. Além disso, em certas ocasiões, o gosto podia revelar algo importante que, de outro modo, poderia passar despercebido.

— Graças aos bons deuses ainda estão vivos! — arquejou Fyltak. — Mas saibam que, se tivesse sido diferente, eu vingaria vocês!

Ele embainhou a espada e inspirou fundo várias vezes, indicando o que Sir Hereward considerou uma falta de familiaridade com exercícios físicos ou talvez uma grande dedicação a bolos e cerveja, embora, contrariando essa suposição, ele fosse um indivíduo bem magro.

— Não gosto das suas bravatas, Fyltak — disse Sir Hereward. — É tão possível você nos vingar de Xavva-Tish-Laqishtax quanto eu voar sozinho até a lua mais próxima.

— Eu conheço essa voz — murmurou Fyltak.

Remexendo na gola de sua couraça um tanto grande demais, ele retirou um lornhão preso a um cordão de seda. Após colocar os óculos sobre o nariz, olhou para Sir Hereward, cujo rosto estava ensombrecido pelas barras de sua viseira. O cavaleiro notou, observando Fyltak, que as lentes lhe aumentavam bastante os

olhos. Era de se supor que fossem extremamente necessárias e que, assim, Fyltak devia usá-las sempre. Como não o fazia, é provável que não tivesse visto os detalhes do combate que acabara de ocorrer. Uma coisa útil de se saber.

— Sir Hereward! — exclamou Fyltak, deixando o lornhão cair sobre o peitoral de sua armadura. — O senhor chegou na hora certa, colega justiceiro e executor de deuses malvados!

— Não sou seu colega! — vociferou Sir Hereward. — Você para mim é como um… como uma pulga para um cachorro. Abominavelmente irritante e difícil de eliminar!

— Ah, o ronco de alguém que não tomou um bom café da manhã! — exclamou Fyltak. — Eu entendo. Também sinto falta da minha refeição, mas felizmente trouxe, dentro deste recipiente muito engenhoso, café ainda quente preparado na cozinha do duque de Simiril, e dentro desta lata redonda, bolinhos recém-assados da mesma cozinha. Permita-me estender um pano sobre essa pedra e montar um repasto!

— Um homem precisa comer — disse Mister Fitz, erguendo-se no cesto. — Além do mais, o deusinho fez uma pausa na viagem. E, no momento, não podemos nos aproximar.

— Ah, que boneco maravilhoso! — exclamou Fyltak. — Que tal você tocar uma giga alegre para nós, ou um rondó, para levantar nossos espíritos enquanto comemos e bebemos?

Evidentemente, Fyltak não tinha noção de que tipo de boneco Mister Fitz era e estava cometendo o erro comum de achar que ele era da variedade artística. Isso confirmou a dedução de Hereward de que o homem precisava mesmo dos óculos e apenas fingia usá-los por afetação. Uma espécie de cego em dobro. O cavaleiro sorriu e sentiu vontade de compartilhar esse jogo de palavras com Mister Fitz, mas o boneco sem dúvida não acharia engraçado. Para ele, todos os gracejos de Sir Hereward eram bobos ou, na melhor das hipóteses, não valiam o fôlego gasto para dizê-los.

— Receio que esteja frio demais para o meu alaúde. E minha garganta está um pouco enferrujada. Precisa de óleo doce — replicou Mister Fitz. — Um poema seria o suficiente? Preciso refletir um pouco para criar um, mas não quero fazer os cavaleiros esperarem pelo café.

— Eu não quero nenhum caf… — iniciou Sir Hereward, raivoso, mas sentiu nos ombros a pressão dos dedos de Mister Fitz.

O boneco via alguma utilidade em Fyltak, ou em sua espada. Assim, com algum esforço, Hereward conteve a ira. Além disso, o Conquistador de Deuses já abrira o “engenhoso recipiente” e um delicioso aroma de café quente havia

chegado às narinas de Sir Hereward.

— Normalmente não bebo café no meio de cadáveres — prosseguiu Hereward, sentando-se sobre seu manto de pele na extremidade oposta da pedra, tão longe quanto possível da neve ensanguentada e dos corpos caídos do outro lado. — Mas não há outro lugar onde sentar nesta nova terra devastada que o deusinho criou.

Fyltak entregou a ele uma pequena xícara de café. Erguendo uma das sobrancelhas ao ver a delicada xícara azul-clara e prateada, que com certeza não resistiria muito tempo a uma viagem longa ou a uma luta, Hereward tomou um gole.

Mister Fitz recitou seu poema enquanto os dois homens bebiam.

Macia, a neve cai
Vapor emana do café
Os trucidados, frios e inertes.

Fyltak meneou a cabeça várias vezes em reconhecimento. Sir Hereward, que se considerava um poeta muito mais hábil e talentoso que Mister Fitz, fez uma careta disfarçada para seu companheiro, indicando que poderia fazer melhor que aquilo, mas que iria se conter para não levantar dúvidas quanto à natureza do boneco.

— Qual… hã… deusinho está causando o problema? — perguntou Fyltak, após uma pausa conveniente para absorver a completa beleza do poema. — Está havendo um pânico considerável em Simiril. Muita gente já fugiu da cidade.

— Muito aconselhável — disse Mister Fitz.

Chegou mais perto de Fyltak, estendeu a mão até a espada do homem e, com seus dedos de madeira, executou um contido movimento de empunhá-la, logo interrompido. Sir Hereward notou a manobra. Fitz realmente estava interessado na arma do charlatão, que parecia desinteressante para o cavaleiro, apenas uma espada antiquada com um cabo de aço enegrecido e opaco que, pelo aspecto da bainha comum, tinha uma lâmina pesada, feita para machucar e cortar, não para golpes sutis com a ponta, muito provavelmente rombuda.

— Sua espada me interessa — continuou o boneco. — Sou uma espécie de estudioso de antiguidades. Estou percebendo que a fabricação é antiga.

— O quê? Essa velha lâmina?! — exclamou Fyltak. — Está na família desde sempre, mas não é nada especial. Ando com ela por motivos sentimentais, só isso.

— Entendo — murmurou Mister Fitz, inclinando-se mais para examinar o

cabo.

Fyltak passou a xícara para a mão esquerda e, com a direita, cobriu o cabo da espada, bloqueando a visão do boneco.

— Como eu disse, é uma arma bastante comum — bramiu ele. — Mas me falem sobre o nosso assunto! Qual é o deusinho? Quais são os poderes e as fraquezas dele?

— Nosso assunto! — exclamou Sir Hereward.

Ia continuar, mas Mister Fitz lhe lançou um olhar significativo que o refreou. Fyltak lhe ofereceu um bolinho, que era tão excelente quanto o café.

— Ele é mais propriamente conhecido como Xavva-Tish-Laqishtax — explicou Sir Hereward com relutância, entre duas mordidas, após perceber que Mister Fitz não iria esclarecer as dúvidas de Fyltak, talvez para que o Conquistador de Deuses continuasse a considerá-lo um boneco artístico inofensivo. — Porém, quando estava no apogeu, era mais conhecido como Xavva, o Devorador de Almas.

— Ah! — exclamou Fyltak.

— Você o conhece? — perguntou Sir Hereward, curioso.

O deusinho só fora identificado pelas feiticeiras após consideráveis pesquisas em seus incomparáveis arquivos, e isso só depois que Eudonia conseguiu obter uma amostra fresca de alguns “destroços” deixados por ataques do deusinho, que revelou a exclusiva faixa prismática de sua assinatura mágica.

— Não com esse nome — respondeu Fyltak. — Foi apenas uma exclamação. E as fraquezas dele?

— Não são muito aparentes — replicou Sir Hereward. Ele hesitou, sem saber quanto poderia contar a Fyltak antes de ter que matá-lo. O homem parecia inócuo, um inocente, ou bem perto disso. Somente sua espada lhe dava alguma importância, embora ele não soubesse ou não quisesse que outras pessoas soubessem.

— Ele deve ter alguma fraqueza — insistiu Fyltak. — Como Hereshmur descreve em *Banimento e prisão: M*étodos para *lidar com deuses rebeldes*, todas as entidades extradimensionais têm falhas.

— Ah, um erudito! — disse Sir Hereward.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Fyltak, franzindo a testa, pronto para detectar qualquer ofensa ou sarcasmo.

— Foi apenas uma exclamação — respondeu Sir Hereward. — Hereshmur pode muito bem estar correto, mas talvez se contraponha àquela famosa citação de Lorquar, o Executor de Deuses.

— Ah, sim — disse Fyltak, meneando a cabeça.

Sir Hereward, que inventara “Lorquar, o Executor de Deuses” naquele mesmo instante, amavelmente não revelou isso a Fyltak, mas atribuiu a esse personagem mítico uma frase frequente de sua mãe:

— Se a fraqueza de um pequeno deus hostil não pode ser discernida, será que existe uma fraqueza? Aja contra seus pontos fortes para aumentar suas chances de sucesso.

— E esse Xavva… hã… deusinho… Quais são os pontos fortes dele?

— Ele devora almas — disse Sir Hereward tristemente. — Suga toda a vida que existe em qualquer coisa que chega perto demais dele, e assim se torna mais forte. Se conseguir armazenar essência espiritual em quantidade suficiente, pode ser quase impossível bani-lo.

— Mas sem dúvida o senhor tem um plano, Sir Hereward.

— Tenho um aliado — respondeu Sir Hereward. — Que está demorando demais a chegar!

— E quem seria ele, senhor? — perguntou Fyltak, pondo-se de pé e enchendo o peito. — Pois ouso dizer que já tem um aliado diante do senhor!

— Sim — replicou Hereward ambiguamente. — No entanto, o aliado que estou aguardando é…

Uma vez mais, o cavaleiro hesitou, relutando em fornecer àquele impostor mais informações do que seria seguro. Fyltak assumiu uma atitude de expectativa, indicando que a falta de uma resposta poderia levá-lo a morrer de curiosidade.

— Já ouviu falar das feiticeiras de Har? — perguntou Sir Hereward. — Agentes do antigo Conselho do Tratado para a Segurança do Mundo?

— Como não?! — exclamou Fyltak. — Eu mesmo não sou um desses agentes?

Momentaneamente perplexo com a dupla negativa, Sir Hereward não respondeu por alguns instantes. Depois, explodiu.

— Não, você não é, portanto pare de falar bobagens! E antes que comece a berrar feito um peru que queimou as penas do rabo, pense no que acabei de lhe dizer. Uma feiticeira de Har, verdadeira agente do conselho, vai chegar aqui muito em breve, e essas feiticeiras não admitem impostores. Além disso, ela vai trazer uma arma que nós, ou seja, a feiticeira, eu e Mis…, quero dizer, a feiticeira e eu, vamos usar para banir Xavva-Tish-Laqishtax. E você, cavalheiro, devia logo dar meia-volta e partir o mais rápido possível, torcendo pelo nosso sucesso!

— O senhor está sendo afrontoso! — exclamou Fyltak. — Quando terminar com o tal deusinho, eu lhe darei uma lição de boas maneiras!

— Você não ouviu nem uma palavra do que eu disse? — advertiu Sir Hereward. Então se levantou e arremessou a xícara de volta para Fyltak, que num reflexo a apanhou. — Esse é um negócio sério, não é para sonhadores nem diletantes!

— Talvez seja melhor deixar que a feiticeira de Har decida quem é o diletante! — retrucou Fyltak. Enquanto falava, recolocou as xícaras de porcelana numa caixa bem forrada, que enfiou num bolso interno do capote. — Uma celebridade como eu ou um aventureiro abrutalhado que viaja com um boneco saltitante, tentando se engrandecer dizendo que é um exterminador de deuses!

A mão de Sir Hereward pousou em sua pistola enquanto a de Fyltak pousava em sua espada.

— Chega! — disse Mister Fitz em voz bem alta. — O deusinho está vindo em nossa direção!

Fyltak olhou para o boneco, mas Sir Hereward fitou o céu. A neve estava começando a cair mais depressa. Ele sentiu que o ar de repente ficara mais frio e que gelo se formava sobre seu nariz e suas bochechas.

— A que distância ele está? — perguntou, ansioso.

— Quatrocentos metros e se aproximando rápido — respondeu Mister Fitz, pulando para o cesto.

Sir Hereward saltou da pedra e começou a abrir caminho na direção de onde haviam partido, mas esse caminho estava começando a desaparecer sob a neve que caía.

— Por que está fugindo? — gritou Fyltak. — Covarde!

— Se chegar a menos de cem metros, Xavva-Tish-Laqishtax vai extrair o espírito de seu corpo tão facilmente quanto um homem bebe uma caneca de cerveja! — gritou Sir Hereward por sobre o ombro, sem interromper a marcha. — Fique e sua alma será consumida! Sua pequena vida não vai pesar muito na balança! Isso se você não congelar primeiro!

Poucos minutos depois, ouviu Fyltak resfolegando atrás dele.

— Então nós simplesmente fugimos?

— Ao retornar, o deusinho vai encolher, pois não vai encontrar novas vidas para consumir — explicou Sir Hereward de forma sucinta. — Se ele nos seguir por tempo suficiente, pode ficar fraco o bastante para ser despachado, mesmo sem a arma que estou aguardando, enviada pelas feiticeiras…

— O frio está aumentando — disse o autointitulado Conquistador de Deuses,

cuja respiração saía como uma névoa densa. Pingentes de gelo se formavam em torno de sua boca quando ele falava. — Muito frio.

— O maldito deusinho está usando sua força para criar um frio ainda maior. Está apostando tudo nessa perseguição — bufou Sir Hereward. O ar estava tão intensamente frio que respirar causava dor. — Fitz! Não podemos continuar assim por muito mais tempo.

— Um pouco mais! — insistiu Mister Fiz, de dentro do cesto. — Estou calculando. Temos de fazer o deusinho usar o máximo possível de sua energia armazenada, porque, com uma agulha só, não posso manter a coisa afastada por mais de vinte ou talvez trinta minutos.

— Q-Q-Que é essa… — perguntou Fyltak, com os dentes chocalhando. Ele cambaleava pela neve quebradiça, quase congelada, já acima de suas coxas. O ar se tornara tão denso com os flocos que nenhum deles conseguia enxergar muito além dos próprios braços estendidos. — Q-Q-Que conversa é essa de a-a-agulhas?

— A matemática é simples — prosseguiu Mister Fitz, ignorando a pergunta de Fyltak. — Se o deusinho esgotar suas reservas nos perseguindo ou tentando quebrar as defesas que vou erguer, ele não vai conseguir manter o controle sobre o corpo de Eudonia. Ela irá reafirmar seu domínio e se afastará pelo caminho de onde vieram. O deusinho ficará mais fraco. Nós poderemos ir atrás deles enquanto aguardamos Kishtyr para proceder como necessário.

— E-E se… ele não ficar fraco o suficiente? — perguntou Sir Hereward. Já não conseguia parar de tremer, e mal podia enxergar agora, com os olhos convertidos em fendas estreitas, cercadas de gelo. — Ou vamos congelar primeiro? Temos de parar e nos abrigar!

— Mais dez passos! — ordenou Mister Fitz.

Sir Hereward prosseguiu, mas cada passo que dava cobria uma distância menor. A neve estava à altura de sua cintura e cada vez mais compacta, indicando que ele tinha se desviado do caminho anterior. Ou que a neve caía tão depressa que não importava para onde ele fosse. Já não escutava Fyltak, mas também já não estava escutando muito, exceto o eco do próprio coração sobrecarregado. Sob o gorro de lã, suas orelhas estavam congeladas. Ele tinha a impressão de que o único som que captava agora provinha de seu interior.

Indistintamente, ouviu Fitz gritar alguma coisa e sentiu uma vibração às costas. Era o boneco pulando para fora do cesto, presumiu. Tentou continuar a andar, mas caiu de cara na neve, que estranhamente estava mais quente que o ar acima. Por um momento, ele achou isso bom, mas logo percebeu que se tratava de uma armadilha. Se não se levantasse de imediato, permaneceria ali e

congelaria até a morte. Gemendo, ergueu-se sobre um dos joelhos e, com frenéticos mas fracos movimentos, conseguiu limpar a neve do peito e se pôr de pé.

Fitz falou de novo, dizendo uma frase que Hereward não conseguiu discernir bem, exceto que incluía a palavra “olhos”. Ele sabia o que isso significava: Mister Fitz estava prestes a usar uma agulha mágica. Portanto, forçou seus olhos cobertos de neve a se fecharem por completo e enterrou o rosto na manga do casaco de pele.

Mesmo com essa proteção, uma radiação violeta atravessou o tecido, parecendo iluminar o interior de suas órbitas oculares e de seu crânio. Isso fez Sir Hereward gritar, assim como gritou com a irrupção de um bem-vindo, mas doloroso calor. Seus ouvidos se desobstruíram de repente. Ele ouviu Fyltak gemendo e Mister Fitz recitando instruções como se eles estivessem de volta à sala de aula em High Pale.

— Hereward, Fyltak. Não se mexam. Criei uma barreira mágica em torno de nós, que resistirá à voracidade do deusinho e também tornará o ar mais ameno. Mas o raio é pequeno, e se vocês cruzarem o limite, carne e ossos serão seccionados e a morte será instantânea.

Devagar, muito devagar, Sir Hereward abriu os olhos, piscando para espanar o gelo derretido. Estava de pé em meio a um riacho de neve derretida que atingia a altura de seus tornozelos e se escoava para o ponto mais baixo do terreno circundante. Mister Fitz, encharcado até o pescoço, estava de cócoras a seu lado. Seus dedos de madeira envolviam uma agulha que, mesmo amortalhada, brilhava com uma luz intensa demais para ser olhada, a não ser pelos cantos dos olhos. Uma trilha radiosa, não tão brilhante, assinalava o círculo que o boneco feiticeiro desenhara em torno dos três candidatos a exterminadores de Xavva.

Dando voltas no perímetro do círculo, Xavva-Tish-Laqishtax os espreitava. Gelo se formava instantaneamente sob seus pés. Hereward olhou para o atual aspecto físico do deusinho experimentando sentimentos conflitantes. Eudonia sempre o odiara, sempre o chamara de aberração, mesmo cara a cara: um garoto nascido de uma feiticeira, quando as feiticeiras só davam à luz meninas. Ela queria que ele fosse abandonado no alto das colinas de High Pale, destino que só foi evitado porque a mãe de Hereward era uma das três do conselho diretor. Eudonia também se opôs a que ele fosse ensinado pela senhora Fitz (o boneco era do sexo feminino então) e mais tarde tentara impedir que Hereward e o boneco fossem incumbidos, como companheiros, da eterna missão de livrar o mundo de deusinhos hostis.

Hereward a temia e retribuía seu ódio.

Mas agora também sentia piedade.

Xavva-Tish-Laqishtax conservara a aparência de Eudonia, pelo menos no tronco e na cabeça, mas, em algum ponto de sua trilha voraz, ele obviamente sentira necessidade de locomover-se mais depressa, pois havia dois pares extras de pernas humanas fundidos no meio de Eudonia, com repulsivas protuberâncias de carne, feixes de músculos sem pele e nervos se projetando nos pontos em que o deusinho os enfiara aleatoriamente.

O rosto desagradável e impiedoso de Eudonia, com suas cicatrizes rituais, não fora modificado, exceto pelas extremidades das agulhas mágicas enfiadas em sua testa e em ambas as bochechas, todas as três ainda emitindo leves fagulhas de energia violeta. Visivelmente, ela recorrera a medidas drásticas num esforço de resistir ao deusinho. Observando seus olhos brancos, revirados para dentro, Sir Hereward especulou se, lá no fundo, ela ainda lutava contra o ser extradimensional que invadira sua mente e sua carne.

Xavva-Tish-Laqishtax se aproximou do círculo e estendeu as mãos de Eudonia apenas para recolhê-las quando a energia mágica chamejou, com os dedos fumegantes e enegrecidos. Ele não prestou atenção a essas queimaduras, nem mesmo mergulhou as mãos na neve. Os dedos continuaram a arder devagar até a pele se juntar ao osso. Um horrível fedor flutuou até Hereward, pois, dessa vez, a defesa mágica de Fitz não parecia ter sido projetada para bloquear odores.

— O círculo vai aguentar? — grasnou Sir Hereward.

— Por algum tempo — confirmou Mister Fitz. O boneco observava o deusinho com atenção. Após alguns momentos, emitiu um clique com a língua, que era perfurada por um cravo de prata, talvez até para essa finalidade.

— Acho que calculei mal.

— O quê? — perguntou Fyltak, com voz trêmula.

— Ele é mais esperto do que eu esperava — observou Mister Fitz, encarando a coisa disforme que hospedava a presença do deusinho no mundo.

Xavva-Tish-Laqishtax sorriu para o boneco, tão amplamente que a pele ao redor da boca de Eudonia se fendeu em cada extremidade como pano podre, revelando os ossos por baixo. Nenhum sangue saiu do novo ferimento. O deusinho então deu meia-volta e afastou-se, deslocando-se desajeitado pelos bancos de neve com seus três pares de pernas, num gingado assimétrico. Remoinhos de neve o seguiam, formando uma tempestade localizada. Embora o deusinho se movesse devagar, em um minuto estava fora de vista, na obscuridade do inverno perpétuo que o seguia por toda parte.

— O retorno do deusinho e a perseguição foram um blefe — continuou Mister Fitz, fechando bem o punho e concentrando-se por alguns instantes.

Quando abriu a mão, a agulha que segurava não era mais que um pedaço de ferro frio. Toda a radiação se fora, e o círculo em torno deles foi se desvanecendo até se tornar uma linha de neve derretida. — Para me fazer usar minha última agulha em nossa defesa. Obviamente, ele nunca pretendeu nos atacar. E pior: ele tem mais energia armazenada do que calculei, o bastante para alcançar as propriedades na margem oposta do Mar Menor. Lá ele se empanturrará até ser impossível qualquer chance de retaliação.

— Mas ele não está enfraquecido agora? — perguntou Sir Hereward, esfregando o nariz extremamente frio, o que tornava suas palavras quase ininteligíveis. — Havia menos neve e gelo com ele quando partiu, e ele com certeza estava mais lento.

— A força dele diminuiu — confirmou Mister Fitz. — Nossas braçadeiras nos dariam proteção suficiente agora para nos aproximarmos dele sem congelar. Mas ainda não temos nenhum armamento que o force a sair do corpo de Eudonia, muito menos deste mundo.

Hereward olhou para o céu, sacudiu o punho e exclamou:

— Kishtyr!

— A menos, é claro, que *sua* espada seja mais potente do que imaginamos — refletiu Mister Fitz, girando devagar a cabeça redonda em seu fino pescoço para fixar o olhar em Fyltak, que estava ao lado de Hereward, de olhos arregalados e tremendo.

— Que tipo de boneco é você, afinal? — perguntou Fyltak, com a voz tão vacilante quanto seu corpo trêmulo.

— Um boneco singular, feito para um propósito muito especial: lidar com entidades extradimensionais proscritas — respondeu Mister Fitz. Embora falasse com sua habitual entonação prosaica, um ar de ameaça apareceu em suas palavras seguintes. — Que faz o que tem de ser feito para garantir a segurança do mundo.

— Mister Fitz é um feiticeiro, tanto quanto qualquer uma das feiticeiras de Har — acrescentou Sir Hereward. — Até mais, sob muitos aspectos. Agora vamos, fale-nos sobre a sua espada. Pode ser a única chance para as pessoas cujas almas servirão de alimento para Xavva amanhã, por volta do alvorecer, se tudo o mais falhar.

— Eu já lhes disse… — iniciou Fyltak, mas sua voz definhou ante os olhares combinados de Mister Fitz e Sir Hereward. No olhar do boneco, em particular, havia algo penetrante que ele não estava disposto a enfrentar. — A espada está na minha família há muito tempo. Não sei há quanto tempo ao certo. Nós sempre soubemos que ela foi feita para matar… na verdade, banir, eu acho… deusinhos.

— Mostre-me a lâmina — ordenou Mister Fitz, aproximando-se, enquanto Sir Hereward se postava atrás de Fyltak. Os dedos do cavaleiro se fecharam aos poucos, formando um punho pronto para golpear o outro homem na lateral da cabeça, caso ele escolhesse aquele momento para tentar usar a espada em vez de simplesmente mostrá-la.

Mas o Conquistador de Deuses sacou a arma lentamente e a segurou em frente ao corpo, posicionando-a de modo que a luz incidisse sobre a lâmina. O céu já estava clareando, raros flocos de neve tombavam agora, e havia até indícios da presença de sol a oeste, uma espécie de luz dourada atrás das nuvens evanescentes. A leste, onde Xavva-Tish-Laqishtax cambaleava em direção ao Mar Menor, o céu parecia ter sido pintado com pó de carvão, pois estava inteiramente negro.

Mister Fiz inspecionou a espada, perscrutando com atenção a superfície ondulada da lâmina. Não havia marcas ou inscrições óbvias, pelo menos nenhuma visível aos olhos mortais de Sir Hereward. Mas o boneco viu algo nela.

— Interessante — disse ele. — Na verdade, esta pode ser uma das fabulosas espadas Conquistadoras de Deuses da afundada Herenclos.

— Herenclos? — perguntou Sir Hereward. — Mas isso é um abismo, uma fenda de lava…

— Foi uma cidade um dia — disse Mister Fitz. — Antes que a terra a engolisse. A cidade estava sobre uma profunda fissura que se conectava com os fogos do mundo subterrâneo, que os moradores utilizavam em sua metalurgia. Essa fissura era impedida de escancarar-se por Heren-Par-Quaklin, a deusa padroeira dos habitantes. Quando essa deusa desapareceu, a cidade literalmente afundou.

O boneco se inclinou ainda mais em direção à espada e tocou a lâmina com a ponta de sua língua azul.

— Sim — disse ele. — É de Herenclos. O último cativo da espada ainda vive dentro dela. Enormemente reduzido, mais ainda tem um resquício de poder. Talvez o bastante.

— Cativo? — perguntaram Fyltak e Sir Hereward, juntos.

— Sim — respondeu Mister Fitz. — As espadas Conquistadoras de Deuses não eram feitas para banir os extradimensionais, mas para capturar e usar seus poderes. Os ferreiros de Herenclos não escolhiam os deusinhos que se prestavam a esse propósito e escravizavam tanto entidades benignas quanto as proscritas. Não sei qual deusinho, especificamente, permanece nesta lâmina, nem se há tempo para capturar algo de sua essência… Que poderes a arma exibe, Fyltak?

— Quando eu a empunho, posso enxergar no escuro — disse Fyltak

reflexivo. — O mundo ao meu redor se move mais devagar, eu me torno incrivelmente rápido e, por conta disso, mortífero. Mas essa lentidão continua… Se eu empunhar a espada por tempo demais, tudo à minha volta começa a parar, pessoas e animais. Todo mundo e todas as coisas ficam como estátuas, e parece que até o ar fica parado, pois, por mais que eu lute para respirar, não consigo fazer o ar entrar nos pulmões.

— Então você só consegue usar a espada enquanto prender a respiração? — perguntou Sir Hereward.

— Sim. Mas minha família ensina seus filhos a praticarem a arte dos mergulhadores coletores de esponjas em Zhelu. Eu consigo ficar sem respirar por quatro ou até cinco minutos. Foi por isso que me deram a espada. Eu era o melhor. Então, adotei o título da espada e fiquei conhecido como o Conquistador de Deuses!

Era evidente que ele ia recuperando sua personalidade espalhafatosa à medida que os efeitos da experiência com Xavva-Tish-Laqishtax se dissipavam.

— Você já tentou usar a espada contra algum deusinho? — perguntou Mister Fitz. — Ou só adotou o título da espada, e não sua função? Pergunto porque a entidade que está dentro dela é muito velha e um tanto esmaecida, e as estruturas mágicas no interior do aço também se degradaram. Eu presumiria que o uso da espada contra outro deusinho resultaria no banimento de *ambas* as entidades e na destruição dos hospedeiros físicos.

— Com esta mão e esta lâmina, aniquilei o *ghoul* Bebedor de Sangue de Lazzarenno!

— Não, você não fez isso — disse Hereward, irritado. — Lembre-se de com quem está falando.

— Essa seria uma coisa inteligente — completou Mister Fitz. — Por um bom número de motivos.

— Ah, sim, tudo bem — disse Fyltak, olhando com nervosismo para o boneco. — Na verdade, apesar de eu ter acabado com alguns… acho que vocês os chamariam de mágicos de quintal ou feiticeiros de bazar… ainda não tive a chance de testar minha coragem contra um deusinho de verdade.

— Já ouvi falar em mágicos de quintal — comentou Sir Hereward. — Mas, pelas barbas de Hroggar… O que é um feiticeiro de bazar?

— Bom, é alguém cujos poderes vêm de bugigangas mágicas compradas — explicou Fyltak. — Invariavelmente são pilantras, buscando um caminho fácil para o poder.

Hereward pestanejou ao ouvir tal avaliação por parte de um homem cuja própria magia provinha inteiramente de uma espada herdada.

— Embora você não tenha comprovado o valor da espada contra um deusinho, acho que ela ainda pode ser forte o bastante para fazer o que é necessário — disse Mister Fitz. — Acho melhor pegarmos a espada e testarmos essa suposição antes que Xavva se adiante demais.

— Pegar a espada? Ninguém, além de mim, pode empunhar esta arma!

Sir Hereward olhou de esguelha para Mister Fitz, que abanou de leve a cabeça, impedindo a ação que, sabia ele muito bem, Hereward desejava realizar: dar um soco em Fyltak e se apossar da espada.

— Então está bem. É melhor você vir conosco e empunhar a espada contra o deusinho — disse o boneco, pulando de volta para o cesto nas costas de Hereward. — Vamos andando!

Mal deram três passos, Fyltak se adiantou e começou a andar meio de costas, para poder olhar o cavaleiro e o boneco enquanto falava.

— Bem, apesar de eu claramente querer agir contra esse vil deusinho… O que me dizem do frio e de… hã… ele devorar espíritos? Vocês têm um plano de como proceder levando em conta essas coisas?

— Ele está enfraquecido — disse Mister Fitz. — Nós temos braçadeiras mágicas que nos proporcionam certa proteção contra ameaças como Xavva-Tish-Laqishtax. Vamos usá-las quando estivermos a uma proximidade adequada.

— Ah, a braçadeira dos agentes! — exclamou Fyltak.

Enfiando a mão no interior do capote, ele retirou uma larga faixa de seda, com cerca de treze centímetros de largura, bordada com um símbolo muito familiar a Sir Hereward e Mister Fitz, o símbolo do Conselho do Tratado para a Segurança do Mundo. Embora o símbolo não brilhasse como seria de esperar, devido ao fio mágico usado para bordá-lo, era sem dúvida genuíno. Simplesmente estava inativo.

Sir Hereward parou, triturando a neve com as botas.

— Onde arranjou isso? — perguntou enfaticamente.

Seu rosto estava contraído, seus olhos, estreitados, e seu corpo, tenso, preparado para a ação. As braçadeiras deviam se transformar em pó se ficassem longe do proprietário por mais de uma noite e um dia e eram cuidadosamente entregues de um agente para outro, em geral num ritual realizado à beira do leito de morte.

Uma vez mais, Mister Fitz tocou o ombro de Hereward, impedindo que o cavaleiro executasse uma súbita ação letal.

— É outra herança de família — disse Fyltak, alheio ao perigo. — Junto com a espada. Embora as velhas lendas digam que a braçadeira devia brilhar mais que um lampião.

— Vai brilhar — disse Mister Fitz. — Posso segurá-la por um momento?

Fyltak passou a braçadeira para Mister Fitz, que provou a seda com a língua. Uma onda de luz percorreu os fios de seda, esmaecendo quando o boneco devolveu o item.

— Interessante — disse Mister Fitz. — É muito antiga. Não é um achado recente, Hereward. Fyltak deve ser de fato descendente de algum agente há muito tempo esquecido. A braçadeira responderá à invocação na ocasião oportuna. Vamos, temos de nos apressar!

Eles seguiram em frente enquanto as condições climáticas retornavam a um estado mais natural, com o ar se aquecendo e a neve derretendo. Ainda havia uma mancha escura adiante, mas Xavva claramente estava poupando energia, pois a nuvem negra já não se estendia pelo horizonte, concentrando-se numa área de poucas centenas de metros ao redor do deusinho.

Quando começaram a descer o longo declive em direção ao Mar Menor, conseguiram avistar o próprio Xavva nos trechos onde a inclinação se acentuava, estendendo o campo visual. Mas sempre havia flocos de neve espiralando em torno do deusinho, portanto detectaram pouca coisa além do fato de que ele ainda estava usando os três pares de pernas, cuja movimentação desajeitada lhe impunha um ritmo mais lento que o de seus perseguidores, com pares de pernas mais harmônicos.

— Os simirilianos derrubaram as pontes — observou Mister Fitz, que enxergava com mais clareza através da nuvem nevoenta.

O Mar Menor era pouco mais que um lago pontilhado de ilhas ligadas por um sem-número de pontes, de capacidades e tipos diversos. O conjunto formava um verdadeiro labirinto de encruzilhadas de água, que normalmente exigia um guia local e nada barato para ser atravessado, sobretudo se o trabalho exigisse pontes que suportassem carroças grandes e animais de tração.

— Ao que parece, vamos alcançá-lo na margem — comentou Sir Hereward. — O que você pretende fazer? Prender as braçadeiras e se aproximar? Ou nós dois distraímos Xavva o melhor que pudermos enquanto Fyltak decepa a cabeça de Eudonia com a Conquistadora de Deuses?

Embora falasse num tom descontraído, ele sabia bem que o deusinho ainda tinha poder suficiente para extrair a essência vital de qualquer um que pretendesse distraí-lo, mesmo com a proteção oferecida pelas braçadeiras. A única dúvida era se o deusinho conseguiria fazer isso com rapidez suficiente para evitar o golpe que o baniria, desferido pela espada de Fyltak.

— Acho que a falta de uma ponte não vai deter o deusinho — disse Mister Fitz, cujos olhos azuis brilhavam. — Ele está construindo sua própria ponte,

feita de gelo. Vamos, temos de estar sobre a ponte de gelo antes que ela derreta!

Sir Hereward começou a correr, com o cesto chacoalhando às costas. Fyltak corria ao seu lado, sem resfolegar como quando se encontraram mais cedo naquele mesmo dia, o que dava crédito à história que ele contara, sobre como brandir a espada tornava tudo ao seu redor mais lento, inclusive o ar.

Havia uma fina camada de gelo na margem lamacenta do lago, que quebrou sob as botas deles, mas a larga faixa que transpunha a água parecia consideravelmente mais espessa, para alívio de Sir Hereward, que parou na beirada para pousar o cesto antes de testar o gelo com a espada. Como a ponte resistiu a vários golpes, ele se postou sobre ela, sem provocar nenhuma rachadura nem qualquer movimento inquietante. Apesar da grossa camada de gelo sob seus pés, não estava particularmente frio.

— Xavva gastou boa parte de sua força na ponte de gelo — disse Mister Fitz, inclinando-se para inspecionar a superfície do lago recém-congelada. — Isso é bom. Ele só está cinquenta ou sessenta metros à nossa frente agora. Ponham as braçadeiras. Vamos fazer o que você sugeriu, Hereward. Nós dois distrairemos o deusinho para que Fyltak dê o golpe que irá bani-lo. Fyltak, você deve acertar o pescoço e cortar a cabeça com um único golpe. Consegue fazer isso?

Fyltak lambeu os lábios nervosamente, mas fez que sim com um aceno de cabeça. Após hesitar mais um pouco, retirou o lornhão de dentro da couraça e enrolou o cordão em torno da cabeça, de modo a manter as lentes equilibradas sobre o nariz.

— Não tenho os melhores olhos — disse ele. — Mas posso fazer o que precisa ser feito. Sou Fyltak, o Conquistador de Deuses!

— Depois disso, você vai ser mesmo — murmurou Sir Hereward, puxando a braçadeira por sobre a manga bufante do casaco, uma operação nada fácil com os dedos ainda dormentes de frio. Depois pensou, mas não falou em voz alta: *Se você sobreviver*.

— Lembre-se de largar a espada assim que completar o golpe — instruiu Mister Fitz. — Agora ponha a braçadeira. Faremos a declaração em seguida, enquanto caminhamos. Repita o que Sir Hereward e eu dissermos. Está pronto?

— Sim. Eu… Eu estou pronto.

Cavaleiro e boneco começaram a falar juntos. Fyltak os ecoava com alguns instantes de atraso. O símbolo em suas braçadeiras se tornava mais brilhante a cada palavra proferida, inclusive o símbolo na braçadeira de Fyltak, apesar de sua antiguidade.

— Em nome do Conselho do Tratado para a Segurança do Mundo, agindo sob a autoridade conferida pelos Três Impérios, pelos Sete Reinos, pela

Regência Palatina, pela República de Jessar e pelos Quarenta Reinos Menores, nós nos declaramos agentes do conselho. Identificamos o deusinho incorporado no gelo à frente como Xavva-Tish-Laqishtax, uma entidade listada sob o tratado. Consequentemente, o referido deusinho e todos os que o assistem são considerados inimigos do mundo. Assim, o conselho nos autoriza a adotar todas as medidas necessárias para banir, repelir ou exterminar o referido deusinho.

Quando terminaram a declaração, Fyltak tinha um largo sorriso no rosto.

Eles haviam continuado a caminhada enquanto recitavam a declaração, mas agora Mister Fitz os conclamava a se moverem mais rápido.

— Mais rápido! O deusinho está correndo até uma ilha, e os tolos apenas derrubaram as pontes mais próximas!

O boneco corria à frente, quase todo curvado, usando tanto as mãos quanto os pés. Seus membros finos faziam lembrar uma aranha sem metade das pernas. Sir Hereward galopava atrás dele, empunhando ambas as pistolas, seguido de perto por Fyltak, que ainda não havia sacado a espada.

Enquanto corriam, a nuvem nevoenta adiante se dissipou, transformando-se em meros penachos no céu. Eles agora viam Xavva claramente, a cem metros da ilha mais próxima. Mas ele não se deslocava para a margem. Duas de suas pernas estavam tentando trazê-lo de volta ao caminho por onde viera; as outras lutavam para seguir em frente, o que resultava numa movimentação lateral, como a de um caranguejo.

— Eudonia cresceu dentro dele! — gritou Mister Fitz. — Rápido!

Transformando as palavras em ação, ele arremessou sua lâmina triangular, que cortou o ar zumbindo como se fosse uma seta disparada por uma besta. O projétil atingiu um ponto acima do joelho de uma das pernas implantadas, infligindo um horrível ferimento, mas não a decepou como ele pretendia. A lâmina permaneceu profundamente encravada no osso. Fitz remexeu nas mangas de seu casaco e sacou mais duas lâminas, versões mais longas e afiadas das agulhas mágicas que costumava usar.

Sir Hereward parou, apoiou-se num dos joelhos, mirou por um segundo e disparou ambas as pistolas no tronco do deusinho. Uma das balas passou rente e a outra atingiu o alvo, mas sem produzir nenhum efeito visível. Ele largou então as pistolas, sacou a espada e atirou-se para a frente com um grito selvagem que, esperava, serviria para desviar a atenção de Xavva do verdadeiro ataque, a ser efetuado por Fyltak.

Que escorregou no gelo e caiu, deixando a Conquistadora de Deuses escapar de sua mão.

Nesse momento, Xavva parou, abaixou-se, pegou um pedaço da ponte

destruída que estava sobre o gelo e virou-se contra seus perseguidores, erguendo a arma improvisada sobre a cabeça. Era um pedaço de carvalho maior que Hereward, abundantemente provido de pregos, que o transformavam numa clava terrível. Um só golpe, sem dúvida, seria fatal.

O deusinho avançou contra Hereward, que, tentando refrear o próprio impulso, derrapou para trás. Mister Fitz contornou o deusinho, com as agulhas em punho. Entretanto, mesmo que pudesse obter sucesso, era duvidoso que o aço afiado fizesse mais que o irritar.

Fyltak se pôs de pé. Seu lornhão havia caído, mas ele conseguiu localizar a espada no gelo. Cambaleou até ela e ergueu-a com ambas a mãos.

O deusinho não lhe deu atenção, aparentemente concentrado em Sir Hereward. Quando chegou mais perto, o cavaleiro viu que os olhos de Eudonia estavam abertos agora, embora enlouquecidos e recobertos pela intensa luz violeta proveniente da energia residual das agulhas mágicas.

— Aberração! — vociferou a boca da bruxa.

Claramente, o deusinho já não estava no controle do corpo, mas aquela não era a melhora que Sir Hereward e Mister Fitz tanto esperavam. A animosidade da tia-bisavó contra o menino feiticeiro havia sido conservada, embora tantas outras características de sua personalidade tivessem sido erodidas durante o longo embate contra o deusinho.

— Tia Eudonia! — gritou Hereward, recuando mais uma vez. De repente, sentiu o gelo quebrando e deslocando-se sob suas botas. Agora que a feiticeira retomara o controle, o deusinho já não estava congelando a água. — Como um agente do tratado, eu a encarrego de nos ajudar!

— Vil rebento — murmurou a feiticeira, acompanhando essas palavras com um súbito golpe com o pedaço de ponte, que fez voar uma nuvem de gelo pulverizado. Hereward, que pulara para o lado quando a clava desceu, correu em direção ao gelo mais sólido, mas seu pé abriu um buraco, e ele caiu para a frente. Virando-se, ergueu a espada numa tentativa inútil de conter mais um golpe bem quando Mister Fitz pulava sobre os ombros da feiticeira e enfiava as agulhas em seus olhos insanos.

Eudonia — ou o deusinho, ou ambos — gritou. Porém foi mais um grito de raiva que de dor. Após jogar longe a clava, errando Sir Hereward por pouco, ela agarrou Mister Fitz com uma das mãos e também o arremessou longe, bem longe, por cima do gelo e para dentro da água.

Sir Hereward livrou o pé e arrastou-se sobre o gelo, mais rápido do que jamais se arrastara antes. Em parte esperava que o deusinho — ou Eudonia, ou Xavva, ou seja lá quem fosse a coisa em seu encalço — agora o seguisse e se

distraísse, e em parte torcia desesperadamente para que não o fizesse.

Na margem da ilha, ele se deparou com lama, em vez de gelo, rolou e olhou para trás. Xavva *estava* em seu encalço, o rosto cego encostado próximo à superfície do lago, o nariz fungando, as mãos tateando, a cabeça se virando de um lado para o outro como se esperasse captar sons e odores.

Movendo-se com uma graça particularmente ágil e fluida, Fyltak surgiu atrás dele, com a Conquistadora de Deuses erguida bem alto e a braçadeira refulgindo.

— Eudonia! Xavva! Aqui! – berrou Sir Hereward enquanto se levantava e se preparava para correr o mais rápido possível.

O deusinho se ergueu também e posicionou as pernas para pular em sua direção, bem quando Fyltak o golpeou com a espada. A lâmina se conectou com o pescoço da coisa, produzindo um som como o do mastro principal de um grande navio se partindo num furacão, ou um canhão com excesso de pólvora explodindo durante um cerco. Quando Fyltak finalizou o corte, a lâmina flamejou e consumiu-se como uma trilha de pólvora, mas a cabeça tombou do pescoço e rolou pelo gelo, que no mesmo instante se fendeu em mil rachaduras.

Fyltak largou o cabo da espada, soltou um grito de euforia, deu um passo e caiu do gelo para dentro do Mar Menor. Um instante depois, as águas anormalmente geladas também tragaram o cabo da Conquistadora de Deuses, um carbonizado toco de lâmina e a cabeça de Eudonia, com ou sem o deusinho.

Sir Hereward deu três rápidos passos e entrou na água, agora juncada de pequenos pedaços de gelo, semelhantes aos colocados nas bebidas geladas daquela mesma cidade de Simiril, que se estendia adiante e que produzira o café trazido por Fyltak. Parou quando a água chegou em seu peito. Suas roupas e seus calçados eram pesados demais para que ele pudesse nadar, e a água estava muito fria. Aliás, havia uma pequena chance de que Xavva-Tish-Laqishtax, afinal de contas, não estivesse de fato banido.

Ele olhou ao redor procurando Mister Fitz, na esperança de que o boneco tivesse nadado para a margem. O boneco o fizera, mas Sir Hereward ficou chocado ao ver que a parte superior do corpo do boneco, metida no gotejante casaco azul, estava entortada para um dos lados, num ângulo estranho. Embora feito de papel machê e madeira, os materiais usados em sua confecção tinham propriedades mágicas, sendo extremamente difícil danificá-los. Mas ali estava ele, danificado sem sombra de dúvida.

— Você está ferido! — exclamou Sir Hereward, correndo até onde ele estava.

Mas o boneco dispensou sua ajuda.

— Não é nada — disse ele. — Apenas o alinhamento de uma junta na minha coluna, que vou ajustar assim que minha caixa de costura for reabastecida. Você

viu algum indício de que o deusinho tenha subsistido? Algum movimento sob a água?

— Não — respondeu Hereward, virando-se para observar a água repleta de cubos de gelo. — Sim! Ali!

Uma sombra se movia sob a água. Sir Hereward e Mister Fitz recuaram quando ela emergiu na superfície numa súbita explosão de cubos de gelo.

Fyltak se pôs de pé, resfolegando e tremendo. Depois, às pressas, avançou pela parte mais rasa da água. Foi recebido com um amistoso tapinha nas costas por Sir Hereward, que estava reajustando seu ponto de vista sobre aquele aliado inesperado.

— Eu tinha certeza de que você tinha se afogado! — exclamou o cavaleiro. — Com a couraça, as botas e o capote, nenhum homem poderia nadar até a margem!

— Não poderia — tossiu Fyltak. — Vim caminhando pelo fundo do lago. Eu lhe disse que fui treinado na arte dos mergulhadores coletores de esponjas em Zhelu.

— Fico feliz por isso! — exclamou Sir Hereward. — Ah, por acaso você viu algum sinal de Xavva-Tish-Laqishtax enquanto estava lá embaixo?

Fyltak deu um pulo e olhou para trás.

— Não! — gritou, de repente tremendo ainda mais. — Eu pensei… Ele foi banido, não foi?

— Não tenho certeza de que foi — replicou Mister Fitz. — A água atrapalha minha visão…

O entortado boneco se moveu desajeitado, virou todo o corpo, em vez de somente a cabeça, e olhou para um ponto na água a cerca de cinquenta metros.

— Ainda está lá. Muito diminuído, mas ainda lá.

Enquanto ele falava, uma coisa medonha e acéfala engatinhou para fora do lago. Não perdera somente a cabeça, mas também as pernas extras, decepadas na explosão causada pela conjunção da espada mágica e da entidade dentro do corpo de Eudonia. Apesar dos terríveis ferimentos abertos no pescoço e nos quadris, nenhum sangue corria.

A coisa não tentou se levantar, mas se deslocou para a margem, parando para sacudir-se, uma visão enervante, visto que ela não tinha cabeça.

— O que… O que vamos fazer? — perguntou Fyltak.

— Vamos nos afastar em silêncio — sussurrou Mister Fitz, seguindo seu próprio conselho. Ele marchava rápida e decididamente, embora seu tronco se mantivesse torto. — Pisem com leveza, respirem devagar, permaneçam calmos.

— Mas ele não tem cabeça, não pode ouvir… nem ver — disse Fyltak, afastando-se às pressas e olhando para trás ansioso.

— Existem outros sentidos — explicou Mister Fitz. — Acho que tudo vai acontecer bem depressa quando ele nos localizar. Mas se refizermos aquela ponte, talvez seja possível atraí-lo para a água de novo… Hereward! Por que parou?

Fyltak ainda correu mais um pouco, só parando ao perceber que Fitz se virara para trás. Boneco e cavaleiro observavam o céu, mas Fyltak não conseguia desviar o olhar da coisa quebrada e acéfala que agora ziguezagueava para trás e para a frente como uma aranha no local onde Fyltak saíra da água, procurando uma trilha de odor energético ou algo do gênero.

De repente, uma vasta sombra passou sobre homem e boneco, acompanhada por um guincho agudo de proporções titânicas. Fyltak colocou as mãos nos ouvidos e agachou-se acovardado, toda a coragem arrebatada pelo novo acréscimo a suas aflições.

Mas Sir Hereward continuou a olhar para cima, com um sorriso erguendo os cantos de sua boca. Uma sombra-da-lua passou acima, abrindo suas enormes asas de couro em todo o seu comprimento de trinta e cinco metros ou mais. Depois virou a cabeça grande como uma casa, peluda como a de um morcego, e avistou Sir Hereward com um penetrante olho negro, maior em diâmetro que o próprio cavaleiro. Abrindo a boca rosada, de dentes afiados, o bicho repetiu sua saudação.

A feiticeira sentada numa alta cadeira no dorso da criatura, cadeira esta que parecia ter brotado do luzidio osso negro de sua espinha, reforçou o guincho com um alegre aceno. Sir Hereward sorriu, pois, embora estivesse muito atrasada, Kishtyr era uma de suas primas favoritas — e uma antiga namorada, que poderia voltar a sê-lo. O conselho, em High Pale, não contaria com seu retorno por pelo menos uma semana.

Mas, o que era mais importante, Kishtyr estava adequadamente munida com uma relíquia exterminadora de deuses e uma cesta de costura cheia de agulhas mágicas. A casca de Eudonia com a diminuída criatura Xavva-Tish-Laqishtax não lhe ofereceriam nenhum desafio. Logo ele baniria o deusinho e traria paz ao que pudesse restar da mulher.

Hereward perdeu seu sorriso ao pensar na cabeça de sua tia-bisavó ainda em algum ponto sob a superfície turva do lago. Perfurada por três agulhas mágicas e infundida com uma indômita vontade, que não se renderia nem a um deusinho, era possível que Eudonia ainda estivesse viva — de certa forma — no interior daquela cabeça submersa. O trabalho de Kishtyr poderia não ter tão prático e

direto quanto ele supunha, e, pior, ela poderia recrutá-lo para ir pescar. Ele, com certeza, não desejava procurar, fisgar e trazer para a terra a cabeça amputada de Eudonia…

— O que é isso? — perguntou Fyltak, aproximando-se cauteloso do homem e do boneco. Percebia que, fosse o que fosse, a chegada daquela criatura perturbara a relíquia restante de Xavva-Tish-Laqishtax, que recuara até a margem do lago e tentava se enterrar na lama, talvez num esforço para se esconder daquela nêmesis recém-chegada.

— É uma sombra-da-lua, trazendo uma feiticeira de Har — respondeu Mister Fitz, literal como de costume. — De fato, é a tão esperada Kishtyr.

A enorme criatura voadora fez uma curva e pousou na margem mais longa e larga do norte da ilha. Apesar de seu enorme tamanho, as sombras-da-lua eram espertas e ágeis e podiam aterrissar num espaço pouco maior que seu próprio comprimento. Uma vez no chão, podiam dobrar as asas e se tornar notavelmente pequenas, tal como aquele espécime fazia naquele exato momento. Na verdade, seu tamanho era enganoso, pois eram formadas sobretudo por uma pele coriácea e ossos finos, com alguns pelos negros espalhados aqui e ali. Dito isso, não deixava de ser um monstro do tamanho aproximado de uma torre de vigia colocada na horizontal.

— E mais importante — disse Sir Hereward, ajudando o homem menor a se levantar e colocando o braço em seu ombro de forma camarada —, a sombra-da-lua e a feiticeira que a guia representam uma oportunidade que, acredito eu, devemos aproveitar de imediato.

— Uma oportunidade?

— De deixar de lado nossas preocupações e responsabilidades e nos escondermos em Simiril, onde vou comprar para nós dois mais daquele excelente café.

Ele fez uma pausa e acrescentou, piscando para o boneco:

— E um pouco de óleo doce, pois eu, pelo menos, gostaria de ouvir Mister Fitz cantar!

ELLEN KUSHNER

O primeiro romance de Ellen Kushner, *Swordspoint*, apresentou os leitores a Riverside, local ao qual retornou em *The Privilege of the Sword*, vencedor do prêmio Locus e indicado ao prêmio Nebula; *The Fall of the Kings*, escrito em parceria com Delia Sherman, uma coletânea de contos correlacionados; e, mais recentemente, *Tremontaine*, um *prequel* da série "Riverside" escrito em colaboração com outros autores para o Serialbox.com e para a Saga Press. A própria autora gravou os três romances em audiolivros para a coletânea Neil Gaiman Presents/Audible.com, vencendo o prêmio Audie em 2012 com *Swordspoint*. Com Holly Black, ela coeditou *Welcome to Bordertown*, uma revivescência da série de fantasia urbana criada por Terri Windling. Conhecida apresentadora e conferencista, Ellen Kushner criou e apresentou o duradouro programa de rádio *Sound & Spirit*, que Bill Moyers classificou como "a sensação das rádios". Ela ensinou escrita criativa em oficinas realizadas na Clarion e na Odyssey e é instrutora no programa de graduação em literatura infantil da Hollins University. Mora na cidade de Nova York com Delia Sherman e nenhum gato, num apartamento cheio de canhotos de ingressos de teatro e de passagens de avião. Aqui, ela nos apresenta a um jovem recém-chegado a Riverside, alguém que, como muitos jovens que chegaram à cidade grande antes dele, descobre que tem muito o que aprender para ser bem-sucedido e que muitas lições não são agradáveis.

QUANDO FUI SALTEADOR DE BEIRA DE ESTRADA

Ellen Kushner

— Faça isso — disse Jess. — Vai ser divertido!

Eu não tinha nenhuma vontade de ser um salteador de beira de estrada, nem mesmo por um dia, mas precisávamos do dinheiro. Portanto, considerei a proposta.

Desde que cheguei a Riverside, aprendi que nem todo mundo ali dá bons conselhos a um forasteiro. Quando moradores do lugar aconselham um espadachim recém-chegado a desafiar aquele cara perto da fogueira para um duelo, dizendo "Você consegue ganhar dele sem problema!", bom, será uma sorte se você realmente levar a melhor. E, claro, o cara passará a odiá-lo e não o recomendará para nenhum trabalho no norte da cidade, que é onde estão a glória e o dinheiro. Mau conselho.

Mas desde que Jessamyn e eu começamos a viver juntos, no final do inverno, aprendi que ela geralmente tinha em mente o que era melhor para mim, sobretudo no que dizia respeito a conselhos sobre como ganhar dinheiro. Ela mesma era perita no assunto: a vigarista mais inteligente da cidade, segundo seus admiradores, e a punguista mais ardilosa que já batera a carteira de alguém, segundo os outros.

Jessamyn também era bonita. Tinha uma cabeleira clara como a lua, como eu jamais vira, agradável de ser desgrenhada durante a noite, agradável de ser trançada pela manhã, para que ela ficasse parecendo uma garota do centro da cidade, decente, mas desfrutável. Era como ela jogava o jogo.

Formávamos uma boa dupla. *Prata e fumaça, gelo e aço*, diziam as pessoas. Eu podia ir a qualquer lugar com ela. De repente, todas as tavernas de Riverside se abriram para mim, até a Fantasia de Donzela, onde mulheres como Flash Annie e Kathy Blount contavam seus segredos umas às outras. Todos conheciam Jess, e quem não gostava dela pelo menos admirava seu talento, o modo como engambelava os alvos no norte da cidade. Ela sabia o truque do lenço, o conto da criança perdida, o conto do maço de dinheiro e o conto do apaixonado ousado.

Porém, eu jamais trabalhava com ela, pois era importante que as pessoas

conhecessem meu rosto se eu quisesse arranjar trabalho, e era muito, *muito* importante que ninguém se lembrasse do dela.

Jessamyn tinha um guarda-roupa que uma duquesa invejaria, em quantidade, se não em qualidade: veludos gastos, meias de seda desfiadas, bandanas de renda, xales de seda manchados por baixo, fitas de todas as cores imagináveis para debruar e tornar a debruar seus muitos chapéus, penas achadas na rua…

— Só precisa *parecer* bom, Richard — explicava ela. — Ninguém vai levantar minha elegante saia de seda para ver a anágua manchada por baixo. Se eu pintar uma coisa de dourado e usar como se fosse ouro, só um joalheiro vai saber que não é ouro. — Ela arqueava o pescoço para trás ao rir. — E eu nunca chego perto de um joalheiro de verdade, então não tem problema.

Afaguei sua nuca lisa, onde cabelos macios cresciam em forma de flecha.

— Vou levar você até um joalheiro de verdade. Vamos ganhar dinheiro, Jessamyn… *Eu* vou ganhar dinheiro. Um espadachim pode ficar rico nesta cidade. Olhe para Rivers. E De Maris, antes de sua última luta. Vou ser melhor que eles. E então iremos a Lassiter's Row para lhe comprar brincos de ouro cravejados de pedras preciosas, os maiores que eles tiverem!

Eu não sabia muito a respeito de joias na época; nem seus nomes, nem quanto valiam na realidade. Só gostava do modo como cintilavam, captando o sol com o fogo de um arco-íris. Eu só vira um diamante pela primeira vez no casamento de um mercador, no qual trabalhei. Pensei que fosse um composto de todas as pedras preciosas comprimidas numa só, até que alguém me corrigiu.

Jess e eu partilhávamos um espaço de dois cômodos no alto de uma velha casa desmantelada numa rua estreita cheia de outras iguais. Como suas vizinhas, fora imponente e grandiosa no passado, antes que os ricos abandonassem Riverside, atravessassem a Ponte e se mudassem para outros pontos da cidade. Os cômodos ainda tinham entalhes e sancas sofisticadas nas paredes descascadas. Havia bastante espaço para a enorme coleção de roupas de Jess. A proprietária da casa era uma lavadeira que exercia seu ofício no antigo poço de pedras que ficava no pátio e alugava os quartos de cima por semana, o que nos convinha muito bem.

Sempre que um de nós obtinha ou executava um trabalho, a primeira coisa que fazíamos era pagar o aluguel a Marie. Depois, saíamos e gastávamos o resto no que nos desse na cabeça: vestidos, chapéus e capas finas para Jessamyn (apenas negócios, na verdade, explicava ela) ou qualquer bugiganga bonita que aparecesse no Velho Mercado, no coração de Riverside, fosse material recolhido em casas desmoronadas ou coisas que ninguém conseguia colocar no prego, como vasos de porcelana rachados, um pedaço de moldura dourada, uma figura

humana entalhada em madeira de buxo e já sem os braços.

O dinheiro para isso eu obtive trabalhando num casamento no norte da cidade: o trabalho mais chato do mundo. Eu sempre me sentia ridículo com a espada erguida e aquela grinalda idiota na cabeça, marchando atrás dos convidados até o templo e depois permanecendo de pé enquanto os padres liam sempre as mesmas palavras para todos os casais. Não que alguém fosse de fato aparecer para roubar a noiva.

Jess dizia que era um modo de ser notado e que eu tinha sorte por ficar bem de grinalda.

— Você tem o quê, dezoito anos? — perguntava ela, sabendo perfeitamente bem que eu ainda não tinha nem mesmo isso. — Você tem tempo.

Mas eu não tinha ido para a cidade para ver gente casando. Todos em Riverside sabiam que eu era um duelista sério; às vezes eu era capaz de provar isso, quando outro espadachim se engraçava com Jess, ou um novo espadachim aparecia procurando encrenca e resolvia conferir se eu era mesmo bom.

Mas foi trabalhando num casamento que eu afinal tive a chance de provar meu valor a quem realmente importava. Fiquei com o trabalho porque Hugo Seville, cara de sorte, tinha um duelo de demonstração agendado para o aniversário de algum nobre da Colina e passou o casamento para mim.

— Estou recomendando você porque sei que vai fazer seu melhor — disse ele com pompa, como se ficar de pé, totalmente parado, sem poder coçar o nariz, envolvesse algum esforço de verdade. — Essas pessoas são importantes, Richard. Lorde Hastings não costuma vir à cidade, mas está aqui para casar sua sétima filha com o filho mais velho do Condell.

Eu nunca conseguia lembrar os nomes deles. Vesti minha camisa limpa e o gibão azul, engraxei as botas e atravessei a Ponte.

Foi um casamento muito elegante. Uma banda de música completa nos acompanhou até o templo, em vez de um ou dois flautistas. Menininhas jogavam lavandas e folhas de alecrim à frente da noiva; quando pisávamos nas ervas, o aroma me dava uma súbita saudade do jardim de minha mãe.

Eu não era o único espadachim presente. Lorde Hastings tinha um espadachim da casa que caminhava ao meu lado, um homem alto, silencioso e mais velho que não queria problemas. Eu soube pelo modo como ele me cedeu espaço suficiente, e gostei muito disso.

O espadachim de lorde Hastings e eu deixamos o templo juntos, bem depois que os músicos tinham tocado o suficiente para acompanhar a saída dos noivos e dos convidados. Nossa parte fora feita; a noiva agora pertencia à família de seu marido. O espadachim de Hastings não era de Riverside; talvez fosse um desses

homens que aprendem numa academia, ou mesmo com os pais, e vão abrindo caminho até começarem a servir algum nobre, participando em duelos de exibição, trabalhando em casamentos, demonstrando graça e boa forma e estando sempre preparados para o caso de alguém desafiar seu nobre mestre. Eu nunca tivera a chance de falar com um deles. No meu último casamento em que havia dois espadachins, o outro não respondeu às minhas perguntas. Quando o desafiei, mais tarde, ele cuspiu e me chamou de lixo de esgoto de Riverside, o impostor.

Estava começando a pensar em perguntar ao calado espadachim de lorde Hastings como eu poderia trabalhar como duelista no norte da cidade quando ele subitamente cambaleou e se apoiou numa parede.

— Você está ferido? — perguntei.

Ele estava muito pálido.

Uma mulher usando um vestido simples, chapéu claro e lenço apareceu, correndo até ele.

— Ah, George, George, eu lhe disse que você estava doente demais para isso hoje!

— Marjorie. — Ele sorriu fracamente para ela. — Como eu poderia desapontar Sua Excelência, depois de tanto tempo? E a pequena Amilette… A sétima é a que dá sorte, certo? Ela não estava uma graça?

— Você vai desapontá-lo ainda mais agora, pois não está bem para duelar diante dos convidados da festa.

Ele começou a tremer. Tinha algum tipo de febre, pensei. Havia muita gente assim na cidade.

— Eles já me viram lutar. Muitas vezes. Vão gostar de ver alguém novo. Qual é o seu nome, menino?

Deixei o “menino” passar porque ele estava muito doente.

— Richard St. Vier.

— Dos banqueiros St. Vier? — perguntou a mulher.

— Eu pareço um banqueiro? — perguntei, mas com um sorriso. Eu já me acostumara com a pergunta. (Minha mãe nascera nessa família, mas isso não era da conta de ninguém, só dela). — Sou um espadachim, madame, e ficaria feliz em travar esse duelo, se a senhora me disser aonde devo ir.

— Vamos, George. — Ela pôs os braços em torno dele. — Vou levá-lo para casa. Sr. St. Vier, se puder me ajudar com ele… Não, é claro que você não precisa, George, mas eu preciso! Vou lhe dar o endereço de lorde Condell. O senhor tem tempo suficiente. Há toda aquela comida e bebida antes do

divertimento.

Eu nunca estivera na Colina antes, onde se situavam as lindas casas dos nobres. Eles não iam querer ver você por lá se não estivesse trabalhando para eles. Mas desta vez eu estava trabalhando para eles. Assim, caminhei atrevido pelas ruas amplas e desobstruídas, ladeadas pelos muros e enormes portões de ferro dos casarões. Uma ou outra carruagem passou por mim — uma das deles, vistosa, com cavalos altivos esplendidamente arreados —, ou então um criado usando uniforme, a pé, em alguma incumbência que eu não poderia imaginar.

Na casa de lorde Condell, dei meu nome aos criados, expliquei o propósito da minha presença ali e garanti que não estava lá para desafiar o patrão deles no banquete de casamento de seu filho. Eles me lembraram que eu devia usar a entrada *dos fundos*, mas que talvez o Cozinheiro tivesse alguma coisa quente para mim.

Os criados de lorde Condell estavam alucinadamente ocupados com o banquete e não dispunham de tempo para me dar atenção. Assim, fui até o jardim lateral para me aquecer e praticar meus movimentos até que alguém saísse para me dizer que estava na hora.

O duelo seria realizado no saguão de entrada da casa. Pessoas muito bem-vestidas circundaram o espaço; muitas se postaram nos patamares das escadas principais, outras nos próprios degraus, e algumas nos balcões superiores. Caminhei devagar, tentando parecer alguém que sabia o que estava fazendo. Não para as pessoas, mas para meu adversário.

Era um homem claro, com mais ou menos o meu tamanho e a minha envergadura. Postei-me no outro lado do saguão, em frente a ele, enquanto um homem de libré anunciava:

— Pela honra e pelo prazer da noiva e do noivo, o duelo será até o primeiro sangue ou até que um dos homens desista.

Eu sabia o que era o primeiro sangue. Poderia ser um arranhão, um corte ou um ferimento profundo. Imaginei que duelos em casamentos requeriam apenas um arranhão e respirei fundo, lembrando a mim mesmo que não passasse disso naquela contenda.

Após mais algumas formalidades, a luta começou.

Meu oponente e eu nos movemos devagar, testando, observando, como é de direito. Circundamos um ao outro. A multidão estava em silêncio. Em Riverside, já teriam começado a apregoar apostas. Fiz uma finta para ver o que ele faria, mas ele não fez nada além de levantar as sobrancelhas e erguer um dos cantos da boca. Não embarcaria assim tão fácil. Seria uma luta mais longa do que eu

esperava.

Deixamos as espadas se entrechocarem um pouco, movendo-nos para trás e para a frente, sentindo a força do oponente pela pressão das lâminas e tentando ocultar nossas reais habilidades. De repente, seu punho levantado se abaixou e ele golpeou para baixo, como um falcão arremetendo, mas eu sentira o golpe que viria e contra-ataquei facilmente. Ele recuou, surpreso, para ter tempo de me avaliar e de me evitar.

Quando começam a recuar, eles estão na sua mão. Pressionei então para a frente, para a frente, para a frente, veloz, sem lhe dar tempo para pensar, exibindo um novo movimento a cada vez para impressionar os que pudessem enxergar com rapidez. Ele se defendia com habilidade, mas eu não lhe dava tempo de preparar um ataque e continuava a empurrá-lo para trás.

Aquela luta estava sendo um prazer, pois eu sabia que seria difícil acertá-lo, mas sabia também que ele não tinha chance. Quando nos aproximamos, cruzando os punhos, ele sibilou para mim:

— O que você está fazendo? Recue!

Entendi suas palavras só o suficiente para arquejar:

— O quê? Não!

Ele virou a espada de tal forma que contornamos um ao outro, ainda bem juntos.

— Isto é para o divertimento deles! Eles querem ver uns movimentos para trás e para a frente!

Então me desvencilhei, deslizando minha lâmina pela dele até somente as pontas se tocarem. Remanchamos assim durante algum tempo, como garotos se exercitando, contornando um ao outro, contornando as espadas… Os nobres convidados estavam deslumbrados. Pareciam pensar que algo estava ocorrendo e começaram a dar gritos de encorajamento. Vi o rosto muito branco de uma mulher que retorcia um lenço nas mãos como se achasse que estávamos realmente em perigo. Eram esses os árbitros das habilidades, as pessoas que eu estava tão ansioso para impressionar?

Meu oponente achou que tinha a luta nas mãos, que, tendo acedido à sua sugestão, eu lhe permitiria controlar o desfecho. Com um sorriso triunfante, ele avançou feroz.

Recuei apenas o bastante para medir a distância, cobrir a lâmina dele e acertá-lo no alto do peito, o mais suavemente que pude. O golpe arrancou sangue. A peleja terminara.

Meu oponente se curvou e foi ajudado a sair por um lacaio. Fiquei parado ali no saguão, com gritos de “Sangue!” e “Bravo!” ecoando em meus ouvidos,

conjeturando sobre o que devia fazer a seguir. Um criado me trouxe uma taça de prata com uma bebida gelada. Quando a esvaziei, os nobres se agruparam ao meu redor para me congratular, perguntando meu nome, há quanto tempo eu estava a serviço de lorde Hastings, se eu aceitava trabalhos, qual seria minha próxima luta, onde poderiam me encontrar…

Para ser sincero, foi um pouco demais. O sucesso era maravilhoso, novos trabalhos eram maravilhosos, mas todas aquelas pessoas se movendo para dentro e para fora do meu campo visual, braços, mãos, cabeças, quando eu tinha acabado de lutar…

— Richard St. Vier — revelei. — Meu nome é St. Vier, e vocês podem me encontrar em Riverside. Na, hã, Fantasia de Donzela. Obrigado. Sim, obrigado. Eu preciso… Eu tenho de sair e limpar minha espada. Verdade. É importante. Se puderem me deixar passar…

— Com certeza.

Um jovem de cabelos castanhos macios e encaracolados e um rubi na orelha levantou a mão até onde eu pudesse vê-la e pousou o braço em torno de meus ombros. Os convidados recuaram um pouco quando ele fez isso, e me senti grato.

— O senhor precisa sair e se recuperar, mestre St. Vier. Permita-me ajudar.

A multidão se abriu para nos dar passagem. Ele vestia renda e veludo. Era um deles.

— O senhor já foi pago? — murmurou. Abanei a cabeça. — Bem, não se preocupe. Condell está ocupado agora. O senhor poderá voltar amanhã.

Em vez de me levar em direção à cozinha, ele me conduziu para fora, pela porta da frente. O ar na escada estava mais frio.

— Só um momento — pediu. — Fique aqui enquanto mando chamar minha carruagem.

A carruagem cheirava um pouco a couro, um pouco a cavalos e um pouco a rosas e âmbar, como o proprietário. Seus assentos eram macios como plumas.

— Meu nome é Thomas Berowne — disse ele, pousando a mão em minha perna por um momento. Eu permiti. — Por favor, deixe que o leve até onde o senhor deseja ir. — Ele abaixou a cabeça ligeiramente. — Isso inclui meus aposentos, se fizer a gentileza de concordar.

Por que não?, pensei. Jess não se importaria; ela mesma passava algumas noites fora, mantendo contatos, solidificando amizades, forjando alianças ou apenas se divertindo. Ficaria contente em saber que um fidalgote me levara para casa.

Lorde Thomas Berowne era a cortesia em pessoa. Quando chegamos à casa

de sua família, entramos por uma porta lateral, “para não alarmar meus pais”, e subimos um lance de escadas, depois outro. Entramos num quarto róseo, com muito veludo e uma lareira acesa, cuja luz tremeluzia numa pintura aqui, numa peça de tapeçaria ali.

Ele era lindo sem roupas, e sabia como me agradar. Meu amigo de infância Crispin e eu tínhamos nossos rituais, mas Thomas Berowne era um homem adulto, e evidenciava ter um bocado de prática. Durante toda a noite, quando eu acordava e via sua pele iluminada, ou as velas gotejando, ou uma taça de vinho me sendo sonolentamente entregue, eu me sentia estranhamente seguro e estranhamente feliz. Ele fez poucas perguntas, mas me peguei falando sobre minhas esperança de trabalho, minha vontade de desafiar adversários que valessem a pena, de usar ao máximo meus talentos e habilidades. Até chegar à cidade, eu ainda não tinha percebido como eu era bom. Achava que qualquer um podia fazer o que eu faço, um pouco melhor ou pior, se tivesse o treinamento adequado. Meu velho e bêbado professor, um vagabundo que minha mãe retirara das ruas por piedade e que me treinara sem piedade, sempre me dizia para não confiar demais em mim mesmo. Levei isso a sério. Mas ele também me ensinou a avaliar um oponente e tirar vantagem de cada uma de suas fraquezas. Os caras com que lutei em Riverside não eram páreo para mim; os que eram se mantiveram longe de minha espada. Não havia lutas de demonstração em Riverside.

Thomas Berowne era só um pouco mais velho que eu — ainda não tinha vinte anos, como admitiu, e embora seu pai fosse rico, ele não era, além de ser um segundo filho. O dinheiro que tinha era dedicado a colecionar objetos de arte, e ele esperava que eu não me ofendesse se dissesse que eu era um dos mais preciosos, “… não que eu possa arcar com seu verdadeiro preço”.

Perguntei quanto ele achava que eu valia, especulando constrangido se ele pretendia me pagar. Isso faria de mim o prostituto de um nobre, o que estava longe de ser minha ambição. Ele me beijou e disse que nosso encontro era uma permuta aberta entre corações desejosos. Disse que minha destreza com a espada poderia estar à venda, mas no que se referia a… Bem, sinceramente não consigo me lembrar do que ele disse, mas foi nessa linha.

Não se poderia dizer que ainda era de manhã quando afinal saímos da cama para beber o chocolate trazido por seu valete. Era algo incrível; não seria possível obter nada parecido em Riverside. Havia pãezinhos brancos tostados também, e uma manteiga tão boa que só poderia ter vindo do campo.

À luz do dia, admirei os tesouros do fidalgo: a tapeçaria representando amantes num jardim de rosas, que cobria metade de uma parede, a antiga

escrivaninha com incrustações de veados e folhas de carvalho, lustrada com cera de abelha… Até as cortinas da cama eram obras de arte, bordadas com luas e estrelas.

Peguei uma coisa pequena, uma estátua em marfim de um rei menino, com muitas tranças e o peito nu, pouco maior que a palma da minha mão.

— Sei que você não pode pagar um espadachim — disse a ele, tentando não parecer muito ganancioso. — Mas eu lutaria um duelo por isto.

Os lábios de Thomas Berowne se curvaram. Seus cabelos encaracolados estavam desgrenhados, e sua boca tinha a cor beijável de certas rosas.

— Você tem bom gosto — disse ele. — Mas poderia lutar uma dúzia de desafios e ainda assim não chegaria nem perto do valor disso.

Pousei a estatueta com cuidado.

— Bem… — Lorde Thomas beijou meu ombro. — Agora esperam por mim num lugar, e imagino que por você também. Só que vou levar muito mais tempo para me tornar apresentável ao mundo. Portanto, se quiser que eu chame minha carruagem para levá-lo até a casa de lorde Condell…

Abanei a cabeça. As casas eram tão próximas que achei incrível que ele sentisse necessidade de uma carruagem para transitar entre elas.

— Então — disse lorde Thomas —, deixe-me ajudá-lo a se vestir para compensar minha ânsia em tirar sua roupa na noite passada.

Quando ele passou a camisa de linho pela minha cabeça, percebi que era muito melhor que a minha. Não falei nada; provavelmente ele tinha gavetas cheias de camisas, e se aquele era o presente que ele queria me dar, bem, ter uma terceira camisa só podia ser bom.

Encontrei Jessamyn na Fantasia de Donzela, bebendo com nossa amiga Kathy Blount.

— Bem, se não é o grande St. Vier! — Jess empurrou sua cadeira para trás. — E eu aqui pensando que você tinha fugido com a noiva.

— Ela não me quis — falei, casualmente. — Então, lutei um duelo.

— Sim, na casa de lorde Condell, eu soube. — Eu mesmo queria ter contado a ela. — Willie Esperto estava lá, dando uma conferida no local para a mãe da Kathy e a gangue dela. Ele entrou na casa como entregador. Todo mundo na cozinha estava elogiando sua luta.

Espalhei as moedas de lorde Condell em cima da mesa, na frente dela. Kathy, pelo menos, teve a decência de parecer impressionada. Jess apenas pegou uma e a ergueu como um prêmio.

— Rosalie! Isto é para pagar a conta… e mais uma rodada. Um brinde à casa! Um brinde à sorte! Um brinde a Annie.

Ela já havia deixado a sobriedade muito para trás.

— Onde está Annie? — perguntei. — O que aconteceu?

Kathy enxugou os olhos com as costas da mão.

— Annie foi apanhada. Ontem de manhã. Chicotearam ela hoje, na Praça da Justiça. Jessamyn foi lá, e eu fui com ela. Então Annie sabia que as duas estava lá na multidão.

— *Estavam* lá — corrigiu Jess, ferozmente. — Você nunca vai chegar ao norte da cidade se continuar falando assim, Kath. Vai acabar como Annie, com palha podre da cadeia nos cabelos e o vestido rasgado para eles verem suas tetas, enquanto chicoteiam você por ter roubado o que eles gostariam de ter…

— Cale a boca! — Kathy se afastou da mesa com tanta rapidez que seu banco caiu. — Cale a boca, Jessamyn Metida a Besta! Você acha que é melhor que nós? Você pode até passar uma hora enganando os outros numa trapaça no norte da cidade, mas você bebe e fode aqui em Riverside junto com todos nós.

Eu sabia que Kath levava uma faca na manga, mas ela não fez menção de pegá-la. Portanto, fiquei apenas observando enquanto ela esfregava os olhos com a mão e saía às pressas da taverna.

Jess fez uma careta.

— A muquirana nem pagou a conta dela — disse. Pegou então outra moeda da minha pilha. — Mas tudo bem. Temos bastante para gastar agora, amor, não temos? Vamos ver se o Salamandra ainda tem aquela adaga com cabeça de cobra que agradou você.

Coloquei minha mão sobre a dela.

— O aluguel primeiro. Essa é a regra. E, já que vamos estar lá, talvez seja uma boa ideia subirmos. — Pousei a mão atrás de sua cabeça, entrelacei meus dedos em seus cabelos de luar e a beijei bem ali na taverna. Eu a queria muito.

Ela deslizou sua mão livre pela minha coxa.

— Regras são regras. Vamos pagar o aluguel e nos divertir.

* * *

A adaga com cabeça de cobra fora vendida, mas Salamandra tinha outra com um equilíbrio tão perfeito que poderia ter sido feita para mim. Compramos aquela e também uma adaga feita de vidro, porque era simplesmente incrível; pulseiras para Jess que Sal disse terem vindo de Cham; e cinco garfos de prata que

terminavam em cabeças de ninfa. Depois fomos até a loja de Maddie para ver as roupas que ela tinha. Jessamyn esquadrinhou com esmero todos os uniformes de criadas, procurando os melhores, vestidos feitos com doações de patroas generosas que poderiam ser reformados para parecerem novos. Encontrou uma saia e uma anágua quase perfeitas, um monte de lenços e echarpes que Mad lhe vendeu barato por estarem queimados, devido à falta de cuidado da criada que as passou a ferro. Jessamyn ficou algum tempo namorando um velho corpete com brocados dourados, cuja maioria dos pequenos florões de seda permanecia intacta, mas depois disse que não teria uso para aquilo. Comprei-o para ela assim mesmo, apenas por diversão. Em casa, vimos muita utilidade nele.

Estávamos gastando assim porque sabíamos que viria mais. E veio, naquela mesma primavera. Os nobres começaram a enviar emissários à Donzela, oferecendo-me trabalho. Lutas de demonstração, na maioria, em festas e outros eventos, mas ainda nenhum duelo de verdade. Jess e nossa amiga Ginnie Vandall me disseram para ter paciência, pois era assim que a gente se fazia notar. Ginnie sabia tudo a respeito de espadachins.

Ela não gostou quando recusei a oferta de lorde Condell para passar um mês em suas propriedades de verão. Respondi a ela que acabara de chegar do campo e não queria retornar. Não disse que não queria deixar Jess por tanto tempo, mas isso era claro.

De repente, Jess engravidou, apesar de todos os nossos cuidados, e saiu caro nos livrarmos do feto. Ela ficou doente durante algum tempo e não teve condições de sair para seus serviços. Foi quando o dinheiro começou a minguar para mim também. Passei em revista todos os meus recentes duelos pagos, tentando descobrir o que fizera de errado. Será que eu era previsível demais? Será que devia ter deixado alguém me vencer, pelo menos uma vez?

— Eu podia ter lhe dito para aceitar todos os trabalhos que oferecessem! — disse Ginnie. — Sim, até os casamentos, Richard. Sabe por quê? O verão está chegando, e todos vão para o campo. Não só lorde Condell. Ninguém precisa de um espadachim aqui no verão.

— Agora Richard só pega os trabalhos que quer. — Jess se enrolou em mim no banco, como se fosse um grande gato branco. Ambos sabíamos que Ginnie era louca por mim, mas, apesar do que ocorrera na Colina, eu só tinha um amor em Riverside. — Ele está farto de casamentos. Todo mundo sabe que ele é o melhor. Nós ficaremos bem até Sua Excelência voltar para casa no outono e começar a se divertir de novo.

Primeiro, tivemos de botar os garfos de ninfa no prego e vender o corpete de brocados. Depois, empenhamos as roupas de inverno de Jessamyn.

— Vou comprá-las de volta — disse ela, dando de ombros. — Assim que eu melhorar.

Quando esse dia chegou, fizemos tranças em seus cabelos de novo e ela atravessou a Ponte em busca de um alvo para ganhar algum dinheiro com o conto da criada demitida.

— Eu já estou bem magra. — Ela sorriu para mim. — Vai ser fácil.

Jess voltou para casa com um lenço cheio de maçãs, pão e queijo fresco, e nós nos entupimos de comida e beijos, mas, quando levantei suas saias, descobri que suas anáguas haviam desaparecido.

— Vou recuperar as anáguas — disse ela com firmeza. — São minhas. Posso fazer o que quiser com elas. Eu só não estava preparada ainda.

Vendi o copo verde e a estátua sem braços, pois Salamandra não quis aceitá-los como penhores. Maddie comprou de volta quase todas as roupas de linho de Jess.

— A sorte de vocês vai mudar — disse ela, devolvendo a Jess uma das echarpes queimadas. — Uma garota precisa ganhar a vida. Não se preocupe, querida, já vi isso antes. Você vai dar a volta por cima.

Se aparecessem casamentos, eu os aceitaria, mas parecia que o verão também não era uma boa época para casamentos.

Foi quando Marco e Ivan apareceram com o grande esquema.

Nós estávamos bebendo na Rosalie, porque sua taverna é subterrânea, na adega de um velho sobrado. O local era extremamente úmido no inverno, mas era uma bênção no verão. Até a cerveja estava relativamente fresca. Além disso, Rosalie estava entre os poucos comerciantes que ainda nos deixavam comer a crédito.

— Richard St. Vier! — Eles vieram até nossa mesa, com penachos em seus chapéus e andar afetado. — Já esteve na estrada principal?

— Claro que já estive na estrada principal. Como acha que cheguei aqui?

Ivan deu uma cutucada nas costelas de Marco.

— Gosto desse garoto. Ele tem senso de humor.

Jess permaneceu sentada, com um pequeno sorriso nos cantos dos lábios, observando o espetáculo.

— Richard… — Marco se debruçou sobre a mesa. Ele não estava armado, então permiti que o fizesse. — De onde acha que veio este chapéu? Ou estas fivelas? Ou estes sapatos? — Aguardei. As fivelas eram muito feias. — De carruagens de nobres, eis de onde vieram. Na estrada principal. Onde passam para lá e para cá sem nenhuma preocupação, só esperando que cavalheiros como

nós parem suas carruagens e os aliviem de um pouco de seu ouro.

— E pertences pessoais — disse Ivan, afagando o alfinete de chapéu mais espalhafatoso do mundo.

Marco se virou para Jessamyn.

— Há senhoras também, sabia? Velhas bruxas miseráveis usando sedas e joias que já deviam ter doado há muito tempo para adornarem uma dama mais jovem e alegre.

Jessamyn meneou a cabeça.

— Vá em frente, Richard — disse ela, alegremente. — Você devia tentar! Assim poderá me conseguir umas anáguas novas.

— O que eu teria de fazer? — perguntei.

— Há uma carruagem chegando — disse Marco. — Amanhã de manhã. Transportando todo o tipo de coisas luxuosas. Eu soube pelo Tom Gordo, cujo primo da mulher do irmão trabalha na Colina e conhece o cara que está guiando a carruagem. Tudo o que temos de fazer é deitar em determinada curva da estrada, que por acaso conhecemos, onde ficaremos bem escondidos dos passantes e esperaremos. Então, você se adianta e desafia o cocheiro. A carruagem para e…

Quem eles pensavam que eu era?

— Não vou desafiar cocheiro nenhum!

Um espadachim só luta contra outro espadachim.

Jess deslizou a mão em meu braço.

— Você não precisa desafiá-lo, não de verdade. Só o faça parar.

— Ou podemos fazer o seguinte — disse Ivan mais que depressa. — Nós podemos pará-lo, se você quiser. Só que pareceria melhor se você fizesse isso. Com uma espada, sabe?

— Mas há um guarda — explicou Marco. — Normalmente é um criado, não um espadachim, mas treinado para usar facas e coisas assim. Às vezes, há dois. Além do cocheiro. É aí que você entra.

— Meta medo neles. Eles sabem o que uma espada pode fazer. Eles respeitam isso. Basta você reunir todos e fazer com que fiquem parados. Pareça ameaçador. Não deixe que usem nenhum truque enquanto saqueamos a carruagem. Depois nós sumimos!

— A pé ou a cavalo? — perguntou Jess.

Marco a olhou com piedade.

— Nós sempre alugamos a Bess Marrom. Ela é bastante confiável e tem um trote muito macio.

— Ela não vai carregar três.

— Eles não vão correr atrás de um espadachim.

Aquilo parecia um inferno para mim.

— Prefiro trabalhar em casamentos.

Mas isso não era de todo verdade. E Jess sabia.

— Pelo menos você vai poder lutar — disse ela. — Ou fingir que vai lutar, de um jeito ou de outro. Você pode imobilizar os caras com aquele olhar terrível que tem quando está treinando. Eu garanto que não vai se entediar.

— Dinheiro fácil — disse Marco.

— Faça isso — disse Jess. — Vai ser divertido!

Eu estava bastante entediado.

Marco e Ivan apareceram cavalgando a Bess Marrom no início do alvorecer, quando muitos moradores de Riverside encerravam o turno e voltavam para casa. Eles me deixaram sentar atrás, e assim prosseguimos ao longo da estrada por um bom tempo até chegarmos ao lugar determinado. Ivan amarrou Bess entre as árvores. Então nós nos deitamos numa das margens, sobre a grama ainda úmida, e observamos a estrada.

E observamos a estrada. E observamos a estrada. Adormeci por alguns momentos. De repente, Ivan me cutucou dizendo “Aí vêm eles!”, mas era apenas uma carroça de entregas, cujas duas mulas subiam penosamente a ladeira.

— Lembre-se — murmurou Marco depois que a carroça passou. — Não mate ninguém. É muito importante que você não mate ninguém.

— Por quê?

— Por roubo, você vai para a prisão e é chicoteado. Por homicídio, você balança na corda. Todos nós.

Eu não disse nada.

— Sim — disse Ivan —, esse mundo velho é engraçado. Se você mata alguém num duelo para esses caras, é uma coisa corretíssima, ninguém faz perguntas. Mas se nós matamos um por acidente, enquanto tentamos ganhar a vida, dançamos na forca.

— É claro que, se você matar alguém… — acrescentou Marco — … se a gente matar, quero dizer… é melhor matar todo mundo.

— Por quê?

— Para eles não falarem. Assim, teremos uma chance.

Eu estava muito, muito arrependido de ter ido. Era tudo o que eu precisava: ser estigmatizado como um assassino qualquer, e usando uma espada de

verdade, ainda por cima. Seria o meu fim como espadachim, o fim de tudo o que meu velho mestre me ensinou. Tudo por nada.

— Ei, olhe… — Marco deve ter visto minha testa franzida. — Ninguém vai ser morto aqui. A vida na estrada é só ouro e glórias, não deixe que ninguém lhe diga o contrário. Podem até escrever uma canção sobre você! Como aquela sobre o Dan Garboso, ou seja lá qual for o nome dele. — Ele começou a cantar: — Dan Garboso, Dan Garboso, rouba sua mulher e come sua…

— Pssst! — Ivan abanou a mão para nós. — Estão vindo!

Dessa vez estavam vindo, mesmo.

Cavalos brancos quase idênticos puxavam uma deslumbrante carruagem, que me pareceu estranhamente familiar, mas foi só depois que Ivan e Marco a detiveram, puxaram o cocheiro para fora da plataforma enquanto eu segurava os cavalos e me fizeram ameaçar o criado com a espada até que ele e o cocheiro estivessem amarrados juntos é que eu descobri por quê.

Marco bateu à porta da carruagem com o cabo de sua faca, arranhando o brasão com certo prazer. O jovem nobre que surgiu era muito familiar, de fato.

— Olá, Thomas — saudei.

— Richard! — Ele pareceu quase satisfeito. — O que está fazendo aqui?

— Sinto dizer que meus associados e eu vamos roubar todo o seu dinheiro e joias.

Lorde Thomas Berowne estava assustado, eu podia perceber, mas aguentou bem. Embora sua mão estivesse tremendo, manteve a voz calma e a cabeça erguida.

— Se vocês vão, vocês vão — disse ele. — Meu pai ficará muito desolado, mas, quando eu explicar que estavam em maior número, tenho certeza de que entenderá.

— Isso está errado — disse Ivan, esticando o pescoço por trás dos cavalos para ver o que estava havendo. — Parem de falar e o apaguem.

Hesitei. Aquilo estava errado. Marco suspirou ruidosamente.

— Tudo bem, Richard, já entendemos. Ele é o único nobre da cidade que você realmente conhece. Você trabalhou para ele e não quer perder seu protetor. Essa é a nossa sorte. Como sempre. Você devia ter vindo mascarado.

— Com certeza — disse lorde Thomas, em seu tom de voz suave e amigável. — É uma infelicidade termos nos encontrado de novo assim, mestre St. Vier. A Guarda e meu pai vão exigir uma descrição completa dos criminosos. — Ele apontou o queixo para Marco. — Você, cavalheiro, é claro que não conheço. — Suas mãos estavam tremendo muito agora. Fiquei surpreso por ele ainda estar de

pé, pois geralmente os joelhos cedem primeiro. — É difícil mentir para o meu pai, mas vou tentar.

— Que gentil — disse Marco, com um sorriso sarcástico. — Para quê?

Berowne se virou para mim.

— Eu poderia lhe pedir, em retribuição, que você me visitasse novamente? Logo?

— Sim — respondi, surpreso. — Eu gostaria disso.

— Veja, Richard, você até arranjou um trabalho! — gritou Marco com satisfação. — Agora vamos bater na cabeça dele e acabar com isso.

Berowne empalideceu, e Marco disse com uma selvagem alegria:

— Os pais gostam quando a gente bate na cabeça de vocês.

— Eu preferiria que você não o fizesse — disse Thomas desesperado. — Meu pai diz que tenho uma cabeça muito macia, então…

— Cale a boca — vociferou Marco.

— Espere — interrompi.

— Richard, o que diabos está fazendo?

— Apagando ele.

Eu sabia que Thomas fechava os olhos e os mantinha fechados quando beijava. Portanto, embainhei minha espada e passei os braços ao seu redor, junto com minha capa molhada, ocultando Ivan e Marco de seu campo visual e ocultando Thomas do campo visual deles. Era meio que adorável o modo como todo o corpo dele tremia encostado ao meu. Eu o beijei e, após um momento, ele retribuiu o beijo, coisa que ele faz muito bem.

Atrás de nós, Marco e Ivan saqueavam a carruagem. Eu murmurava de prazer para que Thomas não os ouvisse, para que não pensasse no roubo. Ele se apertou mais contra mim. Suas mãos, que haviam parado de tremer, deslizavam pelas minhas costas. Eu não sabia ao certo por quanto tempo nós conseguiríamos permanecer de pé. Queria empurrá-lo para a lateral da carruagem, o que seria uma estupidez, ou para algumas daquelas árvores estranhas, o que seria difícil. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu queria fazê-lo, portanto foi um alívio quando ouvi a voz de Marco.

— Vamos embora.

— E os anéis dele? — ganiu Ivan.

Desgrudei-me de Thomas Berowne.

— Deixe a droga dos anéis — falei asperamente, ainda sem pleno controle da respiração. — Entre na carruagem, Thomas, e mantenha a cabeça abaixada. A bagagem estava espalhada pela estrada: camisas, meias, coletes, caixas

arrombadas e livros. — Deixe isso! Deixe isso e entre. Não, Marco, não faça isso…

Mas dessa vez eles não me deram atenção. Após dar uma cotovelada num dos rins de Thomas Berowne, Marco amarrou suas mãos com uma echarpe, enfiou uma meia em sua boca e o deixou dentro da carruagem para ser encontrado pelo próximo passante.

Como fora combinado, nós nos encontramos no Recanto dos Quatro Cavalos, uma taverna localizada na estrada secundária que leva a Azay, a cerca de um quilômetro e meio da cidade. Marco e Ivan estavam na sala dos fundos organizando o butim, que ia de uma profusão de moedas a alfinetes de chapéu cravejados de pedras preciosas. Ficaram encantados ao me ver.

— Então — disse Ivan, quase pulando de pé —, vamos fazer isso de novo, certo?

— Acho que não.

— Acha que não? Mas foi perfeito! Você é até mais que um Ladrão Cavalheiro, você é um Ladrão Namorado! Daqui a uma semana vão aparecer canções por aí. Ou em menos de uma semana!

— Não apenas canções — disse Marco com um olhar malicioso. — Vão fazer fila na estrada para serem “nocauteados” por você!

— Só tome cuidado para não engravidar ninguém — disse Ivan. Essa era sua ideia de humor.

— Não — repeti, pegando a jarra que estava diante dele e bebendo todo o conteúdo. — Passei horas na grama entediado e molhado. Vou ter de azeitar minha espada de novo, e nem mesmo a usei. Tive de andar todo o caminho até aqui. E perdi um dia inteiro de treino.

Marco se recostou um pouco na cadeira e pôs as mãos sobre a mesa.

— E o dinheiro?

— Vou levar.

Jess e eu vivemos bem por algumas semanas. Recuperamos suas roupas de linho. Comprei um vestido quase novo para ela, branco, pontilhado com flores brilhantes. Ela o vestiu para aplicar o golpe do bolso desaparecido no norte da cidade. Suas tranças estavam bem presas, e suas saias, limpas. Ela parecia a filha mimada de um cavalheiro do campo.

Ela chegou tarde, de rosto vermelho e bêbada, os cabelos mal presos, com mechas caindo pelo rosto. Eu não havia percebido como o dia escurecera. Estava

treinando, coisa importante, quer se tenha trabalho ou não, e não precisava realmente enxergar quando sabia que não havia ninguém em casa.

— Olhe! — disse ela. — Olhe o que ele me deu!

Ela afastou os cabelos para me mostrar um colar de ouro, com arabescos e pedras preciosas.

— Folheado — completou. — E falso. Mas na próxima vez será de verdade. — Seu beijo tinha gosto de *brandy*. Era sua bebida favorita, quando podia tomá-la. — Estou subindo na vida!

Não lhe perguntei o que tinha acontecido. Às vezes as coisas simplesmente aconteciam. Mais tarde, tive de saber pelo Willie Esperto que Jess quase fora presa na rua Tilton. Mas o homem com o colar se apresentara, depusera em favor dela para a Guarda e depois lhe pagara um drinque.

Ela vendeu o colar e comprou mais vestidos. Agora, quando voltava de suas incursões na cidade, não se gabava de seus golpes espertos, como fazia antes. Algumas vezes nem queria falar nada.

Isso me dava mais tempo para treinar. O verão estava quente, e nossos aposentos eram sufocantes. Jess achava que eu devia treinar no pátio, mas lá era aberto demais ao público, e os movimentos que eu praticava eram meus. Uma luta vitoriosa é aquela em que o adversário não tem a menor ideia do que você fará no momento seguinte.

Jess dizia que meus treinos infindáveis não eram divertidos e começou a passar cada vez mais tempo fora, nas tavernas de Riverside, o que pode não ter sido uma boa ideia. Eu via que suas mãos às vezes tremiam. Bater carteiras de cavalheiros estava fora de questão. Ainda assim, ela chegava em casa com todo o tipo de enfeites e pulseiras. “Estou subindo na vida”, dizia a quem perguntasse. “Os alvos podem ser muito burros se você souber lidar com eles.” E ninguém a contradizia. Talvez porque ela dividia algumas de suas bugigangas, aquelas que não guardava nem vendia, para suas amigas da Fantasia de Donzela.

Seria de imaginar que ela tinha coisas suficientes para brincar, mas ela começou a mexer nas minhas coisas também, e desfilava pela sala sem nada no corpo além do cinturão da minha espada, fazia brincadeiras bobas com meus castiçais de dragão, pegava todas as minhas camisas para procurar buracos repetidas vezes… Quando tentou mexer nas minhas facas boas, não aguentei mais. Os fios daquelas facas eram perfeitos e tinham de permanecer assim.

— Não são brinquedos — expliquei a ela. — E não são seus. Deixe isso aí.

Ela pegou então a adaga de vidro, enrolou seus cabelos claros e pesados usando uma das mãos e prendeu-os com a lâmina. O penteado ficou bonito, e eu disse isso a ela. Ela apenas jogou a cabeça para trás.

— Que bom que você gostou — disse, e saiu.

A partir daí, mantive minhas duas facas sempre comigo, penduradas em meus quadris.

Era uma noite quente, e eu estava treinando. Jessamyn e eu acordáramos cedo naquela manhã e, para variar um pouco, tínhamos desfrutado de nosso prazer mútuo lenta e preguiçosamente até o sol refulgir através das frestas das persianas e desfazermos a unidade suarenta em que nos havíamos transformado. Permaneci deitado, enxugando-me com um canto do lençol e observando Jessamyn se lavar com a esponja na água da bacia. Era como uma estátua de mármore, um corpo branco, de curvas suaves e perfeitas, cabelos claros nas sombras, caindo como um rio esculpido por um artista cuidadoso.

Ela não me pediu ajuda para trançar seus cabelos. Rápida e eficientemente, formou uma longa trança grossa, torceu-a e prendeu-a com a adaga de vidro. Vestiu uma bata de linho branco, uma saia de linho azul e um corpete e começou a se enfeitar com algumas das bijuterias que andava colecionando. Achei-as espalhafatosas, mas não disse nada; ela não gostava quando eu emitia opiniões. Alegava que conhecia seu ofício melhor.

— Estou indo — disse ela.

— Você tem que sair?

— Ah, sim — respondeu ela alegremente. — Ele vai me levar para almoçar no Cabeça do Rei.

Eu nunca ouvira falar do lugar. Voltei a dormir mais um pouco. Depois me levantei, lavei-me no pátio, vesti a roupa e saí para procurar alguma coisa para comer. Não havia nenhuma proposta de trabalho para mim na Fantasia de Donzela. Rosalie também não sabia de nenhum trabalho. Assim, voltei para casa e fui treinar.

Eu estava praticando um novo movimento com o qual um espadachim quase me derrotara em meu último duelo. Primeiro, eu tinha de ver meu oponente com clareza, depois, tinha de me transformar nele, executando a sequência tão devagar que uma criança poderia passar na frente de minha espada. Então eu começava a aumentar a velocidade, cada vez mais.

O dia estava escurecendo quando Jess chegou, rodopiando, embrulhada num xale chamativo e franjado. Tentou me fazer cócegas com as franjas. Eu a dispensei como quem espanta uma mosca. Ela sabia que não devia me perturbar quando eu estava trabalhando, já lhe dissera isso uma dúzia de vezes.

— Rich-a-ard — cantou ela —, o que acha dos meus novos trajes?

— Mais tarde.

Suor escorria do meu peito, mas eu precisava incorporar solidamente o novo

movimento para poder contar com ele na próxima vez e executá-lo de forma tão rápida que meu oponente nem o veria.

— Ah, vamos lá — insistiu ela.

Ela pulou para a frente, passou o xale em mim, como uma criança fazendo uma travessura, e depois pulou para trás.

— Pare com isso, Jess. — Não é aconselhável se aproximar de um espadachim sem avisar.

— Não, pare *você* com isso! — Ela começou a andar no meu campo visual, descrevendo um incômodo semicírculo. — Você pode praticar depois. Não quer se divertir um pouco?

— Não gosto de "diversão".

— Não gosta, não é? Não gosta mais. — Ela soltou o corpete e desnudou um dos ombros para mim como uma garota das ruas. Eu a via com um canto do olho, mas a ignorei. — Gosta do que está vendo?

— Você poderia, por favor…

— Eu não estou aqui só para decorar a sala, sabia?

— Eu sei. — Tentei manter minha rispidez no meu treino de ataque, mas ela escapou na minha voz: — Eu sei, eu sei, agora pode calar a boca, por favor?

— *Eu não vou me calar!* — guinchou ela numa súbita explosão, e agarrou meu braço livre num movimento que eu não estava esperando. — *Olhe* para mim! E escute o que estou falando!

Suor escorria sobre meus olhos, portanto eu mal conseguia enxergar.

— *Você não liga para mim, seu caipira filho da puta! Você só se importa com sua espada. Você estaria morto se não fosse por mim!* — Eu nem sei como entendi as palavras, de tão altas e esganiçadas que soavam. — *Você acha que é bom demais para ganhar a vida como o resto de nós, pois bem, deixe eu lhe dizer uma coisa: eu faço o que posso para sobreviver, você pelo menos notou isso? Acha que é um nobre? Acha que é muito refinado para fazer outra coisa além de praticar até seu próximo grande duelo?* — O barulho estava intolerável. — *Quando foi que você ficou tão chique, hein? Quando foi que se tornou bom demais para o resto de nós?* — Eu não sabia como fazê-la parar. — *Olhe para você, esperando por mim aqui em casa até eu chegar com seja lá o que for que eu tenha conseguido ganhar, fazendo seja lá o que for que eu tenha feito, e isso é duro, mas você acha que perdi meu estilo. Eu tenho muito estilo, mais do que você jamais terá. Você não consegue nem arranjar um trabalho. Eu não perdi minha coragem, tenho coragem de sobra quando se trata de filhos da puta como você. Riverside não quer você, eu não quero você.*

Ela tirou a adaga de vidro dos cabelos. Uma luz prateada a cobriu por

completo, então devia ser noite de lua. Ela veio na minha direção, segurando a faca, ainda dizendo aquelas coisas. Eu tinha de fazê-la parar.

A lua estava tão brilhante de projetava sombras ao nosso redor.

* * *

Kathy Blount apareceu de manhã, mal o sol se levantou. Bateu à porta repetidamente e, ao abri-la, encarou a cena de olhos arregalados e enfiou as mãos na boca.

— Ela estava gritando — tentei explicar, mas Kathy se virou e correu.

Depois disso, as pessoas se mantiveram afastadas de mim durante algum tempo. Era uma distância respeitosa, e não me importei. Nunca gostei de pessoas se amontoando em volta de mim. Então, um novo espadachim chegou à cidade, espalhafatoso e fanfarrão, irritante como o diabo. Eu o desafiei na rua e o matei, limpa e honradamente, com um golpe direto no coração. Voltei a ser o verdadeiro espadachim de Riverside. Ginnie Vandall ficou chateada, pois acabara de se juntar com Hugo Seville, e seria perigoso largá-lo agora, para não dizer idiota. Hugo trabalhava em casamentos, Hugo lutava em duelos de demonstração, Hugo lutaria com um *golden retriever*, se isso o tornasse popular com os nobres ou se os mercadores lhe pagassem bem.

Não voltei à Fantasia de Donzela, nem no final do verão. O ensopado de Rosalie era melhor, e meu crédito parecia inexaurível.

Portanto, foi lá que Marco e Ivan me encontraram ao regressarem de uma incursão de verão fora da cidade e me cumprimentaram como se eu fosse um amigo há muito perdido. Perguntaram se eu não gostaria de voltar à estrada, se não gostaria de ganhar dinheiro de verdade dessa vez. O verão estava sendo difícil para mim, alguém lhes contara, e poucos nobres tinham retornado à cidade, portanto os trabalhos deviam andar escassos e as noites já estavam ficando frias. Eles haviam sentido minha falta em Hartsholt, haviam mesmo, apesar de que lá meu talento seria um desperdício. Mas agora estavam de volta à cidade, então que tal?

Eu lhes disse que não. Não me importava o que me oferecessem nem o quanto eu estava duro.

Eu não faria aquilo novamente.

Aquilo levava a coisas nas quais eu preferia não pensar.

E não era nem um pouco divertido.

SCOTT LYNCH

Romancista de literatura fantástica, Scott Lynch é mais conhecido pela série "Nobres Vigaristas", sobre um ladrão e vigarista num perigoso mundo de fantasia. A série reúne *As mentiras de Locke Lamora*, finalista dos prêmios World Fantasy e British Fantasy, *Mares de sangue* e *República de ladrões*. Seu livro mais recente é o quarto volume, *The Thorn of Emberlain*. Scott Lynch mantém o site scottlynch.us e vive com sua esposa, a escritora Elizabeth Bear, em Massachusetts.

Neste conto, ele nos apresenta um ladrão num período de má sorte e sem nada a perder. Envolvido numa busca insanamente perigosa, ele acaba descobrindo que ao descobrir tudo não ganhará nada, exceto uma fascinante história para ser contada numa fria noite de inverno.

A FUMAÇA DO OURO É GLÓRIA

Scott Lynch

Naveguem na direção norte partindo das Cidades do Crescente, três dias e três noites sobre o ondulante mar negro, e com certeza vocês encontrarão o topo de Ormscap, as montanhas que sangram fogo e que circundam o teto do mundo como uma cicatriz. Nos baixios, onde o vapor se evola em mil cortinas, vocês verão um cais carcomido, de onde poderão caminhar até os destroços de uma cidade desmantelada que, desde o início, nunca foi construída direito. Ela foi subindo por aqueles rochedos, camada após camada, como dez bêbados cegos passando manteiga no mesmo pedaço de pão.

A parte mais ao sul de Ormscap ainda é chamada de Bigorna do Dragão. A cidade abaixo da montanha já foi chamada de Helfalkyn.

Há não muito tempo, aquele era um lugar encantado, um refúgio e uma prisão, lar dos ladrões mais desesperados do mundo. Há não muito tempo, todos eles clamavam em seu sono pelo tesouro da montanha. Uma parte em três de todas as coisas brilhantes que já foram arrancadas, dragadas ou escavadas da terra, era o que afirmavam os eruditos.

Era o que o dragão levara para lá e contemplava, o último dragão que falaria com qualquer um de nós.

Agora a cidade está vazia. O vento uiva através de janelas quebradas em paredes sem teto. Se você lambesse as pedras da montanha durante mil dias, não sentiria gosto de metal precioso suficiente nem mesmo para dourar uma letra de um manuscrito de um monge.

Helfalkyn está morta, o dragão está morto, e o tesouro poderia muito bem nunca ter existido.

Eu sei melhor que ninguém. Sou o homem que perdeu uma aposta, subiu na Bigorna e ajudou a quebrar a coisa toda.

Conto essa história uma vez por ano, na véspera do Galen, e nenhuma outra vez. Alguns de vocês já a ouviram. Fico feliz por terem vindo ouvi-la de novo. Como qualquer contador de histórias, eu mentiria sobre a cor dos meus olhos para minha própria mãe por meia caneca de restos de cerveja, mas vocês poderão afirmar a todos os rostos novos que nessa história eu não acrescento floreios. Não aprofundo as sombras nem suavizo as mágoas. Uma noite por ano, conto

tudo como ocorreu e não aceito nenhuma moeda.

Atenção agora. Acomodem-se como quiserem. Empurrem seus vizinhos para o lado. Derramem suas bebidas. Riam das piadas ruins e me olhem como carneiros atordoados nas piadas boas. Não vou me importar, pois estou blindado por longa experiência. Porém, para nos despedirmos como amigos, minha tigela não deverá receber nem cobre, nem prata, isso eu juro. Esta noite me paguem com comida, bebida ou simples atenção.

Portanto, deixem-me começar:

PRIMEIRO, COMO TOPEI COM OS CHARMOSOS LUNÁTICOS QUE PUSERAM FIM À MINHA CARREIRA DE AVENTUREIRO

Foi no ano do Corvo de Asa Torta, e tudo começou a ir mal para mim por volta do início do outono.

Numa semana, eu estava com dinheiro; na semana seguinte me vi absolutamente sem nada. Ainda não tenho certeza do que aconteceu. Má sorte, decisões piores ainda, ação de algum inimigo, feitiçaria? Não importa muito. Quando a gente está sendo chutado no chão, um par de botas se parece com qualquer outro.

Há muito tempo sou franco sobre a natureza do meu emprego anterior. Aos que considerarem perturbador este sincero relato de detalhes puramente históricos, eu agradeceria se pudessem dizer uma ou duas palavras a Galen em meu favor, pois duvido que para um velho ladrão existam preces demais. Naquela época, eu teria rido. Jovens ladrões acham que a sorte e as articulações dos joelhos foram feitas para durar por toda a eternidade.

Iniciei o verão surrupiando quatro lanternas de alma, confeccionadas em marfim, do Templo dos Jardins Nublados, em Port Raugen. Antes, eu tinha passado algumas semanas entalhando cópias razoáveis em madeira, que pintei com tinta branca. Fiz a troca à noite, saí sem ser notado, entreguei os artigos genuínos ao meu cliente e zarpei na maré da manhã como um homem bastante rico. Aportei em Hadrinsbirk algumas semanas depois, com uma latejante dor de cabeça e uma inquietante lembrança de ter dinheiro. Não me preocupei. Encontrei um armazém protegido de forma pouco criativa e me apropriei de uma caixa com os melhores cadeados de aço de Sulagar. Vendi os cadeados com as chaves para uma liga de mercadores pouco preocupada com formalidades e depois vendi, para seus maiores concorrentes e pelo dobro do preço, impressões em cera das chaves. Para Hadrinsbirk, já estava de bom tamanho. Parti então para as Cidades do Crescente.

Lá me apresentei como um cavalheiro rico e, usando esse disfarce, investiguei perspectivas e rumores em busca de alvos fáceis. Infelizmente, os alvos fáceis pareciam ter migrado em massa. Para afogar as mágoas, entreguei-me rotineiramente a todos os hábitos questionáveis. Foi quando o período de má sorte me alcançou. As mesas de jogo se viraram contra mim. O crédito fácil desapareceu. Todos os que me deviam favores trancaram as portas, e todos os que eu deveria evitar inundaram as ruas. Antes de me dar conta, eu me vi dormindo num estábulo.

Abri uma exceção e apelei para os praticantes locais de meu ofício. Minha súplica foi recebida com frieza. Uma súbita onda de honestidade se abatera sobre a cidade, e os esquemas simplesmente não estavam funcionando, ou pelo menos foi o que alegaram. Ninguém precisava organizar um sequestro, saquear um cofre ou profanar um túmulo.

Foi uma situação difícil, e confesso que em parte a mereci. Apesar de toda a minha duramente adquirida fama profissional, eu não deixava de ser um forasteiro, e sem dúvida deveria ter prestado meus respeitos aos ladrões das Cidades do Crescente algumas semanas antes. Agora estavam informados sobre mim e atentos aos tipos de trabalho que eu poderia executar. O vento esfriava, meu estômago vivia vazio, e eu já estava no último furo do cinto. Precisava de dinheiro! Trabalho honesto também estava fora de questão, pois a notícia sobre a minha presença havia se alastrado. Quem faria de Tarkaster Crale, flagelo de uma dúzia de caravanas, um guardião de caravanas? Quem contrataria Crale, o Arrombador, para montar guarda diante dos cofres de um cambista? Seria estranho! Eu não poderia sequer carregar baldes de lavagem até os fundos de uma taverna por uma tarde. Um gatuno do meu calibre e com a minha experiência? Qualquer ladrão sensato presumiria que era um disfarce para algum grande golpe, o qual teriam de interromper.

Era difícil ser pobre mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, mas ser pobre e famoso na minha antiga linha de trabalho… que os deuses tivessem piedade.

Eu não tinha nenhuma perspectiva. Nenhum amigo. Poderia vencer um concurso de bolsos vazios contra qualquer um num raio de centenas de quilômetros. Tudo o que me restava era minha juventude e um senso de orgulho que brilhava quase tanto quanto carvão em brasa.

Essas foram as circunstâncias que me levaram a considerar seriamente, pela primeira vez, a letra da Canção do Dragão de Helfalkyn.

Estou vendo alguns de vocês assentirem, aqueles que já não têm muitos cabelos. Vocês também a ouviram. Ninguém a repete hoje em dia, já que a bem-aventurança de Helfalkyn diminuiu tão profundamente, mas na minha juventude

não havia criança em qualquer terra que não conhecesse a Canção do Dragão de cor. Era uma mensagem do próprio dragão, o último e maior deles, o Destruidor de Navios, o Tirano dos Céus. Glimraug.

Era assim:

Ambiciosos, sonhadores, visionários,
Desafiem a canção do enigma, o veneno e a pedra,
Levem o desfecho e os olhos até a Bigorna,
Levem para casa gloriosas lições.

Não é bonitinha?

Amigos, isso é como um dragão diz: "Por que você não sobe na minha impenetrável montanha do tesouro e me deixa matá-lo?"

Desde que tomou a Bigorna, Glimraug fez de tudo para nos atrair. Não confundam isso com hospitalidade benévola e universal, pois Glimraug, claro, assolou metade da terra e propagou desalento durante séculos. Nenhum dragão jamais se dignou a extrair seu próprio ouro. Mas embora tenha destroçado caravanas e destruído castelos como quem quebra ovos, Glimraug tolerou à sombra de seu lar uma pequena comunidade de proscritos e lunáticos. Muito de vez em quando, ele mesmo pegava alguns e os levava até o topo da Bigorna, onde lhes exibia seu crescente tesouro; depois os libertava para que cantassem a Canção do Dragão mais alto que nunca.

Ao longo dos anos, milhares de indivíduos aceitaram o convite do dragão. Nenhum sobreviveu. Havia homens bastante sagazes nesse bolo, grandes heróis, nomes que ainda reverberam, mas nenhum deles foi páreo para a canção do enigma, o veneno e a pedra. Entretanto, para cada um que sonhava o impossível e se dava mal, dois novos surgiam. A Bigorna do Dragão era o último lance de dados para quem havia arriscado a vida numa aposta ruim. Era igualmente atraente para as mentes brilhantes, os loucos e os desesperados. Como eu figurava em pelo menos duas dessas três categorias, a votação foi vencida por maioria simples. Pouco depois já estava num navio chamado *Cisne Vermelho*, lavando o convés e engraxando os cordames para pagar minha passagem até o fim do mundo.

Era o que Helfalkyn parecia quando finalmente a vi: a última povoação humana dizimada pelas últimas mãos humanas na extremidade mais longínqua de um apocalipse concebido por um sacerdote louco. O sol que orlava a enorme montanha tinha a cor de entranhas exangues. Sob sua luz amortecida dizimada uma mixórdia de prédios escuros, casas fora de prumo e ruelas sinuosas.

Velejamos através de bafejos quentes oriundos das aberturas submarinas da montanha, respirando um ar perfumado de enxofre.

Muitos de vocês devem estar pensando o mesmo que eu quando pisei nas tábuas rangentes do cais de Helfalkyn: como um lugar desses conseguira prosperar? A resposta está na interseção de cobiça com teimosia. Para lá iam os aventureiros, os suicidas, os loucos, todos determinados a subir a montanha e, de algum modo, roubar o tesouro de dez mil existências. Mas estariam ansiosos para subir logo? Claro que não. Alguns precisavam traçar planos, encher a cara ou se concentrar até que sentissem surtos de entusiasmo. Alguns esperavam dias, semanas ou meses. Alguns jamais partiam e aferravam-se a Helfalkyn para sempre, envelhecendo com amargura à sombra das ambições fracassadas. Depois dos aventureiros chegaram os provedores — de embriaguez, de jogos, de hospedagem e de companhia —, e a cidade se tornou uma barulhenta e improvisada máquina de extrair as últimas sobras de dinheiro daqueles que sem dúvida não precisariam mais delas. Os capitães dos poucos navios que faziam a rota de Helfalkyn tinham um arranjo cordial com a cidade: levavam qualquer um para lá ao preço de alguns dias de trabalho e cobravam uma pequena fortuna em objetos de valor pela passagem de volta ao mundo. Assim, qualquer recém-chegado a Helfalkyn seria forçado a subir a montanha ou a labutar durante anos, para o enorme benefício dos dirigentes da cidade, se quisesse escapar um dia.

Enquanto eu e alguns outros neófitos observávamos com cautela a cidade, vigaristas enxameavam ao nosso redor. Vendedores de porcarias nos suplantavam em número na proporção de três para um. “Não respirem o ar do dragão sem tomar um gole da Água Purificadora Milagrosa!”, gritou um homem barbudo, sacudindo um jarro do que claramente era urina e lama. “Tomem cuidado! O ar do dragão provoca herpes, escorbuto, enxaquecas horríveis e uma diarreia que sai feito melado! Estejam preparados para enfrentar a Bigorna! Protejam-se a preço módico!”

Olhei em volta e pareceu-me que nenhum dos outros nativos estava tomando a milagrosa lama com mijo para manter os pulmões em ordem, portanto concluí que provavelmente nenhum de nós morreria de enxaqueca. Segui em frente enquanto me ofereciam espadas encantadas, botas encantadas, queijo encantado e pedras da montanha encantadas, tudo a preço módico. Como me senti afortunado ao descobrir tanta generosidade e magia potente no mais vil dos lugares! Mesmo que tivesse dinheiro, eu me recusaria a tirar vantagem desse cordial altruísmo. Dois graciosos filantropos de Helfalkyn tentaram enfiar as mãos nos meus bolsos. O primeiro afastei apenas com uma repreensão. O segundo sofreu uma misteriosa fratura no pulso e perdeu a própria bolsa no

mesmo momento, pois naqueles tempos meus dedos eram consideravelmente mais velozes que o conteúdo do meu crânio. Fiquei apreensivo com a possível chegada de guardas ou, pelo menos, com a existência de alguma solidariedade local que pudesse se voltar contra forasteiros, mas logo percebi que a única lei em Helfalkyn era vencer ou sair do caminho. Ninguém de dedos ágeis tentou vasculhar meus bolsos depois do incidente.

Encorajado pela aquisição de algumas moedas, procurei um lugar para gastá-las e acalmar meu tirânico estômago. Espeluncas em variados níveis de imundície se apresentavam enquanto eu caminhava, e seus funcionários procuravam conquistar clientes com sugestões ainda menos atraentes que a Água Purificadora Milagrosa. Em pouco tempo, pois embora Helfalkyn fosse repleta de recreações não era lá muito vasta, as ruelas sinuosas foram se afunilando até me conduzirem aos degraus da estrutura mais imponente da cidade, o salão Underwing. Havia comida ali, embora o cheiro que se evolava da porta, ladeada por guardas de olhar frio, não prometesse nada muito refinado.

No lado de fora ainda era dia, mas no interior do estabelecimento pairava um perpétuo crepúsculo enfumaçado. A entrada estava decorada por dentes ensanguentados e pelos corpos caídos daqueles de quem haviam sido recentemente arrancados. Trabalhando com o ar de enfado incutido por longa prática, carregadores levavam aqueles desventurados até uma porta lateral, um por um, e os atiravam na rua. Vi mais trocas de socos em várias mesas e balcões daquele espaço cavernoso. Considerando o ar relaxado dos guardas à porta, tentei imaginar o que seria necessário fazer para provocar sua interferência. Os garçons, homens e mulheres corpulentos, transportavam bandejas de um lado para outro metidos em armaduras antiquadas. As janelas da cozinha eram bloqueadas com barras de ferro. Por entre elas, mãos calosas distribuíam canecas de cerveja e garrafas de vinho como defensores de um castelo distribuem projéteis por entre as troneiras. Embora eu já tivesse desfrutado da companhia de pessoas ilustres durante minha carreira, aquela aglomeração ainda era intimamente familiar. Uma mistura em partes iguais de rostos broncos, cruéis, astutos, profanos e gananciosos. Todos os recantos do mundo conhecido haviam enviado a escória de sua escória para povoar Helfalkyn. Decidi tomar cuidado e não chamar atenção até entender como funcionavam as coisas.

— CRALE! — berrou alguém de um balcão acima.

Ah, a sensação de receber a indesejada atenção de um salão repleto de arruaceiros e beberrões. Cabeças se viraram, conversas foram interrompidas e até alguns dos garçons pararam para me olhar.

— Tarkaster Crale? — gritou uma voz descrente.

— Besteira. Tarkaster Crale é um sacana alto e boa-pinta — murmurou uma mulher.

Eu estava prestes a dizer alguma coisa que, com toda a sinceridade, não melhoraria a situação de ninguém quando fui agarrado por cima e levantado no ar. A simples força de quem o fez era assombrosa. Chutei o ar desesperado enquanto era elevado a uma desagradável altura das pedras que pavimentavam a taverna. Com um braço apoiado sobre a grade de um balcão, meu captor me balançava com o outro. Preparei mais um comentário inútil e tateei a cintura à procura das minhas facas. Foi quando vi o rosto do homem.

— Vossa Alteza! — sussurrei.

— Não me venha com essas cortesias de almofadinhas a não ser que esteja querendo que eu o largue, Crale.

Mas havia cordialidade em sua voz. Sua Alteza me içou por sobre a grade e me pousou sobre um banco como qualquer um aqui penduraria uma túnica numa corda de varal. Era um homem de ombros tão largos quanto um banco para remadores e de braços mais duros que os remos. Tinha a pele escura e cabelos ainda mais escuros, com fios grisalhos que reclamavam espaço nas têmporas e na barba. Todas as linhas de seu rosto haviam sido entalhadas pelos ventos do mar ou pelo sorriso exuberante com que ele os enfrentava. Os demais clientes do salão Underwing logo perderam o interesse em mim, pois eu fora reclamado pela mesa de ninguém menos que meu velho companheiro de aventuras Brandgar, o Nunca Entronado, o Rei nas Ondas, o Senhor dos Ajjas.

Assim como Helfalkyn, o Rei nas Ondas é pouco mais que uma história nos dias de hoje, embora seja uma boa história e qualquer bardo ajja que a cantar para vocês valha o preço que pedir. Todos os clãs ajjas tinham reis, rainhas, fortalezas, terras e tudo o mais, porém, a cada geração, seus místicos liam os sinais e proclamavam um Rei nas Ondas. Este ou esta sacana recebia um grande navio, o qual tripulava com gente de confiança e partia para navegar pelos reinos ajjas visitando seus primos monarcas, dos quais recebia as maiores cortesias e a melhor hospitalidade. Depois costumavam lhe pedir que empreendesse alguma busca complicada que terminaria numa imprevisível quantidade de mortes e glória. Sem terras, um Rei nas Ondas não recebia outra incumbência senão matar monstros, recuperar tesouros perdidos, revogar maldições e assim por diante, até que ele e todos os seus companheiros tivessem algum destino horrível, mas belo, em nome do povo ajja. Brandgar era o último deles, e não deverá haver outro tão cedo, pois ele e seus companheiros foram notavelmente bons no trabalho e deixaram poucas encrencas para outros resolverem. Eu me juntara a eles em duas ocasiões para algumas pilhagens, tudo pela melhor das causas, eu lhes

asseguro, embora tenha jurado não fornecer detalhes. Até meu adormecido senso de honra às vezes rola e esperneia na cama. Mas vamos em frente!

— Há a mão do destino nisso. Nós não achávamos que veríamos um velho amigo aqui. — Brandgar se acomodou em seu banco, diante dos restos semidevorados de algum animal bem provido de gordura que não consegui identificar, temperado com uma mostarda de cheiro penetrante e frutinhas marrons em conserva. — O que me diz, Mikah?

Levei um susto, pois sentado nas sombras no fundo do balcão havia um vulto que eu não notara antes. Sim, de fato, lá estava Mikah, o Rei Sombra, raramente visto, a menos que eles acordassem a hora e o lugar. Mikah, superior a mim em todas as artes da rapinagem, e que conseguia se fazer passar por homem ou mulher usando uma centena de disfarces, mas que, em sua própria pele, era simplesmente Mikah, bom amigo e terrível inimigo. Ele se inclinou para a luz e pareceu que os anos não haviam tocado aquele rosto fino e angular, nem os olhos cinzentos que sorriam, embora os lábios abaixo nem tivessem se mexido.

— O amigo Crale está com cara de fome, senhor.

— Isso está na moda por aqui. — Brandgar apontou despreocupado para os restos de seu lanche da manhã, que ataquei com um grato aceno de cabeça. — Está aqui há muito tempo, Crale?

— Sou tão recém-chegado quanto um peixe fresco — falei, entre bocados da coisa gordurosa. Não tive nenhuma hesitação em lamber os dedos, pois sabia que os modos à mesa de um Rei nas Ondas eram moldados para o convés de um drácar. — E lhe agradeço por partilhar a comida. Esse capítulo mais recente do livro da minha vida trata principalmente de barrigas vazias.

— E bolsos vazios? — comentou Mikah.

— Ofendi algum poder desconhecido para mim. — Peguei um osso e, gulosamente, suguei a medula de algum animal também desconhecido para mim. — E a má sorte me varreu até aqui para uma cartada desesperada.

— Não — disse Brandgar, com aquele maldito sorriso que mencionei, um sorriso de “acompanhe-me até o abismo”. — Uma boa sorte juntou amigo com amigos. Dê a nós seus talentos. Queremos subir a Bigorna do Dragão para coroar nossas vidas com a glória de reclamar um tesouro. A Canção do Dragão nos diz para levar o desfecho e os olhos, não? O desfecho, nós levamos em nosso aço. De olhos, nós ainda precisamos! Você sempre foi um vigia muito bom e esperto.

— Quando vocês pretendem ir?

— Hoje à noite.

Larguei o osso e limpei a boca com a manga puída do casaco. Não me agrada muito chamar atenção para minhas hesitações, amigos, mas eu lhes prometi

fornecer a cada verdade desta história toda a iluminação necessária. Eu tinha ido até Helfalkyn em meio a uma febre desesperada, sim, e por um feliz acaso acabei encontrando duas das poucas pessoas que eu teria escolhido como companheiros se tivesse essa opção. Mas, com um satisfatório peso de carne no estômago, pela primeira vez em minhas lembranças recentes eu me sentia menos que ansioso para marcar para tão cedo a hora do meu fim.

— Eu tinha pensado em passar alguns dias me preparando, absorvendo todas as informação úteis que…

— Você não é nenhum covarde — estrondeou Brandgar. — Mas qualquer homem pode sentir uma pontada de medo quando se senta com algum conforto e pensa no perigo. Vamos, sei que você nunca fugiria de um compromisso assumido numa aposta honesta! Faça uma aposta simples comigo. Se eu ganhar, você se junta a nós esta noite. Caso contrário, nós esperamos três dias antes de subir, enquanto você procura todas as "informações úteis" que quiser.

Então, bondosos ouvintes, ali estava um bálsamo para todas as minhas inseguranças, com o qual eu poderia manter a confiança de companheiros tão úteis e ainda ter tempo para me acostumar à ideia de me meter numa empreitada assustadora. Perguntei quais eram os termos da aposta.

— Está vendo aqueles skorms-de-sótão grudados no alto daquela parede ali?

Apertando os olhos para enxergar o outro lado do vasto salão da taverna, à luz bruxuleante dos braseiros e em meio à fumaça, avistei de fato dois lagartos de escamas escuras imóveis abaixo do teto. Do tamanho de um antebraço e de temperamento dócil, os skorms-de-sótão habitam os países do norte. Quando descem as montanhas são usados como alimento ou tolerados por se alimentarem de ratos.

— A aposta é a seguinte. Já faz tempo que aqueles dois estão parados; mais cedo ou mais tarde, sem dúvida, um deles vai descer em busca de comida. Se aquele escuro, que está no seu lado, mexer-se primeiro, nós iremos daqui a três dias. Se aquele com manchas vermelhas, que está no meu lado, mexer-se primeiro, nós vamos hoje à noite. Combinado?

— Sacramentado — falei.

Então nos preparamos para assistir àquele espetáculo enfadonho. Não era coisa tão estranha quanto possa parecer, pois, sobre as ondas, os ajjas passam o tempo apostando amigavelmente por qualquer coisa que atraia a atenção, desde a direção que as gaivotas escolherão até qual marinheiro, em outro navio, usará e esvaziará primeiro um penico por cima da amurada. No meu tempo, eu também costumava aliviar um tédio muito pesado com apostas em bobagens ridículas.

Nem cinco batimentos cardíacos depois, o skorm com manchas vermelhas

recolheu as pernas. Não chegou nem a descer pela parede, mas deixou-se cair como um homem angustiado que se suicida em alguma antiga história romântica.

Comecei a balbuciar sem nenhuma dignidade enquanto Brandgar e Mikah riam. De repente, um clarão de luz prateada fulgurou nas trevas onde caíra o skorm escolhido pelo rei, e uma névoa fina elevou-se no ar, uma névoa que reconheci.

— Não! — gritei. — Não foi uma aposta honesta! Aquele lagarto era uma feiticeira camaleônica e mau-caráter que está…

— Bem atrás de você — disse Gudrun, a Filha do Céu, aparecendo numa névoa prateada e brilhante.

Afetuosamente, ela afagou meus cabelos — sim, eu ainda tinha cabelos naquela época. Os dela formavam sete tranças acobreadas, agora entremeadas com fios cor de ferro, como os de seu rei. Seu rosto redondo, afogueado e travesso era pura alegria.

— Essa aposta não valeu — falei, de cara amarrada.

— Foi tão justa quanto qualquer outra — contrapôs Brandgar. — Pois se seus olhos estivessem trabalhando como os de um vigia bom e esperto, você teria visto que, até um segundo antes da minha proposta, só havia um lagarto na parede. Vamos, Crale. Precisamos de você, e não vai encontrar companhia melhor nem que espere aqui por cem anos! Foi o destino.

Em parte eu o odiava por ele estar certo e em parte estava empolgado por ele estar certo. Um rei guerreiro, um ladrão de alto gabarito e uma feiticeira. Bons deuses, a esperança era uma coisa terrível e inquietante! Esses aliados tinham tanta chance de obter sucesso na Bigorna do Dragão quanto qualquer mortal. Considerei minha pobreza recente e considerei o tesouro.

— Nunca me portei com muito juízo — falei, por fim. — Não faria muito sentido começar agora.

— Ah! — Brandgar deu um soco na mesa, levantou-se e debruçou-se sobre o balcão. Sua voz estrondeou, ecoando nas vigas do salão, assustando os frequentadores e transformando a agitação abaixo em atenção instantânea. — OUÇAM O QUE DIGO! Hight Brandgar, filho de Orthild e Erika, Rei nas Ondas! Hoje à noite nós partiremos! Vamos subir a Bigorna do Dragão! Nós, o Nunca Entronado, o Rei Sombra, a Filha do Céu e o famoso Tarkaster Crale! Vamos reclamar um tesouro, portanto peguem essa mixaria! Bebam à nossa saúde e aguardem a notícia! Hoje à noite acabaremos com uma lenda!

Brandgar abriu uma bolsa e atirou uma torrente de prata sobre os grupos abaixo. Foi aclamado pelos bêbados, que correram em todas as direções,

colhendo sua generosidade. Meus deuses! Se eu tivesse só aquela quantia uma semana antes, jamais teria deixado as Cidades do Crescente. Quando o quase motim pelas moedas arrefeceu, uma voz áspera iniciou um canto, que foi acompanhado por vozes cada vez mais firmes, até quase todos estarem cantando com alegria para nós, repetidamente, os seguintes versos:

Morra rico, jantar do dragão!
Jogue bem o jogo que não tem vencedor!
Suba a montanha, pecador ganancioso!
Morra rico, jantar do dragão!

O canto soava como um ritual familiar já muito praticado. Não gostei nem um pouco.

A SEGUIR, COMO PROVAMOS NOSSA DETERMINAÇÃO E PARTIMOS ALGUNS CORAÇÕES NO CAMINHO

Cochilei de forma irregular durante a maior parte do dia, num quarto guardado por alguns murmúrios misteriosos de Gudrun. Aterrorizado ou não, eu ainda era um pirata experiente e sabia que devia tentar repousar um pouco enquanto podia.

Ao escurecer, as luas se levantaram avermelhadas, como escudos polidos pendurados no céu acobreado. As montanhas avultavam à frente, coroadas por estranhas luzes que não vinham de nenhuma esfera celestial; eu tinha a impressão de ouvir o silvo e o estrondo das pedras como se estas estivessem famintas. Estremeci e, pela décima vez, conferi meu equipamento. Eu viera das Cidades do Crescente sem bagagem, metido em simples roupas de couro, casaco escuro e cintos de utilidades. Trazia uma funda e um limitado carregamento de pedras com ranhuras. Minhas adagas mais longas estavam afiadas. Eu as levava ostensivamente enquanto me dirigia para a parte mais a nordeste da cidade, junto com meus companheiros. Moradores de Helfalkyn nos observavam em todas as ruas, de cada telhado e de cada janela, alguns escarnecendo, outros cantando, mas a maioria quedava em silêncio ou erguia canecas, como se fazia para um prisioneiro que estava a caminho das galés.

Sobre uma armadura segmentada, Brandgar usava uma capa cinza majestosamente esfarrapada, cujos remendos multicoloridos provinham dos inúmeros cortes e queimaduras que sofrera ao longo dos anos. Ele afirmava que era como se fosse encantada e que naquela capa ele havia suado grande parte de

sua considerável sorte. Gudrun jamais oferecera nenhuma opinião profissional a esse respeito, até onde eu soubesse. Ela estava tão desmazelada como sempre, um exemplo de confortável desleixo. Estranhos amuletos e recipientes de madeira pendurados em cordões chacoalhavam sobre seu colo. Às costas, ela carregava dois tambores com inscrições em caracteres rúnicos. Mikah vestia uma roupa leve, de seda, com braçadeiras de couro, e se movia com sua conhecida graça fluida, ocultando seus verdadeiros pensamentos por trás de sua ainda mais conhecida máscara de calculada perplexidade diante do mundo. Todos levavam alguns rolos de corda feita com seda de aranhas-do-mar, além de alguns apetrechos de montanhismo embrulhados em panos, para lhes amortecer o som. Por mais distraídos que parecessem, eu sabia que eram fanáticos no tocante à seleção das ferramentas e aos cuidados com elas, mais meticulosos que qualquer arrombador com quem eu já trabalhara. Qualquer ciúme profissional que eu pudesse ter sentido foi afogado pela confiança que eu tinha no preparo deles.

A única coisa realmente estranha era a arma extra que Brandgar levava. Sua lança habitual, a Espinho Frio, com seu cabo desgastado pelo uso, tinha a ponta reluzente à mostra. A outra espada parecia pesada e nova, e sua ponta estava enrolada em camadas de couro firmemente presas, como uma arma de treino. Quando lhe perguntei sobre isso, Brandgar sorriu e disse:

— Lança extra, ladrão extra. Não é que estou ficando cauteloso na minha velhice?

O início da subida ficava na extremidade nordeste de Helfalkyn, uma despretensiosa trilha poeirenta de pedra escura. Uma série de marcas paralelas, com cerca de quinze centímetros de profundidade, juncava o caminho. Embora o tempo e as condições climáticas tivessem suavizado as bordas das marcas, não era difícil reconhecê-las: sulcos deixados pelas garras de um dragão. Uma inequívoca mensagem para quem quisesse ultrapassá-las. Senti uma súbita vontade de esquecer nosso acordo de subir a Bigorna de cara limpa e, em vez disso, quis procurar alguma coisa irresponsável para despejar na goela.

Um por um, ultrapassamos as marcas do dragão, este nervoso narrador por último e lentamente. Caminhamos então em silêncio, salvo pelo chocalhar ocasional de algum equipamento ou um arrastar de botas sobre a pedra. À medida que os odores da cidade e o vapor do porto se desvaneciam abaixo de nós, os contornos azuis da noite avançavam e estrelas se acendiam uma a uma, como lanternas distantes. Seria uma noite clara no alto da montanha. Perguntei a mim mesmo se chegaríamos lá para apreciá-la. A primeira parte da subida não era difícil, talvez três quartos de hora em que a trilha em zigue-zague não

ofereceu mais que um agradável exercício. Conforme a luz diminuía, o caminho ficava mais difícil e estreito, e, quando a escuridão total se instalou, deixou de ser uma trilha para se tornar uma escalada de fato, num rochedo negro cheio de relevos irregulares. Mesmo acidentada, aquela era a única face da Bigorna que podia ser escalada. Brandgar sacudiu a Espinho Frio e murmurou algo para Gudrun, que murmurou algo em resposta. Momentos depois, a ponta da Espinho Frio se iluminou com uma luz suave mas penetrante, e, sob esse brilho tênue, subimos em segurança.

— O que aconteceu com todos os outros? — perguntei de repente, durante uma de nossas breves pausas. A última vez que eu acompanhara o Nunca Entronado, ele ainda tinha oito de seus companheiros originais vivos, o suficiente para tripular seu barco e beber heroicas quantidades de alguma coisa irresponsável sempre que visitavam algum rei ou rainha terrestre. — Asmira? Lorus? Valdis?

— Asmira foi arremessada do mastro durante uma tempestade — disse Brandgar. — Lorus desafiou o espírito de um vinhedo para um jogo de damas e o manteve ocupado até o raiar do dia. O espírito se enfureceu e o matou pouco antes que o primeiro raio de sol também o matasse. Valdis morreu na batalha contra os Sacerdotes da Caveira, em Whitefall.

— E Rondu Barba de Prata?

— O Barba de Prata morreu na cama — respondeu Gudrun, dando uma risadinha.

— Embaixo de uma cama, para ser exato — acrescentou Mikah. — Os defensores jogaram uma cama em cima de nós, no cerco de Vendilsfarna.

— Espero que nossos amigos conheçam a felicidade nos Campos de Espadas e Rosas — falei, pois é para lá que os ajjas de valor presumivelmente vão quando morrem, e, se isso for verdade, parece-me que todos os paraísos e infernos são lugares mais calmos. — Mas, sem querer ofender, eu gostaria que alguns deles estivessem conosco esta noite.

— Eles morreram para nos trazer aqui — disse Brandgar. — Morreram para nos ensinar o que precisávamos saber. Morreram para nos mostrar o caminho, e, quando nosso número diminuiu e nossos deveres se tornaram escassos, nós três sabíamos para onde éramos chamados.

Gudrun e Mikah menearam a cabeça com aquele sábio fatalismo dos meus amigos ajjas, que eu havia tanto tempo deplorava. E embora minha presença naquela montanha reforçasse minha afirmativa de que nunca me comportara com juízo, jamais cometi a indelicadeza de externar minhas restrições à filosofia deles. Talvez eles confundissem meu tato por companheirismo. Não. Admito

que poderia lutar loucamente se estivesse encurralado, mas todas as vezes que vi meu encontro com a Morte claramente agendado preferi desmarcar o compromisso. Como os ajjas sobreviveram por tempo suficiente para atravessar os mares e povoar suas terras é um mistério da criação.

Reiniciamos nossa subida e logo nos vimos sobre um promontório fendido, onde um hemisférico teto de pedra, aberto para a noite como um teatro, abrigava uma área escura que dava acesso às profundezas da montanha. O vento aumentara, e o ar estava mais frio contra a minha pele. Durante alguns momentos, contemplamos as luzes da cidade, já bem abaixo de nós, a escuridão orlada de branco do oceano e turvada por nevoeiros e a finíssima linha do pôr do sol, ainda grudada ao horizonte. Subitamente, ouvimos um ruído de algo se arrastando atrás de nós. Brandgar se virou, levantando a Espinho Frio.

Luzes vermelhas brilharam em resposta, pulsando no interior da caverna. Se eram lanternas ou magia, não consegui discernir, mas sob sua iluminação cada vez mais intensa vi uma porta em arco; era larga o bastante para dar passagem a três carroças, lado a lado. Fiquei matutando se o dragão reservara um amplo espaço para si mesmo ao instalar aquela passagem ou se ele realmente passaria por espaço menor. Inútil conjectura! No espaço entre nós e a porta se erguiam duas fileiras de pilares e, ao lado de cada pilar, estava o vulto de um homem ou de uma mulher.

Quando Brandgar avançou, a sombra de homem mais próxima a nós ergueu uma das mãos.

— Espere — sussurrou em voz rouca, como a de alguém falando à cabeceira de um doente. — Nenhum precisa entrar.

— A não ser que você se proponha a nos mostrar uma porta mais conveniente, esse é o caminho para nós — disse Brandgar.

— Há tempo de voltar. — Agora havia luz suficiente para vermos que o vulto roufenho e seus companheiros, todos muito magros, estavam sem roupas e cobertos de sujeira. Algo mais claro reluzia no lado esquerdo de seus peitos, uma placa que lembrava madrepérola opaca, selada nas bordas sem sangue da carne por segmentos pulsantes do que parecia ser uma centopeia branca. Estes segmentos entravam no corpo como pontos e emergiam como uma cauda estreita, que se contorcia na nuca. Dessa extremidade pendiam fios prateados brilhantes que conectavam cada homem ou mulher a um pilar. Sobre cada pilar, num delicado nicho de bronze, pulsava um pedaço de carne humana do tamanho de um punho. Eu já estivera perto da morte o bastante para reconhecer um coração humano à primeira vista. Um sentimento de horror apertou meu peito. — O mestre não guarda nenhum rancor contra vocês. Ainda podem se virar e

voltar para casa.

— Nossos agradecimentos ao seu mestre. — Brandgar largou sua lança embrulhada em couro e girou a Espinho Frio, lançando uma luz como a de raios solares se refletindo em águas ondulantes. — Estamos aqui numa missão de sagrada avareza e não seremos detidos.

Alguns guardas encantados nunca sabem a hora de calar a boca, mas aquele tinha um razoável senso de ocasião, portanto apenas meneou a cabeça e deu início às hostilidades, colhendo punhados de poeira que, em seus punhos fechados, transformaram-se em espadas. Todos os demais cardioespectros fizeram o mesmo. Oito deles se aproximaram de nós. Girando minhas adagas alegremente, juntei-me aos meus parceiros no esforço de bancarmos os idiotas.

Estava claro para Mikah, Brandgar e eu, veteranos de tantas armadilhas e de tantos ardis de feiticeiros, numerosos demais para serem enumerados aqui, que o ponto fraco daquelas criaturas teria de estar nos fios reluzentes que as ligavam a seus corações-pilares. Driblando seus ataques, executamos um bailado de espontânea competência e investimos quase simultaneamente contra os fios. A impressão que tive foi a de ter atacado uma flor de dente-de-leão, mas ter atingido granito. E me vi então caído, com a mão direita se contraindo de agonia. Mal tive tempo de recuperar meus reflexos e girar para o lado antes que uma lâmina arrancasse fagulhas bem no lugar de onde eu tinha acabado de sair.

— Eu pensei… — resmungou Brandgar, sacudindo a Espinho Frio raivosamente, pois sua rude compleição física, ou algum poder da lança, o fizera resistir enquanto Mikah e eu perdemos o uso de uma das mãos. — O ponto óbvio para atacar…

— Foi o que todos pensamos — gemeu Mikah.

— Falem por vocês, seus cabeças-duras — gritou Gudrun, que projetara sobre as pedras linhas de fogo esverdeado que flamejavam e se enrolavam como cobras em resposta aos movimentos de suas mãos enquanto mantinham alguns cardioespectros a distância.

Eu me desviei de mais um ataque, reequilibrei a adaga que segurava com a mão esquerda e avaliei a distância até o pilar de coração mais próximo. Já que os fios tinham sido um engodo, a fraqueza da mágica que animava nossos adversários tinha de estar ali. Eu não era canhoto, mas arremessava bem. E a adaga, formando um indistinto, mas gratificante borrão, acertou bem no alvo apenas para ser desviada por um arremesso ainda mais preciso de Mikah, dirigido ao mesmo alvo.

— Maldição, Crale, nós devíamos ser melhores que isso — gritou o Rei Sombra enquanto as adagas rodopiavam e caíam em meio a cardioespectros que

se aproximavam.

— Se eu viver para contar esta história numa taverna, vou emendar essa parte para melhorar nossa imagem — falei, embora vocês possam perceber, meus amigos, que estou agindo de modo diferente; hoje à noite dormirei em paz com minha consciência. Mikah achou outra adaga e fez outro arremesso, desta vez sem minha interferência. A lâmina acertou em cheio no aparentemente desprotegido coração e ricocheteou como se tivesse colidido com uma barra de aço. Rogamos perversas pragas. Às vezes, a magia torra o saco.

Mikah desenrolou uma das cordas de seda que levava no ombro e, após uma série de malabarismos e floreios, lançou-a como uma arma, açoitando e enredando os cardioespectros mais próximos, dançando em meio a eles como se fosse a agulha de um alfaiate louco. Eu não tinha tais recursos, e minha mão direita ainda era inútil. Cambaleei pelas pedras, recolhi uma adaga caída com a mão esquerda e me virei na direção dos dois espectros que me atacavam.

— Esperem! — gritei. — Esperem! Descobri que já não estou tão ansioso para encontrar o tesouro. Será que seu mestre me daria autorização para descer de volta?

— Estamos aqui para matar e dissuadir, não para punir. — O cardioespectro à minha frente abaixou a arma. — Viver consigo mesmo é assunto seu. Você pode partir.

— Parabéns pela precisão e pela dedicação ao seu trabalho — falei.

Quando o cardioespectro começou a me virar as costas, sem dúvida para se juntar à luta contra meus companheiros, enterrei minha adaga em seu crânio com um golpe de cima para baixo. Os segmentos da coisa insetoide costurada em seu peito se agitaram, e algo como uma bile cremosa se derramou da boca e das orelhas do que um dia fora um homem. A coisa desmoronou.

— Isso foi um golpe baixo — rosnou o outro cardioespectro, e veio na minha direção.

Liberei minha adaga, que bafejou um enjoativo odor de vinagre em meu rosto, e gesticulei com as mãos novamente.

— Espere — pedi. — É verdade que sou um velhaco galhofeiro e inescrupuloso, mas é que eu estava com medo de que vocês me enganassem. Você realmente vai me deixar ir embora, de boa-fé?

— Apesar da sua indigna…

Eu nunca soube os detalhes da minha indignidade, pois aproveitei a chance para enterrar a adaga em seu olho esquerdo. Ele tombou ao lado de seu camarada e vomitou mais da nojenta sopa amarela. Eu sou o pragmatismo em pessoa.

— Chega!

Percebi que só restava um cardioespectro, e, diante dos meus olhos, a espada em sua mão reverteu ao pó. Eu matara dois, Gudrun queimara dois com suas serpentes de fogo, e Mikah amarrara sua dupla com força suficiente para liquidá-la furando seus crânios. Brandgar tinha espancado um de seus adversários até transformá-lo em polpa, quebrando seus membros e os enfiando na placa óssea onde antes estivera o coração. Quanto aos corações, observei com um olhar que sete dos que estavam sobre os oito pilares haviam murchado. Uma substância escura escorria pelas colunas abaixo.

— Vocês provaram sua determinação — grunhiu o último cardioespectro. — O mestre os convida a entrarem.

As sinistras luzes vermelhas da caverna esmaeceram e, com um estalo e o matraquear de grandes mecanismos, a porta em arco se abriu. Brandgar avançou na direção do cardioespectro sobrevivente e estendeu a espada até tocar de leve a placa branca fixada no peito da coisa.

— Vamos seguir em frente — disse Brandgar —, mas como você começou a trabalhar para o dragão?

— Tentei encontrar o tesouro três anos atrás, mas falhei. Quando você falhar, poderá se juntar a mim, se sobrar carne suficiente. O dragão pode costurar vermes-vigias na caverna do seu coração, portanto esteja avisado… Deixe o mínimo de carne possível.

— Depois desta noite, seu senhor Glimraug não precisará de nós. — Suavemente e sem qualquer preâmbulo, Brandgar enterrou a espada no peito do espectro. — Nem vai precisar de você.

— Muito… obrigado… — sussurrou o espectro enquanto caía.

— Divertimos você com nossas falhas, irmã Filha do Céu? — perguntou Mikah, massageando a mão direita.

A minha mão também estava se recuperando bem.

— Carregadores de espadas e cérebros de facas adoram remoer um problema. — A feiticeira riu. — Isso alimenta o ilusório senso de sutileza de vocês. Os verdadeiramente burros e os verdadeiramente sábios dariam uma surra nas malditas coisas e pronto, mas, como não são uma coisa nem outra, vocês primeiro tentaram matar todos os oponentes no recinto. Boa piada. Agora o dragão sabe como os aventureiros pensam. — Ela olhou para a montanha acima e suspirou. — Esta pode ser a noite em que todos irão falhar antes de terminarmos o trabalho.

TERCEIRO, COMO BOTEI MEU CU NA RETA E COMO PROCURAMOS A CANÇÃO POR BAIXO DA CANÇÃO

Após passarmos pela porta em arco, nós nos vimos num salão abobadado, também iluminado por suaves luzes vermelhas que se deslocavam no ar como golfadas de fumaça. Por um momento, pensei que estivéssemos num arsenal, mas depois vi rasgões e deformações em todas as peças exibidas, camadas e mais camadas, fileiras e mais fileiras, até chegar ao teto. Espadas quebradas, lanças despedaçadas, escudos retorcidos como folhas de pergaminho, cotas de malha furadas, queimadas e sujas com substâncias indeterminadas. Ali, obviamente, estavam as lembranças de nossos predecessores. O dragão se vangloriando.

— Talvez seja uma meia verdade — respondeu Mikah quando eu lhe disse isso. — De certo modo, todos os dragões são exibicionistas. Mas veja bem como este parece determinado a jogar limpo com todos os seus desafiantes. A subida da montanha com uma redução gradual de facilidade. Os guardas na porta, dispostos a perdoar e esquecer. Agora este museu para os medrosos. A cada passo, nosso anfitrião convida aqueles que não têm motivação a desistir, antes de desperdiçarem mais o tempo de todos.

Sem nenhuma dúvida orgulhoso por ter sido incluído entre os suficientemente motivados, segui meus companheiros através da coleção do dragão, notando acabrunhado sua qualidade. Ali estavam peitorais de armaduras feitos de aço de Sulagar polido e espadas de Harazi negras, de dez mil dobras. Ali estavam ombreiras confeccionadas em prata de duende e cravejadas de pedras preciosas, manoplas de aço do céu que ainda luziam com magia, e todas aquelas coisas tão úteis quanto um peido na água contra o destino que engolira seus portadores. Na extremidade mais afastada do salão vimos duas outras grandes portas em arco, uma delas com uma porta pequena, como uma passagem para cães, mais adequada para os que, como nós, não haviam nascido dragões. Fixado nessa porta havia um selo que eu conhecia bem demais. Puxei Brandgar pela capa antes que ele o tocasse.

— Aquele selo é de Melodia Marus, a Suprema Construtora de Armadilhas de Sendaria — falei. — Já tive várias divergências profissionais com ela. Ou, mais precisamente, com os mecanismos que ela inventa para os cofres e escritórios de seus clientes.

— Conheço de nome o trabalho dela — disse Mikah. — Parece que Glimraug é um desses clientes.

— Por causa dela, passei três meses inconsciente em Korrister — insisti. — E seis semanas numa masmorra em Port Raugen. E ela é o motivo pelo qual eu só tenho oito dedos nos pés.

Estou puxando pela memória, amigos, mas nem todas as empreitadas

terminam bem, como já vimos.

— Outro aviso honesto — disse Gudrun. — Um espetáculo horrível para todos os que chegam, e depois uma ameaça mais específica para aqueles profissionalmente mais inclinados à gatunagem.

— Temos dois excelentes ladrões para testar nosso caminho — disse Brandgar, que parecia mais alegre a cada aviso de grande perigo. — E se as criações dessa mulher fossem perfeitas, ela com certeza já teria tirado mais que dois dedos de Crale.

A arte de descobrir armadilhas é tediosa, com poucos momentos excitantes, como uma ocasional escapada por pouco, por exemplo. E exige muito suor. Passamos a hora seguinte absortos nesse trabalho. Todas as escadas e todos os corredores naquela parte dos domínios do dragão estavam profusamente entranhados de morte. Alguns salões eram proporcionais ao nosso tamanho, e outros, à passagem de coisas maiores. E os corredores não eram totalmente paralelos nem inteiramente separados. Não era uma cidadela construída para uma corte comum, mas uma área de jogos para Glimraug, um simulacro de pedra do que consideraríamos uma verdadeira fortaleza. Fomos subindo, andar por andar, passando por aberturas nas paredes que cuspiam dardos afiados, por falsos pisos que se abriam sobre engenhocas mutilantes e por portas balanceadas com engenhosidade, que se abriam com força esmagadora ou se fechavam atrás de nós, impedindo que fugíssemos de alguma nova trampa.

Em um salão particularmente estreito, tanto Mikah como eu tivemos um raro surto de completa inépcia, e um de nós tropeçou numa placa que fez barras de ferro se fecharem à frente e atrás de nós, trancando nosso quarteto num corredor pouco maior que o banheiro de um comerciante rico. Uma abertura na parede à direita começou a expelir uma fumaça, cujo penetrante fedor de enxofre eu conhecia por conta de um trabalho que fizera nas minas de Belphoria.

— Sopro do dragão — disse Brandgar.

— Está mais para sopro da montanha! — gritei. Dei então um admirável pulo para a frente, apoiei-me na parede oposta daquele espaço estreito, formando uma espécie de ponte, e enfiei resolutamente meu traseiro no buraco. A fina nuvem suja que se infiltrara no corredor fazia meus olhos lacrimejarem, mas ainda não era o bastante para nos causar danos maiores. Depois de alguns minutos, entretanto, quando eu já não pudesse manter aquela postura acrobática, minhas bem posicionadas nádegas não teriam mais serventia. — Isso é o que os mineiros chamam de cheiro de ovo podre, e vai acabar conosco com uma rapidez nada cavalheiresca se eu não conseguir manter a posição. Assim, por favor, encontrem logo uma saída.

— Muito bem, Crale! — Brandgar abanou a mão na frente do rosto e tossiu. — Para nos salvar, você fez uma bucha com a bunda!

— Todos os homens têm um buraco na bunda — observou Gudrun —, mas só os bravos põem a bunda num buraco.

— Daqui por diante Crale, o Arrombador, será lembrado como Crale, o Rolha — comentou Mikah.

Eu lhes disse muitas coisas indelicadas, mas eles continuaram a fazer trocadilhos com os quais eu não torturaria nenhuma alma viva. Estancar um jato de vapor venenoso com o próprio rabo, aparentemente, desperta uma poderosa torrente de piadas sujas. Por fim, movendo-se com o que considerei ser uma inadequada descontração, Mikah tentou encontrar algum mecanismo que pudesse manipular. Mas falhou. Nem mesmo a força do ombro de Brandgar conseguiu derrubar as barras de ferro. Nossa salvação veio de Gudrun, que quebrou um osso coberto de runas sobre o joelho e invocou uma entidade que chamou de um espírito de ferrugem.

— Eu estava reservando isso para uma necessidade maior — disse ela. — Mas creio que este é o tipo de morte que, evidentemente, vale a pena evitar.

Em poucos segundos, o espírito cumpriu sua tarefa e as resistentes barras de ferro em ambos os lados foram reduzidas a um pó marrom. Eu me soltei com tremores de alívio em todas as partes da carcaça, e saímos dali às pressas, chutando poeira para trás, tentando neutralizar a névoa mortal da armadilha destruída. No início, nós nos movemos com cautela; depois, com mais confiança, pois parecia que tínhamos limpado o trecho de montanha onde Melodia Marus havia expressado sua criatividade. Espero que essa mulher tenha morrido num terrível acidente ou, pelo menos, perdido alguns dedos.

As luzes vermelhas que o dragão graciosamente nos proporcionara não apareceram mais. Avançamos em meio à escuridão com o brilho prateado da magia de Gudrun em nossas armas desembainhadas. Não mais encontramos portas nem escadas. Assim, com penosas contorções e muito uso das cordas de Mikah, nós nos aventuramos a escalar uma reentrância num rochedo. Durante a subida, rezei para que aquele buraco não fosse algo tão trivial quanto a fossa sanitária do dragão.

Por fim, emergimos numa caverna arejada, com piso de ladrilhos pretos. Uma luz escarlate brilhava numa parede distante, formando letras que, na escrita kândrica (que eu aprendera a ler quando garoto, e que os ajjas havia muito tinham adotado para assuntos de comércio e contabilidade), reproduziam a Canção do Dragão de Helfalkyn.

— Como se pudéssemos nos esquecer dela — murmurou Mikah.

Nesse momento, uma erupção de fogo alaranjado irrompeu da chaminé rochosa que acabáramos de escalar e transformou-se num fogaréu com duas vezes a minha altura, que bloqueou nossa saída. Algumas linhas brancas se destacaram em sua crista irregular, como ferro derretido saindo de um cadinho, e logo assumiram o aspecto de quatro formas vagamente humanas, esbeltas e graciosas como dançarinas. E dançavam de fato, girando lentamente no início, mas sempre aumentando a velocidade. Vieram em nossa direção gradativa e inexoravelmente.

— *Procure a canção por baixo da canção* — entoou uma voz que tocou meu coração, uma voz que ecoou com suavidade no recinto, uma voz nem de homem, nem de mulher, mas de alguma coisa sobrenaturalmente bela formada por todas as coisas agradáveis. Ouvi-la uma vez era lamentar todos os anos de uma vida sem ouvi-la. Mesmo agora, só em descrevê-la para vocês, sinto um calor nos cantos dos olhos, e não fico envergonhado. As quatro dançarinas deslizavam e giravam, cantando com vozes que se iniciavam como um mero enlevo e se tornavam dolorosamente lindas a cada verso.

A queda dos dados no salão de jogos
As apostas esportivas de homens honestos
Vão trazê-los de volta sempre e sempre
Ao seu mais justo amigo, distração…

Não eram as palavras que eram belas, pois enquanto eu as recito aqui não vejo ninguém chorando nem caindo para trás. Mas as vozes, as vozes! Todos os cabelos da minha nuca se eriçaram como se um vento de inverno tivesse me pegado. Senti a feitiçaria tão bem como sentia as pedras sob meus pés. Uma compulsão pesava sobre nós. As vozes nos impeliam, faziam-nos sentir uma ânsia de abraçar aquelas deslumbrantes formas ígneas que nos chamavam com um encanto tão penetrante. E aí estava o horror, amigos, pois, em algum lugar da minha mente, eu sabia que se tocasse alguma daquelas coisas minha pele se derreteria como cera de vela numa fogueira. Mas eu não conseguia me conter. Nenhum de nós conseguia. A cada vez que as dançarinas do fogo cantavam, sua atração aumentava e nossa força de vontade murchava.

Quando beldades se olham no espelho
Nunca mais olham para os lados
Até perderem todas as chances de louvor
Acordam tarde demais da distração…

Eu gemi e forcei-me a recuar, passo a passo, embora parecesse que anzóis haviam fisgado meu coração, e resistir a eles era como enfrentar dez infernos. Vi Mikah, trôpego, puxar Brandgar pelo colarinho.

— Me perdoe, senhor!

Mikah esbofeteou seu rei com força, primeiro num lado do rosto, depois no outro. Uma fúria terrível lampejou por um instante no rosto de Brandgar, mas ele pareceu se lembrar de si mesmo e agarrou-se ao Rei Sombra como um homem sendo arrastado de um quebra-mar por uma correnteza forte.

— Gudrun, nos dê forças contra essa feitiçaria ou todos iremos consumar casos de amor bem dolorosos! — berrou Brandgar.

Nossa feiticeira também havia reforçado sua força de vontade. Pegando os estranhos tambores que trazia às costas, arquejando como se tivesse acabado de correr uma grande distância, ela começou a tamborilar, de modo fraco e hesitante, no improvisado estilo ajja.

Corações sejam de pedra e olhos, límpidos
Gudrun vê quem dirige dos bastidores…
O fogo canta oitos, Gudrun canta setes
Este encanto seu poder transforma…

As batidas de Gudrun me soaram como uma carga de cavalaria se aproximando para nos trazer ajuda. Por um momento, parecia que a terrível sedução das dançarinas do fogo estava esmaecendo. De repente, elas começaram a girar mais rápido. Enquanto rodopiavam pelos ladrilhos, seu clarão adquiriu um brilho selvagem e espirais de fumaça saíram de seus pés. Suas vozes se elevaram, mais adoráveis que nunca. Eu abafei um soluço, equilibrando-me à beira da loucura. Por que não deveria abraçá-las? Que tipo de louco não gostaria de se atirar naquele fogo?

A mosca de odioso voo e ferroada
A finta do espadachim que vence a luta
O gatuno envolvido pela noite
A genuína rainha do mundo é a distração…

Mikah se ajoelhou, socou os ladrilhos com força e gritou quando os nós de seus dedos ficaram vermelhos.

— Não consigo pensar. Não consigo pensar… Qual é a canção por trás da canção?

As últimas verdades os poetas compõem
A humilde taverna imposturas mostra
Amigos em jogos de cartas trocam socos
Vocês como cães amarrados à distração…

— Fogo! — gritou Brandgar, que cambaleava como um sonâmbulo na direção de uma bailarina a poucos metros dele. — É o fogo que está por baixo da canção! Não. É a pedra! A pedra está por baixo das dançarinas! Não. É a montanha! A montanha está por baixo de nós todos! Gudrun!

Nenhum dos palpites de Brandgar amenizou o desejo que pressionava meu peito, meu ventre e minha mente. Gudrun mudou o ritmo e começou a bater desesperadamente em seus tambores, no ritmo compassado das composições formais dos bardos ajjas.

Agora cantando seis
Ajja Gudrun sabe bem:
O fogo infernal das dançarinas
Não se enfrenta com magia.
Lugubremente, ri o dragão-rei,
Brinquedos mortais serão logo queimados;
Voe agora, lança do Rei nas Ondas,
Quebrando pedras antes da ruína!

Dizendo isso, Gudrun se posicionou como um fundeiro num campo de batalha e arremessou seus tambores com runas na cabeça de Brandgar. O impacto, ou talvez o choque de receber tal tratamento por parte de seus companheiros, fez Brandgar voltar a si por um último e crucial momento.

— A parede! — gritou Gudrun, caindo de joelhos. — A canção da distração é a distração! A canção por baixo da canção… está abaixo da canção na parede.

Um intenso calor atingiu a pele desprotegida de meu rosto como mil agulhas dardejantes. Fumaça se espiralava das mangas e lapelas do meu casaco. Comecei a respirar o aroma de minha própria incineração à medida que minha dançarina do fogo se inclinava sobre mim, pairando acima, à distância de um braço, e eu nunca ansiara por nada tão intensamente, e eu sabia que estava morto.

Pelo canto do olho, vislumbrei Brandgar plantado com firmeza sobre os pés. Com a raiva mais desesperada que já vi, ele passou correndo por sua dançarina

do fogo e, com a ponta da Espinho Frio, perfurou o centro da Canção do Dragão de Helfalkyn, que brilhava na parede do recinto. Pedras e poeira explodiram em torno dele, revelando, por baixo das pedras demolidas, palavras brilhando num azul frio. Rapidamente, desajeitadamente, mas com verdadeiro sentimento, Brandgar cantou:

Da morte aqui, que tudo mude
E que a canção renuncie ao fogo
No topo da montanha, a nossa chance
Embora a conquista do ouro seja distração!

Na mesma hora, o calor escaldante no ar à minha frente desapareceu; os tons brancos e alaranjados das dançarinas do fogo se converteram no frio azul da nova canção na parede. Um alívio se derramou sobre mim como se eu tivesse mergulhado de corpo inteiro num rio frio de águas cristalinas. Desmoronei no chão, exausto, gemendo de prazer e descrença por estar vivo, e não fui só eu. Permanecemos todos ali, arfando idiotas durante algum tempo como quase afogados, rindo e soluçando sozinhos à medida que digeríamos as lembranças da sedutora canção do fogo. Essas lembranças não sumiram, e não foram embora até hoje, e estar livre dela será tanto um deslumbramento quanto uma lástima até o dia em que eu morrer.

— Belo canto, filho de Erika e Orthild — disse uma das dançarinas do fogo, agora tranquilas. Sua voz em nada lembrava as que, usando sua volúpia, quase nos haviam conquistado. — Bela execução musical, filha do céu. O presente que vocês nos deixam é uma honra. O apequenamento de vocês é uma honra.

As formas azuladas se desvaneceram no ar, deixando apenas o pilar de fogo laranja, que ainda emanava da chaminé de pedra; ao que parecia, nosso hospedeiro iria parar de nos oferecer oportunidades para escapar. Vi que Brandgar estava de pé, olhando para os objetos que segurava em cada mão.

Eram os dois pedaços da Espinho Frio, que fora partida ao meio.

— Oh, rei — suspirou Gudrun, fazendo uma careta enquanto se levantava e recolhia seus tambores. — Me perdoe.

Brandgar ficou olhando por algum tempo para sua arma partida, sem falar nada. Depois, deu um suspiro.

— Não há o que perdoar, feiticeira. Meus palpites foram errados, e sua resposta estava certa.

Lentamente, reverentemente, ele pousou no chão as duas partes da Espinho Frio.

— Nove e vinte anos, e ela nunca me decepcionou. Eu a deixo aqui como um irmão num campo de batalha. Eu a ofereço para as histórias que virão.

Pegou sua segunda lança por cima do ombro, sem desenrolar a tira de couro que lhe ocultava a ponta, e sorriu seu velho sorriso, como um ator chamado de novo ao palco para receber aplausos.

— Não vamos perder tempo; a noite não vai durar para sempre e precisamos subir. A cada passo que dou, mais vontade tenho de conversar com o dragão. Venham!

QUARTO, COMO PASSAMOS DOS OSSOS FRÁGEIS DA MONTANHA PARA A NEVE DA MORTE

Abalados, mas exultantes, perambulamos por várias galerias, todas ladeadas por pilares e iluminadas por fluxos de lava incandescente que fluíam como água morosa. Irradiavam tanto calor que sua proximidade nos lembrava a incineração da qual escapáramos por pouco. Assim, mediante um acordo tácito, nós nos mantínhamos longe deles. A lava emitia ruídos suaves, geralmente borbulhantes, mas também enervantes estalidos vítreos nas áreas em que tocava as margens, onde assumia uma tonalidade negro-prateada.

— Uma coisa estranha, mesmo para este lugar — comentou Gudrun, deslizando os dedos por um dos pilares de pedra. — Há um poder latente aqui. Não somente na concepção do sangue ebuliente da montanha, que não é de todo natural. Há forças reunidas e equilibradas nesses pilares, que talvez possam ser liberadas por desígnio.

— Uma nova armadilha? — perguntou Brandgar.

— Se for, levará metade da Bigorna do Dragão quando for acionada — disse Gudrun. — Crale não vai conseguir nos proteger com a bunda dessa vez.

— É um risco para nós neste momento? — indaguei.

— Muito provavelmente — respondeu Gudrun.

— Eu recebo com agrado cada prato novo neste banquete — disse Brandgar. — Venham! Temos de subir!

Foi o que fizemos, galgando algumas escadas em espiral, largas o bastante para acolher um drácar ajja com as velas enroladas. Passamos por outras galerias silenciosas com lava derretida para iluminar o caminho e por fim emergimos sob um teto alto, com reluzentes painéis de vidro preto. Em outros lugares poderiam ser claraboias destinadas à iluminação de um templo glorioso ou de uma rica mansão, mas ali eram apenas coisas inertes, inseridas nas pedras. Uma brisa fresca soprava no local. Mikah farejou o ar.

— Estamos perto agora — disse ele. — Talvez não ainda no topo, mas esse é o cheiro de uma área externa.

O recinto tinha cinquenta metros de comprimento e metade disso de largura, com uma pequena porta na extremidade mais afastada. Curiosamente, não havia nenhuma passagem óbvia que se adequasse a um dragão. Diante da porta, erguia-se uma estátua de obsidiana polida, um pouco mais alta que Brandgar. A figura, de forma humana, tinha cabeça de coruja e olhos fechados; no lugar de asas, exibia um leque de braços, cinco em cada lado, que se projetavam da parte superior de suas costas. Era a representação comum de um *barrow-vardr*, o guardião de tumbas que os ajja gostam de esculpir nas intermitentes ocasiões em que conseguem recuperar o suficiente de um herói morto para realizar uma cerimônia fúnebre. Não fiquei surpreso quando as pálpebras de seus olhos se ergueram devagar e ele olhou para nós. Seus globos oculares eram como rubis fendidos.

— Aqui estou desde a chegada do mestre — falou a estátua —, esperando para colocar você em seu túmulo e depois permanecer aqui como ornamento, Rei nas Ondas.

— A última parte seria uma cortesia, mas a primeira jamais vai acontecer — disse Brandgar alegremente, abaixando sua lança de ponta coberta. — Vamos lutar, se for preciso, mas vou perder a calma se você tiver outra canção para nós.

— Negra, minha pele afasta o mal — disse a estátua. — Pele prateada perde o encanto.

— Versos são quase tão ruins — rosnou Brandgar, correndo na direção da estátua e jogando-se contra seu tronco à maneira dos praticantes de luta livre.

Ao ver isso, suspirei em meu íntimo, mas vocês já devem ter percebido que Brandgar era uma parte de prudência mergulhada em mil partes de impulsividade. E ele nunca se sentia mais feliz do que quando testava a força de um oponente oferecendo sua cabeça para ser esmagada. Os dez braços do *barrow-vardr* se estenderam de imediato, e os dois adversários permaneceram agarrados por um breve momento antes que Brandgar fosse arremessado para trás a seis metros de distância, por pouco não atingindo Gudrun. Quando aterrissou, fez um grande barulho.

Mikah moveu-se então para atacar, empunhando pequenas facas curvas. Engoli minhas apreensões e o apoiei com minhas adagas. Fagulhas voavam cada vez que Mikah tocava a pele da coisa com as facas, e o ar se encheu com um louco torvelinho de braços de obsidiana contra ladrões que se esquivavam. Mikah era mais rápido que eu, portanto o deixei ficar mais perto para distrair a atenção da coisa. Investi contra ela por trás, repetidamente, até que um dos

braços bateu em mim com tanta força que vi constelações de estrelas dançando no meu campo visual. Afastei-me, cambaleante, com mais velocidade que graça. Momentos depois, Mikah também parou de lutar e pulou para um lugar mais seguro. Brandgar passou por ele gritando alguma coisa corajosa e ininteligível. Segundos depois estava voando novamente pelo salão.

Gudrun os substituiu, cantando e abanando as mãos. Depois atirou frascos e tubos de madeira contra o *barrow-vardr*, de cujos braços e cabeça irrompeu um fogo verde. De repente, após uma série de clarões prateados e um estrondo ensurdecedor, a coisa desapareceu numa erupção de fumaça, levada por uma força que rachou as pedras sob seus pés e lançou lascas de pedras que me cortaram o rosto. Tossindo e recuando, perscrutei a fumaça e, para meu grande desapontamento, vi a coisa ainda de pé no mesmo lugar, e sem nenhuma alteração. Gudrun praguejou. Brandgar se pôs de pé novamente e arremeteu contra a fumaça de cabeça abaixada. Houve um som metálico e Brandgar saiu da névoa poeirenta em sua habitual trajetória.

— Acho que devíamos aceitar a palavra dessa coisa. Não podemos fazer nada contra ela enquanto sua substância estiver negra — disse Mikah. — Como fazê-la ficar prateada?

— Talvez a gente possa esguichar mercúrio nela — disse Gudrun. — Se pelo menos tivéssemos mercúrio… Ou cobri-la com ferro derretido, que depois poderíamos polir até ficar prateado, isso se tivéssemos um forno adequado, cinco ferreiros e quase um dia inteiro de trabalho.

— Eu não trouxe nenhuma dessas coisas — resmungou Mikah.

Poucos diálogos inteligentes tiveram vez nos minutos seguintes, pois a invulnerável estátua nos perseguia pelo recinto, às vezes atacada por um novo fogaréu ou por uma nova explosão conjurada por Gudrun sem arredar um passo. Ela também tentou lhe infundir a luz prateada com a qual abríramos caminho nas partes mais escuras da montanha, mas o *barrow-vardr* assimilou até esse encanto sem apresentar o menor efeito. Logo estávamos todos chamuscados e cortados, com saudades de momentos mais simples, quando a única coisa que nos preocupava era a possibilidade de sermos queimados até a morte por chamas dançantes.

— Crale! Me empreste sua funda! — gritou Mikah, que, duramente atacado, tentava não cair numa vala de lava enquanto se esquivava e fugia de dez mãos estendidas.

Fiz uma hábil entrega da arma, com a respectiva pedra, sem ser golpeado nem queimado. Mikah acabou encontrando espaço suficiente para girar a funda e arremessar a pedra, não no *barrow-vardr*, mas no teto. A pedra atingiu um dos

painéis de vidro preto, que entretanto não se quebrou. Ou era resistente demais ou o ângulo de sua trajetória não fora dos melhores.

Confesso que não entendi a intenção de Mikah, mas Gudrun compensou minha deficiência.

— Percebi o que você está querendo fazer! — gritou ela. — Protejam-se!

Ela não nos deu tempo para refletir sobre suas intenções. Preparou mais um de seus dispositivos mágicos e lançou-o contra o teto, onde explodiu em fogo e fumaça. A explosão não atingiu apenas um dos painéis de vidro, mas todos eles, de modo que choveram cacos para todos os lados. Encolhi a cabeça e as pernas, numa imitação razoável de uma tartaruga. Quando a fragmentação cessou, olhei para cima e vi que os painéis escuros haviam dado lugar a difusos feixes de luz fria, pelos quais fumaça remoinhava. Mikah tinha razão; estávamos mesmo próximos ao céu aberto. Durante as horas que passáramos abrindo caminho no coração da Bigorna, as luas haviam se levantado, dissolvendo os reflexos avermelhados do crepúsculo em favor de uma luz branco-prateada. Quando esta caiu sobre a estátua, Brandgar não perdeu tempo em testar seus efeitos.

Investiu contra o *barrow-vardr*, que cedeu como um adversário de carne e osso, e atirou-o contra as pedras do chão. Quando a criatura tentou se reequilibrar com sua vasta coleção de mãos, Brandgar martelou sua cabeça três vezes com as mãos juntas, golpes que fizeram meu corpo se contrair numa exagerada simpatia por nosso inimigo. Imaginem um barulho como o de uma bigorna malhando um pedaço de carne. Quando a resistência da coisa já estava enfraquecida o suficiente, Brandgar a colocou sobre os ombros e a arremessou no rio de lava mais próximo, onde ela flamejou, debateu-se e logo sumiu de nossas vistas.

— Vou ter que procurar em outro lugar um vigia adequado para minha cripta. — Brandgar recolheu a lança embrulhada que mais uma vez deixara de usar e limpou o sangue que escorria de diversos cortes em seu pescoço e na testa. — Supondo que eu esteja destinado a ocupar uma.

A pequena porta se abriu quando nos aproximamos. Estávamos tão estonteados e maltratados pela refrega que fizemos questão de retribuir a cortesia com mesuras e saudações. O recinto no outro lado se equiparava, em comprimento, à câmara do *barrow-vardr*, mas não passava de uma grande escadaria que se elevava suave até um portal notável por sua simplicidade. Não havia porta, apenas uma passagem cercada de pedras. Através dela, podíamos ver melhor o luar e as estrelas. A câmara era extremamente fria. A meio caminho da escadaria, uma cortina de neve caía em jatos sobre os degraus, saindo do nada e indo para o nada.

— Esperem um momento — disse Gudrun, ajoelhando-se para examinar uma placa presa ao chão.

Olhei por sobre seu ombro e vi mais palavras na escrita kândrica.

Aqui e afinal cai a neve tocada pela serpente
Em cada floco, a picada de muitas víboras
Tocar a pele uma vez traz a extinção da vida

— Ser parado por uma nevasca no coração de uma montanha de fogo — falei, estremecendo ante a ideia de uma morte provocada por algo tão pequeno quanto um grão de sal sobre minha pele nua. — Esse seria um final triste.

— Não dá para tentar atravessar isso aí na marra — disse Gudrun.

Ela fez um gesto e, em meio a um clarão de luz prateada, tentou o mesmo truque que eu tinha visto no salão Underwing: mover-se de um ponto a outro num piscar de olhos. Mas desta vez o feitiço deu errado; em meio a outro clarão, ela ricocheteou em alguma barreira invisível, pouco antes da escadaria, e caiu de costas, tossindo nuvens brancas de vapor.

— Parece que teremos de fazer isso a pé ou não fazer de jeito nenhum — gemeu. — Mas vou tentar uma segunda manobra. Se a neve é mortal para a nossa carne, vou cantar e conseguir outra.

Emitiu então um som baixo e gutural, engolindo ar com grasnados sinistros. A cada golfada, sua pele escurecia e seu rosto se alongava, esticando até assumir a forma de uma cabeça de serpente. Seus olhos aumentaram e tornaram-se áureo-esverdeados enquanto as pupilas se estreitaram até a forma de um crescente vertical. Num instante, a transformação estava completa; ela passou uma língua fina sobre lábios escamados e sorriu.

— Pele e carne de serpente para me proteger das mordidas de serpentes — sibilou. — Se falhar, vou parecer muito idiota, e poderemos rir à beça nos Campos de Espadas e Rosas.

— Nos Campos de Espadas e Rosas — entoaram Mikah e Brandgar.

Mas não haveria risos lá, pelo menos não a respeito disso, pois, usando a pele de lagarto, Gudrun subiu os degraus aos pulos, equilibrando-se com as mãos verdes em garra, e atravessou vinte passos de morte instantânea até chegar ao lado do portal, na noite aberta, incólume. De lá, fez uma exagerada mesura.

— Você pode fazer o mesmo conosco? — gritou Mikah.

— O dom da mudança está no coração da feiticeira — respondeu ela. — Caso contrário, eu teria transformado vocês em sapos há muito tempo e os carregaria na minha sacola, só deixando que saíssem por bom comportamento.

Mikah suspirou e colocou as luvas. Depois estudou as rajadas de neve durante algum tempo, balançando a cabeça e flexionando os quadris.

— Mikah — falei, percebendo suas intenções —, isso parece um pouco demais mesmo para alguém escorregadio como você.

— Nós chegamos até aqui com todas as habilidades adquiridas em longas vidas — disse ele. — Esse é o teste para essas vidas e habilidades, meu amigo.

Mikah subiu alguns degraus, totalmente vestido, mas ainda com rosto, pescoço e punhos desprotegidos. Sei que é difícil acreditar, mas é porque vocês nunca viram Mikah se mover, e minhas tentativas para descrever isso com palavras, mesmo as minhas, são pobres. Gingando, costurando e rodopiando a uma velocidade que o tornava meio que um fantasma, Mikah simplesmente se esquivou dos flocos de neve como vocês ou eu, caminhando lentamente na rua, poderíamos nos esquivar de outras pessoas. E em menos tempo do que estou levando para contar isso, ele atravessou os vinte passos mortais e posicionou-se são e salvo ao lado de Gudrun. Então se espreguiçou preguiçoso, como um gato fingindo que estivera repousando e que não havia pulado nem corrido.

— Muito bem! — disse Brandgar. — Crale, isso é embaraçoso. Aqueles dois dobraram as apostas, e não sei se vou conseguir fazer alguma coisa que se compare ao show deles, muito menos que o supere.

— Minhas preocupações são mais prosaicas — respondi. — Não tenho nenhum poder ou habilidade, que eu saiba, para me tirar deste recinto.

— Nós seríamos péssimos amigos se deixássemos você aqui no patamar — disse Brandgar. — E acho que isso desapontaria nosso anfitrião. Tenho uma ideia para chegarmos ao outro lado. Você consegue confiar em mim como eu tenho confiado em você, absolutamente e sem nenhuma objeção?

— Você não precisa usar minha afeição para me convencer, Brandgar — falei, embora na verdade, diante da neve tocada pela serpente, era o que ele fazia. — De qualquer forma, sou famoso entre meus amigos por nunca ter me portado com especial juízo.

— Faça-se pequeno nos meus braços. Ei, Mikah! — Brandgar arremessou sua espada embrulhada por cima da cortina de neve, e Mikah a agarrou. Sem tomar qualquer medida adicional para reforçar minha determinação, Brandgar desenrolou sua capa. Depois me levantou e me apertou contra o peito como se eu fosse uma criança desobediente sendo levada para uma punição. Percebendo as intenções dele, eu o cingi com as pernas, apertei a cabeça contra sua couraça e, uma vez mais, entreguei meu espírito a qualquer poder celestial que estivesse zelando pelas almas dos tolos naquela noite. Brandgar jogou a capa sobre nós dois como se fosse uma tenda, cobrindo nossos braços e cabeças e bloqueando

também nossa visão. Depois, gritando alguma bobagem ajja que não entendi, lançou-se às cegas escadaria acima. Meu mundo virou uma escuridão chacoalhante. Posso jurar que conseguia ouvir os sibilos e os chiados da neve venenosa que caía na capa, como se ela estivesse enraivecida por não conseguir nos tocar. De repente, atropelamos Gudrun e Mikah no topo da escadaria, formando um bolo de capa, lança e aventureiros às gargalhadas, a salvo e totalmente destituídos de dignidade. Com exceção de um persistente odor em nossas roupas e equipamentos, o poder da neve pareceu se evaporar quando nos pusemos fora do alcance das lufadas venenosas.

Estávamos todos gloriosamente vivos. O luar e as estrelas nos inspiravam.

FINALMENTE, O QUE NOS AGUARDAVA NO TOPO DA BIGORNA DO DRAGÃO

No topo da montanha havia uma cratera, um caldeirão de rochas de fundo achatado mais largo que uma flechada de arco longo. As estrelas acima pareciam pontos de fogo, tão brilhantes que poderíamos enxergar bem apenas com sua luminosidade, caso fosse necessário. Mas não seria, pois ali estava o tesouro do dragão Glimraug, que provavelmente apreciava muito a vista.

Pavilhões abobadados de madeira e pedra circundavam a cratera, cada qual tão imponente quanto qualquer templo já construído por mãos humanas. Mil lanternas de vidro, da mais sutil beleza, estavam penduradas em seus beirais e espigões, irradiando cintilantes luzes douradas e prateadas sobre pilhas de riquezas imensas demais para serem abrangidas, mesmo por nós, que as olhávamos com os olhos arregalados. Moedas de cobre em pilhas com mais de cinco metros de altura e moedas de prata que se derramavam como águas de um rio caudaloso, pepitas de ouro, barras de ouro, discos de ouro, poeira de ouro em barris forrados de marfim. Lá estavam moedas roubadas durante dez séculos, pilhagens feitas em Sendaria, nas Cidades do Crescente, no Extremo Olan e nas Terras Submersas. Lá estavam as frias faces de monarcas mortos, desconhecidos por nós, lemas gravados em línguas que não podíamos nem adivinhar quais eram, mil tipos de moedas moldadas na forma de círculos, quadrados, octógonos e formatos bem menos práticos. Havia incontáveis porta-joias em madeira ricamente lavrada que eram joias por si mesmos, cada qual contendo pilhas transbordantes de pérolas, ametistas, citrinos, esmeraldas, diamantes e safiras. Relacionar tudo aqui, mesmo no mais enxuto sumário, dobraria a extensão do meu relato. Havia tronos dourados, ícones, estátuas resplandecentes de todos os deuses, de todas as épocas e de todos os lugares em que a raça humana pôs os

pés; havia coroas, taças, toucas, amuletos e anéis. Lá estavam armas incrustadas de pedras preciosas ou rutilando encantamentos, rolos de seda, jarros de cerâmica tão altos quanto eu mesmo, cheios de adornos, bijuterias, chifres usados para bebidas e mecanismos preciosos. Todo o topo da montanha estava coberto de tesouros, formando pilhas do tamanho de casas.

Não havia o que falar. Levar tudo para baixo seria um trabalho que tomaria anos, segundo meus cálculos. Anos e centenas de pessoas, se não milhares, além de engenheiros, equipamentos e navios, isso se conseguíssemos obrigar o dragão a abrir mão de seu formidável feito. Helfalkyn teria que dobrar de tamanho apenas para atender à logística do saque. Eu precisaria de galeões para transportar um décimo da minha legítima parte, e cofres, e um exército para guardar os cofres. Liberadas no mundo, aquelas riquezas o abalariam durante gerações. Meus tetranetos aliviariam suas necessidades fisiológicas em penicos de ouro maciço!

— Gudrun — disse Brandgar —, estamos mesmo vendo tudo isso? Ou é magia?

A simples ideia de magia me interrompeu a alegria hipnótica da contemplação. Gudrun jogou no chão um conjunto de ossos entalhados. Todos a observamos ansiosos. Após consultar brevemente os sinais, ela riu como uma criança feliz.

— Não, senhor. O que é ouro é ouro, até onde nossa vista alcança. O que é prata é prata, o que é ônix é ônix e assim por diante.

— Esta é a maior armadilha de todas — falei. — Todos nós morreremos de velhice antes de carregar isso até algum lugar útil.

— Só está faltando uma coisa — disse Brandgar. — Nosso anfitrião, que sem dúvida prefere nos ver morrer por outras causas a nos deixar levar qualquer coisa. Mas eu o deixarei vir quando quiser; andar no meio de tanto esplendor é uma bênção. Vamos ficar de sobreaviso, mas aproveitando a cortesia.

Imersos em nosso enlevos particulares, passeamos entre as imponderáveis riquezas do jardim de Glimraug, deslizando as mãos por estátuas, pedras preciosas e escudos. Por muitas vezes, eu conseguira me aproximar de um suposto tesouro em alguma torre poeirenta, algum esgoto fedorento ou alguma caverna montanhosa apenas para descobrir caixas enferrujadas vazias e lixo inútil. Era difícil acreditar que a mais ridícula lenda de riqueza em todo o mundo se mostrara a mais verdadeira.

Atrás dos pavilhões de tesouros, penachos de fumaça e névoa emanavam de fendas na rocha. Meus olhos foram atraídos por um deles, que se elevava suavemente sobre uma pilha de prata. Vi algumas pedras escuras espalhadas por

cima das moedas. Eu me aproximei e vi que eram rubis, centenas deles, cujas cores variavam do vermelho-sangue ao rosa-pálido. Como sempre tive especial admiração por pedras vermelhas, rolei algumas delas nas mãos, apreciando os tinidos e os reflexos da facetas.

De repente, as moedas de prata se deslocaram, e dentre elas surgiu uma forma azul, com cerca de um metro de altura e tão longa quanto eu era alto. Ergueu-se tão suavemente e parecia tão familiar que demorei um piscar de olhos para perceber que era uma mão, uma mão escamada, e que as coisas escuras que reluziam nas pontas de seus dedos eram garras, mais longas que minhas adagas. Com o prazer transformado em horror, fui dominado pelo medo ao ver a mão se fechar sobre a minha e prendê-la, de forma indolor, porém inescapável. A diferença de proporções? Imaginem que eu segure a pata de um gato e não a solte.

— Tarkaster Crale — ribombou uma voz que era como um rolo do melhor veludo queimando num forno. — Os rubis são especialmente apropriados para a contemplação. Vermelhos, por todo o sangue que jaz por baixo deste tesouro, pelos milhões de mortais que morreram em cofres, torres, navios e exércitos para que nós pudéssemos cuidar destas coisas soberbas.

De repente, a pilha prateada estremeceu e deslizou para o chão em todas as direções, deslocada pelo soerguimento da criatura que estava dentro dela e assinalada somente pelo vapor de sua respiração, que se evolava por narinas mais largas que minha cabeça. Depois surgiram os braços. Cada qual era um Brandgar inteiro com escamas. Olhei embasbacado para o corpo flexível cor de safira escura, cujas cristas dorsais lembravam espinhos de alguma flor malévola, para suas asas incrivelmente delicadas, com membranas que reluziam como aço e quase deixavam passar a luz da lua. Encimando o sinuoso pescoço, uma cabeça raposina e ao mesmo tempo viperina, cujas orelhas pontudas eram adornadas com *piercings*, dúzias de anéis de prata que poderiam circundar meu pescoço. O dragão tinha uma crina, um tufo de fios branco-azulados que vibravam com a rigidez de cristais, não com a flexibilidade de pelos ou cabelos. Os olhos da criatura eram pretos, cortados verticalmente por duas pulsantes faixas prateadas que eu não conseguia encarar. Mesmo uma simples olhada fazia minha vista reverberar, como se eu tivesse encarado o sol. Eu não conseguia me mexer, pois a outra mão do dragão havia se fechado em torno de minha cintura, mais uma vez com extremo cuidado e força inexpugnável. Fui levantado como uma boneca.

— Eu… Eu posso devolver as pedras — balbuciei. — Sinto muito.

— Ah, isso não é verdade — disse o dragão. Seu hálito cheirava com cobre

queimado. — E, se fosse, você não seria o tipo de mortal com quem nós falaríamos. Não, você não sente muito. Está apavorado.

— Salve, Glimraug, o Justo! — gritou Brandgar. — Salve, Tirano dos Céus, Destruidor de Navios e Tormento da Noite!

— Salve, Rei nas Ondas, Filho de Erika e Orthild, Paladino sem Terras, Supressor de Transtornos Alheios — disse Glimraug, pousando-me no chão e cutucando-me para que eu corresse como se fosse um bichinho. De boa vontade me afastei e fui me postar ao lado de meus companheiros, não sem antes, prudentemente, jogar os rubis de volta à pilha do dragão. — Salve, companheiros do rei! Vocês resistiram a todas as cortesias oferecidas aos nossos visitantes e viram o que nenhum mortal vê há muitos anos. Vocês vieram aqui para vingar algum príncipe ajja? Será que, de passagem, nós quebramos uma ou duas torres? Será que devoramos o carneiro de alguém?

— Nós viemos por nós mesmos — respondeu Brandgar. — E por você e seu tesouro, como último recurso. Nós ouvimos a Canção do Dragão de Helfalkyn.

Eu não tinha a menor ideia do que Brandgar quis dizer, mas o dragão deu um riso escarninho e exibiu os dentes.

— Essa não é a ordem habitual das prioridades de nossos visitantes — disse a criatura. — Mas todos os que vêm aqui ouviram a canção. O que você quer dizer?

— Existem canções, e existem canções por baixo das canções, não é? — Brandgar removeu as tiras de couro de sua lança ainda não utilizada. Com seu cabo cinzento, a arma tinha a letal simplicidade de um dardo, com uma ponta piramidal forjada com algum tipo de aço escuro, cujas manchas leves lhe davam um aspecto de água corrente. — Outros ouviram a canção do ouro, mas nós ouvimos a do tomador de ouro, a canção de seu projeto, a canção de sua esperança. Nós trouxemos o desfecho e os olhos.

— Trouxeram? — murmurou o dragão, e foi maravilhoso ver por um instante, só por um instante, uma quebra em sua autoestima inumana. Ele começou a resfolegar, emitindo um barulho como o de um fole começando a acender um forno, o que poderia estar mais perto da verdade do que eu gostaria. — Estão falando sério, ó rei, ó companheiros? Estamos nos entendendo? Pois se for mera presunção, nós lhes daremos uma morte que levará cinco gerações para se despregar de suas carnes. E enquanto vocês gritarem nas trevas, nós empilharemos corpos de crianças ajjas, formando uma pilha vermelha mais alta que qualquer torre. Seus familiares irão envelhecer e murchar sabendo que a posteridade deles foi moída e transformada em carne para as moscas! É isso o que nós juramos todos os dias de cada ano de nossa existência, e já vivemos dez

mil anos.

— Ouça uma coisa. Durante longos meses nós fizemos buscas em Merikos — disse Brandgar —, onde o dragão Elusiel caiu e onde se dizia que os feiticeiros guardavam um jarro com o sangue fervente que escoou de seus ferimentos.

— Nós perdemos muitos companheiros — acrescentou Gudrun. — Os feiticeiros perderam tudo, inclusive o sangue.

— Durante mais um ano, gastamos uma fortuna em Sulagar — disse Mikah —, contratando os maiores mestres de lá para a confecção de aço dobrado negro.

— Vinte lanças eles fabricaram para mim — retomou Brandgar. — Vinte lanças eu testei e achei insuficientes. A vigésima primeira eu mergulhei no sangue de Elusiel; depois a levei para o norte, até Helfalkyn, e a trouxe até aqui para ser usada somente uma vez. Os fabricantes a chamaram de Adresh, a Penetrante. Mas fui eu quem lhe deu um propósito, então a batizei de Fazedora de Glórias.

Glimraug atirou a cabeça para trás e rugiu. Nós tapamos os ouvidos e cambaleamos, até mesmo Brandgar. O som chacoalhou até o ar em nossos pulmões. E eu não imaginei, simplesmente, que a montanha havia tremido sob nossos pés, pois pude ver as lanternas balançando e as pilhas de tesouros oscilando. Relâmpagos lampejaram na borda da cratera, um após outro, rompendo a escuridão e cobrindo tudo com clarões alvidourados, e o trovão que se seguiu ribombou como pedras de catapultas despedaçando muros.

— Talvez sejam vocês — disse o dragão quando os terríveis ruídos esmoreceram. — Talvez *sejam* vocês! Mas saibam que nós não seremos desprezíveis a ponto de fugir da luta. Conquistem-nos! Não poupem nada, pois nada será poupado.

— Excelente danação — respondeu Brandgar —, e não será subestimada por nós.

O dragão abriu as asas, cuja transparência pairou na noite como uma aura. Depois, com um novo rugido de exultação, ele se projetou no ar, provocando uma ventania que nos fustigou com poeira e sacudiu as lanternas em seus suportes. Senti algo semelhante a um enjoo, pois, como era usual na minha profissão, eu presumira com displicência que nos esforçaríamos para ludibriar, envolver, enfraquecer ou mesmo negociar com nosso inimigo, em vez de honradamente exibir nossos traseiros para sermos chutados.

— Brandgar! — berrei. — O que diabo você espera que façamos aqui?

— Uma coisa linda. Seu único trabalho aqui é sobreviver. — Ele apertou com força meu ombro e depois me empurrou. — Corra, Crale! Mantenha sua

esperteza fora da bainha. Pense só em viver!

Foi quando Glimraug caiu sobre nós, fazendo tesouros voarem a um raio de cinquenta metros. Brandgar, Gudrun e Mikah se esquivaram das mandíbulas trinchantes e dos golpes das asas e começaram a lutar com todos os recursos que tinham.

Gudrun cantava, espalhava estranhos frascos de vidro e quebrava-os contra as pedras, liberando poderes e espíritos presos no interior. Não guardava nada para depois: fervilhantes vapores brancos subiram junto aos pés de Glimraug; em suas espirais divisei os rostos de coisas famintas, ansiosas para causar destruição. O dragão se empinou, levantou os braços e sibilou palavras sinistras numa língua que me deu vontade de aliviar os intestinos. Corri para um dos pavilhões de tesouros, escondi-me atrás de um grande pilar de madeira e espiei o desenrolar da batalha.

Brandgar tentou atingir um dos flancos de Glimraug, mas o lagarto com escamas cor de safira abanou a cauda como um chicote e jogou-o longe, junto com sua alardeada lança nova. Mikah saiu-se melhor, mergulhando sob os membros anteriores do dragão, subindo até uma das juntas da asa e, de lá, para as cristas do dorso. As espirais dos vapores espirituais de Gudrun se transformaram numa coluna, branca como ossos, que emitiu um clangor quando atingiu o rosto e o corpo de Glimraug. O dragão se debateu como que tentando subir numa árvore desfolhada e fracassando, mas só por um momento.

Emitindo um som como o de um rio se avolumando no primeiro degelo da primavera, Glimraug escancarou a bocarra e sugou a substância espectral de Gudrun, como um homem tragando profundamente a fumaça de um cachimbo. Depois se empinou novamente e lançou a coisa bem alto no ar, em meio a lampejos de um fogo azul e branco. A névoa espiritual se elevou como fumaça e logo se desvaneceu sob as estrelas, já despojada de qualquer poder que tivesse, tenha sido roubado ou destruído. Com as garras dianteiras, o dragão deu um bote contra Gudrun, que em meio a um clarão prateado se pôs a salvo a vinte metros de onde estivera, arremessando sem desanimar seus artefatos ígneos. Um fogo alaranjado irrompeu sob os pés de Glimraug, mas sem muito efeito.

Entoando canções mágicas, Gudrun tirou de uma bolsa de couro várias cordas aderentes, que arremessou contra o dragão. As cordas atingiram os membros da criatura, enrolaram-se neles e os prenderam, mas Glimraug as rompeu num abrir e fechar de olhos — como vocês ou eu poderíamos partir um barbante podre —, e as fibras douradas caíram no chão. Foi quando o dragão perdeu a dignidade, pois Mikah havia subido até sua crina reluzente, de onde apunhalou um de seus olhos. A lâmina atingiu a terrível lente, eu juro, mas ou a

sorte não estava com o ladrão ou a arma era por demais comum para produzir mais que um arranhão. Ainda assim, nem vocês, nem eu gostaríamos de um arranhão no olho. O dragão se contorceu e tentou derrubar Mikah. Ele manteve a posição, mas por pouco, sem poder fazer muito mais que se agarrar ali.

Glimraug rodopiou e pulou para longe de Gudrun com a facilidade de um gato, mais uma vez lançando longe objetos delicados, e aterrissou numa pilha de moedas de prata. Com as mandíbulas escancaradas, abocanhou toneladas de metal como um homem ganancioso engolindo sua sopa. Depois respirou profundamente, fazendo as narinas sibilarem e o pescoço inchar a cada passagem de ar. Uma incandescência iluminou as junções entre as escamas de seu peito, levemente avermelhada no início, mas logo se tornando azul e depois branca. Mikah deu um grito e pulou da juba do dragão, deixando uma trilha de fumaça. Suas botas e luvas estavam em chamas.

O dragão investiu de novo conta Gudrun, martelando as pedras com suas garras poderosas. A feiticeira entoou alguma coisa, e uma barreira de gelo azul se formou diante dela, volumosa e imponente como a crista de uma onda. Glimraug inspirou outra grande quantidade de ar e depois a expirou; por um instante, a luz candente de seu fogo interno se tornou visível. Em seguida, o dragão expeliu uma torrente de prata derretida — tudo o que consumira e derretera —, que era como a erupção de um grande gêiser aureolado por crepitantes chamas brancas. A flamejante onda de morte transformou o escudo de gelo de Gudrun em vapor e envolveu-a num instante. Seguiram-se várias erupções de fogo verde e laranja à medida que as coisas que Gudrun carregava se extinguiam. Fiquei horrorizado com o terrível calor e a terrível cena, mas até seu último momento Gudrun nem mesmo recuou.

Fui obrigado a correr para outro pavilhão, pois riachos de metal crepitante fluíam na minha direção. Glimraug deu uma risadinha gutural enquanto alaranjados fluxos ferventes pingavam de seus caninos e tornavam-se negro-prateados ao esfriarem abaixo do queixo, formando uma crosta de escamas extras. Mikah uivou de fúria. Por mais dor que tivesse sentido com as queimaduras, ele não a revelava diminuindo o ritmo. As garras de Glimraug tentaram apanhá-lo por duas vezes, mas em nenhuma delas o ladrão estava presente para receber o golpe. Ele pulou de novo nas costas fumegantes do dragão, mas desta vez saltou para a asa esquerda, onde se agarrou numa das bordas. Antes que o dragão pudesse abaná-lo para fora, Mikah puxou uma de suas facas e cravou-a com as duas mãos na delgada membrana da asa. Isto surtiu efeito onde o ataque ao olho falhara. Enquanto o tecido da asa se rompia como seda, Mikah deslizou para baixo e pulou para o chão, deixando acima um

drapejante rasgão.

Glimraug encolheu a asa ferida contra o tronco, como um gato descuidado recolhendo a pata que tocou as pedras quentes de uma lareira. Então, atirando-se para a frente, girou a cauda e as garras na direção do ladrão ajja, chicoteando a torto e a direito. Quase tarde demais percebi que o próximo golpe demoliria meu esconderijo. Corri e rolei no momento em que a cauda de Glimraug estilhaçava o pavilhão; uma onda pesada de joias e quinquilharias me atirou ainda mais longe do que eu queria. Parei a um palmo da beira de um rio de prata que se esfriava, enquanto centenas de moedas passavam tilintando por mim.

Levantei os olhos a tempo de ver a fabulosa sorte de Mikah chegar ao fim. Cambaleando por sobre os tesouros espalhados e afinal se mostrando ferido, ele tentou escapar ao golpe de garras seguinte, mas o encontro infeliz por fim se realizou. Glimraug o agarrou ansiosamente e ergueu-o à altura dos olhos enquanto Mikah esperneava e tentava dar facadas.

— Toma lá, dá cá — rugiu o dragão, circundando o braço esquerdo de Mikah com dois dedos da mão livre e arrancando-o do ombro.

Sangue jorrou e derramou-se sobre as escamas do dragão. Mikah gritou, mas levantou a faca restante para dar um último e inútil golpe. O dragão o jogou sobre um distante pavilhão de tesouros como se fosse um brinquedo descartado. O impacto foi esmagador. O maior ladrão que eu já conhecera foi morto e enterrado numa explosão de moedas de ouro raiadas de sangue.

— Um morreu em prata, outro morreu em ouro — disse Glimraug, virando-se e caminhando na minha direção.

— Tarkaster Crale não viverá até ficar velho — sussurrei.

A garra manchada de sangue se ergueu. Pus-me de joelhos, tentando decidir para que lado pularia. A garra começou a descer.

Antes de me alcançar, encolheu-se de dor.

Brandgar, que havia se recuperado, enterrara a ponta de aço da Fazedora de Glórias na junta da asa direita de Glimraug. O sangue que se derramou do ferimento fervia, fazendo as pedras chamejarem ao cair sobre elas. Brandgar retirou a lança fumegante e pulou para trás quando o dragão se virou. Mas o dragão não o atacou. Estremeceu e contemplou o corte profundo em sua carne.

— O veneno de Elusiel, carne da minha carne — disse, com algo semelhante a espanto. — Mil golpes atingiram minhas escamas, mas nunca senti algo assim.

Após girar a Fazedora de Glórias acima da cabeça, Brandgar a apontou para o dragão numa saudação. Depois se pôs em guarda, na posição típica de um lanceiro.

— Nem nunca *enfrentou* coisa assim! — gritou. — Que seja aqui e agora!

Pesadamente, o dragão se virou para olhá-lo; parte de sua habitual descontração se fora, mas ele ainda era um inimigo gigantesco, dono de um poder medonho. Com as asas dobradas e sangue fervente jorrando de um dos flancos, ele abriu os braços, exibiu as garras e pulou. Brandgar o recebeu gritando de triunfo e enfiando a lança em seu peito. Um instante depois, as garras de Glimraug despedaçaram o cabo da Fazedora de Glórias e rasgaram o peito de Brandgar através da couraça. O homem tombou, gemendo, e o dragão desmoronou a seu lado, levantando uma última nuvem de poeira cinzenta. Incrédulo, eu me levantei cambaleante e corri até eles.

— Ó rei — murmurou o dragão, arquejando e derramando no chão, a cada arquejo, mais secreções ígneas. — Em todos os meus dez mil anos de vida não mais que quatro amigos, e só os encontrei esta noite.

— Crale, você está horrível. — Brandgar sorriu para mim enquanto sangue lhe escorria pelo rosto. Percebi logo que o ferimento era fatal; por baixo das costelas esmagadas e da carne rasgada, eu via o coração pulsando. Um homem aberto desse jeito não conserva seu espírito por muito tempo. — Não chore. Alegre-se e lembre-se.

— Na verdade, vocês nem queriam a droga do tesouro — falei, ajoelhando-me ao lado dele. — Seus ajjas doidos! “Levem o desfecho e os olhos” queria dizer “encontrem uma forma de matar o dragão… e levem uma testemunha”.

— Você foi de grande ajuda, meu amigo. — Brandgar tossiu e fez uma careta quando a tosse sacudiu seu peito. — Não fui feito para me aposentar tranquilamente por minha bravura e esperar que os anos me alcançassem. Nenhum de nós foi.

— Está vindo — disse Glimraug. Tremendo, sangrando fogo, o dragão se pôs de pé e ergueu Brandgar gentilmente, quase reverentemente, com as mãos. — Posso sentir o veneno apertando meu coração. A maravilha aguardada há tanto tempo está vindo! Verdadeiro amigo na morte, vamos partilhar nossa pira, vamos fazer uma agora! Conquistar não é manter.

— Conquistar não é manter — respondeu Brandgar com a voz fraquejando. — Sim, entendo. É perfeito. Você pode fazer isso enquanto ainda estou enxergando?

— Com prazer. Vou entregar os tesouros e pavilhões aos fogos presos na montanha.

Glimraug fechou os olhos e murmurou algo. A rocha sob meus pés se deslocou de um modo mais agourento que antes. Um dos pavilhões de tesouros mais distantes pareceu afundar no chão da cratera enquanto uma nuvem de fumaça acompanhada de fagulhas subia de onde a estrutura desaparecera.

Outro pavilhão afundou, e mais outro. Com estrondos e estalos, o tesouro do dragão começou a desaparecer em depósitos de lava. Chamas rugiam nas frestas do chão enquanto madeira, tecidos e coisas preciosas eram sugadas para a destruição.

— Por todos os deuses, o que vocês estão fazendo? — gritei.

— Este é o maior de todos os tesouros de dragão já amealhados — disse Brandgar. — Um terço de todos os tesouros que nossa raça tirou do solo, Crale. Os despojos de um milhão de vidas. Mas não existe glória verdadeira em mantê-lo. Toda a glória deve vir de conquistar… e deixar ir embora.

— Você é mais louco que os ajjas! — berrei para Glimraug, esquecendo de todo minha própria segurança. — Você projetou este lugar para ser destruído?

— Nem mesmo uma lasca de madeira aromática sairá daqui com você, Tarkaster Crale. — Com cuidado, Glimraug mudou Brandgar de uma palma da mão para outra, estendeu o braço e pousou uma garra do tamanho de uma cimitarra em meu ombro. Gotas de sangue de dragão fumegaram em meu casaco de couro. — Embora você vá sair daqui com a minha bênção. Minha magia o levará a um lugar seguro.

— Que bom, mas qual é o *sentido* disso?

Senti no rosto uma dor fria, que me deixou quase sem fôlego. Glimraug movera levemente a garra para cima, um gesto casual, e vocês ainda podem ver o resultado em meu rosto. O ferimento sangrou por vários dias, e a cicatriz nunca clareou.

— O sentido é que isso nunca foi feito antes — disse Glimraug enquanto outro pavilhão de tesouro era engolido pelo fogo. — E nunca será feito novamente. Todas as coisas neste mundo foram feitas para serem queimadas, Tarkaster Crale. Todas as coisas levantam fumaça. A fumaça do incenso é doce. A fumaça da madeira é uma névoa opaca. Mas você não vê? A fumaça do ouro… é glória.

Limpei o sangue em meu rosto. Poderia ter falado mais, porém Glimraug fez um gesto e descobri que não conseguia me mexer. O mundo começou a esmaecer ao meu redor. A última coisa que vi foi Brandgar levantando fracamente uma das mãos em sinal de despedida e o dragão o segurando com uma ternura e uma consideração inimagináveis.

— Leve a história, Crale! — gritou Brandgar. — Leve a história para o mundo!

Após um momento de estonteante escuridão, vi-me de volta ao pé da Bigorna do Dragão, na suave trilha que levava a Helfalkyn. O céu estava iluminado com as luzes de um falso alvorecer. Nem bem olhei para o alto da montanha, vi o

topo explodir num enorme incêndio, com chamas alaranjadas mais altas que mastros de navios e uma coluna de fumaça que ocultou as luas.

Glimraug, o Tirano dos Céus, estava morto, e, com ele, meus amigos Brandgar, Gudrun e Mikah. E eu, tendo perdido minha bolsa em meio à confusão, estava agora ainda mais pobre do que quando chegara à maior pilha de coisas valiosas que já existiu na história deste maldito mundo.

Nem sei como desci pela trilha sem quebrar o pescoço. Meus pés pareciam se mover por iniciativa própria. Eu talvez conseguisse acreditar que estava vivo, ou que presenciara os eventos da noite, mas não conseguia acreditar nas duas coisas ao mesmo tempo. Uma multidão saiu de Helfalkyn então, armada e ruidosa, levando lanternas e um número imprudente de garrafas de vinho. Pelas exclamações que ouvi, entendi que eu parecia ter sido rolado em estrume e assado num forno.

Eles queriam saber o que acontecera no topo da Bigorna; a maioria da população de Helfalkyn havia se levantado quando os trovões e os relâmpagos começaram. E quando as chamas se tornaram visíveis já não havia mais ninguém na cama. Meu instinto de sobrevivência, por vezes astucioso, voltou à vida então; percebi que os habitantes de uma cidade inteiramente dedicada a cobiçar um tesouro de dragão poderiam não me tratar com benevolência se eu lhes dissesse que subira até o alto da Bigorna com meus amigos e que, de alguma maneira, destruíra o tesouro. A solução era óbvia: eu disse a eles que vira tudo, que eu era o único sobrevivente e que só contaria a história completa depois de receber uma passagem de volta para as Cidades do Crescente e desembarcar a salvo do navio.

Foi assim que fiz meu primeiro arranjo como contador de histórias profissional.

E foi assim que tudo aconteceu. Eu soube que vários caçadores de ouro de Helfalkyn peneiraram e quebraram a Bigorna durante anos, mas o dragão conseguiu o que queria: todos os fragmentos de qualquer coisa de valor haviam caído no interior derretido da montanha, onde foram incinerados ou deixados para sempre fora do alcance de qualquer mortal. Eu me aposentei da vida de aventureiro e iniciei-me no ofício de sentar o traseiro no melhor lugar junto ao fogo, inventando histórias para estranhos a preços geralmente razoáveis.

Mas, uma noite por ano, não conto nenhuma mentira. Conto uma história verdadeira a respeito de almas intimamente ligadas que escolheram um destino fatídico que não entendi nem um pouco quando dele escapei. Assim, uma noite por ano, emborco minha tigela, pois a última coisa que desejo em troca da minha história é uma pilha de moedas para me lembrar de que sou um homem muito,

muito velho, e de que, com certeza, eu entendo agora.

RICH LARSON

Rich Larson nasceu na África Ocidental, estudou em Rhode Island e Edmonton, na província canadense de Alberta, e trabalhou numa pequena cidade espanhola nos arredores de Sevilha. Atualmente mora em Grande Prairie, Alberta. Ganhou o prêmio Dell em 2014 e o prêmio Rannu para Escritores de Ficção Especulativa em 2012. Em 2011, seu romance *Devolution*, do gênero *cyberpunk*, foi finalista do prêmio Amazon Breakthrough Novel. Seus contos apareceram ou estão prestes a aparecer em *Asimov's Science Fiction, The Magazine of Fantasy & Science Fiction, Clarkesworld, Interzone, Lightspeed, DSF, Strange Horizons, Apex Magazine, Beneath Ceaseless Skies, AE* e em muitas outras mídias, incluindo as antologias *Upgraded, Futuredaze* e *War Stories*. Ele pode ser encontrado em richwlarson.tumblr.com.

Na tensa e envolvente história a seguir, ele nos leva até a inclemente cidade industrial de Colgrid, onde dois larápios tentam desvendar o segredo de um fabuloso tesouro, mas descobrem que a situação fica mais estranha e que os nós que precisam desatar ficam mais complicados a cada passo que dão.

O ENIGMA DE COLGRID

Rich Larson

O canal estava coberto de gelo escuro, que rangia e estalava sob a proa do navio; afora esses ruídos, eles entraram em Colgrid cercados de silêncio.

Para Crane, era algo inusitado. Ele estava agachado, com as pernas abertas sobre um caixote emborcado, com os cotovelos apoiados nos joelhos ossudos e a boca larga oculta por um grosso cachecol de tricô. Com seus olhos azuis aquosos transformados em fendas, ele observou as grandes fábricas de Colgrid se aproximarem. Gilchrist estava de pé, braços musculosos cruzados, expiração transformada numa espiral de vapor. Sentia-se bem no silêncio, mas seus olhos negros, quase sempre perscrutadores, quase sempre avaliadores, não se fixavam em lugar algum.

Sobre o convés, entre ambos, estava a caixa-forte. Um cubo acinzentado que repousava sobre quatro pequenos pés em garra, um dos quais se quebrara na fuga. As laterais eram filigranadas com arabescos cuidadosamente executados. O topo estava coberto de ranhuras concêntricas; na mais profunda delas, na parte que a limpeza de Crane não alcançara, havia uma crosta enegrecida de sangue seco.

À medida que o barco se adentrava na cidade, os odores de combustível e máquinas se tornavam mais penetrantes no ar frio. Metade das fábricas ainda estava em funcionamento, exalando um *smog* que pairava sobre a cidade como uma capa de tinta preta, encobrindo as estrelas acima.

— Desagradável como sempre — disse Crane afinal, ajustando o cachecol com a mão longa e pálida. — Mas, pelo que ouvi falar dessa serralheira, acho que nossa estada vai ser breve. Iremos embora com os pulmões só um pouco devastados.

— Sorte — disse Gilchrist, em tom neutro.

O cais se aproximou, iluminado por lâmpadas fosforescentes, que emitiam uma luz verde na escuridão. A tripulação do navio entrou então em ação, reduzindo a velocidade, combinando aos gritos manobras com os funcionários das docas e lançando as guias em meio a um clarão e um estrondo. Grossos cabos tiraram o navio da correnteza e o trouxeram até o atracadouro, fazendo sua estrutura tremer e ranger.

— Foi inevitável, Gilchrist — disse Crane, enquanto as pranchas de desembarque eram encaixadas e o rebuliço aumentava ao redor. — Você sabe disso tão bem quanto eu.

Gilchrist não respondeu, mas suas mãos se fecharam com mais força. Sob uma de suas unhas, num local que ele não conseguira limpar, ainda havia uma lasca de sangue seco.

Eles se esgueiraram do cais como sombras, carregando a caixa-forte num arnês improvisado, suspenso por ambos. O capitão do navio fora pago para olhar para outro lado, e persuadido mais ainda pela leve cicatriz branca da Guilda, que Crane exibira enquanto ajeitava as mangas da camisa — não havia necessidade de informá-lo de que a organização criminosa fora mais ou menos dissolvida havia meses.

Postes altos com lâmpadas fosforescentes idênticas às das docas ladeavam as ruas de Colgrid, iluminando o caminho em meio ao *smog* que se adensava. Na esquina seguinte, uma vendedora de máscaras apregoava suas mercadorias em voz esganiçada.

— É melhor — disse Gilchrist. — Não há muitos ciganos aqui.

Os moradores de Colgrid tinham pele clara e olhos escuros. Crane se amalgamava bastante bem, mas a pele parda de Gilchrist poderia se fixar na lembrança de algum passante. Se tudo corresse bem, a caixa-forte seria aberta e eles zarpariam para climas mais amenos antes que qualquer pessoa pudesse identificá-los.

Crane deu duas moedas de prata à vendedora e recebeu duas das máscaras que estavam na banca, versões superficiais do modelo de olhos protuberantes que cobria todo o rosto dela.

— Eu soube que estão usando isso nas cortes — disse Crane, colocando a máscara sobre a boca e o nariz. — A moda é uma coisa imprevisível, não é, madame?

— Aquelas são só para exibição, não têm um bom filtro. — A voz da vendedora saía aguda e metálica através da máscara. — As minhas têm os melhores filtros.

Gilchrist manteve uma das mãos sobre a caixa-forte enquanto Crane ajustava a máscara; depois trocou de lugar para prender a sua própria. Então seguiram caminho, penetrando cada vez mais fundo na cidade, seguindo as coordenadas que Gilchrist havia decorado num pequeno e imundo bar no cais de Brask. Já estava tarde, e as ruas se encontravam quase desertas. Ambos ficaram tensos quando um vulto alto com pernas inacreditavelmente longas e esqueléticas

emergiu da escuridão, mas era apenas o acendedor de lâmpadas se deslocando sobre pernas metálicas, que ainda eram uma raridade em toda parte, exceto em Colgrid. Cada suporte de metal era pintado com um círculo escarlate.

A mesma insígnia apareceu mais uma dúzia de vezes enquanto Crane e Gilchrist caminhavam pelas ruas sinuosas: às vezes gravadas em tabuletas sobre lojas, às vezes pintadas toscamente em paredes de tijolos. Eles perceberam que, nas melhores versões, o desenho na verdade representava uma engrenagem com cinco dentes.

— Admito que não estou familiarizado com esse símbolo — bufou Crane, apontando o queixo para a imagem mais próxima. — O que você acha disso, Gilchrist? Um sinal de fidelidade?

Momentaneamente, Gilchrist tocou o próprio braço, no local em que uma cicatriz da Guilda, idêntica à de Crane, estava oculta sob a manga da camisa. A Guilda jamais tivera um domínio acentuado sobre Colgrid, e agora tinha menos ainda.

— Vácuos são preenchidos mais que depressa — disse.

Crane massageou o ombro e segurou com mais força o arnês da caixa-forte. Uma neve passageira estava começando a cair, pequenos flocos sujos que não chegavam a tocar o chão. Ao entrarem numa ruela estreita sem qualquer sinal da engrenagem vermelha, os dois homens assustaram um pequeno embrulho de trapos. Era uma criança esquelética, coberta de fuligem. Ele, ou talvez ela, emitiu um abafado ruído de surpresa e deu uns passos para trás.

Gilchrist pestanejou. Enfiando a mão no bolso, tirou um punhado de migalhas remanescentes da última refeição a bordo.

— Está muito frio hoje — disse, abaixando-se. — Você vai acabar perdendo os dedos dos pés. Há um cano de aquecimento atrás da ferraria que fica duas ruas adiante.

A criança pegou os farelos de pão e enfiou tudo na boca cercada de feridas. Depois saiu a toda pela ruela, passando rente aos joelhos de Crane. Gilchrist a seguiu com os olhos escuros. Tirou então uma moeda de prata do outro bolso e enrolou-a no ninho de trapos que a criança deixara para trás.

Crane se limitou a observá-lo, sem nenhuma expressão, até Gilchrist se levantar e içar sua ponta do arnês. Continuaram andando.

A oficina da serralheira era pequena e, estando a lâmpada do poste mais próximo quebrada, imersa em sombras. Fumaça espiralava de uma pequena chaminé no teto; uma luz amarelo-engordurada escapava pelas frestas das janelas com grades. Nenhuma luz passava pela porta, uma grossa placa de ferro reforçado

que seria mais adequada a uma prisão ou a uma fortaleza.

— Um trapaceiro sempre acha que todo mundo quer enganá-lo — disse Crane, tirando a máscara do rosto e deixando-a pendurada no pescoço. — Talvez a mesma lógica se aplique a serralheiros.

Eles pousaram o cofre sobre as pedras da rua, produzindo um ruído seco. Crane massageou novamente o ombro dolorido. Gilchrist examinou a porta. Havia nela uma espécie de aldrava ornamentada, com a forma de um par de mandíbulas, que parecia fora de lugar na superfície lisa e sem adornos. Crane soprou as mãos, cada vez mais vermelhas, e segurou a aldrava.

Um segundo par de mandíbulas, que estava oculto abaixo, pulou do esconderijo e prendeu seu pulso onde estava. Crane se contraiu, mas só um pouco. Ele olhou para sua extremidade aprisionada e seus lábios se curvaram num sorriso.

— Ainda bem que isso não tem dentes — disse.

Gilchrist bufou. A faca de mola deslizara da manga da camisa para sua mão. Tenso, ele olhou em volta, acautelando-se contra alguma emboscada. Crane deu uma sacudida na mão, à guisa de teste, e abanou a cabeça. As mandíbulas de metal eram firmes como um torno.

Um barulho de pés se movendo ressoou atrás da porta, da qual uma fresta se abriu. Um olho com maquiagem escura apareceu na abertura.

— Quem diabos são vocês? — perguntou uma voz roufenha de mulher.

— Um homem que tem muitas utilidades para sua mão esquerda, a maioria da quais seria gravemente diminuída por um congelamento ou por ossos quebrados — disse Crane. — Me chamam de Crane. Meu amigo aqui é Gilchrist. Um conhecido seu e nosso, em Brask, nos informou que, por um preço, você poderia resolver um enigma particularmente complicado.

Após dois cliques abafados de algum mecanismo interno, as mandíbulas se abriram. Crane recolheu a mão e esfregou melancolicamente o pulso cheio de veias azuis. O metal frio deixara uma marca purpúrea.

— Ele disse que alguém tentaria assaltar a mansão Thule. Vocês conseguiram?

O olho da serralheira estava arregalado. Sua voz rouca tinha um tom de admiração.

— Nós somos verdadeiros cavalheiros, e essa insinuação me deixa magoado — replicou Crane com jovialidade. — Você vai nos ajudar com o problema ou não? Ele é muito visível, e gostaríamos de tirá-lo das ruas e das vistas o mais rápido possível.

A serralheira hesitou.

— Me mostre.

Gilchrist soltou a caixa-forte do arnês e levantou-a até a altura do olho da mulher. O desenho filigranado brilhou sob a luz amarela. A serralheira apertou o olho. Após mais alguns cliques e uma série de rangidos de pinos se retraindo, a porta enfim se abriu, emitindo um pouco de vapor.

A serralheira tinha ombros largos, quadris estreitos e estava vestida de preto. Usava os cabelos claros puxados para trás do rosto anguloso. Os olhos encovados, que a maquiagem tornava ainda mais encovados, pareciam mais velhos que o restante dela. Havia uma mancha cinzenta em sua testa, deixada por um dedo sujo.

— Nunca pensei que alguém realmente tivesse colhões para roubar aquele lugar — disse ela. — Ouvi dizer que eles esfolam ladrões.

— Você sempre recebe seus clientes com tanto vigor? — perguntou Crane, massageando o pulso de novo enquanto entravam na casa, que cheirava a pólvora e metal velho.

— Fechei as portas — respondeu a serralheira. — Já estou de portas fechadas há três semanas. E sou precavida.

Ela se virou para a porta e começou a trancá-la novamente, girando uma roda de bronze que encaixava os pinos no lugar. No lado de dentro, a porta simples de ferro era uma colcha de retalhos de mecanismos móveis. Crane a observou com atenção enquanto Gilchrist examinava o interior da oficina.

A luz amarela provinha de candeeiros a óleo e projetava estranhas sombras sobre os objetos que juncavam a bancada de trabalho e estavam pendurados nas paredes. Reluzentes chaves-mestras, ganchos, agulhas grossas, o que parecia ser uma furadeira manual. Fechaduras dissecadas dividiam espaço com outras intactas em meio a uma profusão de pinos e molas. Uma estante que ia até o teto abrigava centenas de chaves, grandes e pequenas, lisas e denteadas, de cobre barato e de prata ornamentada e todos os demais tipos que houvesse.

Sinais de objetos pessoais da serralheira eram escassos, mas sobre uma pequena mesa, a um canto, havia uma xícara rachada e uma tigela com alimentos parcialmente consumidos; algumas camisas estavam penduradas em ganchos improvisados que pendiam do teto. Uma tapeçaria puída fora presa de forma assimétrica numa parede, e uma urna cilíndrica repousava sobre o sibilante cano de calefação.

A serralheira encontrou um espaço desobstruído na bancada; Crane e Gilchrist pousaram ali a caixa-forte, que ela examinou com uma expressão quase faminta, dobrando-se para olhá-la de perto e a perscrutando por todos os ângulos.

— Já não cruzo o caminho de uma dessas sacanas há muito tempo — disse. — É uma caixa-morta. Espero que vocês saibam disso. Se tentarem abri-la com um pé de cabra, um dispositivo de mola triturará tudo o que estiver dentro dela.

— Nós sabemos — disse Gilchrist secamente, tirando a máscara.

— Se eu pudesse abrir isso usando minhas habilidades, não precisaríamos recorrer às suas — completou Crane. — Você já trabalhou em caixas parecidas. Presumo que pode abrir esta também.

Os olhos da serralheira se estreitaram de novo. Sua boca se contraiu.

— Por um preço, eu posso.

— Claro — disse Crane. — Uma perita do seu nível requer uma compensação adequada. Tendo isso em mente, estamos dispostos a negociar até…

— Um terço — atalhou Gilchrist.

Crane amarrou a cara.

— Sim. Isso.

A serralheira ficou em silêncio por um momento, refletindo. Um músculo se mexeu em seu rosto.

— Não — disse ela.

— Não? — ecoou Crane, com uma agulha rasgando a seda de sua voz.

— Sem mim, essa caixa não vale uma bosta de porco — disse ela. — Sem mim, vocês fizeram esse trabalho para nada. Agradeço muito, mas acho que posso estabelecer meu preço.

Por trás dela, a faca de mola deslizou novamente pela manga de Gilchrist.

— Mas eu não quero dinheiro — prosseguiu ela. — Quero uma coisa diferente. Quero que vocês dois façam uma coisa para mim. — Ela olhou para a urna cinzenta no outro lado da sala e pareceu levemente confusa. Com o polegar, tocou a testa, no lugar em que as cinzas haviam manchado a pele. — É como pranteamos um amante aqui no norte. Um pouco todos os dias, até a cinza terminar. Quero que me ajudem a vingá-lo.

* * *

A serralheira arrastou dois banquinhos lascados até o cano de calefação, onde Crane e Gilchrist aqueciam as mãos, e lhes disse, como que numa reflexão tardia, que seu nome era Merin.

— Prazer — disse Crane.

Merin se agachou e apontou para a urna com o queixo.

— O nome dele era Petro. Era meu marido. Mais ou menos. Ele morreu há dezoito dias.

— Nossas sinceras condolências — disse Crane, cauteloso, relanceando um olhar para a abandonada caixa-forte. Gilchrist, ao contrário, parecia interessado.

— Aposto que são sinceras — escarneceu Merin. — Mas não preciso que vocês se importem. Só preciso que entendam a situação, só isso. — Ela cruzou as mãos sobre os joelhos. — Vocês sabem quem governa Colgrid?

— O Dogue, oficialmente — disse Crane. — Mas imagino que a balança de poder agora tenha mudado em favor dos mercadores e industriais. A mesma mudança começa a ocorrer em Brask.

— Homens de negócio — disse Merin, com a voz repleta de desprezo. — Brutos, todos eles. Eles reverenciam o dinheiro e veem o mundo em números. — Ela cerrou os dentes por um momento. — Aqui em Colgrid, temos o pior deles. Ele chama a si mesmo de Papa Riker. Está quase tão rico quanto o próprio Dogue. E é dez vezes mais inescrupuloso.

— Como ele conseguiu ficar rico? — perguntou Crane.

— O Novo Mundo — disse Merin. — Como os outros. Ele operava com as sociedades mercantis. Narcóticos, acima de tudo.

Crane e Gilchrist trocaram um olhar que não passou despercebido.

— Vocês conhecem esse ramo de comércio? — indagou Merin.

— Uma breve incursão que se mostrou desastrosa — disse Crane. — Por uma série de razões.

— Houve um incêndio — disse Gilchrist.

Merin meneou a cabeça e passou a língua pelos dentes.

— Já ouviram falar da tremura?

— Não é meu vício favorito — respondeu Crane, porém seus olhos brilharam. — Mas, sim. Conhecemos bem. Um pó destilado de uma planta chamada xoda. Desgasta os nervos até eles ficarem como o fio de uma navalha.

Ele deu uma batidinha na lateral do nariz.

— Foi Riker quem introduziu isso nas fábricas — disse Merin. — Para os operários não pegarem no sono. Ele é dono de quase metade da cidade agora. Os competidores são comprados ou mortos. Ele não tem escrúpulos, como eu disse. Sempre pensando em tirar vantagem. — Ela voltou a olhar para a urna. — Vinte e seis dias atrás, ele quis que eu lhe fizesse um trabalho. Petro marcou o encontro.

— Sabotagem? — arriscou Gilchrist.

— Segurança — disse Merin. — Não para manter ninguém fora. Mas para

manter a molecada dentro. Queria que eu projetasse algemas ajustáveis. O pulsos das crianças são finos demais, entende? E algumas perdem a mão inteira nas máquinas. — Suas narinas se dilataram. — Eu mandei ele se foder.

Crane olhou para Gilchrist.

— Esse Riker emprega crianças nas fábricas dele?

— Pega elas na rua e as bota para trabalhar, sim, a maioria na parte sul — explicou Merin. — Sempre procurando tirar vantagem, como eu disse. Está tão perto do diabo quanto se pode chegar. Então recusei.

— E houve retaliação — aventou Crane.

— Não do tipo que eu esperava. — Merin dardejou um olhar para a urna. — Meu marido era um homem forte em muitos aspectos. Fraco, em outros. No que dizia respeito a bebida ou drogas, Petro era fraco. — Ela pestanejou com força. — Nos últimos anos, foi a tremura. Nunca passou dos limites. Nunca passou dos limites a ponto de eu interferir. Eu até cheirava junto com ele, de vez em quando. — A voz dela ficou raivosa. — Uma semana depois de eu recusar o trabalho, encontrei Petro na nossa cama, pálido como neve. Morto. Com tremura em torno do nariz. Testei um pouco daquele pó num rato, no dia seguinte, e era o que eu pensava. Alguém deu a ele um pó envenenado. Misturado com cianeto.

Silêncio se instalou no espaço apertado. Crane olhou para Gilchrist de novo, mas Gilchrist estava observando a urna quase tão intensamente quanto Merin.

— E de que maneira o rato morreu? — perguntou ele.

O rosto da serralheira ensombreceu.

— Mal — disse ela. — Então, esse é o meu preço. É assim que Riker tem de morrer. Mal.

— A vingança é uma tendência natural — disse Crane. — Eu mesmo me entrego a ela de vez em quando. Mas nós somos só três e, dos três, só você está familiarizada com esse Riker e com o ambiente daqui. Gilchrist e eu somos forasteiros.

— Assim é melhor — disse Merin. — As paredes têm ouvidos hoje em dia. Não sabemos em quem confiar. É por isso que nenhuma outra alma viva em Colgrid sabe o que tenho planejado.

— Falando a sério, madame Merin… — Crane recolheu um fiapo de seu joelho, olhou-o e jogou-o para o lado. — Melhor seria se você abrisse a caixa-forte e usasse sua parte mais do que generosa do conteúdo para contratar um assassino. Nós podemos até colocar você em contato com um deles.

O olhar de Merin era desafiador.

— Se vocês entraram naquela mansão e saíram inteiros, podem fazer esse

trabalho facilmente. O preço é esse.

Crane abriu a boca para responder.

— Nós vamos fazer — disse Gilchrist, com os olhos brilhando. — Você tem um plano?

Merin suspirou longamente. Após olhar Gilchrist com mais atenção, meneou a cabeça.

— Sim. Não tenho pensado muito em outra coisa desde que Petro… — Ela se virou para Crane. — Você é o falador, ele é o fazedor. É isso?

— Essas coisas nunca são tão simples quanto parecem no início — disse Crane secamente. — Mas se você não se contentará com nenhum outro tipo de pagamento, então o sr. Gilchrist fala por nós dois. Vamos ajudá-la em sua vingança.

— Ótimo.

Merin se levantou, foi até a urna e hesitou só um instante antes de mergulhar seus dedos nela. Depois voltou para perto deles. A cinza depositada na mão de Gilchrist, e depois na de Crane, era suave e fria. Eles estremeceram.

A fila de operários se estendia do portão da fábrica até dobrar a esquina; homens e mulheres maltrapilhos, batendo os pés no chão e esfregando os braços para se protegerem do frio. Alguns baixavam as máscaras-filtros por alguns momentos, o suficiente para dar umas baforadas no cachimbo de barro que era passado de mão encardida para mão encardida. Crane e Gilchrist mantiveram as suas máscaras ao se posicionarem no fim da fila.

— Que arquitetura horrível, não? — observou Crane, inclinando a cabeça para observar a fábrica. As altas paredes de tijolos manchadas de fuligem não tinham janelas, e os portões de ferro forjado eram encimados por espigões de aspecto maléfico. Enormes chaminés no alto do telhado corrugado já despejavam sua tinta no céu.

— Não há muitas saídas — comentou Gilchrist.

Eles deixaram o final da fila e se reinseriram mais à frente, ajudados pelo rapé que Crane tirou de uma lata que trazia no bolso do casaco e distribuiu e também por uma cotovelada que Gilchrist aplicou na barriga do único operário que reclamou. Mais próximos, eles podiam ver bem o portão, guardado por uma dupla de vigilantes mal-encarados, munidos de cassetetes. A engrenagem vermelha estava pintada nos crachás que traziam no peito.

Ambos se puseram em alerta quando o estrépito compassado de um veículo ecoou nas pedras da rua. Um deles percorreu a fila brandindo o cassetete e exigindo, aos rosnados, que todos se postassem em fila indiana. Os operários se

alinharam, assim como Crane e Gilchrist. E todos se viraram para observar o veículo, conhecido como marchador, que movia as pernas em perfeita sincronização, como um grande inseto negro, enquanto puxava uma carruagem escura.

Sussurros percorreram a fila quando a carruagem passou, de cortinas fechadas. No topo, viam-se três barris bojudos, seguramente amarrados com cordas. O marchador parou em frente ao portão. Tirando as luvas manchadas de gordura, a condutora desmontou e abriu a porta da carruagem.

O homem que desceu era corpulento; tinha ombros salientes, peito troncudo e uma considerável barriga, algo disfarçada pelo corte preciso de seu colete preto e vermelho. As roupas finas que usava não combinavam com seu corpanzil nem com suas mãos de boxeador, nodosas e cicatrizadas, que emergiam dos punhos da camisa. O largo rufo que lhe cingia o pescoço poderia parecer pedante em outro homem; a Riker, conferia o aspecto de um lagarto canibal do Novo Mundo, impressão reforçada por sua máscara-filtro, posicionada como o focinho de um animal e estampada com dentes prateados inseridos num sorriso feroz.

Enquanto Riker ajustava as mangas da camisa, um carregador com o rosto marcado de varíola começou a descarregar os barris da carruagem. Quando cambaleou sob o peso do último deles, Riker fungou de impaciência, tirou o barril de suas costas e o acomodou num de seus ombros largos, como se não pesasse nada.

— Merin se esqueceu de mencionar que o homem é praticamente um colosso — disse Crane, observando Riker, que se encaminhou para o portão da fábrica, acompanhado por uma penca de criados.

— E se move com leveza — disse Gilchrist, observando como o homem andava.

Um frisson de antecipação percorreu a fila quando os dois outros barris passaram. Um dos homens, cujo polegar estava manchado de rapé, abriu um sorriso banguela.

— Um carregamento grande — disse. — Ouvi dizer que é mais puro que o último. Puro, puro.

Crane sugou ar por entre os dentes.

— É uma quantidade de narcótico fora do comum — murmurou. — Três barris da coisa já processada. Imagino que valem uma pequena fortuna.

Gilchrist fez as contas.

— Duas vezes e meia o peso em prata.

— O incêndio ainda me incomoda — disse Crane, melancólico.

— São só alguns centavos em comparação ao que está na caixa-forte —

lembrou Gilchrist.

Um servente entregou a Riker um grosso pergaminho; outro se esticou e murmurou algo em seu ouvido. Riker se virou para a fila de operários, que silenciou.

— Só cinquenta hoje — disse, numa voz que a máscara-filtro tornava metálica. — Preferência para quem já está marcado. Os outros, caiam fora.

Metade da fila se precipitou para a frente, com animação, quase derrubando Crane e Gilchrist na pressa de desnudar os pulsos, limpar a fuligem e mostrar o borrão vermelho tatuado na pele. Os demais uivaram de desapontamento; alguns, furtivamente, cuspiram nos pulsos e os esfregaram na tatuagem de um vizinho, na tentativa de transferir parte da tinta para a própria pele. Pequenos tumultos eclodiram no lugar em que os guardas estabeleceram o limite de cinquenta pessoas.

Uma mulher emaciada, com desgrenhados cabelos grisalhos, abriu caminho na multidão e se aproximou de Riker.

— Minha Skadi, minha pequena Skadi, onde está ela? — choramingou, estendendo a mão para ele. — Ela está com tosse, me deixe entrar, vou trabalhar mais que qualquer um, juro, juro que vou…

Riker se virou e lhe deu uma pancada com o dorso da mão que a fez se estatelar no chão; seu crânio bateu nas pedras, emitindo um ruído úmido. Riker a observou impassível por alguns momentos enquanto ela gemia e balbuciava. Um guarda apareceu correndo e arrastou-a para longe. Riker atravessou o portão da fábrica e voltou a atenção para o pergaminho.

Após permanecerem parados por alguns segundos, Crane e Gilchrist se juntaram aos vociferantes operários e retornaram por onde tinham vindo. Gilchrist estava com os punhos cerrados.

Eles dobraram a esquina e entraram numa ruela suja. Quando já estavam fora de vista, Crane falou.

— Não existe livro-razão, Gilchrist.

Gilchrist levantou a cabeça.

— Como assim, Crane? — disse ele com aspereza.

— Você sabe lidar maravilhosamente com contas e balanços — disse Crane. — Mas em questões de moralidade não existe livro-razão. Não se pode lavar o sangue de um homem usando o sangue de outro homem.

As amplas costas de Gilchrist se retesaram. Ele parou de caminhar.

— E você acha que é isso o que estou fazendo.

Crane tirou a máscara-filtro de cima da boca.

— Amenizando sua culpa, sim, certificando-se de que há homens muito piores do que nós e acabando com a vida de um deles. É ilusão. Autoindulgência. E não combina com você.

— É como vamos conseguir que ela abra a caixa-forte — replicou Gilchrist.

Crane deu um riso escarninho.

— Você estava preparado para forçá-la a fazer isso. Para ameaçar a mulher com a faca. Foi a história trágica que ela contou que balançou você. Isso e o fato de que nosso alvo emprega crianças. Ou não estou me lembrando direito?

Gilchrist deu de ombros.

— Eu vi que ameaças não iriam funcionar. Não com ela. Ela não tem nada a perder.

— É o que ela quer que nós acreditemos — espicaçou Crane. — Mas foi incapaz de descrever corretamente os efeitos do envenenamento por cianeto. Por quê?

Gilchrist recomeçou a andar.

— Não é todo mundo que conhece venenos, Crane.

— Seria melhor levarmos a caixa-forte para outro lugar. — As veias do pescoço de Crane estavam intumescidas, e sua voz era como gelo. — Estamos operando em território pouco conhecido, com uma aliada que, acredito eu, não está sendo totalmente sincera. — Crane caminhava atrás de seu companheiro. — E, com o indivíduo que acabamos de observar, suspeito que qualquer erro poderá ser desastroso. Riker não me parece um homem que se possa tentar matar duas vezes.

Gilchrist mantinha os olhos direcionados para a frente.

— Ainda bem que só precisamos fazer isso uma vez.

Crane o ultrapassou com suas compridas pernas.

— Sua reticência está ficando cansativa — disse com rispidez. — Quero conversar sobre o que ocorreu durante nossa fuga da mansão Thule.

— Eu me lembro do que aconteceu.

— Você cortou a garganta de um homem antes que ele pudesse gritar e dar um aviso — disse Crane. — Se não fizesse isso, nós dois estaríamos pendurados na forca até agora. Você trocou a vida dele pelas nossas, como eu teria feito na mesma situação.

Ele estendeu a mão e pousou-a sobre o ombro de Gilchrist.

Gilchrist virou-se, prendeu seu braço e empurrou-o contra uma parede manchada de fuligem. Seus lábios se retraíram, deixando os dentes à mostra.

— O vigia tinha filhos — disse ele. — Vi os sapatos deles depois. No lado de fora da casa de vigília. Você fez o reconhecimento. E nunca mencionou isso.

Crane pestanejou diante da inusitada visão do antebraço de Gilchrist sobre sua traqueia. Uma expressão de raiva atravessou seu rosto por um momento e desapareceu.

— Não era pertinente mencionar — disse, escandindo cada palavra.

— Para você — retrucou Gilchrist. — E ele tinha cinzas na testa. Eu vi quando estava escondendo o corpo. Isso significa que as crianças não têm mãe. Significa que vão acabar nas ruas ou vendidas para alguma fábrica.

— Há destinos piores — contrapôs Crane, em tom desafiador. — Você sobreviveu a um início semelhante.

Sua expressão estava calma, mas suas orelhas estavam rubras.

Gilchrist deu um passo para trás. Deixou pender o braço.

— É o que estou querendo dizer, Crane. — Ele grasnou uma meia risada. — A última coisa que desejo é fazer mais de mim.

Crane esfregou a garganta. Não disse nada.

Ao retornarem à serralheria, Gilchrist ignorou a aldrava e bateu na porta com o punho, usando o padrão combinado. Dessa vez, Merin foi mais rápida em deixá-los entrar. Tinha novas cinzas na testa.

— Vocês o viram? Viram a máscara dele? — perguntou ela, tirando um plugue de borracha do ouvido e deixando cair no ombro o tubo a ele acoplado. A caixa-forte repousava no centro da bancada, cercada por um sortimento de chaves-mestras e gazuas, uma das quais estava enfiada na fechadura. — Eu estava escutando — explicou, fechando a porta atrás deles. — Está viscoso lá dentro. Alguma coisa foi derramada na caixa.

— Vinho — disse Gilchrist, sentando-se num dos bancos. Crane permaneceu de pé, com as mãos pálidas enfiadas nos bolsos. — Nós vimos a máscara.

— Dificilmente ele tira — disse Merin. — Foi feita especialmente para ele por um artesão de Lensa. — Ela tateou sob a bancada e mostrou um fino desenho em carvão. — Não foi fácil conseguir. Não derramem vinho nisso.

Crane e Gilchrist olharam para o desenho, que mostrava a máscara vista de frente, de perfil e num corte transversal.

— É maior do que precisa ser — disse Merin. — Há espaço para melhorias.

Ela cobriu a folha com outra, esta exibindo um desenho seu. Molas enroladas e hastes dobradas sobre si mesmas, formando uma espécie de gatilho. Foi só quando ela retirou o produto acabado de algum lugar embaixo da bancada e

removeu o papel encerado que o recobria que eles viram os aguilhões de ferro no interior da concha metálica.

Crane tocou o pulso no lugar em que a aldrava o apertara na noite anterior.

— Que engenhoso.

— Eles não serão visíveis depois que eu revestir — disse ela, passando um dedo por um dos ferrões. — Pode me passar aquela tigela?

Sem falar nada, Gilchrist lhe passou uma tigela de cerâmica de fundo grosso. Ela a emborcou e cobriu com a concha de metal. Os aguilhões se soltaram com um grande estalo. Quando ela levantou a concha, a tigela ruiu sobre a bancada, espalhando fragmentos e pó. A expressão em seu rosto era ansiosa e levemente doentia.

— Como pegaremos a máscara? — perguntou Gilchrist.

Merin mordeu o interior da bochecha.

— Não no quartel-general dele — respondeu ela. — A porra do lugar onde ele mora é um labirinto mais protegido que qualquer lugar que eu já vi. — Com uma das mãos, varreu de cima da mesa os fragmentos da tigela. — Mas ele costuma ir a uma casa de banhos. É lá que vocês vão plantar isso. E depois sair sem que ele os veja.

Crane olhou para o dispositivo.

— Assassinatos a distância nem sempre saem como planejados — disse. — E se o mecanismo falhar?

— Não vai falhar — replicou Merin com firmeza. — Já foi bastante testado.

— Muito bem. — Crane examinou o desenho, evitando o olhar de Gilchrist. — Mas deixar a máscara sabotada no devido lugar sem despertar suspeitas é tudo o que precisamos fazer. Se seu dispositivo falhar, a responsabilidade não é nossa. Você abre a caixa-forte assim mesmo.

— Vai funcionar — disse Merin, passando a língua pelas gengivas. — Mas tudo bem, eu abro a caixa, haja o que houver.

Ela inseriu uma manivela na concha de metal e começou a girá-la, rearmando o dispositivo clique após clique.

* * *

A casa de banhos era uma edificação em pedras pretas lustrosas, incongruentemente situada em meio aos casebres de tijolos desbotados e telhados oblíquos que a rodeavam. Hieróglifos geométricos gravados acima da porta e o teto de cantos chanfrados lembravam os zigurates do Novo Mundo,

como se o prédio tivesse sido arrancado das florestas tropicais e jogado no centro de Colgrid.

Era uma imitação malfeita, na melhor das hipóteses. Crane e Gilchrist já haviam visto as cidades abandonadas do Novo Mundo, com seus templos imponentes e intrincadas catacumbas subterrâneas, e sabiam que nenhum arquiteto poderia sequer chegar perto de fazer coisa igual. Mas talvez Riker tivesse visto as cidades também, e a casa de banhos fosse para ele uma pequena lembrança.

— O marchador está vindo — disse Gilchrist.

Crane aprumou o corpo em toda a sua estatura e ajustou a aba do chapéu de copa alta acoplado à sua máscara-filtro. As roupas roubadas estavam ligeiramente folgadas em seu corpo, mas eram de boa qualidade, e Merin lhe garantira que muitas roupas de cavalheiros estavam largas desde que a tremura se popularizara nas cortes.

Ele e Gilchrist haviam passado a maior parte do dia observando as idas e vindas na casa de banhos, comparando a parte externa com o pergaminho manchado em que Merin desenhara uma planta, sempre mantendo um extremo silêncio.

O plano era bem simples. Segundo um antigo funcionário que eles tinham subornado, Riker sempre se dirigia primeiro às câmaras de vapor, próximas aos fundos, depois fazia uma rápida imersão na água fria e ia embora. A visita inteira não demorava mais que quinze minutos. Tempo suficiente para Crane arrombar o armário com os pertences de Riker, tanto mais dispondo das ferramentas superiores de Merin. Gilchrist monitoraria a câmara de vapor no lado de fora, pronto para dar o alarme caso Riker saísse mais cedo.

O inconfundível marchador negro já estava dobrando a esquina. Era hora de se separarem: Gilchrist iria para a ruela dos fundos, e Crane, para a entrada da casa de banhos.

Enquanto se encaminhava com insolência até a entrada, Crane encostou o polegar em sua avermelhada narina e inalou com força. O ímpeto do pó através da membrana o fez estremecer. Não era sua droga favorita, mas a tremura era barata e tentadoramente abundante ali. Ele comprara uma pitada na fila da fábrica e outra atrás da casa de banhos, quando Gilchrist estava ocupado com outra coisa.

As ruas sujas de Colgrid se tornaram limpas, brilhantes e levemente trêmulas, efeito que dera nome ao narcótico. Ele sentiu o barato como se cada passo e cada movimento seu fossem uma navalha seccionando um mundo lento e denso.

Riker parecia se mover numa piscina de xarope quando saltou do marchador, seguido por um só criado, portando uma sacola de pano.

À entrada, Crane parou e fez uma mesura, no ângulo exato que ocultaria totalmente seu rosto, deixando o homem gigantesco passar primeiro. Riker parecia ainda maior sob o efeito da tremura, como se os músculos enfeixados em seus braços e ombros estivessem inchando e tentando escapar do esqueleto. Ele lançou um breve olhar a Crane pelas lentes da máscara-filtro.

Crane imaginou a cabeça de Riker implodindo e espargindo a parte interior das lentes com sangue e massa cinzenta e teve de conter seu sorriso produzido pela droga ao segui-lo pela antecâmara. Jogou uma moeda ao rapaz da porta e recebeu uma chave de armário. Seguiu então para um lado dos bancos aquecidos por carvão enquanto Riker seguia para o outro. Enquanto se despia, Riker foi parcialmente oculto por seu criado, mas Crane conseguiu ver que seu corpo era coberto de cicatrizes.

Alojando-se na reentrância entre a câmara de calefação e a câmara de vapor úmido, Gilchrist se abaixou, arrancou a máscara-filtro e encostou um olho no buraco que furara mais cedo. Respirava pela boca; a ruela dos fundos exalava um forte fedor de produtos para curtimento, o que, esperava ele, minimizaria o número de passantes. Se alguém o visse, o casaco andrajoso que achara numa sarjeta o faria parecer um mendigo à procura de calor no final da tarde.

Ele pestanejou. Podia ver algumas silhuetas em repouso nos bancos, com vapor espiralando ao redor, mas nenhuma delas tinha o tamanho de Riker.

— O que você está fazendo?

Gilchrist se virou. Desta vez, havia menos fuligem no rosto da criança, e agora ele via que era uma menina. Ela balançava para a frente e para trás sobre os calcanhares. Coçou o ombro esquerdo.

— Foi você que me deu a moeda, não foi? — perguntou ela hesitante. — Acho que foi você. Não foi aquele alto. — Ela perscrutou o espaço entre Gilchrist e o buraco na parede e fez um gesto simulando masturbação. — Então você é um tarado?

Gilchrist tirou outra moeda do bolso. Quando ela se precipitou para pegá-la, ele fechou a mão, pôs um dedo sobre os lábios e bateu no punho, uma, duas, três vezes. Ela assentiu solene e cobriu a boca com a mão suja.

Gilchrist se acocorou novamente e espiou pelo buraco.

Crane tirou as roupas roubadas e dirigiu-se aos banhos quentes, com as solas dos pés chapinhando sobre as pedras lisas. Meneando a cabeça para os demais

ocupantes, ele se acomodou num trecho de paredes negras, polidas até se tornarem espelhos. A água quente formigou em sua pele fria. Seu reflexo era fantasmagórico, distorcido. Círculos negros e profundos sob os olhos e uma marca roxa onde Gilchrist fizera pressão.

Ele delineou o machucado com um dedo, delicadamente, e depois o apertou até que doesse. Como uma nuvem carregada, Riker passou por trás de seu reflexo, seguido pelo criado, que segurava uma toalha e um escovão. Ninguém levantou os olhos. Crane esperou algum tempo na água e ficou tentado a esperar mais um pouco, mas saiu da água e retornou à antecâmara, que estava vazia, exceto pelo rapaz que secava os bancos.

— Quem é o débil mental que está controlando a fornalha hoje? — perguntou Crane, escandindo as sílabas no áspero sotaque de Colgrid.

O rapaz levou um susto e quase largou o pano.

— Eu poderia aquecer melhor os banhos com meu mijo — disse Crane. — Diga a eles: mais carvão. Diga a eles: a porra de uma plenitude de carvão.

O rapaz correu para fora. Crane foi até seu armário, pegou sua calça larga e vestiu-a. Depois pegou as gazuas de Merin dentro do chapéu onde a quebra-crânios também estava escondida e dirigiu-se ao armário que vira o criado de Riker fechar. O efeito da tremura diminuíra de intensidade, dando lugar a uma concentração que manteria suas mãos firmes.

Crane avaliou a fechadura e selecionou a segunda gazua mais fina.

— Você nasceu no deserto? — perguntou a menina, pela terceira vez. — Você é todo escuro.

Gilchrist limpou uma gota de suor que escorria e ameaçava entrar em seu olho. Tentou enxergar através do vapor. Riker dispunha de todo o recinto para si mesmo; os outros frequentadores saíram quando ele entrou, indicando nervosismo em sua linguagem corporal. Através da outra parede, na câmara de calefação, chegavam-lhe vozes discutindo sobre o significado de “uma plenitude”.

— Você e o cara alto, vocês estão morando na oficina da viúva — disse a menina, coçando o ombro. — Eu segui vocês desde lá. É melhor tomarem cuidado.

As palavras fizeram sua nuca se arrepiar, mas Gilchrist continuou a olhar pelo buraco.

— Por quê? — perguntou, mantendo a voz baixa e neutra.

A resposta da menina veio num solene murmúrio.

— Porque ela tem um mosquete e matou o marido dela com um tiro.

Gilchrist olhou para ela. A menina apontou com os dedos, como se fossem uma arma.

— Bum. A cabeça dele explodiu como se fosse uma fruta podre. — Ela contraiu o rosto. — Então, é melhor ter cuidado.

— Quem lhe contou essa história? — perguntou Gilchrist.

— Não é uma história — disse a menina com desdém, coçando o ombro de novo, com mais vigor. — Eu vi. Papa Riker me enviou para ficar de olho nela. Eu vi quando aconteceu. — Ela deu um sorriso diabólico. — Fez uma sujeira danada na parede.

Gilchrist olhou direto para a frente por alguns momentos, lembrando-se da serralheria.

— O sacana do Crane tinha razão — murmurou.

Depois, enfiou os dedos na boca e emitiu três assovios longos e plangentes.

Crane estava no último pino, ou no penúltimo, na pior das hipóteses, quando o leve, mas inconfundível chamado de uma ave carniceira do Novo Mundo chegou aos seus ouvidos. Ele ficou imóvel. Maldição. O aviso de retirada significava que algo dera errado, significava que o corpanzil de Riker poderia surgir a qualquer momento, mas ele estava tão perto. Crane firmou as mãos e inclinou-se, buscando o pino seguinte.

O chapinhar de pés se aproximando soou no corredor. Perto. Crane cerrou os dentes e tirou a gazua da fechadura. Depois pegou sua camisa, seus sapatos e seu chapéu e esgueirou-se pela porta.

O interior da serralheria estava escuro. Merin só havia acendido um candeeiro. Quando Gilchrist pousou a quebra-crânios sobre a bancada, no centro do foco de luz, ela olhou aturdida para a peça.

— O que aconteceu?

— Temos uma indagação semelhante — disse Crane. — A respeito da morte do seu marido. Sua versão dos eventos está sob suspeita, e, se não pudermos confiar nas suas informações, também não poderemos confiar que você vai manter sua parte no acordo.

— Por que você o matou? — perguntou Gilchrist.

Merin deu uma risada abafada.

— De que porra vocês estão falando?

— De uma bala de mosquete à queima-roupa — respondeu Crane. — Aqui

mesmo, nesta oficina. — Ele contornou a sala apertada com alguns passos largos e parou em frente à tapeçaria puída pendurada na parede. — Uma morte assim deixa pistas.

Ele moveu a mão em direção a um canto da tapeçaria.

— Não toque nisso. — A voz de Merin saiu como um rosnado. Ela estava de pé, ofegante, com as mãos transformadas em punhos. De repente, seu rosto se enrugou. Ela se deixou cair no banco e pousou as mãos na bancada. Um de seus dedos se levantou. — Eu nunca pretendi disparar — disse, olhando para as próprias mãos, primeiro, e depois para Crane e Gilchrist. Seus olhos, orlados de maquiagem preta, estavam vazios. — Só queria que ele ficasse longe. — Ela pestanejou. — Tinham dado tremura a ele. Isso é verdade. Mas não continha veneno. Era ícore.

Gilchrist não reagiu à palavra, mas Crane semicerrou os olhos.

— A droga da raiva — esclareceu. — Secretada por um sapo particularmente venenoso do Novo Mundo. Raríssima.

— Por isso eu sei que foi Riker quem fez isso — disse Merin. — Só ele teria acesso a essa substância.

— Descreva. — A voz de Crane soou com impaciência, quase com irritação. — Descreva os efeitos.

As narinas de Merin se dilataram.

— Vá se foder.

— Você já tentou nos enganar uma vez — disse Crane. — Por que devíamos aceitar sua palavra agora sem…

— As veias dele estavam como cordas. — Merin fez uma pausa e respirou fundo. Estremeceu. — Quando ele desceu a escada, estava suando, e as veias dele estavam grossas como cordas. Ele estava de pau duro. E ele estava falando. Não em algum idioma. Uma algaravia.

— Como ele estava se comportando? — perguntou Crane, cruzando os braços.

— Em transe, no início — respondeu Merin roucamente. — Tentei fazer ele sentar. Ele ficou enraivecido. Como um animal. Como um animal no corpo do meu marido. — Ela esfregou os olhos. — Não havia mais nada de humano nele. Ele tinha perdido o juízo. Tentei acalmá-lo. — Ela engoliu em seco. — Tentei acalmá-lo, mas não consegui. Ele apertou meu pescoço com as mãos. Me livrei por pouco. O mosquete estava sobre a mesa. Ele foi atrás de mim. — Seu olhar correu pela oficina, vendo fantasmas em movimento, e parou na tapeçaria. — Eu lhe disse para se afastar. Ele não se afastou. Segurou meu pulso, e eu puxei o gatilho.

Crane meneou a cabeça com uma espécie de reverência.

— A ícore é incrivelmente potente — disse. — Mesmo as menores doses provocam alucinações. Inflama os anseios carnais. Às vezes induz uma forma de glossolalia também. — Ele batucou no cotovelo com seus dedos longos. — Não é de admirar que essa coisa fosse considerada um mito nos primeiros anos de exploração.

— Riker a ajudou a encobrir a morte de Petro — disse Gilchrist. — Disse a todo mundo que ele tinha viajado para o sul para fugir de uma dívida. Foi isso mesmo?

— Sim — disse Merin com amargura. — Ele vai me pedir para fazer outro trabalho qualquer dia, e sabe que terei de fazer, se não quiser acabar na prisão pela morte de Petro. Agora vocês sabem por que o odeio. Por que tenho que matá-lo.

Gilchrist olhou para ela por alguns momentos e meneou a cabeça.

— Você tem que matá-lo porque não tem certeza. Você não tem certeza se ele deu mesmo a ícore a Petro. Ou se Petro tomou a droga por conta própria e subestimou sua potência.

— Ele não faria isso — rosnou Merin.

— Os bebuns do centro da cidade discordam — interpôs Crane. — Segundo todos os relatos, seu marido não estava bom da cabeça nem do espírito durante seus últimos meses de vida. Fazia experiências com as drogas mais exóticas. Falava sempre em morrer.

— Eu sei — atalhou Merin. — Sei que ele não estava bem. Mas ele não faria isso.

— Riker pode ter espalhado o boato da dívida de Petro para desviar a atenção de seu próprio papel em tudo o que aconteceu — disse Crane. — O Dogue não reagiria com muita benevolência se soubesse que Riker estava vendendo ícore aos cidadãos de Colgrid.

— Se você matar Riker sem saber a verdade, ficará na dúvida… — disse Gilchrist. — Para sempre.

As pálpebras de Merin se abaixaram.

— O que vocês sugerem, então? — perguntou ela, com a voz embargada.

— Uma alteração no nosso contrato — disse Crane. — Você precisa de uma confissão, não de uma simples execução. Confissões podem ser extraídas se tivermos a devida vantagem.

— Se acha que Riker confessaria que forneceu ícore a Petro, você está sendo ingênuo.

— Vantagem — repetiu Crane. — Hoje de manhã, Riker estocou três barris de tremura na fábrica do lado sul. Isso representa um investimento substancial.

Merin abriu os olhos.

— O quê, roubar os barris?

— Eu diria tomá-los como reféns — disse Gilchrist. — Nós conhecemos alguém que pode nos colocar lá dentro. Hoje à noite. — Ele virou a cabeça na direção da porta, onde ressoavam batidas fracas, como que produzidas por uma pequena mão. — Deve ser ela.

Quando a noite já estava escura o bastante, eles saíram da oficina e mergulharam nas ruas frias. A menina corria à frente deles. Chamava-se Skadi, e o ombro vivia coçando por causa de uma engrenagem vermelha mal tatuada na pele. Ela mostrara a tatuagem para eles, com uma mistura de orgulho e ressentimento.

Então, sem olhar para Merin diretamente, ela explicou que Riker lhe ordenara que vigiasse a serralheria no dia da morte de Petro e que, após lhe ter dado a notícia, ela nunca retornara à fábrica, como esperavam que fizesse.

Mas ela ainda sabia como entrar lá sem ninguém ver. Sabia onde os guardas faziam a patrulha e conhecia o nome de metade deles. Sabia que a terceira chaminé não estava mais em uso. Depois se debruçara sobre o ombro de Gilchrist, comendo tâmaras da despensa de Merin, enquanto ele esboçava uma planta da fábrica.

As sombras deles se esticaram, longas e esguias quando passaram pelo primeiro poste de luz. Gilchrist carregava um rolo de corda e o arpéu que Merin havia improvisado. Os dedos longos de Crane brincavam com o frasco de vidro cujo conteúdo ele misturara sobre o cano de calefação. Merin estava equipada com suas ferramentas de arrombar fechaduras.

Todos usavam máscaras-filtro. Merin achara uma para Skadi também, depois que a menina tirara dos bolsos todas as chaves que surrupiara enquanto eles faziam a planta da fábrica e discutiam sobre como entrar e sair.

Pararam a uma rua da fábrica do lado sul. Crane pegou o frasco e bateu nele com uma unha desgastada. Fios de um tom amarelo luminoso espiralaram dentro do líquido. Skadi o observou com indisfarçada fascinação quando ele colheu um pouco com uma minúscula pipeta.

— Quero usar também — disse ela, arrancando a máscara.

— Extrato de lampreia requer doses sucessivas para fazer efeito — explicou Crane, inclinando a cabeça para trás e puxando uma pálpebra para cima. — Você só iria enxergar um borrão. — Ele pingou uma gota em cada um dos olhos. Quando terminou de piscar, suas pupilas estavam dilatadas e com um brilho

prateado. Gilchrist pegou o frasco e fez o mesmo.

— O que está vendo? — perguntou Skadi.

— A luz que os olhos humanos não veem — respondeu Gilchrist. — Está pronta, Merin?

Merin tirou a máscara. Seu rosto revelava cansaço, mas sua voz saiu firme.

— Já não faço arrombamentos há mais ou menos uma década — disse ela. — Sempre me sinto meio enjoada até entrar. Vamos em frente.

Um dos vigias noturnos caminhava nos fundos da fábrica, cantando roucamente e, por vezes, batendo com o cassetete na parede à guisa de percussão. Eles o observaram das sombras até ele dobrar a esquina. Então, quase aos pulos, Skadi avançou até a parede.

— Estão vendo as rachaduras? — sussurrou ela. — Vocês devem estar vendo. Não estou vendo muito bem, mas sei onde elas estão.

Crane e Gilchrist olharam para a parede, tentando ver onde o reboco se desgastara, produzindo as rachaduras que Skadi usava para subir. Eram largas o bastante para uma criança firmar as mãos e os pés, nada mais, mas eles já esperavam isso. Gilchrist desdobrou a corda e entregou o arpéu a Crane. Crane calculou a distância até a calha de chuva que acompanhava o telhado, girou a corda duas vezes e lançou-a.

O arpéu viajou pela escuridão, com a corda coleando por trás como uma cobra assustada. Seus ganchos se chocaram com estrépito na superfície oblíqua, deslizaram por ela e prenderam-se na calha. O acúmulo de fuligem abafou o ruído, mas eles permaneceram imóveis, respirando devagarinho, tentando ouvir a voz de algum vigia. Um segundo se passou. Outro.

Crane esticou a corda e ofereceu-a a Merin. Ela polvilhou as mãos com o giz que trazia na bolsa, alongou os braços e começou a subir. Mal chegou ao topo, Skadi a seguiu, rápida como um gato. Gilchrist segurou a corda em seguida, mas parou.

— Por que concordou em atacar a fábrica? — perguntou.

Crane riu com ironia.

— Seu desenho da parte externa me pareceu notavelmente detalhado, considerando que foi feito de memória. Você teria vindo aqui quer eu concordasse, quer não. Para libertar um grupo de órfãos.

Gilchrist olhou para ele fixamente.

— E você veio para pegar um pouco da tremura — retrucou.

— Acho que nós dois somos previsíveis, cada um a seu modo. — Crane fez uma pausa. — Isso vai equilibrar seu livro-razão? Você ficará satisfeito?

— Mais do que a droga satisfará você.

— Dois assuntos completamente diferentes — disse Crane, mas baixinho, enquanto Gilchrist subia pela corda, quase sem apoiar os pés na parede. Crane o seguiu, enrolando a corda à medida que avançava.

Do alto, puderam ver os telhados irregulares de Colgrid e suas chaminés fumacentas que se perdiam na distância, pontilhados pelo brilho verde-fosforescente dos postes de luz. Eles esperaram Crane desenganchar o arpéu e caminharam pelo topo do telhado até a chaminé fora de uso que Skadi indicara no esboço de Gilchrist.

— Tem apoios no lado de dentro. A gente usava para limpar a chaminé — disse a menina. — Bem fácil.

Crane lançou o arpéu até o alto da chaminé, mas desta vez o gancho ricocheteou, escorregou na beirada e caiu de volta no telhado. Merin teve que pular para trás antes que seu pé fosse perfurado. Ela sibilou um palavrão; Crane deu de ombros, irritado. Recuperou então o arpéu, calculou a distância e, dessa vez, acertou a borda da chaminé.

A descida foi apertada e lenta. A fuligem tornara os apoios escorregadios, e um nauseante cheiro de produtos químicos se infiltrava pelos filtros das máscaras. Crane e Gilchrist iam à frente: sua visão aumentada conferia uma tonalidade prateada ao interior da chaminé, permitindo que vissem os sedimentos que se acumulavam nas paredes e sussurrassem alertas quando algum apoio faltasse ou estivesse fragilizado pela ferrugem.

Antes de chegarem ao fundo, no local em que a chaminé se conectava à caldeira, encontraram uma pequena porta de metal, tal como Skadi avisara, que se abriu com um rangido agudo. Gilchrist comprimiu os ombros largos para passar pela abertura. Crane passou com a facilidade de uma enguia enquanto Merin teve que se contorcer para segui-lo. Skadi fechou a fila.

A chegada à base da caldeira exigiu apenas um pequeno pulo. Após a claustrofóbica descida pela chaminé, o interior abobadado da fábrica parecia uma catedral. Fileiras de máquinas pretas dentadas se estendiam dos fundos até a frente, avultando na escuridão como monstros mecânicos em que as engrenagens eram dentes à mostra. Skadi se encolheu ao vê-las e esfregou furiosamente a que estava à esquerda.

— O depósito é lá atrás — murmurou ela, apontando com a mão. — Está bem trancado. — Ela olhou ao redor e estremeceu. — Eu odeio demais aqui.

Ela liderou os companheiros pelo corredor. Enquanto caminhavam, arrastando os pés na fuligem, rostos pálidos surgiam por entre as máquinas.

Alguns sussurravam; alguém disse o nome de Skadi numa pergunta hesitante. Crane pousou um dedo ereto no lugar em que a máscara cobria seus lábios. Havia palha espalhada entre as máquinas e cobertores roídos por traças. Algumas crianças estavam sozinhas, mas a maioria se aglomerava em busca de calor e aconchego.

— Silêncio, silêncio — disse Skadi. — O monitor dormiu?

— Já tomou mais de duas — murmurou uma das crianças. — Amalia tomou o resto.

Encontraram o monitor arriado numa cadeira de madeira entalhada, com três garrafas vazias ao lado e o queixo grisalho enterrado no peito. Crane parou para derramar láudano em sua boca aberta, o que garantiria que ele permanecesse assim. Outras crianças estavam acordando, emitindo sons metálicos quando se mexiam.

Merin apontou para um pé que não estava sob cobertas. Um pesado aro de ferro cingia o tornozelo de uma criança; estava preso a uma longa corrente que se estendia por todo o comprimento da fábrica.

— Canalhas — disse ela, baixinho. — Mas parece fácil abrir.

Por fim eles chegaram ao depósito, situado numa quina nos fundos da fábrica e guardado por uma pesada porta de madeira.

— Seria mais rápido com um pouco de luz — disse Merin, passando os dedos sobre a volumosa fechadura. — Não tenho merda de lampreia nos olhos.

Gilchrist se virou.

— Skadi. Arranje uma vela.

A menina desapareceu. Retornou pouco depois, com um toco de vela, e agachou-se para observar Merin alinhar suas ferramentas no chão, formando uma sequência. A serralheira estendeu para Gilchrist e Crane algumas gazuas simples. Cada um pegou uma, e ambos retornaram pelo corredor. Gilchrist trabalhou num lado, e Crane, no outro, despertando as crianças que ainda dormiam. Abafando um grito ocasional, eles apontavam para os aros de ferro e os abriam.

Já estavam quase terminando quando ouviram vozes à entrada da fábrica.

— Veja se aquele velho bêbado tem alguma coisa para nós também. — O vigia tossiu. — Vá até lá, só para checar. Está chato para cacete aqui fora.

Crane e Gilchrist trocaram olhares. Crane fez sinal para as crianças cobrirem os tornozelos e ficarem quietas. Postou-se então num dos lados da entrada, colocando as luvas. Gilchrist se posicionou no outro lado, movendo-se como uma sombra. A faca de mola já estava em sua mão, com a lâmina aberta. Ele contraiu a mandíbula.

A porta de ferro se abriu e a lanterna do vigia varou a escuridão. Crane respirou fundo, prendeu a respiração, tirou uma bolinha alaranjada da bolsa e esmagou-a entre as mãos.

O vigia deu alguns passos para dentro e hesitou. Mexeu nas tiras de sua máscara-filtro. Partículas de pó provenientes das luvas de Crane se acumulavam no ar, levando um cheiro pútrido e pungente. Uma das crianças começou a espirrar. Os olhos de Crane lacrimejaram e muco começou a escorrer em sua máscara. E ele ainda estava sem respirar.

O vigia deu outro passo vacilante, mas se virou e saiu.

— Vai perguntar você, seu babaca — disse ele, fechando a porta. — Você não me disse que tinha havido um vazamento hoje. Está fedendo como o diabo lá dentro.

Crane e Gilchrist se mantiveram imóveis por alguns instantes, aguardando que o som das botinas desaparecesse. Assim que os vigias retornaram ao portão, Crane correu até o barril de água potável e mergulhou o rosto nele. Emergiu soltando um palavrão que fez as orelhas das crianças se empinarem enquanto Gilchrist abria as últimas algemas.

— Muito mais potente que na minha última receita — murmurou Crane, retirando as luvas sujas.

— Ótimo.

Gilchrist usou sua máscara para jogar água nos olhos injetados. Ambos retornaram pelo corredor, seguidos pelas crianças libertas, algumas conversando em murmúrios, outras esfregando os olhos, também irritados pelo preparado de Crane. Quando chegaram ao depósito, Merin estava levantando a máscara para limpar gotas de suor na testa.

— Por pouco aquele vigia não entrou — disse ela. — Bom trabalho. Seja lá o que for que vocês fizeram.

Ela empurrou a porta do depósito, que girou suavemente nas dobradiças. No interior, entre caixas de madeira e metais empilhados, estavam os três barris de tremura.

— Parecem pesados — murmurou Merin.

— Então não vamos perder tempo — disse Crane, com os olhos cintilando.

Ele inclinou o primeiro barril, que Gilchrist segurou e pousou no chão para ser rolado. Os três trabalharam depressa, rolando os barris até a chaminé. Skadi e algumas meninas mais velhas conseguiram agrupar as crianças, calando as tagarelas com reprimendas ou tapas na cabeça.

Com os três barris de tremura no lugar certo, Crane retirou da bolsa mais das

bolinhas alaranjadas e distribuiu-as pelas crianças mais velhas.

— Essas bolinhas são para arremessar. Não devem ser quebradas nas mãos e, com certeza, não devem ser comidas — disse ele. — Não devem ser comidas. Entenderam?

Alguns acenos afirmativos de cabeça.

— Eu tenho uma pergunta, crianças — prosseguiu ele. — O que acontece quando alguém cutuca um ninho de aranhas?

As crianças se entreolharam por alguns momentos.

— As aranhas vão para todo lado — murmurou finalmente um dos meninos.

Outras crianças fizeram movimentos de fuga com os dedos.

— Sim — disse Crane. — Então, quando nós abrirmos a porta da fábrica, todos vocês devem fazer como as aranhas e se espalhar para todos os lados. — Ele ergueu uma das bolinhas entre os dedos. — E se algum vigia tentar pegar vocês, esses vão ser seus ferrões.

As crianças assentiram com a cabeça, todas elas, e o sorriso de Skadi brilhou no escuro.

Manhã em Colgrid. À janela de Merin descortinava-se o céu, tingido de vermelho pelo sol nascente. A serralheira preparava um bule de café bem forte. Crane e Gilchrist estavam sentados ao lado do cano de aquecimento. Os cobertores em que haviam dormido brevemente estavam agora empilhados a seus pés. Durante o caos criado pelas crianças que fugiam, eles haviam subido de volta pela chaminé e descido pelo telhado. Na última vez que a viram, Skadi estava correndo na rua à frente de seu pequeno grupo, berrando e guinchando.

— Aposto que ele está chicoteando os vigias — disse Merin. — Aposto que acha que eles nos ajudaram.

— Melhor assim — disse Crane, batucando com uma pena no rosto enquanto avaliava a carta que tinha no colo. — A ambiguidade é nossa aliada. O que acham disso? — Ele escreveu a frase final e ergueu o pergaminho para mais perto da luz. — “Meu caríssimo sr. Riker, você está sendo cordialmente convidado a se encontrar comigo na Esquina dos Quatro Anjos à meia-noite, desacompanhado e desarmado, para que possamos negociar uma troca de bens e serviços. Se eu avistar alguém a seu serviço no raio de um quarteirão do nosso ponto de encontro ou sentir alguma ameaça à minha pessoa, seus barris serão queimados. Assinado, seu afetuoso ladrão.”

Merin riu ironicamente.

— Ele não vai pensar que sou eu, isso é certo.

— Sele isso com uma pitada de tremura — sugeriu Gilchrist.

Com relutância, Crane abriu um dos pequenos saquinhos que enchera com tremura tirada do último barril. Despejou um pouquinho de pó na lâmina de uma faca de Merin e a posicionou sobre o cano de calefação. A substância começou a borbulhar, adquiriu uma tonalidade marrom que Riker reconheceria e grudou como cera quente na dobra do pergaminho.

— Ele não irá sozinho — disse Merin, pegando a carta enquanto a substância esfriava e endurecia. — Nem desarmado.

— Você também não — disse Gilchrist.

Merin hesitou por um momento. Depois pôs a carta de lado, tateou embaixo da bancada e pegou a caixa-forte, retirando o pano grosso que estava por cima dela. As ranhuras de bloqueio estavam presas com paquímetros, e uma minúscula seção metálica fora removida, expondo parte do mecanismo, onde duas chaves-mestras estavam espetadas.

— Eu já tinha aberto ontem — admitiu ela. — Quando a gente conhece o truque, não é tão difícil. — Ela apontou para as chaves. — Aquela gira no sentido horário e a outra, no sentido anti-horário. Vocês podem fazer as honras, se quiserem.

Os homens trocaram um olhar. Crane segurou a chave à esquerda e Gilchrist, a chave à direita. Sem hesitação, eles as giraram. Em vez de simplesmente se abrir, a caixa-forte pareceu florescer. As intrincadas filigranas nas laterais do cubo se destrancaram e se abriram como pétalas de uma flor mecânica, revelando uma prosaica gaiola e, dentro da gaiola…

— Meu léxico me falha — disse Crane. — Gilchrist?

Gilchrist apenas abanou a cabeça.

— Bonita demais, não? — disse Merin. — Eu espiei mais cedo. — Ela retorceu a boca. — Estou vendo por que vocês se deram ao trabalho.

A coroa era um pesado anel de ouro imaculado que chamejava à luz da lâmpada, incrustado com prata e cravejado de pedras preciosas da cor de um mar cristalino.

— O último elo do clã de Thule com os antigos reis — murmurou Crane. — Muito mais velho que os Dogues eleitos. Mais velho que Colgrid ou até mesmo que Brask. — Ele calçou uma luva de trabalho numa das mãos e pegou a coroa com cuidado, com muito cuidado, como se ela pudesse se desfazer em seus dedos. Fixamente, os olhos de Gilchrist a observavam girar sob a luz.

— Milagre — disse Crane. — Estar nessas condições. Depois de tantos anos. — Seu olhar endureceu quando ele olhou para Merin. — Você percebe que nós não temos mais nenhuma obrigação de permanecer aqui, agora que você já

destrancou nosso brinquedo. Nós poderíamos deixar você e Riker por conta do destino.

— Eu percebo, sim. — Merin conseguiu dar meio sorriso. — Mas imaginei que vocês gostariam de ficar até o fim. Só para ver como tudo vai terminar. — Ela olhou da coroa para a caixa-forte aberta. — E se as coisas derem errado hoje à noite, eu queria ter certeza de que cumpriria minha parte no acordo.

Notícias sobre o arrombamento da fábrica se propagaram em Colgrid ao longo do dia. Gilchrist e Crane ouviram trechos delas nas duas vezes que deixaram o esconderijo na oficina para comprar cordel, resina e pólvora. Em ambas, sem retirar as máscaras-filtro, fizeram trajetos tortuosos para se assegurarem de que não estavam sendo seguidos. Ao cair da noite, uma ventania açoitou as ruas, dissolvendo parte do *smog*. O vento lhes agitava as roupas enquanto eles se dirigiam à Esquina dos Quatro Anjos, juntamente com Merin.

Gilchrist contornou o quarteirão para se certificar de que nenhum dos homens de Riker estava de tocaia. Depois, os três se postaram perto das estátuas. Os anjos, esculpidos no estilo de Brask, tinham feições duras, desumanas e geométricas; uma escrita arcaica fora inscrita nas pernas finas e nas asas abertas. O vento forte dava a impressão de que estavam prestes a voar. Merin subiu no monumento para espalhar resina na dobra de um dos cotovelos de pedra. Crane mediu a distância com passos.

Não demorou muito para que o martelar de um marchador ecoasse nas pedras do pavimento. Eles ocuparam suas posições: Crane assumiu um ar relaxado e insolente. Gilchrist e Merin se plantaram numa postura militar, com pernas afastadas e mãos às costas, para manter Riker na dúvida. Gilchrist massageou as mãos sem pressa, de modo a manter os dedos aquecidos e preparados. As mãos de Merin, por sua vez, estavam fechadas com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Uma silhueta assomou na penumbra e Riker apareceu, segurando na mão enorme uma lanterna fosforescente, que lembrava um fogo de santelmo e iluminava os dentes de tubarão de sua máscara-filtro. O condutor o seguia como uma sombra, vestido com um longo casaco preto, sob o qual se avolumava a forma de um mosquete.

— Sr. Riker — cumprimentou Crane. — Você não cumpriu as instruções. Não está lembrando as consequências?

Riker parou a cinco passos deles, uma distância que seus longos braços poderiam cobrir num instante, e firmou os pés. Os pontudos bicos de suas botas estavam assentados na direção deles como facas. Ele os examinou em silêncio,

através das lentes da máscara, virou-se e passou a lanterna para o condutor.

— Ninguém queima três barris de droga pura — disse. — Nem mesmo um lunático.

— Parece estar bastante convencido do valor deles — disse Crane. — No entanto, estavam muito mal protegidos. Pegá-los foi como uma brincadeira de criança, sinceramente.

— Você acha que foi muito esperto. — Mesmo através da máscara, a voz fina de Riker saía cheia de raiva. — Usando as crianças.

— Obviamente, você pensa a mesma coisa.

— Todo mundo em Colgrid sabe que não é bom negócio roubar de mim — disse Riker. — Isso quer dizer que vocês não são daqui. E quer dizer que não conhecem o inverno daqui. Se aquelas crianças continuarem nas ruas, vão virar malditos cadáveres dentro de dois meses.

— Você mantém as crianças acorrentadas — disse Gilchrist, falando pela primeira vez.

— Durante a noite. É melhor que deixar mais uma delas cair dentro de uma caldeira. — Riker bateu com um dedo nodoso na máscara ornamentada. — Metade daquelas merdinhas não regula bem desde que saiu do útero, de tanto as mães respirarem o *smog*. Não vão durar aqui fora.

— Elas fugiram — disse Gilchrist. — Na primeira chance que tiveram.

— Você não fez nenhuma porra de favor a elas — vociferou Riker. — Eu alimento e mantenho aquelas crianças longe da tremura. Longe das casas de prostituição. Aquelas que tiverem juízo vão voltar para a fábrica. As outras vão morrer de frio.

Crane pigarreou.

— Nós estamos fugindo do assunto — disse. — Felizmente para você, sr. Riker, a tremura que nós roubamos não era nosso verdadeiro alvo. As informações que recebemos estavam erradas, entende? — Ele fez uma pausa. — Soubemos que poderia ser ícore.

Riker não reagiu.

— Somos oportunistas, claro, por isso pegamos o que encontramos — continuou Crane. — Mas, como você verificou, não somos de Colgrid. Nossos compradores estão bem mais ao sul e recebem a tremura por canais mais estabelecidos. Eles querem ícore, para as arenas de lutas de Vira e Lensa. Era o que pretendíamos roubar. Agora estamos abertos a uma troca.

— Você quer negociar minha própria droga comigo. — Através da máscara, o riso de Riker soava como uma coisa sem vida. — Você realmente tem colhões.

Crane deu de ombros despreocupadamente.

— Presumindo que você *tenha* ícore. E que já tenha testado.

Riker os olhou durante um longo minuto através das lentes.

— Como levaram os barris?

— Com considerável dificuldade — disse Crane. — O método é irrelevante.

Após outra longa pausa, Riker falou.

— Eu tenho ícore. Como curiosidade. Não existe mercado para isso aqui.

Merin estremeceu, mas se controlou. Riker não pareceu reparar.

— Então proponho uma troca: sua tremura pela sua ícore. Se nossos compradores aprovarem seu produto, poderemos até estabelecer um negócio duradouro e lucrativo para ambas as partes. — A voz de Crane endureceu. — Mas nós já conhecemos muitos pretensos vendedores que vinham do Novo Mundo. O produto deles é invariavelmente uma grosseira mistura estimulante que não tem a ferocidade… *específica* da verdadeira ícore.

Riker inclinou a cabeça para o lado por alguns momentos.

— É da boa — disse. — Dei um pouco a uns mendigos doidos. Um matou o outro e fodeu o corpo dele por uma hora. Eu o matei quando o efeito estava passando. Foi mais piedoso do que o deixar lembrar o que fez.

Merin estava tão imóvel que parecia uma das estátuas. Crane respirou fundo através da máscara.

— Que maravilha. Mas teria sido melhor testar num indivíduo mais estável.

— É difícil encontrar isso em Colgrid. — Riker abanou a mão com desdém. — Metade dessa porra de cidade é doida. Mas eu fiz outro teste, sim. Quando recebi a droga. Misturei na tremura de um vagabundo e a mandei para sua casa, para sua mulher.

As palavras pairaram no ar frio. Os anjos pareciam se inclinar para a frente, rostos inexpressivos aguardando revelações.

— Ele sabia da mistura? — perguntou Crane suavemente. — É sempre bom tomar cuidado com o efeito placebo.

— Ele não sabia — disse Riker. — E quando a coisa fez efeito, ela matou o cara com um tiro na cabeça. Piranha esperta. Devia estar esperando uma desculpa para fazer isso.

Merin arrancou a máscara-filtro, e o movimento repentino deflagrou um tumulto. O condutor da carruagem sacou a arma, deixando cair a lanterna fosforescente, que se espatifou no chão, pintando um quadro em verde-pálido: Crane dando um passo para trás, Gilchrist sacando a faca de mola, o condutor apontando o mosquete para o peito de Merin…

Riker olhou para ela. Seu riso foi desdenhoso.

— A piranha esperta. A serralheira.

Merin mantinha uma das mãos atrás das costas. A outra tremia ao seu lado quando ela falou.

— Você sabe a porra do meu nome.

— Eu esqueci — disse Riker. — Mas lembro que você precisava de uma lição.

Merin contraiu o rosto, metade de raiva, metade de angústia.

— Você queria me ver morta.

Riker olhou para Crane e para Gilchrist, depois de volta para Merin.

— Não — disse ele com frieza. — Os mendigos receberam uma dose inteira. Seu Petro, só um pouquinho. Ele teria fodido você para valer. Maltrataria você um pouco. Quando passasse o efeito, ele se perguntaria de onde tinha tirado tanta coragem, assim tão de repente.

Por trás das costas, Merin puxou o cordão que enrolara em torno do pulso e que se estendia, como uma teia, até as esculturas que avultavam acima deles.

— Tudo o que você tinha de fazer era aprender sua lição — disse Riker. — Talvez até gostasse.

O estrondo do mosquete escondido foi ensurdecedor. Riker caiu; Gilchrist investiu contra o condutor. Um segundo estalo cortou o ar noturno e arruinou o rosto de um anjo, espalhando lascas de pedra. Gilchrist enfiou sua faca de mola no braço do condutor, e o mosquete fumegante caiu na escuridão. Apesar do buraco que atravessava sua coxa, Riker se pôs de pé; seu silêncio era mais aterrorizante que qualquer coisa quando ele atacou Merin.

Crane tentou desviá-lo, mas Riker lhe deu uma pancada que o jogou longe. Merin estava recuando quando o punho de Riker lhe acertou o queixo, atirando sua cabeça para trás. Ela desabou no chão. Gilchrist estava embolado com o condutor, que choramingava e sangrava enquanto se arrastava pelo chão, tentando pegar a arma caída. Riker iniciou outro golpe contra Merin, com força suficiente para espatifar seu rosto, mas Merin tirou uma concha de metal do casaco e a ergueu como um escudo.

A mão de Riker se prendeu no mecanismo. Ele tentou puxá-la e…

— Não mexa nem a porra de um dedo — disse Merin, com a voz engrolada por um xarope de sangue. — Ou vai perder a mão. Está sentindo os aguilhões?

Riker não se mexeu. Merin se levantou devagar, sempre segurando o seu lado da quebra-crânios. Crane se pôs de pé. Após dar um último chute no condutor, Gilchrist se juntou a eles. Estava segurando o mosquete, usando a manga da

camisa para limpar o sangue que o recobria. Depois recarregou a arma com uma segunda bala.

— Podem ficar com a porra da tremura — disse Riker, sem tirar os olhos da mão aprisionada. — Vou pegar a ícore para vocês também. Para seus compradores do sul.

— Ah, nossos olhos estão voltados para locais mais exóticos do que Vira e Lensa — disse Crane, em tom levemente escusatório. — Vamos voltar para o Novo mundo, entende? Financiados por certo objeto que vale mais do que toda a ícore que você possa nos fornecer. — Ele massageou o peito, onde Riker o acertara. — Quanto à tremura, está empilhada no fundo da terceira chaminé de sua fábrica.

Gilchrist depositou o mosquete carregado na mão livre de Merin. E hesitou.

— Faça o que quiser — disse. — Mas lembre-se de que sempre há um homem pior.

— Nosso navio está nos aguardando — disse Crane. — Nós lhes damos adeus, madame Merin e sr. Riker. A hospitalidade de sua bela cidade foi muito…

Ele se interrompeu, apertando o casaco em torno do corpo.

— Se tiverem outra caixa-morta para ser aberta… — disse Merin de modo vago.

Ela encostou o mosquete na testa de Riker. Sua mão estava perfeitamente firme.

Gilchrist tirou o outro mosquete do esconderijo e o desmontou com três hábeis movimentos. Depois, ele e Crane se afastaram, mergulhando de novo nas ruas sinuosas. Tinham de pegar seus pertences, que estavam numa certa ruela, antes de rumarem para as docas. Ambos esperavam ouvir o som de um último tiro.

A caixa-forte estava entre eles, movendo-se precariamente sobre a amurada, quando o navio começou a se mover. As joias da coroa estavam escondidas em diversas botas, bolsos e bolsas enquanto a própria coroa repousava no interior do chapéu de abas largas de Crane. A caixa estava vazia agora, e semiaberta, como um morcego que não sabe se abrirá as asas.

— Acha que ela o apagou? — perguntou Gilchrist.

Crane inclinou a cabeça para o lado, pensando.

— Eu não ouvi o terceiro tiro — disse. — Mas é possível que ela o tenha levado para um lugar mais isolado.

Gilchrist ficou em silêncio por alguns momentos.

— A tatuagem de Skadi era da fábrica, mas ela tinha marcas mais antigas também. Cicatrizes. Disse que foi a mãe dela. — Ele fez uma careta. — Talvez Riker estivesse certo a respeito das crianças. E eu só as tenha libertado para morrerem de frio. Talvez, no fim das contas, eu seja pior do que ele.

— Todos nós somos feitos de luz e trevas, Gilchrist — disse Crane. — O que nos torna igualmente acinzentados em nossa marcha para o túmulo. É melhor não pensar muito nesses assuntos. — Ele pegou o saquinho com a tremura retirada do barril de Riker e desenhou uma grossa linha branca nas costas da mão. — O projeto dessa caixa é extraordinário. Acho que podemos vendê-la.

Gilchrist abanou a cabeça.

— Não vale a pena procurar um receptador. Já estamos bastante ricos.

— É verdade. — Crane cafungou e esfregou o nariz. — Está na hora de começarmos a fazer nossos arranjos para atravessar o oceano. O Novo Mundo aguarda nosso regresso. Os infames Crane e Gilchrist, em busca de novas peripécias, lutando contra o destino…

Gilchrist não disse nada. Esticou a mão e empurrou a caixa-forte para fora da amurada. Os ventos capturaram seus delicados mecanismos e a abriram por completo; ela caiu na água escura e lodosa como uma flor de metal. Crane mergulhou num silêncio constrangido e massageou o pescoço machucado enquanto ambos a olhavam afundar.

ELIZABETH BEAR

Temos aqui uma ousada incursão a uma ilha amaldiçoada e assombrada por monstros, realizada pelos três caçadores de tesouros mais estranhos e heterogêneos que já remaram esperançosos até uma praia, apenas para descobrir que não tinham a menor ideia de em que estavam se metendo. Se tivessem, teriam remado *de volta* com a mesma rapidez…

Elizabeth Bear nasceu em Connecticut e vive atualmente em South Hadley, Massachusetts. Ela venceu o prêmio John W. Campbell de Melhor Novo Escritor em 2005 e, em 2008, levou para casa um prêmio Hugo por seu conto "Tideline", que também lhe granjeou o prêmio Theodore Sturgeon Memorial, dividido com David Moles. Em 2009, ganhou outro Hugo pela novela *Shoggoths in Bloom*. Seus contos têm aparecido em *Asimov's Science Fiction*, *Subterranean*, *SCI FICTION*, *Interzone*, *The Third Alternative*, *Strange Horizons*, *On Spec* e outras publicações e foram coligidos em *The Chains That You Refuse* e *Shoggoths in Bloom*. É a autora de "New Amsterdam", série de fantasia em cinco volumes; de "Jenny Casey", série de ficção científica em três volumes; de "Promethean Age", série em cinco volumes; de "Jacob's Ladder", "Edda of Burdens" e "Eternal Sky", todas séries em três volumes; e de três romances em colaboração com Sarah Monette. Outros livros de sua autoria incluem os romances *Carnival* e *Undertow*. Seu livro mais recente é o aclamado romance *Karen Memory*.

A MALDADE DO REI

Elizabeth Bear

— Sou uma serva do rei do Pálido Império — murmurou para si mesma a dama doutora Lzi, com água salgada atormentando seus lábios. — Minha vida está à disposição dele.

Palavras corajosas. Não melhoraram o enjoo dentro dela, mas seu desconforto não tinha importância. Somente palavras corajosas tinham importância, bem como sua vontade de transformá-las em realidade.

Lzi disse a si mesma que eram o suficiente, que elas a levariam até o tesouro que procurava, e ainda mais longe. Segurando bem alto um longo embrulho de seda impermeável, para mantê-lo seco na morna arrebentação, ela se virou e viu o homem de metal emergir, pingando, das águas azul-claras da laguna. Golpeado pelas ondas que os braços da laguna suavizavam, ele subia o aclive com dificuldade. O homem de metal, de um tipo chamado Cavalheiro, um servo de feiticeiras comum no extremo Ocidente, tinha uma carapaça espelhada que brilhava entre seus trapos caseiros, tão ofuscante quanto a superfície da água.

Atrás dele, um homem de rosto coberto, trajando um longo casaco de lã vermelha, segurava uma cimitarra, uma pistola e um polvorinho em formato de chifre bem alto enquanto chapinhava desajeitado no mar, com as ondas lhe agitando o tecido do casaco. Era um Homem Morto, membro de uma seita militar de elite, porém já dispersada, do distante e exótico Ocidente. Naquele momento, vestido inadequadamente para enfrentar o calor e o mar, ele parecia ridículo.

Flutuando em águas mais profundas, o *Viagem Auspiciosa* enfunou suas velas de retalhos coloridos, inclinou o casco verde e começou a girar devagar, retornando ao ponto em que os braços da laguna não cingiam completamente a enseada. O pequeno e bravo veleiro afastou-se com os três marujos, um gato de navio e a única chance que o destacamento de desembarque teria para escapar daquela ilha supostamente amaldiçoada. Nem mesmo ordens reais fariam o capitão manter o barco naquela enseada enquanto aguardava o retorno de Lzi e sua equipe.

Caso estes fossem bem-sucedidos, sinalizariam o êxito acendendo uma fogueira na manhã seguinte. Caso não fossem, bem… Pelo menos era um lindo

lugar para morrer e uma causa digna do sacrifício.

Acima, pássaros adejavam em círculos. De repente, um ruído alto encheu brevemente o ar, um zumbido grosso, quase mecânico. Uma barbatana negra cortou a água como uma navalha e sumiu. Lzi suspirou e especulou se não teria cometido um erro terrível. Era verdade que já estava pisando na areia e que ainda não fora afetada pela suposta maldição mortal da Ilha do Isolamento, mas a água ainda lhe chegava às coxas. Talvez a história de ser comida viva por larvas só começasse quando ela de fato estivesse na praia.

Ou talvez a bênção de sua missão real fosse o bastante para protegê-la. E proteger os mercenários também. Ela só tinha esperança… e o sortimento de truques prometido por seu título honorífico.

A determinação se fortaleceu em seu ventre. Virando as costas para o oceano e os mercenários, ela abriu caminho na água até a praia cinza-escura, tão diferente das areias de coral rosado da maioria das Ilhas do Estandarte. Cada puxada do mar sugava a areia sob seus pés, como se as próprias ondas a estivessem avisando para ir embora. Ela se forçou a não hesitar e saiu da arrebentação. Esperar não ia alterar nada.

No entanto, quando a sólida areia molhada se compactou sob seus pés descalços, ela ainda prendia o fôlego. E… não havia morrido. Também não sentia a magia crescente de um feitiço, o que era um bom sinal. Ela parou um pouco além da linha da maré e virou-se para trás. Enquanto esperava pelos mercenários, desembrulhou sua faca longa e amarrou o tecido de seda ao redor da cintura, formando uma faixa na qual enfiou a faca, sabendo que ali poderia alcançá-la com facilidade.

Quando terminou, o Homem Morto já chegara à praia. O Cavalheiro ainda abria caminho a duras penas, passo a passo; seu enorme peso era uma tremenda desvantagem.

Lzi jogou a cabeça para trás e riu.

— Bem, aqui estou eu! Com os pés na areia, e ainda não vejo nenhum sinal de larvas, seus covardes!

Se os marujos em retirada a tinham ouvido, ela não sabia. O único que via no convés era o imediato, e este parecia estar ocupado com a vela.

— Foi uma ideia horrível — disse o Homem Morto, tentando se estabilizar sobre a areia.

A cada passada que dava, água se derramava dos canos de suas botas. Ele não se dignou a virar a cabeça para olhar os marinheiros. Pela rigidez de seus ombros, Lzi presumiu que a rigidez do pescoço era intencional.

— Pelo menos você vai secar depressa no calor — disse o Cavalheiro,

entabulando conversa.

— Com uma crosta de sal que vai deixar todas as reentrâncias em carne viva.

— Você devia tirar a roupa. Não sei como você aguenta — disse Lzi, retorcendo sua saia de filó.

O Homem Morto a ignorou e enfiou sua espada na faixa que cingia seu casaco.

— Eu também ganharei uma crosta de sal em pouco tempo — disse o Cavalheiro. Lzi perguntou a si mesma se sua carapaça de metal iria se escamar e enferrujar. Ainda não parecia ter sido corroída. Ele apontou a mão reluzente para as águas azul-escuras que o *Viagem Auspiciosa* já estava singrando. — Como um atol de coral pode se formar em águas tão fundas?

O Homem Morto fez um gesto largo.

— Ah, meu amigo. Veja bem, esta ilha é diferente das outras. É vulcânica. A areia escura revela sua natureza. Aquilo não é um recife de coral. É uma cratera.

— Vocês não são tão pouco instruídos quanto parecem — disse Lzi, mantendo o rosto impassível e esperando que os mercenários entendessem que ela só queria participar dos gracejos entre os dois. — É por isso que o rei desta ilha escolheu o nome de rei da Dinastia da Montanha de Fogo.

— O vulcão está extinto? — perguntou o Cavalheiro.

Lzi sacudiu a saia de padronagem laranja para que secasse à brisa.

— Não entra em erupção desde 1600, mais ou menos, acho.

O Cavalheiro fez uma pausa — para calcular a conversão da data para anos pós-congelamento, presumiu Lzi, o estranho calendário ocidental — e apresentou uma conclusão que, esperava ela, garantia uma confortável proteção de mil anos.

— Isso pode significar que ele está esperando a ocasião propícia — disse ele.

— Ouvi dizer que os vulcões são muito regulares. — O Homem Morto ajeitou o véu para que encobrisse o rosto de modo mais uniforme. De acordo com os livros, esses soldados só revelavam seus rostos quando estavam prestes a matar. — Você não gostaria de saber se sua couraça mágica, impenetrável, resiste a lava, irmão?

— Ah! — exclamou o Cavalheiro. — Acho que vou deixar passar essa oportunidade de ser derretido.

— De todo o modo — interrompeu Lzi, fingindo ser indiferente à expressão maliciosa que surgira nos cantos dos olhos do Homem Morto —, há bastante água doce na ilha para vocês enxaguarem o sal. Há um riacho bem ali.

Um regato cristalino corria sobre a areia cor de aço. Quando ela andou em

sua direção, as impressões que seus pés descalços deixavam na areia úmida eram como pérolas acompanhadas das conchas.

De repente, o Cavalheiro lhe chamou a atenção para as marcas no lado oposto do riacho, no exato momento em que ela mesma as notou e somente um instante após o Homem Morto invocar seu profeta e sua deusa. Era um sulco, como se um bote tivesse sido arrastado pela praia para ser escondido na folhagem, com pegadas ao lado.

Recentes.

— Não é muito estranho que nós não sejamos os únicos visitantes a chegarem no mesmo dia a uma ilha tão distante, supostamente amaldiçoada, evitada e abandonada? — perguntou o Homem Morto descontraído.

Lzi parou, olhando para o sulco.

— Realmente estranho.

— Supondo que a data de hoje não tenha nenhum significado especial.

Um dia depois de tê-lo conhecido, Lzi já percebera que, quanto mais despreocupadamente curioso o Homem Morto parecia, mais era provável que ele pousasse a mão sobre a trava de sua pistola. Ela conferiu. Sim, lá estava a mão, repousando sobre a ornamentada coronha da arma.

Ela espantou um mosquito insuficientemente desencorajado pela brisa marinha e pelo brilho do sol, que chamejava no profundo azul do céu.

— Bem — disse ela, resignada —, agora que você mencionou… Mas antes de conversarmos sobre o assunto, vou me lavar para tirar o sal.

Lzi e o Cavalheiro se postaram ao lado do barco, cujo flutuador estava oculto por samambaias e trepadeiras. Não tocaram em nada enquanto contavam os assentos e estimavam a quantidade de provisões que poderia haver sob a lona. Quatro assentos, e todos pareciam ter sido ocupados, o que não deixava muito espaço para despojos…

Lzi espantou outro mosquito e inclinou-se para perscrutar. Descobriu que o que estava sob a lona não era comida, mas flutuadores de vidro soprado. Será que os remadores também estavam ali para roubar o tesouro do finado rei da Dinastia da Montanha de Fogo e pretendiam usar os flutuadores para transportar o tesouro? Ou afundar o tesouro e marcar sua localização? Se bem que, neste caso, qualquer um poderia ir buscá-lo e dele se apoderar.

— Bem — disse Lzi —, é possível, e até mesmo provável, que Sua Majestade, o rei do Pálido Império, tenha sido entreouvido enquanto fazia trabalhos para anular a maldição do velho rei sobre esta ilha. E talvez alguém tenha decidido chegar antes de nós para ficar com o tesouro. Se esse intruso for

bem-sucedido, será desastroso para os pobres, pois o rei do Pálido Império pretende usar os recursos obtidos aqui para ajudar os necessitados.

— Há uma coisa que ainda me confunde. Como um tesouro assim foi deixado numa tumba?

— Não é uma tumba — disse Lzi, pelo que parecia ser a quingentésima vez. — É um palácio.

— Uma tumba é obrigatoriamente o lugar em que um corpo é mantido… — disse o Homem Morto, com paciência.

— Olhe pelo lado positivo — interpôs o Cavalheiro. — Estamos notavelmente menos presos aqui.

— Você pretende roubar o barco e abandoná-los nesta ilha amaldiçoada?

O Homem Morto espantou um mosquito também, com menos paciência.

— Bem — disse o Cavalheiro —, eu ainda teria de andar. Isso aí não aguenta meu peso. Mas eu estava pensando que eles poderiam levar uma mensagem até o *Viagem Auspiciosa* para nós, caso sejam corteses. Talvez deixem você ir montada no flutuador.

— Para a alegria dos tubarões — disse o Homem Morto, dando tapas. — Dama doutora Lzi, você é uma filósofa natural. Não pode fazer alguma coisa a respeito desses mosquitos?

— Bem-vindo aos trópicos — disse o Cavalheiro jovialmente. — Conte a ele sobre os parasitas, dama doutora Lzi.

Sob o dossel da mata, Lzi encontrou zódias de folhas longas. Tinham um odor pungente; um punhado daquilo enfiado num bolso ou num cinto era excelente para manter os mosquitos a distância.

— O fato é que manter todo esse ouro guardado em mausoléus é um crime contra a economia — comentou ela momentos depois, enquanto afastava um emaranhado de trepadeiras para abrir caminho para o Homem Morto.

Sua faca ainda estava na bainha. Quem quer que tivesse chegado antes deles e aberto aquela trilha fizera um bom trabalho. Embora as plantas já estivessem crescendo de novo, o caminho ainda seria útil por mais alguns dias.

— Então o rei atual quer roubar o túmulo de seu ancestral para botar um pouco mais de grana no sistema?

Era difícil dizer quando o Cavalheiro estava sendo sarcástico. A menos que ele sempre estivesse sendo sarcástico. Porém, com o facão, ele era excelente e incansável.

— Nem tanto roubar o túmulo… mas pôr o dinheiro de novo em circulação.

Usar o dinheiro para ajudar os pobres. E o rei da Dinastia da Montanha de Fogo não é ancestral do rei do Pálido Império — explicou Lzi. — Nossos reis não são hereditários. Só suas vozes são, e isso por causa da magia. Um rei aposentado só pode falar por meio de parentes do sexo feminino.

— Daria menos trabalho se todos os seus reis viessem da mesma linhagem — sugeriu o Cavalheiro. — Assim, pelo menos, o dinheiro permaneceria na família e o novo rei poderia usá-lo, em vez de tudo ser usado para sustentar uma relíquia. E os reis atuais continuariam a procriar vozes para seus ancestrais.

— Claro — disse Lzi. — Não há absolutamente nenhum problema com as dinastias hereditárias. E todo mundo quer passar a eternidade ouvindo ordens dos ancestrais. Seria uma beleza.

— Bem — disse o Cavalheiro —, vendo as coisas por esse ângulo…

Por cima do véu, o Homem Morto olhou atento para Lzi.

— Você vai ser uma interlocutora para o rei atual quando ele morrer?

— Não se trata bem de morrer — respondeu Lzi. — Os reis bebem certas poções sagradas, preparadas por filósofos naturais, como eu. Também se abstêm da maioria dos alimentos e de muitos prazeres físicos. Quando têm disciplina para manter esse estilo de vida, sua carne endurece e torna-se incorruptível. Os *processos* da vida se interrompem, mas… a vida se mantém. Eles podem permanecer nesse estado por um longo tempo, muito maior que o intervalo de uma vida humana, mas, por fim, a carne endurece a um ponto em que eles não podem mais se mexer ou falar. E então precisam de interlocutoras. Vozes.

— Interlocutoras como você.

— O rei do Pálido Império já atingiu a condição abençoada — disse ela, cônscia de que sua voz soava solene. — Mas ainda não precisa de uma voz. Quando precisar, um novo rei governará, e ele irá se retirar para a posição de honrado antecedente. Enquanto isso, sou sua mera serva e uma cientista. Não pertenço à linhagem dele, embora, em sua bondade, ele tenha me acolhido na família real. E só mulheres da linhagem real podem servir como vozes para os ancestrais.

— Como alguém pode ter certeza de que os reis estão de fato falando por meio de suas vozes, ou de que as vozes não estão pensando por si mesmas? Parece um dos poucos meios pelos quais uma mulher conseguiria ter algum poder por aqui.

Lzi, que já refletira sobre o assunto, optou por responder de forma indireta.

— Há relatos de vozes que não fizeram a vontade de seus reis.

— Deixe-me adivinhar — disse o Cavalheiro. — Todas terminaram tragicamente na fogueira.

— Pilhas de corpos. Como sempre acontece às ambições das mulheres.

— Então esse velho rei morto, que não está morto, não tem descendentes mulheres dispostas a lhe servir como interlocutoras — disse o Homem Morto. — É um rei sem voz. Desculpe o comentário, mas o trabalho que estamos fazendo, enfim, está me parecendo um roubo.

Lzi deu de ombros.

— Política, como sempre é feita. Os que não têm voz nunca têm poder.

— E esse é o futuro que você deseja para si mesma? — perguntou o Cavalheiro.

Lzi abriu a boca para retrucar, mas alguma coisa no olhar do Cavalheiro, que ela não sabia bem o que era, paralisou sua voz. Talvez fosse apenas ter observado o próprio rosto, distendido e estranhamente transtornado, no espelho imaculado do rosto dele. Ela fechou a boca, engoliu em seco e tentou falar de novo, mas o que saiu foi a verdade.

— Não tenho ninguém além do rei.

— O que aconteceu com sua família? — perguntou o Homem Morto, tão sério que ela não pôde se ofender.

Ele estava se intrometendo demais… mas o Homem Morto era estrangeiro e provavelmente não sabia que não devia agir assim.

— Meus pais e meu irmão foram mortos — respondeu Lzi, o que era tanto uma verdade quanto uma informação inútil.

— Sinto muito — disse o Homem Morto. Um som alto e latejante se fez ouvir no céu. Ele esperou que diminuísse e acrescentou como uma pequena cortesia: — Também perdi minha família.

— Você sente falta dela? — indagou Lzi, surpreendendo a si mesma com a própria rudeza.

Ela tinha, na melhor das hipóteses, lembranças confusas de seus parentes: afeto, um garoto que implicava com ela e pegava seus doces, mas também a consolava quando ela caía e se machucava. Duas grandes figuras com mãos calosas. Arroz-doce servido numa tigela de madeira.

— Eu era jovem demais para me lembrar da minha primeira família — disse o Homem Morto sem se perturbar e pulando com agilidade por cima de um galho. — Da segunda família, sim, sinto muita falta.

Lzi olhou para outro lado, pensando em como sair daquela conversa. O Homem Morto falara com uma entonação tão prosaica…

O Cavalheiro afundou até os joelhos num trecho de terra macia. Lzi refletiu que era uma boa coisa que o metal do corpo dele não sentisse cansaço como os

ossos e os músculos, ou ele ficaria extenuado só de caminhar sobre qualquer coisa que não fosse uma superfície pavimentada.

O Homem Morto, bondosamente, aproveitou a oportunidade para mudar de assunto.

— É incrível que você consiga chegar a qualquer lugar.

Depois se agachou num longo tronco baixo, onde suas botas úmidas deixaram pegadas. A umidade das solas não parecia estorvar seus movimentos.

— Pode ser que eu não chegue depressa — replicou o Cavalheiro com a voz tranquila, como se estivesse numa sala, sentado em almofadas —, mas nunca deixei de chegar onde pretendo, e quando passo por algum lugar pouca gente se esquece de mim.

Para disfarçar um tremor, Lzi tirou a sacola do ombro e bebeu água de coco verde. Ao tapar o cantil, deu de ombros. Que outra coisa tinha para fazer na vida? Mais pesquisas emboloradas, ainda que fascinantes? Mais monografias a que ninguém, exceto outros naturalistas, jamais daria importância e muito menos leria? Mais teorias sobre o funcionamento do corpo e investigações sobre os princípios essenciais de certas plantas? Mais dedicação a um ideal porque não tinha ambições próprias para atingir?

O irônico fatalismo, estranhamente, fez com que se sentisse um pouco menos vazia por dentro. Já que não tinha nada pessoal por que viver, ter como propósito servir aos outros era com certeza melhor que aumentar o sofrimento e o caos. A escolha de uma mulher superior, quando está sozinha, não seria servir aos que não estão sós?

O Homem Morto deu de ombros. Pôs-se de pé no galho oscilante, virou-se e correu agilmente sobre a casca cinzenta e borrachuda até chegar a um ponto em que outro galho atravessava o primeiro à altura de sua coxa. Ele pulou com facilidade para esse galho e continuou a correr em direção a algum tronco invisível em meio à folhagem à frente. O som de seus passos se dissipou no barulho da mata antes que ele desaparecesse de vista.

Tinha o tipo físico que desenvolve veias em vez de músculos, o que fazia sua força parecer selvagem e imponderável. Em muitos aspectos, ele era o oposto do Cavalheiro.

Mas Lzi não conseguia se livrar da sensação de que, no que era essencial, ambos eram idênticos. Só que um usava a armadura por fora, e o outro, sob a pele.

Lzi não abandonou o Cavalheiro. Não poderia acompanhar o Homem Morto na corrida pelos galhos, e não lhe parecia boa ideia permitir que seu pequeno grupo

se desfizesse. Ela não sabia ao certo se o Cavalheiro notara a defecção, pois ele continuou o caminho sem fazer nenhum comentário.

Ficou aliviada, porém, quando o Homem Morto pulou de uma copa e correu sobre um galho largo, fazendo esvoaçar as extremidades de seu véu. Depois desceu mais até se postar a cerca de meio metro de altura, mas estava longe o bastante para Lzi não precisar esticar o pescoço para vê-lo.

— Achei a tumba — anunciou ele.

— Palácio — corrigiu ela.

Ele deu de ombros.

— Para mim, parece uma tumba.

Lzi insistiu para que eles parassem e comessem antes de avançarem mais por perigos desconhecidos, o que era fácil nas ricas terras das Ilhas do Estandarte. Eles nem haviam trazido suprimentos. Ela e o Homem Morto examinaram a terra sob o enorme dossel de uma árvore frutífera e encontraram alguns globos escamosos maduros, dos quais comeram a polpa, que tinha uma consistência de pudim. Lzi esperava ouvir reclamações — fruta-pão fresca era considerada um alimento insípido, na melhor das hipóteses —, porém o estrangeiro estendeu um pano de linho limpo, mas já não muito branco, sobre o colo e comeu sem fazer comentários, levantando o véu com uma das mãos e enfiando pedaços da fruta na boca. Talvez não houvesse uma forma de comer fruta-pão madura com elegância, mas nem por isso ele deixou de tentar. Lzi se perguntou como seriam os modos refinados no lugar de onde ele vinha. *Algo do tipo*, imaginou.

O Cavalheiro parecia não ligar para comida.

O Homem Morto terminou de comer e limpou delicadamente os dedos no pano de linho. Estava enrolando o tecido para que a parte suja não maculasse a parte limpa quando o zumbido se fez ouvir de novo.

O Homem Morto olhou ao redor, pondo uma das mãos em concha atrás do ouvido para melhor localizar o som.

— O que é *isso*?

A dama doutora Lzi tinha uma hipótese, mas não gostava muito dela e, de todo o modo, não tinha certeza o bastante para submetê-la a discussões. Ninguém se tornava uma dama doutora fazendo afirmativas das quais não tinha certeza e as quais não poderia respaldar com fatos.

— Insetos? — perguntou.

— Bem, a maldição das larvas ainda não chegou — disse o Cavalheiro, tão descontraído quanto um barítono metálico com dois metros de altura poderia

dizer qualquer coisa.

O Homem Morto sacudiu seu casaco para remover farelos inexistentes.

— Talvez a gente não tenha avançado o suficiente.

Lzi o seguiu pela floresta. Desta vez, ele permaneceu no solo e parou a certa altura para mostrar a ela quatro pares de pegadas num local pantanoso. Eram recentes. Estavam se enchendo de água, mas seus contornos ainda se mantinham bem definidos. Um par era menor que os demais.

O Cavalheiro olhou para o trecho pantanoso e decidiu contorná-lo. Quando se reuniu a eles, Lzi e o Homem Morto estavam parados atrás de uma cortina de folhagens, observando um pátio de conchas trituradas diante de um templo, ou um palácio, ou, ela tinha de admitir, um mausoléu. A estrutura fora construída com pilares, pilares sobre pilares sobre pilares, empilhados em camadas, com basalto negro na parte de baixo, coral branco no meio e coral vermelho no topo, com tonalidades intermediárias intercaladas, de modo que o efeito, em vez de listras ou faixas, era o de uma gradação de uma noite negra até uma alvorada carmesim, só que ao contrário.

Lzi esperava que o palácio estivesse coberto de mato, com os pilares quebrados e esfarelados, mas ainda estava intacto, de certa forma, embora não excepcionalmente bem cuidado. Ela notou os pontos recém-desobstruídos por facões.

— Talvez o rei da Dinastia da Montanha de Fogo ainda esteja consciente — disse ela. — Alguém está cuidando deste lugar.

— Não seria o pessoal da canoa? — perguntou o Cavalheiro.

Ela deu de ombros.

— Provavelmente eles teriam facões.

Sem qualquer aviso, algo irrompeu na clareira voando alto a partir da floresta à esquerda, com tanta força e velocidade que Lzi teve de conter um grito de surpresa. O bicho era tão grande e espinhoso quanto um atum, e igualmente liso, o que favorecia a velocidade. Tinha uma iridescência oleosa. Um borrão de asas em movimento o acompanhava. Por um momento, Lzi viu safiras facetadas, tão grandes quanto seus punhos. Logo percebeu que eram os olhos.

Ela detestou ter acertado.

— Bem — disse o Cavalheiro complacentemente —, então essa é a coisa que está produzindo os zumbidos.

— Ainda é melhor que uma praga de larvas, certo? — comentou o Cavalheiro, após se afastarem cerca de cem metros para analisar suas opções.

Atravessar aquele pátio de conchas parecia muito, muito menos atraente do que antes.

— Vespas gigantes? — O Homem Morto abanou a cabeça de modo enfático. — Acho que não.

— Marimbondos — disse Lzi.

O Homem Morto olhou para ela. O Cavalheiro talvez tenha olhado também: era difícil dizer numa criatura que não precisava de olhos para enxergar e parecia não girar a cabeça, exceto quando se lembrava de fazê-lo.

— São chamados de vespas-dos-mortos — disse Lzi, sentindo-se pedante assim que iniciou a explicação. — Mas, taxonomicamente falando, são marimbondos. Eles formam ninhos. Colônias.

O Homem Morto se inclinou para a frente.

— Então devemos esperar um grande número dessas criaturas?

Lzi acenou que sim.

— Mas provavelmente não estão interessados em humanos, a menos que ameacem os ninhos, certo? Eles não comem frutas ou algo assim?

— Os adultos comem frutas — concordou ela. — Mas…

O peso da atenção deles a fez se interromper, mas depois a compeliu a prosseguir.

— Eles picam animais, inclusive seres humanos, e os levam para o ninho para que as larvas se alimentem. É por isso que são chamados de vespas-dos-mortos, embora em tese não se alimentem dos mortos, pelo menos não de imediato, pois suas presas ficam… bem, paralisadas.

— Ah, aí estão as larvas — disse o Cavalheiro para o Homem Morto.

O Homem Morto respondeu bruscamente:

— Você *sabia* dessas criaturas?

— Eu sabia que existiam — replicou Lzi, defendendo-se. — Mas não sabia que estavam *aqui*. De todo o modo, quando se afastam as operárias estéreis das colmeias, elas se tornam bem dóceis.

Lzi tinha a impressão de que ambos olhavam para ela, embora, no caso do Cavalheiro, fosse difícil dizer.

— E se tornam ótimos bichos de estimação.

— Bichos de estimação — repetiu o Homem Morto. — As pessoas usam essas vespas como… cães de guarda?

— Ah, não. Elas são dóceis demais para isso.

— A pena luminosa de Ysmat — disse o Homem Morto, e fechou os olhos acima do véu.

Eles debateram sobre se deviam esperar o cair da noite, mas Lzi destacou que muitas espécies de insetos eram mais ativas no crepúsculo e quando escurecia, e que os marimbondos, de todo o modo, provavelmente podiam sentir o calor das pessoas. Portanto, movimentar-se à luz do dia lhes daria maior proteção.

— Teoricamente — interpôs o Cavalheiro.

— Teoria é o que nós temos — respondeu Lzi. — Entretanto, acho pouco provável que eles consigam levar *você*, Homem de Metal.

O Cavalheiro repicou como um grande relógio de carrilhão. Esse era o seu riso mecânico.

— Isso, porém, não resolve o problema para vocês dois.

— Lama — disse Lzi, entusiasmada com a ideia. — E mais zódia. As colunas do palácio parecem juntas demais para que as vespas voem por entre elas ou mesmo se arrastem. Então, acho que se passarmos por elas, estaremos a salvo lá dentro. Mas para chegar lá…

— Lama — disse o Homem Morto.

Lzi meneou a cabeça.

— E muita lama.

Pareceu a Lzi que a primeira parte da travessia do pátio até o palácio havia corrido surpreendentemente bem. O cheiro viçoso e inebriante da zódia os cercava em demasia, era quase palpável, chegando a deixá-la zonza. A pele deles estava invisível sob uma crosta da planta esmagada com lama.

O problema era que o composto de lama e folhas, que se mantivera flexível sob a sombra úmida das folhas, havia começado a secar e a embranquecer logo que eles se expuseram ao sol inclemente. Ela achava que tudo correria bem caso se apressassem, mas a lama rachou e começou a esfarelar; além disso, não haviam pensado em emplastrar o Cavalheiro. As vespas-dos-mortos não poderiam ferroá-lo nem levá-lo, mas a luz do sol refletida em sua couraça metálica parecia atrair os insetos gigantes.

Eles caminhavam abrigados sob uma camuflagem improvisada com folhas de palmeiras que ela havia cortado com a faca longa; pedaços da casca enrolados em trapos lhes protegiam as mãos. Um pesado zumbido anunciou a sombra que passou acima: primeiro uma, depois outra e outra, até que as conchas trituradas do chão se cobriram de manchas difusas. As vespas-dos-mortos mergulharam sobre o Cavalheiro, que proferiu na própria língua o que Lzi presumiu ser uma palavra pouco cavalheiresca e cingiu suas roupas esfarrapadas e seu capuz contra o corpo liso.

Lzi se jogou no chão.

— Eu devia ter pensado nisso.

— Eu também — respondeu o Cavalheiro.

Uma vespa de comprimento equivalente à altura dele desceu veloz, bramindo como um elefante furioso, e chocou-se contra seu braço esticado, produzindo um alto clangor. Lzi pensou em puxar a faca, mas depois pensou no quanto seria ridículo usar uma lâmina do tamanho de seu antebraço contra uma coisa daquelas.

De repente, quando uma segunda sombra avultou a seu lado, ela se pôs de pé e olhou para o Homem Morto, que lhe estendeu a mão, educado demais para agarrar seu cotovelo e arrastá-la com ele. Seus olhos estavam cercados de pigmentos brancos. Quando ela começou a caminhar em sua direção, bastante curvada, ele se virou e correu até ela.

Lzi começou a achar que ele realmente não gostava de insetos.

Outro clangor e um baque pesado ecoaram atrás deles. Quando tentou olhar para trás, Lzi tropeçou. O Homem Morto tocou em seu ombro.

— Ele vai ficar bem.

Ela tinha de confiar nele. Lado a lado, eles correram em direção à inteiramente teórica segurança do palácio.

Estavam se saindo bem até tropeçarem no corpo. Jazia pouco além dos pilares, onde a sombra do teto tornava quase impossível enxergar com os olhos ofuscados pelo sol. Em retrospecto, Lzi percebeu que havia sentido o cheiro antes de encontrar seu motivo, mas em meio ao fedor da tumba e da lama pútrida, para não falar do odor pungente da zódia, sua memória não a supriu automaticamente com a informação de que aquele cheiro horroroso pertencia a alguma coisa grande e muito morta.

O corpo era provavelmente de um homem, mas estava inchado devido às ferroadas; a pele estava esticada e lacerada pelos produtos da decomposição. Lzi se espantou ao não ver larvas se retorcendo na carne, pois o cheiro já devia ter atraído todas as moscas-varejeiras da ilha.

Ela não havia caído, mas se chocara contra um pilar da segunda fila, espalhando suas folhas de palmeira. Então se virou, sem ar, procurando o Homem Morto. Só conseguiu emitir um chiado horrorizado, pois seus pulmões não foram capazes de alentar um grito de alerta quando ela viu o cadáver se retorcer e se pôr de pé atrás dele.

Porém, mesmo afetado pelo pânico, seu raciocínio foi o bastante. Com a mão direita, Lzi pegou a faca e tirou-a da bainha, que caiu no chão. Ela se preocuparia com isso depois, caso sobrevivesse. Erguendo a mão esquerda

machucada, ela acenou freneticamente para o Homem Morto e apontou para além do ombro dele.

Ele tinha bons reflexos e deve ter decidido que ela merecia pelo menos um pouco de atenção. Então se esquivou ao mesmo tempo que se virava; o desajeitado golpe de porrete aplicado pelo cadáver passou rente à sua cabeça e chocou-se contra um pilar, espalhando um borrifo fétido.

— Ele não está morto! — berrou o Homem Morto.

— Está morto, sim — disse Lzi. — Misericordiosamente.

Ela podia ver o que o Homem Morto não via. A coluna vertebral do cadáver fora devorada e, sob a pele em decomposição, pulsavam segmentos translúcidos de uma grande larva.

Pelo menos ela desejava que estivesse morto. Desejava com toda a força de suas palavras, embora um sangue grosso, que escorria lentamente de alguns rasgões recentes na carne necrótica, parecesse desmentir seu desejo.

Lzi recuou, mas a curiosidade inata que a conduzira à filosofia natural a fez focar a atenção na larva. A coisa tinha uma cabeça preta e brilhante como obsidiana polida. Lzi podia ver partes dos ferrões da boca enterradas na base do crânio do morto. As partes visíveis de cada ferrão eram tão longas quanto seus dedos. A fraca luminosidade ambiente sugeria que se alongavam por uma distância maior por dentro do crânio. Pernas segmentadas eram visíveis aqui e ali, penetrando profundamente no corpo deteriorado.

A larva se contraiu ao longo do comprimento, numa repulsiva pulsação ondeante. O corpo se retorceu e rodopiou na direção de Lzi em sua dança cambaleante e convulsiva. Os braços fétidos começaram a rodopiar. Com um horror cada vez maior, ela percebeu que os olhos dentro da pele escorregadia estavam límpidos, em vez de toldados e mortos.

É com trovões que os dragões da tempestade fazem a purificação, pensou ela, e pulou para fora do caminho. Depois se virou com a faca na mão, mas o chão de mosaicos sob a camada de detritos vegetais, antes liso, fora levantado por raízes e coberto por blocos de pedra caídos do teto desmantelado. O entulho prendeu seus pés, e algumas pedras caíram sobre eles, provocando uma dor aguda que subiu por suas pernas. Sem saber como, ela manteve o equilíbrio, mas logo o perdeu, também sem saber como. Caiu sobre o traseiro, de frente para o rosto aquoso do monstro pavoroso que a perseguia.

A coisa cambaleava feito um bêbado, arrastando uma das pernas e martelando feroz com a outra no piso, oscilando e hesitando. Ela apontou sua longa faca para cima num gesto de defesa. Por cima da faca viu o Homem Morto erguer a mão direita. Algo iluminou seu véu azul, seguido por um estrondo e

pelo cheiro pungente de pólvora negra. Sacudido pelo impacto, o parasita desabou indelicadamente sobre os pés de Lzi, estrebuchando um pouco.

Lzi gritou entre os dentes, tanto de nojo quanto de dor, e livrou seus tornozelos. Abraçou então as pernas, ofegante, enquanto o Homem Morto recarregava a pistola sem demora. Uma sombra caiu sobre ela, que olhou para cima com a pulsação acelerada.

Era o Cavalheiro, com a armadura de metal coberta de fluidos de duas ou três cores. Ícore, pensou ela, *e provavelmente veneno*. O Cavalheiro estava esfregando as manoplas na roupa, deixando marcas inidentificáveis. Depois se inclinou e pegou a bainha de couro macio que ela deixara cair em meio ao entulho.

— Bem — disse ele, oferecendo a Lzi uma manopla mais limpa —, isso parece ter atraído a atenção das vespas-dos-mortos. Levante-se. Há uma série de voos direcionados para cá, e elas podem conseguir se espremer entre os pilares.

— Ou pode haver mais disso — disse o Homem Morto, sem repor a pistola no coldre. Ele apontou para a coisa no chão, que ainda estremecia um pouco. — Eram quatro pares de pegadas.

Com a ajuda do Cavalheiro e sentindo as contusões, Lzi se levantou e embainhou a faca. Então se inclinou e, com ambas as mãos, içou um considerável bloco de pedra, o que a fez grunhir. Pensava nos límpidos olhos castanhos no rosto aquoso da coisa parasitada.

Levantou a pedra até a altura do colo e jogou-a para baixo. O projétil atingiu o crânio do hospedeiro, fazendo um barulho horrível. As convulsões cessaram.

— Agora podemos ir.

O ruído estrepitante das vespas-dos-mortos tornara-se mais denso, mais múltiplo, até Lzi sentir as vibrações no vazio de seu peito. Ela achou que via as vibrações reverberarem na superfície do Cavalheiro. Se olhasse para trás, perceberia que a luz tinha diminuído não só porque eles estavam adentrando no complexo palaciano, mas também porque os corpos sobrepostos das enormes vespas bloqueavam o brilho do sol. Os insetos tinham um cheiro mofado, como o de folhas secas, mas não tão limpo.

Nenhum deles perguntou como deixariam o palácio agora que nele haviam entrado, mas Lzi pensava no assunto. Talvez pudessem aguardar até que chovesse. Tempestades inundantes nunca estavam longe das Ilhas do Estandarte, onde dragões perambulavam no Mar das Tormentas. Insetos voadores costumavam procurar abrigo durante o mau tempo, de modo a não serem soprados para o mar.

Ela esperava que isso se aplicasse a insetos com dois metros e meio de comprimento.

Havia luz à frente, e eles seguiram em sua direção. Os dentes do Homem Morto batiam por trás do véu, mas sua pistola estava firme. Ele segurava uma cimitarra na outra mão, que parecia firme também. O Cavalheiro se movia com surpreendente delicadeza entre as colunas. Um descuido seu provavelmente poderia derrubar por inteiro o palácio mofado.

Eles chegaram a um espaço aberto, sem telhado, onde o zumbido do enxame era pronunciado, mas distante, subindo e descendo como o ruído mecânico de cigarras. Fontes ornamentadas repletas de lixo e esculturas quebradas testemunhavam que aquele lugar fora um pátio elegante. Uma árvore gigantesca havia rompido o piso ao seu redor e os bancos que provavelmente sombreava, como se a qualquer momento pudesse livrar-se da terra e caminhar, movendo as raízes retorcidas como se fossem armas. À frente, um prédio alto, cercado pelo entulho das varandas desmoronadas. Assim como os pilares, exibia uma gradação do preto ao branco e ao vermelho. Houvera vidros nas janelas, um enorme luxo para a época e o lugar em que fora construído. Algumas vidraças inteiras ainda reluziam.

— Podemos atravessar esse pátio? — perguntou o Cavalheiro, parando ao abrigo da penúltima fileira de pilares.

— Devemos — respondeu o Homem Morto, relanceando um olhar para Lzi.

Ela lembrou-se de que era a empregadora e poderia cancelar a incursão naquele momento.

Mas a vida dela era servir. Além disso, não podiam voltar.

— Devemos — concordou Lzi.

E começou a olhar ao redor, tentando engendrar um plano, ou pelo menos encontrar uma touceira de zódias. De repente, uma porta no alto dos degraus da varanda em ruínas se abriu; uma mulher, usando uma saia branca e sandálias de tiras, com os longos cabelos presos numa trança tão grossa quanto o pulso de Lzi, emergiu da escuridão.

Lzi tocou o cabo da faca longa.

— Bem, não fiquem parados aí — disse a mulher. — É seguro atravessar o espaço aberto agora, contanto que se apressem. Passei um longo tempo estudando as vespas-dos-mortos. Entendo um bocado de parasitas.

Eles abriram caminho em meio ao entulho do pátio arruinado e subiram com cautela os degraus da escada, a qual, embora tenha afundado um pouco sob o peso do Cavalheiro, não rangeu. A escuridão reinante no aposento era menos

absoluta do que Lzi esperava. Fora apenas o contraste com a luz do sol que o fizera parecer escuro como breu por trás da mulher. Na verdade, o interior do palácio era sombreado e fresco.

E estava em condições muito melhores do que o pátio ou as colunas atrás.

Muitos colares e pesados braceletes de ouro se agitaram e reluziram sobre a pele morena da mulher quando ela fechou a porta. Ela estava bronzeada — Lzi podia ver a pele mais clara por trás da cintura de sua saia, mas as joias eram recentes, pois a pele não era mais clara sob os acessórios. Amuletos de madeira estavam costurados em suas vestes, e estes, sim, pareciam antigos, com linhas desfiadas e lama nos contornos das figuras.

— O imperador está esperando por vocês. Sou a dama Ptashne, a voz dele — explicou ela com uma encabulada dignidade, usada tão raramente quanto as joias, enquanto gesticulava para que a acompanhassem.

Os pés e tornozelos da mulher estavam sujos, como se ela tivesse caminhado sobre lama pastosa e calçado as sandálias às pressas, sem ter tempo de limpar os pés. Lzi viu o Homem Morto lançar um olhar agudo para os pés da mulher e percebeu que ele os estava comparando ao tamanho das pegadas junto à canoa. Lzi estava prestes a perguntar como uma voz poderia ter chegado tão recentemente a um reino deserto, mas algumas palavras a interromperam.

Alguém falara… o nome dela.

Ela olhou em volta. Além do Cavalheiro, do Homem Morto e da tal Ptashne, não havia mais ninguém presente. Todos se encontravam num saguão de carcomida grandeza, com paredes pintadas em coral claro, com matizes rosados e brancos. Os móveis estavam recobertos por camadas de poeira. Tapeçarias de brocado, que antes decoravam as paredes, haviam se desintegrado sob o próprio peso e caído de seus suportes. Ninguém poderia estar escondido atrás delas.

Como um ruflar de asas de vespas em sua mente, a voz disse o nome dela de novo:

— Dama doutora Lzi. Você também veio perturbar meu descanso, neta?

O choque a fez pestanejar e, embora o piso ali fosse liso, ela tropeçou de tal forma que o Cavalheiro teve de segurar seu cotovelo. Ela viu a dama Ptashne olhar por sobre o ombro, com ar especulativo, e franzir o cenho. A título de experiência e mantendo uma expressão vazia, Lzi pensou, tentando responder à voz:

— Rei da Dinastia da Montanha de Fogo?

— Você está a serviço do novo rei.

— Como Vossa Majestade está falando comigo? Não sou descendente sua.

— Tem certeza? — Ela podia sentir o divertimento dele. *— A descendência*

pela linhagem da mãe é por vezes esquecida. E quem pode dizer com certeza quem é seu pai? Você tem sangue meu em quantidade suficiente para que o palácio acorde com seus passos.

Lzi refletiu sobre o assunto por alguns momentos. Retardou então as passadas e ocupou o final da fila que seguia a dama Ptashne, onde poderia simplesmente seguir os ombros à frente sem se preocupar com as emoções que seu rosto revelava.

— Quem era o homem com a vespa em seu interior?

— Um companheiro da dama Ptashne. Um deles. Há mais dois. Acho que um era o marido dela.

— O senhor controla as vespas? O senhor fez… aquilo… com ele?

— As vespas são minhas guardiãs, mas não as controlo. Há muito liguei os ancestrais delas a este lugar. Ele e os outros invadiram este local, e as vespas me defenderam.

Ele falava num tom de voz prosaico.

— Se ele era um companheiro da dama Ptashne, como pode ter invadido?

— Ela já era Ptashne — disse o velho rei —, *mas não era ainda dama. Trouxe os homens em sacrifício, e tinha uns pequenos talismãs que lhe davam certos direitos. Você será minha voz, neta?*

Portanto, a dama Ptashne era, tal como a canoa sugeria, um acréscimo recente à casa real. Como conseguira permanecer incólume às vespas-dos-mortos*?*, conjeturou Lzi. E aparentemente a única, em seu grupo de quatro? E por que ela parecia tão calma, a despeito das mortes? "Passei um longo tempo estudando as vespas-dos-mortos. Entendo um bocado de parasitas*"*, ela dissera.

Lzi disse, ou pensou, limpa e nitidamente:

— O senhor tem uma voz.

— Sim, eu tenho — disse o rei morto. *— Uma voz. De certo modo. Não é melhor ter uma escolha a não ter escolha alguma?*

— Mas… o senhor tem uma voz. Já.

— E você também. Você fala com ela em suas próprias palavras? Ou a silencia exceto quando comandada a usá-la por alguém?

Era a mesma pergunta que ele fizera antes, da qual ela se esquivara, mas enunciada de modo mais provocativo agora. O rei morto a estaria alfinetando? Tentando fazê-la morder a isca?

— E se eu não tiver nada a dizer?

O rei morto não respondeu. Lzi especulou se precisaria ter a intenção de falar com ele para que ele a ouvisse, ou se ele a ouvia e ignorava polidamente seu

monólogo interior.

— *Eu sirvo ao rei do Pálido Império* — disse ela. — *Mas ele não é dono da minha voz.*

— *É bom ouvir isso, neta. Ah, você está quase na câmara presencial. Não permita que a dama Ptashne saiba que você pode falar comigo, dama doutora Lzi. Não ainda. Seria… imprudente.*

Bem, *isso* cobriu Lzi com um manto de desconforto.

À frente, a dama Ptashne parou diante de uma porta blindada, que parecia ter recebido manutenção havia pouco tempo. Havia arranhões recentes em torno da fechadura, confeccionada para receber uma chave enorme e antiquada. Ptashne tirou exatamente uma dessas chaves do bolso da saia. Uma fita a ligava à sua roupa: fora costurada com pontos apressados e uma linha que não combinava com o tecido.

Após girar a chave e lutar contra o peso da porta, ela os conduziu a outro espaço, penumbroso, onde os sons ecoavam profundamente.

Pedaços de vidro moveram-se sob os pés de Lzi. Tentando manter o equilíbrio e observando o Cavalheiro caminhar com cautela, ela demorou a perceber que, se o vidro não se quebrava sob seus pés, era porque não era vidro, e sim pedras preciosas. Rubis e safiras juncavam o chão em todas as cores do arco-íris: valiosíssimos riscos de acidente.

Com um sentimento de frustração, Lzi pensou em reinos onde tais riquezas não permaneceriam inúteis, mofando como símbolos do antigo poder de imperadores mortos, mas seriam usados para fomentar o comércio, comprar medicamentos, alimentar os pobres. Por quanto tempo sua ilha sofrera, ao longo dos séculos, por conta de desperdícios assim? Isso… Todo esse tesouro… Quanto linho poderia comprar no continente para a fabricação de velas? Quanto cânhamo para cordas? O Mar das Tormentas protegia as Ilhas do Estandarte de ataques mais significativos que os de ocasionais piratas, mas as Ilhas do Estandarte, embora ricas em alimentos, especiarias e madeiras, eram pobres em outros recursos naturais. O comércio era sua vida. Aquelas pedras preciosas poderiam financiar o comércio.

Quando eles chegaram à área central do salão, luzes se acenderam em dois dos lados. Pareciam provir de tochas, mas para sua surpresa tinham tons de violeta e azul; além disso, não havia tochas sob elas. A luz que emitiam conferia à couraça de bronze do Cavalheiro uma cor espectral e projetava grandes faixas, aquosas e ondulantes, sobre tudo o que havia no recinto.

Mais riquezas cintilavam em cada canto e, diante deles, uns cinquenta passos à frente no enorme salão, havia um trono; seu assento de ouro estava suspenso

entre duas presas de marfim que se cruzavam no topo num esplendor bárbaro.

O trono estava vazio.

O Homem Morto parou. A dama Ptashne, no entanto, parecia ter antecipado a reação. Sem virar a cabeça, disse:

— Sua Majestade está na câmara presencial.

Virando-se para a direita, ela os conduziu até uma pequena porta inserida entre dois pilares numa parede lateral; tinha uma escala muito mais próxima da humana que a porta que ela penara para abrir. Não estava trancada, ao que parecia, pois foi preciso apenas torcer a maçaneta para abri-la.

A sala em que entraram era pequena e confortavelmente mobiliada. Era iluminada pelas mesmas luzes fantasmagóricas do aposento maior, mas não precisava delas. Na extremidade oposta, duas janelas de múltiplos painéis, grandes como portas, emolduravam uma cadeira com braços no estilo Song, de couro gasto e madeira lavrada; estava fragilizada pela idade, mas ainda era forte o bastante para suportar o peso do corpo nela acomodado. O rei era pouco mais que um conjunto de gravetos marrons, embrulhados com tecidos de seda em decomposição e decorados com fieiras de joias. Sobre as túnicas, o corpo envergava uma capa coberta de poeira. Havia lugares em que a pesada camada de pó fora remexida, espanada ou soprada, nos quais Lzi vislumbrou asas de inseto, translúcidas e iridescentes, costuradas em fileiras que lembravam as penas de um pássaro.

O corpo fora mumificado. A pele, de um marrom lustroso, lembrava couro envernizado. Pedaços brancos de ossos despontavam onde os dedos haviam enrugado ou sido roídos por ratos.

Seguindo Ptashne, Lzi e os outros se aproximaram. As passadas cuidadosas do Cavalheiro emitiam um som pesado. O rei morto cheirava a traças, sótãos e coisas esvoaçantes e secas.

— *Eu nunca suportei aquela sala do trono* — disse o rei da Dinastia da Montanha de Fogo. Lzi engoliu em seco e tentou não pensar muito no fato de que estava numa pequena sala fechada com um corpo de mil anos. — *Cheia de correntes de ar. Este é um lugar muito melhor para esperar pela eternidade*.

Lzi fez uma profunda mesura diante do trono. Após trocarem olhares confusos, o Cavalheiro e o Homem Morto fizeram o mesmo.

— O rei da Dinastia da Montanha de Fogo lhes dá as boas-vindas e pede que se levantem.

Lzi não o ouvira dizer tal coisa, mas talvez ele simplesmente não tivesse falado com ela. Virando-se para a dama que era a voz do rei, disse:

— Seu amigo está morto.

Ptashne olhou para ela com a testa franzida, levemente incomodada.

— Meu marido? — Ela deu de ombros.

Como Ptashne poderia saber qual de seus companheiros eles haviam encontrado e matado? O Cavalheiro deu sua risada de carrilhão, e Lzi se lembrou do aviso do rei da Dinastia da Montanha de Fogo a respeito de talismãs.

Ptashne passou a mão nas dobras de sua saia branca.

— Sua Majestade solicita a ajuda de vocês. Ele deseja ser transportado até a praia.

Lzi prendeu a respiração por alguns instantes, reunindo coragem.

— Para que são os flutuadores?

— Flutuadores?

— As boias de pesca. Na sua canoa.

— Ah! — disse Ptashne. — Para levar o rei da Dinastia da Montanha de Fogo de volta para a ilha grande, é claro.

— De volta para a ilha grande?

— É claro. Não acha que ele quer que eu fique aqui para sempre, acha? Com o tesouro dele e minha posição como sua neta… — Ptashne sorriu. — Nós teremos uma vida boa. Claro que, se me ajudarem, partilharei parte da minha riqueza com vocês. Agora, por favor, peça para o seu soldado e o seu… — Ela apontou vagamente para o Cavalheiro. — Peça que levantem o rei e o transportem até a laguna.

— *Não é isso o que eu solicito a você, neta*.

Em um lampejo de compreensão, como se ele lhe tivesse mostrado um mapa, Lzi compreendeu o que o rei morto solicitava. A compreensão veio acompanhada de um tremendo afeto e de uma sensação de pertencimento. De fazer parte de alguma coisa.

Ela se rebelou contra sua solicitação.

— *Eu acabei de encontrar o senhor!*

— *E você também me usaria para obter poder e riqueza?*

Ela sentiu uma vergonha profunda.

— *Eu vim aqui pela riqueza. Mas não é para mim. É para o rei atual*.

— *E ele não vai recompensá-la?*

— *Ele*… — Ela parou. Pensou. — *Ele me deu trabalho. Me deu um lugar*.

— *Bem* — respondeu o velho rei —, *se isso é tudo o que você quer, neta*…

— *Eu quero o senhor* — respondeu ela. — *Acabei de encontrá-lo. Não me faça desistir do senhor tão rápido*.

— *Estou cansado. E você está vendo com o que tenho de lidar em certos*

ramos da família.

Ele não se mexeu, claro. Nem poderia. Não se mexia havia mil anos. Mesmo assim, ela teve a nítida sensação de que ele fez um gesto desdenhoso, com os dedos, na direção da dama Ptashne.

— Peguem ele! — exigiu Ptashne, com a voz esganiçada.

— É isso o que você quer que a gente faça? — perguntou o Homem Morto. — É com você que temos um contrato, dama doutora.

— *O senhor é minha única família*.

Ela se refreou para não dizer isso, pensar isso, em voz alta. O que quer que ela fosse ou não fosse, não sentiria a culpa de deslocar dali um homem que estava sozinho havia seiscentos anos só porque ela própria estava sozinha.

— Bem, na verdade, não — disse Lzi, fechando os olhos. Ela *gostava* daquele ancestral em vida suspensa havia tanto tempo e que conhecera tão recentemente. Sentiu uma grande e dilacerante sensação de perda quando respirou fundo e disse: — Quero que vocês o destruam.

Se esperava uma reação de ultraje, não a obteve. O Homem Morto apenas perguntou:

— Então, na verdade, não há uma maldição?

— Claro que há uma maldição. — Ela riu. — Você acha que essas coisas ainda estariam por aqui se não houvesse uma *maldição*? Mas ele queria ser deixado em paz, não ser protegido. E agora já está sozinho há tempo demais, e o que ele quer é *partir*.

— Como pode saber? — disse Ptashne. — *Você* não pode falar com ele. Eu é que sou a voz dele!

— Foi ela quem nos contratou — disse o Cavalheiro, com a voz fatigada. — Ou melhor, foi o rei dela. Por favor, dama Ptashne, afaste-se daí.

O homem de metal deu um passo à frente. A mulher de saia branca não se afastou, virando-se e jogando-se no chão, de joelhos. Agarrou as pernas mumificadas do antigo rei, que tremeram ao seu toque.

— Deixe-me servir o senhor, ancestral! — gritou Ptashne.

Lzi percebeu que sua garganta se tensionava e a boca se mexia, dando passagem a uma voz de timbre estranho.

— *O único trabalho que solicito é a destruição, criança* — disse ela em voz alta. — *O trabalho que você oferece é para si mesma, não para o reino.*

O choro de Ptashne secou como se sua garganta o tivesse abafado. Ela se ergueu graciosa, com a cultivada elegância de uma dama. Lzi perguntou a si mesma de onde ela teria vindo e o que a trouxera até ali. Em sua mente,

irrompeu a sensação de que provavelmente nunca iria satisfazer sua curiosidade.

Ptashne se virou para o Cavalheiro, que avultava ao lado dela. Parecia frágil e pequena. Suas mãos pousaram na cintura de sua saia e seguraram os amuletos ali costurados.

Sua boca se contraiu até nenhuma parte vermelha estar visível. Lzi achou que ouvira seus dentes rangerem. Era a expressão de uma criança rejeitada, quando lembrada de que existem crianças pelas quais os pais se sacrificam.

Lzi sentiu a sensação em seus ossos. Conhecia intimamente essa sensação.

Existem crianças pelas quais os pais se sacrificam. É um fato que algumas levam um longo tempo para assimilar em seu coração, mesmo que o vejam com os próprios olhos.

A experiência é uma professora mais poderosa que a observação. Para Lzi, também, jamais alguém fizera um sacrifício. Uma piedade terrível se apoderou dela.

Ptashne olhou Lzi nos olhos, tão diretamente quanto um amante, e falou com ela como se estivesse falando com o rei da Dinastia da Montanha de Fogo.

— Deixe-me servir ao senhor, avô. O senhor é minha família. Eu preciso do senhor. O senhor é meu ancestral, avô. Eu o venero. Venerei o senhor e todos os meus ancestrais por toda a minha vida. Com minha magia e minhas pesquisas. O senhor me deve esse pequeno favor.

Os lábios de Lzi se moveram ao redor daquela voz que não vinha de seus pulmões, mas de algum outro lugar.

— Estou cansado, neta. Leve metade das minhas joias. Construa uma vida com elas.

— Por que o senhor fala por mim? — perguntou Lzi. *— Por que não por ela?*

— Ela tem proteções contra isso. Eu posso falar com ela, mas não por ela. E essas palavras precisam ser ditas em voz alta.

— Não quero suas joias, avô. — Ptashne se empertigou, plantando as sandálias enlameadas teimosamente no tapete, que tinha mais buracos de traça que tecido. — Quero ser sua voz.

A linha dura de sua boca se suavizou. Ela olhou para o Cavalheiro, que estava parado apenas distante o bastante para não poder alcançá-la, como um homem que tenta não assustar um gatinho encurralado.

— Viajei toda essa distância por causa dele — disse ela para o gigante homem de metal. — Isso não é justo. As mulheres só podem ter poder por intermédio dos homens. Por que ele não quer me *ajudar*?

Era uma voz de criança, que cortou Lzi como uma faca. Sua mão, pousada no cabo do facão, sentiu a aspereza do tecido nele enrolado.

Foi quando Ptashne se endureceu e disse:

— Terei de ajudar a mim mesma.

Ela girou as mãos que seguravam sua saia e soltou um grito esganiçado e oscilante. Um dos amuletos em sua cintura se dilatou, assumindo uma cor verde, como luz passando por folhas novas, que brilhava por entre os dedos dela como o sol se infiltrando entre nuvens. O Cavalheiro deu um passo para trás enquanto ladrilhos ornamentados se esfarelavam sob seus pés. O Homem Morto pegou a pistola.

Ambos demoraram demais.

As janelas que flanqueavam a cadeira do rei morto se estilhaçaram com estardalhaço, provocando uma chuva de vidro e zumbidos. Dois homens infectados cambalearam para dentro da sala, seguidos por meia dúzia de vespas-do-mortos. Os homens desferiam golpes de facão a esmo. As vespas brandiam seus ferrões em forma de adagas, umedecidos por gotas de veneno paralisante.

Lzi, com a mão sobre a faca embainhada, congelou. Emitiu um som que foi mais uma exclamação de surpresa que um gemido de terror. Com o corpo imobilizado, como se já picado pelas vespas, ela observou a própria imagem aumentar de tamanho, refletida num enorme e brilhante tórax preto-esverdeado. A parte do cérebro que grita “corra, corra!” nos sonhos em que nosso corpo parece aprisionado em vidro comunicou a ela, calmamente, que aquele era o último instante de sua vida.

O Homem Morto se postou na frente dela e atirou entre os olhos da vespa-dos-mortos.

Poeira se derramou das pedras acima. A vespa atingida desabou no chão e começou a zumbir, agitando as patas; os espasmos de suas asas faziam tremer as pedras sob os pés de Lzi. O som… O som da arma foi enorme. Encheu-lhe os ouvidos e a cabeça, sem deixar espaço para mais nada. Nenhum outro som, nenhum pensamento, nem mesmo o medo paralisante.

Ela pegou o facão e atacou a coisa ameaçadora mais próxima, cortando com dois golpes incisivos o ferrão da vespa estrebuchante. Quando levantou os olhos, viu o Homem Morto, ainda em frente a ela, aparando as estocadas selvagens de um dos homens parasitados. O Cavalheiro se defendia de duas vespas, cujos ferrões deixavam em sua carapaça mossas cobertas de veneno. Ptashne, com os cabelos escapulindo de sua grossa trança, postara-se novamente diante do corpo que ela gostaria que fosse seu rei. Puxara sua faca longa da bainha escondida atrás das costas, mas a mantinha abaixada e mostrava-se hesitante, como se não

soubesse como lutar com ela.

Entre ela e Lzi havia cinco marimbondos enraivecidos e dois não-ainda-cadáveres pateticamente repulsivos. Portanto, enfrentá-la não era bem uma solução.

Uma vespa, vinda da esquerda, investiu furiosa contra o Homem Morto enquanto este fazia o parasitado companheiro de Ptashne recuar passo a passo. Suas asas e seus flancos bateram no teto quando ela fez a curva e preparou os ferrões.

Lzi deu um passo para a frente e baixou o facão com toda a força, como que tentando cortar, de um só golpe, uma hera venenosa. A lâmina penetrou no abdome pesado e quitinoso da criatura e fincou-se ali, emitindo um som como o de um machado cortando madeira. Lascas da carapaça se espalharam para todos os lados, junto com esguichos do interior do inseto.

Com um zumbido colérico e entrechocando as mandíbulas, a vespa de olhos de safira tentou se virar contra ela. Suas patas a roçaram no rosto e nos cabelos. Lzi se esquivou para proteger os olhos e segurou freneticamente o cabo da faca longa, firmando o cotovelo e empurrando o ferrão pulsante e malcheiroso para trás. O Homem Morto se encontrava ocupado demais com seu homem-larva e outra vespa para vir em seu socorro.

Gritando com toda a força, ela girou a lâmina.

A carapaça da vespa se estilhaçou com estrépito e murchou. A coisa emitiu um zumbido horrível e tentou mordê-la. Ela martelou o olho safírico com o botão do punho da faca, pois estava próxima demais para usar a lâmina, e gritou vigorosamente.

Após um som repulsivo, a vespa, que, percebeu Lzi, era tremendamente leve para seu peso, como se fosse quase oca por dentro, investiu contra ela outra vez, mas acabou desabando no chão. Lzi olhou para o rosto incaracterístico do Cavalheiro, manchado de ícore e coisas mais obscuras.

— As vespas estão protegendo as larvas — disse ela, tão certa da verdade por trás de sua intuição quanto de qualquer coisa que tivesse aprendido sentada nos joelhos do pai. — Ptashne não controla os adultos. Somente as larvas nos corpos.

— Destrua o rei. — A cabeça do Cavalheiro não se virou enquanto ele, com a mão esquerda, agarrava a asa de uma vespa que arremetia contra o Homem Morto e batia com ela no teto, usando o próprio impulso e rodopiando de forma inumana, como um torno, a partir da cintura. Depois continuou a falar, sem alterar a entonação, ou talvez fosse a surdez dela que estivesse nivelando todas as nuances. — Se Ptashne não tiver nada por que lutar, ela vai parar.

Pelo bafo do dragão, espero que sim, pensou Lzi, achando porém que

Ptashne poderia ficar desesperada o suficiente para continuar lutando, já que não teria mais por que viver.

— Me leve até lá.

O Cavalheiro não respondeu com palavras. Virou-se sem fazer qualquer pausa e arremeteu para a frente, golpeando a torto e a direito com seus braços enormes. Não tentou impedir os inimigos de atacá-lo e não pareceu se importar se os acertava ou não. Apenas criou um redemoinho de movimentos que cercava Lzi e repelia os inimigos. Andando meio de lado, como um caranguejo, ele avançou em direção ao rei morto e sua voz.

De repente, parou, ainda a mantendo sob o abrigo de seus golpes. Lzi se viu próxima ao lugar em que o rei da Dinastia da Montanha de Fogo repousava entre seus ornatos. Podia sentir seu cheiro, que não era de coisa podre, mas de sal, natrão e acetona.

Ptashne pareceu perceber as intenções deles e os confrontou.

— Não! — berrou.

E teria corrido na direção de Lzi se o Cavalheiro, sem nenhum esforço, não a tivesse segurado firme pela cintura. Ptashne o martelou com o cabo da faca. Seus golpes teriam ecoado como badaladas de sinos se os ouvidos de Lzi ainda não continuassem como que entupidos de algodão. Segurar Ptashne diminuiu a eficiência do Cavalheiro em manter as vespas longe de Lzi, mas o Homem Morto se postou entre ela e os inimigos, num turbilhão de lâminas e tecidos carmesins desbotados.

Era difícil, muito difícil, virar as costas para a refrega, para os ferrões afiados, o torvelinho de lâminas, o clangor de facões sobre cimitarras e os berros da pretendente à voz. Mas ela o fez, deu dois passos no meio do caos, erguendo a faca longa, e parou junto ao rei.

— *Isso não será suficiente, neta. Você precisa de fogo*.

— Fogo — disse ela em voz alta.

Ela não olhou, mas, de alguma forma, um polvorinho e uma pederneira com uma barrinha de ferro apareceram em suas mãos.

Era o polvorinho em formato de chifre do Homem Morto.

Fogo. Pólvora negra queimaria quase qualquer coisa.

Ela derramou pólvora sobre as roupas putrefatas do rei morto, seus cordões de ouro, suas joias, sua coroa torta. O rosto engelhado quase até o crânio, o nariz transformado em buracos. Órbitas oculares vazias, cobertas por pálpebras murchas.

Ela derramou mais do conteúdo do chifre sobre o colo e sobre as mechas

cansadas dos cabelos do rei. Largou então o chifre e ergueu a pederneira sobre o corpo mumificado.

Atrás dela, os sons da batalha cessaram, mas o zumbido continuou. Ao arriscar uma olhada, Lzi viu que o único hospedeiro de parasita que restara havia recuado e se encostara ao lado da porta. As duas vespas adultas que ainda estavam vivas e móveis haviam se posicionado perto dele, uma no teto e outra no chão. Protegiam o caçula do enxame, mas não estavam atacando.

— Por favor… — disse Ptashne, que parara de lutar e se resignara ao abraço do Cavalheiro. Estava suja e machucada. Sua faca longa, que lhe caíra da mão, jazia sobre o piso. — Tudo isso por uma família — comentou, com ar fatigado.

— *Minha família se foi* — disse o rei da Dinastia da Montanha de Fogo através de Lzi. — *E você entregou a sua para as vespas em troca de uma arma, neta*.

O Homem Morto olhou para ele, inclinando a cabeça. Olhou para a múmia, Lzi percebeu, e não para a voz. Aquele mercenário estava habituado a prodígios.

— O senhor tem uma família nesta sala — observou.

— *Eu teria lhe dado minha vida*.

— *Guarde-a para si mesma* — aconselhou o rei. — *Acabe com isso*.

Lzi produziu uma fagulha. Porém, cautelosa, mantivera a mão afastada demais, e a fagulha morreu. Ptashne gritou.

Ela tentou de novo. Desta vez, a centelha se encorpou e atingiu a pólvora, produzindo uma chuva de faíscas e uma estranha fumaça seca. Lzi se afastou às pressas. Tão logo pegou fogo, o rei da Dinastia da Montanha de Fogo queimou feito uma tocha. E não disse mais nada dentro na cabeça de Lzi. Nem mesmo sussurrou um “obrigado”.

Bem, era o que ela poderia esperar de um rei.

— Você me arruinou — disse Ptashne languidamente. — Estragou tudo.

Lzi olhou para as vespas, que pareciam não ter a intenção de investir de novo contra as três perigosas criaturas e se mantinham perto da porta, zumbindo ameaçadoras. Lzi e seus mercenários teriam de sair por uma janela.

— Ele lhe deu pedras preciosas — disse ela a Ptashne. — Leve o que puder carregar. Que você encontre alegria nelas.

Sentada sozinha ao lado de uma árvore, Lzi aguardava o nascer do sol e o retorno do *Viagem Auspiciosa*. Ela passou a unha sobre a lâmina de seu facão. Estava cega, compreensivelmente.

Olhou então para as duas silhuetas que se aproximavam.

— Vocês o pegaram?

O Cavalheiro abanou a cabeça, que reluziu suavemente ao luar. Ele sentou-se à esquerda dela, e o Homem Morto, à direita.

— Nós procuramos. As vespas devem ter carregado o último bebê para um lugar em que estaria a salvo de gente como nós.

— Pobre homem — disse Lzi.

Após alguns momentos, o marulho das ondas foi quebrado pela voz do Homem Morto.

— Bem — disse ele —, nós receberemos nosso pagamento em breve e seguiremos viagem. E *você*, dama doutora, para onde vai?

— Não é difícil viver aqui — disse ela, apontando para a floresta atrás deles e para o mar à frente. — Muita gente se contenta com fruta-pão, com os produtos das lagunas, com cocos, mangas e palmitos. Muita gente se contenta em velejar, nadar, encontrar alguém com quem discutir e gerar bebês.

— Mas isso nunca foi suficiente para você.

Lzi ouviu o silêncio de sua própria pausa e a risada irônica que se seguiu.

— Talvez a inquietude corra no sangue. Meus pais zarparam em busca de uma ilha inexplorada e jamais retornaram, vocês sabiam? No Mar das Tormentas, infestado de dragões. Levaram meu irmão com eles. Acharam que eu era nova demais para ir junto. Eles tinham ambições, e isso os matou. Eu tinha ambições… e também estava com medo.

— E aí você estudou as artes da ciência?

— Aprendi a ler — disse ela. — Aprendi a curar. Aprendi a matar por envenenamento e pela lâmina, pois não se pode aprender a criar sem aprender a destruir, e vice-versa, é claro. Construí um lugar para mim mesma a serviço do rei do Pálido Império. Minha vida está sob o comando dele.

O Homem Morto meneou a cabeça, talvez em solidariedade. Depois se apoiou na árvore próxima a ela.

— Mas…

— Mas não era o bastante. Era como se eu estivesse raspando lama do fundo de um poço, com água salobra penetrando por baixo.

— Você não pode doar água de um poço vazio até que o encha de novo. Seja com chuva, baldes ou água do subsolo. Quando se faz alguma coisa exclusivamente para outra pessoa somente por altruísmo ou pela necessidade de ter algum propósito…

— O que mais existe?

— O que você sabe fazer bem? — O Homem Morto pode ter sorrido. De

todo o modo, a parte sombreada do véu que lhe encobria o rosto se alterou. — Você podia tentar querer alguma coisa. Para si mesma. Por interesse próprio. Ou ficar furiosa com alguma coisa injusta a ponto de decidir fazer algo a respeito.

Lzi refletiu. Era uma ideia estranhamente sedutora. Encontrar alguma coisa pela qual valesse a pena lutar e então lutar por ela.

— Mas o quê?

Ele pestanejou sonolento.

— Dama doutora Lzi, se você descobrir, já terá superado as realizações de metade da humanidade. Agora, se me permite… Não vai demorar muito a amanhecer. Vou procurar madeira seca para acender a fogueira de sinalização.

Sentada na praia ao lado do Cavalheiro, ela observou o pôr do sol. O vento do mar esfriou; a areia sob ela permaneceu tépida.

O Cavalheiro falou antes dela.

— Você quer acabar como o homem-larva lá atrás? É isso o que vai conseguir servindo a quem não lhe dá valor. Pergunte a um Cavalheiro como ele sabe disso.

Ela preferiu não o fazer.

— E se você não tiver outra coisa além de servir? — perguntou então, gravemente.

Fez-se silêncio. As estrelas ardiam no céu, vazias e serenas como Lzi gostaria de ser.

— Eu também tive uma família durante algum tempo — disse o Cavalheiro, fazendo-se ouvir acima do marulho das ondas.

— Você? — A perplexidade de Lzi fez sua testa coçar. — Mas você é…

— Os Cavalheiros nascem antes de serem feitos — disse o Cavalheiro. — A feiticeira precisa de alguém que possa destruir, alguém que dará vida à carapaça quando ela a monta.

— Pelas asas do imperador… — disse Lzi, baixinho.

— Eu me ofereci.

Ela o encarou, embora considerasse uma descortesia encarar alguém. A luz das luas projetava ondulações sobre a carapaça dele.

— Bem — disse o Cavalheiro —, você gostaria de alguma coisa como eu por perto se essa coisa não tivesse decidido que queria ser feita e queria servir a você?

— Você estava morrendo?

Lzi cobriu a boca com as mãos. Estava contraindo a rudeza daqueles estrangeiros.

— Não ainda, mas eu precisava viver o bastante para exigir algum tipo de justiça. Para *minha* família.

Lzi não havia escutado o Homem Morto chegar por trás dela. Sua voz lhe deu um susto.

— Eu vivia para servir. Assim como você. De repente, o trabalho foi tirado de mim. — Ele jogou uma pilha de gravetos sobre a areia. — Nesta vida, não se pode confiar em nada.

— O que fez você seguir adiante depois disso?

— Para mim também foi vingança — disse o Homem Morto.

O Cavalheiro chamara de "justiça". Lzi perguntou:

— Vingança para o seu califa?

Ingênuos poderiam confundir seu rosnado amargo com uma risada.

— Para as minhas filhas — disse ele. — E para a minha esposa.

Sem conseguir pensar no que dizer, Lzi não disse nada. Ficou calada por tanto tempo que o Homem Morto se recobrou e prosseguiu:

— Esse desejo me manteve vivo por tempo suficiente para que outros aprendessem a se defender.

O Cavalheiro inclinou a cabeça polida, que luzia suavemente na escuridão tropical.

— A vingança me fez virar um Cavalheiro — admitiu ele. — Desde então, nunca encontrei nada que pudesse me deter. Então, aqui estou.

— É esse o único propósito efetivo? O único modo de criar um espaço no mundo para si mesmo que não seja… servir aos caprichos de alguém? — perguntou Lzi. — Vingança?

— É o pior deles — respondeu o Cavalheiro. — Mas serve como ponto de partida.

— Não tenho ninguém para punir.

Nem mesmo os pais que a haviam abandonado, percebeu ela, pois como se pode punir os mortos? Mas percebeu também que ser boa, humilde e útil de nada adiantaria. Isso jamais os atrairia de volta. Porque eles estavam mortos, e porque eles haviam partido.

— Tudo isso por suas famílias? — disse Lzi, sentindo que a pergunta a fizera contrair os lábios. — Ptashne tinha razão, sabiam? Aquele era o único poder que ela conseguiria obter.

— Sim — disse o Cavalheiro em voz baixa. — Eu sei.

Ele permaneceu em silêncio por alguns momentos.

— Agora uma pergunta mais difícil. O que você gostaria de ser, além de uma

serva? — perguntou o Homem Morto. — O que buscaria?

Lzi deu de ombros.

— Não vou abandonar meu trabalho. Sou útil onde estou.

— Mas o que sua alma almeja, além de se sentir útil?

Havia bastante luz agora para que ela o visse se mover levemente, alternando o peso do corpo entre um pé e outro. O alvorecer estava chegando.

— Acho que a primeira coisa que eu procuraria é o que estou procurando.

Ele tocou o nariz por cima do véu, o que, imaginou ela, significava um sorriso.

— Me escreva uma carta quando encontrar.

— Você não vai ficar?

Ele deu de ombros.

O Cavalheiro moveu seu enorme tronco, como se estivesse ajeitando seus trajes gastos. Lzi teria de checar se a gratidão do imperador pelas safiras em sua sacola se estenderia à doação de uma roupa de seda para o homem de metal.

Ele não virou sua cabeça de metal polido, mas Lzi teve a impressão de que estava olhando para o Homem Morto… com ternura?

— Não aqui — respondeu o Cavalheiro pelo parceiro. — Ele está procurando… outra coisa. — Então fez uma pausa, observando uma linha fina despontar no fundo do céu. — Você poderia vir conosco. Precisamos de uma naturalista.

Ele está procurando um lar, pensou ela. *Será que o destino tem importância? Ou o mérito está na viagem e na companhia que se tem?*

— Vou pensar no assunto — disse ela, olhando a silhueta do *Viagem Auspiciosa* se aproximar, singrando o espelho partido da laguna.

LAVIE TIDHAR

Tive de pensar muito sobre se seria apropriado incluir aqui um dos contos de pistolas e feitiçaria de Lavie Tidhar, apresentando as bizarras e frequentemente superviolentas aventuras de Gorel de Goliris, um "pistoleiro viciado" num mundo repleto de magia negra e criaturas monstruosas. Uma história sem espadas cairia bem numa antologia de espada e feitiçaria? Bem, com ou sem espadas, as histórias de Gorel são fiéis ao espírito das de espada e feitiçaria. Seus antecedentes são claros: há a forte influência das histórias do Pistoleiro, de Stephen King, obviamente, mas fortes são os traços de C.L. Moore, Michael Moorcock, Jack Vance e Robert E. Howard. As histórias de Gorel me lembram, em especial, os primeiros contos de Conan, o Bárbaro, de Robert E. Howard. São quase a pura essência das histórias de espada e feitiçaria: violentas, cheias de ação, vertiginosas como um trem desgovernado, politicamente incorretas, socialmente irreparáveis, provocadoras. Também são muito divertidas e exemplificam, assim como os trabalhos de muitos dos escritores aqui presentes, os caminhos interessantes e por vezes inesperados pelos quais esse subgênero está evoluindo à medida que nos adentramos mais no século XXI.

Portanto, deixem-se levar por Gorel em sua última busca, sombria e tortuosa, mas apertem os cintos: será um percurso acidentado. Outras aventuras de Gorel podem ser encontradas na novela *Gorel and the Pot Bellied God* e na coletânea *Black Gods Kiss*.

Lavie Tidhar foi criado num *kibutz* de Israel, viajou extensivamente pela África e pela Ásia, morou em Londres, na ilha de Vanuatu, no Pacífico sul, e no Laos; após um período em Tel Aviv, está morando na Inglaterra de novo. Em 2003, venceu o prêmio Clarke-Bradbury, concedido pela Agência Espacial Europeia. Como editor, publicou *Michael Marshall Smith: The Annotated Bibliography*, as antologias *A Dick & Jane Primer for Adults*, a série "The Apex Book of World SF", em três volumes, e duas antologias editadas com Rebecca Levene: *Jews vs. Aliens* e *Jews vs. Zombies*. Ele é o autor da coletânea de histórias correlacionadas *HebrewPunk*, e, em coautoria com Nir Yaniv, do romance *The Tel Aviv Dossier*, além das novelas *An Occupation of Angels, Cloud Permutations, Jesus and the Eigthfold Path* e *Martian Sands*. Prolífico autor de contos, suas histórias têm aparecido em *Interzone, Asimov's Science*

Fiction, Clarkseworld, Apex Magazine, Strange Horizons, Postscripts, Fantasy Magazine, Nemonymous, Infinity Plus, Aeon, The Book of Dark Wisdom, Fortean Bureau, Old Venus e outras publicações, e já foram traduzidas em sete línguas. Seus romances incluem *The Bookman* e duas sequências, *Camera Obscura* e *The Great Game*, além de *Osama: A Novel* (vencedor, em 2012, do prêmio World Fantasy na categoria Melhor Romance), *The Violent Century* e *A Man Lies Dreaming*. Seu livro mais recente é *Central Station*, um romance longo e multifacetado de ficção científica.

CACHOEIRA

Lavie Tidhar

1.

Gorel de Goliris cavalgava devagar, meio delirante, sobre a sela de seu graal. Embaixo dele, a criatura marchava preguiçosa. Era um animal de muitas patas, nativo das areias de Meskatel, bem mais ao sul. Sua carapaça dura adquiria uma agradável tonalidade verde sob a luz do sol, pois dependia dos raios solares para sua subsistência, mas naquele momento sua pele exibia um tom cinzento sarapintado de aspecto insalubre, já que nuvens de tempestade vinham se aglutinando continuamente sobre as terras mortas e a criatura estava desprovida de nutrição, assim como o mestre, a seu próprio modo. Para melhor captar a umidade do ar, ela mantinha a cauda levantada tal qual um talo de flor, deixando à mostra, como se fosse uma espora, o ferrão em sua extremidade.

O mestre e o animal eram muito parecidos. Resistentes, obstinados, duráveis e letais. A cabeça de Gorel pendia frouxa sobre o peito. Suas gengivas ardiam, seus olhos estavam cerrados e tudo doía. Suas mãos tremiam descontroladas.

Abstinência.

Ele precisava da droga.

Precisava do Beijo Negro.

O que o levava até as terras mortas era uma mescla de tristeza, desejo e necessidade. Em algum lugar muito atrás dele estava o Rochedo Negro, com seu mestre enigmático, o senhor das trevas que Gorel conhecia apenas como Kettle. O mago de Avian era um ser pequeno e leve, com ossos frágeis como os de um pássaro. Ambos haviam estado juntos quando a grande Falang-Et caiu e o rio Thiamat transbordou após a morte de seu deus…

Kettle usara Gorel, e Gorel não conseguia perdoar seu antigo amante por essa traição.

Sua jornada, a partir daí, o levara a muitos lugares: ao grande cemitério de Kur-a-len, onde os mortos ainda andam; às montanhas Zul-Ware’i, onde mortíferas bombas não detonadas, restos de uma antiga guerra, ainda juncavam as geleiras. O que o impelia, sempre, era sua busca. A busca pela Goliris perdida, o maior e mais poderoso império que o mundo já conhecera. Sua pátria,

da qual fora levado ainda criança e para a qual ele devia retornar para reivindicar seu trono…

Porém, durante seus longos anos de pesquisas no mundo inteiro, ele jamais encontrara traços de sua pátria. Era como — pensava ele às vezes, nos momentos sombrios — se ela tivesse sido inteiramente apagada da memória de todos os seres vivos.

Mas o mundo era grande. Era infinito, afirmavam alguns. E Gorel não descansaria até reencontrá-la.

Goliris…

Tristeza, então, e necessidade. Mas e o desejo?

Acontecera havia muito tempo, nas florestas onde os Urino-Dag, os *ghouls* da mata, assombram o viajante incauto escondidos nas moitas. Onde o cheiro de folhas pútridas e deterioração enche o ar parado, onde um vilarejo antes se erguia e onde Gorel chegara em sua busca… apenas para encontrar as deusas gêmeas Shar e Shalin, que o morderam, rindo, inoculando o Beijo Negro… E embora ele as tenha matado, junto com seus seguidores, a maldição delas estava em seu interior. Ele fora fisgado para sempre.

Pó dos deuses.

Mas não havia deuses nas terras mortas. Mal havia habitações humanas para atraí-los, portanto não haveria transação ilícita de prazer em troca de fé. E Gorel seguia adiante, cegamente, por uma terra rachada pela seca, sob um céu negro, impelido tanto para *longe* quanto para *perto*, cada vez mais fraco, cada vez mais delirante…

E, em seu *delirium tremens*, ele se lembrava.

Ele se lembrava de Goliris.

2.

As grandes torres de Goliris cresciam como uma infecção na terra fértil. Não haviam sido propriamente construídas, e sim *cultivadas*, fincadas ali éons atrás pelo mago-imperador Gon, o fungomante. Em que rincão distante do grande império de Goliris ele comprara os esporos, e a que preço, eram informações havia muito perdidas nas brumas do tempo, mas as torres cresciam — talos altos e graciosos de auréolas bulbosas, lamelas proeminentes e um pequeno exército de magos-jardineiros para cuidar de sua manutenção constante.

Goliris, a cidade-mãe, erguia-se às margens de um grande oceano. Seus navios negros, sem rivais no mundo, partiam de sua costa para todas as partes e retornavam repletos de bens e pilhagens. O ar quente e úmido era refrescado pela

brisa marinha; em suas amplas avenidas e canais caminhavam, voavam e nadavam embaixadores de mil raças, que vinham prestar homenagens.

Gorel se lembrou de estar no topo do palácio segurando a mão de seu pai. O aposento era frio e escuro. Pelas frestas era possível avistar o oceano, que se estendia até o horizonte, onde um sol vermelho-sangue se punha. Sua luz minguante iluminava a grande frota, cujas velas negras eram encimadas pela estrela de sete pontas de Goliris.

“Para onde os navios estão indo, pai?”, perguntou o jovem Gorel.

“Vão conquistar novas terras. Para estender a reputação e o poder de Goliris. Gorel… Um dia, tudo isso será seu. Por incontáveis gerações, nossa linhagem se manteve pura e forte, comandando o império. Seu destino é governar, como era o meu. Você estará pronto?”

O jovem Gorel segurou a mão do pai e contemplou o mar. Pensar em seu futuro, na terrível responsabilidade, tanto o entusiasmava quanto o amedrontava, mas ele não podia desapontar seu pai, não podia revelar sua perturbação interior.

“Sim”, disse ele. “Sim, pai, eu estarei pronto.”

“Bom garoto!”, disse seu pai, e o levantou nos braços. Por um momento breve e maravilhoso, Gorel sentiu-se acalentado, seguro e amado.

Mas a derrocada já estava a caminho. Não muito tempo depois, a terrível noite chegou, embora ele já não conseguisse se lembrar da sequência exata dos eventos, o que viera depois do quê… Ele era apenas um menino, e tudo fora tramado em segredo, nas sombras, pelos magos de Goliris, criados tomados pelo ódio contra seus mestres. Ele se lembrou daquela noite medonha, dos gritos, dos rostos cruéis e sorridentes. O fedor de feitiçaria.

Então ele foi levado. Levado de sua casa, de seu mundo, de tudo o que conhecia e amava. Transportado para longe dali num piscar de olhos, com os gritos ainda ecoando nos ouvidos, o horrível cheiro nas narinas, até que acordou e se viu numa terra estranha, ao lado de uma colina, e estava chorando, pois era só um menino.

Agora, sentado preguiçosamente na sela, acariciava as duas pistolas de seis balas penduradas em suas ilhargas. Ele mesmo as havia projetado, e cada uma exibia a estrela de sete pontas de Goliris.

A terra para onde fora levado, quando criança, era chamada de Baixa Kidron, e o casal que o havia encontrado e adotado era de armeiros. Naquela terra agreste e bravia, o garoto Gorel aprendera a velha arte da confecção de armas de fogo, e fora de lá que partira para recuperar seu trono, embora a jornada estivesse demorando mais que o previsto. E embora tivesse matado muitos seres ao longo do caminho, não estava mais próximo de sua meta…

Acima, as nuvens se acumulavam. Em algum lugar, sem dúvida, o aviano chamado Kettle estava planejando a próxima etapa de sua inexplicável conquista daquela parte do mundo. Magos das trevas sempre haviam existido e sempre estavam predispostos a conquistas, mas Kettle tinha algo diferente, um propósito oculto, como se somente ele pudesse ver algum projeto grandioso e perturbador que ninguém mais conseguia antecipar…

Mas isso já não interessava a Gorel. Na verdade, ele tinha um trabalho a fazer. E apesar de todos os atuais reveses, estava determinado a cumpri-lo.

O trabalho era simples, como esse tipo de trabalho costumava ser. Encontrar um homem e matá-lo. E se Gorel era bom na primeira parte, era muito, *muito* bom na segunda…

3.

O cliente localizara Gorel num lugar abandonado, nos limites das terras mortas. Era, inusitadamente, um apócrito.

Os apócritos eram parasitas benignos, que iniciavam a vida pequenos, fixando-se à parte abdominal inferior de um hospedeiro humano. Gradativamente cresciam até a puberdade, quando começavam a descartar seus humanos atuais e a escolher outros com alguma frequência. Com exceção desse hábito infeliz, os apócritos eram tidos como uma espécie altamente civilizada, possuindo um paladar sofisticado para vinhos e música e uma devoção quase fanática à poesia. O que um deles estaria fazendo tão longe de seu hábitat natural, uma pequena monarquia feudal na fímbria do deserto Yanivian, Gorel não fazia ideia, nem se importava com isso.

— Muito bem — disse o apócrito. — Você é o sujeito pistoleiro?

Gorel estava sentado com uma pequena caneca de *draeken*, aquele raro vinho da longínqua municipalidade ocidental de Kir-Bell, fabricado a partir do sangramento de espíritos que vivem nas árvores locais e da posterior fermentação do sangue. Ele olhou para o apócrito, emitiu um grunhido evasivo e riscou um fósforo para acender seu charuto.

— Depende de quem está perguntando — respondeu.

O apócrito sentou-se à sua frente, sem ser convidado. Estalando os dedos para chamar o garçom, ordenou com brusquidão:

— O mesmo que o cavalheiro está bebendo.

O garçom, um espectro tumular de Kur-a-len, lançou-lhe um olhar atravessado, mas trouxe a bebida sem fazer comentários. O apócrito espalhara intumescências nodais pelo corpo do hospedeiro. Sua própria massa grande e

negra, fundida nas costas do homem, contornava os quadris até a parte da frente.

— Existe um homem — disse o apócrito.

— Geralmente existe — admitiu Gorel.

— Ele roubou algo de mim — disse o apócrito. — A mercadoria já deve ter estragado, mas isso é irrelevante. O que importa é enviar uma mensagem. Entende?

— O que eu ganho nisso? — perguntou Gorel.

O apócrito deu de ombros. De seu paletó feito sob medida, tirou um pequeno saco preto de dinheiro, atado com barbante, e o empurrou sobre a mesa para Gorel, com ar indiferente, quase desdenhoso.

Gorel o pegou, desamarrou e observou o pó que havia no interior.

Pó dos Deuses.

O Beijo Negro.

Ele pegou uma pitada e a cafungou.

O pó o atingiu como um tapa no rosto, e ele se recostou na cadeira.

O apócrito mercador de pó o observava com o mesmo suave desdém.

— Vai aceitar o trabalho?

— Sim — respondeu Gorel.

4.

O homem que ele estava procurando era difícil de encontrar. O pagamento de Gorel se escoara por seu nariz havia muito tempo, e agora, longe de todos os deuses, a abstinência o atingia com força.

Mas ele era acima de tudo um profissional. Seguiu então a trilha, pois mesmo nas terras mortas havia bolsões habitacionais. Lugares abandonados, ruínas, estranhos povoados onde os desamparados e os quase mortos buscavam abrigo e isolamento. O homem que estava procurando usava muitos nomes, mas só tinha quatro dedos…

Ele perdera sua pista várias vezes, mas sentia que afinal estava perto. Gorel sempre terminava um trabalho. E agora, delirante, subnutrido e tremendamente mal-humorado, ele e seu graal se aproximavam das ruínas de um velho prédio que antes podia ter sido um templo, embora quem o havia construído no meio das terras mortas, e por qual inexplicável motivo, Gorel não saberia dizer.

Não que se importasse.

Ao se aproximar, escorregou suavemente pela couraça do graal. O bicho se deixou cair no chão, agradecido, dobrando as patas sob o corpo e recolhendo a

cabeça para dentro de sua carapaça escura. Permaneceria imóvel até o próximo nascer do sol, quando poderia absorver energia suficiente para caminhar.

Gorel sacou ambas as pistolas e caminhou depressa em direção ao prédio. Heras escuras brotavam nas fendas entre as velhas pedras. No interior do edifício, ele ouviu murmúrios…

A porta era apenas uma prancha de madeira apodrecida. Gorel a abriu com um chute e adentrou um aposento penumbroso e úmido.

Um vulto que estava deitado num colchão logo sentou-se na cama.

— O que você…? — Então parou.

— Devlin Fo-Fingga — disse Gorel, sorridente, com as mãos em volta do pescoço do homem. Ele tinha a pele viscosa. Gorel sentia sua respiração ir e vir através das palmas das mãos. — *Achei* que seria você mesmo.

— Quem… O quê?

Os pequenos olhos de Devlin, em pânico, perscrutaram o rosto de Gorel. De repente, a revelação, seguida pelo choque.

— *Gorel?* É *você*?

— Ainda vivo — disse Gorel com rispidez.

— Não, não não não não não — disse Devlin, falando rápido, enquanto suas mãos encenavam no ar uma dança de negativas. — Aquilo não foi minha culpa, não não não. Eu nem estava lá quando…

Havia figuras no nevoeiro. Antigos totens esculpidos, com olhos malevolentes. Olhos Enterrados, era como chamavam aquelas pedras. Olhos que viam. O destacamento de Gorel perambulava em meio à névoa, mas sempre que esta se adensava homens desapareciam… Os totens tinham o hábito de surgir de lugar nenhum, assomando na fumaça e encarando as pessoas, chamando-as… Poucos haviam sobrevivido à campanha de Mosina.

— Você fez um trato com eles — disse Gorel categoricamente. — Eles o deixaram viver… por um preço. — Com um sorriso lúgubre, encostou a arma no rosto de Devlin. — Quantos você sacrificou para os anciãos de Mosina?

Devlin Fo-Fingga estremeceu embaixo dele. Saliva saiu de sua boca.

— Não não não não não — disse ele, em tom de súplica ou desculpa, era difícil dizer. — Eu nunca… Eu não…

— Então imagine minha surpresa quando um mercador apócrito me cercou num bar e mencionou que estava procurando um ladrão com quatro dedos na mão. Achei aquilo engraçado. Uma descrição assim tende a ficar na mente das pessoas. Aí pensei comigo mesmo que devia aceitar o trabalho. É bom ter amigos, não é, Devlin? Velhos amigos, dos velhos tempos. Eu perguntei a mim

mesmo se não poderia ser meu velho amigo Devlin Fo-Fingga, ainda vivo depois de tantos anos.

— Gorel, não foi…

— A única coisa que não entendi muito bem — prosseguiu Gorel — foi o que, de fato, você roubou daquele mercador pão-duro. Ele foi surpreendentemente vago nos detalhes. Só estou perguntando porque, se a coisa ainda valer algo… posso não matar você *tão* devagar.

De repente, a ânsia pela droga o assaltou e suas mãos tremeram. Embora ele tenha tentado disfarçar, os olhos pequenos e astutos de Devlin notaram o tremor. Então o homem sorriu.

— Ele nunca lhe disse, não é? — Os dentes podres de Devlin sugaram a pouca luz que havia no aposento. — Então venha, vou lhe mostrar, eu mostro… Pelos velhos tempos, Gorel.

O dedo de Gorel pressionou o gatilho, mas ele não conseguiu atirar. A ânsia o tinha dominado. Por fim, relutando, ele soltou Devlin. O homem se levantou depressa, como um rato.

— Venha — disse. — Venha!

Uma segunda porta, mais espessa, separava a antecâmara da parte principal do templo em ruínas. Devlin tirou do cinto uma chave enferrujada e a destrancou. Quando a abriu, a escuridão à frente era ainda maior.

Gorel hesitou no limiar da entrada.

Mas conseguiu sentir.

A coisa pairava no ar, densa e pungente, sufocando a respiração. Seu simples cheiro, rico e tentador, quase era o bastante.

Quase.

Mas nunca era o bastante.

Ablução. Fé. Chamem do que quiserem.

A maldição imposta a ele pelas deusas Shalin e Shar.

Devlin entrou às pressas na sala escura. Luzes surgiram, uma a uma, velas pequenas sendo acesas ao longo das paredes.

À luz fraca, Gorel pôde ver que não estavam sozinhos.

Era uma sala grande. As mulheres e os homens que jaziam no chão pareciam moribundos. Apenas o movimento suave de seus troncos indicava que ainda respiravam, ainda mantinham um elo tênue com a vida. Ele sentia a magia dos deuses no ar, sentia de maneira aguçada que a fina membrana entre os dois mundos se distendia ali…

Ele a cruzara e jamais conseguiu retornar.

— O que você fez? — perguntou. Mas, mesmo enquanto falava, já conhecia a resposta.

— Venha, venha venha venha! — disse Devlin. Seu sorriso era febril, e seus olhos dançavam alucinados pelo rosto. — Está esperando, está pronta, está perto!

Pegou Gorel pela mão. O pistoleiro o seguiu, incapaz de resistir. Eles atravessaram a sala, pulando as pessoas deitadas. Devlin pôs um dedo em frente à boca num pedido exagerado de silêncio. Aqui e ali, gemidos dos que dormiam. Uma das mulheres se ergueu e olhou para eles.

— Está na hora, Devlin? Já está na hora?

— Não para você, Gammy Steel! — Devlin riu. — Gammy, Gammy, Gammy feia, sua hora ainda não chegou!

— Eu tenho dinheiro — disse a mulher. — Eu… Eu posso arranjar. Posso arranjar mais.

— Então faça isso.

Ignorando a mulher, ele conduziu Gorel por um corredor. Os olhos dela os seguiram. Depois, dando um suspiro, ela se deitou de novo. Gorel podia ouvir seus soluços abafados.

Chegaram ao fim do corredor. Devlin largou a mão de Gorel, ajoelhou-se e acendeu um semicírculo de velas diante de uma parede. Uma a uma, as velas se iluminaram. Aprisionado dentro do semicírculo, havia um deus.

5.

Estava preso à parede com correntes de aço. Tinha seios de mulher e sexo de homem. Estava nu. Seus olhos eram duas órbitas escuras; seus lábios grossos e machucados tinham um brilho úmido. Não havia pelos no corpo; o pau do deus era uma coisa pequena e murcha. Gotículas de suor cintilavam sobre seu corpo, minúsculas como grãos de pó.

Pó.

Gorel se ajoelhou diante do deus. Devlin começou a afagar sua cabeça. Gorel olhou para o deus cativo, e o deus o olhou por órbitas sem fundo…

— Melhor que pó — sussurrou Devlin. — Você quer saber o que *roubei*, Gorel? Eu apenas peguei o que me foi prometido! Você gosta, Gorel? Estou vendo a marca em você. Posso sentir sua necessidade, *velho amigo*, seu desejo! Você *quer*?

— Sim! — disse Gorel. — Sim!

— Então é seu, Gorel de Goliris: o Beijo Negro em pessoa.

Gorel já não tinha consciência da presença de Devlin. O mundo se restringira ao semicírculo de velas. Gorel sentia o *cheiro* do deus, o aroma rançoso, doce e irresistível do pó, e ele sabia que queria aquilo, *precisava* daquilo, como nunca precisara de mais nada. Andando de gatinhas, devagar, ele se aproximou do deus. Se as chamas das velas estavam queimando sua carne, ele não sabia, nem se importava. O deus acorrentado sacudiu as correntes, mas estava bem preso. Vagamente, Gorel teve a impressão de que as pessoas deitadas voltavam à vida, sentia o desejo delas se unindo ao seu. Ele se arrastou até o deus nu e ofereceu-lhe os lábios.

O primeiro barato era sempre o melhor.

Lampejos de luz, lampejos de consciência. Gorel entrava e saía do mundo. Raramente fora tão bom, tão… *direto*. Mesmo a dor de ter perdido sua pátria, de ter sido tirado da orgulhosa Goliris, as traições, a dor, o medo, tudo se fora e só restava a bênção.

Imagens lampejantes desconectadas umas das outras. Estranhas sensações. O gosto doce e amargo da boca do deus… Um gosto de sangue e magia.

Só por um momento ele se deu conta das mãos — seriam de Devlin? — que remexiam em suas roupas, retirando dele o que não era essencial, moedas e armas. Uma risada próxima ao seu ouvido, um bafo quente de podridão. Um murmúrio.

— Só a primeira dose é grátis…

Nada daquilo importava. Seus lábios se grudaram aos do deus.

Nada mais tinha importância. Nada, senão o Beijo Negro, o terrível beijo dos deuses.

6.

Quanto tempo permaneceu deitado, ele mais tarde não saberia dizer. O tempo não tinha importância. Nada tinha importância. A sala escura era o céu, o único tipo de céu que um homem poderia almejar nesse mundo. O colchão sujo onde ele jazia era seu lar, mais grandioso até que a desaparecida Goliris. Ele não precisava de dinheiro, armas, conhecimento ou desejos. Ali, na Sala do Deus Nu, tudo era como devia ser.

O deus nu… O deus acorrentado… De que lugar escuro emergira, de que pântano primordial se arrastara, tendo Fo-Fingga como seu profeta e discípulo? Perguntas sem importância para Gorel, como todas as perguntas. Ele não precisava de nada, não *era* nada.

Portanto, foi de maneira apenas indistinta que teve consciência de alguém se movendo em meio aos corpos daquelas pessoas perdidas, dos gritos, de uma risada, de passos outra vez e da mão de alguém o sacudindo para que acordasse.

— Seu burro idiota — disse uma voz muito distante.

Gorel riu, ou tentou rir. A mão o estapeou, uma, duas vezes.

Ele tentou golpear de volta, mas não conseguia erguer a mão.

— Devlin, se ele estiver morto, você vai ser o próximo — disse a voz.

— Ele está vivo, vivo! — replicou uma voz lamurienta. — Um homem morto não tem utilidade para mim, não tem utilidade para ninguém, além dos deuses atrás do véu.

— Deuses — comentou a outra voz. — Quero distância dos deuses e seus viciados.

— Você não vai… Você não vai machucá-lo, vai? — disse a voz bajuladora, a voz de Fo-Fingga.

— Gorel?

— Não, meu *deus* — disse Devlin. — Fodam-se Gorel e os que andam com ele.

— Olhe a língua, homenzinho. Agora ponha ele sóbrio. Preciso dele.

— Ele não presta para mais nada, a não ser outra pitada de pó.

— Então me traga o pó. E depressa. Minha paciência está se esgotando.

Mãos apanharam Gorel e o levantaram. Ele tentou lutar contra elas, mas o Beijo Negro o cobriu novamente, e ele logo se aquietou.

— Ele vai ter que dormir para passar o efeito. Quanto ao pó…

— Eu pago o preço de mercado.

— Por que não disse logo?

— Cuide dele, ou você vai perder mais um dedo.

* * *

Escuridão, luz. Ele estava sendo carregado. O fedor de magia foi cedendo aos poucos. Água fria o atingiu e o fez gritar. Ele começou a ser friccionado, sem nenhuma suavidade, e foi de novo molhado com água fria.

De repente, alguma coisa macia. Uma toalha.

— Enxugue-se — disse uma voz. — Acha que consegue?

Ele não sabia ao certo.

A voz soava familiar. Ele se enxugou o melhor que pôde. Mãos o arrastaram; havia alguma coisa macia por baixo dele. Uma cama, sem baratas dessa vez.

Ele dormiu.

Quando acordou, o quarto estava banhado em luz. Gorel pestanejou para livrar-se das lágrimas.

— É bom ver você de novo na terra dos vivos — disse a voz.

A voz que ouvira em seus sonhos. Uma voz familiar…

Ele sentou-se e olhou para o homenzinho sentado à cabeceira da cama, que o brindou com um sorriso sardônico. Seu olho esquerdo estava coberto por um tampão de couro. Ele tinha cabelos grisalhos, mas era calvo ao longo de uma velha cicatriz.

— *Mauser?* — perguntou Gorel.

— Você esperava ver Fo-Fingga?

— Eu não esperava ver ninguém. — Ele examinou o homem menor. Suas mãos se transformaram em punhos. — Você me tirou de *lá*?

— Preciso de você sóbrio. — Um olhar de curiosidade. — Quando foi que você…

Gorel abanou a cabeça.

— Um deus itinerante. Muito ao sul daqui… É uma longa história.

Mauser meneou a cabeça.

— É bom ver você de novo, Gorel.

— Digo o mesmo. — Gorel tocou sua cabeça. Estava dolorida. Notou que suas mãos estavam cobertas de picadas. Percevejos-de-cama.

Preguiçosamente ele se coçou.

— Pensei que você estivesse morto.

Seu amigo se limitou a sorrir.

— Soube que você estava por aqui.

— Como?

— Fo-Fingga tentou me vender suas armas.

— Aquele…

Mauser apontou com a cabeça.

— Estão ali. Você está bem o suficiente para usá-las?

As pistolas repousavam sobre a mesa ao lado da cama. A estrela de sete

pontas de Goliris brilhava em seus cabos.

— Eu só… — disse Gorel.

— Sim?

— Eu só preciso de um pouquinho.

Fez-se silêncio. O sorriso de Mauser evaporou. Ele deu uma baforada no charuto, segurou a fumaça por um momento e a soltou. Seu rosto foi aureolado pela fumaça azul.

— Talvez você não possa me ser útil, afinal de contas.

— Foda-se — retrucou Gorel, levantando-se e pegando suas armas.

Mauser não se mexeu. Gorel checou uma das pistolas e depois a outra. Enquanto fumava, Mauser o observava. Quando se deu por satisfeito com as armas, Gorel se vestiu, barbeou-se e espreguiçou-se. Achava que não conseguiria ingerir nenhum alimento… mas tentaria. Ao se virar de novo para Mauser, o homenzinho já terminara seu charuto e estava segurando um pequeno saquinho de papel dobrado, que jogou para ele.

Gorel o apanhou, abriu-o com cuidado e retirou uma pitada de pó, que levou até o nariz. Depois de cheirar o pó, sorriu.

— Qual é o trabalho?

7.

— O trabalho é muito simples — disse Mauser.

Estavam diante do templo em ruínas. Devlin Fo-Fingga estava de quatro na lama, com a pistola de Gorel pressionada dolorosamente contra sua testa.

— Por favor, Gorel… Não passa de um terrível engano!

Gorel pressionou ainda mais o cano da arma contra a pele esverdeada do homem.

— Estou ouvindo — disse ele para Mauser.

— É pegar e sair correndo. Um roubo. *Você* sabe como é.

— Hã-rã. E qual é o alvo?

— Gorel, *por favor*, me deixe ir! O que aconteceu em Mosina não foi culpa minha!

— Cale a boca — disse Gorel. — Mauser?

— Uma imagem, só isso. Escute, você vai acabar com ele ou não?

— Ainda não decidi.

— Ele poderia ser útil — refletiu Mauser.

— Um ladrão que só tem quatro dedos na mão não presta para nada.

— Ele ainda pode segurar uma arma, Gorel. Basta um dedo para apertar um gatilho.

— Ah, então é um trabalho desse tipo.

— Você esperava outra coisa?

Gorel mascou o charuto.

— Uma imagem *religiosa*? — perguntou.

— Você conhece outro tipo?

— E *onde*, exatamente, está essa imagem?

— Num templo, Gorel — disse Mauser. — Não é onde as imagens costumam ficar?

— Entendo, entendo — disse Gorel.

Ele mascou de novo o charuto e depois, despreocupadamente, bateu com a coronha da arma na lateral da cabeça de Devlin. O homem caiu no chão com a mão sobre o rosto, e olhou com ódio para a arma.

— Ora, levante-se — disse Gorel. — Não vou matar você… hoje.

O homem se levantou devagar, limpou o sangue com os dedos e os chupou. Gorel olhou para o lado, com nojo, e Devlin sorriu.

— Não vai?

— Veja só, hoje é seu dia de sorte — zombou Mauser.

— Vocês precisam de mim, é?

Gorel deu de ombros.

— Onde exatamente fica o templo?

— Já ouviu falar da cidade de Cachoeira?

— Não, não — disse Devlin. Abanando a cabeça de um lado para o outro, ele começou a se afastar. — Não não não não não. Eu não vou…

Dessa vez, foi Mauser quem apontou a arma para seu rosto. Gorel olhou para ele, cuspiu o charuto e sorriu.

— Você quer o trabalho? — perguntou. — Ou não?

Sua pistola, apontada resolutamente para o rosto de Devlin, já dava a resposta.

No mesmo dia partiram daquele lugar abandonado. Deixaram o deus moribundo sendo sugado pelos adoradores. Gorel pensou que talvez o deus vicejasse por meio da necessidade de seus adoradores. Talvez ele se fortalecesse, em vez de minguar, convertendo aquele lugar remoto no berço de uma nova religião a surgir nos anos seguintes.

Coisas mais estranhas já haviam acontecido.

Enquanto isso, Devlin reclamava amarga e continuamente da perda de sua propriedade e da renda a ela vinculada.

Eles haviam servido juntos durante a malfadada campanha de Mosina, nas terras de Romango, bem longe dali. Gorel era jovem e deixara recentemente a Baixa Kidron. Fora procurar trabalho junto a um grupo de mercenários, cada qual mais selvagem e indisciplinado que o outro. Formavam um trio de jovens com gosto para matar: Gorel, o meio merlangai Lua de Jericó e Devlin Fo-Fingga…

Porém, por mais durões que se achassem, nada poderia tê-los preparado para os pântanos de Mosina.

Onde espirais de neblina permeavam o ar.

Onde a paisagem mudava o tempo todo.

Onde as pessoas simplesmente… *desapareciam*.

Não era possível combater o que não estava lá. E, separados do corpo principal das tropas, seu destacamento se embrenhou cada vez mais no domínio dos anciões.

O que eram aquelas *coisas* que assombravam os apavorantes pântanos, Gorel nunca soube. Tudo o que conseguia recordar era um círculo de postes totêmicos avultando subitamente em meio à neblina, rostos medonhos entalhados olhando para eles com olhos vivos, cintilantes… As bocas eram talhos cruéis cinzelados na madeira.

Quando se apossavam das pessoas…

Não havia como escapar. O sacrifício lento e terrível das vítimas, cujos gritos cortavam a neblina e o eterno lusco-fusco do lugar, perduravam durante horas.

Era disso que Gorel mais se lembrava. Os gritos infindáveis ecoando nos pântanos.

Somente um homem havia escapado.

Devlin havia escapado.

Só perdera um dedo.

Apenas mais tarde eles se deram conta do terrível acordo que o ladrão fizera com os anciãos. Pagara por sua liberdade com as vidas de seus companheiros.

Um rato, ladrão e traidor. Gorel queria matá-lo, mas Mauser tinha razão. Poderiam precisar dele para o trabalho.

Cavalgaram para longe daquele lugar desolado e atravessaram as terras mortas, rumando para as terras férteis adiante.

Gorel não era bobo. Sabia quando estava sendo enrolado. Mas tinha uma dívida com Mauser, assim como Mauser tinha uma dívida com ele, e o homem o

procurara especificamente… A verdade é que Gorel estava curioso. Ouvira falar daquele lugar para onde estavam indo.

Cachoeira.

8.

Eles a ouviram antes de a avistarem.

A grande cachoeira que dava nome à cidade caía do alto do platô de Tarsh, que faz fronteira com as terras mortas num dos lados e estende-se até as montanhas de Zul-Ware'i. Nessas montanhas, onde as antigas raças gêmeas dos Zul e dos Ware'i haviam perecido em sua guerra de completa aniquilação, as geleiras proporcionavam a água que alimentava o Nirian. Era um rio longo, largo e grandioso que atravessava vastas distâncias, sem qualquer pressa indevida, até alcançar o íngreme paredão rochoso que, de súbito, deixava suas águas despencarem de uma grande altura e se estatelarem no Poço Sagrado. Não era bem um poço, na verdade, mas um lago em miniatura. Do Poço Sagrado, as águas fluíam mansas até uma série de canais bem construídos e um engenhoso sistema de diques, em torno dos quais se formaram as numerosas ilhas, ilhotas e aterros que compunham a grande cidade.

Uma trilha tosca, aberta na encosta da montanha, ziguezagueava em ângulos agudos até o topo do platô de Tarsh, permitindo que qualquer morador da cidade, quando chegasse a sua hora, subisse até o alto da cachoeira. A trilha era longa, tortuosa e íngreme, mas as pessoas a usavam. Seu nome era Trilha da Ascensão.

O céu estava calmo. O ar cheirava a frescor e pureza. Um martim-pescador se destacava contra o céu. A cor da água, vista de perto, era de um azul extraordinário e, em suas margens, os jardins bem-ordenados da cidade estampavam uma vívida gama de verdes. Flores se abriam por toda a parte, numa mescla de vermelho, azul e amarelo, e seus aromas enchiam o ar de perfumes. As casas, construídas com madeira e sustentadas por palafitas, eram bem cuidadas. Crianças corriam, rindo, pelas muitas pontes.

Sob todos os aspectos, era uma paisagem tranquila e idílica, apenas levemente prejudicada, no entender de Gorel, pelos corpos imóveis, serenos e muito bem preservados que boiavam na água.

Mas só veriam isso mais tarde.

Chegaram à cidade pouco depois do alvorecer. A um dia de viagem, haviam parado no esconderijo de Mauser. Lá, Gorel encontrou roupas e uma pilha de armas que impressionou até ele, além de uma pequena carroça alegremente

pintada com a palavra “Mímicos”.

Havia também um jumento.

Gorel olhou para o animal e depois para Mauser.

— Tudo isso estava aqui por acaso?

— Vale a pena estar preparado.

— Mas quem está pagando?

Mauser deu de ombros.

— Isso tem importância para você? Cliente é cliente.

— Esse trabalho não está me cheirando muito bem.

Mauser sorriu e jogou-lhe um embrulho de papel. Gorel o abriu e olhou para o pó…

— Além disso — disse Mauser —, é uma velha cidade, fundada há muito tempo… Quem sabe que conhecimentos misteriosos se escondem aqui? Talvez alguém conheça sua pátria.

Era uma isca. Gorel sabia; Mauser sabia; Fo-Fingga, com certeza, sabia.

O que não significava que essa possibilidade fosse falsa.

Gorel cheirou uma pitada, só uma pitada de pó, apenas o suficiente para acalmar a ânsia.

— Tudo bem. Mas e a carroça? Ninguém vai acreditar que somos algo diferente do que somos. E ninguém deixará de reparar nas armas.

— Já pensei nisso também — disse Mauser.

Gorel olhou para ele com desconfiança enquanto Mauser remexia numa sacola camuflada de cor de casca de árvore e retirava três amuletos. Deu um para Devlin, um para Gorel e ficou com o outro para si mesmo.

Gorel olhou o amuleto. Era leve, feito de um metal quente intricadamente lavrado com círculos e linhas que pareciam lhe dizer alguma coisa. Se ao menos conseguisse entender o significado…

Mas sabia o que aquilo era, claro, pois exalava feitiçaria.

— São para um único uso — explicou Mauser, quase em tom de desculpa. — Mas serão suficientes para chegarmos à conclusão do trabalho. Não os ponham até chegarmos perto da cidade.

— E isso foi fornecido…?

Mauser deu de ombros.

— Ainda não é tarde demais para desistir. Caso não queira fazer o trabalho.

— E o que você faria sem mim?

— Ninguém é insubstituível, Gorel.

Eles se encararam, mas não havia nenhuma dúvida a respeito do resultado.

* * *

Na manhã seguinte, bem cedo, três humildes mímicos, numa carroça pintada vistosamente, atravessaram os arrabaldes da cidade de Cachoeira, rebocados por um jumento pequeno e paciente. Não ofereciam um quadro muito sedutor: três artistas de pele curtida, exauridos pela vida nas estradas. Um deles não tinha um dos dedos. Avançavam em silêncio, ouvindo a cidade muito antes de a alcançarem, o som incessante de um incrível volume de água caindo de uma grande altura até alcançar o laguinho abaixo.

Sempre havia arco-íris sobre Cachoeira. Os constantes borrifos de água no ar quebravam a luz em cores alegres enquanto, à noite, era possível observar as formas prateadas que se formavam quando o luar interagia com a mesma névoa.

Para chegar à cidade, era preciso atravessar o canal mais largo, que funcionava como um eficiente fosso, detendo invasores. Foi lá que Gorel viu os corpos pela primeira vez. Flutuavam pouco abaixo da superfície, olhos abertos e serenos, narizes pressionados contra a superfície, como se estivessem prestes a sair dali a qualquer momento para seguirem com suas vidas. Mas suas peles eram de um branco exangue e quase translúcido. A profundidade da imersão nunca variava, embora alguns corpos às vezes fossem puxados pela correnteza enquanto outros chegavam do…

— Poço Sagrado — cochichou Devlin, e estremeceu.

— Cale a boca, idiota!

A mão de Gorel pousou sobre a coronha de sua arma. Ele esperava que o encantamento fizesse seu trabalho e os ocultasse.

Havia guardas no único portão que bloqueava a passagem para a única ponte que dava acesso à cidade.

— Parem.

Os mímicos obedeceram e se detiveram.

— Propósito da visita?

— Somos apenas humildes artistas tentando exercer nosso humilde ofício…

— Façam uma mímica.

— Como?

— Eu disse para vocês fazerem uma mímica!

Os minutos seguintes foram alguns dos piores da vida de Gorel. O que dizia muito. Ele, Mauser e Devlin se aprumaram e fingiram estar presos dentro de

jarras de vidro e subir e descer degraus invisíveis em completo silêncio. Eram péssimos mímicos. A cada momento, Gorel esperava que o embuste fosse descoberto e que tivesse de iniciar um tiroteio contra os ebongs. Eles eram de uma raça com a qual ele não gostava de se meter, não sem antes colocar as probabilidades a seu favor.

Quando terminaram, no entanto, escutaram um curto sibilo de ar tóxico, o que, para ebongs, equivalia a aplausos entusiasmados.

— Podem passar. Mas aviso-lhes que não há muita procura de mímicos por aqui.

— E os aluguéis são altos — acrescentou o colega.

— Se me perguntassem, vocês estariam melhor nas terras baixas — disse um terceiro. — Aliás, tomem cuidado para não ouvirem o chamado.

Seus colegas viraram para ele as cabeças protegidas por elmos negros, e ele tratou de se esgueirar para longe, tanto quanto era possível um mercenário ebong se esgueirar. Os três mímicos agradeceram humildemente aos guardas, passaram pelo portão aberto e atravessaram a ponte que levava à cidade.

Foi então que Gorel conseguiu ouvir. E constatou que estava ouvindo havia algum tempo, desde que se aproximaram da cidade, embora estivesse mais nítido agora.

Parecia um leve repique de cristal.

Um singelo chamado, nos limites da audição.

9.

Quando os três pretendentes a ladrões entraram na cidade, os talismãs começaram a perder seu poder. Eles encontraram uma estalagem numa ilhota, na confluência de dois dos canais menores. Enquanto verificavam as armas, Mauser esboçou o plano.

Como e quando Gorel e Mauser se conheceram era uma história longa e não muito interessante. Foi durante aquele desafortunado episódio com os padres-demônios de Kraag. Desnecessário dizer que ambos escaparam vivos por muito pouco. Mauser ainda tinha uma cicatriz pequena e nítida como recordação. De onde Mauser vinha, Gorel nunca soube ao certo. Ele era um raro cara-branca, uma raça de bárbaros que vivia nas montanhas altas e nevadas do Beyaz. Gorel confiava nele, tanto quanto se podia dizer que confiava em alguém. Em Devlin não confiava de jeito nenhum, mas a própria inconfiabilidade do homem era uma espécie de garantia em si mesma.

A cidade era… estranha.

Era limpa, próspera e ordeira, um pequeno porto de paz num mundo violento.

Gorel tivera chance examinar os corpos nos canais enquanto eles se dirigiam lentamente à estalagem. Corpos de diversas raças boiavam na água. Humanos, avianos, merlangais, ebongs e muitas outras. Quem poderia dizer de onde vinham ou há quanto tempo estavam ali, submersos, tão bem conservados na água fria que fluía do Poço Sagrado?

Enquanto ele observava, um novo corpo foi introduzido no sistema de canais, trazido pela corrente até que encontrou um lugar e ali permaneceu, semissubmerso. E como sempre, nos limites da audição, ouvia-se aquele leve repique de sino, uma espécie de riso abafado, um convite…

Então, enquanto observava os corpos, viu uma mulher fazendo compras parar, largar as sacolas e imobilizar-se, como que hipnotizada. Sua filha estava ao seu lado, uma menininha. Após sorrir beatificamente, a mulher começou a se afastar, deixando para trás tanto as compras quanto a filha. A garotinha começou a correr atrás da mãe, mas esta não lhe prestou atenção. Um merceeiro e um vendedor de flores com um rosto bondoso seguraram a menina, impedindo que ela prosseguisse e, desajeitados, tentaram consolá-la.

A mãe foi embora.

O plano era simples.

Só havia um deus em Cachoeira.

O Deus da Cachoeira possuía muitos templos pequenos espalhados pela cidade, e também um principal. O Grande Templo ocupava uma ilha inteira correnteza acima. A trilha para o Despenhadeiro passava nas proximidades em sua subida para o platô.

Não era fortemente guardado, pois quem se atreveria a perturbar o templo daquele deus em seus próprios domínios?

— A imagem está dentro do templo — disse Mauser. — É pequena, azul e se parece vagamente com uma figura humana. É feita de Gelo VII. Uns dizem que ela abriga a alma do deus em seu interior. Outros dizem que é apenas uma representação artística. Vamos partir da primeira suposição. O trabalho é entrar e pegar a imagem. O objetivo final é…

— Assassinato — disse Devlin, com um olhar malicioso.

Gorel olhou para os dois homens. Para o sorriso feio de Devlin e a determinação sombria de Mauser.

— *Assassinato?*

— Sem essa, Gorel. Não vai ser o primeiro deus que você matará. Na

verdade, você é quase o único qualificado para o serviço.

— É por isso que estou aqui?

— Você preferiria estar em outro lugar? Estamos impedindo-o de comparecer a um encontro urgente?

Gorel acendeu um charuto e encarou os dois homens. Começou a especular *quem* na verdade seria o misterioso mercador apócrito que o contratara e *como* exatamente Mauser chegara até ele, Gorel.

Mas Mauser tinha razão. Um trabalho era um trabalho; além disso, Gorel tinha seu próprio motivo para estar ali. Portanto apenas meneou a cabeça, de modo suficientemente afável.

— Vou dar uma olhada por aí. Tentem não se meter em encrenca.

— Acho que as encrencas virão no fim — disse Mauser. Devlin sugou ruidosamente seus dentes úmidos e verdes e olhou para Gorel de modo zombeteiro.

Gorel os deixou ali, verificando e limpando as armas.

10.

É claro que ele já ouvira falar do Deus da Cachoeira.

11.

Gorel não era idiota. E a fama de Cachoeira já havia se espalhado por toda parte…

Agora, seguia a Trilha da Ascensão. No começo, era uma estrada pavimentada que cruzava vias públicas e atravessava pequenas pontes. As pessoas o olhavam fixamente, mas nada diziam. Então viu o templo, um complexo grande e imponente construído com belas pedras brancas. Ele o contornou e logo chegou à primeira ladeira, onde a cidade terminava e onde começava a trilha propriamente dita.

Muito íngreme e coberta de pequenos seixos, o caminho fora entalhado na própria rocha. A subida era lenta e difícil, mas havia lugares para descanso ao longo do caminho, pequenas alcovas escavadas na pedra. Gorel não se apressou. Estava gostando da subida e do ar mais fresco ali em cima. Quando se virou para olhar a cidade de Cachoeira, viu as planícies adjacentes e as terras mortas, onde, bem ao longe, avultava o Rochedo Negro.

Ele pensou em Kettle. Não passava um dia sem que pensasse em Kettle.

Enquanto subia, Gorel não viu quase ninguém. Uma das poucas pessoas pelas quais passou, constatou ele com alguma surpresa, era a mulher que tinha visto mais cedo. Estava descansando numa das alcovas e tinha a mesma expressão de vaga felicidade. Ela não pareceu notá-lo, e ele seguiu caminho, desapontado.

O chamado… não.

O Chamado.

Ele podia ouvi-lo com clareza agora. E, conforme a trilha serpenteava rochedo acima, e mais acima, e mais acima, ele ouvia o estrondo da cachoeira e sentia os borrifos no rosto. Seus olhos ficaram deslumbrados com uma irrupção de vários arco-íris. “Venha, venha!”, dizia o Chamado, mas ainda estava fraco. Não se destinava a ele, mas a outra pessoa. Gorel de Goliris percorreu a Trilha da Ascensão até por fim chegar ao platô de Tarsh, onde o rio Nirian corria até chegar à escarpa.

Parado no lugar chamado Despenhadeiro, ele agora via tudo. Ao se aproximar da beirada do rochedo, o rio se movia com longuidez. Uma série de pedras retardava o fluxo da água, que se precipitava por sobre a aresta quase relutante. Quando o fazia transformava-se numa cachoeira ribombante. Muito mais abaixo, ele via a névoa provocada pelo impacto da água no Poço Sagrado.

Permaneceu ali por um bom tempo.

Quando a mulher por fim chegou ao Despenhadeiro, parecia tão beatífica quanto antes. Embora a jornada provavelmente tivesse sido cansativa para ela, seu comportamento não mudara. Por um longo momento, ela permaneceu ali, sorrindo seu sorriso vago e enigmático. Parecia indiferente ou alheia à presença de Gorel. Então deu um passo, e mais outro, até que Gorel se sentiu compelido a dar um grito de alerta, pois ela se dirigia direto para o limite de onde a água caía. Mas a mulher o ignorou, como se ele não estivesse ali, e quando ele tentou detê-la ela o empurrou, não com raiva, mas do modo como alguém afastaria uma coisa levemente irritante.

“Venha… Venha!”

Por um momento, o Chamado foi tão claro que sobrepujou os sentidos de Gorel. Tarde demais, ele viu a mulher se posicionar no limite do rochedo. Deu então mais um passo à frente e, num instante, foi-se.

Gorel engatinhou até o limite e olhou para baixo. Ainda a viu cair. A mulher atravessou o ar sem nenhuma graça até que a cachoeira a reclamou. Engolfada pela água, ela desapareceu.

Gorel de Goliris permaneceu no Despenhadeiro por um longo tempo, tendo pensamentos perturbadores. Mas não ficou à toa. Quando terminou de pensar, desceu pela trilha e retornou à estalagem, onde seus dois companheiros o

aguardavam. Já anoitecera. As estrelas brilhavam frias e indiferentes, e o ar fora tomado pelo fedor do Beijo Negro. Ele constatou que não precisara de nenhuma pitada desde que chegara à cidade. Aquilo estava em toda parte, tão natural e abundante quanto a água.

Percebeu então que todos ali estavam tão escravizados pelo Beijo Negro quanto ele.

Ninguém sabia quando a cidade se formara, quando a primeira pessoa saltara. A cidade crescera, e o deus crescera com ela. A cidade prosperara, e o deus prosperara com ela. Alimentavam-se reciprocamente.

Agora, alguém queria ver o deus morto.

Quando retornou, Mauser e Devlin estavam prontos. Não havia necessidade de palavras. Os três homens estavam armados.

Eles saíram em silêncio; apenas uma garça que voava os viu passar.

12.

Mais tarde, enquanto Gorel corria, Devlin estaria boiando no canal com metade dos miolos estourados, e Mauser, de gatinhas, tentava se afastar dos porta-vozes da água que dele se aproximavam; não havia ninguém para vê-los tampouco. As boas pessoas de Cachoeira sabiam quando deviam fechar as portas e janelas. Assim, toda a cidade permaneceu num silêncio letárgico sob o luar.

O trabalho estava condenado desde o início. O próprio ar da cidade sussurrava que aquilo era loucura.

Não obstante, eles prosseguiram.

Atravessaram a ponte e entraram no complexo do templo, onde sentiram bafejos de incenso e ouviram cânticos de sacerdotes, onde patos e gansos se congregavam nos canais em que jaziam pessoas mortas.

Eles penetraram no coração do templo, à procura do santuário interno…

Uma noviça os surpreendeu quando inocentemente regava lírios, e Mauser atirou nela. O tiro ecoou na ilhota.

Devlin alvejou duas outras noviças que haviam aparecido, pestanejando de sono, para ver o que estava acontecendo…

A imagem azul estava bem onde Mauser dissera que estaria.

Uma representação pequena e amorfa de uma forma humana, que também poderia ser de uma cachoeira.

Os três homens se aproximaram do ídolo…

Foi quando os porta-vozes da água apareceram. Os sacerdotes do Deus da

Cachoeira. Usavam túnicas brancas esvoaçantes e flores aquáticas nos cabelos. Seus olhos eram vagos, e eles se moviam em perfeita sincronia. Suas mãos seguravam espadas de gelo.

Seus lábios se moveram como se fossem um só. Eles disseram:

— Vocês não devem roubar.

— Foda-se — disse Devlin, começando a atirar.

Espadas de gelo se moveram em harmonia, rechaçando os tiros. Devlin gritou de raiva, pegou a escopeta pendurada em suas costas e deu um, dois tiros, até que conseguiu acertar a barriga de um dos porta-vozes. O porta-voz desabou no chão, mas seus lábios ainda se moviam. Junto com seus companheiros, ele disse:

— Vocês não devem *roubar!*

Gorel e Mauser se separaram. De repente, Gorel viu os corpos, emergindo do canal. Primeiro um, depois outro e mais outro. Humanos, um ebong, dois merlangais, uma aviana espargindo água de suas plumas. Cadáveres perfeitamente preservados na água. Agora, de olhos abertos, uma única força os animava. Empunhando afiadas lascas de gelo, eles avançaram contra os três homens.

— Vocês têm *espadas*? — gritou Devlin. — De que servem espadas contra *armas de fogo*?

Gorel atirou. Atirou certeira e metodicamente, sem emoção. Uma espécie de extermínio científico, uma questão de números, não de sangue. As criaturas da água deviam ter vivido algum dia, mas já não viviam mais, e seus corpos eram apenas corpos. Ele não atirava para matar, mas para *destruir*, infligir danos nas cabeças, nos joelhos e nos dedos, atirava para incapacitar, se possível para aniquilar. Ele era bom no que fazia. Tinha de ser, para ter sobrevivido tanto tempo. Talvez não fosse o *melhor*. O mundo estava cheio de histórias de pistoleiros lendários, como Smel Seis-Balas, da Alta Kidron, ou Yi-Sheng, o Imbatível, que matara Og, a serpente do mar, ou Der Fliegenmelker, o mago que colecionava as cabeças de seus inimigos e cujas pilhas de crânios, segundo se dizia, eram mais altas que uma montanha na época em que ele desapareceu — mas essas eram apenas lendas, histórias contadas em torno da fogueira em vozes abafadas. Pertenciam a um passado distante, e Gorel pertencia ao presente. Até onde lhe dizia respeito, ele *era* o melhor e assim permaneceria até que alguém por fim conseguisse matá-lo, se é que alguém conseguiria. Ele não lhes daria chances.

Os três homens retiraram mais armas de fogo das sacolas que haviam trazido. Porém, mais e mais corpos surgiam. Suas espadas de gelo lampejavam à luz da lua. Devlin deu um grito quando uma delas por pouco não lhe decepou o braço.

Gorel foi empurrado cada vez mais para trás, à medida que novos corpos apareciam. Mauser atirou com fria determinação no rosto de um dos corpos, como um jogador de cartas calculando as probabilidades de sua mão.

Saiu muito pouco sangue. Gorel compreendeu que as coisas que emergiam da água haviam permanecido nela por longo tempo. O que corria em suas veias, se alguma coisa corria, era uma espécie de líquido ametista, que se congelava ao sair dos corpos e tentava deslizar de volta para o canal.

— Não podemos segurá-los para sempre! — berrou Mauser.

Enquanto isso, os porta-vozes da água entoavam seus cânticos, movendo os lábios em sincronia, tendo os moradores do canal entre eles e os três atiradores.

— Me deem cobertura! — gritou Gorel, começando a correr.

Corpos explodiam em cada lado dele enquanto Devlin e Mauser atiravam. Gorel escorregou na substância púrpura, e o impulso o fez deslizar para a frente, até que esbarrou num ebong e parou. Investiu então contra os porta-vozes com as duas pistolas na mão. Por um momento, olhou nos olhos deles. Era difícil definir o que viu.

Então puxou os dois gatilhos.

Com a queda dos porta-vozes, o ataque cessou abruptamente. Os corpos preservados não caíram, mas permaneceram de pé, imóveis e sinistros sob a luz da lua. Os três invasores se entreolharam, com os ouvidos ainda zumbindo devido ao tiroteio.

Então, movendo-se como um só homem, avançaram para o prêmio, já esquecidos do inimigo.

Chegando primeiro, Gorel agarrou o ídolo azul um segundo antes de Mauser.

Quando se virou, Devlin apontava as armas para ambos, mostrando seu feio sorriso.

— Já está na hora de acertarmos isso — disse.

Mauser atirou, mas Devlin foi mais rápido e Mauser foi jogado para trás, ferido. O outro disparo não atingiu Gorel, que se movera para trás de Mauser, passando ao largo. O sorriso de Devlin se dissipou quando Gorel atirou nele, com um sorriso estampado no rosto.

Devlin tombou para trás e ficou caído à beira do canal. Seu crânio fora transformado em pedaços, e o cérebro se escoava lentamente para dentro da água.

Por um breve momento, Gorel ficou satisfeito por um trabalho ter sido enfim

concluído.

— Gorel… — disse Mauser, moribundo. O tiro abrira um feio ferimento em sua barriga, e ele tentava manter os intestinos no lugar. — Me ajude…

Gorel ergueu a imagem.

— Como se destrói isso? — perguntou.

— Eu não… sei. Ele disse…

— Quem comprou você, Mauser? Quem o contratou?

— Será que isso… importa…?

— Importa para mim.

— Foi ele! Foi aquele mago do Rochedo Negro! Aquele que destruiu Falang-Et e matou Tharat… Ele disse que você…

Uma fúria fria cresceu dentro de Gorel.

— Kettle? — disse ele. — Foi Kettle que mandou você?

— Gorel, por favor…

Os porta-vozes da água que Gorel alvejara se levantaram do chão e olharam para ele com olhos vazados. Todos os corpos que haviam saído da água se viraram como um só e concentraram sua atenção nos dois homens, um vivo e outro à beira da morte.

Então os porta-vozes falaram.

— *Gorel de Goliris*.

— Me ajude! — pediu Mauser.

Os corpos preservados avançaram um passo, e mais outro.

— Nós *conhecemos* você, Gorel de Goliris. Venha agora. *Venha!*

Gorel correu.

Ele correu sem nenhum destino em mente, mas o destino sempre estivera ali, à sua espera. Ele não foi seguido. Poucos o viram passar. Mesmo assim, seus pés o levaram inexoravelmente para cima. A voz em sua mente foi ficando cada vez mais forte, até soar como uma violenta tempestade:

Venha para mim… Venha!

A voz sabia seu nome. Em sua mão, o ídolo azul permanecia inerte. Os pés de Gorel não o obedeciam. Ele sentiu uma calma descer sobre ele, e seu rosto assumiu uma expressão beatífica. Ele chegou à Trilha da Ascensão e começou a subi-la.

Já se passaram muitos séculos desde que encontrei um homem de Goliris…, disse a voz.

— Você conhece Goliris?

Seus lábios se mexeram, mas não importava se emitiram algum som. Era noite. Ele estava sozinho na trilha. Atrás dele, Devlin estava morto, Mauser estava morrendo. Outro trabalho malfeito numa longa sequência de trabalhos malfeitos. Nada disso importava para Gorel.

Muitos ouviram falar, mas ninguém nunca viu Goliris…, disse a voz em sua mente. *Você ainda a procura?*

— Sempre.

Mas agora você precisa repousar, Gorel. Abandonar o desejo, a necessidade. Eu serei tudo de que você precisa.

— Não! — protestaram os lábios de Gorel. Suas pernas obedeciam às ordens do deus. — Me diga. Me diga como encontrar meu lar.

Mais cedo ou mais tarde, todas as coisas devem chegar ao fim, Gorel de Goliris. Todos os impérios acabam.

— Inclusive o seu?

O deus não achou graça na resposta.

Gorel subiu, subiu e subiu. O esforço físico da subida nada significava, pois agora ele estava de fato subjugado pelo Beijo Negro. Cada fibra de seu ser era uma bênção. Ele estava feliz, tão feliz quanto um homem poderia ser.

Ainda assim, resistia. Ainda assim, lutava contra o insidioso Beijo Negro do deus. Ainda assim, seus pés o conduziam passo a passo, inexoravelmente.

Até que ele se viu, uma vez mais, de pé à beira do Despenhadeiro.

A cachoeira estrondeava. Arco-íris de luar faiscavam na nuvem de borrifos.

Venha para mim, Gorel de Goliris, disse o deus. *Venha!*

Não havia como resistir ao Chamado.

Entretanto, ele remanchava. Achou bom ter se preparado para aquilo. Ocupou-se então com as coisas que, mais cedo, deixara ali no Despenhadeiro, justamente para aquela eventualidade. A voz do deus em sua mente se tornou desconfiada.

O que está fazendo?

Gorel não respondeu. O Chamado do deus se tornou mais forte e insistente, até que se tornou impossível resistir a ele.

Por um momento efêmero, Gorel pensou em todas as incontáveis vidas que haviam chegado até aquele ponto, que haviam polido a rocha com a passagem de seus pés. Em seguida, deu também os poucos e finitos passos até a borda do rochedo e mergulhou para seu fim.

O que você fez?, disse o deus.

14.

O primeiro impacto foi o pior. Ele atingiu a massa de água trovejante e nem sua roupa protetora conseguiu evitar que sentisse o impacto. Então, as cordas atadas ao arnês o *puxaram*, e ele foi impulsionado para cima, depois para baixo de novo, acertando a água outra vez, até que o ricochete terminou e ele enfim pôde controlar a descida.

O que você fez?!, rugiu o deus.

As águas caíam e caíam, tentando puxá-lo para baixo, mais para baixo, para dentro do Poço Sagrado, e pedras se chocavam contra ele, mas Gorel acolheu a dor com agrado e a usou em seu benefício. O Beijo não mais o subjugava. O Chamado do deus não fora concebido para durar além da queda final, e agora não controlava mais Gorel. Aos poucos, ele liberou mais corda, esperando que ela aguentasse, e foi descendo pelo penhasco.

— Me diga — exigiu ele. — Me diga o que você sabe sobre Goliris.

Então se junte a mim. Torne-se uma parte de mim! E você saberá tudo o que eu sei.

— Não.

Por favor, disse o deus. *Por favor*.

Gorel não sabia o quanto já havia descido. O fundo ainda era um borrão bem abaixo. Acima, o penhasco se erguia a uma altura incrível. Por fim, ele encontrou o que procurava. Moveu-se vigorosamente no ar, atravessou a queda-d'água e chegou a uma caverna, que estava oculta atrás da cachoeira. Retirando o arnês, deitou-se no chão seco.

Permaneceu deitado por algum tempo, ofegante.

Você veio para me matar!, acusou a voz, que soava assustadora agora.

— Me diga o que eu quero saber.

Gorel constatou que era uma caverna natural na rocha. Antes, milênios atrás, fora explorada. Esqueletos de humanos e ebongs ainda eram visíveis nos recessos das paredes.

Depois se tornara uma espécie de templo. Um altar se erguia na parede oposta, sustentando uma tosca figura de pedra. Alguma coisa viva se escondia na escuridão por trás, um furão ou um rato-d'água. Das sombras, olhos malignos o observavam. Sem lhes prestar atenção, Gorel segurou a imagem azul.

— Me diga.

Eu só posso lhe mostrar.

A mente de Gorel tremeluziu e rapidamente percorreu inúmeras vidas. Ele viu um mercenário ebong chegar ao penhasco pela primeira vez e, curioso, olhar para baixo; viu um aviano que voava mergulhar na água com um grito de alegria; viu uma expedição dos extintos zuls, que chegou perto demais procurando uma arma perdida e foi vitimada pelo Chamado; viu uma expedição de caça dos aquáticos merlangais nadando no Nirian até que, eles também, sendo tarde demais, tornaram-se parte do deus…

Viu o povoado incipiente abaixo crescer, prosperar, transformar-se num vilarejo e, por fim, numa cidade. Os mortos residiam na água, de olhos abertos para sempre. Ele viu pessoas de todos os cantos atraídas para aquela cidade, onde o Beijo pairava como um encantamento sobre ruas e casas. Pensou que era um pequeno preço a pagar pela felicidade. De tempos em tempos, alguém ouvia o Chamado, subia a trilha e juntava-se a seu deus. Era um pequeno preço a pagar.

Está vendo? Junte-se a mim!, disse o deus.

— Me mostre Goliris.

Então ele viu. Uma pequena figura caminhando penosamente pelas terras mortas, um feiticeiro de Goliris. Gorel o reconheceu: era um dos servos de seu pai, um mago de guerra menor que atuava na armada, apenas mais um rosto nos corredores do palácio, um homem que talvez, em algum momento, tivesse sorrido com polidez para o menino, o futuro rei. Ele chegou à cidade e nela morou por algum tempo; depois ouviu o Chamado e o seguiu.

Como o homem estava com o deus agora, Gorel pôde ver dentro de seu coração. Viu ódio e desprezo entranhados na mente do homem, e viu que o ódio e o desprezo estavam voltados para dentro, para o próprio âmago do traidor. Viu os feiticeiros de Goliris reunidos numa sala escura, viu-os planejar a derrubada da família real. Viu a si mesmo, ainda menino, ser levado enquanto o pai era morto, viu a mãe chorar, mas sem emitir som, e viu o trono vazio, as teias de aranha, os crânios embranquecidos.

— Como posso reencontrar meu lar? — disse ele, exigindo resposta daquele espectro.

Apenas um pequeno eco chegou a ele:

Você nunca irá encontrá-lo…

Uma grande fúria se apoderou de Gorel de Goliris, e, por algum tempo, ele perdeu a noção de onde estava. Aos poucos voltou ao estado de consciência. A voz do deus, fraca, aterrorizada, perguntava sem parar:

O que você fez? O que você fez?

Gorel permaneceu sentado na caverna, de pernas cruzadas, olhando para a cachoeira. Estranhamente, a queda-d'água parecia minguar. Seu fluxo estava diminuindo. Devagar, a cortina de água começou a se romper. A voz do deus gritou:

O que você fez? Está me matando!

Mas Gorel não fizera nada.

A seu lado, a pequena imagem azul derretia lentamente.

A cachoeira estava morrendo.

Com a diminuição da vazão de água, Gorel podia enxergar além da caverna, o ar desimpedido. Por fim, tudo terminou. Ele foi até a beirada da rocha e olhou para baixo. Viu o poço, não mais sagrado, e os corpos que boiavam nele. Olhou para cima. Não caía mais água.

Atrás dele, atrás do altar, a bruta criatura que poderia ser um furão ou um rato-d'água rosnou. Gorel não lhe deu atenção. Permaneceu sentado no chão, de pernas cruzadas, acendeu um charuto e esperou.

15.

A figura pequena e delicada adejou no ar e pousou no interior da caverna. Recostou-se então numa parede, cruzou os braços e, inclinando a cabeça para o lado, olhou para Gorel de Goliris.

— Kettle — disse Gorel.

— Gorel.

— Foi você? Sim, você preparou tudo desde o início. Tudo era muito conveniente. A forma como aquele mercador me encontrou e a forma como Mauser, por acaso, estava no lugar certo, na hora certa.

— Eu teria lhe pedido, mas você teria me rechaçado.

— Você mentiu para mim. Desde o começo, você sempre *mente*.

Um olhar de mágoa lampejou no rosto do aviano.

— Gorel, eu…

— Vai dizer que me *ama?*

— Você sabe como me sinto.

— E mesmo assim você me usa.

— O amor não é sempre assim?

O Senhor do Rochedo Negro olhou para Gorel de Goliris, e Gorel de Goliris olhou para outro lado, de modo que Kettle não visse suas lágrimas.

— Para que serviu tudo isso?

— Eu precisava de uma distração. Alguma coisa para atrair a atenção do Deus da Cachoeira. Alguma coisa bruta, óbvia e eficiente.

— Você me usou como *isca*.

— Sim.

— E enquanto isso você…

— Meus engenheiros fizeram seu trabalho. Represamos o rio Nirian. Meu exército abriu um novo canal para o rio.

— E secou a cachoeira.

— Sim.

— Engenhoso.

Kettle deu de ombros.

— *Por quê?* — perguntou Gorel.

— Por quê?

— Sim.

Kettle olhou para Gorel de Goliris, e seus olhos se encheram de dor.

— Uma guerra se aproxima — disse ele. — E um inimigo contra o qual nem eu tenho defesas. Tenho tentado consolidar territórios e me preparar… Gorel, eu *preciso* de você. Preciso de você a meu lado. Me ajude. Volte comigo.

— Nunca.

— Será que algum dia vou conseguir me desculpar o suficiente? Eu amo você.

Gorel não respondeu.

Após algum tempo, a figura pequena e delicada do mago se afastou voando. Após mais algum tempo, Gorel vestiu o arnês, amarrou as cordas e iniciou a longa e lenta descida junto às rochas até o sopé do penhasco.

16.

O exército do Mago Negro entrou na cidade de Cachoeira ao nascer do sol. Chegou lento, determinado, e não encontrou resistência. Os moradores da cidade olharam para as tropas com letárgica surpresa, como que despertando de um sonho longo e agradável que, inexplicavelmente, havia terminado. Gorel de Goliris só parou uma vez em seu caminho para fora da cidade, mas as pessoas que o detiveram deviam ter recebido ordens superiores, pois o deixaram ir. E ele cavalgou para longe da cidade, prosseguindo sua busca pela desaparecida Goliris.

Bem acima da cidade, no lugar antes conhecido como Despenhadeiro, o

Senhor do Rochedo Negro contemplou sua conquista, mas sua atenção estava voltada para outra direção.

Ao longe, vultos se moviam, incontáveis. Marchavam como sombras, mas não eram sombras. Marchavam em fileiras. Marchavam sobre o mundo.

Ele os viu conquistar cidades, ele os viu queimar templos e destruir deuses, pois deuses e magia nada significavam para aqueles seres sem alma. O que eram, ele não sabia. Moviam-se como autômatos. Possuíam uma feitiçaria de um tipo que ele jamais vira. Alguma coisa ancestral, mortal e novamente desperta.

Eles vinham do deserto. Traziam o cheiro de cardamomos queimados.

E enquanto se moviam, falavam.

Era um rugido, um grito de triunfo e desespero.

Uma única palavra.

Goliris.

CECELIA HOLLAND

Cecelia Holland é uma das mais aclamadas e respeitadas romancistas históricas, equiparada por muitos a outros gigantes do gênero, como Mary Renault e Larry McMurtry. Ao longo de uma carreira de trinta anos, ela escreveu mais de trinta romances históricos, incluindo *The Firedrake*, *Rakóssy*, *Two Ravens*, *Ghost on Steppe*, *The Death of Attila*, *Hammer for Princes*, *The King's Road*, *Pillar of the Sky*, *The Lords of Vaumartin*, *Pacific Street*, *The Sea Beggars*, *The Earl*, *The Kings in Winter*, *The Belt of Gold* e mais de uma dúzia de outros. Ela também escreveu *Floating Worlds*, um conhecido romance de ficção científica, indicado para o prêmio Locus em 1975. Ultimamente tem trabalhado numa série de romances de fantasia, entre eles *The Soul Thief*, *The Witches' Kitchen*, *The Serpent Dreamer*, *Varanger*, *The King's Witch*, *The High City*, *Kings of the North* e *The Secret Eleanor*. Seu romance mais recente é *Dragon Heart*.

No conto a seguir, um náufrago se vê numa situação tão perigosa que arriscar a sorte no mar bravio parece até uma opção melhor, mas também será uma situação que ele terá de enfrentar se quiser ter alguma chance de satisfazer a sede de vingança que arde em seu coração.

A ESPADA TYRASTE

Cecelia Holland

Desde o primeiro impacto, o ferro cantou sob o martelo. Tvalin cantou também, enquanto malhava a lâmina, que tornaria longa, reta e afiada. Compreendendo de antemão que aquela seria uma espada nobre, cortava seu coração saber quem a possuiria. Ele repôs o ferro na fornalha e virou-se para seu sobrinho.

— Aumente o calor.

Tulinn bombeou o fole. Tvalin limpou as mãos no avental. Seus ombros doíam. Ele foi até os fundos da caverna e pegou um jarro de cerveja. Pelo menos Galdor os mantinha bem alimentados. Tvalin estava ensopado de suor, devido ao trabalho, o que lhe proporcionava uma sensação boa, e ele adorava o aroma do ferro aquecido e o som do fole.

Ele chamava a espada de Tyraste, a favorita do deus das batalhas, mas nunca dizia o nome em voz alta, para mantê-la forte. Dizia-o em sua mente, muitas vezes. Ele bebeu mais um grande gole de cerveja, retornou à forja e retirou a lâmina incandescente das brasas. Erguendo o martelo, começou a bater no ferro. Mesmo presa pelas pinças, a voz aguda da lâmina soava autêntica.

Bem mais acima, uma porta rangeu.

— Ele vem — anunciou Tulinn, retirando-se para as sombras.

Tulinn tinha medo de Galdor. Tvalin pousou a espada na bigorna, entre ele e a escada. Enorme em suas peles de urso e com olhos como os de uma cobra, o rei desceu os degraus arrastando os pés. Tinha um anel de pedra vermelha no dedo indicador e uma pesada peça de ouro ao redor do pescoço.

Os dois anões fizeram uma mesura. Tvalin se amaldiçoou por ter permitido que ambos caíssem em poder de Galdor.

— Estamos fazendo o trabalho, rei Galdor — comunicou. — Estamos mantendo nossa parte do trato.

Aprumando-se, gesticulou em direção à espada na bigorna.

Galdor a avistou. Seu rosto ficou rubro; os olhos brilharam.

— Ah, sim. — Ele estendeu a mão na direção do objeto, mas a lâmina sem cabo ainda estava quente, e ele recolheu a mão. Tvalin soltou a respiração entre os dentes. Galdor o encarou, de olhos semicerrados. — Termine a espada, e não

manterei vocês aqui por mais tempo. Foi esse o trato?

Ele olhou de um anão para o outro. Tvalin meneou a cabeça em confirmação. Com passos pesados, Galdor subiu de volta a escada.

Tvalin dirigiu a atenção para a espada, que esfriava na bigorna, e a pôs de novo sobre as brasas. Sentia um aperto no peito. Sabia que Galdor era traiçoeiro, e as últimas palavras do rei soaram como mentiras. Ele virou a espada sobre as brasas, retirou-a novamente e começou a trabalhar na extremidade dianteira.

A cada martelada, pensava: "Tyraste, seja má." "Tyraste, faça o mal." "Tyraste, mate Galdor."

Eles esfriaram a lâmina na água. Depois a amolaram e a fixaram num cabo de madeira, arrematado por um botão feito com sangue-do-mar. Em todo o caso, Galdor trocaria o cabo por algo mais espalhafatoso. Tvalin ergueu a espada: equilíbrio perfeito, lâmina sequiosa e o coração de seu criador aos pulos diante de sua obra. Então, o rei desceu uma vez mais.

Tvalin pousou a espada na bigorna e se afastou. Tulinn se postou junto a ele, desejando ir embora dali. Galdor tirou a capa e apanhou a espada. Após examiná-la de ambos os lados, murmurou algo bem baixinho.

— Uma princesa entre as espadas. Tvalin, você é ainda melhor que sua fama.

Inchando de contentamento, Tvalin relanceou um olhar a Tulinn, para se certificar de que ele ouvira o comentário.

— Agora, vamos testar o fio.

Tvalin percebeu tarde demais o que estava acontecendo. De um só golpe, com um movimento giratório, Galdor decepou sua cabeça e a de seu sobrinho.

— Viram? — disse então o rei, avultando acima deles. — Agora não preciso mais mantê-los. Vou fechar este espaço para que ninguém venha incomodá-los.

Com a espada na mão, ele subiu de volta pelos degraus.

Usando toda a sua força, Vagn movimentava o remo na água. A noite caía, e eles já deviam ter desembarcado, mas estavam no meio de um estreito entre dois litorais desconhecidos enquanto uma tempestade se aproximava. Ao redor, seus irmãos e seus amigos remavam com tanto empenho quanto ele, marcando o ritmo com gritos. Uma corrente se contrapunha ao avanço do *knorr*, fazendo a embarcação e o fazia chacoalhar. Mais atrás, na popa, ele viu a chuva sendo soprada na direção do barco, uma sombra acima da água. Um promontório escarpado assomou adiante. A primeira pancada de chuva atingiu Vagn no rosto. A luz começou a se escoar do céu.

No leme, seu irmão mais velho apontou para algo e gritou. Vagn deu uma

olhada rápida por sobre o ombro e viu uma luz balouçante nas trevas abaixo do promontório, um sinal, uma boia. Seu irmão já os estava direcionando para lá. Vagn usou o peso do corpo para manobrar o remo. O vento os ajudava, empurrava-os para a frente. A chuva martelava seu rosto, e os cabelos molhados caíam em seus olhos. Ao se inclinar sobre o remo, ele bateu em alguma coisa; pouco atrás de seu banco, sentiu o casco tremer. A luz os atraíra para as pedras.

— Aguentem firme! — gritou seu irmão. — Aguentem firme!

Vagn jogou o remo na água e pulou atrás dele, de pé e com as mãos estendidas para se proteger das pedras. Afundou. Quando veio à tona, uma onda o colheu, junto com o remo e um pedaço de madeira. Na lúgubre escuridão, ele não conseguia discernir nada a não ser a agitação e os entrechoques das ondas. De repente, algo enorme surgiu diante dele e seus pés tocaram o fundo. Com dificuldade subiu numa pedra. A ventania o açoitava. Ele tremia e apertava a camisa contra o corpo.

Em meio ao barulho do vento e do mar, uma gritaria chegou a seus ouvidos. A tocha na orla projetava alguma luminosidade nas águas revoltas. Ele se debruçou sobre a pedra e viu, à luz indistinta, mãos vazias tentando se defender de espadas. Ouviu seu irmão mais velho gritar várias vezes: “Não, não!” Depois, nada. Homens começaram a se mover no raso da água. Uma voz se elevou, a certa altura, dando ordens e orientações à procura de partes da carga. Um barrilete boiava atrás de seu rochedo. Eles viriam buscar aquilo. Vagn deslizou pela pedra, submergiu nas ondas revoltas até a cabeça e aguardou ali. Pernas passaram ao lado dele, quase o tocando, levantaram o barrilete e se afastaram.

Ele ergueu a cabeça acima da superfície e ficou à escuta. Ouvia vozes na praia, mas se afastavam. Ele subiu de novo na pedra, encontrou uma fenda onde estaria protegido da chuva, cingiu a camisa em torno do corpo o melhor que pôde e esperou a morte.

Não morreu; a camisa de lã que sua mãe tecera o mantivera aquecido, e, sendo verão, o sol logo ressurgiu. As ondas ferozes da noite anterior tinham ido embora com a tempestade. Vadeando as marolas da arrebentação, ele se dirigiu à praia. Tão logo chegou, gaivotas se levantaram numa nuvem dos corpos de seus irmãos e amigos, de quem os ladrões haviam levado até as roupas.

Após andar de um homem morto para outro, dizendo seus nomes e examinando os ferimentos, ele os agrupou na praia, como haviam estado agrupados no *knorr*. Sentou-se então por alguns momentos ao lado do irmão mais velho, que devia tê-los feito chegar mais cedo à orla e não ter acreditado na luz. Seu corpo estava retalhado e amolgado; fora ele quem lutara com mais bravura entre todos.

Vagn empilhou pedras sobre os corpos, no formato de um barco, e acrescentou pedaços do *knorr* que haviam chegado à praia. Nada restara da carga: peles, peixes salgados, barris de mel e cera. Dando uma volta pela praia, ele pisou em caranguejos e os comeu, desenterrou mariscos e os comeu, reuniu algas e as comeu, e bebeu da água que escorria do penhasco.

Quando terminou, sentou-se na areia, pensando nos irmãos e amigos e no que haviam feito com eles. Somente ele saíra vivo, o que lhe impunha uma dura responsabilidade. Ele se levantou e olhou para o alto do promontório e para a torre que o encimava, avultando por trás de uma muralha. Lavou então o sal da camisa e dormiu um pouco sob o sol enquanto a peça secava. À tarde, contornou a base do promontório e começou a subir.

O rei Galdor, senhor de Vedrborg, andou até seu trono alto e colocou a espada sobre a mesa à frente. Olhando seus homens reunidos no salão, todos de pé, todos olhando em sua direção, ele se deteve por alguns momentos, sentindo o próprio poder. Depois sentou-se, e todos puderam sentar-se. Os escravos trouxeram pão e cerveja, e o banquete começou.

Galdor pensou em seus inimigos. E desejou, como Odin, que não precisasse de carne e não tivesse que perder tempo comendo. Uma grande travessa foi colocada sobre a mesa diante dele. Um ensopado de peixe. Provavelmente tirado do navio que eles haviam tomado na noite anterior. Comida de camponeses. Em vez de comer, pousou as mãos na espada, ainda na bainha, com botão e punho de ouro cinzelado.

Estavam na metade do verão, quando Hjeldric, o Dinamarquês, havia jurado que o desafiaria para tomar o controle do estreito contra sua vontade. Galdor pretendia usar isso a seu favor. Vedrborg se tornara pequena demais para ele. Ele queria mais do que simples pirataria. Suas mãos pressionaram a espada. Um homem com seu poder devia ter um reino, não um promontório e um punhado de homens. Ele não via a hora de brandir a espada e liberar o poder que sentia nela em prol de uma causa grandiosa o bastante para si mesmo.

Uma movimentação no recinto atraiu seu olhar. Alguém de fora que falara com alguém, que falara com outro alguém… As palavras percorreram o salão e chegaram às mesas. Sentado um pouco abaixo de Galdor, seu homem de confiança, Gifr, ouviu-as, meneou a cabeça e se pôs de pé.

— Há um forasteiro pedindo para falar com você.

— Um forasteiro. Um mensageiro?

— Não… Só um viajante.

Galdor levantou a vista. No meio do salão, viu um garoto ainda não de todo

desenvolvido, rústico, sem barba, ombros largos, cabelos pretos anelados e espantosos olhos azuis, vestindo uma camisa imunda.

— Suba aqui e fique diante de mim — disse Galdor. — Quem é você?

O garoto se postou abaixo do trono alto e respondeu:

— Meu nome é Vagn Akason. Atravessei o mar para vir até aqui porque tanto me falaram do seu poder, rei, que eu gostaria de me juntar ao senhor.

Galdor se recostou no assento. Percebera na hora que aquilo tanto era verdadeiro quanto falso. Sentiu um pouco de feitiçaria. O garoto era um perigo e uma oportunidade. O rei pousou as mãos sobre a espada de novo.

— Vagn… Que tipo de nome é esse?

Um nome estrangeiro. Galdor pensou de novo em Hjeldric. Era sempre bom ter mais um combatente, se aquele estivesse apto.

— Bem, você poderia provar seu valor?

Ele olhou ao redor da mesa.

— Thorulf Grimsson, levante.

De imediato, todos começaram a se mexer. Thorulf se pôs de pé, um homem grandalhão, todo cabelos e músculos. Os outros puxaram as mesas para trás, de modo a abrir espaço no meio do recinto. O garoto Vagn permaneceu onde estava, olhando ao redor. Quando Thorulf andou pesadamente em sua direção, puxando a espada, o garoto se virou para Galdor.

— Eu não tenho espada.

Alguns risos se ouviram entre os homens agora agrupados ao longo das paredes.

— Então, o que você me oferecerá? — disse Galdor, e sorriu, pensando que, apesar de toda a conversa fiada, o garoto estava arredando. — Mas há outras maneiras… Tragam bastões. Vamos deixar que eles lutem desse modo. — Ele acenou com a cabeça para o garoto de cabelos negros. — Você ainda terá sua chance, está vendo?

Ele se apoiou no braço do trono alto. Pensou que aquilo podia ser divertido. Thorulf era preguiçoso e arruaceiro. O garoto era forte e provavelmente sabia lutar. Galdor chamou o escravo, que acorreu depressa para encher sua caneca.

Plantado no meio do salão, agora um espaço muito mais amplo, Vagn segurou o bastão com ambas as mãos. Já praticara luta de bastão muitas vezes com os irmãos.

Sabia que os homens que assassinaram seus irmãos estavam à sua volta.

O homem desajeitado e desgrenhado que atravessava pesadamente o salão

segurava o bastão de través. Eles se tocaram algumas vezes, trocando de posição. Thorulf não mudou a postura. Os homens que assistiam à luta começaram a vaiar e a gritar, incitando os lutadores. Thorulf já estava suando. Vagn deu um passo para o lado e atacou pelo alto, cobrindo a defesa transversal, mas Thorulf bloqueou o golpe, e seu contragolpe fez Vagn se estatelar no chão.

Momentaneamente ficou sem fôlego, porém, mesmo atordoado, sabia que devia se manter em movimento. Rolou então para o lado. O golpe que se seguiu martelou o chão de junco no lugar onde ele estivera. Ele se levantou cambaleante. Deixara cair o bastão. Cometera um erro. Teria de ser mais esperto. Thorulf era forte e sabia lutar. O homenzarrão investiu contra ele, dando estocadas na direção da barriga e do rosto. Vagn se esquivava, fugia, pulava, agitava os braços. O bastão passou perto de sua orelha e sobre sua cabeça. Em meio à multidão que ria e caçoava, alguém assoviou. Thorulf estava vermelho, ofegante, com os olhos esbugalhados. Grande como era, já estava cansado. Atacou Vagn com um golpe giratório contra a cabeça, mas Vagn mergulhou no chão, rolou, apanhou seu bastão e levantou-se.

A plateia veio abaixo. Thorulf se arrastava na direção do garoto, sem fôlego, e Vagn dançava ao seu redor, tentando atraí-lo para outra investida. Quando o homenzarrão arremeteu, Vagn deu um passo para o lado, enfiou-lhe o bastão entre as pernas e derrubou-o como um boi.

Um grito retumbante partiu da plateia. Thorulf desabou no chão de juncos. Vagn pulou para perto dele e o golpeou até ele se encolher, com os joelhos contra o peito e cobrindo a cabeça com os braços.

Vagn ergueu o bastão. Sabia que Thorulf estivera na praia na noite anterior. Queria enterrar o bastão no peito dele. Os homens que uivavam e sapateavam ao redor estavam prontos para assistir a uma morte. Mas, então, ouviu Galdor dizer, lá do alto:

— Veja se consegue matá-lo.

Ao ouvir isso, ele recolheu o bastão. Seu sangue esfriou. Todos os homens estavam à sua volta, e ele não conseguiria matá-los todos naquele momento. Ele estendeu a mão na direção de Thorulf para ajudá-lo a se levantar. Os outros homens, desapontados, gritaram e zombaram. Thorulf deu um tapa em sua mão, pôs-se de pé e afastou-se.

Os espectadores já estavam arrastando as mesas para seus lugares enquanto os escravos traziam mais comida. Vagn permaneceu de pé, observando a tudo. Os outros homens o ignoraram. Ele viu como os homens se distribuíam, de cima a baixo, com Galdor ocupando o lugar mais elevado. Quando todos estavam novamente sentados, ele se dirigiu à extremidade de uma das mesas mais baixas

e sentou-se. Trouxeram-lhe pão, e ele o comeu. Trouxeram-lhe cerveja, e ele a bebeu. Ninguém lhe deu muita atenção.

Ele pensou sobre o que teria de fazer ali. Todos aqueles homens haviam derramado o sangue de seus irmãos, mas era Galdor quem estava no comando. Ele olhou para o trono alto, onde o rei afagava a espada. *Espere*, pensou.

Vagn dormiu a curta noite sobre um pouco de palha num canto do salão. De manhã, aguardou que alguém lhe desse trabalho, como aconteceria em sua terra, mas ninguém fazia muita coisa. Homens iam e vinham no salão, enrolando seus cobertores, conversando, sentando-se às mesas para jogar xadrez e bebendo. Galdor não apareceu. Um escravo trouxe pão.

Vagn saiu para ver o que havia no lugar. Como observara no dia anterior, em seu caminho até ali, a torre se erguia no ponto mais alto do promontório. Um espesso muro de pedra resguardava um largo semicírculo ao seu redor, indo de uma beira do penhasco à outra. O portão alto, reforçado e com dobradiças de ferro que dividia o muro estava fechado.

Acompanhando o muro pela parte interna, ele encontrou uma estrebaria pequena e alguns depósitos. No pátio, homens arremessavam machados; não lhe prestaram atenção. Pilhas de lenha haviam sido dispostas junto à torre, e ferramentas estavam espalhadas pelo chão. Numa das extremidades do muro, onde este se curvava para coincidir com o penhasco, ele viu a cozinha.

Em sua experiência, as coisas de que necessitava mais — pão, roupas limpas e olhares afetuosos — provinham de mulheres, e mulheres eram geralmente encontradas nas cozinhas. Aquele era um aposento estreito sob um teto de turfa, com dois fornos numa das paredes de pedra e uma fileira de troncos divididos ao meio servindo de mesas. Pessoas entravam e saíam dali sem parar. Ele encontrou um canto perto de uma passagem, atrás de todo o movimento, de onde podia observar as coisas; por fim, uma garota pálida, de semblante mal-humorado, notou-o.

Ele a adulou para que ela lhe trouxesse pão e ficou feliz em constatar que garotas eram iguais em toda parte. Como gatos, adoravam ser afagadas. Ele a afagou um pouco, ela sorriu, e então se tornou bonita. Ele disse isso. Ela ficou aturdida e nervosa, voltou ao trabalho de sovar massa de pão, com as mãos cobertas de pó branco e as bochechas cobertas de vermelho vivo, mas, poucos minutos depois, trouxe-lhe hidromel num pequeno frasco.

Enquanto pegava o frasco, pensando que poderia beijá-la, um som de chocalho ecoou na passagem atrás dele. A garota levou um susto e ergueu as mãos. Ele se virou e olhou para a garganta escura de um corredor, atravancada

por uma enorme pilha de lenha para os fornos.

— Para onde isso leva?

Ela o olhou com os olhos arregalados.

— Para lugar nenhum. Fique longe daí. — Ela se inclinou para ele. — É assombrado — sussurrou, e ele a beijou.

Mais tarde, ele se esgueirou por entre as pilhas de lenha e entrou no corredor. Enquanto caminhava, ouviu ratos correrem e começou a achar que aquele era o barulho que ouvira.

O corredor descia abruptamente, penetrando cada vez mais na escuridão, mas num nicho da parede, sob um poeirento véu de teias de aranha, ele encontrou uma pederneira acoplada a uma barrinha de aço e um caniço de junco. Alguém descia até ali com frequência, mas não recentemente. Ele soprou a poeira do junco, acendeu-o e o levou consigo para as trevas.

Dobrando uma esquina, deparou-se com uma porta bloqueada por uma placa de madeira. Ele afastou a madeira, e a porta se abriu. Segurando o caniço à frente, ele desceu um longo lance de degraus. O ar frio que lhe chegava cheirava a fogo apagado, tijolos e ferro. Era uma antiga forja, escondida sob a torre. Ele chegou ao último degrau e virou-se, olhando ao redor.

Quase a seus pés, alguma coisa gemeu.

Ele gelou. Não conseguia se mover, seus cabelos estavam arrepiados. Ouviu o som de novo. Caída na fina poeira do chão, havia uma cabeça peluda.

Vagn se ajoelhou a seu lado. Os olhos da cabeça estavam fechados. Seus cabelos longos e espessos estavam imundos de sujeira e cobertos de sangue seco; sua barba entrelaçada se prolongava além do alcance da luz do junco. Ele soube que era um anão pela barba, sobrancelhas eriçadas e nariz de bolota. Os lábios se moviam, mas só saía um gemido. Lembrando-se do frasco de hidromel, Vagn o tirou do cinto e umedeceu os lábios do anão.

Os lábios se moveram, sofregamente, e estalaram. Voltaram então a falar, mas Vagn não conseguia entender o que diziam. Ele lhe deu mais hidromel.

— Tyraste — sussurrou o anão. — Tyraste, lembre-se.

— O quê? — Vagn abaixou mais a cabeça. — O que está dizendo? Quem é você?

— Tyraste, lembre-se — disse o anão, em voz mais alta.

A luz do caniço estava se apagando. Vagn olhou ao redor para se certificar de que sabia onde estava a escada e inclinou-se de novo para a cabeça do anão.

— Diga o que isso significa!

Mas tudo o que o anão disse foi:

— Tyraste, lembre-se.

A luz bruxuleou e apagou-se. Vagn se virou e subiu os degraus, tateando na escuridão. No alto da escada, fechou a porta, comprimiu a tábua sobre ela e continuou a subir em direção à luz.

Atrás da cozinha, um lance de escadas subia pelo muro até um parapeito que se projetava sobre o mar. Vagn subiu até o lugar mais alto e contemplou o estreito, onde a água encapelada se estendia a perder de vista. De lá, Galdor vira o *knorr* aparecer, percebera que o pequeno cargueiro estava enfrentando dificuldades e descera para atraí-lo.

Um pé se arrastou atrás dele, dando-lhe um susto, e ele se virou. Thorulf Grimsson estava subindo a escada. Vagn ficou paralisado. A dois degraus do topo, Thorulf parou e olhou para ele, apertando os olhos por causa do sol.

— Você vai precisar de uma espada. Vou ajudá-lo a conseguir uma.

— Muito bem — disse Vagn. — Você primeiro.

O grandalhão se virou e desceu as escadas à frente. Embaixo, Thorulf esperou que ele se aproximasse e disse à meia-voz:

— Foi Galdor, ontem, que fez aquilo.

Então estendeu a mão e disse seu nome.

Vagn apertou a mão dele. Quando passaram pela cozinha, Vagn perguntou:

— Quem é Tyraste?

— Isso é um nome? Alguma garota?

No alto paredão de pedras depois da cozinha, havia uma porta dupla de madeira. Thorulf empurrou e escancarou os dois painéis. O sol iluminou um aposento estreito, onde se encontravam as rodas e os eixos de uma carroça, uma pilha de escudos redondos e um barril de areia. Cercando o barril, uma floresta de punhos e guardas de espadas. Thorulf segurou o barril, tombou-o e rolou-o para a frente; Vagn percebeu novamente o quanto ele era forte.

— Experimente esta.

O grandalhão puxou uma espada do barril e entregou-a a Vagn.

O punho estava impecavelmente encapado com couro e tinha um botão redondo, mas a lâmina lhe pareceu pesada. Ele procurou algo com que pudesse testar a espada, e Thorulf apontou para fora da porta. No pátio, logo adiante, havia um toco de árvore fendido, lascado e cercado de serragem. Vagn o golpeou com a espada, mas o estilhaçado toco era baixo demais, e o ângulo, errado.

— Aqui — disse Thorulf. — Experimente esta. Use este gume, o da frente.

A lâmina da espada seguinte estava manchada de ferrugem e tinha uma reentrância perto da guarda, mas se adaptou melhor à sua pegada. Ele golpeou o toco de novo, agachando-se para acertar o ângulo.

— Bom — disse Thorulf. — Endureça o punho. Assim. — E deu um tapa forte nas costas de Vagn. — Isso, assim.

Vagn se afastou do toco, ofegante; estava pensando no irmão. Dois homens se aproximaram deles.

— E aí, Thorulf, está ensinando o garoto a lhe dar uma surra ainda pior? — disse um dos homens, com um sorriso malicioso.

— Esse é Ketil — disse Thorulf. — Ketil Dente. E esse é Johan, que nem é nórdico.

Ketil sorriu para Vagn, exibindo um canino pontiagudo que se projetava quase na horizontal da gengiva.

— Não fique muito convencido por ter dado uma surra num velho bêbado como ele, garoto — disse Ketil.

Johan, que tinha cabelos louros e não era muito mais velho que Vagn, cumprimentou-o com um aceno de cabeça. Observava os outros com um olhar penetrante, mas nada dizia.

— Você vai precisar de um escudo também.

Thorulf entrou de novo no depósito.

— Não vai encontrar muito aço bom naquele barril, garoto — disse Ketil.

Ele deu um encontrão em Vagn, como que por acidente.

— Ah, para mim está bom — disse Vagn, mantendo-se firme onde estava.

Ketil precisou dar um passo para trás.

O corpulento Johan olhava fixamente para a espada na mão de Vagn e então apontou para a lâmina, onde, abaixo do punho, Vagn viu algumas velhas runas gravadas no metal.

— *Gut* — disse Johan, meneando a cabeça com vigor na direção de Vagn. — *Gut*.

— Como é o trabalho aqui? — perguntou Vagn.

Johan olhou para Ketil, para que este respondesse; obviamente não falava o idioma nórdico muito bem.

— É bem fácil — disse Ketil. — Nós controlamos o estreito. Todos que passam por aqui tem de nos dar um pouco do que estão transportando. — Ketil apontou com o queixo para leste. — O grande mercado está lá na frente, onde o rio desemboca. O caminho mais rápido para lá passa por aqui.

Vagn sabia disso; ele e seus irmãos estavam rumando para aquele mercado.

Ele estava com a espada na mão. Poderia matar alguém agora. Thorulf lhe trouxe uma bainha de couro. Em torno de Vagn estavam três dos homens que haviam matado seus irmãos.

De repente eles se empertigaram e olharam na direção do salão. Vagn seguiu seus olhares.

O rei Galdor saíra do salão. Estava de pé em frente ao umbral, com a cabeça inclinada para trás. Usava uma capa de pele de urso escura e uma couraça guarnecida de metal. A espada balançava em seu quadril. Ele olhou para os homens por alguns momentos sem dizer nada e começou a se afastar na direção oposta. Enquanto caminhava, sua mão pousou de leve na espada. Thorulf murmurou alguma coisa baixinho e fez um sinal com os dedos.

— Cale a boca, idiota — disse Ketil.

— Ele está me perseguindo — disse Thorulf. — Ele me persegue o tempo todo.

— Aquela é uma bela espada — disse Vagn. — A espada de Galdor.

— Ninguém tem uma espada assim — disse Ketil. — Com ela na mão, ele não perde.

Na cabeça de Vagn, a espada que estava segurando encolheu até parecer um graveto. Alguns outros homens saíram do salão, bocejaram e se espreguiçaram. Ketil e Johan caminharam em sua direção, falando com eles em voz alta. Vagn enfiou sua nova espada na bainha. Não conseguiria matá-los todos. Era Galdor quem ele devia odiar, não aqueles homens. A garota da cozinha estava perambulando por perto, com um cesto apoiado no quadril, sem olhar diretamente para ele. Ele seguiu Thorulf na direção dos outros homens.

Na refeição do meio da manhã, ele sentou-se entre Ketil e Thorulf, no centro da mesa. Enquanto comiam, Galdor gritou:

— Nós devíamos ouvir um pouco de poesia. Thorulf! Recite um poema!

Por todo o salão, os homens riram e olharam para Thorulf, que ficou pálido como uma pele de ovelha. Ele se pôs de pé, pegou o jarro que estava à frente e tomou um grande gole de cerveja. A risadaria aumentou, com os homens esperando se divertir. Recostado em seu assento, Galdor sorria.

— Recite um poema, Thorulf. Fale!

Thorulf encheu o peito.

— Na estrada do cisne… — começou, mas engoliu em seco. No salão, a zombaria aumentou. Vagn permaneceu imóvel, percebendo que aquilo era um costume antigo. Os olhos de Thorulf se arregalaram. — O senhor dos corvos chegou… Sangue… hã…

Os gritos dos homens se transformaram num rugido. De todos os lados, eles começaram a arremessar ossos e pedaços de pão e de queijo em Thorulf, que agitava os braços, tentando se defender da saraivada de projéteis. Acabou se afundando de volta no banco e cobrindo a cabeça com os braços. A mesa em frente a Vagn estava juncada de pedaços de alimentos.

Do alto de seu trono, Galdor disse:

— Bem, isso foi decepcionante.

O salão silenciou. Todos aguardavam, prendendo a respiração, a próxima atitude do rei, que olhou ao redor e por fim disse:

— Vagn Akason. Será que pode fazer melhor?

Vagn se levantou, espanando as migalhas de suas mangas.

— Só o rei de Vedrborg se compara a Odin…

Ouviram-se aplausos desapontados. Ao lado de Vagn, Ketil riu.

— Você percebeu, não é? — No trono alto, Galdor levantou a cabeça e deu um largo sorriso.

— Exceto que ele tem os dois olhos, suas lanças são pães, e suas gralhas são corvos… — disse Vagn.

O murmúrio geral de aprovação silenciou. Ketil deu um sorriso zombeteiro. O sorriso de Galdor se congelou. Vagn estava tentando inventar outro verso para comparar Valhalla a Vedrborg. Sentados a seu lado, Ketil e Thorulf o puxaram para o banco. Ao redor, irromperam as risadas que estavam sufocadas. Galdor se inclinou, olhando fixamente para Vagn, e suas mãos pousaram sobre a espada na mesa. Os risos cessaram.

— Poderoso rei! — No canto mais distante da sala, outro homem se levantou com um pulo. — Nobre guerreiro, destruidor de inimigos…

Todas as cabeças se voltaram para aquele indivíduo, que prosseguiu no mesmo tom, usando muitas palavras grandiosas. Vagn permaneceu imóvel; pensou que talvez tivesse se mostrado cedo demais, mas estava satisfeito. Vistosamente, Galdor enviou para o novo poeta uma xícara de hidromel feita de ouro. Thorulf, que estava ao lado de Vagn, deu-lhe um tapa no ombro e inclinou-se sobre seu ouvido.

— Tome cuidado — sussurrou. — Galdor não vai esquecer.

Lá no alto, Galdor voltou a olhar fixamente para Vagn. Ketil lhe passou um chifre com cerveja.

— Está precisando disso, palerma?

Vagn bebeu bastante.

Mais tarde, viu Galdor se debruçar sobre o braço do trono elevado e

conversar com um homem meio calvo, atarracado como um sapo. Depois que o homem foi embora, Galdor mandou um escravo buscar Vagn. Com Vagn à sua frente, o rei franziu a testa.

— Você não é um bardo. Você me irritou. Então, quero que vá para o parapeito e monte guarda durante a noite. Faz frio lá em cima, no vento, e é provável que chova. Lá você poderá pensar até onde sua língua idiota o levou.

Ele se recostou. A espada permanecia na mesa entre eles.

— Sim, rei Galdor.

Havia um temporal se aproximando quando a noite caiu; ele podia senti-lo no ar. De pé no parapeito, olhou para a escuridão, ouvindo o estrépito e os gemidos do vento nos muros ao redor. A chuva começou, leve como um véu. Ele pensou por algum tempo em seus irmãos, mortos lá embaixo, enquanto ele estava vivo ali em cima, e não conseguiu ver nenhuma justiça nisso. Como sabia que ninguém passaria pelo estreito numa noite como aquela, desceu a escada e foi até os fundos da cozinha, perto do início da passagem.

Os escravos que trabalhavam na cozinha estavam dormindo ao redor dos fornos. Ele tirou os sapatos, para não fazer barulho, e ficou vigiando o pátio. No calor, cochilou um pouco. Sonhou com o anão no final do corredor e viu-se implorando ao anão que o ajudasse. Acordou de repente, ouvindo passos rápidos na direção da escada.

Foi até a frente da cozinha e viu o homem-sapo subindo a escada até o parapeito ao mesmo tempo em que sacava uma adaga. Vagn subiu dois degraus de cada vez, atrás dele, sem que seus pés descalços fizessem barulho. No topo, o sapo olhava ao redor.

— Procurando por mim?

O sapo se virou, golpeando com a faca, mas Vagn já o estava atacando, fazendo-o recuar pela estreita passarela. A adaga fez um corte em seu rosto. O sapo atingiu o parapeito e caiu pela borda. Vagn permaneceu ali por um momento até ouvir um baque. Depois desceu de novo a escada.

Da cozinha, a garota o chamou. Ele se deitou com ela no calor dos fornos.

Galdor saiu pela porta do salão. A chuva havia cessado, e um sol límpido e brilhante iluminava o mundo. Para sua surpresa, no outro lado do pátio, dando estocadas num barril com uma espada, estava Vagn Akason, o garoto de cabelos negros.

O rei deu uma olhada em volta, procurando Gifr, seu homem de confiança, mas não o viu. Então chamou Vagn.

— Estou vendo que aproveitou bem a noite — disse quando o garoto se

postou diante dele.

— Não aconteceu muita coisa — respondeu Vagn.

Havia um corte recente em seu rosto.

— Você não viu nada? — perguntou Galdor.

— Não. Uma mosca-varejeira me incomodou uma vez, mas eu a espantei.

Seus olhos se encontraram. Galdor pousou a mão no cabo da espada.

— De onde foi mesmo que você disse que veio?

— De um lugar a oeste daqui. Da grande ilha.

— E como chegou aqui?

— Caminhando.

— Sobre a água?

O garoto abriu a boca para contar outra mentira, quando, na torre, a trompa soou. Galdor praguejou.

— Vá para os navios. Hjeldric enfim chegou.

Vagn adorou estar de novo a bordo, onde tudo era simples: as remadas, a força e o mar. No banco à frente, Thorulf movimentava o remo; Ketil estava no leme, dirigindo o barco no mar encapelado. Ao redor, os homens entoavam a contagem.

Vagn remara durante toda a vida, mas sempre em barcos pequenos e desgraciosos, como o *knorr*. Nunca numa embarcação como aquela, verdadeira serpente do mar, leve e flexível, que deslizava sobre a água. O ritmo o transportava como grandes asas. Ele juntou sua voz à contagem, fazendo-se uma parte alegre de tudo aquilo.

Pelo canto dos olhos, viu que corriam para interceptar outro drácar, que subia depressa o estreito, vindo do oeste. Ketil gritou, e a contagem se acelerou. Vagn se forçou a acompanhá-la, arfando com o esforço; à sua volta, os outros homens pelejavam nos remos. O barco lutava contra uma forte corrente. A embarcação que se aproximava enfrentava o mesmo problema e acabou perdendo meio barco de distância quando o barco de Vagn ingressou num trecho de águas mais tranquilas. O drácar adversário levantou os remos e mudou de rumo.

Um grito rouco de alegria se levantou dos bancos em torno de Vagn. Ketil fez uma pausa. Um jarro foi passado de mão em mão, e Vagn engoliu a maior parte da água que havia dentro. Sua espada estava sob o banco. Talvez agora lutassem, barco contra barco. Ele ansiava em testar a espada numa luta de verdade. Mais além, no mar aberto, o outro drácar os defrontava, longe demais para se avistar algum tripulante. Vagn respirou fundo. Thorulf estendeu a mão e lhe deu uma palmada no ombro, e alguém gritou alguma coisa. Vagn sentiu o sangue latejar e

sacudiu os músculos para relaxá-los. Depois olhou ao redor, sua tripulação. Seus irmãos agora. Deixou esse problema para depois. Olhou então para o outro barco, com a mão coçando para pegar a espada.

De repente, atrás dele, uma trompa soou.

Ele se virou para olhar. Mais atrás, Galdor alinhava seus dois outros barcos proa a popa, perpendicularmente ao estreito. Mais três barcos inimigos estavam parados, aguardando no estreito. Esguios e baixos, eram lindos. Vagn se inchava ao pensar que iria lutar num barco assim. A trompa soou de novo, e Vagn sentiu os cabelos se arrepiarem. Era o início da luta. Mas nenhum dos homens nem ao menos levantou a vista. Ketil cedeu o leme para alguém e foi para a proa.

Thorulf estava recostado. Outro jarro com água chegou.

— O que está acontecendo? — perguntou Vagn.

O homem no outro lado do corredor se virou para ele.

— Eles estão conversando. Nada vai acontecer por enquanto.

No banco atrás, alguém disse:

— Eles são mais numerosos que nós. Galdor não luta para perder.

Thorulf murmurou alguma coisa.

Vagn olhou em volta. Estavam na parte mais afunilada do estreito. Ele se lembrou das pedras que atravancavam a água ao longo da margem. Tinha a impressão de que os três barcos de Galdor conseguiriam repelir os quatro navios inimigos com facilidade. Provavelmente havia algum segredo de guerra que ele não estava entendendo. De seu barco, Galdor gritou algo para um dos barcos adversários, e alguém gritou de volta. Estavam combinando um encontro em terra. Ainda haveria luta. Vagn estendeu a mão e tocou o cabo de sua espada.

Galdor enviara a maior parte de seus homens para Vedrborg. Manteve os demais numa ampla campina, pouco além da praia onde os barcos de Hjeldric haviam se postado. Indo ao encontro destes, ele separou sete. Thorulf estava entre esses sete, assim como Vagn. Ketil e outros que não haviam sido incluídos se afastaram. Galdor começou a caminhar diante dos sete homens que permaneceram.

— Estou arriscando Vedrborg nesta peleja. Um bom trabalho aqui será recompensado. — Seus olhos estavam febris e brilhantes. Ele puxou a espada. Vagn achou que a ouvira sibilar como uma cobra ao sair da bainha. — Thorulf, fique no lado das tempestades. Eu ficarei no meio.

Thorulf se afastou e se apoiou na espada. À sua volta, os outros homens se apertavam as mãos e bebiam cerveja nos chifres. No outro lado da campina, os

oito homens de Hjeldric se reuniram. Vagn olhou para sua nova espada. Ele polira as partes enferrujadas usando um trapo e gordura de ovelhas e removera um pouco da ferrugem. Não conseguira consertar a reentrância, mas se sentia bem empunhando aquela espada. Respirou fundo. O sol lhe aquecia o rosto. Ele disse a si mesmo que poderia nunca mais ver outro amanhecer, o que parecia um assunto distante e sem importância.

Thorulf girava os braços para trás e para a frente.

— É a primeira vez que você luta assim?

— Sim — respondeu Vagn. Sua voz saiu como um guincho.

— Acho que vai ser minha última — disse Thorulf.

Subitamente, Ketil reapareceu.

— Galdor vai vencer — disse a Vagn. — Mantenha sua espada erguida. — Depois, deu uma palmada nas costas de Thorulf. — É melhor você ir para lá. Arranje um pouco de carniça para os corvos.

Thorulf começou a caminhar pesadamente pela grama, seguido por Vagn.

Vagn não conseguia andar sem mancar. Segurava a espada com muita força. A seu lado, Thorulf caminhava curvado, coçando a barba.

— Hoje à noite em Valhalla, Vagn Akason — disse ele, e cuspiu nos dedos.

Galdor caminhou na frente deles, gritando os nomes de seus homens e espetando a espada no ar.

Quando levantou o escudo, a trompa soou.

Eles formaram uma linha e avançaram na direção dos homens de Hjeldric, que também vinham na direção deles em linha, cada adversário diante de outro. Em frente a Vagn, por trás de um grande escudo circular, vinha um corpo magricela, com cabelos ruivos se projetando do elmo de couro. Vagn não conseguia respirar direito. A seu lado, Thorulf deu um berro e arrojou-se para a frente.

O homem ruivo investiu contra Vagn, acutilando à altura do ombro. Vagn parou de olhar Thorulf e ergueu o escudo para aparar o golpe. A pancada foi tão forte que deixou seu braço dormente. Ele girou a espada por baixo, sem enxergar direito, e sentiu-a colidir com força no escudo do ruivo; o homem pulou para longe. Vagn o seguiu, segurando o escudo à frente, torcendo para que o sujeito atacasse primeiro. No interior do elmo de couro, acima do tufo de barba vermelha, os olhos azuis do homem se cruzaram com os seus. O ruivo estocou com a espada; quando Vagn levantou o escudo para se defender, ele desviou o golpe para baixo, aplicando mais força.

A ponta da espada seguiu na direção do joelho de Vagn, que abaixou sua espada e fez as duas lâminas se entrecruzarem. Percebendo que o outro homem tinha maior envergadura, Vagn arremeteu, escudo à frente, contra o corpo alto e magro, encurtando a distância entre ambos. Por um instante, eles se encostaram peito a peito, e o bafo do ruivo explodiu no rosto de Vagn. Ao sentir o outro homem se contrair para empurrá-lo, Vagn deslizou para o lado, deixando apenas a espada. O homem ruivo perdeu o equilíbrio, chocou-se contra a ponta da espada e caiu de joelhos.

Vagn deu um grito de triunfo, mas outro homem de Hjeldric já o estava atacando. Era menor, mais largo e agitava um machado.

Vagn aparou o primeiro golpe usando o escudo, virando um pouco a beirada de tal forma que a lâmina curva não bateu com toda a força. Ele espadeou em direção à cabeça do homem, que se esquivou para trás. Por um instante, Vagn conseguiu olhar ao redor.

O ruivo se pusera de pé. Sangue cobria um lado de seu corpo, mas ele já estava reerguendo a espada. Mais adiante, na grama pisada, Thorulf jazia inerte.

O homem do machado vociferou um nome. Ele e o ruivo se afastaram um do outro e aproximaram-se juntos de Vagn. O ruivo respirava com dificuldade; sangue brilhava em sua couraça e no braço que portava o escudo. O outro homem, o atarracado com o machado, curvou-se para trás e para a frente, soltou um grito e atacou.

Vagn não recuou; rechaçou o primeiro golpe com o escudo e arranhou o homem com a espada, atento à sua reação. Como sabia que o ruivo vinha por trás, recuou e logo saiu do cerco. O ruivo caiu sobre um dos joelhos de novo. O outro levantou o machado e moveu-se pela lateral, contornando Vagn.

O ruivo conseguiu se levantar e cambaleou para a frente. Vagn ergueu o escudo; sentia como se seu corpo fosse enorme e o escudo, do tamanho de uma ervilha. Vindo da lateral, o machado cortou o ar na direção da sua cabeça; ele se esquivou e deu uma estocada, que resvalou no escudo do atarracado. Vagn se afastou novamente de ambos. O homem do machado deu um passo para trás. O ruivo perdeu o equilíbrio e caiu sobre as mãos e os joelhos.

Vagn deu outra olhada ao redor. Eles se haviam afastado muito pela campina e estavam quase no bosque. O corpo de Thorulf estava bem distante. Mais próximos, Galdor e Hjeldric contornavam um ao outro. Galdor golpeou com a espada, e Hjeldric se esquivou; depois contra-atacou, visando a mão de Galdor que segurava o escudo.

De repente, uma multidão de homens irrompeu do bosque.

Vagn ficou paralisado, atônito. Eram homens de Galdor, que pegaram o

homem ruivo e o trucidaram; depois, foi a vez do homem do machado. Hjeldric se virou para eles, e Galdor mergulhou a espada em suas costas. Vagn não se mexeu. Viu Galdor erguer os braços em triunfo. Na praia, dois dos barcos de Hjeldric começaram a se afastar.

Ketil se aproximou de Vagn.

— Eu falei que Galdor não deixaria a luta por conta do acaso.

Seus olhos não olharam diretamente para Vagn, que largou o escudo e foi verificar o que acontecera com Thorulf.

* * *

Na refeição do meio da manhã, Vagn sentou-se olhando para as mãos. Ao redor, os homens murmuravam, mas ele não ouvia nada. A comida foi servida e retirada, e ele não comeu nada. Só bebeu cerveja no chifre, o que não lhe fez bem.

Sua mente estava a toda. Thorulf morrera, mas morrera bem, de ferimentos duros recebidos pela frente. Vagn pensava repetidas vezes no homem ruivo, que tanto lutara, mesmo ferido, apenas para ser retalhado por trás como se faria com um covarde. A bile queimava em seu estômago. Ketil, ao seu lado, só lhe falou uma vez.

— Nós vencemos, não?

Vagn rosnou. Depois disso, Ketil não disse mais nada e apenas olhava para ele às vezes e lhe passava o chifre.

No trono elevado, Galdor gritou um nome, e um guerreiro se levantou. Galdor retirou uma de suas pulseiras de ouro, e um escravo a entregou ao homem, que foi aclamado por todos. Vagn olhou para a mesa.

Galdor gritou seu nome.

Vagn ergueu a cabeça e viu todos os rostos olhando em sua direção. Um escravo trotou até ele, trazendo uma pulseira de ouro. Uma grande aclamação eclodiu, o nome dele gritado em sessenta vozes.

Ele se levantou, sob os olhos de todos, e arremessou a pulseira para o outro lado da sala.

— Não! Não houve nenhum mérito naquele campo, nenhuma honra… — Ele estava tremendo, com sangue latejando nos ouvidos. — Homens melhores que você morreram naquele campo, Galdor rei de nada, Galdor trapaceiro! Eu seria um rei melhor que você.

O salão caiu em silêncio. Ninguém se mexia.

— Este é o seu fim, Vagn Akason — disse Galdor.

Levantando-se, ele pegou a espada na mesa e retirou-a da bainha. Nas proximidades de Vagn, os outros homens começaram a se mover, puxando bancos e mesas para trás. Vagn se viu sozinho. Ele puxou a espada. Galdor vinha em sua direção.

Quando se aproximou, andando de lado e cortando o ar com a lâmina afiada, Vagn pulou para trás e cruzou sua espada com a de Galdor. O choque reverberou em seu braço. Galdor o empurrou para trás, dando uma estocada aqui, outra ali, cutucando Vagn e rindo. Tentando obter um pouco de espaço, Vagn começou a recuar de costas, até que bateu numa mesa.

Mãos o seguraram por trás. Alguém o estava segurando para Galdor, e o rei se moveu rápido. Vagn largou a espada, agarrou os pulsos que o seguravam, agachou-se e, usando todo o seu peso, arremessou o homem que estava por trás sobre seu ombro e contra a espada de Galdor, que já voava em sua direção.

A espada atravessou o peito do homem. Enquanto Galdor a removia, Vagn recuperou sua espada e pulou para cima da mesa. Os outros homens se afastaram para perto das paredes. Galdor tentou lhe golpear os joelhos. Quando Vagn se esquivou, o rei também pulou sobre a mesa. Girando a ponta da espada, ele empurrou Vagn para trás, por cima de pães e queijos, derrubando os chifres de cerveja. Vagn mantinha a espada erguida, desviando as estocadas do rei e tateando com os pés a superfície atrás de si.

Galdor estocou contra ele, e Vagn viu uma oportunidade. Atacou então, tentando aproveitar a fraqueza, mas era uma armadilha. O rei desviou o golpe e tirou a espada de sua mão.

Ouviu-se um grito. Os olhos do rei brilharam. Vagn pulou da mesa e saiu correndo para o pátio. Galdor foi em seu encalço. Logo adiante da porta, havia uma pilha de lenha. Vagn arremessou um pedaço de madeira em Galdor. Foi quando viu um machado na pilha. Dando um pulo, ele o pegou. Galdor já estava atrás dele quando ele se virou e rodou o machado à meia altura, errando Galdor pelo espaço de um dedo.

Galdor uivou e exibiu os dentes. Então deu um golpe pela direita, do qual Vagn se esquivou, e outro pela esquerda, do qual Vagn também se esquivou. O machado era pesado demais, difícil de ser manejado. Galdor deixou que Vagn girasse com ele de novo e aproveitou o vácuo do movimento. Vagn sentiu a lâmina lhe tocar as costelas através da camisa. Tomando impulso, ele arremessou o machado contra Galdor.

Galdor caiu; o machado arranhara seu ombro. Vagn correu pelo pátio para o depósito que abrigava o barril de espadas. As portas estavam fechadas e

trancadas. Galdor o seguiu, gritando zombarias.

— Espere, menininho, ainda não terminei com você!

Vagn rumou para a cozinha, onde deveria haver facas. Galdor já estava em seus calcanhares. No meio do pátio, Vagn viu uma vassoura e correu para pegá-la. Ouviu uma gritaria, vinda de uma grande distância, mas tudo o que via era a vassoura. Ele a apanhou e virou-se bem no instante em que Galdor chegava a ele.

O golpe foi dirigido contra sua cabeça. Ele ergueu a vassoura. A lâmina atingiu a madeira e cortou-lhe um pedaço. Ainda segurando o cabo, Vagn deslizou para trás, saindo do alcance da espada. Galdor parou um momento, com a espada levantada, descrevendo círculos no ar com a ponta, como se o estivesse farejando.

Os outros homens, encostados nas paredes, gritavam e assoviavam. Vagn via apenas a ponta da espada. Andando para trás, segurando o pedaço de vassoura à frente, ele foi se aproximando do muro. Galdor se movia quando ele se movia, bloqueando seu caminho com a espada, empurrando Vagn sempre para trás. Vagn deu uma olhada rápida por sobre o ombro. Bem atrás dele estava a escada para o parapeito. Quando a lâmina cortou o ar à sua frente, ele pulou para trás e subiu os degraus.

Galdor estava abaixo dele agora, mas Vagn não tinha uma arma adequada. Dava estocadas com o pedaço de vassoura. O rei se esquivava e chicoteava com a espada na altura de seus tornozelos. Vagn pulou mais alguns degraus, e Galdor veio atrás dele, estocando com a espada. Quando terminou de subir os degraus, Vagn correu e encostou-se no parapeito.

— Não há para onde correr agora — disse Galdor, ofegante. Ele levantou a espada, e o olhar de Vagn a seguiu. — Ah! Está admirando minha espada? E deve admirar mesmo. Ela não tem preço. E adora sangue. — Ele agitou a espada em frente ao rosto de Vagn. — O primeiro sangue dela foi tirado do anão que a fez e que nunca fez outra igual. E agora… — Ergueu a espada acima da cabeça de Vagn. — Ela terá o seu sangue.

O anão. O anão. Encostado na parede, Vagn gritou:

— Tyraste, lembre-se!

Galdor desceu a lâmina contra a cabeça de Vagn, mas a espada rodopiou em sua mão, bateu no muro e deslizou sobre o parapeito.

Vagn deu um grito. Galdor mergulhou para apanhar a arma com ambas as mãos estendidas. Vagn estava mais perto. Firmando a mão no punho da espada e girando o braço com toda a força, sem qualquer pausa, ele acertou o corpo de Galdor.

Em algum lugar muito longe, ouviu-se um grito. Vagn permaneceu imóvel. Galdor caiu de joelhos, com as mãos sobre a barriga rasgada e a cabeça para trás.

— Isso é pelos meus irmãos — disse Vagn. — E por Thorulf. E pelo anão no porão.

E atravessou a espada pelo peito de Galdor.

A gritaria continuava. No pátio, outras pessoas gritavam e abanavam os braços. Vagn continuou de pé, ofegante.

A espada em sua mão era leve, rápida, e o poder que tinha a fazia arder. Vagn entendeu por que Galdor a tocava tanto. Sentiu vontade de usá-la de novo. O anão a enchera de encantamentos. Ele se lembrou de como ela se voltara contra Galdor.

Desceu a escada até o pátio, que estava repleto de gente. Todos o olhavam. Quando caminhou na direção deles, abriram caminho. Ele entrou na cozinha. Encontrando o junco e a pederneira, avançou pelo corredor escuro.

Na forja, ao pé da escada, ele parou e ergueu o junco em chamas para enxergar. Na poeira, viu a cabeça do anão, agora sorridente.

Vagn pôs a espada ao lado dele.

— Trouxe-a de volta para você.

— Sua — sussurrou o anão. — Sua, agora.

Ansiosamente, ele a puxou de volta. Os lábios do anão se curvaram num sorriso ainda mais largo.

— Mas tenha cuidado. Ela ainda é má.

Foi assim que Vagn Akason se tornou rei de Vedrborg, mas a vida lá não era de seu agrado, e ele logo partiu para se juntar aos vikings de Jomsborg.

GEORGE R.R. MARTIN

Vencedor dos prêmios Hugo, Nebula e World Fantasy, George R.R. Martin, autor best-seller do *New York Times* e da série "As Crônicas de Gelo e Fogo", vem sendo chamado de "o Tolkien norte-americano".

Nascido em Bayonne, no estado de Nova Jersey, vendeu a sua primeira obra em 1971 e não tardou a se tornar um dos autores de ficção científica mais populares dos anos 1970. Em pouco tempo, era o esteio da revista *Analog*, editada por Ben Bova, com narrativas como "Com a manhã vem o pôr da neblina", "E, sete vezes, nunca mate o homem", "O segundo tipo de solidão", "The Storms of Windhaven" (em coautoria com Lisa Tuttle e, mais tarde, ampliado por ambos para se tornar o romance *Santuário dos Ventos*), "Override" e outras, embora tenha vendido textos também para *Amazing*, *Fantastic*, *Galaxy*, *Orbit* e outras publicações. Uma de suas histórias para a *Analog*, a impactante novela "Uma canção para Lya", lhe valeu seu primeiro prêmio Hugo, em 1974.

Em fins da década de 1970, Martin havia atingido o auge de sua influência como escritor de ficção científica e estava produzindo seu melhor livro do gênero, com histórias como a célebre "Reis da areia", seu texto mais conhecido que, em 1980, conquistou tanto o prêmio Nebula quanto o Hugo (mais tarde, em 1985, ele viria a ganhar outro Nebula com "Retratos de seus filhos"); "O caminho da cruz e do dragão", que venceu o Hugo no mesmo ano (fazendo de Martin o primeiro escritor a receber dois Hugo na categoria ficção no mesmo ano); "Flores amargas"; "A cidade de pedra", "Starlady", entre outras. Tais narrativas serão mais tarde reunidas em *Sandkings*, uma das mais importantes coletâneas do período. A essa altura, ele tinha praticamente se afastado da *Analog*. Embora ainda vá publicar uma longa sequência de histórias sobre as divertidas aventuras interestelares de Haviland Tuf (mais tarde reunidas na obra *Tuf Voyaging*) durante os anos 1980 no periódico de Stanley Schmidt, bem como umas poucas peças individuais como a novela "Voadores da noite", a maior parte de suas obras importantes de fins dos anos 1970 e princípios dos anos 1980 vai vir a público na revista *Omni*. Esse mesmo período também testemunhou a publicação de seu memorável romance *A morte da luz*, único de sua autoria exclusiva no gênero ficção científica. Simultaneamente, várias de suas histórias eram coligidas em *A Song for Lya*, *Sandkings*, *Songs of Stars and Shadows*,

Songs the Dead Men Sing, *Nightflyers* e *Portraits of His Children*. No início da década de 1980, Martin se afasta desse gênero e faz uma incursão pelo terror, publicando o longo romance *Sonho febril* e vencendo o prêmio Bram Stoker com o conto "O homem em forma de pera" e também o prêmio World Fantasy com a novela de lobisomem "O troca-peles". Em fins dessa década, porém, o mercado para esse gênero em baixa e o fracasso comercial de seu ambicioso romance de terror *The Armageddon Rag* o fizeram deixar de lado o mundo dos textos impressos e iniciar uma bem-sucedida carreira na televisão, onde, por mais de dez anos, trabalhou como editor ou produtor de seriados como o novo *Além da Imaginação* e *A Bela e a Fera*.

Depois de muitos anos afastado, Martin faz seu retorno triunfante ao mundo editorial em 1996, com a publicação do grande sucesso que foi o romance *A guerra dos tronos*, que deu início à série "As Crônicas de Gelo e Fogo". Uma novela independente, extraída dessa obra, "Blood of the Dragon" lhe valeu mais um prêmio Hugo em 1997. Os demais livros de "As Crônicas de Gelo E Fogo", *A fúria dos reis*, *A tormenta de espadas*, *O festim dos corvos* e *A dança dos dragões*, fizeram dessa série uma das mais vendidas e aclamadas do gênero de fantasia dos tempos atuais. Recentemente, todos esses romances foram transformados no seriado *Game of Thrones*, seriado este que se tornou um dos mais populares da televisão e fizeram de Martin um autor reconhecido fora dos limites habituais do gênero, chegando até a inspirar uma versão satírica no programa *Saturday Night Live*.

Seus livros mais recentes incluem uma volumosa coletânea que cobre todo o leque de sua carreira: *George R.R. Martin: RRetrospectiva da obra*; uma coletânea de novelas, intitulada *Starlady and Fast-Friend*; e um romance, escrito em coautoria com Gardner Dozois e Daniel Abraham, *Caçador em fuga*. Como editor, e em colaboração com Gardner Dozois, Martin organizou diversas antologias, entre as quais, *Warriors, Songs of the Dying Earth, Songs of Love and Death, Down These Strange Streets, Mulheres perigosas*, além de publicar vários volumes de sua série já de longa data, "Wild Cards". Em 2012, Martin recebeu o prêmio especial pelo conjunto da obra concedido pela World Fantasy Convention. Suas publicações mais recentes são *High Stakes*, vigésimo terceiro volume da série "Wild Cards", e *O mundo de gelo e fogo*, uma história ilustrada dos Sete Reinos.

Neste livro, ele nos leva a Westeros, local onde se passam suas "Crônicas de Gelo e Fogo", e de volta no tempo para ver coisas que aconteceram bem antes do início de *A guerra dos tronos* e presenciar a história de uma desafortunada rivalidade entre irmãos que teve efeitos trágicos e desastrosos sobre o mundo

inteiro.

OS FILHOS DO DRAGÃO

George R.R. Martin

Segundo os registros históricos, o Rei Aegon I Targaryen casou-se com as suas duas irmãs. Tanto Visenya quanto Rhaenys integravam o grupo dos Cavaleiros dos Dragões e haviam sido abençoadas com cabelos louro-platinados, olhos violeta e a beleza dos verdadeiros Targaryen. Afora isso, as duas rainhas eram tão diferentes uma da outra quanto qualquer mulher pode ser… A não ser por um detalhe. Cada uma delas deu um filho ao rei.

Aenys foi o primeiro. Nasceu em 7 d.C., da Rainha Rhaenys, a esposa mais jovem de Aegon. Quando veio ao mundo, era miúdo e não muito saudável. Chorava o tempo todo e dava pena ver os seus braços e pernas tão fininhos e os seus olhos pequenos e sempre lacrimejando. A tal ponto que os meistres do rei temeram que a criança não sobrevivesse. O bebê recusava os seios da ama de leite e só mamava o leite da mãe. Dizia-se até que chorou por quinze dias a fio quando foi desmamado. Ele era tão diferente do Rei Aegon que uns poucos indivíduos ousaram mesmo sugerir que Sua Graça não era seu filho legítimo, mas sim um bastardo gerado por algum dos belos favoritos da Rainha Rhaenys, um cantor, um ator ou um mímico. E o príncipe também custou muito a se desenvolver. Aenys Targaryen só começou efetivamente a ganhar forças depois que lhe deram o jovem dragão Quicksilver, nascido naquele mesmo ano em Pedra do Dragão.

O Príncipe Aenys tinha três anos quando a sua mãe, a Rainha Rhaenys, e Meraxes, o seu dragão, foram mortos em Dorne. A perda deixou o pequeno príncipe inconsolável. Ele parou de comer e até voltou a engatinhar como fazia quando tinha um ano, como se tivesse desaprendido a andar. O pai perdeu as esperanças e começaram a surgir na corte boatos de que o Rei Aegon podia desposar outra mulher, já que Rhaenys estava morta e Visenya talvez fosse estéril, pois não lhe dera nenhum filho. Como cabia apenas ao rei decidir tais questões, nenhum homem podia expressar o que vinha lhe passando pela cabeça, mas muitos grandes senhores e nobres cavaleiros apareceram na corte, acompanhados das filhas donzelas, cada qual mais graciosa do que a outra.

Todas as especulações do gênero terminaram em 11 d.C., quando a Rainha Visenya anunciou subitamente que estava grávida do rei. Com toda a confiança,

declarou que era um menino, o que acabou efetivamente se confirmando. O príncipe chegou ao mundo aos berros em 12 d.C. Jamais se vira recém-nascido mais robusto do que Maegor Targaryen, concordavam meistres e parteiras; ao nascer, pesava quase duas vezes mais do que o irmão mais velho.

Os dois nunca foram muito próximos. O Príncipe Aenys era o herdeiro presumível e o Rei Aegon o mantinha sempre ao seu lado. Quando o monarca circulava pelos diversos castelos do reino, o príncipe o acompanhava. Já Maegor ficava com a mãe, sentado ao seu lado enquanto ela assumia o trono. Nessa época, a Rainha Visenya e o Rei Aegon quase não ficavam juntos. Quando não estava em visita aos seus domínios, Aegon voltava para Porto Real e para a sua fortaleza, ao passo que Visenya e o filho permaneciam em Pedra do Dragão. Foi por isso que nobres e plebeus começaram a se referir a Maegor como o Príncipe de Pedra do Dragão.

Quando o menino completou três anos, a Rainha Visenya lhe pôs uma espada nas mãos. Supostamente, a primeira coisa que ele fez com a lâmina foi trucidar um dos gatos do castelo… Ao menos, era o que se dizia. Era bem provável, porém, que tal história fosse uma calúnia concebida pelos seus inimigos muitos anos mais tarde. Mas não se pode negar que o príncipe logo começou a brincar com aquela arma. Para ser o seu primeiro mestre de armas, a sua mãe escolheu Sor Gawen Corbray, o mais mortífero de todos os cavaleiros que existiam nos Sete Reinos.

Já o Príncipe Aenys, por estar quase sempre em companhia do pai, recebeu boa parte da sua instrução nas artes cavaleirescas dos integrantes da guarda pessoal do monarca e, às vezes, do próprio rei. Todos os seus instrutores concordavam que o menino era aplicado e não lhe faltava coragem, mas ele não tinha o tamanho e a força do pai e jamais passou de um combatente aceitável, até mesmo quando o rei lhe punha nas mãos a Blackfyre, coisa que acontecia de tempos em tempos. Aenys não se desgraçaria numa batalha, era o que diziam os seus tutores, mas não se comporiam canções para louvar as suas proezas.

Os dotes desse príncipe encontravam-se em outras áreas. Era um excelente cantor, dotado de uma voz possante e doce. Era cortês e encantador, e bem esperto sem ser do tipo estudioso. Fazia amigos com facilidade e as jovens pareciam se encantar por ele, fossem elas de alto ou baixo nascimento. Aenys também adorava cavalgar. O pai lhe deu cavalos de trote, palafréns e corcéis, mas a sua montaria favorita era o seu dragão, Quicksilver.

O Príncipe Maegor também cavalgava, mas não demonstrava lá muito amor por cavalos, cachorros ou qualquer outro animal. Quando tinha oito anos, um palafrém lhe deu um coice dentro dos estábulos. Maegor matou o cavalo a

facadas… e cortou de um lado a outro o rosto do menino que trabalhava ali e que veio correndo ao ouvir os gritos do animal. O Príncipe de Pedra do Dragão teve inúmeros companheiros ao longo da vida, mas nenhum amigo de verdade. Ele era briguento, ofendia-se por qualquer motivo, não perdoava com facilidade e era implacável na raiva. No entanto, a sua habilidade com as armas era sem igual. Escudeiro aos oito anos, por volta dos doze, derrubava garotos quatro ou cinco anos mais velhos nos torneios e subjugava homens de armas experientes no pátio do castelo. No décimo terceiro dia de seu nome, em 25 d.C., a sua mãe, a Rainha Visenya, lhe entregou a própria espada de aço valiriano, a Irmã Negra, e isso ocorreu seis meses antes do seu casamento.

Para os Targaryen, a tradição sempre foi o casamento realizado entre membros da própria família. O ideal era que irmãos se casassem com irmãs, mas, não havendo tal possibilidade, uma jovem podia desposar um tio, um primo ou um sobrinho, e um rapaz, uma prima, uma tia ou uma sobrinha. Essa prática remontava aos velhos tempos de Valíria, onde era comum entre várias das antigas famílias, especialmente as que criavam e montavam dragões. O sangue do dragão deve permanecer puro, determinava a sabedoria ancestral. Alguns dos príncipes feiticeiros também desposavam mais de uma mulher quando assim o desejavam, embora isso fosse menos comum do que o casamento incestuoso. Em Valíria, antes da Perdição, pelo que escreviam os sábios, milhares de deuses eram honrados, mas nenhum deles era temido, portanto poucos ousavam se levantar contra tais costumes.

O mesmo não acontecia em Westeros, onde o poder da Fé se mantinha inquestionado. Os antigos deuses ainda eram adorados no Norte, mas, no restante do reino, havia apenas um único deus, com sete faces, e o seu representante nesta terra era o Alto Septão de Vilavelha. E as doutrinas da Fé, transmitidas aos homens ao longo dos séculos pelo próprio Ândalos, condenava o tipo de casamento valiriano praticado pelos Targaryen. O incesto era denunciado como um pecado mortal, fosse entre pai e filha, mãe e filho, fosse entre irmão e irmã, e os frutos de tais uniões eram considerados abominações aos olhos de deuses e de homens. Com o distanciamento temporal, é possível perceber que um conflito entre a Fé e a Casa Targaryen era inevitável. Na verdade, vários dos Mais Devotos contavam que o Alto Septão censuraria Aegon e as suas irmãs durante a Conquista, e ficaram profundamente descontentes quando, em vez disso, o Pai da Fé preferiu aconselhar Lorde Hightower a não se opor ao Dragão e chegou mesmo a abençoá-lo e a ungi-lo por ocasião da sua segunda coroação.

Diz-se que o hábito é o pai da aceitação. O Alto Septão, que coroou Aegon, o

Conquistador, continuou sendo o Pastor dos Fiéis até a sua morte, em 11 d.C. Nessa época, o reino já havia se acostumado à ideia de um rei com duas rainhas, ambas esposas e irmãs. O Rei Aegon sempre tratou de honrar a Fé, confirmando os seus direitos e privilégios tradicionais, isentando de impostos a sua fortuna e as suas propriedades e afirmando que septões, septãs e outros membros dos Sete que fossem acusados de cometer algum delito só poderiam ser julgados pelos próprios tribunais da Fé.

O acordo entre a Fé e o Trono de Ferro continuou vigente durante todo o reinado de Aegon I. De 11 d.C. a 37 d.C., seis Altos Septões usaram a coroa de cristal; Sua Graça sempre conviveu em bons termos com todos eles, comparecendo ao Septo Estrelado sempre que vinha a Vilavelha. Apesar de tudo, porém, a questão do casamento incestuoso não era esquecida, fervendo como veneno por debaixo das reverências e cortesias. Se, por um lado, os Altos Septões do reinado de Aegon jamais criticaram o casamento do rei com as suas irmãs, por outro tampouco o declararam como um ato legal. Os membros mais humildes da Fé — os septões dos vilarejos, as santas irmãs, os irmãos mendicantes, os Pobres Irmãos — ainda acreditavam que era pecado um irmão e uma irmã se deitarem juntos ou um homem ter duas esposas.

Entretanto, como Aegon, o Conquistador, não gerou filhas, tais questões não vieram à tona de imediato. Os filhos do Dragão não tinham irmãs com quem pudessem se casar e, portanto, cada qual foi forçado a procurar uma noiva em outros locais.

O Príncipe Aenys foi o primeiro a se casar. Em 22 d.C., ele desposou Lady Alyssa, a filha donzela do Senhor das Marés, Aethan Velaryon, almirante e comandante da armada do Rei Aegon. Ambos tinham quinze anos e possuíam os mesmos cabelos platinados e os olhos violeta, já que os Velaryon eram uma antiga família descendente do ramo valiriano. A própria mãe do Rei Aegon pertencia a essa família e, então, tratava-se reconhecidamente de um casamento entre primos.

A união logo se revelou feliz e frutífera. No ano seguinte, Alyssa deu à luz uma filha. Aenys lhe deu o nome de Rhaena e o reino inteiro comemorou o acontecimento… A não ser, talvez, a Rainha Visenya. Todos concordavam que o Príncipe Aenys era o herdeiro do Trono de Ferro, mas, agora havia surgido uma questão: o Príncipe Maegor continuava a ser o segundo na linha de sucessão ou teria passado a ser o terceiro, ficando atrás da princesa recém-nascida? A Rainha Visenya propôs que a solução para o caso fosse firmar o noivado de Rhaena e de Maegor, que acabava de completar doze anos. No entanto, Aenys e Alyssa não aceitaram bem essa proposta… E quando ela chegou ao Septo Estrelado de

Vilavelha, o Alto Septão enviou um corvo avisando ao rei que tal casamento não seria visto com bons olhos pela Fé e propôs, então, outra noiva para Maegor: Ceryse Hightower, filha donzela do Senhor de Vilavelha (e sobrinha do próprio Alto Septão). Aegon, consciente das vantagens de estreitar os laços entre Vilavelha e a sua própria casa real, achou que a escolha era muito sensata e concordou com o noivado.

Foi assim que, em 25 d.C., Maegor Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, desposou Lady Ceryse Hightower no Septo Estrelado de Vilavelha e a cerimônia foi realizada pelo próprio Alto Septão. Maegor tinha treze anos; a noiva era dez anos mais velha do que ele… Mas todos os senhores que testemunharam a noite de núpcias afirmaram que o príncipe se revelou um marido fogoso e o próprio Maegor se vangloriou de haver consumado o casamento umas dez vezes naquela noite.

— Gerei um filho para a Casa Targaryen ontem à noite — proclamou enquanto tomava o seu desjejum.

O filho veio no ano seguinte… Mas o menino, que recebeu o nome de Aegon em homenagem ao avô, nasceu de Lady Alyssa e o seu pai era o Príncipe Aenys. Lady Ceryse não engravidou nos anos subsequentes, ao passo que Alyssa teve uma gravidez atrás da outra. Em 29 d.C., ela deu a Aenys um segundo menino, Viserys. Em 34 d.C., deu à luz Jaehaerys, seu quarto filho, mais um menino. Em 36 d.C., veio mais uma filha, Alysanne. Cada uma dessas crianças ia empurrando o Príncipe Maegor mais para baixo na linha de sucessão. Havia quem dissesse que ele ficava atrás até mesmo das filhas do irmão. E, durante todo esse tempo, Maegor e Ceryse continuavam sem filhos.

Nas liças de torneios e nos campos de batalha, porém, as proezas do Príncipe Maegor eram infinitamente superiores às do seu irmão. No grande torneio de Correrrio, em 28 d.C., o Príncipe Maegor derrubou três cavaleiros da Guarda Real com golpes sucessivos até ser derrubado por aquele que acabou se tornando campeão. Nos combates corpo a corpo, ninguém conseguia vencê-lo. Depois desses feitos, o seu pai o sagrou cavaleiro ali mesmo, impondo-lhe nada menos do que a célebre espada Blackfyre. Aos dezesseis anos, Maegor se tornou assim o mais jovem cavaleiros dos Sete Reinos.

E vieram ainda outras proezas. Em 29 d.C. e, novamente em 30 d.C., Maegor acompanhou Osmund Strong e Aethan Velaryon ao Septo de Pedras para expulsar Sargoso Saan, rei dos piratas lisenos, e participou de vários combates sangrentos, revelando-se tanto destemido quanto imortal. Em 31 d.C., ele perseguiu e matou lá nas terras fluviais um célebre cavaleiro ladrão conhecido como o Gigante do Tridente.

No entanto, Maegor ainda não era um cavaleiro de dragões. Embora inúmeros filhotes tenham nascido entre as chamas de Pedra do Dragão nos últimos anos do reinado de Aegon, e todos tenham sido oferecidos ao príncipe, este os recusou sistematicamente. Certo dia, na corte, a esposa do seu irmão brincou perguntando-se em voz alta se "o cunhado teria medo de dragões". Maegor se enfureceu com a provocação e replicou friamente que só havia um dragão digno dele.

Os últimos sete anos do reinado de Aegon, o Conquistador, foram pacíficos. Depois das frustrações da Guerra Dornesa, o rei aceitou a manutenção da independência dessa região e, montando Balerion, voou até Lançassolar no décimo aniversário dos acordos de paz para participar de um "banquete de amizade" com Deria Martell, princesa regente de Dorne. O Príncipe Aenys o acompanhou, montando Quicksilver, mas Maegor permaneceu em Pedra do Dragão. Aegon havia conseguido unificar os Sete Reinos a ferro e fogo, e muito sangue derramado; agora, porém, depois de celebrar o sexagésimo dia do seu nome, em 33 d.C., as coisas começaram a estagnar. Ainda dedicava-se metade do ano a visitar as terras reais, mas atualmente eram o Príncipe Aenys e a sua esposa Alyssa que viajavam de castelo em castelo enquanto o rei idoso ficava em casa, dividindo o seu tempo entre Pedra do Dragão e Porto Real.

O vilarejo de pescadores onde Aegon aportara pela primeira vez tinha se tornado uma cidade grande e malcheirosa que, na época, tinha uns cem mil habitantes. Só Vilavelha e Lannisporto eram maiores do que ele. Mesmo assim, sob certos aspectos, Porto Real praticamente não passava de uma caserna militar que havia adquirido um tamanho grotesco: era suja, fedorenta, nada planejada, impermanente. E o Forte de Aegon, que ocupava então praticamente metade da encosta da Grande Colina de Aegon, era tão feio quanto qualquer outro castelo dos Sete Reinos, uma mistura de madeira, argila e tijolos que há muito já havia ultrapassado as velhas paliçadas de troncos que eram as suas únicas paredes.

Com toda certeza, não era o local ideal para abrigar um grande rei. Em 35 d.C., Aegon voltou com toda a sua corte para Pedra do Dragão e deu ordens para que o Forte de Aegon fosse demolido a fim de que um novo castelo pudesse ser erigido em seu lugar. Desta vez, proclamou ele, a construção seria feita de pedra. Para supervisionar o projeto e a construção do novo castelo, o monarca nomeou a nova Mão do Rei, Lorde Alyn Stokeworth (Sor Osmund Strong morrera no ano anterior), e a Rainha Visenya. (Comentava-se na corte que o Rei Aegon havia encarregado Visenya da construção da Fortaleza Vermelha para não ter que suportar a sua presença em Pedra do Dragão.)

Aegon, o Conquistador, faleceu após um derrame em Pedra do Dragão, no

trigésimo sétimo ano depois da Conquista. Os netos Aegon e Viserys estavam à beira do seu leito de morte na Sala da Mesa Pintada; o rei lhes mostrava detalhes das suas conquistas. O Príncipe Maegor, que, na época, residia em Pedra do Dragão, fez o discurso fúnebre diante do corpo do pai, que jazia sobre uma pira no pátio do castelo. O rei estava vestido com a sua armadura de batalha e tinha as mãos cruzadas sobre o punho da Blackfyre. Desde os tempos da antiga Valíria, sempre fora costume da Casa Targaryen queimar os seus mortos em vez de enterrar os restos mortais no solo. Vhagar trouxe o fogo para acender a pira. A Blackfyre foi queimada junto com o rei, mas, depois, Aenys a recuperou. A lâmina da espada estava escurecida pelas chamas, mas, afora isso, permanecia intacta. Nenhum fogo comum era capaz de danificar o aço valiriano.

Sobreviveram ao Dragão a sua irmã Visenya, os seus filhos Aenys e Maegor e cinco netos. Por ocasião da morte do pai, Aenys tinha trinta anos e o seu irmão, vinte e cinco.

Aenys estava em Jardim de Cima, em meio à sua viagem pelo reino, mas Quicksilver o trouxe de volta a Pedra do Dragão para o funeral. Depois disso, ele envergou a coroa de ferro e rubis e o Grande Meistre Gawen o proclamou Aenys, da Casa Targaryen, Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Reino. Lordes, cavaleiros e septões que tinham vindo até Pedra do Dragão para prestar sua homenagem ao rei morto dobraram o joelho e baixaram a cabeça. Quando chegou a vez do Príncipe Maegor, Aenys o fez se erguer, deu-lhe um beijo no rosto e disse:

— Irmão, nunca mais volte a dobrar o joelho diante de mim. Juntos, você e eu governaremos este reino.

Então o rei entregou a espada do pai, a Blackfyre, ao irmão, dizendo-lhe:

— Você é mais digno do que eu de portar esta espada. Use-a a meu serviço e ficarei feliz com isso.

Em seguida, o novo rei embarcou para Porto Real, onde encontrou o Trono de Ferro em meio a montes de destroços e de lama. O velho Forte de Aegon havia sido demolido e buracos e túneis pontilhavam a colina onde estavam sendo escavados os porões e instalados os alicerces da Fortaleza Vermelha, mas o novo castelo ainda não tinha começado a se erguer. Apesar disso, porém, milhares de pessoas apareceram para saudar o Rei Aenys enquanto este assumia a trono paterno que agora era seu. Depois, Sua Graça partiu para Vilavelha para receber a bênção do Alto Septão, passando por Correrrio, Lannisporto e Jardim de Cima acompanhado pela grande caravana real. A esposa e os filhos viajaram com ele e durante todo o trajeto pelas estradas a plebe acorria às centenas e aos milhares

para saudar os seus novos rei e rainha. No Septo Estrelado, o Alto Septão o ungiu, como fizera com o seu pai, e o presenteou com uma coroa de ouro amarelo com o rosto dos Sete incrustados em jade e pérolas.

No entanto, no mesmo momento em que Aenys recebia a bênção do Alto Septão, já havia quem duvidasse de sua aptidão para ocupar o Trono de Ferro. Westeros precisava de um guerreiro, não de um sonhador, era o que se sussurrava, e, dos dois filhos do rei, o Príncipe Maegor era sem dúvida o Dragão mais forte. E a primeira a fomentar esses rumores era a mãe de Maegor, a Rainha Viúva Visenya Targaryen.

— A verdade é clara como água — teria ela dito. — Até mesmo Aenys pode vê-la. Por que outro motivo teria dado a Blackfyre ao meu filho? Ele sabe que só Maegor tem a força para governar.

A coragem do jovem rei seria posta à prova muito antes do que se poderia imaginar. As Guerras da Conquista haviam deixado sua marca. Por todo o reino, filhos cresciam sonhando em vingar a morte dos pais ocorrida tanto tempo atrás. Cavaleiros se lembravam dos dias em que um homem a cavalo, portando espada e usando armadura, foi destruindo o que estivesse no seu caminho para atingir riquezas e glória. Lordes não se esqueciam de uma época em que não precisavam da permissão real para cobrar impostos da plebe que vivia nas suas terras ou para matar os seus inimigos.

— Os grilhões forjados pelo Dragão ainda podem ser quebrados — diziam os insatisfeitos. — Podemos recuperar a nossa liberdade, mas agora é o momento de agir, pois o novo rei é fraco.

Os primeiros movimentos de revolta ocorreram nas terras fluviais, em meio às ruínas colossais de Harrenhal. Aegon havia concedido o castelo a Sor Quental Qoherys, o seu antigo mestre de armas. Quando Lorde Qoherys faleceu, em consequência de uma queda de cavalo, em 9 d.C., o título passou para o seu neto Gargon, um indivíduo gordo e tolo com um incrível apetite por mocinhas e que passou a ser chamado Gargon, o Convidado. Em pouco tempo, Lorde Gargon já era famoso pelo infame costume de aparecer em todos os casamentos realizados em seus domínios para poder usufruir do seu direito senhorial de passar a primeira noite com a noiva. Impossível imaginar convidado mais indesejável. E também tomava liberdades com as esposas e as filhas dos seus próprios vassalos.

Ainda percorrendo as suas terras, o Rei Aenys estava hospedado na propriedade de Lorde Tully de Correrrio, quando o pai de uma donzela cuja honra havia sido arruinada por Lorde Qoherys abriu uma das poternas para um fora da lei que se denominava Harren, o Vermelho, e alegava ser um dos netos de Harren, o Negro. Os homens do seu bando arrancaram sua senhoria da cama e

o arrastaram para o bosque sagrado do castelo, onde Harren decepou os seus órgãos genitais e os deu de comer a um cachorro. Uns poucos homens de armas leais ao seu senhor acabaram mortos; os demais se aliaram a Harren, que se autoproclamou Lorde de Harrenhal e Rei dos Rios (como não era nascido no ferro, não reivindicou a posse das ilhas).

Assim que as notícias chegaram a Correrrio, Lorde Tully insistiu para que o rei montasse em Quicksilver e fosse para Harrenhal como o seu pai havia feito no passado. Sua Graça, porém, pensando na morte da própria mãe em Dorne, mandou que Tully reunisse os seus homens e permanecesse em Correrrio enquanto as tropas não estivessem devidamente formadas. Foi só quando mil homens haviam sido reunidos que Aenys partiu… Mas, quando chegaram a Harrenhal, encontraram o local vazio e repleto de cadáveres. Harren, o Vermelho, havia matado os vassalos leais a Lorde Gargon e levado o seu bando para os bosques.

Quando Aenys chegou de volta a Porto Real, as notícias eram ainda piores. Nas terras do Vale, o irmão mais moço de Lorde Ronnel Arryn, Jonos, havia deposto e mandado prender o irmão leal ao rei, e se autoproclamado Rei da Montanha e do Vale. Nas Ilhas de Ferro, outro sacerdote-rei havia saído do mar declarando ser Lodos, o Duas Vezes Afogado, filho do Deus Afogado, que finalmente voltara de uma visita feita ao seu pai. E no cimo das Montanhas Vermelhas de Dorne, um impostor convocava o Rei Abutre e conclamava todos os verdadeiros dorneses a vingar os males impostos a Dorne pelos Targaryen. Embora a Princesa Deria o tivesse denunciado, jurando que ela e todos os dorneses leais só desejavam a paz, vários desfraldaram as suas bandeiras e desceram as encostas, subindo as dunas através das trilhas de cabras nas montanhas rumo à Campina.

“Esse Rei Abutre é meio louco e os seus seguidores são uma turba indisciplinada e suja”, escreveu Lorde Harmon Dondarrion em carta dirigida ao rei. “A cinquenta léguas de distância, já se pode saber que estão se aproximando pelo fedor que exalam.” Não tardou muito, porém, para que essa mesmíssima ralé investisse contra o seu castelo de Portonegro e se apoderasse dele. O Rei Abutre em pessoa arrancou o nariz de Dondarrion e incendiou Portonegro antes de ir embora.

O Rei Aenys sabia que esses rebeldes precisavam ser derrotados, mas parecia incapaz de se decidir por onde começar. O Grande Meistre Gawen escreveu que o rei parecia não conseguir compreender por que aquilo estava acontecendo. O povo o amava, não era verdade? Será que Jonos Arryn, esse novo Lodos, o Rei Abutre os tinha enganado? Se a sua gente tinha queixas a fazer, por que não vir

até ele?

— Eu os teria atendido — declarou o rei.

Aventou a hipótese de enviar mensageiros para perguntar aos rebeldes quais eram as razões daquelas ações. Temendo que Porto Real pudesse não estar a salvo com Harren, o Vermelho, ali por perto, mandou a esposa e os filhos para Pedra do Dragão. Ordenou que Lorde Alyn Stokeworth, a sua Mão, levasse uma esquadra e um exército para as terras do Vale para enfrentar Jonos Arryn e devolver o poder ao seu irmão Ronnel. Mas, quando os navios estavam prestes a zarpar, o rei voltou atrás na sua ordem, temendo que a partida de Stokeworth deixasse Porto Real absolutamente indefesa. Decidiu, então, enviar a sua Mão apenas com uma centena de homens para caçar Harren, o Vermelho, e convocar um grande conselho para discutir qual seria a melhor maneira de derrotar os outros rebeldes.

Enquanto o rei continuava indeciso, os seus senhores tomaram a dianteira. Alguns agindo por conta própria, outros aliados à Rainha Viúva. No Vale, Lorde Allard Royce, de Pedrarruna, reuniu um punhado de senhores leais e, juntos, investiram contra o Ninho da Águia, derrotando com facilidade os seguidores do autoproclamado Rei da Montanha e do Vale. Quando, porém, exigiram a libertação do seu senhor legítimo, Jonos Arryn lhes mandou o irmão pela Porta da Lua. Esse foi o triste fim de Ronnel Arryn, que, por três vezes, havia sobrevoado a Lança do Gigante montado num dragão. O Ninho da Águia era inexpugnável para qualquer tipo de investida comum, portanto, o "Rei" Jonos e os seus fiéis seguidores desafiaram as tropas leais à coroa e se instalaram ali apesar do cerco… Até que o Príncipe Maegor apareceu voando pelos céus, montado em Balerion. Finalmente, o filho do Conquistador havia escolhido o seu dragão: nada menos que o Terror Negro, o maior de todos eles.

Para não enfrentar as suas chamas, a guarnição do Ninho da Águia aprisionou o embusteiro e o entregou a Lorde Royce. Mais uma vez, a Porta da Lua foi aberta e Jonos, o assassino de parentes, foi lançado por ela como havia feito com o irmão. A rendição impediu que os seguidores do Rei Abutre ardessem em fogo, mas não os salvou da morte. Depois de tomar posse do Ninho da Águia, o Príncipe Maegor ordenou que fossem executados. Até mesmo aos de mais alto nascimento foi negada a honra de morrer pela espada; traidores só merecem uma corda, decretou Maegor. E, então, os cavaleiros capturados foram enforcados nus nas muralhas do Ninho da Águia, esperneando enquanto eram lentamente estrangulados. Hubert Arryn, primo dos irmãos mortos, foi proclamado Senhor do Vale. Como ele já havia gerado seis filhos com a senhora sua esposa, uma Royce de Pedrarruna, considerava-se que a sucessão da Casa Arryn estaria

assegurada.

Nas Ilhas de Ferro, Goren Greyjoy, Senhor Ceifeiro de Pyke, também deu fim ao “Rei” Lodos (Segundo do Seu Nome) comandando uma centena de navios para atacar a Velha Wyk e a Grande Wyk, onde os seguidores do embusteiro eram mais numerosos, e abatendo milhares deles. Depois, enviou a Porto Real a cabeça do rei-sacerdote preservada em salmoura. O Rei Aenys ficou tão satisfeito com tal presente que ofereceu a Greyjoy qualquer benefício que este desejasse. Essa decisão acabou por se revelar insensata. Lorde Goren, que ambicionava provar ser ele próprio um filho verdadeiro do Deus Afogado, pediu ao rei o direito de expulsar todos os septões e septãs que haviam se instalado nas Ilhas de Ferro depois da Conquista para converter os habitantes da região à fé dos Sete. O Rei Aenys não teve outra alternativa senão concordar.

A maior e mais ameaçadora rebelião continuava sendo a do Rei Abutre junto à Marca de Dorne. Embora a Princesa Deria não parasse de lançar denúncias lá de Lançassolar, muitos suspeitavam de que ela estivesse fazendo jogo duplo, pois não combatia os rebeldes e havia até quem dissesse que ela estaria lhes mandando homens, dinheiro e suprimentos. Verdade ou não, centenas de cavaleiros dorneses e vários milhares de guerreiros experientes haviam se aliado ao bando do Rei Abutre e este bando crescera consideravelmente, sendo agora formado por mais de trinta mil homens. As suas tropas eram tão grandes que o Rei Abutre tomou uma decisão insensata e dividiu as suas forças. Enquanto ele próprio marchou para Nocticantiga e Monte Chifre com metade do poderio dornês, a outra metade dirigiu-se para o Leste para sitiar Pedrelmo, sede da Casa Swann, sob o comando de Lorde Walter Wyl, filho do Amante de Viúvas.

Ambas as hostes foram derrotadas. Orys Baratheon, agora conhecido como Orys Uma-Mão, partiu pela última vez de Ponta Tempestade para esmagar os dorneses ao pé das muralhas de Pedrelmo. Quando lhe entregaram Walter Wyl ferido, mas ainda vivo, Lorde Orys disse:

— O seu pai arrancou a minha mão. Exijo a sua como compensação.

Dito isso, decepou a mão com a qual Lorde Walter empunhava a espada. Depois, decepou também a outra e os dois pés, alegando estar cobrando a dívida com “juros”. O curioso é que Lorde Baratheon morreu durante o trajeto de volta a Ponta Tempestade em consequência de ferimentos recebidos durante a batalha, mas o seu filho Devos sempre disse que ele morreu satisfeito, sorrindo diante das mãos e dos pés já em decomposição que havia pendurado na sua tenda como se fosse uma réstia de cebolas.

O próprio Rei Abutre não foi muito mais bem-sucedido. Sem conseguir capturar Nocticantiga, abandonou o cerco e rumou para o oeste, mas acabou

tendo as tropas de Lady Caron às suas costas indo se unir a um forte contingente de infantaria liderado por Harmon Dondarrion, o mutilado Senhor de Portonegro. Nesse meio-tempo, Lorde Samwell Tarly, de Monte Chifre, apareceu de súbito do outro lado das linhas dornesas com vários milhares de cavaleiros e arqueiros. O Selvagem Sam Tarly, como esse senhor era conhecido, provou ser digno desse apelido na batalha sangrenta que se seguiu a esse encontro, abatendo dezenas de dorneses com a Veneno de Coração, a sua fabulosa espada de aço valiriano. O Rei Abutre tinha duas vezes mais homens do que os seus três adversários juntos; a maioria deles, porém, era mal treinada e indisciplinada. Quando esses homens tiveram que enfrentar, tanto na vanguarda quanto na retaguarda, cavaleiros envergando armaduras, as suas fileiras se dispersaram. Atirando ao chão espadas e escudos, os dorneses debandaram, correndo para as montanhas distantes, mas os exércitos dos senhores os perseguiram e acabaram matando a todos, no episódio que ficou conhecido como a “Caçada ao Abutre”.

Já o chefe dos rebeldes, aquele que se autodenominava Rei Abutre, foi capturado com vida e amarrado nu entre dois mourões pelo Selvagem Sam Tarly. Os menestréis gostam de dizer que ele foi despedaçado pelos próprios abutres cujo estilo imitava, mas a verdade é que ele acabou morrendo de sede e por ficar exposto às intempéries. As aves de rapina só desceram dos céus bem depois da sua morte. (Em séculos mais recentes, vários outros indivíduos assumiriam o título de “Rei Abutre”; ninguém sabe dizer, porém, se eles tinham o mesmo sangue do primeiro.)

O primeiro dos rebeldes acabou sendo também o último, mas, finalmente, Harren, o Vermelho, foi capturado num vilarejo a oeste do Olho de Deus. O rei fora da lei não morreu tranquilamente. No seu derradeiro combate, matou Lord Alyn Stokeworth, a Mão do Rei, antes de ser abatido por Bernarr Brune, o escudeiro de Stokeworth. Como prova de sua gratidão, o Rei Aenys sagrou Brune cavaleiro e recompensou Davos Baratheon, Samwell Tarly, Dondarrion Sem-Nariz, Ellyn Caron, Allard Royce e Goren Greyjoy com ouro, cargos e honrarias. As maiores aclamações foram reservadas para o seu próprio irmão. O Rei Aenys o abraçou diante de uma multidão entusiasmada e o nomeou Mão do Rei. E quando, no final do ano, dois jovens dragões saíram dos ovos nas crateras fumegantes de Pedra do Dragão, o fato foi interpretado como um presságio.

No entanto, a cordialidade entre os filhos do Dragão não durou muito.

Talvez esse conflito fosse inevitável, uma vez que os dois irmãos tinham temperamentos muito diferentes. Afável e de fala mansa, o Rei Aenys, pelo que se dizia, amava a esposa, os filhos e o seu povo, e tudo o que desejava era ser

também amado por eles. Há tempos que a espada e a lança haviam perdido qualquer fascínio que pudessem exercer sobre o monarca. Este preferia mil vezes se lançar aos estudos da alquimia, da astronomia e da astrologia; adorava a música e a dança; usava as sedas, os brocados e os veludos mais finos; e gostava da companhia dos meistres, dos septões e dos sábios.

Já o seu irmão Maegor, mais alto, mais corpulento e assustadoramente forte, não tinha paciência para nada disso. A sua vida eram a guerra, os torneios e os combates. Com toda justiça, era considerado um dos melhores cavaleiros em Westeros, embora a sua selvageria nos campos de batalha e a sua impiedade para com os inimigos também fossem muitas vezes comentadas. O Rei Aenys estava sempre procurando agradar; quando se via diante de dificuldades, respondia com palavras de brandura, ao passo que Maegor sempre reagia a ferro e fogo. O Grande Meistre Gawen escreveu que Aenys confiava em todos; Maegor, em ninguém. O rei era facilmente influenciado, observou Gawen, indo por aqui e por ali ao sabor do vento, como se as opiniões dos seus conselheiros jamais conseguissem atingir os seus ouvidos. Por sua vez, o Príncipe Maegor era rígido como um vergalhão de ferro, resoluto e inflexível.

A despeito de tais diferenças, os filhos do Dragão continuaram a governar juntos, em termos amistosos, por praticamente dois anos. Mas, em 39 d.C., a Rainha Alyssa deu ao Rei Aenys mais um herdeiro, uma menina chamada Vaella que, infelizmente, morreu pouco depois. Talvez tenha sido essa demonstração da fertilidade da rainha que levou o Príncipe Maegor a tomar a atitude que tomou. Fosse qual fosse o motivo, porém, o fato é que ele chocou tanto o reino quanto o rei ao anunciar subitamente que Lady Ceryse era estéril e que, por isso, ele havia escolhido uma segunda esposa, Alys Harroway, filha do novo Senhor de Harrenhal. O casamento se realizou em Pedra do Dragão, sob a proteção da Rainha Viúva Visenya. Como o septão do castelo se recusou a oficiar a cerimônia, Maegor e a noiva se casaram segundo o rito valiriano de “sangue e fogo”.

As bodas ocorreram sem a permissão, o conhecimento ou a presença do Rei Aenys. Quanto a notícia se propagou, os dois meios-irmãos tiveram uma briga feia. E Sua Graça não era a única pessoa enraivecida. Lorde Hightower, pai de Lady Ceryse, apresentou um protesto ao rei exigindo que Lady Alys fosse afastada da corte. E, no Septo Estrelado de Vilavelha, o Alto Septão tomou providências ainda mais extremas, denunciando o casamento de Maegor como pecado e adultério, e referindo-se à jovem esposa do príncipe como “essa prostituta Harroway”. Nenhum verdadeiro filho ou filha dos Sete jamais ousaria chegar a esse ponto, esbravejou o sacerdote. O Príncipe Maegor manteve a sua

atitude desafiadora. O seu pai havia desposado ambas as irmãs, alegou; as escrituras da Fé podiam reger a vida do povo, mas não daqueles que tinham nas veias o sangue do Dragão. Nada que o Rei Aenys pudesse dizer foi capaz de curar a ferida aberta por essas palavras do irmão, e vários senhores religiosos pelos quatro cantos dos Sete Reinos condenaram tal casamento e começaram a falar abertamente da "Prostituta de Maegor".

Pressionado e furioso, o Rei Aenys obrigou o irmão a escolher: deixar Alys Harroway e voltar para Lady Ceryse ou aguentar cinco anos de vida no exílio. O Príncipe Maegor escolheu o exílio. Em 40 d.C., ele partiu para Pentos, levando consigo Lady Alys, o seu dragão Balerion e a espada Blackfyre (diz-se que Aenys exigiu que o irmão lhe devolvesse a Blackfyre, mas este teria respondido: "Vossa Graça é bem-vinda se quiser vir até aqui e tirá-la de mim.") Lady Ceryse foi deixada em Porto Real.

Para substituir o irmão no posto de Mão do Rei, Aenys procurou o Septão Murmison, um clérigo piedoso que, ao que se dizia, podia curar os doentes por imposição das mãos. (O rei lhe pedia que pusesse as mãos sobre o ventre de Lady Ceryse toda noite, na esperança de que Maegor viesse a se arrepender da loucura que havia cometido caso a sua esposa legítima pudesse se tornar fértil; a dama, porém, logo se cansou daquele ritual noturno e foi embora de Porto Real, voltando para Vilavelha, onde foi viver com o pai em Torralta.) Com toda certeza, Sua Graça esperava que a escolha feita pudesse apaziguar os ânimos da Fé. Mas estava enganado. O Septão Murmison não foi capaz de curar o reino, exatamente como não havia sido capaz de tornar Ceryse Hightower uma mulher fértil. O Alto Septão continuou esbravejando e, pelos quatro cantos do reino, os senhores, no seio das suas terras, falavam da fraqueza do monarca. "Como ele pode governar os Sete Reinos se não pode controlar o próprio irmão?", era o que se dizia.

Entretanto, por estranho que pareça, o rei permanecia alheio à insatisfação que se instalava nos seus domínios. A paz voltara a reinar; o seu irmão problemático estava longe, a uma distância segura, do outro lado do mar estreito, e um novo castelo começava a se erguer sobre a Grande Colina de Aegon: todo feito de pedras de um vermelho claro, a nova sede do reino seria maior e mais luxuosa do que Pedra do Dragão, mais bonita do que Harrenhal, com muralhas maciças, barbacãs e torres capazes de deter qualquer inimigo. Os habitantes de Porto Real batizaram o novo castelo de Fortaleza Vermelha. A sua construção acabou se tornando uma obsessão para o monarca. "Os meus descendentes governarão deste lugar por milhares de anos", declarou Sua Graça. E, pensando nesses descendentes, Aenys Targaryen cometeu um terrível erro no ano de 41

d.C.: concedeu a mão da filha Rhaena ao filho Aegon, o herdeiro do Trono de Ferro.

A princesa tinha dezoito anos, e o príncipe, quinze. Um casamento real é um acontecimento alegre, motivo de celebração; este, porém, era uma união incestuosa contra a qual o Alto Septão sempre se posicionara, e o Septo Estrelado o condenou como sendo uma obscenidade, além de declarar que os filhos nascidos de tal união seriam "abominações aos olhos de deuses e homens". No dia do casamento, as ruas em torno do Septo da Memória — construído por um antigo Alto Septão no topo da Colina de Rhaenys e assim denominado em homenagem à falecida rainha — estavam tomadas por Filhos do Guerreiro envergando armaduras prateadas reluzentes e que fitavam enfurecidos os convidados das bodas reais que por ali passavam a pé, a cavalo ou em liteiras. Os senhores mais sensatos, talvez já contando com isso, se mantiveram a distância.

Os que compareceram viram bem mais do que um casamento. No banquete que se seguiu à cerimônia, o Rei Aenys piorou ainda mais as coisas ao atribuir ao seu herdeiro Aegon o título de Príncipe de Pedra do Dragão. Diante dessas palavras, ouviu-se um murmúrio entre todos os presentes, pois ninguém ignorava que esse título havia pertencido ao Príncipe Maegor. Na mesa principal, a Rainha Visenya se levantou e deixou o salão sem a permissão do rei. Naquela mesma noite, montada em Vhagar, ela retornou a Pedra do Dragão e, segundo os registros, quando o seu dragão passou diante da lua o círculo do satélite se tornou vermelho como sangue.

Aparentemente, Aenys Targaryen não percebia até que ponto havia erguido o reino contra a sua pessoa. Numa tentativa de recuperar o apoio dos menos favorecidos, enviou Aegon e Rhaena em viagem pelo reino, mas acabou descobrindo que eles eram insultados por onde quer que passassem. O Septão Murmison, Mão do Rei, foi expulso da Fé como punição por ter oficiado o casamento. O monarca logo tratou de escrever ao Alto Septão, pedindo que Sua Santidade reintegrasse o "bom Murmison" e explicando a longa história de matrimônios entre irmãos na antiga Valíria. A resposta do Alto Septão foi tão brutal que Sua Graça empalideceu ao lê-la. Longe de conceder o que lhe era solicitado, o Pastor da Fé dirigiu-se a Aenys como "Rei Abominável", declarando que ele era um impostor e um tirano que não tinha o direito de governar os Sete Reinos.

Os seguidores da Fé lhe deram ouvidos. Menos de quinze dias mais tarde, quando o Septão Murmison passava pelas ruas da cidade na sua liteira, um grupo de Pobres Companheiros apareceu saindo de um beco e o retalhou com os seus

machados. Os Filhos do Guerreiro começaram a fortificar a Colina de Rhaenys, transformando o Septo da Memória em sua cidadela. Com a Fortaleza Vermelha ainda longe de estar concluída, o rei decidiu que a sua residência no alto da Colina de Visenya era excessivamente vulnerável e começou a providenciar uma mudança para Pedra do Dragão, juntamente com a Rainha Alyssa e os seus filhos mais moços. Foi uma sábia precaução. Três dias antes de a família real embarcar, dois Pobres Companheiros escalaram as muralhas do palácio e invadiram o quarto do rei. Só a pronta intervenção de Sor Raymont Baratheon, membro da Guarda Real, conseguiu salvar o rei da morte certa.

Sua Graça estava cedendo a Colina à própria Visenya. Em Pedra do Dragão, a Rainha Viúva o teria recebido com as palavras que ficaram famosas:

— Você é tolo e fraco, sobrinho. Acha que algum homem jamais ousaria falar nesses termos com o seu pai? Você possui um dragão. Pois trate de usá-lo. Voe até Vilavelha e transforme o Septo Estrelado em outro Harrenhal. Ou me dê a sua permissão para enfrentar aquele sacerdote imbecil em seu lugar. Vhagar está ficando velha, mas as suas chamas ainda ardem com toda a força.

Aenys não quis saber dessa proposta; preferiu enviar a Rainha Viúva para os seus aposentos na Torre do Dragão Marinho, ordenando-lhe que permanecesse ali dentro.

Em fins de 41 d.C., a maior parte do reino estava mergulhada nos tormentos de uma rebelião contra a Casa Targaryen. Os quatro falsos reis que haviam surgido depois da morte de Aegon, o Conquistador, pareciam agora figuras menores se comparadas à ameaça trazida pelo novo levante, pois esses rebeldes consideravam-se soldados dos Sete, combatendo numa guerra santa contra a tirania infiel.

Por todos os Sete Reinos, dezenas de senhores religiosos acorreram a essa conclamação, empunhando as suas bandeiras e declarando fidelidade ao Septo Estrelado. Os Filhos do Guerreiro apoderaram-se dos portões de Porto Real, passando a controlar quem entrasse ou saísse da cidade, e mandaram trabalhadores para a Fortaleza Vermelha ainda inacabada. Milhares de Pobres Companheiros seguiram estradas afora, obrigando os viajantes a declarar se estavam do lado “dos deuses ou da abominação”, e protestando diante dos portões dos castelos até que os seus senhores aparecessem para denunciar o rei Targaryen. O Príncipe Aegon e a sua esposa foram obrigados a desistir da viagem pelo reino e se abrigar no castelo de Paço de Codorniz. Um emissário do Banco de Ferro de Braavos, enviado a Vilavelha para discutir a situação com Lorde Hightower, escreveu ao banco dizendo que o Alto Septão era “o verdadeiro rei de Westeros, extraoficialmente”.

A virada do novo ano encontrou o Rei Aenys ainda em Pedra do Dragão, arrasado pelo medo e pela indecisão. Sua Graça tinha apenas trinta e cinco anos, mas, ao que se dizia, parecia um homem de sessenta, e o Grande Meistre Gawen registrou que era comum ele ficar de cama com diarreia e cólicas estomacais. Quando nenhum dos tratamentos adotados pelo Grande Meistre teve sucesso, a Rainha Viúva passou a cuidar do rei e, por algum tempo, ele pareceu melhorar… No entanto, sofreu um súbito colapso ao ficar sabendo que milhares de Pobres Companheiros haviam cercado Paço de Codorniz, onde o seu filho e a sua filha estavam vivendo como "hóspedes" contrariados. Três dias depois, o rei veio a falecer.

Como acontecera com o seu pai, Aenys Targaryen, Primeiro do Seu Nome, foi cremado numa pira no pátio de Pedra do Dragão. Em seu funeral, estavam presentes os seus filhos Viserys e Jaehaerys, de doze e sete anos respectivamente, e a sua filha Alysanne, de cinco anos. A Rainha Alyssa entoou uma elegia para ele. A Rainha Viúva Visenya não compareceu. Cerca de uma hora após a morte do rei, ela havia montado Vhagar e voado para o leste, atravessando o mar estreito.

Quando voltou, estava acompanhada do Príncipe Maegor, montado em Balerion.

Maegor permaneceu em Pedra do Dragão apenas pelo tempo suficiente para reclamar a coroa; não aquela de ouro toda enfeitada com as imagens dos Sete, que Aenys sempre preferiu, mas a de ferro que pertencera ao pai de ambos e que era ornada com rubis vermelhos como sangue. A sua mãe o coroou, e os senhores e cavaleiros ali reunidos dobraram o joelho quando ele se autoproclamou Maegor da Casa Targaryen, Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Protetor do Reino.

O Grande Meistre Gawen foi o único que ousou fazer objeção a tal proclamação. Pelas leis da sucessão, leis que o próprio Conquistador havia decretado depois da Conquista, o Trono de Ferro seria herdado por Aegon, filho do Rei Aenys, declarou o velho.

— O Trono de Ferro vai para o homem que tem a força para se apossar dele — replicou Maegor.

Logo a seguir, decretou a execução imediata do Grande Meistre e ele próprio decepou a cabeça grisalha de Gawen com um único golpe da Blackfyre. A Rainha Alyssa e os seus filhos não compareceram à coroação do Rei Maegor. Horas depois do funeral do esposo, ela os tinha levado de Pedra do Dragão, viajando para o castelo do seu pai nos arredores de Derivamarca. Ao ser informado dessa partida, Maegor deu de ombros… E, então, retirou-se para a

Câmara da Mesa Pintada, acompanhado de um meistre, e ditou cartas para todos os senhores do reino, fossem eles grandes ou pequenos.

Durante aquele dia, uma centena de corvos alçou voo pelos céus. No dia seguinte, o próprio Maegor fez o mesmo. Montado em Balerion, atravessou a Baía da Água Negra rumo a Porto Real, acompanhado da Rainha Viúva Visenya, que montava Vhagar. O retorno dos dragões provocou diversos tumultos pela cidade. Centenas de pessoas tentaram escapar dali, mas encontraram os portões fechados e protegidos por guardas. Os Filhos do Guerreiro protegiam as muralhas da cidade, tentando evitar o caos que se instalaria na Fortaleza Vermelha e na Colina de Rhaenys, onde ficava o Septo da Memória, que eles haviam transformado em sua fortaleza. Os Targaryen ergueram os seus estandartes no topo da Colina de Visenya e convocaram todos os homens leais a virem se juntar a eles. Milhares atenderam a essa convocação. Visenya Targaryen proclamou que o seu filho Maegor estava ali para reinar.

— Um rei de verdade, sangue de Aegon, o Conquistador, meu irmão, meu esposo e meu amado. Se alguém questionar o direito que o meu filho tem ao Trono de Ferro, deixe que ele prove essa reivindicação com o próprio corpo.

Os Filhos do Guerreiro não tardaram muito a aceitar o desafio que Visenya havia lançado. Desceram em cavalgada a Colina de Rhaenys. Era setecentos cavaleiros envergando armaduras de aço e comandados pelo seu grande capitão, Sor Damon Morrigen, denominado Damon, o Devoto.

— Não vamos trocar palavras — disse-lhe Maegor. — As espadas é que vão decidir esta questão.

Sor Damon concordou; os deuses garantiriam a sua vitória, pois combatia por uma causa justa, declarou.

— Que cada lado tenha sete lutadores, como acontecia entre os ândalos dos velhos tempos. Conseguiria seis homens para lutar ao seu lado?

Pois Aenys havia levado a Guarda Real para Pedra do Dragão, e Maegor ficou ali sozinho.

Voltando-se para a multidão, gritou:

— Quem vem se postar ao lado do seu rei?

Muitos se afastaram, amedrontados, ou fingiram não ter ouvido nada, já que as proezas dos Filhos do Guerreiro eram bem conhecidas de todos. Finalmente, porém, um homem se ofereceu: não se tratava de um cavaleiro, mas sim de um simples homem de armas que se chamava Dick Bean.

— Fui um homem do rei desde menino — disse ele —, e pretendo morrer como um homem do rei.

Só então o primeiro cavaleiro deu um passo à frente.

— Esse Bean nos envergonha a todos! — gritou. — Não há nenhum cavaleiro aqui? Nenhum homem leal?

Quem falava era Bernarr Brune, o escudeiro que havia matado Harren, o Vermelho, e fora sagrado cavaleiro pelo próprio Rei Aenys. O seu desprezo levou outros homens a oferecerem as suas espadas. Os nomes dos quatro que Maegor escolheu estão devidamente registrados na história de Westeros: Sor Bramm de Casco Negro, um cavaleiro andante; Sor Rayfort Rosby; Sor Guy Lothston, denominado Guy, o Glutão; e Sor Lucifer Massey, Senhor de Bailepedra.

Os nomes dos sete Filhos do Guerreiro também nos chegaram pelos registros históricos. Eram eles: Sor Damon Morrigen, denominado Damon, o Devoto, capitão da Ordem dos Filhos do Guerreiro; Sor Lyle Bracken; Sor

Harys Horpe, conhecido como Harry Caveira; Sor Aegon Ambrose;

Sor Dickon Flowers, o Bastardo de Beesbury; Sor William, o Andarilho, e Sor Garibald das Sete Estrelas, o cavaleiro do septão. Está escrito que Damon, o Devoto, fez uma oração com os seus combatentes, pedindo ao Guerreiro que assegurasse a força dos seus braços.

Pouco depois, a Rainha Viúva deu a ordem para que os combates começassem, e assim se fez.

Dick Bean foi o primeiro a morrer pela espada de Lyle Bracken poucos instantes após o início do confronto. A partir daí, os relatos diferem consideravelmente. Um cronista diz que, quando o gordíssimo Sor Guy, o Glutão, foi ferido, jorraram do seu corpo os restos de quarenta tortas parcialmente digeridas. Outro registra que Sor Garibald das Sete Estrelas entoava um cântico religioso enquanto lutava. Vários escrevem que Lorde Massey arrancou o braço de Harys Horpe. Segundo outra narrativa, Harry Caveira passou o machado para a outra mão e o enterrou entre os olhos de Lorde Massey. Ainda há cronistas que sugerem que Sor Harys simplesmente morreu. Alguns dizem que os combates se estenderam por horas a fio; outros, que a maioria dos combatentes caiu e morreu em poucos instantes. Todos concordam que grandes proezas foram realizadas e que trocaram-se golpes furiosos, até que, afinal, só restaram de pé Maegor Targaryen contra Damon, o Devoto, e William, o Andarilho. Ambos os Filhos do Guerreiro estavam seriamente feridos, e Sua Graça empunhava a Blackfyre; mesmo assim foi por pouco, ponto em que menestréis e meistres estão de acordo. Mesmo caindo, Sor William desfechou um golpe terrível na cabeça do rei, golpe que rachou o seu elmo e o deixou sem sentidos. Muita gente achou que Maegor estava morto até que a sua mãe retirou o elmo que lhe cobria a cabeça.

— O rei está respirando — declarou ela. — O rei está vivo.

E a vitória coube a ele.

Sete dos mais poderosos Filhos do Guerreiro estavam mortos, inclusive o seu comandante. Ainda restavam, porém, mais de setecentos que, empunhando armas e envergando armaduras, estavam reunidos no topo da colina. A Rainha Visenya ordenou que o filho fosse levado até os meistres. Enquanto a liteira era levada colina abaixo, as Espadas da Fé caíram de joelhos em sinal de submissão. A Rainha Viúva mandou que todos voltassem para a sua fortificação no alto da Colina de Rhaenys.

Por vinte e sete dias, Maegor Targaryen esteve entre a vida e a morte, enquanto meistres o tratavam com poções e cataplasmas, e septões rezavam diante do seu leito. No Septo da Memória, os Filhos do Guerreiro também rezavam e discutiam sobre o rumo que as coisas deveriam tomar. Alguns achavam que a ordem não tinha outra escolha senão aceitar Maegor como rei, já que os deuses o haviam abençoado com a vitória; outros insistiam que haviam jurado obedecer ao Alto Septão e, portanto, deviam continuar lutando.

Nesse meio-tempo, a Guarda Real chegou de Pedra do Dragão. Por ordem da Rainha Viúva, ela assumiu o comando de milhares de homens leais aos Targaryen ali na cidade, e essas tropas cercaram a Colina de Rhaenys. Em Derivamarca, a Rainha Alyssa, agora viúva, proclamou o seu filho Aegon como o verdadeiro rei. Na Cidadela de Vilavelha, os arquimeistres se reuniram em Conclave para debater a questão da sucessão e eleger um novo Grande Meistre. Milhares de Pobres Companheiros afluíram a Porto Real. Os que vinham do oeste seguiam o cavaleiro andante Sor Horys Hill; os que vinham do sul eram liderados por um indivíduo gigantesco, exímio no uso do machado, que era conhecido como Wat, o Lenhador. Quando aquela turba maltrapilha levantou acampamento dos arredores do castelo de Paço de Codorniz para ir se juntar aos seus companheiros, o Príncipe Aegon e a Princesa Rhaena puderam finalmente ir embora daquele local. Abandonando o percurso pelo reino, rumaram para Rochedo Casterly, onde Lorde Lyman Lannister havia lhes oferecido proteção. Foi a esposa do nobre, Lady Jocasta, quem primeiro percebeu que a Princesa Rhaena estava grávida.

No vigésimo oitavo dia depois do Julgamento dos Sete, ao anoitecer, chegou um navio vindo de Pentos e trazendo duas mulheres e seiscentos mercenários. Alys, da Casa Harroway, segunda esposa de Maegor Targaryen, havia voltado para Westeros… Mas não sozinha. Trouxe consigo outra mulher conhecida apenas como Tyanna da Torre. Alguns diziam que aquela mulher era a concubina de Maegor; outros, que era amante de Lady Alys. Filha natural de um

magíster pentoshi, Tyanna era dançarina numa taberna até ser alçada à condição de cortesã. Havia rumores de que ela também era feiticeira e especialista em venenos. Contavam-se muitas histórias estranhas a seu respeito… Apesar de tudo, porém, a Rainha Visenya dispensou os meistres e septões que atendiam ao seu filho e o deixou aos cuidados de Tyanna.

Na manhã seguinte, o rei acordou ao raiar do sol. Quando Maegor apareceu nas muralhas da Fortaleza Vermelha, de pé entre Alys Harroway e Tyanna de Pentos, a multidão o saudou entusiasmada, e as comemorações tomaram conta da cidade. Mas os festejos logo cessaram quando Maegor montou em Balerion e desceu até o topo da Colina de Rhaenys, onde setecentos Filhos do Guerreiro faziam as suas orações matutinas no septo fortificado. Enquanto as chamas do dragão incendiaram o prédio, arqueiros e espadachins aguardavam do lado de fora para atacar quem saísse correndo pelos portões. Pelo que se diz, podia-se ouvir os gritos dos homens em chamas por toda a cidade, e uma nuvem de fumaça ficou pairando sobre Porto Real por vários dias. Foi assim que a nata dos Filhos do Guerreiro encontrou um final cruel, e, embora houvesse ainda outros núcleos em Vilavelha, Lannisporto, Vila Gaivota e Septo de Pedra, a ordem nunca recuperou a força que tinha no passado.

Seja com for, a guerra travada pelo Rei Maegor contra a Fé Militante acabava de começar. E prosseguiria durante todo o resto do seu reinado. O primeiro ato do rei depois de assumir o Trono de Ferro foi ordenar que os Pobres Companheiros que circulavam em grande quantidade pela cidade depusessem as armas sob pena de banimento e morte. Como tal decreto não surtiu efeito, Sua Graça determinou que “todos os senhores leais” saíssem a campo para dispersar à força as hordas maltrapilhas da Fé. A reação do Alto Septão, em Vilavelha, foi convocar “os verdadeiros e piedosos filhos dos deuses” a pegar em armas em defesa da Fé e dar cabo daquele reinado de “dragões, monstros e abominações”.

A primeira batalha aconteceu na Campina, na cidade de Ponte de Pedra. Ali, nove mil Pobres Companheiros, sob o comando de Wat, o Lenhador, viram-se encurralados por seis hostes senhoriais quando tentavam atravessar o Rio Vago. Já que metade dos seus homens estava a norte do rio e metade, ao sul, o exército de Wat foi destroçado. Os seus membros, mal treinados e indisciplinados, trajando armaduras feitas de couro fervido, jutas e restos de metal enferrujado e armados com machados de lenhadores, estiletes afiados e utensílios de camponeses, foram absolutamente incapazes de resistir à carga de cavaleiros em armaduras e montados em bravos corcéis. O massacre foi tão violento que as águas do Vago ficaram vermelhas por várias léguas e, daquele período em diante, a cidade e o castelo onde os combates tinham se travado passaram a ser

chamados de Ponteamarga. O próprio Wat foi capturado com vida, mas não sem ter matado uns dez cavaleiros, entre os quais Loadows do Vale da Erva, comandante das hostes reais. Acorrentado, o gigante foi levado para Porto Real.

A essa altura, Sor Horys Hill havia alcançado a Grande Confluência da Água Negra com um exército ainda mais numeroso: cerca de treze mil Pobres Companheiros, com suas fileiras reforçadas por duzentos membros da cavalaria dos Filhos do Guerreiro do Septo de Pedra, os cavaleiros vassalos e os guerreiros feudais de uns dez senhores rebeldes das terras orientais e das terras fluviais. Lorde Rupert Falwell, conhecido como o Bobo Combatente, comandava as hostes de homens de fé que haviam respondido à convocação do Alto Septão; junto com ele, estavam Sor Lyonel Lorch, Sor Alyn Terrick, Sor Tristifer Wayn, Lorde Jon Lychester e vários outros cavaleiros poderosos. O exército da Fé contava com uns vinte mil homens.

No entanto, as tropas do Rei Maegor não ficavam atrás e Sua Graça tinha quase o dobro de cavalos em armaduras, bem como um grande contingente de arqueiros e o próprio rei montando Balerion. Mesmo assim, a batalha acabou sendo encaniçada. O Bobo Combatente matou dois cavaleiros da Guarda Real antes de ser ele próprio abatido pelo Senhor de Lagoa da Donzela. O grande Jon Hogg, lutando ao lado do rei, foi cegado por um golpe de espada logo no início do confronto. Apesar disso, porém, reuniu os seus homens e liderou um ataque que penetrou as linhas da Fé, obrigando os Pobres Companheiros a partirem em debandada. Uma tempestade reduziu o fogo de Balerion, mas não chegou a extingui-lo por completo, e, em meio a gritos e fumaça, o Rei Maegor desceu diversas vezes para lançar chamas sobre os seus inimigos. Ao cair da noite, ele havia vencido: os Pobres Companheiros restantes abandonaram os seus machados e saíram correndo para todo lado.

Triunfante, Maegor voltou a Porto Real para se sentar mais uma vez no Trono de Ferro. Quando lhe entregaram Wat, o Lenhador, acorrentado, mas sempre desafiador, o rei decepou os seus braços e as suas pernas com o machado do gigante. No entanto, determinou que os seus meistres o mantivessem vivo para que pudesse assistir ao seu casamento. Então, Sua Graça anunciou que tinha a intenção de tomar Tyanna de Pentos como sua terceira esposa. Embora circulassem rumores de que a sua mãe, a Rainha Viúva, não tinha qualquer predileção pelas feiticeiras pentoshis, só o Grande Meistre Myres ousou criticar abertamente a decisão real.

— A sua única e verdadeira esposa está à sua espera em Torralta — disse ele.

O rei o ouviu calado. Depois, desceu do trono, sacou a Blackfyre e o matou ali mesmo.

Maegor Targaryen e Tyanna da Torre casaram-se no alto da Colina de Rhaenys, em meio às cinzas e aos ossos dos Filhos do Guerreiro que haviam morrido ali. Diz-se que Maegor precisou executar uns dez septões antes de conseguir que um deles consentisse em oficiar a cerimônia. Wat, o Lenhador, sem pernas e sem braços, foi mantido vivo para estar ali presente. A Rainha Alyssa, viúva do Rei Aenys, também compareceu com os seus filhos menores, Viserys e Jaehaerys, e com a filha Alysanne. A Rainha Viúva, montando Vhagar, lhe fez uma visitinha para persuadi-la a deixar o seu santuário em Derivamarca e voltar para a corte onde Alyssa, seus irmãos e seus primos da Casa Velaryon renderiam homenagem a Maegor como o verdadeiro rei. A jovem rainha viúva foi até mesmo obrigada a se juntar às outras damas da corte para despirem Sua Graça e escoltá-lo até a câmara nupcial para que o casamento fosse consumado, numa cerimônia que foi presidida por Alys Harroway, a segunda esposa do rei. Depois de cumprida essa tarefa, Alyssa e as outras damas deixaram os aposentos reais, mas Alys permaneceu ali, juntando-se ao rei e à sua mais recente esposa numa noite de prazeres carnais.

Do outro lado do reino, em Vilavelha, o Alto Septão esbravejava denunciando aquela “abominação e suas prostitutas”, enquanto Ceryse da Casa Hightower continuava a insistir que ela era a única esposa legítima de Maegor. E, nas terras ocidentais, Aegon Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, também permanecia irredutível. Como filho mais velho do Rei Aenys, o Trono de Ferro era seu por direito. Mas o príncipe Aegon tinha apenas dezessete anos e, ainda por cima, era filho de um pai fraco; poucos senhores se arriscariam a enfrentar a fúria do Rei Maegor para defender as suas pretensões. Até a sua própria mãe, a Rainha Alyssa, havia abandonado a causa, sussurravam as pessoas entre si. Nem mesmo Lyman Lannister, seu anfitrião, empunharia a espada em defesa do jovem pretendente, embora tenha se mantido firme quando Maegor exigiu que Aegon e a irmã fossem expulsos de Rochedo Casterly.

Foi portanto nesse local que a Princesa Rhaena deu à luz as filhas de Aegon, gêmeas que receberam os nomes de Aerea e Rhaella. Do Septo Estrelado veio mais uma proclamação bombástica: essas meninas também eram abominações, declarou o Alto Septão, frutos da luxúria e do incesto, e amaldiçoadas pelos deuses.

O início do ano de 43 d.C. encontrou o Rei Maegor em Porto Real, onde vinha se encarregando pessoalmente das obras da construção da Fortaleza Vermelha. Boa parte do trabalho já concluído estava agora desfeita e modificada. Foram trazidos novos construtores e operários, e vários túneis e passagens secretas percorriam as profundezas da Grande Colina de Aegon.

Enquanto as torres de pedra vermelha iam se erguendo, o rei ordenou que fosse construído um castelo dentro do castelo, um reduto fortificado cercado por um fosso seco e que logo ficaria conhecido como a Fortaleza de Maegor.

No mesmo ano, Maegor nomeou Lorde Lucas Harroway, pai da sua esposa, a Rainha Alys, sua nova Mão… Mas não era ele que tinha a atenção do rei. Sua Graça podia governar os Sete Reinos, dizia-se à boca pequena; ele próprio, porém, era governado pelas três rainhas: a sua mãe, Visenya; a sua amante, Rainha Alys; e a feiticeira pentoshi Tyanna. Esta era chamada "mestre dos sussurros" ou "o corvo do rei", por causa dos seus cabelos pretos. Corriam boatos de que ela falava com ratos e aranhas, e que todos os insetos de Porto Real iam procurá-la à noite para denunciar qualquer um que fosse tolo o bastante para falar mal do rei.

Nesse meio-tempo, milhares de Pobres Companheiros ainda circulavam pelas estradas e pelos locais mais selvagens das regiões da Campina, do Tridente e do Vale. Embora jamais voltassem a se reunir em grandes grupos para enfrentar o rei em batalhas, as Estrelas continuavam empenhadas em lutas constantes, atacando viajantes, penetrando as aldeias, os vilarejos e os castelos mais vulneráveis e matando quaisquer indivíduos leais ao rei que encontrassem pela frente. Sor Horys Hill havia escapado à batalha da Grande Confluência, mas a derrota e a fuga mancharam a sua honra e, agora, tinha poucos seguidores. Os novos líderes dos Pobres Companheiros eram homens como Silas Maltrapilho, o Septão Moon e Dennis, o Manco, que poderiam facilmente ser confundidos com indivíduos fora da lei. Um dos seus capitães mais ferozes era uma mulher, chamada Torpe Jeyne Poore, cujos selvagens seguidores transformaram os bosques localizados entre Porto Real e Ponta Tempestade praticamente intransitáveis para os viajantes honestos.

Enquanto isso, os Filhos do Guerreiro haviam escolhido um novo grande capitão, Sor Joffrey Doggett, o Cão Vermelho das Colinas, que estava determinado a recuperar para a ordem a sua antiga glória. Quando Sor Joffrey partiu para Lannisporto para receber a bênção do Alto Septão, levava consigo uma centena de homens. Ao chegar a Vilavelha, tantos cavaleiros, escudeiros e mercenários já tinham se unido a ele que as suas tropas contavam com dois mil homens. Em todos os outros locais do reino, senhores inquietos e homens de fé também estavam reunindo hostes e fazendo planos para derrubar os dragões.

Nada disso passava despercebido. Corvos voavam para os quatro cantos do reino, convocando senhores e cavaleiros andantes cuja lealdade a Porto Real ainda era duvidosa a dobrar o joelho, jurar lealdade e entregar um filho ou uma filha como refém para provar obediência. Estrelas e Espadas foram declaradas

fora da lei; o ingresso em qualquer uma dessas ordens seria, de agora em diante, punido com a morte. O Alto Septão recebeu ordens para se entregar à Fortaleza Vermelha, onde seria julgado por alta traição.

Do Septo Estrelado, Sua Alta Santidade respondeu exigindo que o rei se apresentasse em Vilavelha para implorar perdão pelos seus pecados e crueldades. Muitos membros da Fé acataram tal desafio. Alguns senhores piedosos viajaram para Porto Real a fim de render homenagem e oferecer reféns; a maioria, porém, se recusou a fazê-lo, confiando que o tamanho das suas hostes e a força dos seus castelos os manteriam a salvo.

O Rei Maegor deixou que o veneno circulasse por quase meio ano, de tão envolvido que estava na construção da sua Fortaleza Vermelha. O primeiro ataque veio por parte da sua mãe. Montando Vhagar, a Rainha Viúva levou fogo e sangue à Campina, exatamente como havia feito com Dorne no passado. Numa única noite, as sedes das Casas Blanetree, Terrick, Deddings, Lychester e Wayn foram incendiadas. Então, o próprio Maegor alçou voo, montado em Balerion, e rumou para as terras ocidentais onde queimou os castelos dos Broome, dos Falwell, dos Lorche, dos Myatt e de outros "senhores piedosos" que haviam descumprido as suas convocações reais. Finalmente, desceu sobre a sede da Casa Doggett, reduzindo a cinzas a residência e os estábulos. O incêndio custou a vida do pai, da mãe e da irmã mais moça de Sor Joffrey, bem como de seus homens de armas, dos seus criados e dos seus vassalos. Enquanto colunas de fumaça se erguiam por todo o céu das terras ocidentais, Vhagar e Balerion rumaram para o sul. Um outro Lorde Hightower, aconselhado por outro Alto Septão, havia aberto os portões de Vilavelha no período da Conquista; agora, porém, tudo levava a crer que a maior e mais populosa cidade de Westeros ia por certo ser incendiada.

Naquela noite, milhares de habitantes fugiram da cidade, saindo aos bandos pelos seus portões ou embarcando em navios para portos distantes. Outros milhares saíram às ruas numa folia regada a muito álcool.

— Esta noite temos que cantar, pecar e beber — diziam eles —, pois, ao amanhecer, tanto os virtuosos quanto os pecadores vão queimar juntos.

Havia ainda quem fosse se reunir em septos, templos e velhos bosques para rezar, pedindo que fossem poupados. No Septo Estrelado, o Alto Septão berrava e esbravejava, evocando a fúria dos deuses para que ela caísse sobre os Targaryen. Os arquimeistres da Cidadela se reuniram em Conclave. Os membros da Guarda da Cidade encheram sacos com areia e baldes com água para combater os incêndios que estavam por vir. Ao redor das muralhas da cidade, bestas, catapultas, lança-chamas e lanceiros estavam a postos, na esperança de abater os dragões assim que aparecessem. Comandados por Sor Morgan

Hightower, um irmão mais moço do Senhor de Vilavelha, duzentos Filhos do Guerreiro deixaram a sua sede para defender Sua Alta Santidade, cercando o Septo Estrelado com um círculo de aço. No topo da fortaleza de Torralta, o grande fogo sinaleiro adquiriu um tom ameaçador de verde quando Lorde Martyn Hightower ergueu seus estandartes. Vilavelha ficou esperando pela aurora e a chegada dos dragões.

E eles vieram. O primeiro foi Vhagar, assim que o sol começou a surgir; depois, Balerion, pouco antes do meio dia. Mas encontraram os portões da cidade abertos, e as bandeiras das Casas Targaryen, Tyrell e Hightower desfraldadas lado a lado no alto das muralhas. A Rainha Viúva Visenya foi a primeira a receber essa notícia. Em algum momento, nas horas mais negras dessa longa noite assustadora, o Alto Septão havia falecido.

Um homem de cinquenta e três anos, tão incansável quanto destemido, e, ao que tudo indicava, gozando de boa saúde, esse alto septão era famoso pela sua força. Mais de uma vez, pregara por um dia e uma noite inteiros sem dormir nem comer. A sua morte súbita chocou a cidade e desencorajou os seus seguidores. Até hoje as causas dessa morte são motivo de discussões. Há quem diga que Sua Alta Santidade tirou a própria vida, o que poderia ser tanto o ato de um covarde com medo de enfrentar a fúria do Rei Maegor quanto um nobre sacrifício para poupar a boa gente de Vilavelha do fogo dos dragões. Outros diziam que os Sete o tinham abatido como punição pelo pecado do orgulho, por heresia, traição e arrogância.

A maioria, porém, continuava convicta de que ele havia sido assassinado… Mas por quem? Sor Morgan Hightower teria sido o autor do crime a mando do senhor seu irmão, diziam alguns (e Sor Morgan foi visto entrando e saindo dos aposentos privados do Alto Septão naquela noite). Outros apontavam para Lady Patrice Hightower, a tia solteira de Lorde Martyn e que tinha fama de bruxa (de fato, ela havia solicitado uma audiência com Sua Alta Santidade ao anoitecer, embora o sacerdote estivesse vivo quando a dama foi embora). Os arquimeistres da Cidadela também estavam entre os suspeitos, apesar de ainda se discutir se eles teriam usado magia negra, contratado um assassino ou utilizado algum pergaminho envenenado (houve intensa troca de mensagens entre a Cidadela e o Septo Estrelado durante a noite inteira). E há ainda aqueles que acreditam que todos esses são inocentes e atribuem a morte do Alto Septão a uma outra pessoa que muitos diziam ser uma feiticeira: a Rainha Viúva Visenya Targaryen.

É provável que nunca se saiba a verdade… Uma coisa, porém, é indiscutível: a rápida reação de Lorde Martyn assim que a notícia lhe chegou aos ouvidos. De imediato, ele enviou os seus próprios cavaleiros para desarmar e prender os

Filhos do Guerreiro, entre os quais estava o seu próprio irmão. Os portões da cidade foram abertos e as bandeiras da Casa Targaryen erguidas ao longo das muralhas. Mesmo antes de se avistarem as asas de Vhagar, os homens de Lorde Hightower já estavam tirando os Mais Devotos de casa e levando-os na ponta da espada até o Septo Estrelado para que um novo Alto Septão fosse eleito.

Bastou uma votação. Quase unanimemente, os homens e mulheres sábios da Fé voltaram-se para certo ancião. Aos noventa anos de idade, cego, encurvado e enfraquecido, mas sabidamente amistoso, o novo Alto Septão quase caiu sob o peso da coroa de cristal quando esta foi posta na sua cabeça… Mas, quando Maegor Targaryen surgiu à sua frente, no Septo Estrelado, ele se mostrou absolutamente disposto a abençoá-lo como rei e a ungir a sua cabeça com os santos óleos, embora tenha esquecido a oração da bênção.

A Rainha Visenya logo voltou para Pedra do Dragão com Vhagar; o Rei Maegor, porém, permaneceu em Vilavelha por quase seis meses, cercado pela sua corte e presidindo aos julgamentos. Aos Filhos do Guerreiro que haviam sido capturados foi dada a possibilidade de escolher. Aqueles que renunciassem à lealdade que haviam jurado à Ordem poderiam viajar para a Muralha e lá viver como irmãos da Patrulha da Noite. Já os que se recusassem a fazer isso poderiam morrer como mártires da Fé. Três quartos dos prisioneiros optaram por adotar os uniformes negros; os demais morreram. Entre estes, sete célebres cavaleiros e filhos de senhores tiveram a honra de ter a cabeça decepada pelo próprio Rei Maegor usando a Blackfyre. Os outros foram decapitados pelos seus antigos irmãos de armas. Apenas um deles obteve o perdão real: Sor Morgan Hightower. O novo Alto Septão dissolveu formalmente as ordens dos Filhos do Guerreiro e dos Pobres Companheiros, exigindo que os membros restantes depusessem as armas em nome dos deuses. Os Sete não precisavam mais de guerreiros, proclamou Sua Alta Santidade; doravante, o Trono de Ferro protegeria e defenderia a Fé. O Rei Maegor velaria pelos sobreviventes da Fé Militante que, até o final do ano, depusessem as suas armas e abandonassem a sua postura rebelde. Depois disso, aqueles que continuassem a desafiá-lo teriam a cabeça a prêmio: um dragão de ouro pela cabeça de cada Filho do Guerreiro que não se arrependesse; um veado de prata pelo escalpe, devidamente livre de piolhos, de cada Pobre Companheiro.

O novo Alto Septão não fez qualquer objeção, nem os Mais Devotos.

Durante o período que passou em Vilavelha, o rei também se reconciliou com a primeira esposa, a Rainha Ceryse, irmã do seu anfitrião, Lorde Hightower. Sua Graça concordou em aceitar as outras esposas do rei, tratá-las com respeito e honras e não lhes fazer mais qualquer crítica. Por seu turno, Maegor jurou que

Ceryse recuperaria todos os direitos, rendimentos e privilégios que lhe eram devidos por ela ser sua esposa e rainha. Foi realizado um grande banquete em Torralta para celebrar essa reconciliação; as festividades incluíram até mesmo uma cerimônia de alcova e uma "segunda consumação", para que todos soubessem que esta seria uma união verdadeira e amorosa.

Não se pode saber quanto tempo ainda o Rei Maegor teria permanecido em Vilavelha, pois, em fins do ano 43 d.C., chegou aos seus ouvidos a notícia de que um novo desafio ameaçava o seu trono. O seu sobrinho Aegon, Príncipe de Pedra do Dragão, deixara finalmente o oeste para reclamar o seu direito ao Trono de Ferro. Montado em seu próprio dragão, Quicksilver, o filho mais velho do falecido Rei Aenys havia denunciado o tio como um tirano e um usurpador, e vinha avançando pelas terras fluviais à frente de um exército composto por quinze mil homens. Os seus seguidores eram, em predominância, homens das terras ocidentais e lordes das terras fluviais; entre eles, alinhavam-se os lordes Tarbeck, Piper, Roote, Vance, Charlton, Frey, Paege, Parren e Westerling, junto com Lorde Corbray, do Vale, o Bastardo de Vila Acidentada e o quarto filho do senhor do Poleiro do Grifo.

Embora as suas fileiras incluíssem comandantes experientes e poderosos cavaleiros, nenhum dos grandes senhores tinha se aliado à causa do Príncipe Aegon… Mas a Rainha Tyanna, mestre dos sussurros, escreveu para alertar o marido, dizendo-lhe que Ponta Tempestade, o Ninho da Águia, Winterfell e Rochedo Casterly vinham se comunicando secretamente com a rainha viúva Alyssa. Antes de declararem apoio ao Príncipe de Pedra do Dragão, eles queriam ter certeza de que o jovem tinha condições de vencer. Aegon estava precisando de uma vitória.

Maegor lhe negou isso. De Harrenhal, veio Lorde Harroway; de Correrrio, Lorde Tully. Sor Davos Darklyn, da Guarda Real, assumiu o comando de cinco mil espadachins de Porto Real e rumou para o oeste ao encontro dos rebeldes. Lá da Campina, vieram Lorde Rowan, Lorde Merryweather, Lorde Caswell e seus vassalos. As hostes do Príncipe Aegon, que avançavam lentamente, encontraram exércitos que chegavam por todo lado. Todos eles eram menores do que as suas próprias forças, mas eram tantos que o jovem príncipe (de pouco mais de dezessete anos) ficou sem saber para onde se virar. Lorde Corbray o aconselhou a enfrentar cada inimigo separadamente antes que todos pudessem unir forças, mas Aegon hesitava em dividir o seu exército. Preferiu então marchar para Porto Real.

Ao sul do Olho de Deus, encontrou pela frente os exércitos de Porto Real, liderados por Davos Darklyn e instalados em terreno mais alto, protegidos por

uma muralha de espadas. No mesmo instante, mensageiros vieram anunciar que Lorde Merryweather e Lorde Caswell vinham avançando pelo sul e Lorde Tully e Lorde Harroway faziam o mesmo pelo norte. O Príncipe Aegon ordenou o ataque, na esperança de conseguir passar pelos exércitos de Porto Real antes que outros grupos leais ao rei os assaltassem pelos flancos, e ele próprio montou Quicksilver para comandar o ataque. Mal acabara de alçar voo, porém, quando ouviu gritos e viu os seus homens lá embaixo apontando para um ponto do céu onde vinha despontando Balerion, o Terror Negro.

O Rei Maegor tinha chegado.

Pela primeira vez desde a Perdição de Valíria, dragões se enfrentaram nos céus enquanto travava-se também uma batalha em terra.

Quicksilver, que tinha um quarto do tamanho de Balerion, não era um adversário à altura para aquele dragão mais velho e mais feroz, e as pálidas chamas que lançava eram engolidas e abafadas pelos grandes jorros de chamas negras. Então, o Terror Negro desceu sobre ela, cerrou as mandíbulas no seu pescoço e arrancou uma asa do seu corpo. Gritando e fumegando, a jovem dragão-fêmea despencou rumo ao solo levando consigo o Príncipe Aegon.

No solo, a batalha foi quase tão breve e talvez mais sangrenta. Assim que Aegon caiu, os rebeldes perceberam que a sua causa estava perdida e debandaram, abandonando armas e armaduras durante a fuga. Mas os exércitos legalistas os cercavam e não houve como escapar. Ao final do dia, dois mil homens de Aegon estavam mortos ao passo que as baixas da facção do rei não passavam de uma centena. Entre os mortos estavam Lorde Alyn Tarbeck, Denys Snow, o Bastardo de Vila Acidentada, Lorde Jon Piper, Lorde Ronnel Vance, Sor Willam Whistler… e Aegon Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão. Do lado dos legalistas, a única perda importante foi a de Sor Davos Darklyn, da Guarda Real, abatido por Lorde Corbray com Lady Forlorn. A estes combates, seguiu-se um ano inteiro de julgamentos e execuções. A Rainha Visenya convenceu o filho a poupar alguns dos senhores rebeldes, mas mesmo os que não perderam a vida perderam as suas terras e os seus títulos e foram obrigados a entregar familiares como reféns.

O quadragésimo quarto ano depois da Conquista foi pacífico se comparado aos acontecimentos anteriores… Mas os meistres que escreveram as crônicas do período afirmaram que o cheiro de sangue e de fogo ainda pairava no ar. Maegor I Targaryen ocupava o Trono de Ferro enquanto a sua Fortaleza Vermelha se erguia ao seu redor; a sua corte, porém, era sombria e melancólica apesar da presença de três rainhas… Ou, talvez, por causa delas. Cada noite, o rei chamava uma das esposas para a sua cama. Mesmo assim, continuava a não ter filhos e,

portanto, a não ter outros herdeiros que não fossem os filhos e netos do seu irmão Aenys. Era denominado “Maegor, o Cruel” ou ainda o “assassino de parentes”, mas seria morte certa se esses termos chegassem aos seus ouvidos.

Em Vilavelha, o idoso Alto Septão faleceu, e foi escolhido um sucessor. Apesar de este não dizer uma palavra que fosse contra o rei e as suas rainhas, a inimizade entre o Rei Maegor e a Fé não havia desaparecido. Centenas de Pobres Companheiros tinham sido perseguidos e assassinados, e os seus escalpos entregues aos homens do rei em troca da recompensa. No entanto, milhares deles ainda circulavam pelas florestas, pelas terras mais afastadas e ermas dos Sete Reinos, amaldiçoando os Targaryen com cada fibra do coração. Um grupo chegou até a coroar o seu próprio Alto Septão: um selvagem barbudo denominado Septão Moon. E alguns Filhos do Guerreiro ainda resistiam, liderados por Sor Joffrey Doggett, o Cão Vermelho das Colinas. Banida e condenada, a ordem não tinha mais a força necessária para enfrentar os homens do rei em batalhas campais, portanto o Cão Vermelho começou a enviá-los, disfarçados de cavaleiros andantes, para perseguir e matar aqueles que fossem leais aos Targaryen e “traidores da Fé”. A primeira vítima foi Sor Morgan Hightower, ex-membro da sua ordem, abatido e esquartejado na estrada que leva a Bosquemel. O velho Lorde Merryweather foi o seguinte. Depois vieram o filho e herdeiro de Lorde Rowan, o pai idoso de Davos Darklyn e até mesmo o Cego John Hogg. Embora a recompensa pela cabeça de um Filho do Guerreiro fosse um dragão de ouro, a ralé e os camponeses do reino os escondiam e protegiam, lembrando-se do que eles haviam sido um dia.

Em Pedra do Dragão, a Rainha Viúva Visenya mostrava-se abatida e estava emagrecendo tanto que já era só pele e osso. A viúva do seu sobrinho, a antiga Rainha Alyssa, também permaneceu na ilha com o filho Jaehaerys e a filha Alysanne. Maegor os tinha transformado em guardiões da sua mãe, prisioneiros de fato embora não fossem assim designados, mas o Príncipe Viserys, o mais velho dos filhos sobreviventes de Aenys e Alyssa, foi convocado à corte pelo rei. Sendo um jovem promissor de quinze anos, habilidoso com a espada e a lança, Viserys foi alçado à posição de escudeiro do tio… tendo às suas costas, como uma sombra, um cavaleiro da Guarda Real encarregado de mantê-lo afastado de qualquer complô ou traição.

Por um curto período, em 44 d.C., acreditou-se que o rei poderia ter em breve o filho que desejava tão desesperadamente. A Rainha Alys anunciou que estava grávida, e a corte se alegrou com a notícia. À medida que a gravidez foi avançando, o Grande Meistre Desmond a pôs de repouso e passou a cuidar dela, assistido por duas septãs, uma parteira e as irmãs da rainha, Jeyne e Hanna.

Maegor insistiu para que as suas outras esposas ficassem à disposição da rainha grávida.

Na terceira lua do seu repouso, porém, Lady Alys teve um sério sangramento e perdeu o bebê. Quando o Rei Maegor veio ver o natimorto, ficou horrorizado ao ver que o menino era um monstro, com braços e pernas retorcidos, uma cabeça enorme e sem olhos.

— Isso não pode ser meu filho — rosnou, angustiado.

Então, a sua dor se transformou em fúria, e ele ordenou a execução imediata da parteira e das septãs que estavam cuidando da rainha, bem como do Grande Meistre Desmond, poupando apenas as irmãs de Alys.

Diz-se que Maegor estava sentado no Trono de Ferro, com a cabeça do Grande Meistre nas mãos, quando a Rainha Tyanna veio lhe dizer que ele havia sido enganado. Aquela criança não fora gerada por ele. Ao ver a Rainha Ceryse voltar para a corte, velha, amarga e sem filhos, Alys Harroway começou a temer que o mesmo destino estivesse à sua espera, a menos que ela desse um herdeiro ao rei. Pediu então ajuda ao senhor seu pai, a Mão do Rei. Nas noites em que Maegor dormia com Ceryse ou com Tyanna, Lucas Harroway enviava homens para a cama da filha com o intuito de engravidarem-na. O rei se recusou a acreditar. Chamou Tyanna de bruxa ciumenta e estéril, e atirou a cabeça do grande meistre em cima dela.

— Aranhas não mentem — respondeu em voz baixa a mestra dos sussurros.

E entregou ao rei uma lista de nomes.

Havia ali os nomes de vinte homens que supostamente poderiam ter engravidado a Rainha Alys: velhos e jovens, belos e feios, cavaleiros e escudeiros, senhores e servos, e até mesmo pajens, ferreiros e menestréis. Pelo visto a Mão do Rei dispunha de uma rede bem ampla. Aqueles homens tinham apenas uma coisa em comum: todos já haviam provado a sua potência e sabia-se que tinham gerado filhos saudáveis.

Sob tortura, à exceção de dois deles, todos os demais confessaram. Um, pai de doze filhos, ainda tinha o ouro que Lorde Harroway lhe pagou pelos serviços. A investigação foi realizada em tão pouco tempo e sob tanto sigilo que Lorde Harroway e a Rainha Alys não suspeitaram de nada até que a Guarda Real os capturou. Arrancada da cama, Alys viu as irmãs serem mortas bem diante dos seus olhos enquanto tentavam protegê-la. O seu pai, que estava inspecionando a Torre da Mão, foi atirado lá do alto e se despedaçou nas pedras que ficavam ao pé da construção. Os filhos, irmãos e sobrinhos de Lorde Harroway também foram apanhados. Lançados sobre a paliçada de lanças pontiagudas que cercava o fosso seco da Fortaleza de Maegor, alguns levaram horas para morrer. Ao que

se diz, o simplório Horas Harroway levou dias espetado ali. Os vinte nomes da lista apresentada por Tyanna foram se juntar a eles e, depois, mais uns dez indivíduos que os primeiros vinte haviam denunciado.

A pior morte foi reservada para a própria Rainha Alys, que foi entregue a Tyanna para ser torturada. Não vamos falar aqui da sua morte, pois há certas coisas sobre as quais é melhor pôr uma pedra. Bastará dizer que ela levou quase quinze dias para falecer e que Maegor assistiu a tudo pessoalmente para testemunhar a sua agonia. Depois de morta, o seu corpo foi cortado em sete partes; cada uma delas foi espetada numa estaca acima dos sete portões da cidade, onde ficaram até apodrecer.

O Rei Maegor deixou Porto Real tendo reunido um poderoso exército de cavaleiros e homens de armas e marchou para Harrenhal a fim de destruir completamente a Casa Harroway. O grande castelo localizado no Olho de Deus não era muito resguardado, e o seu castelão, um sobrinho de Lorde Lucas e primo da falecida rainha, abriu os portões para o rei, que se aproximava. Render-se não o salvou: Sua Graça abateu toda a guarnição e também cada homem, mulher e criança que acreditasse ter uma única gota de sangue que fosse dos Harroway. Depois, seguiu para a Vila de Lorde Harroway, no Tridente, e fez exatamente a mesma coisa.

Após tamanho derramamento de sangue, começaram a dizer que Harrenhal era amaldiçoada, uma vez que cada casa senhorial que ocupasse o local havia tido um fim sangrento e cruel. Apesar de tudo, porém, muitos indivíduos ambiciosos cobiçavam a poderosa propriedade de Harren, o Negro, com as suas terras vastas e férteis… Foram tantos os pretendentes que o Rei Maegor, cansado de suas súplicas, decretou que Harrenhal passaria às mãos do mais forte de todos. Assim, vinte e três cavaleiros da corte se enfrentaram com espada, maça e lança pelas ruas ensanguentadas da Vila de Lorde Harroway. Sor Walton Towers saiu vitorioso, e Maegor o nomeou Senhor de Harrenhal. Mas os combates haviam sido tão selvagens que Sor Walton não viveu o bastante para usufruir da sua nova condição, pois morreu cerca de quinze dias depois em consequência dos ferimentos recebidos. Harrenhal passou para o seu filho mais velho, embora a extensão dos seus domínios tenha sido bem reduzida, já que o rei concedeu a Vila de Lorde Harroway a Lorde Alton Butterwell e o restante dos bens da família a Lorde Dormand Darry.

Quando afinal voltou a Porto Real para se sentar no Trono de Ferro, o Rei Maegor recebeu a notícia de que a sua mãe, a Rainha Visenya, havia morrido. Além disso, aproveitando-se da confusão que se seguiu à morte da Rainha Viúva, a Rainha Alyssa e os filhos conseguiram embarcar num navio e fugir de

Pedra do Dragão… Para onde? Ninguém sabia dizer. E tinham chegado ao ponto de roubar a Irmã Negra dos aposentos de Visenya antes de escapar.

Sua Graça ordenou que o corpo da mãe fosse cremado e que os seus ossos e as suas cinzas fossem enterrados junto com os do seu irmão e os da sua irmã. Depois, mandou que os seus cavaleiros aprisionassem seu escudeiro, o Príncipe Viserys.

— Que ele seja acorrentado numa cela escura e interrogado com severidade — ordenou Maegor. — Perguntem-lhe para onde foi a sua mãe.

— Talvez ele não saiba — disse Sor Owen Bush, um dos cavaleiros da Guarda Real.

— Então, deixem que morra — foi a célebre resposta do rei. — Talvez aquela vadia apareça para o seu funeral.

O Príncipe Viserys não sabia para onde a mãe tinha ido, por isso não adiantou quando Tyanna de Pentos utilizou sua magia negra para dobrá-lo. Ao cabo de nove dias de interrogatórios, ele morreu. O seu corpo foi deixado exposto no pátio da Fortaleza Vermelha durante quinze dias, por ordem do rei.

— Que a mãe venha buscá-lo — disse Maegor.

A Rainha Alyssa, porém, nunca apareceu e, por fim, Sua Graça mandou queimarem o corpo do sobrinho. O príncipe tinha dezesseis anos quando foi morto e era muito amado tanto pelo povo quanto pelos senhores. O reino inteiro chorou a sua morte.

Em 45 d.C. finalmente se concluiu a construção da Fortaleza Vermelha.

O Rei Maegor comemorou o fim das obras com um banquete para os construtores e os operários que haviam trabalhado no castelo, enviando-lhes carroças lotadas de vinho forte e boas carnes, além de prostitutas dos melhores bordéis da cidade. Os festejos se estenderam por três dias. Depois disso, os cavaleiros do rei invadiram o local e mataram todos eles, para impedir que revelassem os segredos da Fortaleza Vermelha. Os seus ossos foram enterrados debaixo do castelo que haviam construído.

Não muito depois da conclusão das obras, a Rainha Ceryse foi acometida de uma doença súbita e acabou morrendo. Circularam boatos de que Sua Graça havia ofendido o rei com uma observação impertinente e que este mandara que Sor Owen cortasse a sua língua fora. Quando a ameaça se revelou, a vítima teria reagido, a faca de Sor Owen teria escorregado e a rainha terminou com a garganta cortada. Embora nada tenha sido provado, muitos na época acreditavam nessa história; hoje, porém, a maioria dos meistres acredita que houve um complô armado pelos inimigos do rei para macular ainda mais a sua reputação. Seja qual for a verdade, a morte da sua primeira esposa deixou Maegor com uma

única rainha, a mulher pentoshi de cabelos negros e coração de pedra, Tyanna, mestre das aranhas, odiada e temida por todos.

Mal tinha sido posta a última pedra da Fortaleza Vermelha, Maegor ordenou que as ruínas do Septo da Memória fossem retiradas do alto da Colina de Rhaenys e, junto com elas, os ossos e as cinzas dos Filhos do Guerreiro que haviam morrido naquele local. Em seu lugar, decretou o monarca, seria erguido um grande estábulo de pedras para dragões, um covil digno de Balerion, Vhagar e seus descendentes. Foi então que teve início a construção do Fosso dos Dragões. Talvez não seja surpresa mencionar a dificuldade que os homens do rei encontraram em conseguir construtores, pedreiros e operários para trabalhar nesse projeto. Tantos homens fugiram dali que o monarca acabou sendo obrigado a usar os prisioneiros dos calabouços da cidade como mão de obra, sob a supervisão de construtores trazidos de Myr e de Volantis.

Em fins de 45 d.C., o Rei Maegor voltou a sair em campo para continuar a sua guerra contra os remanescentes da Fé Militante, agora considerados fora da lei. Deixou a Rainha Tyanna em Porto Real, para governar o reino juntamente com a sua nova Mão, Lorde Edwell Celtigar. No grande bosque ao sul da Água Negra, as forças do monarca abateram centenas de Pobres Companheiros que haviam se abrigado ali, enviando vários deles para a Muralha e enforcando os que se recusaram a lhe jurar lealdade. O líder destes últimos, uma mulher conhecida como Torpe Jeyne Poore, conseguiu enganar o rei até que, finalmente, foi traída por três dos seus próprios seguidores, que, como recompensa, receberam o perdão real e títulos de cavaleiros.

Três septões que acompanhavam Sua Graça declararam que Torpe Jeyne era uma bruxa, e Maegor ordenou que ela fosse queimada viva num campo próximo a Guaquevai. Quando chegou o dia marcado para a execução, trezentos dos seus seguidores, Pobres Companheiros e camponeses, saíram dos bosques para vir libertá-la. O rei, porém, havia previsto tal possibilidade, e os seus homens estavam preparados para atacar. Os que pretendiam salvá-la foram cercados e mortos. Entre os últimos a tombar estava o seu líder, que, como se pôde comprovar, era Sor Horys Hill, o cavaleiro andante bastardo, que conseguira escapar ao massacre da Grande Confluência ocorrido três anos antes. Desta vez, ele foi menos afortunado.

Pelos quatro cantos do reino, porém, as mudanças dos tempos começaram a se voltar contra o rei. Tanto o povo quanto os nobres começaram a desprezá-lo por todas aquelas crueldades, e muitos trataram de auxiliar e confortar os seus inimigos. O Septão Moon — eleito “Alto Septão” pelos Pobres Companheiros para se contrapor àquele que estava em Vilavelha e que eles chamavam de o

“Alto Puxa-Saco” — circulava à vontade pelas terras fluviais e pela Campina, arrebanhando multidões onde quer que saísse dos bosques para pregar contra o rei. A região montanhosa a norte de Dente Dourado era extraoficialmente governada pelo Cão Vermelho, Sor Joffrey Doggett, e nem Rochedo Casterly nem Correrrio pareciam dispostos a dar um passo para combatê-lo. Dennis, o Manco, e Silas Maltrapilho continuavam em liberdade e, por onde quer que passassem, o povo os ajudava a se manterem a salvo. Cavaleiros e homens de armas enviados para trazê-los perante a justiça com frequência desapareciam.

Em 46 d.C., o Rei Maegor voltou para a Fortaleza Vermelha com dois mil crânios, frutos de um ano de combates. Eram cabeças de Pobres Companheiros e de Filhos do Guerreiro, declarou ele, jogando-os diante do Trono de Ferro… Muitos, porém, acreditavam que a maior parte daqueles troféus medonhos pertencia a simples arrendatários de terras, lavradores e criadores de porcos cujo único crime era a própria fé.

A chegada do novo ano encontrou Maegor ainda sem filhos, nem mesmo um bastardo que pudesse ser legitimado. E tampouco parecia provável que a Rainha Tyanna fosse lhe dar o tão desejado herdeiro. Embora ela continuasse a servir à Sua Graça como mestre dos sussurros, o monarca já não se deitava com ela.

Já estava mais do que na hora de o rei arranjar uma nova esposa, concordavam os seus conselheiros… Mas eles divergiam quanto a quem deveria ser a escolhida. O Grande Meistre Benifer sugeriu o casamento com a bela e altiva Lady de Tombastela, Clarisse Dayne, na esperança de desvincular as suas terras e a sua casa de Dorne. Alton Butterwell, mestre da moeda, propôs a sua irmã viúva, uma mulher saudável, mãe de sete filhos. Apesar de, sabidamente, não ser bonita, alegou ele, a sua fertilidade estava acima de qualquer suspeita. A Mão do Rei, Lorde Celtigar, tinha duas filhas donzelas de treze e doze anos respectivamente. Insistiu para que o rei escolhesse uma delas ou, se preferisse, desposasse as duas. Lorde Velaryon, de Derivamarca, aconselhou Maegor a mandar buscar a sua sobrinha Princesa Rhaena, filha do seu irmão e viúva do seu sobrinho, e a se casar com ela. Casando-se com Rhaena, o monarca unificaria toda e qualquer demanda e fortaleceria a linhagem real.

O Rei Maegor ouviu cada um dos conselheiros em separado. Se bem que acabasse debochando da maioria das mulheres por eles propostas, alguns dos motivos e argumentos apresentados lhe pareceram razoáveis. Ele desposaria uma mulher comprovadamente fértil, embora jamais a gorda e simplória irmã de Butterwell. Escolheria mais de uma, como insistia Lorde Celtigar. Duas viúvas dobrariam as suas chances de ter um filho; três viúvas triplicariam essas chances. E uma delas seria com toda certeza a sua sobrinha; havia sabedoria no conselho

de Lorde Velaryon. A Rainha Alyssa e as duas filhas mais moças continuavam escondidas (achava-se que haviam cruzado o mar estreito, indo para Tyrosh ou talvez para Volantis), mas ainda representavam uma ameaça para a coroa de Maegor e para qualquer filho que ele viesse a gerar. Casar-se com a filha de Aenys enfraqueceria qualquer pretensão que as suas irmãs mais novas pudessem ter.

Depois da morte do marido na Batalha sob o Olho de Deus, Rhaena Targaryen agiu prontamente para proteger as filhas. Se o Príncipe Aegon tivesse sido proclamado rei, por lei a sua filha mais velha, Aerea, seria a sua herdeira e poderia, portanto, pretender por direito ser a Rainha dos Sete Reinos… Mas Aerea e a irmã Rhaella tinham apenas um ano de idade, e Rhaena sabia que alardear tal pretensão equivaleria a condená-las à morte. Preferiu, então, pintar o cabelo das duas, trocar os seus nomes e mandá-las para longe, confiando-as a alguns aliados poderosos que lhe arranjariam bons lares adotivos chefiados por homens de valor que nem desconfiariam da verdadeira identidade das meninas. Nem mesmo ela devia saber para onde as duas iriam, insistiu a princesa; não poderia revelar, nem mesmo sob tortura, o que ignorava.

No entanto, para a própria Rhaena Targaryen não havia tal escapatória. Podia trocar de nome, pintar o cabelo, trabalhar servindo mesas numa taberna ou ocultar-se sob as vestes de uma septã: nada disso poderia disfarçar o seu dragão. Dreamfyre era uma fêmea esguia, de pele azul-clara com marcas prateadas, que já havia tido duas crias, e Rhaena a montava desde os doze anos de idade. Não é fácil esconder um dragão. A princesa preferiu, então, montar Dreamfyre e voar para o mais longe possível de Maegor, para a Ilha Bela, onde Lorde Farman lhe garantia a hospitalidade de Belcastro com as suas altas torres brancas erguendo-se acima do Mar do Poente. E passou a viver lá, lendo, rezando, perguntando-se quanto tempo ainda tinha antes que o tio mandasse buscá-la. Rhaena jamais duvidou de que isso fosse acontecer, como declarou mais tarde; tratava-se apenas de saber quando, e não se…

A convocação chegou mais cedo do que ela gostaria, mas não mais cedo do que temia. Não podia nem pensar em desafiá-la. Isso só faria o rei descer sobre a Ilha Bela com Balerion. Rhaena havia se afeiçoado a Lorde Farman, e era mais do que afeto o que sentia pelo seu segundo filho, Androw. Não pagaria tanta gentileza com fogo e sangue. Montou Dreamfyre e voou para a Fortaleza Vermelha, onde ficou sabendo que deveria se casar com o tio, o assassino do seu marido.

E foi também nessa ocasião que conheceu as suas companheiras de destino, pois seria um casamento triplo. Todas as três futuras rainhas eram viúvas. Lady

Jeyne, da Casa Westerling, fora casada com Lorde Alyn Tarbeck, que havia lutado ao lado do Príncipe Aegon e morrido com ele na Batalha sob o Olho de Deus. Poucos meses mais tarde, ela deu ao seu falecido esposo um filho póstumo. Alta e esguia, com sedosos cabelos castanhos, Lady Jeyne estava sendo cortejada por um dos filhos mais moços do Senhor de Rochedo Casterly quando Maegor mandou buscá-la, mas isso não tinha a menor importância, muito menos para o rei.

Bem mais tocante era o caso de Lady Elinor da Casa Costayne, a impetuosa esposa ruiva de Sor Theo Bolling, um cavaleiro que havia combatido ao lado do rei na sua última campanha contra os Pobres Companheiros. Embora tivesse apenas dezenove anos, Lady Elinor já havia dado a Bolling três filhos quando o rei deu com os olhos nela. O caçula ainda mamava no peito quando o seu pai, Sor Theo, foi preso por dois cavaleiros da Guarda Real, sob a acusação de ter conspirado com a Rainha Alyssa para assassinar o monarca e pôr Jaehaerys no Trono de Ferro. Apesar de todos os seus protestos de inocência, o pobre homem foi considerado culpado e decapitado no mesmo dia. O Rei Maegor concedeu à sua viúva sete dias de luto, em honra aos deuses, e, depois, a convocou para lhe comunicar que os dois iam se casar.

No Septo de Pedra, o Septão Moon apareceu para denunciar os planos matrimoniais do Rei Maegor, e centenas dos habitantes do vilarejo comemoraram estrepitosamente, mas alguns ousaram erguer a voz contra Sua Graça. O Alto Septão embarcou em Vilavelha dirigindo-se a Porto Real para oficiar a cerimônia. Num dia cálido de primavera do quadragésimo sétimo ano depois da Conquista, Maegor Targaryen desposou três mulheres no pátio da Fortaleza Vermelha. Embora cada noiva estivesse trajada e levasse o manto com as cores da casa do seu respectivo pai, o povo de Porto Real as chamou de “Noivas Negras”, pois todas eram viúvas.

A presença do filho de Lady Jeyne e dos três meninos de Lady Elinor deixava claro que elas desempenhariam o papel que lhes cabia na cerimônia, mas muitos esperavam alguma demonstração de desafio por parte da Princesa Rhaena. Tais expectativas se apaziguaram quando surgiu a Rainha Tyanna, escoltando duas menininhas de cabelos prateados e olhos violeta, envergando as cores vermelha e preta da Casa Targaryen.

— Que tola! Achou que poderia escondê-las de mim? — disse ela, dirigindo-se à princesa.

Rhaena baixou a cabeça e disse os seus votos, chorando.

Contam-se muitas histórias estranhas e contraditórias a respeito da noite que se seguiu à cerimônia, e, com o passar dos anos, fica mais difícil separar a

verdade das lendas. As três Noivas Negras dividiram a mesma cama, como dizem alguns? Parece improvável. Sua Graça visitou todas as três durante a noite e consumou as três uniões? Talvez. A Princesa Rhaena tentou matar o rei com um punhal escondido debaixo dos seus travesseiros, como ela própria declararia mais tarde? Elinor Costayne arranhou as costas do rei a ponto de tirar sangue enquanto os dois copulavam? Jeyne Westerling tomou a poção de fertilidade que a Rainha Tyanna teria lhe trazido ou atirou o líquido no rosto da mulher mais velha? Tal poção foi mesmo preparada e oferecida? O primeiro relato da ocasião só apareceu já em pleno reinado de Jaehaerys, vinte anos depois da morte de ambas as mulheres.

Uma coisa, porém, é certa. Logo depois do casamento, o Rei Maegor declarou Aerea, filha da Princesa Rhaena, sua herdeira legítima "até o momento em que os deuses me concederem um filho". Entretanto, enviou a sua irmã gêmea, Rhaella, para Vilavelha, onde a menina devia ser criada para tornar-se septã. O sobrinho Jaehaerys, que muitos consideravam o seu herdeiro legítimo, foi expressamente deserdado pelo mesmo decreto. O filho de Lady Jeyne foi confirmado como Senhor da Casa Tarbeck e mandado para Rochedo Casterly, onde seria criado sob a tutela da Casa Lannister, e os meninos mais velhos da Rainha Elinor tiveram destino semelhante: um deles foi enviado para o Ninho da Águia; o outro, para o Jardim de Cima. O irmão de ambos, que ainda era um bebê, foi entregue a uma ama de leite, já que o rei não aprovava a ama da rainha.

Seis meses depois do casamento, Lorde Celtigar, a Mão do Rei, anunciou que a Rainha Jeyne estava esperando um filho. Mal começaram a aparecer os sinais da gravidez, o próprio rei declarou que a Rainha Elinor também estava grávida. Maegor cobriu ambas as mulheres de honras e presentes, e ofertou novas terras e ofícios aos seus pais, irmãos e tios. Mas a alegria durou pouco. Três luas mais tarde, a Rainha Jeyne caiu de cama apresentando um quadro súbito de trabalho de parto e deu à luz um feto tão monstruoso quanto o que Alys Harroway havia parido: uma criatura sem braços e sem pernas, que possuía tanto órgãos genitais masculinos quanto femininos. E a mãe sobreviveu ao filho por um breve tempo.

Maegor era amaldiçoado, dizia-se. Havia matado o sobrinho, declarado guerra à Fé e ao Alto Septão, desafiado os deuses, cometido assassinatos, incesto, adultério e estupro. As suas partes íntimas estavam envenenadas; o seu sêmen, repleto de vermes; os deuses jamais lhe dariam um filho capaz de vingar. E tais boatos circulavam. Já Maegor tinha uma explicação diferente e mandou que Sor Owen Bush e Sor Maladon Moore aprisionassem a Rainha Tyanna e a atirassem no calabouço.

Lá, a rainha pentoshi acabou confessando tudo no momento em que os

torturadores do rei estavam preparando os seus instrumentos: ela havia envenenado o bebê ainda no útero de Jeyne Westerling, exatamente como havia feito com Alys Harroway. E o mesmo aconteceria com o feto de Elinor Costayne, assegurou.

Dizem que o próprio rei a matou, cortando a sua garganta com a Blackfyre e dando-a de comer aos seus cães. Mesmo depois de morta, porém, Tyanna da Torre conseguiu se vingar, pois tudo aconteceu como ela havia previsto. A lua mudou de fase uma, duas vezes, e, na escuridão da noite, a Rainha Elinor também deu à luz um feto deformado: um menino sem olhos que nasceu com umas asas rudimentares.

Estávamos em quarenta e oito depois da Conquista, sexto ano do reinado de Maegor e último da sua vida. Agora, ninguém nos Sete Reinos duvidava de que o rei fora amaldiçoado. Aqueles que ainda o seguiam começaram a se dispersar, evaporando como o orvalho sob o sol da manhã. Em Porto Real, surgiram boatos de que Sor Joffrey Doggett havia sido visto entrando em Correrrio, não como prisioneiro, mas como convidado de Lorde Tully. Moon voltou a aparecer, liderando milhares de Fiéis e marchando pela Campina na direção de Vilavelha com o declarado intuito de enfrentar o Puxa-Saco, lá no Septo Estrelado, e exigir que a "Abominação sentada no Trono de Ferro" fosse denunciada e que o banimento das ordens militares fosse revogado. Quando Lorde Oakheart e Lorde Rowan surgiram à sua frente com as suas tropas, não foi para atacar Moon, mas para se unir a ele. Lorde Celtigar renunciou ao cargo de Mão do Rei e voltou para as suas terras na Ilha da Garra.

Relatos do avanço dos dorneses sugeriam que estes estavam se reunindo pelas estradas, preparando-se para invadir o reino.

Mas o pior dos golpes veio de Ponta Tempestade. Nas praias da Baía dos Naufrágios, Lorde Rogar Baratheon proclamou o jovem Jaehaerys Targaryen como o legítimo Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e o jovem príncipe o nomeou Protetor do Reino e Mão do Rei. A mãe do príncipe, a Rainha Alyssa, e sua irmã Alysanne estavam ao seu lado quando ele desembainhou a Irmã Negra e jurou pôr um fim ao reinado do seu tio usurpador. Centenas de estandartes de senhores e cavaleiros das terras da tempestade aclamaram a proclamação. O príncipe Jaehaerys tinha quatorze anos quando reivindicou o trono. Era um belo jovem, hábil com a lança e o arco, e cavalgava magnificamente. Mais que isso: a sua montaria era uma fera enorme e cor de bronze chamada Vermithor; sua irmã, Alysanne, uma donzela de doze anos, comandava o seu próprio dragão, Silverwing.

— Maegor tem apenas um dragão — declarou Lorde Rogar dirigindo-se aos

senhores presentes. — O nosso príncipe tem dois.

E logo teria três. Assim que chegaram à Fortaleza Vermelha as notícias de que Jaehaerys estava reunindo suas forças em Ponta Tempestade, Rhaena Targaryen montou Dreamfyre e voou ao seu encontro, abandonando o tio com quem havia sido obrigada a se casar. Levou consigo a filha Aerea… e a Blackfyre, roubada da própria bainha do rei enquanto este dormia.

A reação do Rei Maegor foi lenta e confusa. Ordenou que o Grande Meistre enviasse vários corvos convocando todos os senhores leais a ele para virem a Porto Real com as suas forças. Mas descobriu que Benifer havia embarcado num navio para Pentos. Quando ficou sabendo que a Princesa Aerea havia partido, mandou um dos seus homens a Vilavelha exigindo a cabeça da irmã gêmea Rhaella para castigar a mãe das meninas por sua traição. Lorde Hightower, porém, enviou o seu mensageiro para a prisão. Dois dos membros da sua Guarda Real desapareceram certa noite para irem se juntar a Jaehaerys, e Sor Owen Bush foi encontrado morto diante de um bordel, com o próprio órgão sexual enfiado na boca.

Lorde Velaryon, de Derivamarca, foi um dos primeiros a jurar lealdade a Jaehaerys. Como os Velaryon eram tradicionalmente os almirantes do reino, Maegor descobriu, ao acordar, que havia perdido toda a sua frota real. Os Tyrell, de Jardim de Cima, logo fizeram o mesmo, levando consigo todo o poder da Campina. Os Hightower, de Vilavelha; os Redwyne, da Árvore; os Lannister, de Rochedo Casterly; os Arryn, do Ninho da Águia; os Royce, de Pedrarruna… Um a um, todos esses senhores saíram a campo para combater o rei.

Em Porto Real, um grupo de senhores menos poderosos se uniu sob o comando de Maegor. Entre eles estavam Lorde Darklyn, de Valdocaso; Lorde Massey, de Bailepedra; Lorde Towers, de Harrenhal; Lorde Stauton, de Pouso de Gralhas; Lorde Bar Emmon, de Ponta Afiada; Lorde Buckwell, das Hastes; e também os lordes Rosby, Stokeworth, Hayford, Harte, Byrch, Rollingford, Bywater e Mallery. As suas tropas, porém, mal chegavam a quatro mil homens, e apenas um em cada dez era cavaleiro.

Certa noite, Maegor os reuniu na Fortaleza Vermelha para discutirem o seu plano de batalha. Quando viram como eram poucos e perceberam que nenhum dos grandes senhores tinha vindo se unir a eles, vários desanimaram, e Lorde Hayford chegou ao ponto de pressionar Sua Graça para abdicar e se aliar ao sobrinho. O rei ordenou que Hayford fosse decapitado ali mesmo e continuou o conselho de guerra com a cabeça do nobre espetada numa lança atrás do Trono de Ferro. Os senhores passaram o dia inteiro traçando planos e avançaram noite adentro. Só na hora do lobo, Maegor finalmente permitiu que eles partissem.

Depois que todos se foram, o rei permaneceu ali, sentado no Trono de Ferro, preocupado. Lorde Towers e Lorde Rosby foram os últimos a ver Sua Graça.

Horas mais tarde, quando a aurora já se aproximava, a última das rainhas de Maegor veio procurar por ele. A Rainha Elinor o encontrou ainda sentado no Trono de Ferro, pálido e morto, com as vestes encharcadas de sangue. Nos seus braços, dos punhos aos cotovelos, havia vários cortes irregulares, e outra lâmina havia atravessado o seu pescoço, saindo debaixo do seu queixo.

Muita gente acreditava que o próprio Trono de Ferro o havia matado. Rosby e Towers alegaram que Maegor ainda estava vivo quando ambos deixaram a sala do trono, e as sentinelas diante das portas juraram que, depois disso, ninguém mais entrou ali até a Rainha Elinor encontrar o corpo. Alguns dizem que foi a rainha quem o empurrou em cima daquelas farpas e lâminas, para vingar o assassinato do seu primeiro marido. Os membros da Guarda Real poderiam ter cometido o crime, embora isso exigisse que agissem de comum acordo, já que havia dois deles postados em cada porta. Também pode ter sido obra de uma ou mais pessoas desconhecidas que teriam entrado e saído do aposento por alguma passagem secreta. A Fortaleza Vermelha tinha lá os seus segredos que só o morto conhecia. Mas há também a possibilidade de Maegor ter entrado em desespero nas horas tardias da noite e tirado a própria vida, retorcendo as lâminas até o ponto necessário e abrindo com elas as veias para não ter que enfrentar a derrota e a desgraça que seguramente estavam à sua espera.

O reinado do Rei Maegor I Targaryen, conhecido pela história e pelas lendas como Maegor, o Cruel, durou seis anos e sessenta e seis dias. Após a sua morte, o seu corpo foi cremado no pátio da Fortaleza Vermelha, e mais tarde as suas cinzas foram enterradas em Pedra do Dragão, junto das de sua mãe. Ele morreu sem filhos e não deixou nenhum herdeiro de sangue.

Nove dias depois, avistaram-se três dragões no céu de Porto Real. A Princesa Rhaena estava voltando e, com ela, o seu irmão Jaehaerys e a sua irmã Alysanne. A mãe deles, a Rainha Viúva Alyssa, chegou quinze dias mais tarde, cavalgando ao lado do Senhor de Ponta Tempestade, que vinha à frente de um grande exército com os seus estandartes tremulando. O povo comemorou essa visão. Foram enviados corvos para cada um dos castelos do reino, convidando todos os senhores, grandes e pequenos, para virem a Porto Real presenciar a coroação de um novo rei, um rei de verdade.

E todos vieram.

No quadragésimo oitavo ano depois da Conquista, diante dos olhos dos deuses, dos homens e de metade dos senhores de Westeros, o Alto Septão de Vilavelha pôs na cabeça do jovem príncipe a coroa de ouro que havia pertencido

ao seu pai e o proclamou Jaehaerys da Casa Targaryen, Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos. A sua mãe Alyssa assumiria a regência durante os anos que faltavam para o rei alcançar a maioridade. Por outro lado, Lorde Robar Baratheon foi nomeado Protetor do Reino e Mão do Rei. (Seis meses depois, os dois iriam se casar.)

Coroado aos quatorze anos de idade, Jaehaerys permaneceu no Trono de Ferro por cinquenta e cinco anos e, com o tempo, acabou conhecido como o "Velho Rei" e o "Conciliador".

Mas essa é uma história a ser contada em outra ocasião, por outro meistre.

CRÉDITOS DAS HISTÓRIAS

“The Best Man Wins” [O melhor homem vence], por K.J. Parker. Copyright © 2017 por Tom Holt (K.J. Parker).

“Her Father’s Sword” [A espada do pai], por Robin Hobb. Copyright © 2017 por Megan Lindholm (Robin Hobb).

“The Hidden Girl” [A Garota Oculta], por Ken Liu. Copyright © 2017 por Ken Liu.

“The Sword of Destiny” [A Espada do Destino], por Matthew Hughes. Copyright © 2017 por Matthew Hughes.

“‘I Am a Handsome Man’ Said Apollo Crow” [“Sou um homem bonito”, disse Apollo Crow], por Kate Elliott. Copyright © 2017 por Alis Rasmussen (Kate Elliott).

“The Triumph of Virtue” [O triunfo da Virtude], por Walter Jon Williams. Copyright © 2017 por Walter Jon Williams.

“The Mocking Tower” [A Torre Ilusória], por Daniel Abraham. Copyright © 2017 por Daniel Abraham.

“Hrunting” [Hrunting], por C.J. Cherryh. Copyright © 2017 por C.J. Cherryh.

“A Long, Cold Trail” [Um trilha longa e fria], por Garth Nix. Copyright © 2017 por Garth Nix.

“When I Was a Highwayman” [Quando fui salteador de beira de estrada], por Ellen Kushner. Copyright © 2017 por Ellen Kushner.

“The Smoke of Gold Is Glory” [A fumaça do ouro é glória], por Scott Lynch. Copyright © 2017 por Scott Lynch.

“The Colgrid Conundrum” [O enigma de Colgrid], por Rich Larson. Copyright © 2017 por Rich Larson.

“The King’s Evil” [A maldade do rei], por Elizabeth Bear. Copyright © 2017 por Sarah Wishnevsky (Elizabeth Bear).

“Waterfalling” [Cachoeira], por Lavie Tidhar. Copyright © 2017 por Lavie Tidhar.

“The Sword Tyraste” [A espada Tyraste], por Cecelia Holland. Copyright © 2017 por Cecelia Holland.

“The Sons of the Dragon” [Os filhos do Dragão], por George R.R. Martin.

Copyright © 2017 por George R.R. Martin.

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Em www.leya.com.br você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Viste o site e faça seu cadastro!

A LeYa também está presente em:

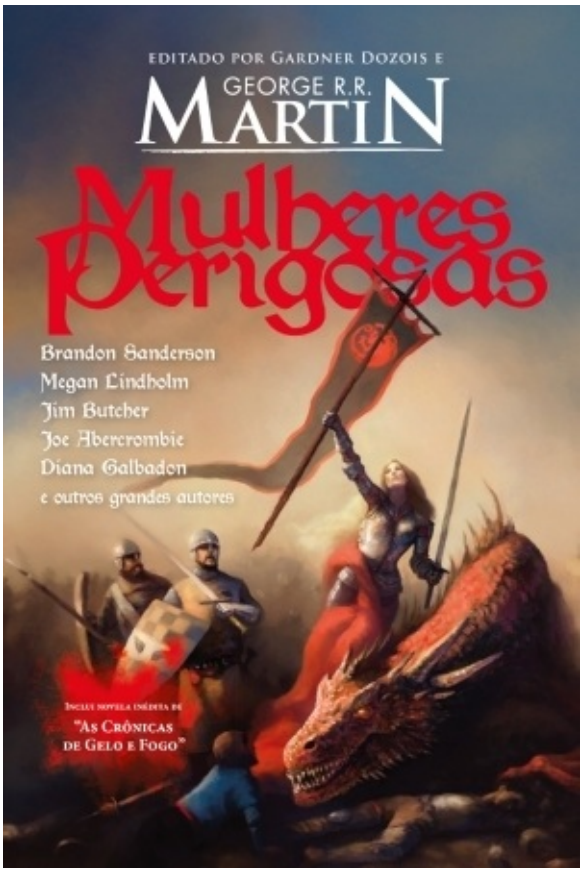
facebook.com/leyabrasil

@leyabrasil

instagram.com/editoraleya

skoob.com.br/leya

1ª edição Junho de 2018
papel de miolo Pólen Soft 70g/m²
papel de capa Cartão Supremo 250g/m²
tipografia Minion Pro
gráfica


EDITADO POR GARDNER DOZOIS E
GEORGE R.R.
MARTIN
Mulheres Perigosas
Brandon Sanderson
Megan Lindholm
Jim Butcher
Joe Abercrombie
Diana Galbadon
e outros grandes autores
INCLUI NOVELA INÉDITA DE
"AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO"

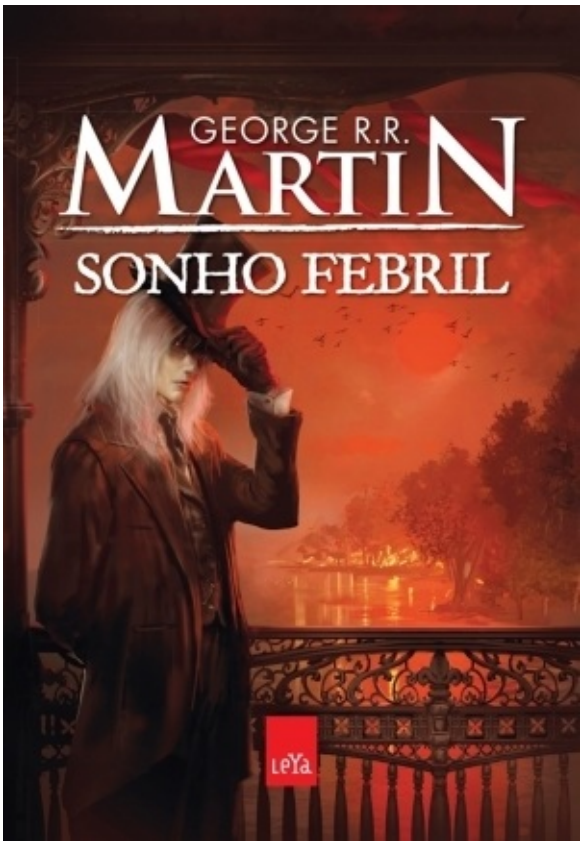
Mulheres Perigosas

Sanderson, Brandon
9788544105054
642 páginas

Compre agora e leia

George R. R. Martin apresenta as mulheres mais perigosas dos livros de fantasia No ano em que o filme Rogue One chega às telas com uma heroína que reina absoluta, forte e autônoma, você vai conhecer as mulheres mais perigosas da literatura de fantasia mundial. Editada por George R. R. Martin, esta antologia traz 21 histórias inéditas sobre magia, ciúme, ambição, traição e rebeldia para Joana D'Arc nenhuma botar defeito. Esqueça o estereótipo de mulheres vítimas e heróis másculos enfrentando sozinhos qualquer perigo. Aqui você irá encontrar mulheres guerreiras, intrépidas pilotas, destemidas astronautas, perversas assassinas, heroínas formidáveis, sedutoras incorrigíveis e muito mais. Assinado por monstros da ficção científica e fantástica como Brandon Sanderson, ("Mistborn"), Megan Lindholm ("A Saga do Assassino", sob o pseudônimo Robin Hobb), Melinda M. Snodgrass, Caroline Spector ("Wild Cards") e novos nomes da literatura jovem como Megan Abbott (A febre) e Diana Gabaldon ("Outlander"), o volume conta ainda com uma novela do próprio Martin sobre A dança dos dragões, a guerra civil que assolou Westeros dois séculos antes dos acontecimentos de A guerra dos tronos. Mulheres perigosas é um livro simplesmente imperdível, daqueles que você não consegue parar de ler. Prepare-se para todo o tipo de perigo e para perder o fôlego com essas mulheres mais que poderosas.

Compre agora e leia


GEORGE R.R.
MARTIN
SONHO FEBRIL
LeYa

Sonho febril

Martin, George R.R.
9788544101407
352 páginas

Compre agora e leia

Uma reinvenção original e fascinante das histórias de vampiros pelas mãos do mestre da fantasia moderna George R.R. Martin. Quando o falido capitão Abner Marsh recebe uma oferta de sociedade de um rico e sinistro aristocrata chamado Joshua York, ele até chega a desconfiar que algo está errado. Mas nada que a possibilidade de receber milhares de dólares em ouro e construir o barco dos seus sonhos não possa fazê-lo mudar de ideia. Assim surge o Sonho do Fevre, o melhor e mais potente barco de todo o Mississipi. Uma embarcação magnífica que, ao navegar pelo rio, vai deixando pelo caminho uma coleção de histórias sombrias. Movido pela força do vapor, o Sonho do capitão pode se transformar no maior pesadelo da humanidade. Sobre o autor: George R. R. Martin nasceu em 1948 em New Jersey e freqüentou a universidade em Chicago. Publicou sua primeira a história de ficção científica, The Hero, em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugos, dois Nebulas e o Prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood escrevendo roteiros e como editor de histórias nos seriados de tevê The Twilight Zone (no Brasil, Além da Imaginação) e Beauty and the Beast – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua fantástica série As Crônicas de Gelo e Fogo, que até agora conta com os títulos A Guerra dos Tronos, A Fúria dos Reis, A Tormenta de Espadas, O Festim dos Corvos e A Dança dos Dragões.

Compre agora e leia

PEPETELA

MAYOMBE

romance

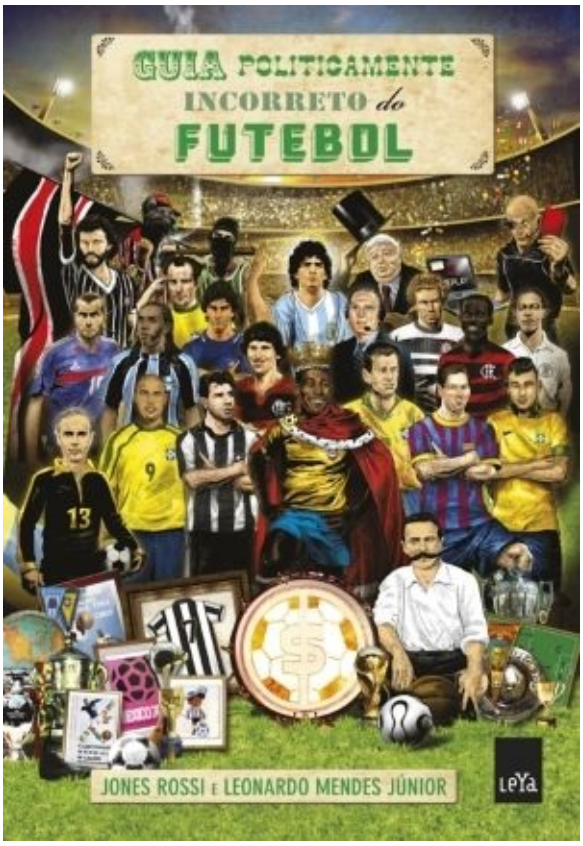
Mayombe

Pepetela
9788580447347
256 páginas

Compre agora e leia

Escrito no período em que Pepetela participou da guerra pela libertação de seu país, Mayombe é uma narrativa que mergulha fundo na organização dos combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), trazendo à tona seus questionamentos, contradições, medos e convicções. Os bravos guerrilheiros que lutam no interior da densa floresta tropical confrontam-se não somente com as tropas portuguesas, mas também com as diferenças culturais e sociais que buscam superar em direção a uma Angola unificada e livre.

Compre agora e leia


GUIA POLITICAMENTE INCORRETO do FUTEBOL
JONES ROSSI E LEONARDO MENDES JÚNIOR
LEYA

Guia politicamente incorreto do futebol

Rossi, Jones
9788580449914
416 páginas

Compre agora e leia

Em ano de Copa, Guia Politicamente Incorreto do Futebol marca um golaço nas velhas ideias sobre o esporte. O jeito mais fácil de parecer especialista em futebol é repetir ideias com as quais quase todo mundo concorda. Seleção brasileira de 82? Basta dizer que "foi a melhor que já tivemos, apesar de não ter conquistado o Mundial" e pronto: a turma do sofá vai te passar uma latinha e te olhar com respeito durante o jogo. Também é assim quando se fala sobre o Ricardo Teixeira ("Frio, mesquinho, sem escrúpulos!") ou o Galvão Bueno ("Esse não entende nada de futebol!").O problema é que, no meio dos clichês futebolísticos repetidos a cada escanteio, há teses cambaleantes e frangos historiográ¬ficos. Esses mitos são o alvo do Guia Politicamente Incorreto do Futebol. Com coragem e conhecimento para defender opiniões divergentes, os jornalistas Jones Rossi e Leonardo Mendes Júnior repassam quase tudo o que sabemos sobre futebol.A Seleção de 82 tinha talentos acima da média? É verdade, mas era ingênua e autoconfiante a ponto de mal se preocupar em estudar os adversários. Ok, Galvão Bueno pode não ser um mestre da técnica, mas sua capacidade de transformar o futebol numa novela dramática torna o esporte muito mais divertido. E lembra aquela história da Democracia Corintiana?Bobagem: a Democracia Corintiana era uma ditadura.Depois da História do Brasil, da política da América Latina e do Mundo, é hora de continuar o trabalho, de jogar tomates nas verdades politicamente corretas sobre o futebol.

Compre agora e leia

Conversas com animais
A MÉDICA VETERINÁRIA QUE SE COMUNICA COM OS ANIMAIS E CURA OS SEUS DONOS
VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA OUVIR O QUE O SEU ANIMAL TEM PARA DIZER?
MARTA SOFIA GUERREIRO

Conversas com animais

Guerreiro, Marta Sofia
9788581780795
224 páginas

Compre agora e leia

Você está preparado para ouvir o que seu melhor amigo tem a dizer? Marta Sofia Guerreiro foi médica e cirurgiã veterinária durante vários anos. Certo dia descobriu ter um poder maior, diferente, extraordinário: conseguia se comunicar com os animais, perceber o que sentiam. Ela passou a perceber que o diagnóstico ganhava outra dimensão, mais profunda, e refletia problemas com o dono, ou até desavenças em casa... De repente, aqueles sintomas estranhos, como uma súbita queda de pelo ou o surgimento de um tumor, já não eram apenas uma questão clínica: muitas vezes, o animal de estimação atrai para ele próprio as doenças do dono, para que ele se cure ou se mantenha saudável. Conversas com Animais é um livro corajoso e revelador de uma médica veterinária que ouve a voz dos animais, e que, por meio deles, descobriu o verdadeiro significado do amor. E é também um aprendizado, porque ao saber mais sobre o seu fiel amigo – características, necessidades, problemas de saúde – o leitor irá se autoconhecer e receber ensinamentos valiosos, que mudarão sua vida para sempre.

Compre agora e leia